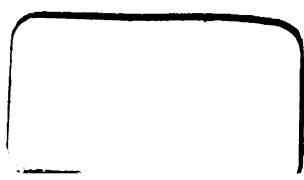
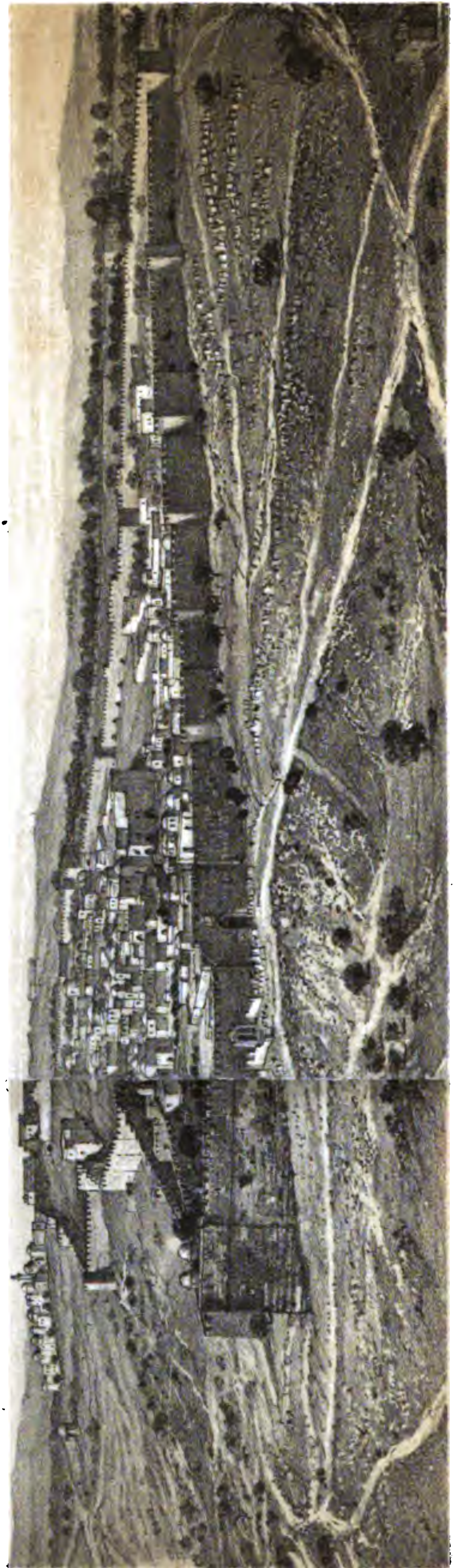




BCM

Pinto De Campos

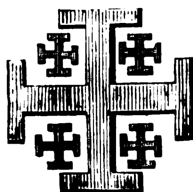


JERUSALEM

POR

JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

PRELADO DOMESTICO DE SUA SANTIDADE,
CAPELLÃO CONVENTUAL DA ORDEM DE S. JOÃO DE JERUSALEM (MALTA),
SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE SCIENCIAS E ARTES DOS ARDENTES
DE VITERBO,
DA ACADEMIA PROPERCIANA DE ASSIS, DA ACADEMIA CATHOLICA DE ROMA,
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO,
COMMENDADOR DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA,
COMMENDADOR DA ORDEM MILITAR DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
DE VILLA VIÇOSA,
DEPUTADO Á ASSEMBLÉA GERAL DO BRAZIL
PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO,
ETC., ETC.



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

J. W. Hawes;
from Portuguese department
Philadelphia Exhibition.
received March, 1877.



Duruy lith.

Imp. Lemercier et C.ie Pa

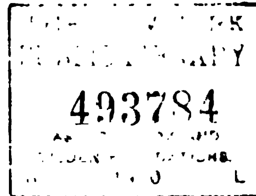
JESUS CHRISTO



JESUS NAZARENO REI DOS JUDEUS

HUMILDEMENTE DEDICA

O autor.


493784

Ill.mo Ex.mo Rev.mo e sobretudo Amicissimo, Monsenhor:

Só o meu dever de não deixar descumprido um desejo, e quasi preceito, de v. ill.ma, poderia acabar commigo que emittisse opinião sobre um livro que se intitula *Jerusalem*, e que foi ordenado, meditado e até em boa parte vivido por v. ill.ma Eu, hoje em dia, eximo-me e furto-me, quanto sei e posso, a dizer o mal ou o bem que em qualquer escripto se me descobre ou se me figura. Esquivança ou repugnancia esta, que se me abona em rasões do maior tomo, mais que muito e muitissimo confirmadas da experiencia, tanto propria como alheia, e proposito commodo e santo, no qual espero já agora em Deus permanecer até ao fim. E demais, que prestam aquilatações, e nem sempre desapaixonadas e insuspeitas, quando o objecto d'ellas anda nos olhos e corre pelas mãos de toda a gente!

Assim como nem as mais fartas corôas rhetoricas transfiguram os vicios em virtudes, por mais que façam, tambem os mais desabridos improperios não lograriam escurecer merecimentos verdadeiros. Cada obra é, e fica sempre, tal como o seu obreiro a fez; e por demais é cuidarem que feitiços de palavras valerão a troca-la de louvavel em desprezivel, ou de ridicula em primorosa. Esta grande e prestantissima verdade, quem me déra ve-la prégada por homens, não mais convictos do que eu, mas sim mais auctorisados e persuasivos, até se incutir bem por dentro em todos os animos! Que revolução bemdita se não operára para logo no mundo litterario! Como não floresceriam e fructificariam em cheio todos os bons engenhos, cada um até á sua altura natural, e segundo as suas forças relativas! e como tambem á roda d'elles iria caindo e morrendo para baixo dos pés o enxame esteril e esterilisador dos zangãos e sevandijas, que, se não destroem tudo, como a elles nos seus cerebrosinhos de insectos se figura, tudo pelo menos enxovalham, entibiam e desgostam!

Monsenhor; ouvi ler seguidas e inteiras as 480 paginas da sua *Jerusalem;* é já dizer-lhe quanto o livro contém de interesse para os animos do feitio do meu.

Do intrinseco e da verdadeira essencia da obra por nenhum titulo me cabe discursar. Sou profano, imperfeitissimamente visto nos assumptos de alem-mundo, de que estes assumem toda a sua entidade, e de uma ignorancia quasi total

ácerca d'essas regiões por onde v. ill.ma se andou deliciando com reflectir em si os trabalhos alheios, e de lhes acrescentar os seus proprios. Creei-me semi-pagão, entre pagãos milanarios do melhor engenho, sociedade minha ainda hoje; e ainda a vontade me foge, pelos instinctos do habito, d'essas sublimidades sombrias e tremendas, para estes regalados sonhos da phantasia. Não me fiz eu; fez-me assim um concurso incontrastavel de circumstancias. É portanto só á luz do meu poucochinho de saber terrestre, que eu posso dizer a v. ill.ma que o seu livro se me representa cheio de recordações preciosas, de ensinamentos proficuos, de saudades, de ambições das mais nobres, e de germens fecundissimos de virtudes.

Com identicas predisposições interiores, estudára eu alguns predecessores de v. ill.ma na peregrinação da Palestina. Amára no muito nosso Frei Pantaleão de Aveiro a sinceridade chã e sympathica do escriptor; encantára-me em Chateaubriand a singeleza com que no *Itinerario* soube attenuar em parte as pompas luxuosas do seu estylo, para nos apparecer mais verdadeiro do que porventura o é em algumas das suas descripções e nos seus enthusiasmos de crente; em Lamartine por ultimo enlevou-me a poesia que nunca o desamparava, e que havia de tornar o seu escripto um dos mais bemquistos d'esta idade.

Nenhuma outra obra conheço, dentre os milhares d'ellas que é sabido existirem em todas as linguas, sobre tal materia, não menos convidativa para a phantasia que para o pensamento e para a piedade. Cuido porém que nenhuma das minhas tres, ordenadas todas para identico fim, com methodos diversos e diversissima execução, obviou quanto a mim as boas vindas d'esta sua nova *Jerusalem*..

.... nunc eris alter ab illis.

Depois das palmas colhidas pelos tres, vejo gostoso que ainda ficaram ou têem crescido outras para v. ill.ma, não menos viçosas e para fructo.

Dá pois v. ill.ma hoje á nossa lingua um brazão inesperado, e descobre-nos em si uma nova eminencia sobre as tantas que já o engrandeciam.

Orador sagrado dos mais distinctos, até na patria de Montalverne; escriptor religioso sempre presente e strenuo, na peleja; no parlamento e na imprensa, fazendo soar alto a sua voz em todas as graves questões do estado; elevado na igreja a graus dos mais conspicuos; outro qualquer, no logar de v. ill.ma, ter-se-ia contentado com esse raro conjuncto de boas fortunas. V. ill.ma porém, dando a lembrar o heroe antigo:

nihil actum reputans siquid superesset agendum,

viu que lhe podia caber ainda, não maior gloria, mas sim maior merecimento; e, para o obter, arrancou-se aos seus estudiosos e dilectos ocios domesticos na sua amenissima provincia, disse adeus aos seus innumeraveis amigos que o estremeciam, correspondidos do coração, deu costas aos regalos da côrte, lançou-se animosamente ás incertezas do oceano, com o empenho unico de visitar n'esta velha Europa, a sua Roma, tão sua até pelo seu saber do passado, e na ainda mais ve-

lha Asia, a sua querida Jerusalem; fadiga immensa, mas bem logrados sacrificios, de que havia de trazer para si, para nós, e para o mundo, um livro de oiro.

Omittindo, por já agora superfluos, os muitos pontos que durante esta leitura fui assignalando para os consultar com v. ill.ma e sobre elles me esclarecer com as suas muitas luzes, só me resta agradecer a v. ill.ma este seu mimo, supplicar-lhe que prosiga até ao cabo na gloriosa estrada que elegeu, e assignar-me

De v. ill.ma

admirador, confrade e extremoso servo,

Antonio Feliciano de Castilho.

Lisboa, 27 de abril de 1874.

PROLOGO

I

Visitar o solo sacrosanto, onde o Archanjo annunciou á Virgem as glorias de divinal maternidade; saudar as montanhas, que exultaram com o nascimento do Precursor; adorar no presepio de Belem o berço do Menino Jesus; escutar o murmurio das aguas do Jordão; sentar-me á beira do mar de Tiberiades; venerar no Gethsemani o theatro das angustias do Homem Deus; meditar no valle de Josaphat os tremendos mysterios do juizo final; espraiar olhos sobre os visos do Thabor e do Hermon; commemorar no Cenaculo a instituição do Divino Sacramento; chorar no Golgotha as minhas culpas e miserias; depositar no Sepulchro do Redemptor humilissimas homenagens; subir ao monte das Oliveiras, e da sua eminencia contemplar todos aquelles logares onde o Principe da paz, o Rei dos Reis fortes, o Salvador, a Luz, o Santo de Israel, a victima de propiciação, oppoz ao amor da carne o preceito da mortificação; ao amor das vaidades o da abnegação; a simplicidade, a candura e a innocencia ao orgulho e á soberba; ao amor das creaturas o amor de Deus; ao amor das cousas terrestres o das delicias eternas... visitar e contemplar emfim todos aquelles logares que resoaram com vozes de tantos Prophetas, gemidos de tantos Patriarchas, victorias de tantos guerreiros, estrepito de tantos prodigios... foram sempre desejos ardentes, que no peito me referviam, supremo voto da minha alma. E á Providencia Divina aprouve coroar tão fervidas aspirações.

E eu transpuz o oceano; deixei após os Pyreneos, os Alpes, os Apeninos, e Malta, e Alexandria, e Jaffa; pisaram meus pés a gran cidade dos prodigios.

Em que abysmos de trevas se não submergiu para mim aquella luz! Que mundo de luz me não rompeu d'aquellas trevas!

Poz-se a minha mente debil em pratica incessante com as grandezas que a rodeavam, pois em Jerusalem tudo é grande: a natureza, a historia, a tradição,

a virtude, o crime; e não ha alli pedra que não rememore alguma de grandezas taes.

N'esta região podeis, a cada passo, evocar os mortos, ordenar aos monumentos que fallem, ás ruinas que se expliquem, aos sepulchros que se escancarem, ao pó que se anime; podeis bradar aos tyrannos que se levantem, aos justos que nos escutem, ás montanhas, aos rios, ás torrentes, ás pedras, aos valles, aos horisontes, aos ceus... que nos fallem dos ceus.

Que valem ao pé d'estas as profanas recordações? Melhor Persepolis e Tyro, melhor Troia ou Carthago, melhor Thebas ou Palmyra, melhor Athenas ou Roma, Jerusalem nos inunda de encantos o espirito e o coração: um Simoente vale acaso um Jordão? Um Pindo, um Olivete? Um Olympo, um Calvario? Uma Tempe, um Josaphat?

Perguntae tudo isso a quanto vossos olhos abrangem; e ainda mesmo onde elles nada abarcam, interrogae a tantas cidades illustres, onde outr'ora redemoinharam tão vastos interesses, orgulhosas affrontando eternidades, onde é o sitio que na terra occupavam; pois no terraplenado chão algumas d'ellas nem uma só reliquia nos deixaram, por onde possamos sequer conjecturar onde pompeavam povoações, cujos vãos nomes só pelos livros ou pela tradição nos foram legados.

É em Jerusalem que a mente, em mystico abraço, prende o mais remoto passado ao futuro mais remoto. Cada monte, valle, gruta, sepultura, pedra, tronco, recorda um successo estrepitoso, um passo memorando do Antigo ou do Novo Testamento; de toda a parte surge o pallido espectro das idades mortas: David, Salomão, Patriarchas, Prophetas, Juizes, Reis de Israel, parece que adejam e soltam vozes por todos estes ares; mas por sobre esses pobres vultos é triumphante que fulgura a gloriosissima imagem de Nosso Senhor Jesus Christo e de sua santa Mãe, ao som dos canticos dos Apostolos, e de todos os bemaventurados que floresceram nos dias da Redempção.

Um inexplicavel não sei quê vos arrebata a alma, apenas avistaes Solima; percorrei o universo, e não se repetirá jámais a sensação estranha, que em presença d'aquelles muros vos domina. Como explica-la?

Pela grandeza de suas muralhas? Em qualquer reino da Europa achareis cidades mais fortes.

Pelo ar vetusto de suas ruinas? Geralmente vêm-se edificações e ruas, e raro se divisam heras ou ruinas ennegrecidas pelos seculos.

Pelo turbilhão do movimento de uma cidade moderna? Não: é ao contrario um recinto vasto e lugubre, atulhado de destroços e monumentos funerarios.

Com effeito, tudo alli offerece o caracteristico da tristeza (tudo está perennemente attestando o deicidio): seres racionaes e irracionaes, animados e inanimados, exhibem, cada um a seu modo, o quer que seja descommunal. O feroz beduino do deserto reveste alli aspeito sentimental. A mulher, velada, mais parece phantasma que ser humano. As ruas são silenciosas. Raros pés calcam os pedregosos trilhos dos valles. São mudas as aves; não leva agua a torrente

do Cedron; seccas as piscinas; quebrados os rochedos; violados os sepulchros; as collinas são montes de areia, a terra como queimada e coberta de cinzas; os animaes dos campos sem pasto; morte e dôr habitando sósinhas esta funda solidão!

E no entanto, não ha terreno que mais attráia as almas; aqui as proprias ruinas despertam pavor e sympathia.

Quem meditar nas phases que Jerusalem atravessou; nas dezoito vezes que foi conquistada e destruida; nas scenas que seus muros presencearam, fica absorto de que, a despeito de tudo, haja sido objecto de predilecção de todas as nações, linguas, povos, religiões e ritos; e que todos busquem á porfia adquirir um palmo d'aquella terra, não obstante as maldições que sobre ella tem chovido; e não póde deixar de reconhecer que é esta a cidade dos mysterios.

E como, a não ser por impulso sobrenatural, explicar este singular attractivo, quando tudo parece tender a dissipar illusões? Com effeito, os fervorosos catholicos, que chegam imbuidos em suas crenças fundas, choram de não encontrar aqui fé viva, esperança firme, nem caridade ardente, e de acharem ao pé do Calvario menos religião que na Rocha Tarpeia!

Quando observam os antigos templos destruidos, transformados em mesquitas, convertidos em antros de ladrões, ou reduzidos a espeluncas de trafico; santuarios profanados, Cruzes arrancadas dos frontispicios das egrejas, campanarios mudos, e a religião do Crucificado prisioneira nas catacumbas, como nos primeiros dias da Egreja; quando confrontam a actual desolação de Jerusalem com o esplendor que refulgia nos tempos de Helena e de Jeronymo; quando se recordam de suas patrias, onde a magnificencia dos templos, o brilho dos ornamentos, a portentosa publicidade das sagradas funcções e a magestade do culto divino arrebatam a alma ás contemplações do Empyreo; difficilmente podem reter as lagrimas!

Mas d'onde tanta desolação, ó desventurada cidade! Porque não voltam as tuas antigas solemnidades? Porque te não revestes do teu prisco esplendor! Ai! a rasão é tremenda: «Porque o Senhor me entregou em mão, de sob a qual jámais poderei levantar-me: *Quia dedit me Dominus in manu, de qua non potero surgere*». Porque te achas tão opprimida e castigada? «Ah! Porque matei os Prophetas, e apedrejei os que me foram enviados; por isso estou convertida em deserto! *Jerusalem, Jerusalem, quæ occidis Prophetas et lapidas eos qui ad te missi sunt... Ecce relinquitur domus vestra deserta*».

Mas Deus é benigno. Nem quando castiga se esquece d'aquelles divinos attributos, que antes o constituem Pae do que Juiz, como exclamava o Propheta Isaías: «Se o Senhor dos exercitos nos não tivera conservado alguns da nossa linhagem, teriamos sido como Sodoma e Gomorrha». Ai da mesquinha, se o Senhor se não compadecesse d'ella nos dias da sua indignação! Certo seria, quando menos, convertida n'um mar de betume, como requeriam suas iniquidades. Mas não aprouve ao Senhor aniquilar esta querida, esta predilecta, esta santa, posto que perversa e deicida cidade. Sim, a santa, a perversa; e estes dois vocabulos bastam para exprimir as vicissitudes de que foi alvo.

Nenhuma outra cidade foi jámais tão predilecta, beneficiada, privilegiada, possuidora de tantas riquezas e tantas glorias. A prata a rodo e sem valor, a magnificencia do Sião e do Moria, eram suas menores vantagens: era a cidade dos Patriarchas, a decantada pelos Prophetas, a venerada dos povos, a que exultava de decoro, a rainha das nações, a delicia do povo, a estremecida de Deus, a cidade dos mysterios, paz, justiça, piedade e gloria: *civitas Dei!*

Mas foi ella não menos a cidade ingrata e perfida; e d'ahi se lhe deriva humiliação, que em todos os seculos se perpetua, e a todos os seculos assombra. Quantas vezes a mesquinha não mudou de condição! Quantas outras de senhora se não tornou escrava! Quantas não viu talar seus campos audaz incircumciso! Profanado seu santuario, depredados seus thesouros, e arrastados seus filhos a ignobil captiveiro! Quantas vezes não rojou cadeias forjadas por nações que outr'ora invejaram suas grandezas!

Vimo-la tributaria ao Egypto, serva dos assyrios, escrava dos chaldeus, subjugada pèlo rei da Syria, vil tropheu dos romanos, vencida dos gregos, senhoreada dos persas, oppressa dos sarracenos, devastada dos ommiadas e abassidas, profanada pelos califas de Bagdad e Damasco, prostituida pelos carisminis, avassallada pelos turcos, e sempre desolada, e sempre affligida, e pranteando suas eternas desventuras, inundada do sangue dos seus, orphã dos naturaes protectores, de seus Reis, de seus Principes e de seus Sacerdotes, reduzida a um montão de pedras, e convertida em covil de serpes e escorpiões; aviltada, desprezada, conculcada e dilacerada de remorsos! Como está deserta a cidade cheia de povo! *Quomodo sedet sola civitas plena populo!* Ó Jerusalem! grandes, enormes foram os teus peccados! *Peccatum peccavit Jerusalem.*

É por esta espantosa contraposição que cada pedra tem uma significação opposta; gruta de Jeremias, gruta de Pelagio; Cedron, Gehenna; Tyropeon, Raphains; Cenaculo, Haceldama; Tabernaculo, gruta da Agonia; Gethsemani, Josaphat; monte Moria, monte do Escandalo; Calvario, Olivete! Que nomes! que recordações! que antitheses! que grandezas! que vicissitudes! A par das promessas, as ameaças; dos premios, os castigos; da abundancia, a penuria; das exultações, os gemidos; das glorias, as desventuras; dos beneficios, as ingratidões; do resgate, o deicidio!

Tudo alli é grande, dissemos nós; e com effeito, nem mesmo em sua assombrosa quéda houve jámais na historia da humanidade nação que com tamanho valor e estampido se despenhasse, nem tambem que recebesse na fronte mais perenne ferrete do que essa de que Ashavero é imagem!

Já bem se comprehende quanto, ao approximar-se o romeiro d'esta região, o espirito se eleva, a mente se illumina, o coração se inflamma, e o pensamento se abysma n'um pélago de meditações.

Corri muitas terras, mas Jerusalem foi sempre a minha idéa fixa; só pensava em vê-la, quando ainda a não tinha visto; só d'ella me recordava, desde que a visitára. Todos os outros logares foram para mim simples passagem; meu unico objectivo era a simples gleba onde Christo dera a vida pela nossa salvação.

E eu, como tantas vezes o ambicionára com meus olhos de alma, vi-a com meus olhos corporaes; e já posso, como o velho Simeão, exclamar: *Nunc dimittis servum tuum, Domine, secundum verbum tuum in pace!*

II

Sou sacerdote. De quantas honras povos e Reis podessem derramar sobre a minha cabeça, a nenhuma ligo, nem ligaria eu tamanho apreço. E o padre tem por primeiro dever excitar em seus irmãos o amor das cousas celestes, e facilitar as vias variadissimas que a ellas conduzem. Afigurou-se-me que, tentando eu communicar as impressões que senti, e o resultado dos estudos a que me dediquei, talvez me fosse dado instigar algum animo piedoso a produzir melhor obra, e a voltar para tão graves materias as attenções, que a pura materia anda geralmente absorvendo.

Com effeito, maus vão os tempos. Uma actividade febril devora sem duvida os espiritos: a politica, as instituições, o commercio, as artes, a industria, a guerra, a conquista, a acção, a reacção, tudo escalda as intelligencias; só a Religião, que de todo o bem é origem e fonte, se descura, se despreza, ou se ataca!

Sim, teem centenares de edições e milhões de leitores os livros, em que a Deus se contesta a divindade; são recebidos com frieza os que demonstram a audaz perversidade de similhantes doutrinas. No anno 70 depois de Christo, os crimes da cidade por excellencia foram punidos com o arrasamento e a morte; no anno de 1870, o infernal petroleo, physico e moral, mostrou que bella obra de progresso não póde esperar-se das labaredas da impiedade! Não ha ahi hoje monstruosidade historica, que não ache eloquente defensor; these subversiva, que não arregimente campeões; paixão hedionda, que não celebrem cantores; moral veneno, que se não propine á sociedade. Seculo altivo, em que a creatura se superpõe ao Creador; seculo revolto, em que o julgado julga o juiz; seculo audaz, em que a impotencia ousa arcar com a omnipotencia; louco seculo, em que novos homens imaginam babelicas provas, para escalar regiões defezas á humanidade!

E em materia religiosa, quando não é a guerra que se declara a Deus, é outra, e talvez mais perigosa guerra, que se lhe faz, sem declaração: a da indifferença; e tanto morrem as sociedades pela explosão, como pela gangrena e pelo esphacelamento.

Pois, se todas as ruins doutrinas teem pregoeiros, anteponham-lhes um dique os bons, e procure cada um, na esphera em que gire, restituir ao aprisco tanta ovelha desgarrada, á casa paterna tanto filho prodigo.

Tentei carrear para o monumento o meu grão de areia. Nem por nome, nem por força propria, nem por posição, nem por talento, me era licito aspirar ás honras de centurião na milicia sagrada; empunho obscuro pilo nas rasas fileiras do soldado, e corro aonde me creio chamado pelo meu *Imperator*, Jesus Christo.

Estive na Terra Santa. O que alli vi, o que lá me alvoroçou a mente, e commoveu o coração, porque não ha de commover outros corações, alvoroçar outras mentes? Afigura-se-me que uma viagem á Palestina basta para reprimir os maus instinctos, para transformar as disposições apathicas em materia de Religião; porque n'aquelle solo tudo nos falla de Deus. Resolvi, pois, convidar os meus patricios a acompanhar-me em espirito n'esta excursão, se não poderem ter a dita de a realisar corporalmente.

Cada christão tem na terra duas patrias: aquella onde viu a luz, e a patria commum, Jerusalem. Se a peregrinação até essas paragens era outr'ora arduo commettimento, hoje tornou-se uma digressão de recreio, facil, rapida e cheia de encanto. Suez, destinado pelo rasgamento do isthmo a tornar-se emporio do mundo, escancarou aos fieis as portas hierosolimitanas. Por isso não ha anno em que innumeraveis romeiros deixem de ir beijar o Calvario e o Olivete; por isso, em todos os idiomas, não ha anno em que deixem de pejar os prelos as descripções de tal jornada, que abundantemente circulam, e servem em toda a parte de piedoso estimulo.

Sim, esta viagem á Palestina póde, a quem fôr preparado, afinar-lhe o coração pelas harpas dos Anjos. Quem fôr preparado, digo eu; porque aquelle que desconhecer os thesouros da historia biblica, mal encontrará n'essas paragens cousa que o conforte e recreie. Quão uteis, se não indispensaveis, não são taes estudos a quem viaja por estas regiões! Não só ampliam o conhecimento dos successos sabidos, como enriquecem de imagens a phantasia, pela presença dos proprios logares onde elles occorreram. São a disposição e physionomia dos logares, disseram, grão subsidio para a historia. Os acontecimentos ahi observados ostentam-se mais determinados e vivos; sua reminiscencia adquire precisão e realidade tal que os torna presentes e como que visiveis. Se a narração em taes condições não primar por exactidão e verdade, culpa será do historiador.

Todavia, mais que os estudos historicos aproveitam ao romeiro da Terra Santa os impulsos de piedade: aquelles nutrem o espirito; estes elevam o coração. E o coração, que é a séde de todos os sentimentos, quanto mais se desprende das grosserias da terra, mais se alteia e vôa para as regiões de cima, as eminentemente divinaes: — *Sursum corda.*

Anciedade, fervor, enthusiasmo, ardentes votos, profundas commoções do animo e do coração, tudo isso que transporta o espirito através dos espaços, mal actuará no peito dos viajantes eruditos, se á erudição não alliarem a piedade, flôr que adorna os affectos, luz que purifica as elevações da alma.

Ahi vae, pois, o meu livro, não angariar applausos, que não tem por onde espera-los, mas ligar por uma cadeia mystica o meu coração a outros corações. Tão singelo e desambicioso é elle, que talvez até seja descabido consignar aqui algumas linhas a esse respeito; mas desculpem-se-me.

Uma ou outra vez pensará o leitor que a minha pintura é mais romantica do que descriptiva; não é assim; narro tudo quanto é subjectivo, de fiel confor-

midade com as impressões que senti; todavia não desconheço a verdade d'aquella observação de um pensador, que assim como a sciencia em seu progresso ha logrado representar graphicamente as ondulações do pulso, curioso seria estudar no viajante as contracções do coração; e tantas são ellas, ao percorrer estes logares, que bem podem alguma vez atropellar-se, confundir-se, enganar-nos a nós mesmos.

Muitas cousas escrevi do genero d'aquellas que, no dizer de Sallustio, a ninguem serão criveis, senão áquelles que as presencearam. *Quæ nisi his, qui videre, nemini credibilia sunt*. Desde já antevejo que essas serão havidas por impossiveis aos olhos da *atilada* critica actual, que levou a dormir a longa noite de tantos seculos, para só accordar no XIX! Entretanto, digo com a mão na consciencia, que rejeitei invariavelmente todas as tradições que me pareceram apocriphas; as provaveis indiquei sempre com reservas, as verdadeiras com segurança. Não significou isto arvorar-me eu em atrevido juiz sem competencia. Só me pareceu não ser descabido ao espirito despreoccupadamente amigo da verdade estabelecer por vezes duvidas sobre a procedencia de algumas tradições, especialmente quando asserções vulgares me pareceram contrariadas por dizeres da Biblia; n'esses casos, foram ellas sempre submettidas respeitosamente por quem se considera o mais humilde e ignorante de quantos se hão occupado de tão elevado assumpto.

Fallei perfunctoriamente das principaes terras que perpassei; o meu objetivo era Sião. Se Deus me der vida, e se se realisar minha ardente ambição de tornar ao berço da Redempção, e de ampliar a minha visita a outros santos logares, voltarei a tarefa tão grata. Estão-me ainda negaceando a penna Belem, S. João de Montana, Mar Morto, Jordão, Jericó, Nazareth, Thabor, Tiberiades, Cafarnaum, Canná de Galilea, Monte Carmelo, Tyro, Sidonia, e tantos outros tão celebres logares.

Este livro é quasi só destinado a Jerusalem. O systema que adoptei, ao traçar o meu plano, foi o seguinte: cada torrão que ia pisando, estudava-o, e lançava ao papel quanto de importante averiguava ter alli occorrido: historia sagrada do Velho Testamento, do Novo, dos periodos posteriores; historia de outras religiões e ritos; tradições, historia profana antiga e moderna; descripção da actualidade e dos usos e costumes locaes; observações sobre a natureza topographica; a tudo procurei attender.

Quanto á enumeração das cousas dignas de nota na cidade santa, eis-aqui o desenho em que me fixei. Desamparei a minha primeira idéa de pintar os logares, de conformidade com as visitas que a elles fiz; que importa ao leitor como e quando eu vi o que lhe descrevo? O que elle quer é methodo, que o habilite a comprehender bem a exposição que lhe é feita; pareceu-me que o satisfaria.

Pois que o romeiro ido da Europa chega a Jerusalem do lado sudoeste, d'ahi comecei sempre o meu trabalho, tanto para a descripção do extra, como do intra-muros. Mesmo sobre estas palavras, é preciso uma glosa: o intra-muros que eu descrevi, não o é hoje, pois, sobretudo o monte Sião da actualidade, é um

deserto exterior em comparação com o que foi nos tempos biblicos; por outro lado a zona do Golgotha, hoje formando parte integrante da cidade, ficava fóra d'ella no tempo do Redemptor. Como, portanto, é sobretudo a Jerusalem de Christo que nos chama a attenção, é d'essa que tomei o ponto de partida das minhas narrações.

Claro está que tive de descrever muitos logares, por onde se passa por valles e montes, sem haver hoje ruas ou communicações faceis; são os praticos da terra, homens que, desde a infancia até encanecerem, vão de geração em geração recebendo e transmittindo as tradições, os que ao viajante designam os pontos dignos de attenção. São estas tradições robustecidas pela torrente de escriptores, que desde os Evangelistas até nós teem ininterruptamente fallado da Terra Santa; como porém a localisação da mór parte dos successos não seja ponto de fé, bem póde ser que algumas d'essas designações, oriundas de remotos tempos, tenham assentado em erros; por onde se explica o arbitrio a que algumas vezes me abalancei, como acima confesso.

Os primeiros nove capitulos conduzem-me de Pernambuco até Jerusalem. Chegando em frente da cidade santa, que me cumpria descrever miudamente, vi-me em grande embaraço: a topographia declarava-me guerra á chronologia, e não achei senão um modo de conciliar estes inimigos. Sendo Jesus Christo o divinal protagonista do grão drama que aos olhos se me desenrolava, e tendo eu de relatar, a cado passo que na cidade désse, alguns acontecimentos messianicos, succedia que estes ora antecediam, ora se seguiam a outros occorridos em sitios que me cumpria descrever depois. Satisfiz á dupla exigencia: antes de me occupar de Jerusalem, escrevi um resumo da vida de Christo, onde todos os successos apparecem pela sua ordem natural; feito isto já pude sem inconveniente pintar com desenvolvimento o que em cada torrão succedêra, desprezando a ordem chronologica.

E porquanto, para o leitor se interessar pela biographia do Messias, era mister que acreditasse em sua divindade (sem o que a leria como um romance), ousei consagrar um capitulo especial a essa demonstração, escusada para os crentes, talvez não inutil para os indifferentes sinceros; dos hostis por systema não curei.

Principiando a digressão por sudoeste, fui sempre seguindo do sul para o norte, tanto extra, como intra-muros. Assim fiz primeiro o circuito da cidade, do occidente dos arredores para o sul, depois para o oriente, e a final para o norte. Approximando-me então da cidade, occupei-me, na mesma ordem, das suas muralhas de redor, torres e portas. Depois penetrei n'ella; occupando-me primeiro de Sião, ao sul, seguindo-a de occidente para oriente; depois da cidade inferior, Moria e Acra, que demoram ao norte de Sião; finalmente de Bezetha, derradeira zona septentrional de Jerusalem.

Na averiguação e narração dos successos tomei por norma seguir os varões doutissimos e diligentissimos; citando lealmente suas palavras ás vezes, muitas outras suas sentenças; assim como é certo que lhes addicionei outras muitas, que pelo proprio estudo alcancei, como a todos será patente: *Doctissi-*

mos et diligentissimos viros secuti sumus: eorum sæpe verba, sæpius sententias bona fide: multa interim de nostro, ut cuivis patet, addidimus.

Segui de preferencia a Sagrada Escriptura, Flavio José, S. Jeronymo, e entre os proporcionalmente modernos, Quaresmio, verdadeiro emporio de todos os que escreveram antes d'elle ácerca da Terra Santa, e quiçá dos que escreveram depois. «Muitos viajantes da Terra Santa», diz Artand de Montor, «teem visto as cousas d'aquella região pelos olhos de Quaresmio», e com rasão; porque é escriptor consciencioso, bem informado, e de autoridade dupla: sobre ser theologo experimentado, preencheu muitos annos os officios de custodio e vigario apostolico de Jerusalem[1].

Concluirei, dizendo aos meus amados compatriotas que a mór parte das nações christãs teem, como nações, algum templo em Jerusalem; não menos teem capellas ou estabelecimentos diversos personagens piedosos. Teem templos a França, a Austria, a Prussia, a Russia, a Hespanha. Napoles, Veneza, Portugal deixaram alli magnificos vestigios de piedade. As proprias republicas do Pacifico trabalham por alcançar algum pedaço de terra na Terra Santa. Os Ratisbonas, as Princezas de Latour d'Auvergne, outros proceres da sociedade e da Religião alli teem erguido esplendidos monumentos.

E na christandade será sómente o imperio da Santa Cruz, que pareça estranho ao solo, onde a Santa Cruz foi arvorada? Que esplendida recompensa não obteriam meus trabalhos e minhas ambições, se me fosse dado esperar que almas pias, entre os meus conterraneos, se associassem para alcançar que em algum ponto consagrado pela memoria de Nosso Senhor Jesus Christo ou de sua Divina Mãe se erguesse um templo brazileiro, um hospicio brazileiro? Ah!... se fosse permittido aos romeiros d'esta nação irem alli hospedar-se, ouvindo em seu proprio idioma entoar canticos ao Senhor, vendo arvorada no frontispicio de um monumento a bandeira auri-verde, rodeada de benções e respeitos geraes!

Ai! que n'esse dia já eu me não comparava só com o velho Simeão; suppôr-me-hia nivelado ao mais venturoso mortal, que seio de mulher creou!

Recife, 1 de novembro de 1873.

[1] Em muitos outros, antigos e modernos, procurei flores que em meu ramilhete ennastrasse, e a todos os quaes fiquei mais ou menos devedor: se n'este rescende alguma fragrancia, a elles, e não a mim se deve. Sem ordem, nem de merito, nem de idades, aqui apontarei Adricomio, Biagio Terzi, Calmet, Marianno Morone de Maléo, Chateaubriand, Lamartine, Conde Marcellus, Valiani, Geramb, Poujoulat, Michaud, Frei Pantaleão de Aveiro, Mislin, Frei Lavinio, Renazzi, Gaume, Pozada Araugo, Escrich, Munk, Dupin, de Saulcy, Saint-Aignan, e particularmente os Padres Dupuis e Perinaldo me foram de inexcedivel auxilio.

Outros muitos hão escripto modernamente da Terra Santa: homens e mulheres, ecclesiasticos e leigos, catholicos e scismaticos, protestantes e hebreus, inglezes e francezes, italianos e allemães, hespanhoes e americanos; n'uma palavra, todas as nações, todas as hierarchias, todas as crenças se hão occupado da Terra de Chanaan.

Não se destina esta enumeração a ostentar pompa de erudição; serve, ao contrario, para restituir a outros qualquer gloriola que de entre estas paginas toscas podesse ser colhida. Solicita abelha, embrenhei-me n'essa vasta floresta, e sem estragar as flores, suguei-lhes o mel; e se em alguma havia veneno, lá o deixei.

CAPITULO I

I. A minha partida do Brazil.—II. Lisboa.—III. Trajecto de Lisboa a Roma

I

Era emfim chegado o dia das minhas constantes aspirações. Desde longos annos almejára eu por visitar o mundo velho. Não era que me attrahissem a grandeza das tradições historicas, as galas de adiantadas civilisações, os portentos da antiga e moderna industria, os prazeres dos grandes fócos de povoação, a diversidade das sensações, que tão estranha me deviam tornar a vida, que até então se me tinha resvalado para dentro do abençoado horisonte que eu tivera a fortuna de ter por patria.

Confesso que os meus grandes anhelitos se limitavam a tres pontos, que me fulguravam na mente, cada um d'elles com o brilho da estrella, guia dos Magos; eram: *Lisboa,* a terra onde nascêra o mais honrado, o mais leal, o mais protector, o mais querido dos paes; *Roma,* o centro da Christandade, o ponto d'onde, depois de Pedro, irradîam por todo o orbe as eternas verdades, o logar onde assenta o solio sacrosanto de Pio IX, Pontifice maximo, cujas virtudes igualam ás dos mais esplendidos luzeiros com que a Egreja tem sido illuminada; por derradeiro *Jerusalem,* o templo vivo do morto Deus, a cidade estupenda, a que tanto por seus privilegios, como por seus crimes, deve a humanidade a mais brilhante das transformações.

Era em 1869. Haviam findado os trabalhos da sessão legislativa, e resolvi aproveitar o intervallo que me separava da seguinte para realisar o meu plano. Transportando-me da côrte do Rio de Janeiro á minha provincia natal, demorei-me apenas alguns dias em Pernambuco, e despedindo-me d'esse torrão amado, aproei para a Europa, nos fins de novembro, a bordo do vapor inglez *Douro.*

II

Mal posso exprimir o sentimento com que me aproximei da foz do Tejo, no dia 12 de dezembro. Desde a madrugada estavamos todos a postos: aquelles que já conheciam as paragens, anciosos de recordar-se; aquelles que não as conheciam, anciosos por que lh'as mostrassem. Ao arrebol matutino divisava-se o alteroso cabo

da Roca; viam-se as famigeradas montanhas de Cintra (onde Cynthia ou Diana teve um templo) com o formoso palacio de aspecto feudal, pertencente ao Senhor Rei Dom Fernando e sito no mais alto pincaro d'aquella cordilheira. A barra, que ante nós se escancarava, era a mesma por onde Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Tristão da Cunha, Pedro Alvares Cabral e tantos outros d'esses gigantes da historia de nossos avós partiram para assoberbar oceanos, e subjugar nações até os derradeiros terminos do globo. Cortava a nossa prôa as ondas rapida e garbosa; e eis que atravessámos o Tejo, deixando á direita a notavel torre do Bugio, que as vagas açoitam por todos os lados, e á esquerda as fortalezas de S. Julião, e especialmente a de Belem, a mais elegante e mimosa que tive occasião de ver, d'essa natureza de construcções. Victima das cautelas sanitarias, tive então de desembarcar para o lazareto da Torre Velha, e depois de subirmos ao alto do oiteiro, achei-me em frente de um vasto edificio, notavel por sua grandeza e suas fórmas, e onde tinhamos de jazer por cinco dias.

Não me foi pesada, não, a residencia n'esse logar, que, ao contrario, me deixou saudades. Offereciam-se-me todas as commodidades; o serviço era delicado, abundante; a sociedade que me cercava a mesma dos meus companheiros de viagem (menos a celebre tragica Ristori, seu marido o marquez del Grillo e toda a sua companhia dramatica, que proseguiram); sendo aqui o logar de referir-me a um modesto companheiro meu de viagem, o brazileiro Antonio Carlos do Carmo, o qual me não deixou desde Pernambuco até Roma, e foi a minha providencia em todas essas jornadas; pois era eu tão pouco apto para os mil pormenores com que a attenção do viajante tem de ser absorvida, que, sem aquelle auxiliar, teria dez vezes perdido as minhas bagagens e as horas das partidas: avalie-se de que soccorro me não seria quem timbrava de applicar ao meu commodo, honrado e inexcedivel zêlo, o que se lhe tornava tanto mais facil, quanto fallava correntemente os idiomas hespanhol, francez, inglez e italiano.

Rapidos me pareceram, pois, os dias que passei no lazareto de Lisboa. Deitava o meu aposento para a bahia do Tejo. Bem em frente me ficava o magnifico mosteiro dos Jeronymos, com as suas innumeraveis janellas ogivadas, a sua architectura emmanuelina, e o altar de pedra sobre que foi dita, na praia do Rastello, a missa que ouviram, ao partirem para dobrar o Cabo tormentorio, Vasco da Gama e as tripulações das naus e caravelas destinadas a realisar o mais homerico dos commettimentos. Via igualmente diante de mim o soberbo paço regio da Ajuda, a egreja denominada Memoria, o paço de Belem e os arvoredos frondosos da quinta real e do jardim botanico.

E pois que não posso n'este livro occupar-me demasiado de minudencias da minha digressão ante-hyerosolimitana, só direi que eu passava horas deliciosas á janella do meu aposento, encarando aquella formosa região, aquelles suaves oiteiros que fazem considerar Lisboa, á moda de Roma, assente sobre sete collinas. Aquella serie de edificações que bordam o Tejo, e vão ao longe acabar por uma cidade vasta; aquelles tréfegos moinhos que em abundancia marchetam as encostas proximas, e cujas alvas vélas giram em desesperado turbilhão ao sopro dos ventos; aquelle bulicio das aguas, sulcadas por navios entrando e saindo, barcos e escaleres; tudo isso tornava tão pittoresca a perspectiva, que após ella se me iam os olhos.

Havia para mim ainda outro singular encanto n'aquelle fitar das minhas vistas.

Muitas vezes ouvira eu, preso dos labios de meu venerando pae, narrar particularidades da sua infancia; e uma das cousas que na sua vida fizera epocha, era a circumstancia de haver embarcado para o Brazil e atravessado estas mesmas aguas ao clarão do incendio d'aquelle fronteiro palacio da Ajuda. Não occulto que em taes recordações me tumultuava no espirito um não sei que mixto de nostalgia e de saudade vivissima d'esse ente, cuja memoria me acompanhará até o suspiro derradeiro.

No proprio lazareto fui visitado frequentemente por varios amigos, especialmente por alguns membros da familia Castilho, á qual me ligam os mais intimos vinculos de amisade, assim como pelo sr. Antonio Torquato Azedo e Silva, a quem desde então tenho devido as maiores attenções e finezas.

Findo o praso marcado, desembarquei em Lisboa, e longe poderia ir a descripção de toda essa pequena viagem, se me não visse forçado a resumir-me.

Poucos dias me demorei na capital da nossa velha metropole, e tambem esses dias me estão gravados na memoria com indeleveis côres. N'elles me occupei sem descanso de ver parte do muito que aquella côrte offerece de curioso e importante para a visita do estrangeiro. Percorri a sua cidade alta e baixa; as suas praças, das quaes particularmente são magnificas a do Rocio e a do Commercio; esta ultima vastissima, com frente para o mar, e os outros tres lados occupados por uniformes palacios, onde se acham reunidos os ministerios da guerra, da marinha, da fazenda, das obras publicas, dos estrangeiros, do reino e da justiça; a junta do credito publico, a camara municipal, o supremo tribunal de justiça, a alfandega e o tribunal do commercio, etc. Vi as tres estatuas que decoram tres das principaes praças: a de El-Rei D. José, na que denominam Terreiro do Paço; a de D. Pedro I e IV, no largo do Rocio; e a de Camões, na praça do seu nome. Visitei os lindos passeios publicos do Campo Grande, do Rocio, de S. Pedro de Alcantara, e sobretudo o da Estrella. Entrei em muitas das innumeraveis egrejas d'aquella cidade, e daria para uma larga descripção a enumeração do que ha digno de nota, principalmente (entre as que vi) nas de S. Domingos, Martyres, Encarnação, Magdalena, Loreto, S. Roque, S. Vicente de Fóra e do convento da Estrella, onde jazem em magnifico sepulchro de marmore negro os restos da virtuosa Rainha D. Maria I; a Sé patriarchal, magestosa mole, que foi templo romano e mesquita de mouros; e muito particularmente a basilica erigida sobre o logar onde nasceu o tão venerado e tão nosso Santo Antonio. Com que entranhada sensação de respeito e amor não desci aquelles degraus que debaixo do altar mór levam ao subterraneo, onde arde permanentemente uma lampada, defronte de um retabulo que fica sob um arco, onde se lê curta inscripção, dizendo que fôra alli mesmo que o thaumaturgo, descendente da familia dos Bulhões, vira a luz do dia! Assisti ás representações lyricas no excellente theatro de S. Carlos e dramaticas nos de D. Maria e da Trindade; não me chegando o tempo, como desejára, para ver os outros, taes como Gymnasio, Salitre e Rua dos Condes. Percorri as salas da bibliotheca nacional de Lisboa, da academia real das sciencias, da escola polytechnica, da camara dos deputados e da magestosa camara dos pares. Algumas digressões foram, por sua especialidade, ainda mais cheias para mim de attractivos. Não me fartava de perpassar aquella rua (tão apropriadamente denominada Augusta), onde meu pae residira antes da sua partida para a America; e a imaginação me fazia crer que em cada uma das portas e das janellas dos quatro andares d'essa extensa via,

eu estava ainda divisando a amavel creança, que por certo em alguma d'ellas esteve um tempo, e que depois pae e venerado, e ancião, desceu tão saudosamente á campa. Fui ver as obras de Santa Engracia, que eu suppunha apenas um mytho; mas tive de as reconhecer por uma immensa verdade de marmore.

Uma das tardes mais agradaveis foi aquella em que tive por guia um cego, mas cego que dá luz a quantos encaminha. O meu particular amigo o sr. visconde de Castilho, Antonio, convidou-me para essa caracteristica excursão, observando-me que nas cidades que eu ia percorrer veria mais assombrosos progressos architectonicos, mas difficilmente encontraria, quasi ainda conservado como na primitiva, um bairro tão singular como o da Alfama. Com effeito, essas ladeiras ingremes e tortuosas, essas construcções, em muitos logares, meio arabes, essas vielas estreitissimas onde o habitante póde apertar a mão ao seu vizinho fronteiro, esses palacios vetustos alternados por casebres miserandos, esses transeuntes fidalgos ou quasi mendigos, essa atmosphera mouresca, esse castello de S. Jorge, sobre cuja primeira porta se vê ainda o busto do famoso Martim Moniz que, segundo a tradição, atravessou o corpo n'essa mesma porta, para que o seu cadaver impedisse aos mouros que a fechassem, fazendo com esse acto sublime que os portuguezes penetrassem no castello após os mouros fugitivos; tudo isso me deixou realmente impressões, que com outras nenhumas se confundem.

Nada mais cordeal e amigo que o acolhimento que em Lisboa recebi das muitas pessoas com quem estreitei relações, especialmente com os membros da familia Castilho, e os srs. D. Antonio da Costa, conselheiro Viale, Tullio, duque de Saldanha, marquez de Fronteira, viscondes de Seabra, da Bella Vista, do Pinheiro, etc. Assisti igualmente a mui agradaveis reuniões em casa da sr.ª baroneza de Almeida, do dr. Rodrigues Cordeiro e da sr.ª D. Marianna de Noronha, onde tive occasião de encontrar a mais selecta sociedade d'aquella capital.

Não posso omittir aqui a memoria de uma circumstancia cheia de encanto, que se deu em certa deliciosa tarde. Achavamo-nos congregados em reunião, não avultada, mas mui escolhida, uns poucos de amigos; faltava um dos convivas, mancebo sympathico e altamente respeitavel por suas qualidades, talentos e virtudes; mas pois que a hora se adiantava, sentámo-nos á mesa, jantando e esperando. Já era perdida a esperança de vermos o amavel conviva, quando ao cabo do festim se abriu a porta inopinadamente e por ella entrou o nosso querido desertor, o sr. Julio de Castilho (hoje visconde). Foi uma nova festa para nós todos, e dupla para mim em prazer e em honra, quando o inspirado vate, de pé em minha frente, me recitou longa e formosissima poesia, que elle acabava de consagrar-me; aquelle bom amigo estivera generosamente occupado em traçar esses magnificos versos durante o tempo em que nós, injustos para com elle, suppunhamos que nos houvesse esquecido.

Tambem é este o logar de dizer que, tendo eu entretido desde 1852 correspondencia epistolar com o grande historiador, sr. A. Herculano, desejei apertar-lhe a mão, e fui vê-lo a Valle de Lobos; digressão esta muito aprazivel, apesar de que a rapidez da jornada me não permittiu o demorar-me quanto desejára, para observar mais de espaço o muito que ha digno de nota em Santarem, podendo apenas de corrida ver a estatueta de Santa Iria, á borda do Tejo, e a linda vista d'aquellas extensas lezirias.

Passei algumas horas summamente agradaveis no modesto retiro do distincto

escriptor, sendo tratado por elle e sua amabilissima senhora com indizivel delicadeza. Mostrou-me elle o que havia a ver na sua residencia, e com especialidade o lindo oratorio que adorna o seu quarto mais particular, e onde a outras imagens sobresae um Christo crucificado, obra primorosa, e que o meu digno hospede me disse ser herança, que de seus avós tinha sido transmittida de geração em geração. Se em varios pontos da nossa conversação as idéas divergiam mais ou menos, o que não póde exceder-se é a lhaneza com que o dono da casa se esforçava por obsequiar-me, e até a brandura com que exprimia a sua discordancia das minhas opiniões. Estas praticas verbaes não foram mais que a continuação de alguma polemica escripta, que sobre assumptos graves entre nós se havia trocado.

Receio que estas miudezas pareçam demasiadas, e portanto digo adeus a Portugal, reservando para mais folgados tempos o percorrer os festejados arrabaldes de Lisboa, as Cintras, as Mafras, os Alfeites, as Marvillas, Bemficas, Queluz, Bellas, e depois o interior d'esse reino tão cheio de recordações para quantos fallam o nosso idioma.

III

Metti-me na via ferrea, e pois me cumpre rebater as naturaes tendencias de aproveitar os apontamentos que por toda a parte ia tomando, e deter-me em descripções, que demasiado me alongariam do meu intuito, fujo a especificar os pormenores d'essa rapida jornada até chegar a territorio francez. Parei em Bordéus para descansar durante dois dias, que empreguei em admirar a ponte e o porto, a cathedral, a bibliotheca e a galeria de paineis. Desconheceriam hoje a sua cidade natal os S. Paulinos, os Ausonios e o proprio Montesquieu. Alli subi á torre altissima de S. Miguel, mas depois de ter ascendido grande numero de degraus de caracol, ia já esmorecendo, até que fui excitado a concluir a minha ascensão, do que me dei prolfaças, pois gozei do alto d'esse monumento um panorama admiravel. Tambem fiz uma visita, que muito me impressionou, a uma casa cuja atmosphera prodigiosa conserva os cadaveres quasi inalteraveis, sem preparação nem embalsamamento, durante largos tempos. Alli vi homens de todas as classes, de pé, vestidos com os seus trajes usuaes ou do modo como foram sepultados até ha 600 annos, e sem que as carnes, aliás deseccadas, se houvessem consumido. Em alguns mortos a tiro vêem-se claramente os buracos das balas. Disseram-me que igual phenomeno se observa em subterraneos de Bremen e do Egypto; segredos da natureza, que nem os sabios podem explicar!

De Bordéus segui para Lyão, a rainha do Rhodano. Foram meus companheiros d'essa jornada, em grande parte do caminho, varios membros da distincta familia do sr. Paulo Sauzet, antigo presidente da camara dos deputados, o qual se dignou procurar-me no grande hotel de Lyão, mandando-me depois para Roma uma collecção das suas importantes obras. Demorei-me n'essa cidade tres dias, que occupei percorrendo os bellos passeios e praças, caes, portos e pontes, a casa da camara, a do commercio, a cathedral, o seminario, escolas das artes e officios, a dos surdos mudos, a academia, a bibliotheca, o museu de pintura e o jardim botanico.

Alli foram martyrisados, entre outros, o bispo de Lyão S. Ireneu. É a patria dos imperadores Claudio, Caracalla e Geta, de Sidonio Apollinario, e nos tempos modernos de Jussieu. Ainda então a hedionda communa não tinha ensanguentado e

devastado essa formosa região. A circumstancia de ser eu estrangeiro e brazileiro, e sobretudo ecclesiastico, revestiam-me de uma quasi aureola de geral respeito, e cumpre confessar que em toda a parte da Europa aquelles titulos me foram constante origem dos mais elevados testemunhos de consideração.

Segui para Marselha, bella cidade nova, antigamente fundada pelos phenicios, engrandecida pelos gregos, e conservando ainda hoje uma parte velha mui curiosa. A cathedral é soberba, o lazareto dos melhores do mundo, o observatorio fica em excellente posição. É esta a terra que nas guerras entre Cesar e Pompeu debalde aspirou a ficar neutral. É a patria de Petronio. Nos principios do seculo passado uma peste memoranda lhe arrebatou a maior parte da povoação.

Embarquei-me para Civita-Vecchia, e comquanto digam que o Mediterraneo é quasi um rio, declaro que, tendo eu tantas vezes cruzado o Oceano, não vi tormenta que se parecesse com aquella que n'esse trajecto nos ia submergindo; é com horror que ainda me recordo d'esse dia e d'essas duas noites, em que um só momento não preguei olho, julgando-me a cada instante chegado ao termo da minha peregrinação terrestre. Melhor o fez Deus, e acabámos pondo pé em terra firme em dominios da Egreja. Estavamos no porto outr'ora fundado por Trajano, na cidade onde residiram os mais importantes personagens consulares. É alli que foram martyrisados Marcellino, Secundiano e Veriano. Alli recebeu igual palma de martyrio o Pontifice S. Cornelio; para alli foram deportados Marco e Calendio com sua irmã Severa, dignos filhos do grão martyr S. Maximo, tribuno militar, assim como a virgem Firmina, da nobilissima prosapia dos Pisões e filha do senador Calfurnio. Quando o grão luminar da Egreja, Santo Agostinho, partindo de Milão para Ostia, com o fim de transportar-se á Africa, esteve morando n'este logar, é fama que foi n'esta mesma praia que lhe appareceu a visão do Anjo, sob a fórma de um menino, procurando com um cesto derramar todas as aguas do pelago n'uma covinha excavada na areia, para demonstrar ao santo doutor, que era mais facil conseguir aquelle intento do que elle comprehender o mysterio da Trindade Santissima, de que tanto se preoccupava. Na parte do litoral onde aquelle milagre se operou, existe uma torre, uma capella, uma fonte e um esteio que ainda conserva o nome do proprio Santo.

Depois de um dia de demora n'esta cidade tomámos a ferro-via e seguimos para Roma.

CAPITULO II

I. Roma.—II. Contraposição entre Roma e Jerusalem

I

Eis-me chegado a Roma, a grande, a invicta, a gloriosa, a catholica, a *Alma Mater*. Pisam meus pés o solo sacrosanto onde a Christandade tem o seu maximo emporio.

Tão grandes são as tradições religiosas d'este magnifico torrão, que as proprias reminiscencias profanas, por mais memorandas que sejam, mal se lhes podem equiparar. Ahi cada collina, cada rua, cada monumento, cada casa, cada pedra, envolve uma recordação immortal.

Tem Roma dado nascimento a mil descripções; outros mil livros poderia ainda produzir. Se me levasse após o natural pendor, aqui me demoraria traçando as galas da donosa cidade; mas sempre algumas palavras consagrarei áquella que a todos nós é tambem patria. E pois que escrevo posteriormente ao meu regresso da Terra Santa, depois que, pela segunda vez, visitei a cidade eterna, e depois de ter estanciado em Jerusalem, ser-me-ha agora licito discursar, não só ácerca da terra do Lacio, mas tambem da sua comparação com Solima.

É verdadeiramente duas cidades a cidade de Roma. Dividem-se a Roma dos Cesares e a Roma dos Papas em quatorze regiões, as quaes todas e cada uma estão negaceando as attenções, e namorando-nos com os seus monumentos, ora da historia, ora da gentilidade, ora do Christianismo. Cumpre até confessar que muitos dos actuaes monumentos christãos não são mais que obras primitivamente gentilicas, aformoseadas e adaptadas ao uso da Christandade; pois o solo onde a lei divina encontrou maior numero de perseguidores e de martyres é o mesmo onde a Religião acabou por ostentar-se e perpetuar-se mais firme e triumphante.

Antes de occupar-me da cidade viva, algumas phrases direi de corrida ácerca dos logares que perlustrei.

Fallemos antes de tudo do monumento por excellencia, do templo e palacio admiravel, do tumulo do primeiro Vigario de Jesus Christo, dos salões onde se congregam os pastores de toda a Christandade, da residencia do Pastor supremo, das estupendas galerias e obras de arte, emfim do Vaticano.

A Cruz que no Calvario se erguêra affrontosa, no Vaticano pompeia ovante, té-

leste e terrestre. Os romeiros que tomam Roma, ou por derradeiro termo de suas ambições ou por caminho forçado de mais larga peregrinação, sentem a alma embevecida emquanto prolongam a sua estada na cidade das sete collinas.

É este o tão fallado Tibre, que em verdade aos olhos da imaginação de um habitante das regiões intertropicaes se afigurava um Amazonas, e que não passa de um riacho, cujo alveo natural apenas encerra aguas amarellentas e lodosas. Atravessado o rio pela ponte de Sant'Angelo, Roma parece timbrar em offerecer logo aos olhos do viajante a mais esplendida das suas maravilhas, a magestosa basilica d'onde o mundo tem a dita de receber a benção *Urbi et Orbi.* Precede o edificio uma dupla galeria de altissimas columnas, collocadas em fórma oval, mas a quatro de fundo, com estatuas de marmore branco superpostas, voltada a face para o recinto da praça, em cujo meio se acha um obelisco egypcio entre dois castellos de agua, que espadana abundante e cae espraiada em dois vastos lagos. Aquelle monolitho egypciaco foi trazido a Roma por Caligula e mandado transportar para o sitio que ora occupa, por Xisto V.

Segue-se uma escadaria que dá para o denominado Limiar dos Apostolos. Ahi se ostenta agora a fachada da basilica portentosa e colossal, cujos pormenores dariam para volumes, se fossemos a pintar a magnificencia das proporções, a belleza dos artefactos, a mestria das pinturas, a conservação dos dourados, a preciosidade dos marmores, o trabalho dos mosaicos, e por sobre tudo aquelle throno de S. Pedro, aquella *confissão,* aquella cupula. O altar dos martyres fica superposto aos tumulos dos Santos Pedro e Paulo, diante e em torno do qual ardem de continuo de 100 a 200 lampadas; é de joelhos em terra que se faz essa visita solemne.

Arranquemo-nos a esses logares attractivos, e continuemos nossa digressão. Quem sobe ao alto do Esquilino, onde foram os jardins de Heliogabalo, avista mil logares famosos. Para o oriente o monte onde Romulo fez os primeiros sacrificios; depois Tusculo, a residencia de Cicero; Tibur, a de Horacio; o Monte Sacro, o refugio da plebe; Civita-Vecchia, o Mediterraneo ao longe; Ostia, residencia de Agostinho; Albano, Castello Gandolpho, especie de pharol monumental e residencia dos Summos Pontifices.

Assombra-se o viajante ao examinar, depois de tantos tumulos grandiosos, o aqueducto de Claudio, as ruinas da villa de Adriano, as antigas muralhas, o Palatino, o paço dos Cesares, o Capitolio, alcaçar de Jupiter, o Aventino, alcaçar de Diana, o Celio, o Quirinal, o Viminal.

Segundo um auctor, Roma encerrava em seu recinto 4:662 ilhas, ou grupos de casas separadas por meio de ruas; 2:117 palacios da mais incrivel magnificencia; 424 praças ou encruzilhadas; 470 templos de idolos; 45 palacios consagrados á devassidão; 856 estabelecimentos de banhos; 1:352 lagos ou reservatorios de agua; 32 bosques sagrados; 2 grandes amphitheatros, um dos quaes continha 87:000 espectadores assentados e 20:000 nas varandas; 2 grandes circos, o Flaminio e o Maximo, este com 450:000 logares, segundo uns, ou 483:000, segundo outros; 5 naumachias para batalhas navaes; 23 agigantados cavallos marmoreos; 80 de bronze dourado; 84 de marfim; 36 arcos triumphaes de marmore ornados das mais primorosas esculpturas; 19 bibliothecas; 48 obeliscos, 11 fóros, 10 basilicas, e um povo innumeravel de estatuas de marmore, de bronze e até de oiro. A cidade dos Cesares recebia as aguas por 14 aqueductos; 24 vias calçadas de

largas lageas e orladas de soberbos mausoleus saíam das 24 portas da cidade, e conduziam da capital do mundo ás provincias.

A rainha do Evangelho estende-se sobre o Vaticano e o Janiculo, e offerece templos em todas as eminencias: Ara-Cœli vingou de Jupiter Capitolino a Virgem Immaculada. As egrejas dos Santos Theodoro e Boaventura erguem-se sobre as ruinas do palacio dos Cesares, no Palatino. No Aventino levantam-se sobre os alicerces do templo de Diana as egrejas de Santa Sabina, Santo Aleixo e Santa Prisca. Se o Quirinal brilhou com a sua columna de Trajano, ornamentam-n'o hoje as egrejas dos Santos Domingos, Sixto e Silvestre, e Santa Maria da Victoria. Onde foram no Viminal as thermas de Diocleciano, está hoje a Senhora dos Anjos; e assim em todos os outros logares manchados pelas torpezas dos Tiberios, Neros, Caligulas, etc., fulguram hoje templos magnificos da Christandade.

Para uns a attracção é mais particularmente chamada pela Roma christã, á qual nos prendem tão largos interesses de ordem maxima; para outros espiritos, aliás illustradissimos, porém educados n'aquella juvenil convivencia da remota antiguidade, a Roma historica e pagã offerece não menores attractivos.

Não occultarei do meu leitor uma singela, mas interessantissima e despretenciosa carta, que em Roma recebi do meu sabio amigo o sr. visconde de Castilho. É esta:

«Com que emfim está já V. , depois de tão larga peregrinação, no seio da mãe Roma! Mil parabens, sem nenhuma inveja por minha parte. Tempo houve em que eu tambem punha o ideal das minhas ambições em respirar algum dia os ares de Roma, de que tantas maravilhas me tinham contado, desde menino, os seus poetas; ainda bem que nunca taes ambições se me poderam realisar. Hoje sei pela reflexão propria, e pela confissão triste de todos os que de lá regressam, exceptuando os fabricantes de livros para fascinar, sei, repito, o que aliás não podia deixar de ser, e o que V. já tambem a estas horas deve conhecer pela experiencia: a Italia, nossos amores, pereceu; procura-la nos logares em que pela imaginação a viamos estar vivendo, triumphando, dominando, e assombrando o mundo, é recebermos o desengano de que a não ha, nem cousa que por longe se lhe assemelhe. Desvanece-se para todo o sempre a mais aprazivel chimera de quantas se nos pasciam no animo, que n'essa parte folgava de doidejar, sabendo perfeitamente que doidejava.

«Que é feito das casas dos meus velhos romanos? Deliu-as o tempo com as suas innumeraveis revoluções grandes e pequenas, estrepitosas e tacitas; hoje são casarias modernas, como as de toda a Europa, e como as das nossas terras, pouco mais ou menos. Os bairros, as ruas, os hortos, os fóros, os porticos, os templos, tudo se abysmou com as gentes, as modas, as crenças, os negocios, e a linguagem, e as infinitas linguagens que por ahi havia no nosso visionario tempo de rapazes.

«Se ao menos, viajando por lá, podessemos dizer: «Sequer estamos respirando «os ares que esse povo extraordinario respirava; temos os pés no mesmo solo que «elle pisou...» Mas o proprio terreno está enterrado; a atmosphera de hoje não contém nem particula da que enchêra aquelles peitos, da que vibrava com a eloquencia de Cicero, com os vivas dos triumphos, com os versos de Virgilio, com as dansas e cantos processionaes dos salios, com os galanteios dos discipulos de Ovidio.

«Em summa, que, assim como o ceu romano está ermo do brilhante cardume dos seus deuses, fugiram os ares, fugiu o terreno, fugiram todos, e fugiu tudo de que o viamos povoado, ha dois mil annos.

«Que diz, em realidade, ao forasteiro isso que ainda se condecora com o titulo de Coliséo? Que dizem essas escassas amostras de um ou outro que foi edificio religioso, ou vivenda cesarea, ou therma, ou theatro? Dizem apenas syllabas desconnexas de fastosos poemas perdidos, enigmas a cujo verdadeiro amago se não chega. Foram grandeza de grandezas, são ruina de ruinas. Não ha Roma, para quem vae a Roma; só a póde haver ainda para quem se abstem de procura-la fóra dos livros, que no-la representam á luz da poesia com as galas e joias, com a vida e a alegria, que para sempre lhe desappareceram.

«Aqui tem V. o porque eu, semi-pagão pela phantasia, me condôo de todo o estrangeiro lettrado e erudito, que vae a essas paragens á procura de commoções deliciosas, e, levando nos labios a todo o momento a pomposa phrase: «Cidade eterna», volta de lá necessariamente cabisbaixo, e suspirando entre si: «Cidade morta, cidade sepulta, e pisada a pés de todo o mundo com a mais irreverente profanação».

«O que vale para V. é que levou em si dois espiritos unidos em discreta paz, a despeito do seu mutuo antagonismo: o espirito do erudito, e o espirito do religioso. Das magoas que o primeiro lhe ha de padecer, desforra-lo-ha o segundo mais que folgadamente.

«Pelo Capitolio dar-lhe-ha o Vaticano; por Jupiter, S. Pedro; por Cesar, o Pontifice; pelo senado dominador do mundo, o Concilio ecumenico. Á face de todos esses enlevos maximos para o devotissimo animo de V. , que vulto podem já fazer as profanas reminiscencias das eras que se afundiram, e do orbe que passou?

«Goze-se pois V. a seu sabor, e em cheio, da ventura que a Providencia lhe liberalisou, e cedo volte para entre nós a encantar-nos com a descripção de todas essas maravilhas de que n'este momento está de posse.»

Penalisará ao leitor ter de baixar d'este magistral estylo suavissimo para o desalinho de quem não póde aspirar a alturas, que lhe são defezas; continuarei, pois, a minha digressão, conforme Deus me ajudar.

Com effeito, a Roma que eu visitava, achava-se a esse tempo revestida das suas maximas galas. De todos os pontos do universo haviam para alli convergido os romeiros de Christo; setecentos bispos de todo o orbe, trajados cada um segundo a fórma peculiar de seus ritos e usos; dois a tres mil theologos, sabios escolhidos entre os sabios para auditores do episcopado; centenares de empregados annexos ao serviço publico, ou ao serviço particular da Egreja e dos seus ministros; dezenas de milhares de estrangeiros (se é que Roma é para alguem terra estrangeira) fallando todos os idiomas, inundando todas as praças e ruas, apparecendo em todos os logares publicos, representando todas as classes, as infimas como as maximas, visitando todas as curiosidades, pesquisando todas as tradições, interessando-se como proprios por todos os debates que se agitavam no Concilio, e, finalmente, revelando uma vida, uma animação, que dava á Roma christã uma apparencia d'aquelle viver febril, que outr'ora fôra o apanagio da cesarea Roma.

Coube-me a inexcedivel satisfação de assistir ás maiores festas do mundo: como ordinarias, assombrei-me com as do Anno Bom, dos Reis, da Calendaria; como extraordinarias, tive a honra de ser admittido (pelo privilegio que a inex-

haurivel bondade do Santissimo Padre me outorgou) ao deslumbrante espectaculo da sessão magna, em que a Christandade em peso, representada pelos seus prelados, recebidos com toda a magnificencia dos mais custosos trajos episcopaes, renovou os seus protestos de reconhecimento do primado papal, curvando-se ante o Soberano Pontifice, e beijando respeitosamente a Cruz de suas sandalias.

Finda a magestosa solemnidade, encaminhou-se aquelle exercito de cardeaes, arcebispos, bispos, prelados, primazes, doutores e mais proceres da Egreja, bem como o corpo diplomatico, principes, generaes de todas as nações processionalmente para a egreja de S. Pedro, para onde foi igualmente conduzido Pio IX em toda a grandeza do seu supremo cargo, sentado na cadeira gestatoria, thiara marchetada de gemmas sobre a fronte, baculo pontifical na esquerda, e lançando com a dextra a sua benção salutar.

Collocado o Soberano Pontifice sob o solio, foi dita a missa pontifical por um dos cardeaes, coadjuvado, como diaconos e subdiaconos, por numerosos prelados, tudo ao som de coros de musica vocal, compostos de centenares dos melhores cantores; sendo proferido por um eloquente orador apostolico um sermão em latim.

Tudo isso e o mais que presenceei n'aquella epocha, a mais notavel da minha vida, nem é este o logar de o descrever com minucia, nem mesmo acharia em mim forças para tamanho tentame.

Todavia, não poderei deixar de alludir aqui á honra altissima que me foi concedida de ser conduzido á presença do venerando Chefe da Christandade. Ao aproximar-me do logar onde ia satisfazer o meu anceio de ouvir a voz do Pae commum dos fieis, eu sentia no coração um como sobresalto; dir-se-ia que me impressionava a idéa de uma como divinal magestade representada em humano corpo. Quando porém me levaram através de salões sumptuosos, mobilados riquissimamente, e em que todas as bellezas da architectura, esculptura e pintura se disputavam primazias, e depois me introduziram no mais modesto dos aposentos, residencia intima do Santo Padre, e onde elle apenas recebe os seus familiares; quando emfim cheguei ao gabinete onde vi sentado em singela cadeira um respeitavel ancião, recostado a uma mesa, sobre a qual figurava um formoso Crucifixo; quando vi aquelle homem revestido da sua habitual tunica cinzenta, e Cruz pendente; sobretudo, quando vi aquelle venerando velho voltar para mim benevolamente os seus vivos e expressivos olhos, a sua face como que radiante de affabilidade, e logo soltar de seus labios palavras delicadas e animadoras, senti-me de subito outro homem, e aquella minha anterior perturbação cedeu o logar á mais completa segurança, que se foi cada vez reanimando, á proporção que eu via n'aquella pratica um pae fallando a um filho. Eu, que sabia estar em presença d'aquelle que tem o poder das chaves; eu, que me achava em presença de um varão digno de venerações por virtudes, zêlo, idade e serviços á Egreja; eu, que por isso tentára prostrar-me, como me cumpria, e elle me impediu; fiquei completamente desassombrado, quando recebi um acolhimento, como o que um amigo presta a um antigo conhecido, ordenando que me sentasse a seu lado, e fallando-me com cordialidade angelica de tudo quanto me podia ser mais agradavel, sobresaindo de suas palavras louvores ao paiz do meu nascimento, taes que me orgulhavam de ser brazileiro.

Durante a minha estada em Roma convivi na mais agradavel fraternidade com os nossos respeitaveis prelados da Bahia, do Rio de Janeiro, do Pará, de Pernambuco, do Ceará, e, sobretudo, com o mais que todos dilecto amigo o sr. bispo do Rio Grande do Sul, a quem a minha boa estrella me destinava ter depois por companheiro na digressão ao Oriente.

Seriam numerosas as anecdotas que eu poderia narrar dos mezes que passei em Roma, tanto na ida como na volta de Jerusalem; e comquanto me pareça que muitas d'ellas poderiam interessar ao leitor, nem o espaço de que disponho, nem o plano que me tracei, autorisaria demasiado desenvolvimento a estas digressões. Apenas apontarei uma circumstancia, em que simples casualidade me causou intima satisfação.

Um dia voltava eu do Vaticano, vindo na carruagem o nosso ministro o sr. Figueiredo, hoje barão da Alhandra. Estava a tarde tempestuosa, e chovia a cantaros; fôra uma trovoada subita. Iamo-nos aproximando da ponte do Tibre, quando observei a um lado da rua um cavalheiro de aspecto grave, que parecia contrariado por falta de vehiculo, e achar-se já todo alagado em agua. Mandei parar a carruagem, e instei para que se recolhesse a ella; acceitou benevolamente o offerecimento, e por mais que eu insistisse para que elle me dissesse a sua residencia, só consentiu em acompanhar-nos até ao hotel de Roma, onde eu permanecia. Assás se conhecêra durante o trajecto que era um homem de superior instrucção que íamos tratando; qual não foi, porém, o meu agradavel assombro, quando, ao descermos da carruagem, elle me apresentou como agradecimento o seu bilhete de visita; e então vi que o nosso companheiro de digressão era nada menos que Cesar Cantu, um dos escriptores mais fecundos da Italia moderna, o auctor da *Historia da litteratura italiana* e de muitas obras, das quaes sobresae a sua *Historia universal*, o mais volumoso livro d'este genero que no presente seculo a Italia publicou.

Já se vê com que satisfação eu cultivaria tão honrosas relações, devidas ao mais feliz dos acasos, e que ainda depois em Milão vieram a apertar-se.

Foi tambem em Milão que um inesperado concurso de circumstancias me aproximou do celebre poeta italiano, o conde Alexandre Manzoni, a cuja memoria me confesso gratissimo pelo bom acolhimento que me fez, e pela offerta, para mim tão valiosa, das suas obras e do seu retrato.

Não abusarei da attenção do leitor; Roma é a grande cidade dos tempos velhos e novos, mas não é d'ella que este livro tem de occupar-se miudamente. Não ha duvida que para os eruditos, como para os crentes, o espirito acha n'esse grandioso solo o mais substancial dos pastos.

Rebecca, a mais querida das esposas, concebeu conjunctamente a Esaú e a Jacob; e comquanto estivesse na ordem da Providencia a preferencia d'ella para com o ultimo, a mesma Providencia resolvêra contrapôr-lhe os instinctos do primeiro: conteve o mesmo seio dois gemeos de oppostas inclinações; tal Roma contém em seu ventre dois mundos: o antigo e o moderno.

E todavia, com a grandeza d'essas variadas e sublimes reminiscencias, já hoje o meu espirito, habilitado á comparação, contrapõe outras grandezas mais altas, outras mais estupendas sublimidades. Sou padre, sou crente, vi Roma, porém vi Jerusalem; e actualmente aos meus olhos não valem os monumentos do Lacio o pó da cidade do Olivete.

II

Nem mesmo a basilica de S. Pedro, nem a de S. Paulo, nem a de Santa Maria Maior, nem a de S. João de Latrão, nem o amphitheatro Flavio, nem o Pantheon de Agrippa, nem o mausoleu de Adriano, nem a pyramide de Caio Cestio, nem o Fôro Romano, nem a praça do Povo, nem as ruinas do palacio dos Cesares, nem a praça Navona, nem os restos do templo da Paz, nem o esqueleto giganteo do amphitheatro Castrense, nem as thermas de Caracalla, nem o Fôro de Trajano, nem o arco de Septimio Severo, nem a Rocha Tarpeia, nem outras quaesquer magnificencias da antiguidade são já para mim admiraveis. Em dois monumentos, porém, se concentraram em Roma todas as minhas attenções, não por serem mais imponentes que os outros, mas porque me suscitaram profundas meditações, pela recordação da catastrophe mais tremenda de que se faz memoria nos fastos da Nova Alliança: a destruição da cidade deicida, e a dispersão do povo judaico! O primeiro d'estes dois monumentos é o arco de Tito, que repete, nas suas duas inscripções, gravadas por cinzel romano, a antiga prophecia de Daniel, o deicidio do Calvario, o principe estrangeiro, vindo á testa dos seus exercitos destruir Jerusalem e o templo, e levando captivos os filhos de Israel; repete ainda o resultado da luta renhida entre este povo e o Christo de Deus, e mostra a todas as gerações o effeito d'estas palavras fatidicas: «Cáia sobre nós e sobre nossos filhos o seu sangue!»

O segundo é o Circo Flavio ou colossêo, espantoso monumento que attesta a incalculavel degradação da humanidade nos dias do Christianismo nascente; a guerra de morte que o paganismo, no auge do poder, fez á Egreja; o brilho admiravel do milagre que deu victoria ao debil contra o forte, ás victimas contra os algozes; e esta arena sangrenta foi construida pelos judeus prisioneiros de Tito, por aquelles que disseram: «Não temos outro rei senão Cesar!»

Subo muita vez ao Palatino, ao Capitolio, ao Quirinal, ao Celio, ao Aventino, ao Viminal, ao Esquilino, ao Janiculo e ao Pincio; mas que têem que ver essas collinas, aliás famosas, com o Libano, com o Carmello, com o Thabor, com o Hermon, com o Moria, com o Sião, com o Calvario e com o Olivete, nos quaes eu colhi meus ramilhetes de myrrha?

Pela janella septentrional do meu albergue vejo correr o sagrado Tibre; mas suas aguas não são limpidas como as do Jordão. Admiro a Fonte de Trevi e a da Agua Paula; agradam-me, porém, muito mais a Fonte Sellada e a de Siloé.

Percorro a via Apia *(regina viarum)*. Sem duvida o aspecto giganteo de suas ruinas desperta grandes recordações. Se calcando suas lageas seculares, eu digo: «Por aqui passaram os triumphadores romanos seguidos de suas legiões victoriosas, e de rebanhos de prisioneiros escravos»; immediatamente me transporta a imaginação ao caminho de Jerusalem ao Jordão, e digo: «Por alli passou muitas vezes o triumphador dos triumphadores, o poderoso dos poderosos, quando foi receber o baptismo; quando fugiu de Jerusalem; quando voltou da Judéa para resuscitar Lazaro; quando se hospedou em casa de Zaccheo; passou mil vezes.

Se transponho a via Apia, Albano, Aricia, o Fôro Apio, etc., digo: «Logares

celebres são estes!» Immediatamente me transporta a imaginação aos logares mil vezes mais celebres entre Jerusalem e o Jordão, e ao lembrar-me de Jericó, digo: «Eis a famosa cidade das palmas! Eis a primeira conquista do povo de Deus na Terra promettida!» E mais adiante encontro a planicie de Galgala, onde acampou o exercito de Israel, e alem Bethabara, onde o Precursor começou a sua prégação.

E quem não verá nos successos e nos logares da Terra Santa mais suave enlevo da imaginação! Que differentes não são as impressões que nos infunde Jerusalem e Belem das que se recebem no antigo Lacio e na Liguria? Lá as ruinas são melancolicas, mas sympathicas; aqui tudo é grandioso, mas lugubre.

Encantadoras por certo são as villas Borghese, Albani, Panfilia e Torlonia; mas não valem Gethsemani! Remontando alem, lembro-me dos nomes de Numa, Bruto, Sylla, Mario, Cesar, Tarquinio, Scipião, Cicero e Pompeu; lembro-me dos Curiacios, Fabricios, Regulos, Cincinnatos, Camillos, Gracchos, e de tantos heroes que outr'ora me arrebatavam o espirito; hoje, porém, esses nomes já não têem para mim o prestigio da fascinação; cederam o passo aos Abrahãos, ás Saras, aos Isaacs, aos Jacobs, ás Racheis, ás Rebeccas, aos Davids, aos Jeremias, aos Danieis, aos Isaias e ao triplice côro dos Patriarchas, Prophetas e Apostolos.

Mostram-me os sitios que recordam os feitos de Mucio Scevola, de Horacio Cocles na ponte, e da passagem de Clelia no Tibre; mas acho maior delicia em lembrar-me dos Maccabeus, das Deboras, das Judiths e das Jaéis.

Não deixei de subir á cupula assombrosa de S. Pedro, e d'aquella eminencia, divagando a vista em derredor, contemplei o Agro Romano, Tivoli, Frascati, as montanhas da Sabina, a via Flaminia, os campos de Palestrina, os valles de Preneste, de Velletri, de Actium, o monte Cavi, onde Romulo, cercado dos aborigenes, inaugurou a religião do Lacio; Tusculo com as suas villas arruinadas, Tibur com as suas cascatinhas, encostado ás montanhas da Sabina; o Monte Sacro onde Menenio Agrippa acalmou o povo sublevado contra a tyrannia dos patricios; o cume esguio do monte Soracte, d'onde o Papa S. Silvestre foi reconduzido a Roma, não para ser martyrisado como suppunha, mas para baptisar Constantino; as campinas solitarias de Civita Vecchia; o Mediterraneo que se desenha no azul do ceu, como cortina de prata; Ostia que já não vive senão pelas recordações de Agostinho e de Monica; Albano, successora de Alba-Longa; e depois do sepulchro de Cecilia Metella o aqueducto de Claudio, cujas arcadas atravessam toda a campanha romana, e formam o leito aereo da Agua virginal, durante as seis leguas que separam as montanhas de Subiaco da cidade eterna; mais ao longe, as ruinas accumuladas da admiravel villa de Adriano, e o mausoleu da familia Plaucia, e o tumulo de Santa Simphorosa, e seus sete filhos martyrisados por ordem do mesmo Adriano; bem assim os monumentos sepulchraes dos Scipiões, de Seneca, de Horacio, dos Curiacios, e ao oriente os montes Mario e Testacio, e toda a subjacente Roma com os seus historicos arredores.

Mas que differença entre esta e a vista em Jerusalem do monte das Oliveiras, abrangendo as ruinas de Tecua, os ondulantes cabeços de Hebron, os visos de Ramathaim-Sophim; o deserto da Arabia Petrea, onde estanciaram os israelitas por espaço de quarenta annos; o deserto de Sur, na extremidade do mar Vermelho, onde Agar se occultou; o deserto de Pharan, onde Ismael residiu; o deserto de Cadés e de Bersabéa, onde limitam os confins meridionaes da Terra promettida; o

deserto Ziph e o de Maon, nas praias do Mar Morto; o deserto de Santa Maria Egypciaca nas faldas dos montes de Galaad, e o deserto de Caleide, ou de S. Jeronymo!

Nem o oiteiro dos pomares em Roma tem que ver com os hortos fechados de Salomão; nem o valle Celimonte com o de Terebinto; nem as portas de Roma com as innumeraveis de Jerusalem; nem a tribuna de Marco Tullio com a do Pretorio de Pilatos; nem o sepulchro de S. Pedro com o de Jesus Christo.

E sabeis porque assim é? É porque Roma falla ao entendimento, e Jerusalem ao coração; porque as obras romanas são dos homens, e as da Terra Santa são de Deus. Pontes, arcos, estatuas, saxeos monumentos, que os romanos edificaram por ambição do seu nome, ou por ornamento do seu dominio universal, não foram, por fim de contas, senão joguetes do tempo voluvel, que leva o arado dentro das portas de Thebas, e abre sulcos profundos nas muralhas de Troia.

Não assim, porém, a Terra Santa. Ainda quando os seculos fugazes não deixassem subsistir senão pedras e espinhos n'aquellas regiões, sobre essas mesmas pedras e espinhos se elevará sempre gloriosa a imagem de Jerusalem.

Passando agora a considerar as magestosas ruinas da antiguidade, posso dizer que as da Terra Santa são tão admiraveis que nada têem que invejar a estas de Roma. Assim, por exemplo, as de Balbek são muito mais imponentes que as do colossêo; o labyrinto de Tecua muito mais admiravel que as catacumbas de S. Sebastião e de S. Pancracio. Os tumulos dos Reis de Judá, dos Juizes e dos Prophetas são muito superiores aos dos Claudios e dos Scipiões; os tanques de Salomão ás thermas de Agrippa, Tito, Diocleciano ou Caracalla. Os proprios aqueductos que da Fonte Sellada conduziam agua a Jerusalem, são mais grandiosos que os que levam as aguas ao monte Cavallo; e as mil cisternas excavadas na pedra viva, e as mil grutas formadas por entre as entranhas dos montes; e os mil sepulchros abertos na rocha primitiva, que a cada passo se topam na terra de Judá, nada d'isso vi na cidade eterna, para onde aliás foram transportados todos os despojos do mundo conquistado.

Diz-se que em Roma os dias da Paixão se denominam a *Grande Semana*, porque em parte nenhuma do universo esta semana é tão grande, nem tão santa. São, porém, ainda maiores sem duvida, ainda mais santas as ceremonias que durante estes memoraveis dias se realisam em Jerusalem, no proprio logar dos acontecimentos; e mais Jerusalem é escrava dos turcos! No seu estado de pobreza e ruina, que sumptuosidade humana póde ella dar aos seus augustos mysterios? Alem d'isso, Jerusalem não tem nem as innumeras ondas de peregrinos, idos das extremidades do mundo, e cuja presença anima, engrandecendo-as, as festas do Christianismo, nem o Pontifice Supremo, que do alto do seu throno immortal abençoa seus filhos prostrados diante d'elle, nem a lança, nem a corôa de espinhos, nem a Cruz do Homem-Deus, nem os cravos, nem a columna, nem outras memorias da Paixão.

É verdade; existem em Roma esses signaes poderosos que agitam até a ultima fibra do coração; existe todo esse conjuncto magico de monumentos e de recordações que, evocando de seus tumulos os seculos pagãos e os seculos christãos, os faz assistir comvosco ao drama do Calvario, ao passo que se apodera de todas as faculdades da alma, e successivamente as eleva até á bondade de um Deus moribundo, ou as abaixa até á malvadez da Judéa deicida: em Roma, emfim,

canta-se ao Offertorio, por motete, parte do *Stabat* de Palestrina, obra prima do pathetico e da harmonia, que não se ouve senão na egreja de S. Pedro, e n'aquelle dia.

É verdade, sim, que em Roma existe hoje o berço do Senhor, mas falta o Presepio; existe a mesa em que foi instituido o Santissimo Sacramento, mas falta o Cenaculo; existe a columna da Flagellação, mas falta o Lithostrotos; existe a escada santa, mas falta o Pretorio; existe a inscripção da Cruz, mas falta o Calvario; existe o santo Lenho, mas falta o santo sepulchro; existem objectos inanimados, mas falta o ambiente.

É verdade que em Roma vejo triumphante um Archanjo sobre o mausoleu de Adriano, ao passo que em Jerusalem vi fluctuando o crescente sobre o tumulo de David; em Roma as columnas que serviram para ornar o templo da Paz e celebrar as façanhas de Trajano e de Antonio, preconisam agora os triumphos da Soberana Mãe de Deus, do Principe dos Apostolos e do Doutor das nações, emquanto na Terra Santa as mesmas torres, cujos sinos convidavam outr'ora os fieis para as sagradas funcções, hoje servem de minarete, d'onde convidam os turcos aos sequazes de Mahometh para os seus salamalés.

É verdade que no monte Palatino, onde o pastor Faustulo abrigou os meninos Romulo e Remo, e onde habitaram posteriormente Quinto Catulo, os Gracchos, Marco Antonio, Cicero, Hortensio, Octaviano Augusto, e depois os Tiberios, os Caligulas e os Neros, hoje se venera o nosso bemaventurado Leonardo de Porto Mauricio, e outros; ao passo que em Sião, no Moria, aonde desceu a magestade de Deus ao templo de Salomão, se ostenta hoje a mesquita de Omar.

É verdade que nas sete collinas, onde assentava seu throno a rainha do paganismo, e onde abundavam templos gentilicos, vemos hoje egrejas dedicadas ao verdadeiro Deus.

Ao passo que vejo em Roma o adoravel estandarte da Cruz fluctuar arvorado no obelisco Lateranense, outr'ora dedicado ao sol, em Thebas, pelo rei do Egypto Rhamses; ornar a praça do Vaticano o obelisco egypcio, que fôra dedicado a Augusto e a Tiberio no circo de Caligula; coroado com a Cruz o obelisco do Esquilino, que havia servido de ornamento ao mausoleu de Augusto no campo Marcio; o obelisco da praça do Povo, mandado vir de Heliopolis por Augusto para honrar as falsas divindades, servir hoje de triumpho ao Crucificado; ornamentar a egreja da Trindade dos Montes obelisco magestoso, que pompeava outr'ora nos jardins de Sallustio; o obelisco do Quirinal, que do mausoleu de Augusto passou a sustentar aquelle vexillo que inspirou a fé e assegurou a victoria a Constantino; os dois obeliscos do Pantheon, que depois de terem ornado os templos de Isis e Serapis, no Egypto, servem para fim muito mais sublime... oh! sinto profundamente que, ao passo que vejo todas estas Cruzes triumphantes em Roma, nem uma só podesse ver em cada um dos montes sobre que é fundada a cidade de Jerusaem, a verdadeira cidade da Cruz. Mas alli a Cruz traz-se esculpida no coração, e isso basta para preferir Jerusalem a Roma! Quando Roma cair, levantar-se-ha Jerusalem. Quando Roma, lá no fim dos tempos, tornar a cingir o diadema da prostituta Babylonia e empunhar a taça da embriaguez, Jerusalem tornará a ser a cidade de Deus, e os tabernaculos de Jacob receberão reunido o disperso rebanho do Pastor unico.

É por isso que S. Jeronymo, comparando a simplicidade de Belem com a ma-

gnificencia de Roma, não póde deixar de preferir aquella a esta, bradando com o filho de Amós:

«Surge, surge, reveste-te de tua fortaleza, ó Sião! Cobre-te com as vestes da tua alegria, ó Jerusalem, cidade santa! Porque o incircumciso, o immundo nunca mais atravessará tuas ruas! Levanta-te do pó, surge, assenta-te, Jerusalem! Sacode do collo o jugo, ó escrava, filha de Sião! Foste vendida sem dinheiro, diz o Senhor, e sem dinheiro serás resgatada... Alegrae-vos, desertos de Jerusalem! O Senhor consolou o seu povo, o Senhor vos resgatou.

«E quando não houver mais ceu, nem terra, nem mar, crear-se-ha, diz o Anjo de Patmos, novo ceu, nova terra e novo mar, e então se verá a cidade santa, a nova Jerusalem descer do ceu preparada como noiva que se atavia para o esposo.»

O que tenho dito de Jerusalem em particular estende-se a toda a Terra Santa, onde se não podem abrir os labios para louvar o Senhor, nem volver os olhos, nem dar um passo, nem fixar o pensamento, sem pronunciar, ver e pensar alguma cousa santa. E na verdade, em que logar foram inspiradas as divinas preces que recitam cada dia em todas as partes do mundo os sacerdotes na missa, as virgens nos coros, e toda a congregação dos fieis, já nas egrejas publicas, já nas casas particulares, já nos desertos; onde, repito, foram essas preces inspiradas, senão n'aquella memoranda Terra? Alli está Sião, onde o Rei penitente compoz aquelles maviosos psalmos, que resoam dia e noite em todas as linguas, em todos os templos da Christandade; alli está a gruta, onde Jeremias dictou aquellas melancolicas lamentações, que penetram todas as fibras do coração, quando as ouvimos cantar nos Officios das Trevas. Aqui foi pronunciado pelo Anjo Gabriel o *Ave, Maria;* acolá a Virgem Santa improvisou o sublime cantico da *Magnificat;* no mesmo logar o mudo Zacharias prorompeu no *Benedictus;* alli os Anjos entoaram pela primeira vez o *Gloria in excelsis Deo;* alli o velho Simeão, transportado de jubilo, soltou o cantico: *Nunc dimittis, Domine;* foi alem que o Baptista, vendo Jesus, exclamou: *Ecce Agnus Dei;* em outra parte o centurião cheio de humildade disse ao Senhor: *Domine, non sum dignus;* sobre aquelle monte o Divino Mestre ensinou o *Pater noster;* n'aquelle valle as meninas hebréas cantaram o *Benedictus qui venit in nomine Domini;* junto áquella cisterna compozeram os Apostolos o *Credo;* em cem logares os Prophetas vaticinaram o futuro.

Se do ouvido passâmos á vista, oh! quantas sublimes imagens não acham os olhos do corpo na Terra Santa, para transmitti-las aos da alma! Quantos passos da Escriptura não recorda a simples vegetação! Se vedes um cedro, lembraes-vos do templo de Salomão, construido com cedros do Libano; se vedes um carvalho, lembraes-vos do de Mambré, e d'aquelle de cujos galhos ficou suspenso Absalão; se vedes uma aroeira, lembraes-vos da historia de Susana; se um sycomoro, lembraes-vos d'aquelle de cima do qual fez Jesus descer Zaccheu; se uma figueira, lembraes-vos, não só d'aquella debaixo da qual estava Nathaniel, como da que foi amaldiçoada por Christo; se um terebinto, lembraes-vos d'aquelle junto ao qual sepultou Jacob os idolos de suas mulheres, perto de Sichem; se uma videira, lembraes-vos de Engaddi; se um cacho de uvas, lembraes-vos dos exploradores de Moysés; se um junipero, lembraes-vos d'aquelle sob cuja sombra se acolheu Elias, quando fugia das iras de Achab; se um rhamno, lembraes-vos d'aquelle de cujos espinhos foi tecida a corôa do Redemptor; se uma veiga florida, lembraes-vos d'aquella de José; se um cypreste, lembraes-vos d'aquelle de Sião; se uma pal-

meira, lembraes-vos d'aquella de Cadés. Alli está a oliveira dos campos, o platano das praças, o cinamomo odoroso; aquelle é o nardo, aquelle o junco palustre, aquella a açucena, aquella a myrrha, aquelle o aloes.

Que mais? Se moveis o pé, calcaes a rosa de Jericó, as lentilhas de Esaú, as espigas de Ruth, o cardo do Libano, o lirio dos valles, as flores dos campos, a mandragora de Lia, o hyssope de David, com todos os aromas que as sagradas paginas exaltam.

A par dos vegetaes são dignos de attenção os entes irracionaes, tanto os mais ferozes quanto os mais mansos, tanto os mais espertos quanto os mais estupidos. Se ouvis rugir o leão, lembraes-vos do de Judá; se bramir um urso, lembraes-vos dos que saíram da selva, para despedaçar os meninos que escarneciam de Elyseu; se encontraes uma caravana de dromedarios e de camellos, lembraes-vos d'aquelles de Madian e de Epha; se vedes um armento, lembraes-vos do de Cedar e dos touros de Nabaioth; se ouvis balar um cordeiro, lembraes-vos do cordeiro paschal; se vos aproximaes de um aprisco, lembraes-vos das ovelhas de Jacob; se ouvis ganir um cão, lembraes-vos do de Tobias; se vedes um asninho, lembraes-vos d'aquelle em que foi transportado Jesus, no Domingo de Ramos; se ouvis regougar uma raposa, lembraes-vos das de Sansão; se vedes voar um corvo, lembraes-vos d'aquelle que levava pão a Elias; se uma andorinha, lembraes-vos d'aquella que cegou ao mesmo Tobias; se um pardal, lembraes-vos do solitario que se aninhava nos tectos do templo; se ouvis gemer uma rola ou arrulhar um pombo, lembraes-vos da offerta que fez a Virgem Santa ao templo no dia da sua apresentação; e isto se póde dizer de todos os animaes quadrupedes, bipedes e aquaticos.

Os mesmos entes inanimados fallam na Terra Santa ao coração, e lhe fazem com muda eloquencia scismar em algum mysterio, ou em algum successo da Escriptura. Se vedes á noite scintillar uma estrella mais do que as outras, lembraes-vos da de Jacob, ou d'aquella que encaminhou os Magos ao Presepio de Belem; se vedes algum poço, parece-vos ser um dos muitos excavados por Isaac; se vedes uma velha cisterna, afigura-se-vos ser aquella a que foi lançado José por seus irmãos; se um tanque proprio para nadar, occorre-vos o de Siloé; se uma piscina, aquella junto á qual Jesus curou o paralytico; se um reservatorio, os de Salomão; se uma fonte, a dulcificada por Elyseu; se um lago, aquelle em que pescaram os Apostolos; se uma torrente, a de Cedron; se penetraes n'um valle, o de Josaphat; se subis ao cume de algum monte, tendes á vista o theatro de todos os mais estrondosos successos da Antiga e Nova Alliança; se costeaes alguma collina, parece-vos ouvir o som da flauta do Propheta Amós; se contemplaes algum oasis, lembraes-vos do prado onde David ensaiava as harmonias da sua harpa; e em todos os montes, em todos os valles, como nas margens de todos os lagos, se vos afigura ver a sombra de algum Patriarcha, ou de algum Propheta, ou de um Apostolo banhado em suor pelas fadigas da evangelisação.

Tudo isto encerra em si tal poesia, que nenhum paiz do mundo, por mais pittoresco e celebre, a poderá inspirar. Entretanto nada mais tenho feito do que apresentar-vos montes e valles, rochedos e grutas, animaes e plantas. Que direi dos feitos do Homem-Deus na Terra Santa? Prescindindo de todos os sublimes mysterios da Encarnação, Natividade, Transfiguração, Paixão, Morte, Resurreição e Ascensão, que se celebram em Roma com pompa e magnificencia verdadeiramente

romana, e que em Jerusalem se festejam com simplicidade, alegria e ternura indiziveis; prescindindo de todos os Sacramentos, que em Roma se administram com a maior solemnidade, e que na terra onde foram instituidos são administrados com singelo acatamento; prescindindo da doutrina do Evangelho, que em Roma se annuncia com todas as louçanias da eloquencia, e na Terra Santa com toda a sua original simplicidade; prescindindo de tudo isso, bastaria sómente a lembrança dos milagres do Redemptor, para se poder dizer que em Roma se conversa no centro do orbe catholico, mas em Jerusalem se conversa no ceu; que Roma, rainha das artes, asylo dos pobres, é ainda, e n'um sentido mil vezes mais nobre que a Roma de Augusto, mãe dos homens e creadora das nações: *Alma parens frugum... magna virum*. Catholica, tal é o signal distinctivo da fé, cujas luzes descem incessantemente das reaes collinas; catholica, tal é tambem o sêllo dominante da caridade romana, filha e mãe da fé. Hontem viamos a Roma pagã, exaltando até ao paroxismo o orgulho dos seus triumphadores; hoje nos é dado ver a Roma christã ensinar aos principes a abnegação e a humildade. No Capitolio da Roma pagã um escravo era obrigado a repetir ao vencedor: «Lembra-te de que és homem»: no Vaticano christão, os Vigarios de Jesus Christo diziam aos principes eleitos: «Lembrae-vos de que deveis sacrificar pelos homens, vossos irmãos, a propria vida, se necessario fôr».

Tudo isso é verdade, repito; em Roma fallam os oraculos de Christo; mas na Terra Santa falla o mesmo Christo pela voz de seus prodigios, perpetuada pela voz da tradição viva dos proprios logares onde se operaram.

CAPITULO III

I. Resolução de ir ao Oriente.—II. Saída de Roma. S. Germano e o Monte Cassino. III. Napoles.—IV. Messina. Reggio. Catania.—V. Syracusa

I

Tinha eu visto Roma. Apavorava-me a idéa da colossal empreza de uma viagem ao Oriente; tantas eram as difficuldades que se me narravam, que eu pouco affeito, e ainda menos apto para vence-las, começára a esmorecer ante a realisação d'aquelle plano, que já se me ia convertendo em utopia. Acoroçoado, porém, pelo nosso venerando compatriota, o sr. bispo do Rio Grande, abalaram-se-me as disposições; a cada obstaculo que eu lhe expunha, respondia s. ex.ª, removendo-o e asseverando-me que a sua experiencia d'aquella jornada o tinha certificado de que taes obices eram mais phantasticos do que reaes.

Um dia em que deramos um passeio a Frascati, e em que alli nos achavamos contemplando o formoso quadro que ante nós se desenrolava, aquelle numero infinito de villas, e por sobre todas a Piccolomini, a outra bellissima construida para a familia Aldobrandini, e que depois pertenceu á familia Borghese; a villa Ruffinella, onde Luciano Buonaparte fez tão notaveis excavações; a villa Mondagrona, cujo enorme palacio tem mais janellas do que o anno tem de dias, mas hoje caído em ruinas; e finalmente o soberbo panorama que se goza da encosta d'aquella collina, sobre cujo viso se alevantava outr'ora a famosa Tusculo; estavamos nós admirando em commum aquellas magnificencias da natureza e da arte, e a reunião se compunha não só de nós ambos, como de alguns outros amigos, quando eu já cheio novamente do pensamento que tão vivo me actuava, exclamei: «Pois que! Atravessámos oceanos e cordilheiras, vindo do mundo novo á velha Europa; tem-se cada um de nós occupado de admirar por toda a parte as obras profanas dos homens; visitámos a Roma christã, sem todavia desprender tambem vistas da Roma gentilica: estamos n'este mesmo momento espraiando olhos por sobre o mais ameno dos horisontes, mas em que nada falla senão á materia, ou á mais caduca das historias; e, viajantes ousados para a satisfação de meras curiosidades terrestres, havemos de hesitar em proseguir na jornada até ao berço da christandade? Namora-nos o horisonte que descortinaram Aldobrandinis e Borgheses, e não nos ha de enamorar o solo que pisou o Redemptor, o chão sobre que se ergueu a Cruz Sacrosanta? Amigos! Tendes um companheiro; partamos para Jerusalem».

Converteu-se sem demora o nosso plano em realidade.

Organisámos uma caravana, em que entravam o reverendo dr. Urbano Monte, brazileiro, e os portuguezes dr. Grainha, medico, e fr. João de Santa Gertrudes, benedictino fluminense; e superintendida a nossa caravana pelo sr. bispo do Rio Grande, a cuja cooperação principalmente se deveu a realisação do projecto, apressámos a nossa partida.

Pois que em muitos dos logares de que passo a fallar, estive novamente por occasião do meu regresso, e não tornarei a fallar d'elles, aqui direi algumas cousas que observei, fosse na ida, fosse na volta.

II

No dia 29 de março pozemo-nos a caminho pela estrada de ferro; e a cada passo nos iam os conhecedores das localidades apontando sitios memoraveis por famosas tradições. Deixando á direita as Lagôas Pontinas, e o logar onde se affirma que umas ruinas ahi existentes são de um palacio, residencia de Pilatos, proseguimos até S. Germano, cidade sita nas raizes do Monte Cassino. Fica o Monte Cassino na estrada de Roma a Capua, entre esta ultima e o Arpino, patria de Cicero. Ahi se vêem bellas ruinas de um amphitheatro, e a casa de Varrão, depois possuida por Marco Antonio. Occupava outr'ora a encosta uma floresta consagrada a Venus, havendo no alto um templo de Apollo. Quando porém S. Bento alli foi prégar o Christianismo, queimou a floresta da impudica deusa, derruiu o templo apollineo, e sobre as suas ruinas ergueu uma capellinha a S. João Baptista, sitio onde depois se levantou a sumptuosa basilica actual. Alli falleceu e foi sepultado S. Bento, e eu tive a satisfação de celebrar missa no altar superposto ao seu tumulo; missa a que assistiram noventa meninos collegiaes do mosteiro, todos uniformemente vestidos de tunicas vermelhas e de sobrepellizes, cada um d'elles com a sua tocha na mão, sendo ajudada a missa por quatro, e dando elles o mais notavel exemplo de recolhimento. Nos dias que alli estive, á volta, visitei os antigos archivos e bibliotheca, onde existe grande numero de documentos preciosos, entre os quaes um excellente manuscripto da *Divina Comedia* do Dante, que remonta ao anno de 1343; uma curiosa collecção de musica antiga, cartas de Mabillon aos monges do Monte Cassino, innumeros diplomas, e outras muitas riquissimas producções do engenho humano; servindo-me de guia n'este exame o insigne historiador padre mestre Tosti.

Com effeito, este magnifico repositorio que, embora alternado por vicissitudes, tem servido ha quinze seculos para successiva guarda de preciosidades, tem sido para o mundo das lettras o que a arca biblica foi para o mundo dos homens; porque á conservação n'esses archivos se deve grande copia de ineditos, manuscriptos e publicações de inexcedivel valor.

III

Seguimos para Napoles, essa admiravel cidade, cujo golfo limitam os cabos Miseni e Campanella, e as ilhas de Capri, Ischia e Prócida; porto cuja belleza ape-

nas outros quatro podem disputar: Constantinopla, Genova, Lisboa e Rio de Janeiro. Descrever essa formosa região seria para mim um enlevo, e nos tres dias que alli me demorei, e outros tantos na volta, não perdi um instante de examina-la. Ás muitas attracções da cidade se juntou para mim, brazileiro, a sympathica circumstancia de quasi não fallar com um napolitano, que não me interrogasse avidamente ácerca da sua querida concidadã, a Senhora Imperatriz D. Thereza, que, do mesmo modo que no Brazil é considerada como um Anjo tutelar, é n'aquellas terras lembrada com saudade vivissima, e com a inalteravel admiração das virtudes que desde a idade mais tenra a distinguiam.

Não é possivel, porém, demorar-me descrevendo miudamente tantos objectos dignos de nota, taes como as soberbas ruas de Toledo, Santa Luzia e Chiaja, as praças do Castello, do monte Olivete e do Espirito Santo, ornadas todas de fastosos monumentos; o vastissimo reclusorio, ou asylo de mendicidade, o palacio dos estudos com o museu Bourbon, onde se acham no pavimento inferior as mais bellas pinturas e mosaicos recolhidos de Herculanum e Pompeia, assim como o Hercules Farnesio, a Flora e outras estatuas antigas. No primeiro pavimento d'este museu admira-se uma collecção de vasos etruscos, uma galeria de paineis, a sala dos papyros, contendo os manuscriptos de Herculanum, com o apparelho empregado para os desenrolar; e emfim a bibliotheca real com 150:000 volumes e multidão de manuscriptos. Não descreverei os theatros de S. Fernando e de S. Carlos, a cathedral de S. Januario, cujo perystilo é ornado de duas columnas de porfiro, e a nave sustentada em 110 antigas columnas de marmore e granito; debaixo do seu altar mór jaz o corpo de S. Januario, cujo sangue se conserva n'uma capella particular, em duas garrafas, e segundo a crença geral, se liquefaz tres vezes por anno: a 6 de maio, 19 de setembro e 16 de dezembro, da mesma fórma que succedeu antes das erupções do Vesuvio e de outras calamidades.

Poderia o meu leitor acompanhar-me a Pausilippo e á sua notavel gruta; ao lago de Agnano; ás thermas de S. Germano; á gruta do Cão; ao valle vulcanico de Solphatara; ao encantador Pozzuoli; ao Monte Novo, que em 1538 surgiu após um terremoto; a Baias, tão rica em recordações mythologicas e historicas; ao antro da sybilla de Cumas; ao lago Lucrino e Averno; ao Vesuvio, a Herculano e Pompeia; a Portici e Caserta Nuova... Mas já se vê que dimensões tomaria o meu livro, e essas me são defezas.

IV

Embarcámo-nos em um vapor em direcção a Messina, tendo por companheiros, entre outros, o grão-duque e a gran-duqueza de Mecklemburgo, e mais personagens da sua côrte.

Atravessámos aquella Sylla e Carybdes, tão afamada, e que hoje tem grandemente abrandado as suas iras. Todo o siculo mar offerece um prospecto um pouco diverso do ordinario. A entrada do porto faz lembrar toda a encosta do morro de Santa Thereza e Paula Mattos; com effeito, a cidade é cercada de uma columna de rochedos com fórmas abruptas. O seu excellente porto, encerrado por uma lingua de terra que avança ao mar, poderia bem conter mil navios; é provido de dois pharoes e defendido por uma cidadella e fortes. Divide-a o Corso em cidade de

mar e cidade de montanha; corre ao longo de toda a praia a rua Marina com perto de duas leguas de comprido. Vêem-se ahi varias praças excellentes, e as ruas são calçadas de lava; bastantes egrejas, sendo a mais notavel a antiga Sé, onde eu disse missa. Possue diversas bibliothecas ricas, e um vasto hospital chamado Loggia. Goza-se no convento de S. Gregorio a mais formosa vista para o estreito e para a costa da Calabria. Esta cidade é tambem celebre para nós, porque foi alli que aportou, depois de naufragado nas costas da Sicilia, o grande Santo Antonio, que, depois de haver passado annos na solidão e praticas da penitencia, sentindo-se acceso do desejo de dar a vida por Christo, impetrou dos superiores lhe permittissem ir prégar o Evangelho aos mouros de Africa: partiu, mas adoecendo, teve de fazer a viagem em que assim naufragou.

O nosso Vieira fallando d'esta arribada, diz: «Do rio de Lisboa saiu Antonio, e derrotado da tempestade, foi aportar a Italia, para ser a luz da Europa. Do rio de Lisboa saíram os portuguezes, e medindo a Africa, descobrindo a America, chegaram com a luz do Evangelho até aos fins da Asia, para que allumiando Antonio a melhor parte do mundo, e allumiando os outros portuguezes as tres maiores partes, na união de todas as quatro se devesse inteiramente ao nome portuguez o titulo de luz do mundo».

Tive a satisfação de encontrar em Messina o meu velho amigo, o capuchinho fr. Placido, que em Pernambuco deixou o mais respeitavel nome, pelos serviços que prestou á Religião e ao estado, quando prefeito d'aquella missão. Foi elle quem nos acompanhou constantemente, guiando-nos em nossa visita, e procedendo para comnosco do modo mais benevolo e hospitaleiro.

É tambem a cidade natal do meu dilectissimo amigo fr. Caetano de Messina, que ha trinta e tres annos tem exercido os cargos já de prefeito, já de commissario da sua ordem; sendo um dos estrangeiros a quem o Brazil tem devido os mais valiosos serviços.

E porque não devo voltar á descripção d'esses logares, aqui direi que á volta estive tambem na proxima cidade de Reggio, que demora do lado opposto, na extremidade sueste da Italia.

Diz S. Lucas nos Actos dos Apostolos: «Decidiu-se que Paulo fosse entregue com os outros prisioneiros ao centurião Julio, da cohorte augusta... Embarcámos n'um navio de Alexandria, que tinha por insignia *Castor* e *Pollux*. Costeando, chegámos a Reggio».

Accrescenta a tradição ininterrupta de dezenove seculos que o navio acabava de lançar ancora na praia de Reggio. Toda a cidade, á vista da insignia de *Castor* e *Pollux*, acode para render homenagem ás suas divindades queridas. Paulo, que não perdia occasião de annunciar o Evangelho, rompeu contra essa idolatria e poz-se a fallar; mas os barbaros, não o comprehendendo, começaram a retirar-se. Paulo supplica ao povo que fique e o escute poucos instantes, isto é, tanto espaço de tempo quanto uma pequena véla levasse a consumir-se. Param: Paulo accende a luz, e colloca-a sobre uma columna de granito a que se amarravam os navios. Em breve se acaba a véla; porém eis que á columna pega fogo e se converte em archote. Impressionados os habitantes de Reggio proclamam a Paulo homem divino, e pedem para abraçar sua doutrina. Paulo baptisa alguns e dá-lhes por bispo Estevão de Nicéa, um dos seus companheiros. Reggio abraça a lei de Christo. Em agradecimento de tanta felicidade, edifica uma egreja no mesmo sitio do milagre,

que é attestado pelo troço da antiga columna collocado sobre o altar, com um hymno que começa:

Ave, columna nobilis,
Electro et auro ditior,
Illaque Moysis ignea
Columna fortunatior.

Vogámos para Catania, importante cidade da Sicilia, illustre nos fastos da historia, e conhecidissima pelo famoso Etna, a cujas faldas foi edificada, sendo por elle tres vezes destruida.

Ahi passámos quasi um dia examinando-a cuidadosamente. Se outras glorias religiosas lhe faltassem, bastaria para seu nome eterno, ter sido ahi que Santa Agatha derramou o sangue pela fé. Affirma-se que S. Pedro na era de 44 ordenou a S. Beryllo de Antiochia e o fez primeiro bispo de Catania.

Esta cidade do mar Jonio, á qual dão o sobrenome da Bella, preside a uma re gião fertil e admiravelmente cultivada, a que chamam celleiro da Sicilia. Ha uma vasta praça denominada do Elephante, por ter no meio um elephante de lava esculpida. É digno de nota o mosteiro dos benedictinos de S. Nicolau, com uma grande escadaria de marmore, bibliotheca, e museu de pedaços de lava, e mil outros objectos. Conserva-se ainda um amphitheatro, um templo de Ceres, thermas, um aqueducto e uma naumachia, tudo desenterrado pelo generoso principe Biscari.

V

Seguimos a nossa viagem e fomos aportar á proxima Syracusa, onde tambem passámos quasi um dia, em que empregámos deliciosamente as horas. Esta cidade, que nos tempos do seu esplendor chegou a contar trezentos mil habitantes, e comprehendia quatro cidades, cada uma cercada de muros, é talvez a mais memoravel da Sicilia. Na ilha de Ortigia, sita no seu porto, corria a fonte Arethusa; alli se elevava o palacio regio, depois residencia dos governadores romanos. Tambem diz a tradição que na mesma era de 44 S. Pedro ordenou, e mandou como bispo para prégar em Syracusa o Evangelho, o seu discipulo Marciano, que, segundo parece, alli soffreu o martyrio pelos annos 68.

É n'este logar que existia a maior parte das celebres Latomias, ou prisões subterraneas cavadas na rocha, as quaes tinham um estadio de comprimento por dusentos passos de largura; a cada carcere ia dar um longo tubo, que partia de um gabinete central, conhecido pelo nome de «orelha de Dionysio», d'onde se affirma que Dionysio, o tyranno, podia ouvir tudo o que os prisioneiros diziam[1]. Alli esteve encarcerado o poeta Philoxene, por não ter querido louvar os versos d'este principe; este logar chama-se hoje as Talhadas. Ainda se vêem as colossaes ruinas

[1] «Refere Valerio Maximo que, no tempo em que Dionysio reinava n'esta cidade, estava Diogenes á porta, ou á bôca da sua cuba, lavando umas hervas para comer, e disse-lhe um dos que passavam: «Se tu aduláras a Dionysio, não comêras hervas: *Si tu Dionysio adulari velles, ista non ederes.*» E Diogenes respondeu: «E se tu te contentáras com comer hervas, não aduláras a Dionysio: *Si tu ista edere velles, Dionysio adulari nolles.* Porque os reis se não servem de homens que se contentem de comer hervas; por isso estão comidos de aduladores, e cercados de inimigos». (Vieira.)

das muralhas, em frente para o mar, por traz das quaes se defenderam os syracusanos contra o exercito do consul Marco Claudio Marcello; sendo por esse tempo que floresceu Archimedes ahi nascido, o maior mathematico e mechanico da antiguidade, aquelle que descubriu a fraude da falsificação da corça de oiro, comparando a quantidade de liquido deslocado por cada massa de metal. Mostrou-se-nos o logar onde este homem admiravel foi morto sob as mais sympathicas circumstancias. Já o velho mathematico havia produzido uma verdadeira revolução na sciencia, já na theoria e nas applicações praticas elle a havia propellido para muito alem dos terminos em que a encontrára. Pesavam-lhe já setenta e quatro janeiros sobre a magestosa fronte, quando os romanos fizeram o cerco de Syracusa, e esse homem se preparou para coroar seus herculeos trabalhos com outros ainda mais assombrosos e meritorios. Já a guarnição abatida por derrotas reiteradas, e desesperando de resistir ás forças de que Marcello livremente dispunha, ia capitular, quando Archimedes se apresentou a infundir-lhe valor e esperança. Fez construir para este fim variadas machinas proprias para arremessar tiros e pedras a grandes distancias; havia-as que levantavam as galés romanas por meio de um croque, e deixando-as depois caír, as abysmavam nas ondas, ou as espedaçavam contra a rocha; muitos dizem que Archimedes queimava os navios dos sitiadores a certa distancia, servindo-se para isso de um espelho ardente. Os sitiados, que já se tinham defendido tres annos, acabariam talvez por cansar os inimigos; mas um dia de festa consagrado a Diana desampararam os baluartes, para se entregarem aos prazeres; os romanos escalaram os muros e saquearam a cidade. Bem ordenava Marcello que poupassem os dias de Archimedes, mas um soldado penetrando na sua morada, e impacientado por não obter resposta do ancião, que insensivel ao estrondo continuava a traçar figuras geometricas, atravessou-lhe a espada pelo corpo.

Achando-me em Syracusa, era impossivel deixar de lembrar-me das orações de Cicero contra Verres, em uma das quaes o grande orador, estabelecendo uma serie de antitheses entre Verres e Marcello, e ao mesmo tempo descrevendo a cidade, assim se exprime: «Nenhum de vós haverá que não tenha ouvido muitas vezes, ou lido em nossos annaes, como foi conquistada Syracusa por Marcello. Comparae agora esta com aquella guerra, a chegada d'este pretor com a victoria d'aquelle general, o invencivel exercito d'este com a infame cohorte d'aquelle, a continencia de Marcello com a dissolução de Verres, e direis: aquelle que a conquistou, foi o seu fundador; e este que a encontrou fundada, foi o seu conquistador! A praça de Syracusa, onde na entrada de Marcello não houve mortes, com a chegada de Verres nadou em sangue innocente; porto onde nunca poderam penetrar armadas nossas, nem de Carthago, esteve aberto aos piratas emquanto elle foi pretor. Não fallo na oppressão dos bons, nem nas virgens violadas; atrocidades que se não tinham dado na invasão da cidade, nem por furor dos inimigos, nem por licença militar, nem por costume da guerra, nem por direito da victoria; deixo tudo isso que Verres no seu triennio praticou; escutae só o que tem connexão com o que primeiro ia dizendo. Não raro tereis ouvido ser Syracusa a maior e mais formosa de todas as cidades da Grecia; e por certo, senhores, que a fama não excede a verdade, tanto por estar em sitio mui seguro, e pelo prospecto que offerece a quem a observa, ou do mar ou da terra, como por ter os portos embebidos dentro do seu recinto, e quasi junto aos alicerces

das casas, onde todos veem formar um só e unico porto. A parte da cidade que está onde os portos se ajuntam, e se chama ilha, é rodeiada do mar e une-se á cidade por uma ponte.

«Tamanha é sua extensão que parece formar quatro grandes cidades, das quaes uma é a ilha de que fallei, a qual se estende entre dois portos desde a embocadura de um até á do outro; n'esta está o palacio d'el-rei Hieron, residencia dos pretores; ahi se encontram muitos templos, mas entre elles dois mais sumptuosos, um de Diana, outro de Minerva, que antes da entrada de Verres estava preciosamente ornado. No extremo da ilha ha uma fonte de agua doce, que tem por nome Arethusa, com um tanque de portentosa grandeza cheio de peixes, o qual todo ficaria coberto da agua do mar, se não se mettesse de permeio um dique de pedra.

«Chama-se á segunda cidade Achradina, onde se vê uma praça espaçosissima, tres bellos porticos, um sumptuoso Prytaneo, uma casa senatorial magestosa, e um templo magnifico de Jupiter Olympico; o resto da cidade consta de uma rua mui larga, que a atravessa em todo o comprimento, e á qual vão dar muitas travessas, onde ha casas particulares.

«A terceira cidade chama-se Tycha, por ter alli havido antigamente um templo da Fortuna; possue um amplissimo collegio, e muitas casas de devoção, e é de todos o mais povoado bairro.

«A quarta cidade, emfim, que se edificou mais modernamente, chama-se Neopolis, em cujos extremos se acha um grande theatro; tem dois soberbos templos, um de Ceres, outro de Libera; e uma estatua de Apollo, a que chamam Temenites, formosissima e de agigantada estatura, a qual Verres não teria deixado de roubar, se houvesse podido conduzi-la.»

Tambem nos mostraram uma gruta praticada n'um comoro, onde a tradição pretende que o grande bucolico Theocrito costumava recolher-se, quando nas montanhas apascentava os rebanhos de seu pae Proxagoras; e ahi compunha os seus idyllios em face da natureza, que elle pintou com tão vivas e verdadeiras côres.

Finalmente, em um dos bairros da cidade nos indicaram tambem um edificio que tem na fachada um distico em latim, declarando haver n'aquelle sitio repousado S. Paulo por tres dias.

Outra mais preciosa reminiscencia me despertava na alma a cidade que eu percorria; era a do martyrio de Santa Luzia, realisado nas vizinhanças da fonte Arethusa do seguinte modo:

Sendo Luzia denunciada como christã a Pascasio, governador de Syracusa, por um mancebo que, pretendendo desposa-la, não podéra lograr o intento, Pascasio, acerrimo inimigo do nome christão, ordenou que a virgem comparecesse em sua presença. Sentado no tribunal, com todo o apparato dos julgamentos romanos, Pascasio mandou entrar Luzia, cujos formosos olhos e serenidade de animo o impressionaram. Depois de interroga-la sobre seu nome, idade e condição, disse-lhe com palavras benevolas que era tempo de dissipar illusões, abandonando a lei de Christo, e de sacrificar aos deuses do imperio.

—«O sacrificio mais agradavel que podemos fazer ao verdadeiro Deus é, respondeu Luzia, o de cuidarmos das viuvas, dos orphãos, dos pobres e dos attribulados; este ha sido e continuará a ser o emprego das minhas faculdades.»

A firmeza d'esta resposta enfureceu o governador por tal modo, que lhe disse:

—«Vê lá como te exprimes! Dispo já toda a benevolencia para comtigo, e mando que obedeças.»

—«Dia e noite medito na divina lei; se vos apraz obedecer aos principes da terra, a mim mais que tudo me apraz obedecer a Jesus, meu Redemptor; se temeis offender aos imperadores, muito mais temo eu de offender a Deus, Imperador dos imperadores.»

—«Que dizes louca! essa arrogancia com que fallas, não se conforma com esse teu estado de donzella.»

—«Os seguidores de Jesus Christo não fallam por si, fallam pela bôca do Espirito Santo, conforme lhes foi promettido.»

—«Ah! falla em ti o Espirito Santo?»

—«Outra cousa vos não sei dizer, senão que aquelles que vivem em castidade e pureza, são templos vivos de Deus, e que n'elles habita o Espirito Santo; disse-o o Apostolo Paulo, bem conhecido n'esta cidade.»

—«Pois bem, vou mandar-te para um prostibulo, e lá ajustarão contas com esse tal espirito.»

—«Oh! quanto vos illudis, miseravel! Não sabeis que se o meu corpo fôr manchado por violencia brutal, minha alma permanecerá pura? Que se tentardes arrancar-me a flor da castidade, dupla corôa de gloria receberei no ceu, do martyrio e da virgindade? Eia... começae por fazer executar sem detença as suggestões do demonio; meu corpo está prompto a padecer todos os ultrajes, por amor d'aquelle que por vós outros e por mim tanto soffreu.»

Pascasio, confuso em face de tão inaudita resolução, desce precipitadamente do tribunal, e ordena que Luzia seja arrastada ao publico lupanar, e lá exposta a todos os ludibrios. Os ministros da execranda sentença agarram a victima, e tentam com todo o esforço arranca-la da cadeira; debalde! Força poderosa a sustenta immovel! Avisado do milagre volta Pascasio, e exclama:

—«Que prestigios são estes?»

—«Não são prestigios, não; é a força omnipotente de Deus que me sustenta. Inuteis serão os esforços da vossa colera; d'aqui não sairei senão para o ceu.»

Então ordena Pascasio que se disponha um circulo de lenha em torno da virgem, e se lhe ponha fogo. Assim se fez; mas as chammas não tiveram maior força contra ella do que todos os braços dos algozes; e porque nenhuma dôr sentia, ajoelhando-se exclamou:

—«O meu Deus tem assim prolongado o meu martyrio, não só para que os que n'elle acreditam se fortaleçam na crença, como para que os que n'elle não crêem se humilhem e confundam.»

Pascasio aconselhado e persuadido pelos amigos que pozesse termo áquelle espectaculo, tão affrontoso ás divindades do imperio romano, fez degollar a Santa virgem Luzia, aos 13 de dezembro (304), na idade de vinte e tres annos. Seu corpo foi sepultado nas catacumbas de Syracusa, tão primorosamente descriptas e illustradas por Bartolini.

Pelo que se acaba de ler, vê-se que Santa Luzia, martyr syracusana, não padeceu tormento especial nos olhos; mas sendo certo que a Santa, como advogada contra a cegueira, é sempre representada com os olhos n'uma bacia, suppõe-se que essa tradição se tem perpetuado, ou porque o nome Luzia significa *luz*, ou porque

a sua intercessão se tenha revelado mais efficazmente propicia nas enfermidades dos olhos, ou finalmente porque (e isto nos parece mais verosimil) se tenha confundido a martyr syracusana com a virgem martyr dominicana do mesmo nome, que floresceu mais de mil annos depois; a qual, para libertar-se das seducções de um mancebo que se dizia arrebatado de seus lindos olhos, com as proprias mãos os arrancou, e os enviou ao pertinaz seductor n'uma bacia, para seu eterno desengano.

É indizivel a devoção que os syracusanos consagram á sua excelsa compatriota! Disseram-me que n'aquella cidade a maxima parte das mulheres chamam-se Luzias. Cousa similhante tinha eu visto em Avila, patria de Santa Thereza de Jesus, onde a maioria das mulheres tem este nome.

E basta de Syracusa, que o escasso tempo que alli passámos não permittiu estudar mais a fundo.

CAPITULO IV

I. Malta.—II. Egypto.—III. Alexandria

I

De Syracusa pozemos prôa a Malta, a famosa ilha do Mediterraneo, sita entre a Sicilia e a costa de Africa. Não é verdadeiramente uma ilha, mas um pequeno archipelago; porquanto a ella pertencem as proximas ilhas de Gozzo e Comino, assim como a deserta ilha de Cominotto. Era a antiga Melita, denominação que lhe adveiu do precioso mel que produzia. Aqui naufragou S. Paulo, quando seguia de Cesaréa para Roma, a responder perante Nero, para quem appellára.

A capital é Valleta, nome do grão-mestre que a fundou em 1566. A posição de Valleta é admiravel. Pompeia no cume de um alto promontorio, que rompe gracioso pelo Mediterraneo fóra. É tão linda vista do mar, como de terra. Tem dois portos excellentes. O principal, á direita de quem entra, e onde ancoram os navios de livre navegação, chama-se Marsarciroeco; e o segundo, onde fazem quarentena os barcos suspeitos de peste, chama-se Marsamucetto.

Em materia de fortificação nenhuma cidade leva a primazia a Malta, onde a natureza e a arte parece terem dado as mãos para torna-la inexpugnavel. Do lado do mar armou-a a natureza de espantosos precipicios, sobre os quaes a arte ergueu alterosas muralhas e bastiões mais solidos que o proprio rochedo em que assentam. Da parte da terra ha fossos largos e profundissimos, abertos na rocha, sempre cheios de agua, e que se transpõem por pontes levadiças, assentes em magnificos pilares abobadados.

Por sobre a muralha de tão formosa cidadella ha diversas ordens de passeios em torcicollo. A vantajosa posição de Malta explica a historia de suas continuadas vicissitudes bellicosas. Na antiguidade quasi todas as nações da Asia, Africa e Europa lhe disputaram o dominio. Sinto que n'este rapido perpassar de successos não possa detidamente referir os feitos heroicos da inclita ordem de S. João de Jerusalem. Basta porém dizer que nos tres seculos que os cavalleiros de Malta a dominaram exclusivamente, o seu regimen mereceu os applausos e reconhecimento de toda a Europa. Basta finalmente dizer que tudo o que ha bello e magestoso n'esta ilha, se deve aos heroes de S. João d'Acre, que souberam sempre consorciar

a pericia militar com a piedade christã. Consumiram esforços e thesouros para tornar Malta gloriosa, inexpugnavel. Assim se conservou até 1796, em que se assenhoreou d'ella Buonaparte, não pela força, mas pela traição.

Alli encontrei viva a tradição das violencias praticadas pelo Corso; e entre outras me referiram os conegos da cathedral de S. João Baptista (edificio sumptuoso sito no ponto mais eminente da cidade) o seguinte facto:

Havia n'aquella cathedral uma preciosa reliquia de S. João Baptista, isto é, uma de suas mãos, que se conservava dentro de um elegantissimo relicario (que eu vi) sustentado por dois Anjinhos de prata, e que se venerava na capella particular dos cavalleiros de Malta. Tendo Napoleão noticia do sacro deposito, que lhe descreviam muito rico, desejou vê-lo para o venerar (no mesmo sentido em que Herodes desejava ver o Menino Jesus para adora-lo)! Mandou buscar a chave da capella, ordenou que fosse aberto o relicario, e apenas viu no dedo do Santo um formoso annel de brilhantes, arrebatou-o, e com inaudito escandalo o metteu no dedo, dizendo: «Está melhor aqui!» E não satisfeito com este sacrilegio, fez presente da mão de S. João a certo grão-mestre allemão, que se suppõe ter sido o negociador da entrega de Malta; e este perfido deu a mão do Santo ao Imperador da Russia. Quanto ao annel, é corrente que o Corso o deu a uma das suas favoritas, como já tinha feito com as ricas alfaias roubadas na Hespanha a Nossa Senhora!

O roubo d'esse annel aggravou cada vez mais as chagas que Napoleão tinha aberto no coração dos maltezes, os quaes, offendidos na sua religião, se consideraram feridos no seu pundonor nacional. A explosão rompeu subita e unanime contra os francezes; os piratas não resistiram ao impeto dos dois mais fortes amores, o das crenças e o da patria! A guarnição foi expellida no momento em que espoliava a egreja do Carmo.

Os maltezes conservam ainda hoje estes sentimentos religiosos; posso até dizer que em nenhum paiz catholico a Religião de Christo é mais restrictamente observada do que em Malta. Alli, sim, ha verdadeira liberdade religiosa, verdadeira protecção do estado; sendo isso tanto mais para admirar, quanto se sabe que os maltezes vivem sob o protectorado de um governo protestante! Os inglezes comprehenderam que não podiam possuir Malta, sem a condição de respeitar e fazer respeitar o thesouro das crenças de seus habitantes. É extraordinario o fervor catholico d'aquelle povo! Que o diga o agitador de Caprera, o qual recebeu alli a mais tremenda lição, nos dias em que procurava reunir por toda a Sicilia elementos para marchar contra o governo pontificio. Chegando a Malta, e começando a desenvolver a sua propaganda revolucionaria, os maltezes levantaram-se, como um só homem, contra o aventureiro, o qual se viu em tão serios apertos, que não teve outro recurso senão sair a occultas, sob pena de ser despedaçado pelo tigre popular. Lá me mostraram o albergue onde esteve aquartelado, e onde por causa d'isso nunca mais ninguem se quiz hospedar! O carro que o conduziu ao embarque, foi no dia seguinte queimado!

Todas estas cousas nos foram referidas por um consul que alli tinhamos, e que me consta haver fallecido.

As ruas da cidade, apesar das desigualdades do solo, são regularissimas; suas casas, e especialmente os edificios publicos, magnificos. O clero é exemplar.

Entre as singularidades que alli me chamaram a attenção, figurou a do modo

como os maltezes dispõem os seus celleiros; cada um dos principaes proprietarios tem n'uma grande praça o seu reservatorio de cereaes; é este praticado subterraneamente na rocha viva, que constitue o pavimento da praça, e uma tampa de granito, que sobresae com certa elegancia, prende-se á lagea do chão por um cadeado, cuja chave é guardada por seu dono.

A meia legua da capital surge nos visos de um monte, no coração da ilha, ao poente, outra cidade denominada Notavel, que terá uns 6:000 habitantes; mas é tão pequena em povoação, quanto é grande em recordações, e d'ahi lhe veiu o nome de Notavel. Contigua a esta cidade ha a aldeia de Rabato, onde se venera a gruta habitada por S. Paulo durante tres mezes. No portal superior vê-se uma inscripção latina aberta n'uma tábua de marmore, que avisa ao forasteiro que vae entrar n'um sitio onde se opera um continuo prodigio, attestado por dezenove seculos, e confessado por escriptores catholicos e protestantes; consiste em que, a despeito da frequencia com que nacionaes e estrangeiros extrahem da gruta (tão pequena que só póde conter seis pessoas) grandes porções de terra, conserva sempre as mesmas dimensões de altura, largura e profundidade que tinha no tempo do Apostolo! Alguns curiosos protestantes medem de seis em seis mezes as proporções do antro, e não encontram a menor differença. Na occasião em que lá entrei com os meus companheiros, repetiu-se a mesma experiencia da medição; e igualmente assistimos á extracção de terra em carrinhos de mão.

Dentro da gruta ha uma estatua de S. Paulo, considerada primor de arte por todos os esculptores antigos e modernos. Dir-se-ha com effeito que o marmore d'aquella estatua se tornára cera nas mãos do artista.

É extraordinaria a devoção tributada ao grande Apostolo pelos maltezes! No seu conceito a terra da gruta serve de remedio para todas as molestias. É crença radicada entre elles que n'aquelle sitio as cobras não são venenosas, e tudo isso por virtude de S. Paulo, que, sendo alli mordido de uma vibora, nenhum mal sentiu. O logar onde este facto se deu, é uma corôa de terra junto ao mar, alvo de romarias constantes.

Não é só á terra da gruta que elles attribuem virtude milagrosa. Esta é tambem attribuida a uns calhausinhos côr de fogo, a que chamam lingua de S. Paulo, e têem com effeito a fórma de uma lingua humana. Acham-se estas pedrinhas no amago de rochedos durissimos, e só se patenteiam quando são quebrados para construcções de edificios e calçamentos de ruas. Conservo com grande apreço uma d'estas linguas de S. Paulo, que me foi dada pelo venerando vigario da Notavel.

Junto á gruta do Apostolo é o terreno que foi occupado pela casa do proconsul Publio, a quem S. Paulo curou milagrosamente, e converteu ao Christianismo com toda a sua familia. Houve ahi uma antiquissima egreja, que sendo derrocada por um furacão, foi depois reconstruida com maior magnificencia. Os gregos davam o nome de Ogygia a esta ilha, na qual dizem que habitava Calypso, e ainda hoje alli se mostra uma gruta, que muitos asseveram com imperturbavel serenidade ter sido a residencia da nympha.

Esta ilha, hoje pertencente, como já disse, aos inglezes, é o centro do systema da sua navegação de vapor no Mediterraneo; mas elles ainda mais a apreciam por sua extrema importancia estrategica, porquanto, com Gibraltar e as suas ilhas Jonias (cujo protectorado verdadeiramente nunca perderam), são senhores do

Mediterraneo. Por isso têem fortificado Malta extrardinariamente, e estabelecido innumeros estaleiros e arsenaes.

Os inglezes não modificaram muito a organisação interior da administração local; vae da Inglaterra o governador e a guarnição, mas os habitantes elegem em seu proprio seio, tanto os seus magistrados municipaes, como os membros da ordem judicial.

II

Era tempo de sairmos de Malta. Embarcámos n'um vapor, que após uma viagem muito incommoda, ancorou em Alexandria a 22 de abril de 1870. Eramos pois chegados ao famoso Egypto. Outros ao calcar estas areias se recordariam de que foram ellas sulcadas em carro triumphal por um Sesostris, Nabuchodonosor, Cambyses, Dario, Xerxes, Alexandre, Ptolomeu, Julio Cesar, Vespasiano, Omar, Tamerlan, Saladino, Selim e Napoleão. Outros se recordariam do Egypto das idades heroicas, do Egypto monumental dos filhos de Menete, do Egypto robusto dos reis pastores, do Egypto possante dos Pharaós, do Egypto sumptuoso dos Sátrapas, do Egypto christão dos Prefeitos, do Egypto guerreiro dos kalifas Ommiades e dos Abassidas, do Egypto brutal dos Mamelucos e do Egypto restaurado de Mahomet-Ali. Outros se recordariam de Cesar e Pompeu, Antonio e Octavio, aqui vindos a disputar o imperio do mundo, e a decidir da sorte do genero humano. Outros se recordariam de Innocencio III, de Ximenes, de Fernando o Catholico, de D. Manuel, Rei de Portugal, de Henrique VII e de Luiz XIV, que a estas desertas plagas enviaram frotas e armadas. Outros se recordariam que este paiz foi centro de todas as falsas religiões, terra das maravilhas e da abundancia, domicilio das sciencias e artes, escola do bom senso e da philosophia, celleiro de Roma e do romano imperio! Outros se recordariam de que ao Egypto vieram beber conhecimentos, ou imagens de sublime poesia, os Homeros, Archimedes, Orpheus, Pythagoras Samosatenos, Herodotos de Halicarnasso, Diodoros de Sicilia, Solons, Platões, Lycurgos, Strabões; e em tempos menos remotos os Pokoks, Nordens, Denons, Volneys, Bartholetos, Contes, Champllions, Chateaubriands, Minutolis, Caillauds, Belzoins, Brochis, Rossellinis, e innumeraveis outros que applicaram genio, talentos, vigilias ao estudo e pesquisas d'estas classicas regiões. Outros revolveriam na mente de que modo foram fabricadas as pyramides, os hypogeus, os obeliscos, as esphynges, as columnas de sublime lavor, as catacumbas em fórma de amphitheatros, as grutas, os hieroglyphicos, os zodiacos, as urnas, os sepulchros e os involucros das mumias, e o labyrintho, e a floresta petrificada, e a estatua de Memnon, e os templos de Isis e do Sol, e mil outros assombros descobertos nas excavações de Memphis, Thebas, Heliopolis, Esné, Edfu, Seyne e Antinoe.

Outras, porém, eram as memorias, qual mais sublime e qual mais terna, que a terra do Egypto me despertava. Ora se me antolhava á imaginação o Egypto em todas as relações com o povo de Deus, que n'esta zona encontrou refugio em suas miserias, e castigo em seus peccados; ora me remontava aos dias da Antiga e Nova Alliança: ora me lembrava do pae dos crentes, que impellido da terra de Canaan pela fome, descêra como peregrino ao Egypto, onde fôra bem acolhido, graças á formosura de Sara, sua mulher, que elle fez passar por irmã; ora me subia á

mente o casto José, a sua resistencia ás seducções da mulher de Putifar, sua injusta prisão, sua decifração dos sonhos do copeiro e do padeiro de Pharaó, e dos sonhos d'este, sua elevação ao cargo de vice-rei do Egypto, o reconhecimento de seus irmãos, e toda a sua pathetica historia: ora rememorava a terra de Gessen, onde estanciou o Patriarcha Jacob com seus filhos, e a prodigiosa multiplicação dos filhos de Abrahão n'esta terra; ora a crueldade do novo Pharaó, a humanidade das parteiras egypcias, e a multidão de meninos engulidos pelo Nilo; ora o nascimento de Moysés e a sua educação pela filha de Pharaó; ora o monte Horeb, a mysteriosa visão da sarça, que o mesmo Moysés viu arder sem consumir-se; ora a missão de que o Senhor o investiu de libertar o povo de Israel; ora a sua volta á côrte de Pharaó; ora as imperterritas ameaças que por parte de Deus elle fez ao rei, seguidas das dez terriveis pragas que affligiram o Egypto; ora a permissão que obteve de ir sacrificar a Deus no deserto com todo o povo de Israel; ora a partida imponente d'aquelle exercito de mais de 600:000 pessoas de todos os sexos e idades; ora a columna de fogo cortando serena os ares, guiando o povo á Terra da Promissão; ora as aguas do Erythreu divididas, e n'ellas submergido Pharaó com seu exercito; ora me parecia ouvir o cantico de Moysés; as murmurações do povo após a abundancia de codornizes, a chuva de maná, a torrente surgida do rochedo ao toque da vara; ora o estampido dos raios e trovões do Sinai, com todo o cortejo de prodigios e castigos que acompanharam quarenta annos o peregrino de Israel: ora me recordava tambem que do Egypto mandára Salomão ir a esposa, que se devia sentar com elle no throno de David; que do Egypto fôra Sesac espoliar o templo de Jerusalem; e que Necáo, que por ordem de Deus foi guerrear os assyrios alem do Euphrates, desbaratou e matou nos campos de Maggedo o rei Josias, que ousou pretender cortar-lhe o passo.

Se com o pensamento eu perlustrava os factos da Nova Alliança, oh! que memorias queridas me não suscitava o Egypto! Na fuga da Sacra Familia eu via a realisação d'aquelle sublime oraculo de Isaias: «Eis-ahi subirá o Senhor sobre nuvem ligeira, e entrará no Egypto, e os seus simulacros se desmoronarão ante a face do Altissimo». Affigurava-se-me por outro lado ver as palmeiras curvarem-se em homenagem aos divinos fugitivos, e arrebatados do mesmo impulso de respeito saírem do deserto leões, leopardos, ursos, dragões, formando guardas de honra ao celestial Infante, e os passaros do ceu voando e revoando de contentes, exprimirem em seus cantos e gorgeios *Salvè, Rex!* Templos gentilicos, escancarae vossas portas, para dardes entrada a Jesus, Maria, José! Arvores e plantas, renovae vossas flores e fructos! Adustas areias, convertei-vos em fontes de agua viva!

E d'estas contemplações eu penetrava com a idéa accesa em turbilhões de luz por entre as trevas e recessos dos desertos da Thebaida, da Nitria, de Tabena e de Sinai; e pascia docemente o meu espirito visitando as grutas dos Paulos e dos Antonios, os mosteiros dos Macarios e dos Pacomios, dos Arsenios, dos Eunodios, dos Paphnucios, e de tantos outros mil cenobitas e anachoretas. E depois arrastado pela torrente de idéas successivas, remontava-me ao tempo dos cruzados; via Damietta, cuja conquista custou tão caro; visitava S. Luiz, prisioneiro de guerra no fundo de um carcere em Mansura... e n'estas e em tantas outras reminiscencias iam-se-me os olhos d'alma após todas as grandezas escripturaes e tradicionaes do Egypto, de cuja região conservo as mais doces recordações.

III

Acho-me pois no Egypto, e particularmente na cidade dos Ptolomeus, notavel por tão grandiosas tradições, e por haver sido a Paris da antiguidade; porquanto o amor das lettras, das sciencias e das artes, que foi o genio d'aquella dynastia, fez de Alexandria o praso dado de todos os espiritos illuminados do seu tempo, grammaticos, sabios, philosophos, que alli achavam um museu, que se considera como tendo sido a primeira academia do mundo, e a bibliotheca mais preciosa da antiguidade; concursos estes de luzes e de regia protecção, que tornaram Alexandria o que já Athenas havia sido na epocha de Pericles.

Foi este o quartel general dos philosophos, e especialmente dos eclecticos; mas esta escola foi depois igualmente dada ao mysticismo e á busca do absoluto, subindo em materia religiosa até uma faculdade sobrehumana, que denominavam do *extasi*. Como porém viesse ao mundo o Christianismo com o seu symbolo breve e firme, seus dogmas, sua moral sublime, sua possante jerarchia, esta escola lhe oppoz resistencia, mas baldada. Entremos pois na cidade, por tantos titulos celebre; desçamos a estas areias onde foi sepultado um dos maiores homens que o mundo ha visto, o atraiçoado Pompeu, o profugo de Pharsalia; pisemos este chão que Julio Cesar calcou, e sobre o qual reinou a astuciosa e formosissima Cleopatra. Entremos.

Estamos alfim na cidade fundada por Alexandre Magno nos terrenos baixos que separam o lago Mareótide do Mediterraneo, cerca de um myriametro de Canopo. Na parte anterior vê-se, no mar, a ilha de Pharos, em cuja extrema de noroeste se elevou o primeiro pharol do mundo, sendo essa ilha unida á terra por um isthmo chamado Heptastadio, que forma os dois grandes portos da cidade. Havia alem d'isto no lago Mareótide um poço de aguas estagnadas, na embocadura do canal do Nilo, e mais dois portos[1] menores no angulo noroeste do porto grande. A antiga cidade ficava collocada á roda d'estes portos grandes, com um comprimento de cerca de tres myriametros: atravessavam-na de uma a outra extremidade, e cortavam-se em angulos rectos, duas enormes ruas, de uns 33 metros de largo e ornadas em todo o seu comprimento de columnatas. No brilhante bairro Bruchio estavam os paços dos Ptolomeus, o museu, a bibliotheca, os sepulchros de Alexandre Magno e dos Ptolomeus, e o grande theatro. A oeste da cidade ficava a grande necropole com as suas sepulturas. Quasi toda a superficie subterranea da cidade era occupada por cisternas praticadas na rocha calcarea, e que encerravam a agua necessaria para consumo dos habitantes no correr de um anno.

[1] Além d'estes dois portos havia antigamente mais cinco: 1.º, o porto dos Piratas, ao N. da ilha de Pharos, cuja fórma ainda se conhece entre o forte Ada e o hospital militar; 2.º, o porto Cibotos, que servia de intermediario para o commercio de transito entre o porto de Eunoste e o lago Mareotis, d'onde partia o canal de navegação entre Alexandria e o Nilo. Creio ter bem determinado o sitio aproximativo do Cibotos (hoje inteiramente aterrado) ao S. do forte Napoleão e no ponto do desembarque e entrada do canal moderno, ou Mahmoudieh, no porto actual; 3.º, o porto que se achava no mesmo lago, e d'onde partiam e chegavam os navios do Nilo; 4.º, o pequeno porto dos Reis, reservado á flotilha particular dos Ptolomeus, e que foi submergido pelo mar e pelas ruinas do palacio e edificios reaes; 5.º, finalmente, o pequeno porto que se achava na ilha Anti-Rhodes, collocada no meio do grande porto antigo, em frente do palacio dos Ptolomeus. Ilha e porto foram tambem submergidos pelas aguas.

Tinha Alexandria chegado ao fastigio da opulencia e grandeza, quando passou ao poder dos romanos, 29 annos antes de Jesus Christo; mas se a cidade decaíu em magnificencia material, veiu com o andar dos tempos a tornar-se o emporio da theologia christã, caracter que pôde conservar até os arabes e os turcos a conquistarem.

Depois o dobrar do cabo da Boa Esperança deu-lhe golpe mortal, e ella desceu de decadencia em decadencia até posição infima, de que se tem ultimamente a pouco e pouco reerguido.

Hoje é mais uma cidade européa que oriental. Está assentada n'uma bella planicie. A sua perspectiva é encantadora; o porto é mau pelas muitas restingas que o infamam. No centro da cidade está a praça de Mohamed-Ali, grande rectangulo, circumdado de filas de arvores, com assentos publicos e dois chafarizes. É ahi o foco da mercancia, e o bairro da residencia do corpo consular, sobresaíndo em elegancia a todos os edificios o da praça do commercio. As casas em geral, de tres e quatro andares, são bonitas e espaçosas. Ha illuminação a gaz, telegrapho e abundancia de carruagens. A cathedral, excellente, acha-se annexa ao convento dos franciscanos, e tem um patriarcha dos gregos catholicos e um bispo latino. Estabelecimento das irmãs de Caridade, hospital, convento grego com magnifico templo, e varias egrejas protestantes, eis os demais edificios que chamam a attenção.

Todavia as melhores egrejas são as de S. Marcos e Santa Catharina. Quem especialmente entra n'esta, sente-se movido de fundo acatamento. A riqueza dos marmores, a elegancia dos ornatos, a magestade do presbyterio, a symetria dos orgãos, o primor das pinturas e esculpturas, tudo isso forma linda perspectiva. Sobretudo é maravilhoso um quadro, que se acha em frente do coro, e no qual se vê representada toda a scena da calorosa disputação entre a joven Catharina e os cincoenta philosophos que reduziu á fé no Museu, em presença do imperador Maximino[1]. Calcula-se em 160:000 o numero dos habitantes: que differença dos

[1] Em rasgos mestres descreve o nosso Vieira esta scena do seguinte modo:

«O mais formoso theatro que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as academias, a mais rara e portentosa victoria que nunca alcançou da ignorancia douta e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um Cherubim em habito de mulher, ou um rosto de mulher com entendimento e azas de Cherubim; Santa Catharina. A aula, ou theatro d'esta famosa representação, foi o palacio imperial; os ouvintes e assistentes o imperador Maximino, o senado de Alexandria e toda a côrte e nobreza do Oriente; a questão a da verdadeira divindade de um ou de muitos deuses, e a fé e religião que deviam seguir os homens; os defendentes, de uma parte, uma mulher de poucos annos, e da outra, cincoenta philosophos escolhidos de todas as seitas e universidades; e a expectação da disputa e successo da controversia, igual nos animos de todos á grandeza de tão inaudito certame. Em primeiro logar propozeram os philosophos inchados seus argumentos, applaudidos e victoriados de todo o theatro, e só da intrepida defendente recebidos com modesto riso. E depois que todos disseram quanto sabiam em defensa e autoridade dos deuses mortos e mudos, que elles chamavam immortaes; então fallou Catharina, por parte da Divindade Eterna e sem principio, do Creador do ceu e da terra, e da humanidade do Verbo tomada em tempo, para remedio do mundo. Fallou Catharina, e foi tal o peso das suas rasões, a subtileza do seu engenho, e a eloquencia mais que humana com que oróu e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos ou erros dos enganados philosophos, mas redarguindo e convertendo contra elles seus proprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidencia, que sem haver entre elles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a uma voz a verdade infallivel da fé e Religião christã. E que faria com este successo Maximino imperador, empenhado e cruel? Affrontado de se ver vencido nos mesmos mestres da sua crença, de quem tinha fiado a honra e defensa d'ella, e enfurecido e fóra de si, por ver publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses a quem attribuia o seu imperio, em logar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos philosophos,

900:000 do tempo dos Ptolomeus; mas tambem que differença dos 5:000 que apenas chegou a contar em 1778!

Distinguem-se pois o bairro europeu propriamente chamado praça dos Consules, de que já fallei; a cidade turca, assás interessante pela disposição particular de suas ruas e casas; o quarteirão grego, perigoso de visitar á noite e mesmo de dia, por ser quasi só frequentado de gente suspeita de malevolencia e de rapacidade. A cidade turca, assim como o bairro grego, são situados no isthmo ao O. e ao N. da praça dos Consules; a cidade arabe a E. do forte Cafareli. Em Pharos está o palacio do vice-rei actual, Ismail Pachá.

Nos sabbados, em que as irmãs de Caridade franqueiam as portas do seu vasto estabelecimento aos pobres e enfermos, que alli vão receber esmolas e remedios, testemunha-se o espectaculo que tanto tem de triste como de pathetico!

N'aquelles dias é que se admira alli a mais eloquente das contraposições: o cancro hediondo que devora o islamismo, a miseria; e a virtude sublime que realça o Christianismo, a caridade!

O actual vice-rei tanto reconhece os serviços que as irmãs prestam, já pelo ensino aos christãos, já pelos beneficios aos musulmanos, que tambem concorre com 70:000 francos annuaes para manutenção do estabelecimento. Creio que este exemplo raro de munificencia não é exhibido nos paizes mais catholicos!

Como chegassemos a Alexandria na terça feira da Semana Santa, e não encontrassemos monsão immediata para Jaffa, nem mesmo esperança de havê-la antes da Paschoa, fomos obrigados a sobreéstar na viagem para Jerusalem, onde aliás pretendêramos passar a Semana Santa. Hospedámo-nos pois no convento dos franciscanos, e ahi celebrámos os mysterios santos com maxima pompa, presidindo ás funcções o sr. bispo do Rio Grande. Era para ver a curiosa attenção com que os turcos assistiam das portas do templo aos nossos actos religiosos! As mulheres e meninos principalmente davam signaes visiveis de interesse e enleio, conservando-se todos em respeitoso silencio e notavel compostura.

Quem pensára ha um quarto de seculo que dentro em tão pouco tempo se celebrariam em Alexandria tão pacificamente as solemnidades do Christianismo!

No dia de Reis d'aquelle anno se havia baptisado na mesma egreja dos franciscanos um turco muito rico e de boa nomeada entre os naturaes. A conversão de sujeito de tanta importancia causou grande abalo n'aquellas regiões. Os seus antigos correligionarios rugiram de raiva; mas raiva hoje impotente, em vista das modificações profundas operadas pela civilisação christã em todo o Oriente, graças ao influxo poderoso da França, com especialidade. Entretanto o recem-baptisado houve por mais seguro passar-se á Europa, onde fixou residencia.

Nos nove dias que estive em Alexandria, percorri todos os logares dignos de

com sentença barbara e impia mandou que, ou sacrificassem logo aos idolos, ou morressem todos a fogo. Todos sem duvidar, nem vacillar algum, acceitaram a morte por Christo, não só constantemente, mas com grande alegria e jubilo; e na mesma hora, e do mesmo theatro onde tinham entrado philosophos, saíram theologos; onde tinham entrado gentios, saíram christãos; e onde tinham entrado idolatras, saíram martyres. Oh victoria da fé a mais illustre e ostentosa que antes nem depois celebraram os seculos da christandade! Oh triumpho de Catharina, não com duas palmas nas mãos, de virgem e martyr; mas com cincoenta palmas aos pés, de subtil, de angelica, e de invencivel doutora! Digna de que por esta inaudita façanha de que no mais alto do monte Sinai, depois de ser throno do Supremo Legislador, as mesmas mãos que escreveram as primeiras lettras divinas, levantassem eterno tropheu á memoria das suas.»

attenção por historia e tradições. Por fortuna encontram alli os brazileiros o mais affavel acolhimento no consulado do Brazil, representado, quando lá estive, pelo bondoso conde de Debbané, hoje fallecido. Esse digno varão e seus officiosos parentes envidaram tudo para obsequiar-me, principalmente na minha volta de Jerusalem, pondo-me á disposição todos os meios de adquirir conhecimento da terra.

Infelizmente, procura hoje debalde o viajante as ruinas sequer dos 4:000 palacios e dos 12:000 jardins que Amrou encontrou em 641, no tempo da invasão de Omar; debalde procura as ruinas dos 4:000 banheiros, que por seis mezes foram aquecidos com o calor do incendio dos 700:000 volumes da celebre bibliotheca mandados queimar pelo barbaro kalifa; debalde procura vestigios do tão decantado pharol de Alexandria, cuja luz reverberava a doze leguas de distancia; debalde procura a ilhota onde se fez a versão dos Setenta, e o logar onde era o hippodromo, o theatro, o gymnasio, o museu, o templo da Indignação e o de Isis; debalde procura os sitios onde foram martyrisados o Apostolo S. Marcos, a virgem Santa Catharina; e os logares onde habitaram Santo Athanasio, S. Cyrillo, Athenagoras, Clemente Alexandrino, Origenes, Heraclio, Dionysio Pierio, Theognosto, Serapião; debalde se procura algum vestigio que recorde a famosa escola, em que os Hipparcos, os Apolonios, os Diofantes, os Euclides accenderam as tochas, cujos raios illuminam ainda o nosso caminho!

Alexandria não é só notavel na antiguidade pagã. Nos quatro primeiros seculos christãos foi ella o theatro de grandes successos. Entre outros, celebraram-se aqui dezeseis Concilios, que desgraçadamente não foram todos orthodoxos.

No primeiro (anno 231), foi degradado Origenes por Demetrio, seu bispo; no quarto (263), condemnados Nepociano e Cerinto, millenarios; no sexto (315), condemnado o heresiarcha Ario, e expulso do gremio da Egreja catholica pelo voto de cem bispos. No decimo primeiro (363) formulou Santo Athanasio, em nome de todos os bispos do Egypto, Thebaida e Lybia, uma profissão de fé para ser apresentada ao imperador, a qual foi depois substanciada no bellissimo symbolo chamado de Santo Athanasio. No decimo segundo (399) foram condemnados os origenistas; no decimo terceiro (430), Nestorio.

De ruinas celebres só existem, no chamado campo de Julio Cesar, as da fortaleza que elle occupára. Para dar idéa d'essas ruinas giganteas, basta dizer que todos os palacios dos vice-reis do Egypto, em Alexandria, são construidos com os fragmentos da vasta cidadella, que aliás em grande parte ainda jaz debaixo de comoros immensos!

Os unicos monumentos antigos que têem sobrevivido aos tempos, são a columna chamada de Pompeu e o obelisco denominado agulha de Cleopatra. Quanto á columna de Pompeu, é muito duvidoso se a verdade corresponde á denominação; dizem uns que tal columna foi dedicada a Vespasiano, outros que a Diocleciano pelo prefeito Possidio.

Aproveito esta occasião para, como idéa associada, declarar que nada podia ser mais agradavel a um coração brazileiro do que outro acto a que assisti, e em que tive de tomar parte. Quando eu já estava em Jaffa de volta de Jerusalem, recebi uma carta d'aquelle nosso digno consul em Alexandria, noticiando-me com as mais enthusiasticas expressões a terminação da guerra com o Paraguay, e supplicando-me que apressasse a minha jornada, para assistir ao *Te-Deum* que elle ficava preparando. Annui a convite tão patriotico, e voei á cidade do Nilo. Logo no

dia immediato realisou-se a magestosa solemnidade na propria e explendida capella do conde de Debbané, officiando em rito grego o arcebispo de Smyrna, á testa da corporação ecclesiastica.

Prégou o mesmo prelado em arabe, exaltando a nossa nacionalidade pelos triumphos ultimos; discurso este com que s. ex.ª reverendissima me obsequiou, e que no idioma original e em versão franceza mandei para o meu governo. Sendo eu então na propria egreja instado pelo conde, pelo arcebispo e pelos meus dois companheiros, reverendo dr. Monte e fr. João de Santa Gertrudes, fui inopinadamente constrangido a improvisar uma oração em presença do corpo consular e de numerosos assistentes, escol dos habitantes de Alexandria; applaudiram muito, porque não entenderam nada.

Não devo omittir que a curiosidade me levou a ir visitar o vice-rei actual, que n'aquelles dias se achava em Alexandria; visita que fiz, sendo introduzido pelo amavel conde de Debbané. Fomos recebidos por duas alas de archeiros turcos, empunhando cada um uma vara, a que se superpõe um globo do mesmo metal de que ella é feita, e por elles conduzidos a uma vasta sala esplendidamente ornada. Mais de sessenta pessoas nos haviam já antecedido, notando-se entre ellas todos os consules, diversos arcebispos e bispos scismaticos. Pouco depois appareceram seis a oito creados, trazendo-nos em bandejas e chicaras de oiro café, que não bebi, porque era sem assucar; uso oriental.

Dentro em pouco veiu o camarista de sua alteza dizer ao nosso consul que entrassemos, sem embargo de sermos dos ultimos chegados. Seguimos, atravessando grande numero de salas, cada qual mais ricamente ornada de tapessarias, até que chegámos á em que nos esperava sua alteza, por quem fomos recebidos com toda a affabilidade. Conversámos meia hora em italiano, em que ambos nós eramos um tanto hospedes, e no correr da pratica manifestou sua alteza seu contentamento pela terminação da guerra do Paraguay com tanta honra para o Brazil, a cujo Imperador disse elle ser muito grato. Fomos depois despedidos com as mesmas formalidades com que fôramos recebidos.

CAPITULO V

I. De Alexandria ao Cairo.—II. Cairo Novo.—III. As trezentas mesquitas. A cidadella. O poço de José.—IV. Ruinas de Heliopolis.—V. Cairo Velho.—VI. Curiosidades naturaes.—VII. Do Cairo ás pyramides. As pyramides.—VIII. Outras construcções.—IX. Memphis. Os tumulos dos Apis.—X. Do Cairo a Suez.—XI. Porto Saïd.

I

Nove dias depois de tão grata demora em Alexandria, seguimos no caminho de ferro para o Cairo, ficando á nossa direita o lago Mareotide, que se prolonga parallelamente por uma immensa planicie até muitas leguas. Estavamos em pleno equinocio.

A vastissima campina que tinha por docel um ceu afogueado, limpo de nuvens, apresentava aspecto arido e lugubre. Afóra algumas acacias e raras palmeiras, nenhum outro vestigio de vegetação. Não parecia que atravessavamos o coração de um dos mais ferteis paizes do mundo!

De ambos os lados nos iam ficando miserrimas aldeias, compostas de tugurios pardacentos, arredondados e construidos de barro amassado com palhas de trigo. Grande quantidade de canaes de irrigação cortam o terreno. A unica povoação importante n'aquelle trajecto é Tantah, onde nos demorámos uns vinte minutos. N'este logar costumam os turcos, em certo dia da semana ou do mez, celebrar um salamalé, ou festa, não sei sobre que fundamento, na qual praticam as mais hediondas obscenidades. Exactamente na occasião em que passavamos, fervia a bacchanal, presidida por toda a aristocracia musulmana do Cairo!

Até alli haviamos percorrido as vastas campinas do Delta, formando um triangulo comprehendido entre os dois braços do Nilo, que ora transpunhamos por duas magnificas pontes de ferro, indo esses dois braços desaguar no Mediterraneo, um perto de Damietta e o outro de Rosetta. Pouco depois de havermos atravessado o Kalioub, que é tambem estação, começámos a lobrigar nos confins do horisonte, ao sudoeste, as grimpas das grandes pyramides, e ao oeste os meandros do Nilo, e finalmente os esplendores do Cairo, recostado nas collinas de Mohatam, e a planicie de Heliopolis, celebre pela victoria que alli alcançou Napoleão em 1799.

II

Dentro em pouco chegámos ao Cairo novo, capital do Egypto, isto é, á direita do Nilo. Fomos hospedar-nos no externato dos irmãos da Doutrina Christã, que nos acolheram com indizivel affabilidade. Só póde avaliar a consolação de confortos taes quem viaja por terras estranhas e inhospitas.

Acabava de ser publicado por ordem do vice-rei, e distribuido gratuitamente aos individuos a quem convidou para as festas da inauguração do canal de Suez, um livro com o titulo de *Itinerario,* que muito me serviu e guiou para conhecimento do que vi, e noticia do que não vi.

O paço do vice-rei é bastante grande e alto, artesoado de madeira coberta de oiro e azul. Seguem-se os jardins regios e o museu, rico de antiguidades egypcias. Ha tambem um passeio publico, algumas casas de gosto europeu, assim como trezentas cisternas, hospital, imprensa, fundição, escola de medicina e numerosas aulas de ensino primario. Ao todo ha trinta egrejas christãs, inclusivè a capella das irmãs do Bom Pastor, confraria subvencionada pelo vice-rei como a das irmãs de Caridade. Alem de religiosos franciscanos, existem no Cairo maronitas, cophtas, armenios e gregos orthodoxos.

A capital é assás povoada [1], porém ainda o parece mais por uma singularidade que nunca em outra alguma parte vi, a saber: todos os viventes do Cairo moram, não em suas casas, mas nos bazares e nas denominadas ruas, antes viellas tortuosas e escuras, por serem geralmente cobertas de tábuas e esteiras com que evitam os ardores da canicula. Não se descreve a animação, ou melhor direi confusão, que alli reina durante o dia! Turbas de povo e de animaes, inundando aquelles innumeraveis labyrinthos, fervem e irrompem de continuo. Não obstante porém esse perpetuo fluxo e refluxo, ha multidão de carruagens guiadas por bolieiros luxuosamente vestidos, e levando cada uma ante si um toma-largura, um andarilho, que vae rompendo, e gritando que abram espaço. Aqui se encontram camellos carregados de enormes fardos, em que vão tapados um ou dois arabes, cujas cabeças quasi tocam nas abobadas de caniço; alli jumentos arreados, cavalgados por mulheres, que se escancham como os homens; em todas as avenidas meninos, tendo pela mão outros jumentinhos (encilhados e com seus collares de campainhas de agradavel sonido), atormentam os transeuntes para passeiarem na cidade; varias vezes me utilisei d'esta fórma de conducção, commoda e usual.

Por todos os logares se encontram turcos acocorados, comendo, bebendo e sorvendo fumo em cachimbos de tubo largo e bojo cheio de agua. Não raro se ouvem altercações no meio dos grupos, mas não ha temer que cheguem ás mãos, porque importa confessar que a policia é feita com muita severidade.

O que mais me chamava a attenção era ver a cada instante surgirem arabes, chafarizes ambulantes, trazendo aos hombros grandes borrachas de agua, e vendendo-a em todas as quantidades. Essas borrachas são do couro de um quadrupede, que me pareceu capivara, do qual conservam pernas, braços, cabeça, focinho e até os dentes na bôcca, por onde entornam o liquido no copo ou na chicara;

[1] O Cairo tem 320,000 habitantes.

sendo em porção pequena, através dos dentes, e em grande, abrindo a bôcca. Confesso que antes de saber o que aquillo era, acreditei que a borracha era o proprio animal em carne e osso, que andavam a vender.

As mulheres usam trazer a cabeça coberta com um manto, que chega ao meio da testa; o resto da cara trazem-n'o tapado com um veu, e n'elle duas aberturas correspondentes ás orbitas. Não duvido que sob aquelle sendal se occulte alguma peregrina formosura, mas o que se vê por fóra é uma especie de farricouco.

Os homens vestem-se de pantalonas ou fôfas, apertadas nos tornozelos, e de largas tunicas ou jalecos, que prendem na cintura com uma faxa de seda ou outro panno, conforme as posses do sujeito. Um gorro vermelho, ou um turbante, é o que de ordinario lhes cobre a cabeça.

Uma das visitas mais divertidas é áquelle dos bazares que ainda conserva a velha originalidade local. No Khan-Khalil, um dos mais curiosos, o principal movimento é nas segundas e quintas feiras. É uma bulha tão geral, tão desordenada, que ninguem se entende; multidão tão compacta que ninguem se póde mover; os mercadores andam pela rua com o objecto da sua mercancia nas mãos, e gritando qual a natureza, o preço e prestimo das cousas. Ora, essas cousas são, por via de regra, curiosidades, armas, tapeçarias, cachemiras, vasos; joias de que tão gulosos são os viajantes, e que estes trazem com tanta alegria do Oriente. Se o comprador é bisonho, adquire isso a peso de oiro; se é pratico, obtem-no por vil preço.

III

Ha no Cairo trezentas mesquitas, e de algumas d'ellas me cumpre dar noticia. Entrei em varias com os meus companheiros, depois de deixarmos á porta o calçado e tomarmos umas sandalias de baeta encarnada.

O ideal de todas as mesquitas do Cairo e do mundo musulmano é a de Amrou, fundada em tempo de Omar fóra das muralhas, e que ainda hoje subsiste como o mais antigo modelo da architectura arabe: as suas bellas columnas de granito e porfiro foram de Memphis; e affirmam os historiadores arabes que todo o alcorão estava gravado em lettras de oiro nas chapas marmoreas que lhe revestiam as paredes; hoje nem vestigios ha d'isso.

A outra mesquita de Touloun, edificada no IX seculo, e já com architectura ogival, tinha, segundo um autor arabe, uma escadaria exterior em fórma de espiral, e a cornija que reinava em torno do edificio, era de alambre amassado, com o intuito de lisonjear o olfato dos que alli fossem orar.

Ha outra mesquita de El-Azhar tambem antiquissima, porém de architectura pouco valiosa, sendo, todavia, esse o mais illustre centro da sciencia arabe. Ahi se professam cursos completos do alcorão, de grammatica, versificação, legislação civil, religiosa e criminal; e milheiros de musulmanos idos de toda a parte recebem gratuitamente, não só essa instrucção, mas tambem muitos o alojamento. Ha mais n'essa mesquita um hospicio para cegos, e vastas dependencias para peregrinos estrangeiros que vão a Mecca, e bem assim um collegio, uma universidade, uma bibliotheca e um hospital.

A mesquita principal, por grandeza, construcção e architectura, é a do sultão Hassan, edificada no seculo XIV, com 150 metros de comprido, e tendo o seu minareto grande 80 de altura; a sua nave principal é grandiosa; graciosissima a sua cupula.

As paredes estão incrustadas de marmore das mais diversas cores: o azul, o vermelho, o verde, o oiro, harmonisam-se para fazer sobresaír desenhos de toda a fórma, onde os arabescos mais variados se alternam com versetos do alcorão em caracteres enormes.

Ha outra mesquita com o nome de Barkouk, que foi um sultão mameluco, e n'ella existe uma sala denominada do tumulo, com grande profusão de ornatos, conservando-se ao lado d'esse tumulo o caftan de seda e o cinto de couro de Kalaoun. Mediante uma retribuição que se dá ao guarda, têem os doentes que se apresentam, o direito de se cobrir com o tal caftan já muito gasto pelos seculos, e de pôrem o cinto; feito o que, andam tres vezes á roda do tumulo, recitando certas orações, e dizem mui anchos que ficam curados.

A cidadella é um mixto informe de baluartes, ruas, casas, monumentos, praças, mesquitas, que parece formar outra cidade sobre a platafórma que domina todo o Cairo. Era alli antigamente o paço de Saladino, ou diwan de José, notavel pelas 32 immensas columnas monolithicas que sustentavam a sua sala principal, e por muitas outras notaveis construcções; mas uma explosão em 1823, e depois a precisão de abrir espaço para a mesquita de Mahomet-Ali, deu em terra com tudo isso. Ainda lá se mostra, porém, o poço chamado de José, assim como a famosa torre d'onde Emin-Bey se precipitou a cavallo em 1811, escapando por esse rasgo de audacia á morte, que atraz d'elle fulminava todos os mamelucos.

O referido poço de José (que nada tem com José, o hebreu, a quem aliás o vulgo attribue todo o monumento de vetusto aspecto) tem 19^{m},8 de diametro, e a profundidade total de mais de 90 metros, e tira-se d'elle a agua por alcatruzes.

IV

Um kilometro para alem ficam as ruinas de Heliopolis. Lá está um obelisco marcando o centro d'essas ruinas, que é o mais antigo do Egypto, e tem para cima de 20 metros de altura. Havia antigamente, mas já não ha, outro, que juntamente com este completava a decoração da fachada principal do templo, para o qual esses dois monolithos tinham sido erigidos.

O famoso templo de Heliopolis foi muito citado entre os escriptores gregos e egypciacos; mas d'isto me não posso occupar.

Quem quer ir visitar as ruinas de Heliopolis, vae ver o poço e a arvore da Virgem, que ficam a duas horas de distancia para o lado oriental do Cairo, onde a tradição affirma serem logares santificados pela presença de Jesus, Maria, José; que a Virgem costumava lavar alli os panninhos de seu Filho, e até que, emquanto ella se occupava no seu trabalho, o deitava n'um nicho que está na parede do Makad, logar onde os religiosos francos diziam missa por devoção. Quanto ao poço, ou antes ao lago, dizem que n'elle se lavava Nosso Senhor, e que por milagre communicou ás aguas a sua extrema doçura e bondade. No mesmo jardim havia antigamente um sycomoro que, segundo a tradição dos cophtas, foi milagrosa-

mente fendido para occultar a Sacra Familia, quando os satellites de Herodes a perseguiam. De uma raiz que se conservou no mesmo jardim, parece ter rebentado um sycomoro, que affirmam portanto ser filho d'aquelle antigo, e do qual o khediva fez presente á ultima Imperatriz dos francezes, quando foi assistir ás festas inauguraes do isthmo de Suez.

V

Vamos agora ao Cairo velho. Atravessa-se por uma boa ponte de pedra o canal do Cairo ou do principe dos crentes; é este o que ia unir-se ao grande canal, que levava do Nilo ao mar Vermelho; e por esta occasião direi que, segundo estudos modernos, a idéa de communicar o mar Vermelho com o Mediterraneo não é nova, pois ao menos remonta até Sesostris; mas com muita differença nos meios de execução: hoje o canal passa directamente de mar a mar, vae ao seu alvo como uma frecha, sem perder um minuto, nem uma pollegada de terreno, e costeia o Egypto quasi sem tocar n'elle. Ao contrario, nos tempos antigos, era obra egypciaca e não universal; partia do Nilo e irradiava ao mesmo tempo para os dois mares, e o Egypto era exclusivo e absoluto senhor d'essa via.

Pouco alem da ponte do canal, chega-se ao pé do principio de um aqueducto, que tem cerca de 300 arcos e comprimento de uns 210 metros; passado o aqueducto é que se entra no lugubre Cairo velho.

Os egypcios chamavam-no «Babylonia», da qual não resta hoje de pé senão uma especie de fortaleza, que denominam «Castello da luz», e que foi outr'ora residencia dos primeiros principes musulmanos do Egypto.

N'esta cidade ha alguns conventos; no de S. Jorge tornam a apparecer tradições relativas á Sacra Familia. Segundo um antigo autor, uma gruta que ha na egreja, servíra tambem para residencia de Jesus, Maria, José: é dividida por columnas em tres compartimentos, e lá vimos nas paredes aberturas praticadas em fórma de carneiros, e que se suppõe terem servido de leitos aos celestiaes peregrinos, durante o largo tempo que ahi estanciaram. Este santuario, aliás originariamente erigido por Santa Helena, está hoje em poder dos cophtas, que o conservam no mais deploravel estado.

Entre aquelles conventinhos ha um dos franciscanos, onde se torna a encontrar aquella singela e santa hospitalidade, que em todo o Oriente distingue a seraphica ordem. Annexo a este mosteiro ha um collegio de catecumenos africanos, cujo instituto piissimo se destina ao resgate de pretos de Africa, que ahi se educam, civilisam e tornam christãos, sendo depois mandados novamente para as terras do seu nascimento, a fim de transmittirem aos conterraneos a doutrina bebida dentro d'aquelles muros.

Deu-se comnosco um incidente, que no isolamento em que nos achavamos, e na distancia enorme que nos separava das terras onde se falla o idioma portuguez, nos foi consolação e prazer.

Na visita que fizemos a este collegio, estavamos trocando em portuguez algumas palavras, quando attentámos na vista espantada de um negro de quarenta a cincoenta annos, olhos fitos em nós, labios entreabertos, na attitude de inexplicavel commoção, deleite e curiosidade. Este homem, que já tinha os braços meio

erguidos em nossa direcção, não pôde mais conter-se; rompeu até nós, prostrou-se, beijando-nos as mãos, e na effusão como que de delirante enthusiasmo! É o caso, que esse pobre desterrado havia dezoito annos que não ouvira os sons dulcissimos do idioma com que o berço lhe fôra acalentado: nascido na Bahia, e seguindo a profissão maritima, naufragou em Alexandria, d'onde se passou ao Cairo em companhia dos franciscanos, a quem desde então ficára dedicadamente servindo.

VI

Nas proximidades do Cairo ha muitas curiosidades naturaes, que não tivemos tempo de visitar detidamente. Foi assim que tive summa pena de não ir ver de perto a denominada «floresta petrificada», que se compõe de uma multidão de palmeiras, de acacias do deserto, e de especies cuja natureza não tem sido ainda possivel determinar.

VII

Saimos do Cairo; era tempo de adiantar a nossa viagem, pois outras muitas maravilhas nos estavam chamando a attenção. Mettemo-nos em carruagens, e eis-nos a galopar para o deserto. Percorriamos uma estrada perfeitamente calçada e amplissima, ladeada de arvores frondosas, deixando á direita e á esquerda vastas e alegres campinas, avistando sempre a maior ou menor distancia o ceruleo rei das aguas, e espraiando olhos por horisonte mui formoso, e que duplamente o era para um natural de Pernambuco, pois a cada momento encontrava reminiscencias das aprazíveis margens do Capibaribe vistas das pittorescas eminencias dos Apipucos.

Marchavamos pois na direcção das pyramides; as maiores, as de Gizéh, ficam no confim do deserto, a quatro leguas do Cairo, e a oeste do Nilo, cujas aguas correm lentamente para o norte, abraçando uma ilha, em cuja extremidade se acha o Nilometro, que é um lago com uma columna graduada aos covados: para que seja boa a colheita é preciso que a cheia suba, pelo menos, a 18 covados.

Quasi logo depois que principiámos o nosso passeio, entrámos a avistar aquelles grandiosos monumentos, que por bastante tempo suppunhamos ter perto, e constantemente fugiam de nós. Chegámos finalmente ao pé de tres vastissimas, e tres menores moles, que se julgam serem tumulos dos reis Cheops, Chephren e Mycerino, e de suas familias. A grande, que primitivamente subia a 142 metros, só tem hoje 137; o seu cubo é 2:562,576 metros. Comquanto alguns tenham imaginado ser differente o uso para que as pyramides eram destinadas, não ha duvidar serem ellas simples sepulchros, macissos, cheios, tapados por toda a parte, sem janellas, sem portas, sem abertura exterior. São o involucro giganteo, e construido para ficar eternamente impenetravel, de uma mumia. Apenas uma d'essas pyramides mostra no interior um caminho accessivel, d'onde podessem, por exemplo, fazer-se observações astronomicas, como do fundo de um poço. Ha quem diga que as quatro faces orientadas denotam uma intenção astronomica; mas essa posição proveiu de rasões mythologicas, relativas aos quatro pontos cardeaes; e uma face dedicada, *verbi gratia*, ao norte, não pôde ser virada para outro lado.

O que hoje resta das pyramides é simplesmente o seu nucleo, pois desappareceu todo o revestimento que as cobria; terminavam em ponta aguda. As pyramides de sepulchro regio tinham um templo exterior, que se elevava a alguns metros para diante da fachada oriental; n'elle se prestava culto ao rei deificado, como uma especie de incarnação da divindade.

As tres pyramides grandes de Gizéh têem, como as outras, um templo exterior.

Achava-me eu em face das tres grandes pyramides, aquellas perante as quaes Napoleão disse aos seus camaradas de armas a sublime phrase: «Soldados! Do alto d'estas pyramides quarenta seculos vos contemplam!» Ousei querer examinar por mim mesmo o interior da mais alta d'essas montanhas. Guiado por arabes, desci, ora sentado, ora de rastos, trinta e oito degraus, que me levaram ao subterraneo sotoposto á mole[1]: d'ahi começou a minha ascensão. Um dos meus companheiros (dr. Monte), ao ver aquella sinistra escuridão, aquelle espaço avernal, que se elevava por sobre nossas cabeças, até perda de vista, horrorisou-se e voltou; quanto a mim, actuado por um falso pundonor, disse aos meus tres guias que me precedessem e seguissem: um d'elles, com luz na mão, rompeu a marcha, e começámos a nossa peregrinação no vacuo. Similhante excursão não se compara com outra alguma no globo, porquanto em nenhum outro logar se dão as peculiaridades que caracterisam esta. Quem quer subir até á altura descommunal, onde pompeia o sarcophago, tem de encaminhar-se, não por degraus, que os não ha, mas sim pelas proeminencias e escabrosidades que vão limitando as pedras, as quaes só exteriormente são polidas; acontece portanto que n'um logar a pedra a que nos guindâmos tem bastante extensão; n'outro é estreitissima; aqui assás levigada, alli brutesca; geralmente póde uma pessoa elevar-se, mas em alguns sitios é força tornar a descer, para ir procurar menos perigosa saída. Já se vê que impressão de terror não produzirá esta jornada em espiral, subindo sempre por sobre degraus rebeldes, sem guardas que salvem de quéda proveniente de fascinação; afunilando-se constantemente o caminho, e sendo tão funda a escuridão que a escassa luz do guia mal podia allumiar os degraus, deixando á imaginação o cuidado de profundar ainda mais o immenso abysmo, que ao nosso lado e ás nossas plantas vae cavado até á superficie da terra. Em certa altura confesso que desanimei, ao ponto de invocar o soccorro divino! Conheceram os guias o meu terror; tinham-me elles até ahi valiosamente coadjuvado e animado, e um que fallava italiano, procurou de varios modos encher-me de brios, e, entre outros, ponderando-me que a Imperatriz dos francezes havia subido a todas aquellas alturas destemidamente.

É aqui o logar de dizer que nada mais curioso que as gymnasticas d'estes humanos cabritos, cuja ligeireza é incrivel; vão sempre revezando-se; o que vem atrás, ei-lo subito adiante do viajor; aqui dá a mão á mão; alli encosta o corpo ao corpo; acolá offerece as palmas das mãos para n'ellas fincarmos as plantas; finalmente, vão n'um continuo serpentear, sempre movendo-se e sempre fallando. Estavamos nós já em grandissima altura, quando o nosso guia, que se nos avantajára no guindar-se, desappareceu, por suppôr que era o sepulchro da rainha, e não o

[1] A entrada d'esta pyramide fica a 20 metros acima do solo. Está entendido que é a de Cheops, ou Choufou.

do rei, que eu queria visitar. Então, desvanecida a cousa unica a que eu ainda devia uma tal ou qual satisfação, a luz, o meu pavor chegou ao auge: então os meus perfidos conductores, fingindo que me deixavam só, e collocando-me assim na mais angustiosa das situações, exigiram-me, já a distancia, que lhes desse uma *gorgeta,* comtanto que eu depois não denunciasse o seu pedido. Claro está que lhes daria em tal transe tudo quanto possuo, e não possuo, julgando-me feliz de que a troco de dinheiro tivessem a bondade de me salvar de tão critica posição. Chamei-os, e entreguei-lhes tudo quanto levava, que era apenas uns 15 francos; deram-se por satisfeitos, e concluimos a tremenda jornada por aquella, para mim verdadeiramente rua da Amargura, de que ainda me não recordo sem se me horripilarem as carnes! Chegámos finalmente á camara chamada do *sarcophago,* em que devia ter sido depositada a regia mumia. Tem esta camara $5^m,80$ de altura sobre $10^m,33$ de comprimento, e $5^m,34$ de largura. A abobada é chata, e sustenta, ha mais de cinco mil annos, o peso da pyramide! Ainda alli se achava a cadeira em que esteve sentada a Imperatriz Eugenia, e que elles lá conservam para memoria da varonil coragem d'aquella princeza.

Confesso, porém, que todas estas recordações se me embrulham no espirito, ao lembrar-me que eu em tal momento não pensava em reis, nem imperatrizes, Cheops, nem Eugenias, mas sim na necessidade que me estava imminente de descer por aquella infernal estrada, pois me não parecia possivel que fosse mais tremebundo aquelle caminho.

Per che se va nell'eternal dolore.

Não mais... Pouparei ao meu leitor e a mim a descripção do meu regresso, podendo afiançar que a hora e meia que passei lá dentro, me torna velhissimo, porquanto a conto por seculo e meio de existencia!

Quando afinal vi a luz do dia, suppuz-me o mais venturoso dos mortaes; e tendo, inadvertidamente, narrado a digressão aos meus companheiros e a outros viajantes que nos rodeiavam, o reverendo padre Monte, que já em conversação ouvira que havia uma tabella de preços para os guias, queixou-se ao agente turco do abuso contra mim praticado, do que resultou prenderem os meus guias, para serem severamente bastonados, quando eu acudi, apadrinhando-os, e obtendo dois proveitos: o primeiro o de poupar-lhes a rigida punição; o segundo de me serem restituidos 8 francos, e poder distribui-los por outros pobres que me cercavam.

VIII

A sueste da pyramide de Chapha está a esphyngè: é um rochedo natural, a que deram bem ou mal a apparencia exterior d'aquelle animal symbolico. Esculpida é só a cabeça de fórma humana; a cara um pouco estragada no nariz. O corpo é o proprio rochedo, que nos logares defeituosos completaram com uma obra calcarea. Parece averiguado que esta esphynge era a colossal imagem de um deus egypcio chamado Armachis.

Foi desencavada da areia por Mariette[1] em 1854; a areia, porém, tem ido pouco a pouco reassumindo o seu nivel primitivo, e Armachis já não permitte que se lhe veja senão a cabeça, como outr'ora. A cara tem 9 metros, e o corpo até á base 57. Em frente ha um templo, que Mariette descobriu mais recentemente, conhecido por templo da esphinge, e que é considerado, com as pyramides, o monumento mais antigo do mundo. Infelizmente vae sendo tambem invadido pelas areias. Este monumento, cujo plano é irregular, e que em nada se assimelha aos templos e tumulos conhecidos, deve datar, pelo menos, do rei Chaphra, porque foi n'um poço praticado n'esse templo que se encontraram as estatuas de marmore verde, que estão em Boulaq, e são os retratos d'esse rei, como testemunham as inscripções gravadas na base. O templo, todo de granito vermelho, não tem inscripção, nem desenho algum; é a simplicidade das idades primitivas. As columnas são formadas de monolithos, talhados em parallelogrammos de quatro faces; os muros, sem serem cyclopeanos, apresentam polygonos irregulares; os angulos inferiores da camara são formados pela talha dos blocos, e o plano d'esta não termina por consequencia em angulos rectos. O templo da esphinge pois, ou para melhor dizer, o monumento de Chaphra, é um dos mais curiosos e interessantes do Egypto.

O numero de pyramides achadas em todo o Egypto sobe a cincoenta, e cada uma d'ellas é considerada centro de um cemiterio; a mais antiga é anterior aos tempos abrahamicos, e se seguissemos a cosmogonia dos egypcios, teria mais de sessenta e um seculos!

IX

É desnecessario recordar que o logar onde estão estas pyramides é uma das necrópoles de Memphis, do mesmo modo que o cemiterio de S. Francisco Xavier, na praia do Cajú, é uma das necrópoles do Rio de Janeiro.

Da famosa Memphis nada mais resta hoje do que algumas paredes de maus tijolos, e alguns granitos á flor da terra, debaixo de palmeiras.

As pyramides foram sem duvida violadas pelos arabes, ou mesmo, em tempo anterior, pelos christãos, provavelmente na epocha do edicto de Theodosio. Tudo persuade que encontraram grandes riquezas, a julgar pelos thesouros que Mariette achou no sarcophago de uma rainha, collocado singelamente no meio das areias de Assassif, em Thebas. A não ser a esperança ou a perspectiva de tão ricos depositos, não arremetteriam os violadores com as difficuldades e perigos que era preciso vencer, para penetrar n'uma pyramide, e adivinhar o ponto onde se achava o regio sarcophago.

No museu pharaonico do Cairo avultam valiosas preciosidades descobertas por Mariette em todo o valle do Nilo, sendo notavel distinguirem-se entre essas preciosidades objectos adaptados a usos modernos para homens e mulheres, como correntes de oiro, anneis, braceletes e outros adereços similhantes. Contam-se trinta e

[1] Augusto Mariette, archeologo distincto, foi, em 1850, encarregado pela academia das inscripções e bellas lettras de París de ir investigar os manuscriptos cophtas nos conventos do Egypto, onde com effeito se acha desde então, arrancando ás areias do deserto os mais prodigiosos segredos da antiguidade. Aos seus heroicos esforços, e á munificencia do vice-rei actual e de seu predecessor, se deve a opulencia archeologica do museu do Cairo, o mais rico do mundo.

cinco mil monumentos grandes e pequenos. Sobretudo são dignos de admiração os que pertencem ás antigas dynastias, os quaes fazem bem conhecer a arte d'aquelles tempos, que não são os primitivos da civilisação egypcia, por mais alto que façam remontar a sua antiguidade. A palavra «archaismo» não tem sentido no Egypto; isto se conhece estudando o modelo e estylo da estatua de marmore verde do rei Chephrem, ou Chaphra, que floresceu nada menos que ha cinco mil annos. Deprehende-se visivelmente d'esse estudo quanto a arte official contrasta com a arte popular, de que é specimen a estatua de madeira de um volumoso personagem, que se contrapõe na vivacidade da physionomia á immobilidade dos regios vultos, e especialmente aos productos artisticos das idades seguintes. Finalmente, acham-se no citado museu representadas a caracter todas a trinta e uma dynastias, com todos os usos das respectivas idades [1].

As porções da necropole descobertas por Mariette têem sido n'estes ultimos annos successivamente invadidas pelas areias. Não se distingue a famosa avenida das esphinges, que conduzia ao tumulo de Apis, e que já no tempo de Strabão estava obstruida. Seria mister incessante trabalho para evitar o progresso da

[1] Não se póde comprehender a civilisação do antigo Egypto, sua historia, artes e sciencias, sem se comprehender a verdade fundamental de que tudo era subordinado ás conveniencias religiosas, fim objectivo de todos os actos publicos, de todas as acções particulares. Na vida social, como em todas as obras da sciencia nas suas infinitas applicações, a idéa religiosa dominava absoluta. Templos, palacios, tumulos, obeliscos, não tinham outra rasão de ser senão a religião. Essa religião, porém, tão mal conhecida, e por isto mal avaliada, começa a apparecer na expressão elevada e philosophica dos seus dogmas e liturgia de trinta seculos. Graças ás laboriosas investigações dos Champollions, dos Rougés, dos Mariettes, etc., esses dogmas, essa liturgia, se vão progressivamente desembrulhando das complicações dos symbolos, pela decifração das tres fórmas de escriptura empregadas nos tempos pharaonicos: *hieroglyphica, hieratica,* e *demotica.* Sabe-se hoje que o Egypto cria em um Deus unico, revelado em manifestações multiplas; em um Deus eterno, que se reproduz a si mesmo; em um Deus conservador do mundo, que apparece aos homens sob a figura do sol (Ammon-Ra e Osiris); em um Deus que se encarna perpetuamente no touro Apis, gerado, e não creado, no seio de mãe virgem, por um sopro do espirito divino (Phthah) e condemnado a morrer em idade marcada pelas prophecias.

Cria tambem que o homem, depois da morte, se identificava com Deus, se absorvia na substancia divina, não deixando na terra senão rapida lembrança da sua passagem; cria que fôra elle regenerado, vivendo para sempre no *Amenti,* e que, sob este titulo, tinha parte nas adorações das creaturas terrestres, que aspiravam a esse grau de perfeição, que só pela morte se attingia. D'ahi esse culto universal da morte; d'ahi esses tumulos, que a vida inteira era empregada em fabricar [1] e ornar, até á hora solemne em que Anubis, guarda vigilante dos sepulchros, devia trazer a morte na barca funebre de Osiris, para a depôr ao abrigo de todos os olhos; porque esses tumulos, tão custosamente preparados, eram assellados para a eternidade.

Nada pois para a vaidade, nada para os vivos, involucros transitorios do espirito immortal; tudo, emfim, para o homem justificado. E porque a crença na eternidade do homem constituia a essencia da religião, era na idéa da eternidade que as artes se inspiravam.

As pyramides, os obeliscos, os templos com as suas largas bases, eram manifestações imperecedouras d'essa necessidade de duração. Só o Egypto, no bello dizer de Bossuet, podia fazer obras capazes de apostar duração com o tempo.

Pelo que respeita á fabulosa tradição dos sacerdotes thebanos, que assigna ao reino do Egypto dezoito mil annos de existencia, basta-nos oppôr o insuspeito testemunho de Plutarcho: «Posto que, diz elle fallando dos egypcios, o seu anno fosse de quatro mezes, segundo alguns autores, era de um só mez no principio, contendo unicamente um periodo lunar. E assim, fazendo de um só mez um anno, claro é que o tempo decorrido desde a sua fundação parece extremamente longo; e posto que os egypcios occupem de pouco tempo o seu territorio, attribuem-se a mais remota antiguidade».

[1] Conjecturam as historias que as maiores pyramides indicam os mais longos reinados; d'onde resulta que o de Cheops foi o mais dilatado de todos.

inundação das areias; trabalho que necessariamente deviam ter empregado os antigos, para resguardar o tumulo de Apis. Talvez mesmo a intuição de que a cidade dos mortos seria inundada pelas areias, entrasse nos calculos dos egypcios, como meio de tornar impossivel no futuro, quando Memphis já não existisse, a violação dos sepulchros.

Os tumulos isolados de Apis, cujo plano e descripção Mariette offereceu no *Bulletin do Athæneum*, já não existem. As estatuas dos philosophos gregos, já bastante damnificadas, desabaram em ruinas. Resta a mansão dos Apis, nas profundas galerias subterraneas, que se pôde resguardar, por ser defeza a entrada. As camaras dos sarcophagos estão á direita e á esquerda das galerias. Os sarcophagos, quasi sempre de granito preto, sempre monolithos, com a coberta igualmente de monolitho, estão ao nivel do solo. Têem 8 pés de altura, não comprehendendo a coberta, sobre quasi 12 de largura, com 2 palmos de grossura. A coberta tem 3 pés e rasoavel grossura. O peso total é de 64:000 kilogrammas. Os caracteres hieroglyphicos são singelos, singelissimas as lendas. Todas as cobertas dos tumulos estão fóra do seu logar, indicio certo de que foram tambem violados. Nos tumulos exteriores ás galerias dos Apis encontrou Mariette camaras intactas.

As cubas dos sarcophagos não são cortadas no angulo direito, sobre a superficie inferior, em que assentam. Contribue esta circumstancia para explicar como se póde mover similhante massa sobre um solo preparado. É curioso ventilar a questão da introducção dos monolithos, tirados das pedreiras de Assouan, a duzentas e cincoenta leguas alem. Crê Mariette que a areia e a agua foram os grandes auxiliares dos egypcios. As pedras mais pesadas eram transportadas sobre cylindros de madeira por homens amestrados na arte de arremesso. Chegando á margem do rio, por um plano inclinado, essas pedras eram transportadas sobre cylindros immensos; e levantadas, mediante a jangada que as sustentava, na epocha das enchentes, eram trazidas pela corrente a Memphis, depois á necropole, até o extremo limite das aguas. Não restava senão conduzi-las ao tumulo de Apis, e faze-las subir a encosta da necropole; operação em que se empregavam os cabrestantes e os cylindros de madeira. Chegadas á entrada das galerias, o mesmo processo as conduzia até ás camaras que lhes eram destinadas.

Resta explicar como se collocavam as pedras ao nivel do solo.

A camara era cheia de areia até esse nivel, e o sarcophago collocado sobre aquelle solo movediço; o sarcophago era levantado depois pelos quatro lados, até que o monolitho attingisse o solo verdadeiro. Esta ultima operação era facilitada pela fórma convexa da cuba na face inferior.

Encontrou Mariette um sarcophago, cujo transporte não fôra concluido, e com quatro homens sómente, depois de afastar a areia que ainda restava, viu o sarcophago ir-se abatendo pouco a pouco, até que se collocou por fim na sua posição normal. Mariette espera poder fazer sair um d'esses sarcophagos, o do reinado de Amasis, cuja lenda é uma das mais interessantes. Já fez arrastar a coberta do sarcophago até á entrada da galeria, não sobre cylindros de madeira, mas sobre balas de canhão. A cuba não poderá ser tirada senão por uma abertura praticada na abobada do rochedo calcareo, e por meio de macacos, pelos quaes será suspensa por uma das extremidades sómente; o que permittirá encher de areia todo o espaço angular que fica livre.

Levantar-se-ha a cuba pela outra extremidade até o angulo opposto, igual, pouco mais ou menos, ao espaço vasio, que será por seu turno cheio de areia, e assim chegará ao cume.

O sarcophago de granito preto de Apis, do tempo de Cleopatra, é um dos mais bellos. O que tem a data do anno 5.º do reinado de Cambyses é não menos um dos mais curiosos. Só na coberta tem caracteres.

O Apis ferido por Cambyses não foi morto, como dizem as historias, porque tem o anno 4.º de Dario, e sabe-se pela epigraphe que elle nasceu no anno 5.º do reinado de Cambyses. Este epitaphio está no Louvre: um dos Apis tem a figura de um rei desconhecido da dynastia persa. Para visitar o tumulo de Apis é necessario cem luzes collocadas de distancia em distancia por fellahs. Alem do tumulo official de Apis, havia na necropole o templo de Serapis, ou *Serapeum*. Desappareceu sob as areias.

A necropole occupa toda a vasta collina calcarea que domina Memphis. Esta collina é varada de lado a lado por camaras mortuarias, mais ou menos sumptuosas, mais ou menos profundas, segundo o espaço o permittia. D'ahi vem que os tumulos das antigas dynastias se encontram quasi sempre mais perto do solo superior. Ha um grande numero de camaras descobertas.

A cidade dos mortos é mais vasta em Memphis que a dos vivos. A disposição geral dos tumulos é a de um poço terminado por uma camara funeraria. Sua entrada é vertical ou inclinada. No fundo do poço, n'uma especie de antro aberto para este fim na rocha calcarea, é depositado o sarcophago sempre monolitho, com a coberta tambem monolitha; e no sarcophago a mumia. Em baixo d'essa camara funebre está ordinariamente um ediculo com a sua entrada em declive. Encontram-se algumas vezes porticos com columnas quadradas. Para as mais antigas dynastias existe um corredor secreto á direita, e camaras cobertas de representações allegoricas recordam as offerendas feitas ao morto, suas riquezas, seus trabalhos campestres, etc. Ao fundo do poço, ao lado das camaras principaes reservadas aos mortos de distincção, existem camaras communs, onde se vêem numerosas mumias.

Para comprehender melhor a ordem na topographia da necropole, é necessario subir á mais alta pyramide de Sakkarah, e derramar os olhos pela cadeia arabica. Vê-se Memphis, circumdada de agua, jazer aos pés do promontorio; vê-se a grande floresta de palmeiras, e mais ao perto os restos das florestas de acanthos, acacias de espinhos, de que fallam os papyros, e, sobre os confins das areias, o quarteirão dos tumulos gregos; e mais perto ainda, ao pé do recinto da pyramide, o quarteirão dos tumulos da decima oitava dynastia; á direita, do lado das pyramides de Dashour, o quarteirão dos tumulos da vigesima sexta; á esquerda, na direcção das pyramides de Gizéh, os tumulos das mais antigas dynastias, principalmente os da quarta, com alguns poços da decima oitava. A avenida das esphinges, que levava ao Serapeum e ao tumulo de Apis, desappareceu. Os quarteirões do Ibidium (tumulo de Ibis), de Anubidium (não descoberto ainda), as prisões conhecidas pelos papyros gregos, e onde a tradição arabe colloca a reclusão do Patriarcha José, acham-se tambem debaixo da areia. O solo tem sido revolvido por toda a parte, e os sulcos abertos por Mariette são visiveis nos monticulos que formam o solo actual da necropole. As camaras acham-se, pela maior parte, entulhadas de areia, talvez mesmo por Mariette, a fim de subtrahi-las ás devastações

dos europeus que, na sede e gana de levarem fragmentos, quebram sarcophagos, arrancam inscripções e relevos, e ahi escrevem os seus nomes. Assim, todas as entradas para essas camaras, cuja descripção Mariette tenciona publicar, se vêem quasi sempre fechadas.

Mais se vê facilmente o tumulo de Ti, padre da quarta dynastia. Póde visitar-se tambem, postoque menos facilmente, o de Sá-Bon, da mesma epocha, o de Nofré, etc. É interessante descer a alguns dos poços. Sua profundidade varía de 40 a 80 pés; alguns ha de 100. Um grande numero de sarcophagos preciosos descobertos hão sido escondidos nas areias, para serem transportados a Boulaq.

É de Sakkarah que vieram as estatuas das antigas dynastias, que formam uma das riquezas mais importantes do museu do Cairo, steles, objectos curiosos, etc.

Apis, como imagem viva de Osiris baixado á terra, era um toiro que, emquanto vivo, teve seu templo em Memphis, e depois de morto, a sua sepultura em Sakkarah. O palacio que o toiro habitava em vida, chamava-se Apieum; á sua sepultura dava-se o nome de Serapeum. Este edificio tinha a apparencia exterior dos outros templos do Egypto, mesmo dos que não têem destino funerario. Conduzia a elle uma avenida de esphinges; precediam-no dois portaes como os usados n'esses templos egypcios, tendo por cima uma torre quadrada, macisso de quatro faces, e a que lá chamam pylones. O que tinha de mais peculiar é que n'uma das camaras abria-se de repente um caminho inclinado, que ia até debaixo da rocha, onde o templo estava edificado, e dava accesso a vastos subterraneos; esses subterraneos eram o tumulo de Apis. Da parte exterior não resta senão uma porção de pedras, mas ainda existe a parte mais bella e interessante do tumulo subterraneo.

O tumulo de Apis compõe-se de tres partes, sem communicação entre si.

A primeira e mais antiga remonta á decima oitava dynastia, e serviu á sepultura dos Apis até a vigesima; aqui os tumulos são isolados: tantos Apis mortos, quantas camaras sepulchraes cavadas aqui e alli. Estas camaras estão escondidas hoje debaixo das areias.

A segunda parte comprehende os tumulos dos Apis mortos posteriormente; e n'essa então havia um longo subterraneo com camaras de ambos os lados, que se utilisavam á proporção que em Memphis morriam Apis. Este subterraneo está inaccessivel, por perigoso.

A terceira parte é a que todos conhecem; começa na vigesima sexta dynastia, que acaba nos ultimos Ptolomeus; é o mesmo systema de subterraneo commum, mas enorme. As novas galerias tem cerca de 350 metros de desenvolvimento; ahi ha ainda vinte e quatro sarcophagos de granito, e cada um d'estes monolithos pesa, um por outro, 65:000 kilogrammas.

A exploração d'esta sepultura forneceu á sciencia materiaes inesperados. Era costume em certos dias do anno, ou nos funeraes de um Apis, irem os habitantes de Memphis visitar o deus em sua sepultura, e para lembrança deixavam um *ex-voto* em fórma peculiar, uma stele, isto é, uma especie de lagea quadrada, mas arredondada por cima, e que se embutia em uma das paredes do tumulo, depois de se ter gravado alli uma homenagem ao deus em nome do visitante e de sua familia. Ora esses documentos (uns quinhentos) foram, na maior parte, achados no seu logar antigo; e como muitos d'elles são datados á moda do tempo, isto é, do anno, mez e dia do rei reinante, avalie-se que auxilio não presta á sciencia, e particularmente á chronologia, a comparação d'estas steles.

Geralmente n'esta necrópole tudo é pouco funerario. Parece que n'outras se vê um exercito de deuses esquipaticos, phantasticos, marchando por todas as paredes da camara; n'essas o morto está verdadeiramente em mundo diverso, mundo povoado de seres, o mais das vezes indescriptiveis. Aqui é o contrario; não ha uma unica imagem de divindade; o defunto apparece, não no outro mundo, mas n'este: é representado de pé, empunhando bastão do commando, ou sentado; tem ao lado a mulher e os filhos, á frente os creados, e parece que ainda não deixou a terra. Fóra da porta da entrada de cada tumulo lê-se uma comprida inscripção com o nome e titulos do defunto, e em seguida uma invocação, que resume de certo modo os quadros que em tão grande numero achámos no interior.

N'esta invocação pede-se a Anubis: 1.°, que conceda ao personagem uma boa sepultura na necropole, após vida longa e feliz; 2.°, que favoreça o caminho do defunto pelas regiões de alem-campa; 3.°, que assegure por toda a eternidade as offerendas de dons funerarios.

Em Memphis foi aberto aquelle maravilhoso lago, que tem ainda hoje o nome de Meris ou Meride, isto é, o do rei que o mandou abrir. Não se póde ler sem espanto que este lago tivesse cento e oitenta leguas de circuito. Pompeavam no centro do lago duas pyramides, de trezentos pés de altura, tendo outros tantos embebidos n'agua, cada uma das quaes sustentava sobre um throno duas estatuas colossaes, uma de Meride, outra da rainha sua mulher.

Sobre o lago havia aquelle famoso labyrintho, outra maravilha do Egypto, fabricado por doze reis, que, reinando a um tempo em diversas provincias do Egypto, quizeram deixar em commum esse monumento, que attestasse á posteridade a magnificencia d'elles. Era esse labyrintho um aggregado de palacios regularmente dispostos e communicaveis entre si, tendo cada um dois andares, um sobre a terra, outro debaixo, e ambos continham trezentas e trinta camaras, as quaes tinham em torno doze salas, e os curiosos que ousavam visita-las, perdiam-se nos giros e contragiros, a que não havia saida. Cada uma das salas era circumdada de columnas de marmore branco finissimo. Finalmente na extremidade do labyrintho avultava uma pyramide de 240 metros de altura, bordada de figuras hieroglyphicas, e por ahi se descia aos subterraneos destinados aos sepulchros dos reis e dos crocodilos sagrados, que eram venerados como deuses.

Um paiz de tanta antiguidade, de tanta gloria, permanece como um hieroglyphico do mundo antigo; e das suas grandezas quasi unicamente fallam as suas ruinas: catacumbas aterradas, canaes obstruidos, esqueletos de cidades e de templos, columnas, obeliscos expostos ao furor do tempo e á avidez dos povos barbaros e civilisados; arcanos de morte violados pela sciencia, pyramides de maior altura do que qualquer edificio romano! Aquelles montes de pedras talhadas, aquellas immensas figuras de animaes e de homens, aquelles palacios, aquellas paginas da historia escriptas para a eternidade em caracteres mysteriosos; tudo, tudo isso desafia as meditações do homem, e o faz perguntar attonito: d'onde veiu este povo extraordinario? Onde as suas artes? Onde a seiva do seu intimo intellecto, e o profundo amor da sciencia, que o caracterisou? Onde o segredo da sua estabilidade politica?

Que differença entre o Egypto e o Egypto! entre a terra dos Pharaós e o deserto dos arabes! entre os tempos dos Josés, dos Sesostris, dos Alexandres, dos Ptolomeus, e os dos Ommiadas, dos Abassidas, dos Mamelucos e dos modernos tur-

cos! Oh! que pesado e tremendo não tem sido este oraculo de Isaias: *Tradam Ægyptum in manu dominorum crudelium, et rex fortis dominabitur eorum.*

Depois de contemplar o theatro d'essas grandezas mortas, que revivem nos quadros da phantasia, o espirito do viajante se dá por bem pago das fadigas causadas por um passeio ás pyramides e á necropole de Memphis. Seus olhos voltam maravilhados da perspectiva risonha que offerecem as margens do Nilo, cuja suave poesia embevece e transporta a alma do artista, e fa-lo viver por momentos quarenta seculos antes!

Se eu fosse a reproduzir tudo quanto vi, li e ouvi, em relação a esta terra dos Pharaós, daria ao capitulo proporções que elle não comporta, não obstante a extrema curiosidade que justificam as peculariedades locaes d'esta região antiquissima e excepcional.

Era tempo de deixarmos esse delicioso valle do Nilo, essa terra dos desertos, das cataractas, da civilisação antiga, das pyramides, dos hieroglyphicos, das esphinges, das mumias, dos mysterios, do rio mar de incognita origem, dos crocodilos, dos pelicanos, dos hippopotamos, de Memphis e Thebas, do collosso de Memnon, dos obeliscos, dos templos, dos Pharaós, dos Ptolomeus, dos papyros, das inscripções, da theogonia mythologica, que todavia tomava por ponto de partida o Deus occulto; do berço de Moysés, confiado ás ondas, que salvaram o santo legislador, libertador e thaumaturgo; a terra emfim, que serviu de asylo á Sacra Familia, nos primeiros dias da perseguição ao Infante Redemptor. Preparámo-nos para partir.

X

Achava-me eu enfermo desde a minha monumental subida á pyramide. Não obstante, devia acompanhar os meus amigos, com os quaes me metti na ferro-via em direcção a Suez.

Por tres vias se póde seguir do Cairo para o isthmo: a primeira pelo caminho de ferro que leva a Suez, e a viagem n'este caso se faz do S. ao N., isto é, de Suez a Porto Said; a segunda pelo caminho de ferro do Cairo a Samanoud, d'alli a Mansourah, d'aqui a Damietta pelo mesmo canal, e de Damietta a Porto-Said pelo lago Menzaleh; partindo de Porto-Said para voltar a Suez, visitam-se os trabalhos do N. a S.; e a terceira pelo caminho de ferro do Cairo a Zagazig, ruinas da cidade pharaonica de Bubastis.

Por este caminho seguimos nós. Em Zagazig começa o canal de agua doce, que atravessa os dominios de Oouady, deixando á esquerda as ruinas da antiga cidade pharaonica de Ramsés, sem duvida a que os israelitas construiram antes da saída de Moysés, porque esta região é a da terra de Gessen. Chega-se depois pela planicie de Magfar (antiga Oum-Riam da Biblia) á cidade de Ismailiah, creada pela companhia na juncção do canal de agua doce e do canal maritimo, ao norte do lago Timsah (lago do Crocodilo). A praça principal tem o nome illustre de Champollion.

Ismailiah é já uma povoação importante. Suas ruas são bem divididas e alinhadas, ao que muito se presta a igualdade do solo. As casas, geralmente terreas, são bonitas, tendo em frente um jardim. Toda esta região foi outr'ora povoada de florescentes cidades, de que já pouca memoria resta.

O canal de agua doce segue em todo o seu curso a direcção do antigo canal pharaonico e ptolomaico do Nilo ao mar Vermelho.

Este terceiro caminho, de certo o mais interessante, conduz ao ponto que representa, pouco mais ou menos, o meio do canal maritimo, no sentido da sua extensão. Para visitar pois, estes trabalhos, é necessario partir de Ismailiah e seguir o canal maritimo até Suez ao S. Vê-se entre o lago Timsah e os famosos lagos amaros o sitio chamado Serapeum ao S. de Toussoumville (nome do filho do ultimo vice-rei). Atravessam-se depois os lagos amaros, que estão ordinariamente seccos, mas sob o imperio de certos ventos se enchem instantaneamente das aguas do mar Vermelho. No espaço que os separa d'este mar, as aguas salgadas enguliram, segundo a tradição biblica, Pharaó e seu exercito, quando perseguiam Moysés. Estas mesmas aguas iam causando a perda de Napoleão em 1798.

Chegâmos alfim, após cinco horas, á cidade sita ao fundo do golfo, sobre a extrema do arido isthmo de cerca de dez mil myriametros, e que liga ou separa os mares Mediterraneo e Vermelho. Foi uma possante cidade, que Vasco da Gama fez cair em completa decadencia, da qual todavia começa a reerguer-se pelo genio e admiravel tenacidade de Lesseps, que lhe reabriu a communicação com o Oriente; via, que o assombroso dobrar do cabo Tormentorio fez desamparar durante alguns seculos, apesar de ser realmente a mais natural para o commercio das grandes Indias, através do Egypto.

Era por um canal oriental partindo do braço Pelusiaco do Nilo, na direcção dos lagos amaros, ao N. de Suez, perto da antiga cidade ptolomaica Arsinoe, que se estabelecia nos tempos antigos a communicação do Nilo com o mar Vermelho. Este canal seguia pois, como ficou dito n'outro logar, a mesma direcção do canal de agua doce, aberto pela companhia para estabelecer os transportes por agua entre o valle do Nilo e o canal maritimo. Nunca jamais, nem nos tempos dos Pharaós, nem dos Ptolomeus, nem dos romanos, nem dos arabes, se emprehendeu a obra monumental que Lesseps acaba de realisar, a despeito dos obstaculos naturaes, e das contrariedades dos inglezes, que temiam perder o monopolio do commercio das Indias. A empreza de Lesseps não tem precedente algum na historia da antiguidade. O primeiro canal do Nilo ao mar Vermelho parece remontar a Seti I, pae de Ramsés II, o grande Sesostris, que floresceu quasi quinze seculos antes da nossa era, isto é, tres mil e trezentos annos antes de M. Lesseps. Diz Herodoto (liv. II, cap. 135) que foi somente no tempo de Nechao ou Necas, rei da vigesima sexta dynastia (oito seculos antes de Christo), que este canal foi começado, continuado depois por Dario I e concluido por Ptolomeu II. Strabão nos diz tambem (liv. XVII, cap. 4) que no seu tempo «as mercadorias da Arabia e da India eram conduzidas a Myos-Hormos (porto do Mar Vermelho, hoje Abou-sar-el-Kibls, na latitude de Syout), e que d'ahi eram transportadas em costas de camelos a Coptos sobre o Nilo (um pouco ao S. de Kéneh), para serem depois conduzidas pelo rio a Alexandria». Este passo de Strabão é confirmado por Plinio (liv. V, cap. 11), que tambem diz «que era no porto de Berenice (sob a latitude de Assouan) que quasi sempre os navios mercantes do mar Vermelho fundeavam; d'alli as mercadorias eram transportadas em costas de camellos até Coptos, que distava do porto de Berenice 258 milhas (300 kilometros)».

De tudo isto, e do mais que a indole d'este escripto obriga a supprimir, resulta: 1.°, que a canalisação dos antigos não existiu nunca senão entre o Nilo e o mar

Vermelho, e que por consequencia era antes fluvial que maritima; 2.°, que essa mesma via de communicação havia sido abandonada pelo commercio.

A empreza, portanto, de M. Lesseps é uma das mais giganteas dos tempos modernos.

XI

Aggravando-se os meus incommodos, o meu desvelado medico assistente, dr. Grainha, foi de parecer que deviamos voltar a Ismailiah pelo caminho de ferro, em vez de seguirmos pelo canal de agua doce, que passa ao pé das ruinas de Clysma, entre o Gebel-Geneff a O. e os lagos amaros a E.

Chegámos a Ismailiah, e ao meio dia embarcámos n'um dos vaporzinhos da companhia, e dentro em pouco nos achámos no ponto mais importante, em El-Guisr. É alli que os rochedos e as areias apresentam, não os maiores obstaculos, mas sim a maior massa de materiaes a remover. O conjuncto dos trabalhos de El-Guisr a El-Terdan offerece aspecto imponente. Partindo de El-Terdan, o canal atravessa o lago Ballah, e chega á estação de El-Kantara, perto das ruinas da antiga Sele, onde começam os trabalhos do lago Menzaleh, que tem apresentado as maiores difficuldades, por se ter encontrado pouca profundidade em diversos pontos. A ultima estação antes de Porto-Said é Ras-el-Ech. Em El-Kantara passa o caminho do Egypto para a Syria e para a Judéa; caminho de caravana, tão antigo como o homem; passa em Tell-el-Ker, o antigo Mogdol da Biblia, o antigo Magdolum dos itinerarios. Por este caminho é tradição que passou a Sagrada Familia na sua fuga para o Egypto; e lá para o fundo do deserto nos mostraram o logar onde M. Lesseps mandou levantar uma egreja, no sitio onde a mesma tradição diz que repousaram os santos fugitivos.

Chegámos a Porto-Said por volta das sete horas, sendo salteados, apenas desembarcámos, por um enxame de arabes, que nos pozeram em apertado cêrco, gesticulando, gritando, digladiando-se entre si, lançando as garras sobre as nossas bagagens, acotovelando-nos, procurando cada um chamar sobre si a attenção de preferencia, ensurdecendo-nos e desesperando-nos.

Era já noite. Enterravamos os pés em dois palmos de areia movediça; sibilava o vento, envolvendo-nos em rolos de pó; e eu, desanimado e muito doente, já nem coragem sentia para mover-me.

Por muito tempo andámos vagueando pelas ruas, que nenhum de nós conhecia, até que o sr. bispo, servindo-nos de interprete, adquiriu conhecimento de que a alguma distancia ficava um recolhimento de irmãs de S. José, a que era annexa uma casa de saude. Arrastaram-me até alli, e dirigindo-se s. ex.ª á superiora, ella com a maior bondade tomou logo as disposições para me ser proporcionado o melhor alojamento da casa; e meus companheiros se retiraram para um conventinho de franciscanos, deixando-me entregue á caridade d'aquellas santas mulheres. O medico respectivo fez-me logo pôr á roda do pescoço um collar de surucucus, que taes eram as sanguesugas da Syria, que alli se usam; sendo porém certo que á energia do tratamento e á piedade d'aquellas adoraveis irmãs, imagens da Providencia, devi o entrar dentro em tres dias n'uma convalescença milagrosamente prompta.

Os meus bons companheiros esperaram obsequiosamente pelas minhas melhoras, até que eu, atormentado da idéa de ser causal d'este desarranjo, instei para que partissemos. Com effeito, as minhas dores physicas e o meu abatimento eram em grande parte neutralisados pelo pensamento de que o primeiro chão que eu devia pizar, era o da Terra Santa. Embarcámos e proseguimos.



Sorrieu lith.

Imp. Lemercier et Cie Paris

PANORAMA DE JAFFA

CAPITULO VI

JOPPE OU JAFFA

I. Desembarque.—II. Hospicio e templo dos franciscanos.—III. Descripção da cidade e seus usos.—IV. Jardins de Jaffa. Grandes melhoramentos introduzidos por Abu-Nabut.—V. Fundação ante-diluviana. Arca de Noé.—VI. Andromeda e Perseu.—VII. Transporte dos cedros do Libano por Salomão e Zorobabel.—VIII Jonas e a baleia.—IX. Judas Machabeu punindo a traição dos joppeanos.—X. Casa de Simão o pelliqueiro. S. Pedro e a visão da toalha. Cornelio, centurião de Cesaréa.—XI. Tabitha.—XII. Embarque de Maria Santissima para Epheso.—XIII. Devastação da cidade por Cestio e Vespasiano.—XIV. Os cruzados e S. Luiz em Jaffa.—XV. Napoleão Bonaparte.—XVI. Abu-Nabut e suas edificações.—XVII. Partida para Ramlé ou Ramá.

I

«Terra!» exclamava a voz de um dos nossos companheiros de viagem, affeito a esta peregrinação, e que desde quasi uma hora antes eu via com a cabeça apoiada nas mãos, encostado á amurada do navio, olhos fitos na direcção da prôa.—«Terra!»

—«Que diz?—perguntei-lhe eu:—como póde por entre estas trevas divisar montanhas?»

—«Montanhas, não; mas fixe bem a vista á nossa prôa. Não lobriga uma luz?»

Eu não via nada. A estes lynces do Oceano mimoseou Deus com um olhar mais perspicaz que o dos outros homens. Só depois de meia hora de anciosas diligencias pude ao longe descobrir uma como pallida estrella ao rez das ondas. Estava porém bem pago do sacrificio voluntario que a mim mesmo impozera, de renunciar ao leito, apesar de ainda debil e convalescente. Era o pharol de Jaffa. O grande vapor das *Messageries Impériales*, que nos transportava, ia rapidamente engulindo o espaço. Quasi todos os peregrinos estavam de pé e no convez, concentrando os olhos no mesmo ponto. Raiava a manhã n'um ceu limpido e sereno. Duas horas depois, ao bater das seis, punhamos termo á nossa viagem maritima.

Apenas se deitou a ancora, começou a divisar-se para o lado da cidade um cardume de sombrinhas movediças por sobre o nivel das aguas. Era uma espantosa quantidade de escaleres e botes, que entre si disputavam qual primeiro se apoderaria da presa. Dentro em poucos momentos eramos litteralmente sitiados por aquelles arabes vigorosos e requeimados, que nos ensurdeciam com o alarido confuso, barbaro, inintelligivel, que parecia surgir das fauces de uma multidão de humanos monstros marinhos. Após a competente visita das autoridades turcas, desci com os meus companheiros, e depois do combate travado entre os que aspiravam a uma preferencia, entregámo-nos ao vencedor dos vencedores, Agamemnon dos barqueiros, que se tinha estrategicamente apoderado, primeiro que os outros,

das nossas bagagens. Debaixo das pragas estrepitosas dos vencidos começámos a vogar para terra.

É o porto de Jaffa o peior de todo o mundo. Pequeno golfo espinhado de rochedos, que mal despontam á flor d'agua, entremeiados aqui e alli de bancos de areia; e comquanto a navegação para barcos de muito maior calado seja, nas marés altas, muito mais desafogada, estava tão baixa a maré n'aquella occasião, que mettia medo o modo como os nossos bronzeados barqueiros serpenteavam por sobre aquellas agitadas ondas, fugindo ora de um, ora de outro recife, e revoluteando, como se tivessem em mira desmentir as mathematicas, e provar praticamente que o caminho mais curto não é sempre a linha recta. Não ha porém rasão de queixa: não tocámos nem em rochedos, nem em bancos de areia, e assim nada, alem do susto, occorreu notavel até o desembarque.

Apenas abordámos, em vez de podermos saltar em terra, vimo-nos d'ella ainda assim distanciados por uma extensa tábua que, assentando sobre quatro postes, nos devia servir de ponte. A ella subimos: era tão longa e flexivel que, apenas demos dois passos, tal seio fez que no contra-movimento quasi todos caímos na agua. Felizmente arremessou-nos o impulso recebido até ao pé de terra, d'onde instinctivamente demos as mãos aos arabes apinhados no caes.

Apenas nos achámos em terra, fomos cercados de uma turba-multa esfaimada, cadaverica, maltrapilha, hedionda, que parecia querer arrancar-nos os olhos. Sobresaíam no meio da chusma umas figuras vestidas de rodaques sem forro, cobertas as pernas de rotas fofas, e com uma especie de faxa encarnada pendendo-lhes da cintura, alem do competente gorro vermelho; eram os guapos agentes da ottomana administração! Procurámos por gestos e signaes fazer-lhes conhecer a coacção em que nos achavamos, constantemente impellidos pelo fluxo e refluxo da multidão desenfreada, que, no afan de qual primeiro empolgasse a nossa bagagem, não só se acotovelavam, como por fim se esbofeteavam, com gritos descommunaes! Scena identica tinhamos presenciado no porto de Alexandria, e em Porto Said.

Concluida esta serie de pugilatos, de cujas refregas não raros saíram maltratados, fomos conduzidos pelos mencionados agentes administrativos a um alpendre denominado alfandega, a qual se resume n'uma balança para pesar bagagem; sendo aliás menos duros os direitos do que haviam sido os incommodos.

II

D'alli seguimos em demanda do hospicio e templo dos franciscanos, situado quasi no caes, e reconstruido em 1831 com materiaes tirados das ruinas de Cesaréa, outr'ora fundada por Herodes. Assim, por uma singular coincidencia, diz um escriptor, «as pedras com que o Rei da Judéa levantára um monumento a Augusto, foram depois consagradas a melhor Augusto, ao celestial Menino, tão cruamente perseguido por aquelle mesmo Rei».

Na porta principal havia um postigo de quatro pés de altura, por onde entrámos curvados. Depois de transpormos enfiada immensa de escadaria de pedras esburacadas e tortuosas, e de percorrermos outra serie de socalcos ou terrados, sempre em ordem ascendente, chegámos esbaforidos ao pavimento superior destinado aos peregrinos.

Que bello panorama d'aquella eminente posição! Visos do Carmello, ruinas de Cesaréa, planicies de Tyro e Sidonia, extensas costas de Beiruth, valles mysteriosos de Damasco, cedros do Libano; tudo isso se ostenta com todos os encantos da miragem aos olhos da alma contemplativa.

Designados os nossos aposentos por frei Daniel, modelo de affabilidade hospitaleira, mudámos de roupas e tornámos a descer á capella que serve de matriz aos latinos, onde rendemos graças ao Todo-Poderoso por havermos tocado o lumiar da Terra Santa.

Todos nós assistimos com entranhada devoção á missa, que no altar mór foi dita pelo nosso venerando companheiro, o sr. bispo do Rio Grande. Avultado numero de catholicos do logar assistiu a esta missa, e bastantes estavam preparados para a Communhão. Quando o digno celebrante se dispunha para ministra-la, deu-se uma particularidade, que excitou a nossa mais sympathica attenção: aquella boa gente, que estava da parte de fóra da balaustrada, descalçou as sandalias que deixou no seu logar, e avançou vagarosa, curva e reverente, até se prostrar ante o magno sacerdote, a quem aliás estas commovedoras scenas eram familiares desde a sua anterior viagem a terras do Oriente. A nós, porém, que as presenciavamos pela vez primeira, causaram-nos uma sensação, que bem se harmonisava com os impulsos de respeito e veneração, que em nossas almas redemoinhavam.

A egreja é de pequenas dimensões e de singeleza verdadeiramente monastica. Ornam-n'a varios paineis, sendo o principal o de S. Pedro, patrono do logar. Não são desenhos de aprimorado pincel. Muitas lampadas, suspensas na abobada por longas cadeias, prendem nos anneis globos de vidro e ovos de ema, decoração peculiar a todas as egrejas do Oriente.

Feita a nossa visita ao Senhor Sacramentado, tornámo-nos aos aposentos, onde frei Daniel já nos tinha preparado uma refeição condigna da sua caridade [1].

Habitam agora no hospicio de Jaffa dezeseis religiosos franciscanos da missão da Terra Santa. Sustentam elles uma escola gratuita para meninos; ministram remedios e soccorros aos enfermos; hospedam, sem excepção, a todos os peregrinos. Nas quadras de epidemias é que estes padres se tornam credores de admiração, pelos extremos de caridade que praticam no seio d'aquelle miserrimo gentio; e d'ahi a estima e respeito que lhes tributam os proprios musulmanos, entre os quaes gosam de maior segurança do que em muitos paizes cultos. Mais de setenta meninas de todas as religiões recebem no internato de S. José (mantido pelos mesmos franciscanos) desvelada educação intellectual e moral.

Todos os religiosos de Jaffa são estrangeiros: italianos, hespanhoes, francezes,

[1] Não me posso eximir (attenta a merecida reputação de escriptor primoroso de que o grande Lamartine goza) a confessar que a sua viagem aos logares santos, tão formosa e poetica, está entretanto cheia das mais indesculpaveis inexactidões, tanto em relação á descripção dos sitios, como dos costumes locaes. Assim, diz elle, por exemplo, d'este mosteiro: «Magnifico é o convento latino, que ainda estavam aformoseando, quando nós passavamos; mas hospitalidade é que nós não achámos n'esses frades. Não se abriram os seus vastos aposentos, nem para nós, nem para nenhum dos estrangeiros que em Jaffa topámos; ficam desertos, emquanto os peregrinos procuram a custo o abrigo de algum miseravel khan turco, ou a hospitalidade onerosa de algum pobre tecto de judeu ou armenio».

Tudo isso é tão inexacto, como ingratamente expresso. O convento, longe de magnifico, é acanhado e pobre; e quanto á hospitalidade dos frades, é ella e tem sido sempre exemplar, sem distincção de nacionalidades ou religiões, e tal, que mui numerosas vezes os pobres monges teem sido victimas innocentes da sua generosidade e dedicação.

allemães e até mexicanos. Uns se têem reunido alli voluntariamente; outros, expulsos de suas patrias, sacudiram n'ellas o pó das sandalias, indo levar a infieis os beneficios da Religião.

Pobres padres! Quantas vezes, sentados no terrado de seu mosteiro de Jaffa, não contemplam com amargura aquelle amplissimo pelago, estendendo olhos anciosos em busca de alguma véla portadora de novas do torrão que lhes foi berço! Só ausentes avaliam o que seja o amor do solo natal.

Mas não: aquelles mensageiros da boa nova romperam todos os laços que os prendiam á terra; suas almas viajam por mais elevadas regiões, de cujas alturas tenteiam os vastos paramos da eternidade!...

Não houve obsequios que os nossos seraphicos amphytriões nos não prodigalisassem. Durante o tempo que estivemos em Jaffa, fomos sempre bondosamente acompanhados e guiados em nossas excursões por alguns d'aquelles monges; e assim podemos ver attentamente tudo quanto Jaffa nos offerecia merecedor de curiosidade.

III

Joppe significa belleza, segundo dizem. Digna fôra ainda hoje, e omnimodamente, d'este titulo tão seu na antiguidade, se a elegancia dos edificios correspondesse ao pittoresco da formosissima posição; mas não: essa outr'ora afamada cidade é a mais immunda e desprezivel de quantas no Oriente visitei.

Duas leguas antes de chegar-se a Jaffa, vê-se a cidade descer da eminencia de um promontorio que vae embeber-se no Mediterraneo, formando uma como peninsula.

Avistada a distancia, offerece o aspecto de um amphitheatro, dando, por longe, uma idéa da collocação da nossa cidade da Bahia; mas vista por dentro, dissipa-se a illusão; porque nenhum monumento a illustra digno de nota, ou por antiguidade ou por architectura. Para o viajante Jaffa só vive das reminiscencias.

Dizem que o povo de Jaffa se compõe de 6:000 habitantes (a mór parte turcos: 500 catholicos, 600 a 700 gregos e 100 armenios). Tem tres mesquitas de segunda ordem, o convento dos latinos, o dos gregos e o dos armenios scismaticos, todos sem elegancia, nem fórmas architectonicas; edificios mais proprios para revelarem a penuria que a piedade de seus habitantes. As ruas, escuras, estreitas, ingremes e não calçadas, mas pedregosas, são labyrinthos verdadeiros; peiores ainda as casas, onde tudo respira miseria. Estas são, como pelo Oriente, baixas, com os tectos horisontaes e zimboricos, e collocadas em amphitheatro no monte.

Ao sair da porta oriental, que dá para o caminho de Jerusalem, encontra-se uma praça não pequena, onde ferve dia e noite o mais activo trafego de tudo o que ha no paiz: mercadores, arabes com pacotes de generos aos hombros; beduinos sordidos, armados de zargunchos; turcos com gorros vermelhos, e expedindo da bócca rolos de fumaça, sorvidos de um enorme cachimbo; mulheres maltrapilhas, de caras cobertas com os seus véus negros; creanças semi-nuas; camelos albardados, jumentos com sellas similhando cangalhas; cavallos, carneiros, gallinhas, cães, melancias, limões, laranjas, tamaras, uvas, cebolas confusamente espalhadas pela terra; eis o espectaculo que se offerece aos olhos!

Do lado do sul d'esta praça ha uma especie de bazar, onde ao descair da tarde,

quando nós passámos se reuniam homens e mulheres da seita de Mafamede. No meio do telheiro fervia um caldeirão. Dirieis que ahi se preparava um manjar de exquisito gosto, mas não: era um ponche de laranja e limão, misturado com um mau licor, que alcunham vinho do Libano. Cada um dos convivas lá vae successivamente encher a marimba, e começam a sugar o liquido nauseabundo. Aquella heterogenea mistura tem a propriedade de produzir embriaguez: com effeito, momentos depois, começam a agitar-se os animos. Cantaroleiros e tangedores de instrumentos monotonos e desentoados rompem a discorde orchestra, e todos dansam desordenadamente, praticando momices, tregeitos, requebros e meneios que a honestidade repugna presenciar. É n'aquellas paragens que se torna frisante a contraposição entre as duas civilisações; é alli que sobresae a profunda differença entre os costumes pagãos e as praticas sublimes do Catholicismo!

O catholico, em meio d'aquella alluvião de barbaros, é logo conhecido por sua physionomia suave, trato humilde, e trajar modesto. Encontrando qualquer padre latino, nem ousa beijar-lhe a mão; toca-lhe com a dextra, e é esta que depois beija; costume que frei Pantaleão ha trezentos annos disse ser geral em todo o Levante, e ainda em Roma entre a gente de primor.

A mulher catholica usa por sobre o vestido uma especie de chlamyde ou mantelete, cingido de uma larga faxa, geralmente de sêda da Syria, que vae cobrir-lhe a cabeça, mas não o rosto, onde brilha modestia e candura.

Os meninos são doceis e comedidos. Não parecem irmanar-se no sangue com aquelles perversos adolescentes que apedrejaram o propheta Eliseu.

Diz um auctor que existe em Jaffa uma especie de peixe que, quando se come, dá vertigens e dôres de cabeça violentas, e que a séde do veneno está na cabeça do peixe; porquanto, havendo cuidado de corta-la emquanto vivo, póde comer-se o resto sem risco. Não estou longe de acreditar não ser esta asserção fabulosa; porquanto me recordo de ter ouvido na Bahia, que o peixe no Brazil denominado *curiman* tem, principalmente n'aquella zona, qualidades similhantes; pois, mórmente por occasião das luas cheias, diz-se que quem come d'este peixe fica logo sujeito a vertigens e outros incommodos.

Viajantes dizem que ao longo da praia se encontra agua doce, e que para o lado de Gaza basta cavar com a mão na praia maritima para ella brotar.

IV

O desagrado que o interior da cidade infunde, acha compensação nas delicias de que nos seus contornos se goza. São de grande nomeada os hortos de Jaffa, cultivados em grande parte por maronitas vindos do Libano, e reputados os melhores jardins de toda esta costa do Mediterraneo. É penoso visita-los, não por serem distantes, mas pelo muito areal do caminho. Occupam uma extensão de duas milhas. Aspira-se o aroma d'aquelles pomares, e para logo se conhece estar-se respirando terra da Palestina, a fertilissima, a decantada nos livros santos por sua uberdade. Entra-se n'um cerrado bosque de limoeiros, laranjeiras, cedros, romanzeiras, sycomoros, damasqueiros, ameixeeiras, e outras muitas arvores elegantes ou fructiferas. Entre essas mimosas plantas os nossos olhos brazileiros repousaram com delicias sobre umas atas, que nos foram mostradas e apontadas como compa-

triotas nossas; pois aquellas saborosissimas pinhas, que n'estes logares denominam chirimoias, vieram para Jaffa transportadas da America meridional pelos nossos franciscanos. Penetrando n'esses jardins pelas portas praticadas nas cercas de cactos e nopaes, nada mais curioso e de ver que o esplendor d'essa natureza que toda em fronde se desata; aquelles ramos, aquellas folhas, aquelles fructos debruçam-se para terra, de modo que para penetrar n'aquelles gabinetes de verdura entretecidos pela natureza, tem o viajante de inclinar-se profundamente. Nem nos mais calmosos dias do estio cóa o sol seus raios em tão espesso silvado, e a frescura de que ahi se goza é ainda augmentada pela purissima lympha de crystallinas fontes. É este o unico logar de recreio dos habitantes, que frequentemente ahi passam o dia.

São os jardins cingidos de uma cêrca de figueiras de Pharaó, que produzem uns fructos conhecidos commummente por figos da Syria, mais agradaveis á vista que ao paladar. Alem das folhas, flores e fructos, encontram-se aqui e alli, n'aquella selva artistica, uma choupaninha campestre, ao lado de algumas poucas geiras de terra, uma fonte de agua viva com a sua nora, uma cisterna, um camelo, um jumento e outros objectos, que todos lembram os tempos patriarchaes.

Quando depois atravessámos esta região, o sr. bispo do Rio Grande, já mestre d'estas paragens, narrou-nos o modo como este oasis surgia assim no meio de um quasi deserto de cultura, segundo elle ouvira a pessoas mui sabidas na historia d'estes logares. Não posso deixar de aqui repetir esta curiosa narração, porque d'ella se deduzem notaveis corollarios; visto como não só pinta o auge de indolencia d'estes desmazelados habitantes, mas tambem que em certos graus de primitiva civilisação os povos, como tenros meninos, precisam em seu proprio proveito uma tutoria, a qual, para produzir beneficos resultados, tem de ser branda ou severa, segundo as indoles e as educações. Eis pois o caso.

Abu-Nazut, de quem no fim do capitulo tornarei a fallar, governador nos principios d'este seculo, foi uma especie de marquez de Pombal de Jaffa. Nenhuma autoridade alli deixou tamanha copia de melhoramentos reveladores de illustração, zêlo e patriotismo; mas tambem nenhuma outra recorreu jamais a procedimentos de tal modo dissonantes das nossas idéas, que hoje, para applaudi-los, nos vemos obrigados a desculpar pela grandeza dos fins a estranheza dos meios.

Observava Abut-Nazut que a pouca distancia da planicie de Saron, tão afamada por sua uberdade, não podia o terreno proximo a Jaffa deixar de compartir aquellas magnificencias de luxuriante natureza; e que era preciso convencer os naturaes, por meio de um palpavel exemplo, de que bastava a mais simples coadjuvação do braço humano, para que a natureza recompensasse os esforços centuplicadamente. Conselhos, persuasões, instancias, tudo isso seria baldar diligencias para com tão desidiosa gente. De que modo havia pois de resolver o seu problema? Ei-lo aqui.

O governador, por um firman seu, publicado com a maior solemnidade, declarou aos seus subditos que tinha determinado converter em hortos, pomares, vergeis e jardins as duas milhas de terreno que iam de tal a tal ponto, com taes e taes limites. Durante um certo prazo, cada habitante era obrigado a fazer annualmente dadas plantações, a saber: um certo numero de pés de laranjeiras, outro de sycomoros, outro de limoeiros, alguns de flores silvestres ou de jardim, e assim successivamente, até ficar plantado todo aquelle ambito, que a autoridade se in-

cumbia de mandar cortar de ruas, alternar de cisternas, matizar de lagos, e povoar de casinhas de campo.

Agora a parte penal: por cada pé de arvore que deixasse de ser plantado, recebia o contraventor em paga cincoenta pauladas nas plantas dos pés. Quem de todo desobedecesse á ordem, nada plantando durante o anno, era simplesmente empalado. Quanto a mim, por mais que apreciasse os effeitos d'esta administração *sui generis,* repugnar-me-iam os Abut-Nazuts em nossa terra, ainda mesmo que fosse para governarem o valle do Amazonas.

Assim descripto tudo quanto se offerece á vista digno de menção em Jaffa, passarei agora a occupar-me do que n'esta região merece estudo, sob os aspectos religioso ou historico.

V

A antiguidade de Joppe é tal, que se attribue a sua reconstrucção a Japhet, filho de Noé, o qual a ergueu no mesmo logar onde já pompeára a antiga Joppe, cuja memoria se vae perder na noite dos tempos ante-diluvianos. E com effeito até os livros profanos e gentios conservaram esta tradição. Plinio (5–14–3) exprime-se assim: *Joppe Phœnicum antiquior terrarum inundatione.* Outro tanto diz Pomponio Mela (1. x. 1.) *Ante diluvium, ut ferunt, condita.*

Na distribuição feita por Josué ás doze tribus de Israel, coube em sorte á de Dan.

Mella *(citato loco)* affirma que Cephéas reinára em tempos remotisssimos nos seus muros, segundo a crença dos habitantes, fundada em que nos seus antigos altares se conservavam com infinita veneração os nomes de Cephéas e seu irmão Phineu.

Eis-nos pois na antiquissima Joppe, a cidade famosa por tão graves recordações, o logar sagrado por tradições tão venerandas! Desde já hesita a mente sobre qual dos grandes successos occorridos n'este solo ha de o pensamento fixar-se.

Ha quem affirme que n'este mesmo ponto é que fôra fabricada a arca de Noé; os indigenas apontam um recanto ao nivel do mar, á direita de quem entra, que foi o verdadeiro porto antigo da cidade, e ninguem lhes desvanece a convicção de que foi alli construida a arca.

Não menos ha quem pense que as entranhas d'esta terra guardam os restos do segundo pae do genero humano.

VI

Tradições, talvez em boa parte com seu fundo de historia, e depois floreadas com a mythologia, tambem tornam este logar altamente poetico. Dizem que Andromeda levou a temeridade (como Cassiope e Antigone) a ponto de disputar formosura com Juno e as Nereides. Juno condemnou-a a ser atada com cadeias e exposta sobre um rochedo a um monstro marinho; mas Perseu, montado no Pegaso, petrificou o monstro, mostrando-lhe a cabeça de Medusa, e livrou Andromeda, que seu pae grato lhe deu por esposa. Plinio (1-x-43) assevera ser isto tão verdade

que os ossos do tal monstro foram de Joppe transportados a Roma, e alli mostrados, entre outras maravilhas, na edilidade de Scauro, tendo quarenta pés de comprido, e costellas de maior altura que as dos elephantes da India, e a espinha da grossura de pé e meio. Pausanias diz que ahi perto se via a fonte, onde Perseu se lavára do sangue do monstro. Haja n'isto a verdade que houver, e não negando que n'este assumpto toquem frequentemente historiadores profanos e até sagrados, como S. Jeronymo, o certo é que eu estive ao pé d'aquelle penedo negro á beira mar, onde fabulam ter-se dado tal successo [1].

Afigura-se-me, porém, attento o aspecto dos logares, que a natureza terá tido ahi grandes transformações. Plinio (5–34) diz que: «Exactamente adiante de Joppe, no mar phenicio, está a ilha de Paria, que toda ellâ é uma cidade, sendo ahi que Andromeda foi exposta ao monstro marinho».

Dar-se-ha caso que essa cidade e essa ilha tenham sido varridas da superficie do mar, e que apenas sejam restos d'ella essas informes e agudas pedras, que as aguas mal cobrem? Não corroborará esta suspeita o trecho adiante citado de sire de Joinville, quando diz que o castello de Japhe era situado n'uma ilha, tendo ainda muito campo em derredor, e que S. Luiz mandou edificar um povoado entre os dois mares? Em todo o caso, proximo á rocha, que dizem ser a de Andromeda, fica hoje um pharol, e este é contiguo á casa de Simão o pelliqueiro.

VII

É para estas praias que Salomão fazia do Libano transportar, em jangadas, os cedros giganteos, que lhe haviam de servir para a fabrica monumental e estupenda do templo de Jerusalem. N'este mesmo porto fazia tambem Zorobabel desembarcar as madeiras para a edificação do segundo templo.

[1] Eis-aqui como se exprime sobre este assumpto o grave frei Pantaleão de Aveiro, que por alli andou trezentos annos antes de mim: «Dentro de agua, no porto, não muito apartados da terra, estão os penedos a modo de ilhotesinhos, aos quaes alguns poetas contam que estava atada Andromeda, filha de Cepheu, quando foi de Perseu livre, a fim de que não fosse tragada do monstro marinho. Se a historia é falsa ou verdadeira, julgue-a quem para isso tiver autoridade. S. Jeronymo, sobre Jonas Propheta, diz estas palavras: *Hic locus in quo usque hodie saxa monstrantur in littore, in quibus Andromeda religata Persei quondam fuit liberata a præsidio.* Este é o logar em o qual até hoje se mostram os penedos e a praia, em os quaes Andromeda amarrada foi livre com o favor e ajuda de Perseu.

«Eu sómente dou testemunho e affirmo que com os meus olhos vi, e com as minhas mãos tratei as bases da columna a que dizem foi atada, as quaes estão lavradas na mesma rocha e penedos dentro do mar, com grandissima curiosidade de folhagens de obra corinthia, ainda que já gastadas e comidas, assim do mar como do tempo; e como eu tinha lido a historia, andando de vagar vendo uma e outra cousa, seguindo n'isso a minha natural inclinação, dei acaso com estas bases, e com admiração as mostrei aos companheiros, louvando mais a subtileza e curiosidade da obra, que tratando da historia gentilica. Escrevo aqui isto, não por de todo o crer, mas porque o escrevem autores graves, ainda que gentilicos; e assim deixo de escrever muitas cousas que vi n'aquellas partes que, ainda que não vem a proposito de meu intento principal, são gostosas aos lidos e curiosos; mas acho melhor passa-las em silencio, pela multidão dos glosadores d'este tempo.»

Strabão (liv. XVI): «Os habitantes de Joppe imaginavam que o tal monstro marinho era a divindade Ceto, que, segundo Plinio, elles adoravam, e a quem offereciam victimas humanas». Segundo Pausanias, a agua da fonte em que Perseu se lavou depois de ter matado o monstro, ficou desde então conservando a côr do sangue.

VIII

Na praia que estou pisando se embarcou o Propheta Jonas, a quem o Senhor ordenára que fosse á cidade de Ninive prégar a palavra santa; mas o receio que d'elle se apoderou, fez com que viesse aqui procurar um navio, que o levasse a mais remotas terras (como se ao homem fosse dado esconder-se aos olhos do Omnipotente). Para logo o mar se encapellou, as ondas se embraveceram a ponto de querer submergir o navio do fugitivo; até que a tripulação o atirou ás aguas, acalmando-se o mar como por encanto; mas quiz Deus que uma baleia o recebesse na quéda, e o conservasse tres dias no ventre, transportando-o novamente á praia, onde o arremessou.

IX

De ser Jaffa o porto mais vizinho de Jerusalem, em todos os tempos lhe advieram damnos e vantagens: damnos, porque, rompendo por ahi caminho todos os conquistadores da Terra Santa, ou a expugnavam, ou a compelliam a duros pactos; vantagens, porque os conquistadores, attendendo á sua posição estrategica, fortificavam-n'a, aformoseavam-n'a, e tornavam-n'a florescente, não por commercio, que nunca alli prosperou, mas pelas commodidades que lhe attrahiram affluencia de estrangeiros.

Tão possante era na antiguidade, que facilmente punha em armas 40:000 homens. Foi muitos annos alternado theatro de guerras, victorias e devastações; mas nunca padeceu tanto, como quando Judas Machabeu foi movido á mais aspera vingança por motivos de religião e de patriotismo, e por desaggravo de seus concidadãos. Com effeito, os habitantes de Joppe tinham commettido a aleivosia de convidar traiçoeiramente os judeus para se metterem, com suas mulheres e filhos, n'umas barcas, como se entre elles não houvesse inimisade alguma; mas tanto que chegaram ao mar alto, os joppeanos n'elle afogaram uns duzentos judeus. Judas, sabendo isto, marchou contra os assassinos de seus irmãos, e n'uma noite lhes queimou barcas e porto, fazendo passar a fio de espada os que ás chammas lhe escaparam.

X

N'este mesmo sitio, e junto ao mar, morava Simão, o curtidor de pelles, em cuja casa se hospedára S. Pedro, n'uma de suas visitas ás egrejas do Oriente. Dizem-nos os livros sagrados que o centurião de Cesaréa, Cornelio, em resposta ás suas pias orações, ouvira a voz do Senhor, ordenando-lhe que mandasse procurar a Pedro para consulta-lo. Ao dia seguinte, achando-se Pedro a orar no alto da casa, sentiu fome; sobreveiu-lhe então um rapto de espirito; viu o ceu aberto, d'onde descia uma enorme toalha, suspensa pelos quatro cantos, trazendo no bojo infinidade de reptis e outros animaes; e uma voz lhe disse:

— «Levanta-te, Pedro, mata e come.»

E Pedro respondeu:

— «Não, Senhor, porque não como cousas immundas e asquerosas.»

E a voz lhe retorquiu:

— «Não chames immundo o que Deus purificar.»

E a voz se calou.

Apresentando-se-lhe depois os dois enviados do centurião, acompanharam-n'o a Cesaréa. Quando Pedro ia entrando no palacio de Cornelio, saiu este a recebe-lo, e prostrando-se a seus pés, o adorou; mas Pedro o levantou dizendo:

— «Ergue-te, que eu sou homem como tu, e Deus me ensinou que a nenhum homem tivesse por immundo.»

E proseguiram na pratica piedosa, que fôra iniciada na eloquente visão havida no logar onde estou escrevendo.

É já a opportunidade de dizer que tive occasião de visitar um edificio, que fica perto do convento dos franciscanos, onde a tradição assevera ter sido a referida casa de Simão, o pelliqueiro ou coriario.

Houve alli outr'ora uma egreja dedicada a S. Pedro, e hoje existe um pardieiro abobadado, com uma porta e duas janellas para o norte, e outra porta para o occidente.

XI

Pouco antes da citada visão, Tabitha, a boa discipula, morreu n'um arrabalde, caminho de Lydda, e depositaram o seu cadaver n'um quarto alto. Sendo alli conduzido S. Pedro, viu-se rodeado de todas as viuvas, que choravam, que lhe narravam as obras misericordiosas da querida viuva, e lhe mostravam as tunicas, vestidos, e as esmolas que a finada lhes fazia; e Pedro, voltando-se para o cadaver, disse-lhe:

— «Tabitha, levanta-te.»

E a defunta abriu os olhos e assentou-se. Pedro deu-lhe a mão, e viva a entregou ás viuvas e á gente boa que lhe impetrava aquella resurreição; estrondoso successo este, que originou grão numero de conversões.

No sitio que a tradição consagra como tendo sido a casa de Tabitha, estive eu. Fica ao saír da porta de Jerusalem, distancia de meia hora de caminho na direcção dos jardins, á mão esquerda.

XII

Até aqui ainda os seculos têem legado a noticia da topographia d'aquelles acontecimentos. Outros occorreram, que a historia religiosa e profana localisam em Jaffa; mas não pude achar memoria segura do exacto ponto a que se referem.

É de graves autores a opinião de que, n'este porto, se embarcou Maria Santissima para Epheso em companhia de S. João Evangelista.

XIII

Nos dias de Nero, mandou Cestio cruelmente matar mais de 8:000 jaffenses, terminando com o saque e o incendio. Vespasiano tambem devastou a cidade, convertendo-a em cidadella romana.

Surgiu de novo, mas não com a elegancia de outr'ora; e foi a sua restauração preludio de novas desventuras.

XIV

Recomeçaram estas no tempo dos cruzados, que aliás a tomaram sem grande esforço, e mais bens do que males lhe causaram. Considerando-a, como os precedentes conquistadores, ponto de muita importancia, restauraram-n'a; mas não de modo que resistisse á invasão de Saladino, o qual em parte a destruiu pelo anno de 1200.

Pactuada em 1229 uma tregua de dez annos entre o Imperador Frederico e o Sultão Malek-Edden, foi Jaffa restaurada, mas não fortificada; gloria reservada a S. Luiz, Rei de França, que em 1250, não só a ampliou, como cingiu de muros. Não teve porém a dita de ver medrados os seus designios, pois a fortuna lhe foi tão adversa, que nem permittiu ao Santo Rei visitar Jerusalem, não obstante ter estado algum tempo em Jaffa, onde a Rainha sua mulher deu á luz uma menina, que se chamou Branca [1]. É verdade que o sultão imperante concedeu-lhe plenà liberdade de ir, como simples peregrino, chorar sobre os muros da captiva Sião. Mas respondeu S. Luiz: que um rei de França não devia ir a Jerusalem senão parà conquista-la; esperança que nutria ardentemente, e que tambem se lhe desfez em fumo, não por culpa sua, mas pela nequicia e tristeza dos tempos, e direi mesmo, pela vontade de Deus, que já não via nos cruzados da segunda expedição a fé, o amor, a rectidão de intenções, o zêlo santo, que inflammavam os primeiros, cujos sentimentos de fervorosa crença sómente se abrigavam no coração do augusto chefe da segunda jornada.

Os muros de Jaffa, reedificados por S. Luiz, foram, dezeseis annos depois, demolidos por Bendocar, sultão do Egypto, que em 1266 arrasou quasi toda a cidade. Resurgiu esta, se bem que d'aquelles dias em diante cessou de ser considerada praça forte por todas as dynastias musulmanas que alternadamente a possuiram.

[1] Ao tempo, porém, da primeira viagem de S. Luiz ao Oriente, já não estava Jaffa em poder dos infieis, porque a occupava Guterro de Brienne, que usava do titulo de conde de Japhe, segundo a orthographia de sire de Joinville.

«E quando o conde de Japhe soube que vinha o Rei, muniu e apromptou seu castello de tal modo, que se assimilhava a uma boa cidade em estado de defeza; porquanto, em cada ameia tinha cêrca de 500 homens, todos com broquel e pendão com as armas do conde, formando bellissima perspectiva, visto como essas armas eram de oiro fino, com cruz de Gales achatada nas extremidades, tudo feito com grande riqueza. Alojámo-nos no campo, ao redor do dito castello de Jophe, situado no nivel do mar, em uma ilha.

«Mandou então o rei murar e edificar um povoado em redor do castello, em toda a terra que havia entre os dois mares.»

Foi em Jaffa que Luiz IX recebeu a noticia da morte de sua mãe (outros dizem que em Sidonia). Quando elle viu merencorios e cabisbaixos entrarem o seu confessor e o arcebispo de Tyro, convidou-os a acompanharem-n'o á sua capella, que elle denominava o seu *arsenal contra todos os contratempos do mundo.* Apenas ouviu a fatal nova, lançou-se de joelhos, poz as mãos, e exclamou, debulhado em lagrimas:

«Graças vos rendo, ó meu Deus, por me terdes conservado minha santa mãe emquanto prouve á vossa vontade, porque ora a chamaes a vosso seio. Certo é que eu a amava por sobre todas as creaturas, e que ella bem o merecia; mas visto que m'a arrebataste, abençoado seja o vosso nome por toda a eternidade.»

XV

Sobrevieram-lhe novas provações, que não foram as ultimas, no anno de 1799, quando Napoleão, não satisfeito de avassallar «dos Alpes até ás Pyramides», cravou olhos de ambição na propria Palestina. Mas Deus lhe falsou os projectos. Entretanto não faltam escriptores que, votados exclusivamente á apologia das armas francezas, attribuam a indomito valor a tomada de Jaffa, quando indubitavelmente não era mister ser heroe, para expugnar tão desmantelados muros. Frei Daniel, de quem já fallei, me disse ter tratado com muitas pessoas que viram as muralhas anteriores a Napoleão, as quaes, ainda inferiores ás actuaes, facilmente se podiam escalar com as mãos. Registou factos a historia, que serão eterna vergonha de Napoleão.

Quando em 7 de março d'aquelle anno forçou a rendição de Jaffa, reinava no paiz a mais devastadora peste: innumeros soldados francezes, quasi todos os religiosos do hospicio, e outros que haviam chegado da Europa, succumbiram ao pavoroso flagello. Os santos religiosos, antes de baixarem á sepultura, deixaram escripto que Napoleão, rivalisando com a peste em estragos e devastações, exigiu da senhoria de Jaffa quantiosa somma, sob a promessa de poupar a cidade e seus habitantes. Os pobres religiosos foram obrigados a pagar, a titulo de emprestimo, 7:304 piastras (então a piastra correspondia a cerca de $^1/_3$ de oiro). Apenas, porém, recolheu o producto da imposição, faltou á palavra, como tantas vezes antes e depois, destruindo os muros da cidade, e levando como refens os principaes senhorios de Jaffa.

Attrahiram-lhe estes actos de dobrez as mais clamorosas maldições dos musulmanos, dos christãos scismaticos e dos catholicos, sendo estes os que mais padeceram.

Allegando a lei da necessidade, aqui praticou o general francez outro acto, que sempre tem sido rememorado com execração. Ou seja cedendo ás instancias da sua tropa, e aos conselhos dos seus officiaes, ou seja insinuando estas demonstrações consentaneas com as suas crueis conveniencias, deu a ordem de espingardear em Jaffa alguns milhares de prisioneiros albanezes e arnautas.

Tambem no convento dos armenios nos foi mostrada a sala abobadada e de pavimento terreo, que o mesmo Napoleão converteu em hospital, quando a peste lhe atacou o exercito; e ainda se mostram as cavidades que mandou praticar nas paredes, ao lado de cada leito, para serviço dos enfermos. Foi n'esta sala que dizem ter elle tocado as bôbas dos empestados, para exemplo, e para diminuir o terror que a molestia inspirava. Ha não menos quem affirme que, obrigado a evacuar a cidade, esse general, não querendo que ficassem vivos em poder do inimigo os seus soldados incapazes de o acompanhar, lhes fez administrar uma bebida, dando-se a triste coincidencia de que todos os que a tomaram, na mesma noite morreram. Taes factos são por uns affirmados, por outros justificados, e por outros negados; não me pertence *tantas componere lites*.

Mas, já que tenho fallado de S. Luiz e de um Napoleão, cumpre mostrar que até nos actos considerados os mais heroicos, nunca e por modo nenhum o segundo

se avantajou ao primeiro. Mesmo no facto que acabo de mencionar da apparente caridade do Corso para os seus soldados, a historia nos legou a noticia de um feito não alardeado, porém modesto, e que dá a medida da sincera piedade do Rei Santo. Após uma expedição contra terras musulmanas, chegou diante de Sidonia; alli achou esparsos por sobre a terra os cadaveres de dois a tres mil christãos assassinados pelos sarracenos, e que inficionavam os ares. Não se limitou S. Luiz a dar ordens para lhes proporcionar uma sepultura christã; não se limitou a presidir ao enterramento d'esses martyres; quiz pôr n'elles a sua propria mão; era com veneração que elle tocava os fetidos e hediondos restos, que elle mesmo depositava em saccos, dizendo á gente da sua comitiva:

— «Vamos, meus amigos, vamos sepultar os martyres de Nosso Senhor, e não vos canceis com isso; elles soffreram mais do que nós estamos soffrendo.»

E quando via os seus cavalleiros recuar de asco, dizia-lhes:

— «Não vos enojeis d'estes corpos; são martyres, que estão no paraiso.»

Será esta sublime obra de misericordia menos digna que a de tocar umas bôbas? E sobretudo póde comparar-se esta formosa abnegação, esta singela piedade, que não tem por movel senão o amor do proximo, e o respeito ao Supremo Senhor do universo, com o calculo mesquinho que certamente inspirava o general francez, receioso de que a impressão moral do terror debilitasse os animos dos seus soldados?

Que differença pois entre S. Luiz e Napoleão Bonaparte! Este destruia os muros de Jaffa; aquelle reedificava-os! Aquelle guerreava, animado do espirito religioso; este, devorado da sêde de dominio! Aquelle procurava a gloria eterna do Altissimo; este alicerçava sobre ruinas a sua propria e ephemera gloria!

Não foi de longa duração, mercê de Deus, a estada de Napoleão na Palestina; do contrario teria deixado todo o paiz no estado em que pozera Jaffa e Malta. No emtanto, desforraram-se os musulmanos de todas estas vexações e extorsões, obrigando os pobres catholicos a pagar por elles, já com os cabedaes, já com a prisão e já com o sangue!

XVI

Depois da retirada do corsario francez, foram reedificados em mais de dois terços os muros que elle havia demolido, principalmente do lado do mar. Deveu-se este serviço aos esforços de Abut-Nabut, que nos principios d'este seculo presidiu ao governo de Jaffa mais de quatorze annos. Tão bom nome deixou este governador, que ainda hoje catholicos e musulmanos commemoram com reconhecimento os actos da sua administração, que, entre outros beneficios, cicatrizou as feridas que Napoleão abrira n'esta cidade: tanto é certo que os bons governos deixam sempre após si honrosas memorias, ao envez dos maus, que só podem aguardar as maldições dos povos que opprimem.

Fez tambem o referido governador construir uma grande mesquita, com uma vasca (reservatorio), d'onde por uma nora se encana excellente agua para um chafariz publico.

Mandou construir de marmore, a certa distancia da cidade, na parte oriental, outra fonte, com casas de rancho ao lado para accommodação dos peregrinos, fazendo ao mesmo tempo plantar em redondo muitos sycomoros e outras arvores;

não tanto para aformosear o sitio, como para proporcionar conforto aos romeiros fatigados, que voltam de Jerusalem. A essas sombras eu mesmo cançado me reclinei. Até meio caminho de Jerusalem é a unica sombra de que se póde gozar; um como oasis no meio do deserto.

XVII

Assim empregámos activamente os dois dias que passámos em Jaffa; e a anciedade com que almejavamos por chegar ao nosso destino, fez-nos apressar a jornada tanto mais, quando realmente nada nos restava que estudar n'este introito dos santos logares.

Ás tres horas da tarde de 30 de abril de 1870 montámos nos nossos jumentos e partimos para Ramlé.

CAPITULO VII

I. De Jaffa a Ramlé. Jornada. — II. Planicie de Saron. — III. Tumulo de Gad (?). — IV. Estações policiaes. — V. Sansão e as raposas. As vulpinaes romanas. — VI. Templo de Dagon. Idolo de Azoto. Cabeça de Saul pregada no templo. O idolo de Dagon caído diante da Arca. — VII. Cidade de Acaron e templo de Belzebut. Ochozias e o propheta Elias. — VIII. Lydda ou Diospolis. Enéas curado por S. Pedro. S. Jorge. Concilio de Lydda. Ricardo de Inglaterra salvo por um cavalleiro francez. — IX. Chegada a Ramlé.

I

No dia 1.º de maio ás tres horas da tarde nos partimos de Jaffa para Ramlé. Á proporção que eu me approximava de Jerusalem, sentia tal fervor e anciedade, que bem podia parodiar o Psalmista: «Qual veado que anceia saciar-se na fonte das aguas, eu anhelava contemplar a cidade santa». E marchava devorado de tão sofregos desejos de beijar seus muros, que a lentidão com que era transportado augmentava a minha impaciencia. Eu quizera, á similhança dos cruzados, que nos pés me pozessem as azas que sentia no coração.

Por grande espaço percorremos uma estrada larga, areienta, e flanqueada dos olorosos jardins de que já fallei, onde pompeiam arvores e arbustos litteralmente carregados de fructos e de flôres.

II

Pouco haviamos marchado, quando desembocámos n'uma campina, em cujos horisontes os olhos iam perder-se. Era Saron; era essa das tres zonas longitudinaes da Syria, a que desce pela costa occidental ao longo do Mediterraneo, desde o monte Carmello até Jaffa, prolongando-se em todo o seu curso por sessenta milhas de comprido e vinte e quatro de largo. Quem diria, porém, ser esta a Saron decantada nas santas Escripturas por sua uberdade, seus prados floridos, matizados de plantas odoriferas, seus abundantes e sempre verdes pastios; aquella Saron, cuja fertilidade prodigiosa serviu ao grande Isaias para termo de comparação, quando exclamou: «Ao deserto será dada a belleza do Carmello e de Saron!»

Ah! sim! é que então ainda se não havia verificado o vaticinio do mesmo illuminado, quando disse: «Saron será convertida no deserto».

E com effeito, o que eu vi não era mais que deserto. Interrogando, porém, a gente do paiz, foi-me dito que nem sempre aquella terra offerecia tão desolada

apparencia; que a contar do mez seguinte a propria terra inculta, como recordando-se de sua velha corôa de flôres, se desatava em productos mimosos e perfumados, entre os quaes as tulipas, os lyrios, os narcisos, as rosas brancas, as anemonas e outras flôres suavissimas disputavam entre si preferencias.

Fomos continuando o nosso caminho, atravessando a planicie na direcção de oeste para sueste.

III

A poucos passos encontrámos uma especie de capellinha, junto da qual brota uma fonte. O que esse monumento seja, ignora-se. Creio ser a sepultura de algum santão desconhecido. Mas não nego que alguns querem que seja o tumulo do Propheta Gad; posto que é mais commum opinião ter sido enterrado entre Gaza e Hebron. Foi este o Propheta a quem o Senhor disse:

—«Fallarás a David da minha parte e d'esta sorte:

—«Tens a escolher: ou o teu paiz padecerá fome por espaço de sete annos, ou fugirás aos teus inimigos, que te perseguirão por tres mezes; ou durará tres dias a peste em teus estados. Delibera! que hei de eu dizer a quem aqui me mandou?»

Respondeu David:

—«Prefiro caír nas mãos do Senhor, que é cheio de misericordia, a caír nas mãos dos homens. Venha a peste, embora ella me arrebate.»

IV

Passada curta distancia, vê-se a primeira das dezesete torrinhas pyramidaes, que se acham de espaço a espaço na estrada de Jaffa para Jerusalem. Foram construidas no anno de 1860 com o fito de servirem de estações policiaes, onde estão aquartelados em cada uma dois ou tres soldados (bascibuzuk) incumbidos de rondarem a estrada durante a noite, e impedirem aggressões.

V

É este o afamado paiz dos philisteus. N'esta região floresceu o predestinado ao livramento de Israel das mãos d'aquella raça maldita. Esta mesma que eu percorro, diz a tradição ter sido a campina, onde Sansão soltou as trezentas raposas, ligadas a duas e duas pelas caudas, atando no meio um facho, com que incendiou as searas, vinhas e olivaes dos philisteus.

É singular como muitos dos factos biblicos vieram a ser aproveitados, com as competentes modificações, pela mythologia romana, de fórma que acontecimentos incontestavelmente reaes, e transmittidos secularmente, acabaram por incorporar-se na religião dos quirites, e até por servir de base a festas e solemnidades suas.

Foi assim que transportaram da religião judaica este successo, localisando-o na Italia. Imaginavam então certa historia de uma raposa, preparada como as de Sansão, que se arremessára por entre as searas, reduzindo-as a cinzas; e taes fo-

ram os estragos, que a memoria d'elles se perpetuou na festa annual denominada das raposas [1].

Voltando ao nosso assumpto: sabendo os philisteus que Sansão lhes causára tamanho damno, por se vingar da injustiça de seu sogro, que a outro havia dado a mulher d'elle, pozeram tambem fogo em casa do dito sogro, a quem queimaram juntamente com a filha. Nada d'isto desarmou a ira de Sansão, que proseguiu em extermina-los.

Depois homisiou-se em uma caverna do rochedo de Etham, na tribu de Judá, sendo seguido pelos philisteus; mas 3:000 israelitas, querendo afastar a guerra do seu territorio, prenderam Sansão, e ligando-o com cordas novas, o entregaram aos seus inimigos. Sansão, porém, agitado do espirito de Deus, rompeu as cordas, e lançando mão da queixada de um jumento, com ella, como se fôra uma espada fulminante, matou 1:000 philisteus.

VI

N'esta mesma região, que tenho ante os olhos, adoravam os philisteus a Dagon, de que falla a Escriptura. Tinha este idolo templo em Gaza, e Azoto. Jonathas Machabeu despedaçou o idolo de Azoto.

Dividem-se os interpretes sobre a figura e nome d'esta falsa divindade. Dizem uns que tinha a figura de homem com cauda de peixe, como as sereias, porque *dog* no hebraico quer dizer *peixe*. A Escriptura falla das mãos d'este idolo; mas nada diz dos pés. Outros dizem que fôra elle o inventor da charrua, porque *Dagon* significa *pão*.

Saul, em castigo das suas iniquidades, estava destinado para ser victima desgraçadissima. N'um combate contra os philisteus, tendo-o estes traspassado de settas, disse ao seu escudeiro:

—«Desembainha a espada, e mata-me.»

—«Matar-vos eu, Senhor? Porque?»

—«Porque não venham esses incircumcisos affrontar-me vivo.»

E como o escudeiro hesitasse, Saul firmou sobre a terra o punho do seu gladio, e á ponta d'elle impetuosamente arremessou o peito. Morreu, pois, Saul e tres filhos seus, e toda a sua casa.

No dia immediato, indo os philisteus despojar os mortos, acharam Saul e seus filhos estendidos no monte Gelboé. Despiram-lhe as armas, que consagraram no

[1] Começava esta solemnidade por encapotarem em palhas quantos d'estes pobres quadrupedes podiam colher; depois, tocando-lhes fogo, barbaramente as faziam correr pelo Circo maximo, acompanhando de estrepitosas vozerias os desordenados movimentos dos animaes suppliciados.

Diz-se, que até uma postura vedava que se conservasse viva a raposa que se apanhasse; a qual tinha de perecer logo queimada com as palhas do trigo. Note-se, porém, que estas festas, das vulpinaes, se verificavam em Roma no dia 19 de abril; e n'isto mesmo se acha a prova de que o facto não é senão commemoração do praticado pelo esforçado hebreu, visto como n'esse periodo já as searas estão maduras na Palestina, mas não na Italia.

Ovidio (IV. 701) allude á queima das raposas, no Circo maximo, nos versos que o actual principe dos poetas portuguezes trasladou a vernaculo, rompendo assim:

«Cabe-me ora explicar porque alli mesmo
vão as soltas raposas, cegas, doidas,
correndo, remoinhando espavoridas,
co' os fachos presos nos fumantes dorsos.»

templo do seu Deus; esquartejaram-n'o, mandando os fragmentos do cadaver para sua terra, a fim de serem vistos por todas as partes, e expostos nos templos dos idolos, e aos olhos dos povos. E a cabeça do Rei Saul foi pregada aqui no templo de Dagon, onde não ficou muito tempo, porque os jebezes a arrebataram.

Os philisteus, apoderando-se da Arca do Senhor, conduziram-n'a da Pedra do Adjutorio para a cidade de Azoto, e collocaram-n'a no templo ao lado do seu deus Dagon. No dia seguinte, ao romper da manhã, como achassem o seu Dagon prostrado por terra diante da Arca, levantaram-n'o e restituiram-n'o ao seu logar. Mas eis que na manhã do outro dia apparece o tronco do idolo por terra, diante da Arca, e a cabeça e as mãos no limiar da porta.

Assombrados com estes fracassos do seu idolo, a par de outros castigos que o Senhor fez chover sobre elles por causa da profanação da Arca santa, os azocios, que mais do que todos tinham padecido flagellos e calamidades, disseram:

—«Fóra d'aqui a Arca do Deus de Israel; a mão d'esse Deus tem pesado duramente sobre todos nós e sobre o nosso deus Dagon.»

Foi, com effeito, a Arca transportada para Israel; mas em todas as cidades por onde passava, ia derramando espanto e morte!

VII

Por outras memorias é ainda esta região afamada.

Assim é que á distancia de pouco mais de uma legua de Ramlé ficava a cidade de Acaron, na qual existia um grande templo em honra de Belzebut, isto é, deus das moscas (como tambem os gregos invocavam uma certa divindade preservadora de moscas). E porquanto os judeus qualificavam de demonios as divindades pagãs, este nome de Belzebut acabou por designar o chefe dos espiritos impuros; sentido em que se acha empregado nos Evangelhos[1].

Sobre este idolo e o templo que elle aqui tinha, narram os livros santos um curioso successo.

Depois da morte de Achab, sacudiu Moab o jugo de Israel; e Ochozias, caindo pelas grades de um quarto alto que tinha em Samaria, ficou muito molestado, e disse a uns mensageiros:

—«Ide a Acaron, e consultae o deus Belzebut, se eu arribarei, ou não, d'esta enfermidade».

O Anjo, porém, do Senhor disse a Elias:

—«Levanta-te, vae ao encontro dos mensageiros do Rei de Samaria, e pergunta-lhes se em Israel não ha um Deus? E declara-lhe que em castigo o Rei se não levantará do leito, que lhe será de morte.»

Assim feito, e voltando os mensageiros, deram conta da sua missão, declarando que o homem que assim lhes fallára, estava coberto de pelles e com uma cinta de couro. Ochozias, conhecendo que o indigitado era Elias, mandou cincoenta homens com um capitão, o qual encontrando o Propheta sentado no cume de um monte, disse-lhe:

—«Homem de Deus, manda o Rei que venhas comigo.»

[1] Math. XII. 24. Luc. XI. 15.

E ouviu em resposta:

—«Se eu sou homem de Deus, fogo do ceu te devore a ti e aos teus cincoenta soldados.»

E logo o fogo do ceu os consumiu a todos.

Segunda tentativa igual teve igual desfecho; até que o terceiro mensageiro se prostrou ante Elias, impetrando-lhe misericordia; e então Elias foi ao Rei e disse-lhe:

—«Mandaste consultar Belzebut, deus de Acaron, como se não houvesse Deus em Israel; por isso te não levantarás da cama em que jazes, e certissimamente morrerás.»

E Ochozias in continenti morreu.

Na mesma região ficava a cidade de Ascalon, cuja divindade particularmente venerada era Derketo ou Derceto. Derceto era o nome que se dava á mãe incognita de Semiramis, adorada na fórma de uma pomba. Eis-aqui o modo por que esta fabula é contada por Diodoro:

«Ha na Syria uma cidade chamada Ascalon, junto á qual ha um grande e profundo lago abundante de peixes, e um templo dedicado á famosa deusa, que os syrios chamam Derceto. Tem cabeça e rosto de mulher, mas o resto do corpo fórma de peixe. Dizem os mais habeis da nação que, tendo sido Venus offendida por Derceto, lhe inspirou violenta paixão para um joven sacrificador, do qual teve Derceto uma filha; e então se lhe trocou o affecto em tal horror contra o pae, que o fez desapparecer, e expondo a creança n'um logar deserto e eriçado de rochedos, ella mesmo se lançou em um lago, onde seu corpo foi metamorphoseado em peixe.»

«D'ahi vem que os syrios ainda hoje se abstem de comer peixe. Entretanto a menina lançada no deserto foi salva e alimentada por pombas, que nidificavam em grande numero nos rochedos. Um pastor, achando-a, levou-a comsigo, e educou-a com tanto amor, como se fôra sua filha, e deu-lhe o nome de Semiramis.»

«Este nome em syriaco allude ás pombas, que esses povos olharam como divindades. Semiramis esposou depois a Nino, o deus-peixe dos assyrios.»

Segundo o mesmo historiador, fôra talvez a esta Semiramis que os orientaes devessem o uso do vestido amplo, elegante e tão apropriado ao seu clima. Para penetrar no interior da Asia, Semiramis adoptou um vestido ambiguo, a fim de que não podessem conhecer se era homem ou mulher. De um lado era muito proprio para resguardar-lhe o corpo e o rosto das impressões do sol em viagem; de outro deixava-lhe plena liberdade para os exercicios da guerra. Esse vestido tinha tanta elegancia, que foi tambem adoptado pelos medas, depois pelos persas, e usa-se ainda em quasi toda a Asia.

VIII

Ha dois caminhos de Jaffa para Jerusalem: um que atravessa Lydda, que fica a tres quartos de hora de distancia de Ramlé, e outro que vae sempre cortando a planicie, sem encontrar povoados que mereçam attenção. Tomámos este segundo, mas á esquerda debaixo dos olhos nos ficava Lydda, a Diospolis do imperio grego, a Lod dos hebreus. Fôra essa cidade levantada nos primeiros tempos do ingresso dos israelitas na terra de Canaan por um certo Samad, da tribu de Benjamim. Depois do captiveiro de Babylonia foi de novo habitada pelos da tribu de Dan.

Era antigamente uma das onze toparchias da terra de Canaan, e dominava to-

das as aldeias circumvizinhas. No tempo dos Machabeus foi uma das tres cidades que o rei Demetrio, querendo ser agradavel a Jonathas e á nação hebraica, separou da provincia de Samaria, unindo-a á Judéa, isentando-a das decimas e outros tributos, destinando-a em seguida aos sacerdotes de Jerusalem.

No anno 42 antes de Christo, Lydda foi tomada pelo romano Cassio (que depois foi um dos assassinos de Julio Cesar) o qual vendeu como escravos os seus habitantes.

Foi esta uma das primeiras cidades que abraçaram a Religião do Messias, na qual foi confirmada pelo estrondoso milagre que alli fez o Principe dos Apostolos, quando, visitando todas as cidades, chegou a Lydda, onde encontrou um homem chamado Enéas, que jazia desde oito annos tolhido de paralysia; e Pedro lhe disse:

—«Enéas, o Senhor Jesus Christo te dá saude. Ergue-te, leva a tua cama.»

Levantou-se Enéas completamente bom, e todos os moradores de Lydda e de Saron, que o viram tão milagrosamente curado, se converteram á fé.

Lydda foi tempo depois devastada por Cestio Gallo, general romano, que mandou passar a ferro mais de cincoenta pessoas, entre velhos e meninos, unicos encontrados. Foi dentro em pouco restaurada, não pelos hebreus, mas pelos romanos.

Até ao tempo de S. Jeronymo readoptou o nome de Diospolis; mas os cruzados restabeleceram o nome biblico e ainda hoje se conserva.

Ha quem diga que o grande guerreiro S. Jorge nasceu em Lydda, e foi martyrisado pelo Imperador Diocleciano em Nicomedia, na Asia Menor, no anno 304. Outros affirmam que para Lydda trouxeram, e aqui sepultaram o corpo do famoso tribuno militar e conde imperial, e accrescentam que os seus restos foram depois levados d'alli. O certo é que n'esta cidade existia uma egreja magnifica dedicada ao mesmo S. Jorge, e por ventura edificada pelo Imperador Justiniano: destruida pelos ramlezes no tempo das cruzadas, reergueu-a Ricardo de Inglaterra. Ainda hoje restam grandiosas ruinas d'essa egreja, alguns dos muros e varias arcarias. Sobre parte d'essas ruinas levantaram os turcos uma mesquita, cujo minarete se ergue sobre um muro mestre da propria egreja.

Desde os primeiros tempos do Christianismo era Lydda cidade episcopal; o seu bispo Aezio assistiu ao Concilio de Nicéa em 324. Na propria Lydda, em 414, se congregou o Concilio que fulminou a heresia de Pelagio, que negava o peccado original e a consequente necessidade da graça.

Referem as historias que ao pé das montanhas havia ainda uma floresta no tempo dos cruzados. Foi ahi que um dia, no bosque de Saron, o Rei de Inglaterra, andando á caça, adormeceu por fatigado á sombra de uma arvore. De repente acordaram-n'o os gritos dos seus companheiros. Via-se chegar a toda a pressa uma multidão de musulmanos armados. O Rei monta a cavallo e defende-se, mas, subjugado pelo numero vae ser morto, quando um cavalleiro francez, chamado Guilherme Pratelle, brada:

—«O Rei sou eu, salvem-me a vida.»

Aprisionaram o guerreiro, e El-Rei Ricardo pôde fugir para Jaffa. Este Rei deu depois aos musulmanos varios emires em troca de tão dedicado cavalleiro.

A pouca distancia e do lado opposto, isto é, á direita do viandante, ergue-se um outeiro notavel por um extenso olival. Foi esse logar sobretudo famoso no tempo dos cruzados, porquanto a sua posição lhe dava grande importancia estrategica, tornando-se por isso theatro de encarniçados combates.

IX

Atravessa a vasta campina desde Jaffa até Ramlé a estrada, em cuja extensão se observam de ambos os lados miseraveis aldeias habitadas por fellahs arabes.

Calculam-se quatro horas de jornada de Jaffa a Ramlé; mas, ou porque haja inexactidão no calculo, ou porque as caravanas se movam a passo lento, mais tempo do que isso gastámos nós. O caminho, embora plano, incommoda por causa das areias, e é monotono, por se não avistarem senão terrenos baldios, por só se encontrarem arbustos infesados, por nunca variarem nem os aspectos nem os horisontes, apenas limitados pelas montanhas cinzentas da Judéa, que se descobrem ondulando para o norte, até se confundirem com as da Samaria.

Já ha muito se poz o sol. Já as nossas cavalgaduras começavam a dar parte de fatigadas de enterrarem profundamente as patas na areia movediça. Somos chegados ao termo de nossa jornada d'este dia. Falsa idéa formaremos da hospitalidade que nos aguarda, se nos regularmos pelos grupos que nos vem fazer as honras da cidade, esperando-nos fóra dos muros d'ella; são mulheres esfarrapadas, rodeadas de creanças quasi nuas, e trazendo outras ao collo; velhos asquerosos, de barbas intonsas, cuja alvura desapparece sob a poeira e a immundicie; homens feios e de um olhar suino, disputando entre si a baixeza e a avidez. Todo esse gentio, acotovelando-se e disputando-se, nos rodeia, imaginando que á força de gritos e vozerias nós poderemos comprehender a sua inintelligivel, mas expressiva linguagem. O nosso companheiro, o sr. bispo do Rio Grande, abrindo a bolsa, vae por essa gente repartindo o conteúdo d'ella, no que é por todos nós imitado. Chegámos emfim ao convento dos franciscanos, onde a mais cordeal fraternidade se harmonisa bem, desde o primeiro instante, com os nobres e hospitaleiros procedimentos que já admirámos em Jaffa, no mosteiro de igual ordem. A descripção de Ramlé será objecto do seguinte capitulo.

CAPITULO VIII

I. Ramá ou Ramlé. — II. Sua descripção. Convento dos franciscanos. — III. Torre dos Quarenta Martyres. — IV. Cisterna de Santa Helena. — V. Capella na casa de Nicodemus. Il Volto Santo. Patria de José de Arimathéa. — VI. Historia geral de Ramá e differença de outras cidades do mesmo nome. — VII. Tomada de Ramlé pelos cruzados. — VIII. Bonaparte em Ramlé. — IX. Partida para Jerusalem.

I

Confesso que não nos permittindo a impaciencia demorarmo-nos, á ida, em Ramlé mais do que as horas em que fomos forçados a alli pernoitar, foi só no regresso de Jerusalem que pude ficar tempo bastante para estudar esta região. Porém manda a boa ordem que eu reuna n'este capitulo o que sobre Ramlé tenho que expender. Os meus bons hospedeiros, os dignos franciscanos, exhauriram toda a sua benevolencia instruindo-me, guiando-me e prestando-me toda a especie de obsequios.

II

Ramlé, que na idade media teve um castello, doze portas e frequentadissimos bazares, não é hoje mais que uma villota miseravel e immunda, contendo 3:000 musulmanos, 400 gregos scismaticos, 60 catholicos e duas familias protestantes.

Não existe n'esta terra edificação alguma digna de grande attenção. Distingue-se das demais construcções o convento dos franciscanos, e bem assim um pequeno hospicio de gregos scismaticos[1].

[1] Lê-se em frei Pantaleão de Aveiro, fallando de Rhamula, como lhe elle chama: «A terra em si e em seu circuito é mui fertil e abundante de mantimentos; muita creação de gado de toda a sorte. Alli vi a primeira vez as cabras de orelhas compridas e largas, caídas a modo de podengo, mas muito grandes, cujo cabello parece um fino setim, do qual se fazem em Damasco os finos e ricos chamalotes. Os carneiros e ovelhas são muito grandes, e todos de cinco quartos; o quinto é a cauda, a qual algumas vezes é maior e de mais peso que cada um dos outros; mas não tem carne alguma, que tudo é gordura, a qual nos comeres de carne lhes serve de toucinho; que parece até n'aquillo haver Deus favorecido aos perfidos judeus, já que defendia a carne de porco. A creação da vaccaria, patos, gallinhas, é tanta que nos causou admiração, e tudo tão barato que, quando alli chegámos, davam quarenta ovos por um madim, que são 12 réis, e isto porque íamos muita gente, que o ordinario é muito mais barato; sómente no tempo que alli vão ter os peregrinos são estas cousas mais caras por sua culpa d'elles, que, como vão famintos, não estimam dar o que lhe pedem, vendo tanta abundancia das cousas, e tantas e tão baratas. Tem aquella terra muitas palmeiras, que todos os annos carregam de tamaras; costumam colhe-las inchadas, levando para casa os cachos inteiros, e alli madurecem e são muito mais gostosas e melhores que as passadas que nos trazem de Africa. Está a cidade posta em campo raso, mas em um pequeno alto.»

III

Á distancia de dez minutos do hospicio está um monumento tão elevado, que se avista ao longe, muito antes de ver-se Ramlé: consiste em uma torre circumdada dos restos de um antigo edificio. Demora ao lado occidental, e chama-se a torre dos Quarenta Martyres; denominação que alguns derivam da presumpção de que na sua vizinhança houvesse uma egreja dedicada á memoria dos quarenta soldados da duodecima legião, que no quarto seculo, por terem recusado sacrificar aos idolos, foram expostos nús sobre o lago gelado de Sebasto, na Armenia. Sabe-se que os christãos repartiram entre si parte dos restos d'elles, que poderam subtrahir ás chammas; sendo essas reliquias depostas em diversas egrejas, taes como a de Constantinopla e Cesaréa. Julgam alguns que parte veiu tambem para Ramlé, onde se lhes dedicou esta egreja.

Não perduram d'esse templo senão insignificantes vestigios; e ha quem diga que a torre actual foi erigida pelo sultão do Egypto, Mahamed, filho de Kalaun, em 1310. Não ha todavia negar que á roda d'essa torre subsistem consideraveis ruinas, talvez de um mosteiro, cuja fundação é attribuida aos Templarios, assim chamados, ou porque habitavam junto ao templo, ou porque n'elle serviam. Seu especial officio, porém, era escoltar os peregrinos que se dirigiam a visitar os logares santos, com o fim de resguarda-los das correrias arabes. Natural era que, sendo Ramlé estação frequentadissima, tivesse um hospicio onde os romeiros encontrassem agasalho e conforto. Mesmo d'este hospicio já não resta senão uma sala cercada de ruinas. A parte unica do edificio que tem resistido ás devastações dos tempos e dos homens (aqui mais barbaros que vandalos) é a mencionada torre, que aliás tem o zimborio cortado horisontalmente, talvez que por algum raio.

É de figura quadrangular e de architectura gothica. As pedras são talhadas a cinzel. Póde ser visitada pelos viajantes. A escada por onde se sobe, tem cento e vinte degraus. De espaço a espaço encontra-se um pequeno patamar, que suavisa a subida, clareada por algumas frestas, umas em fórma de estrella, outras diversas; offerecendo a torre bellissimo aspecto a quem olha de fóra. Tem aqui e alli setteiras, que só parecem ter sido abertas para aformosear a obra, ou para servirem nas occasiões de combate.

Opinam outros que esta torre foi campanario da egreja dos Quarenta Martyres; diz, porém, o historiador arabe, que era um minarete d'onde os musulmanos convidavam o povo á oração. Quer-me parecer que, a despeito de tão grave testemunho, diverso era o seu destino, embora com o andar do tempo viesse a ter aquell'outra serventia. Não seria antes um ponto de defeza, que simultaneamente servisse de observatorio para descortinarem ao longe qualquer movimento hostil dos arabes, ou approximação dos peregrinos? O certo é que a celebre torre já não serve nem de campanario, nem de minarete, nem de fortaleza, nem de observatorio, nem de telegrapho; passou em herança a escorpiões, mochos, falcões e corujas, que ahi, nas fendas das pedras, nidificam. O panorama que lá de cima se goza é pittoresco. Surgem ao oriente as montanhas da Judéa, que vão perder-se nas da Samaria; estendem-se ao sul os incommensuraveis plainos dos philisteus; confinando com o horisonte, como que se vislumbram as ondulações do Mediterraneo. Ao norte avultam melancolicas Lydda e as campinas de Saron.

IV

Ao norte de Ramlé e a dez minutos pouco mais ou menos de distancia demoram seis grandes cisternas reunidas, que a gente do paiz denomina vascas de Santa Helena. D'este monumento isolado na campina fallam muitos escriptores. Varios affirmam ser da Santa Imperatriz a sua construcção; mas, pois que os pensamentos da piedosa heroina andavam absorvidos no desenho de templos, não é de crer que se applicasse a mandar excavar cisternas afastadas de santuarios. Por outro lado não é verosimil que no pouco tempo em que se ella deteve no Oriente, podesse fazer levantar todos os edificios que lhe attribuem. Alem d'isto, tudo faz crer que esta cisterna foi rasgada na terra, para que a cidade se abastecesse de agua, de que no verão tem penuria. Ora a povoação de Ramlé, no tempo de Santa Helena, ou não existia, ou era insignificante, e não necessitava de tão grande aquario. Demais, a sua architectura não parece de tão antiga data.

A abobada d'esta cisterna assenta em vinte e quatro arcos, formando seis naves ao comprido. Uma d'estas arcadas acha-se bastante deteriorada; as outras estão ainda em pé, mas já não constituem senão uma d'aquellas cisternas *dissipatas, quæ continere non valent aquas*, no dizer de Jeremias. Em summa, é hoje covil de escorpiões e outros asquerosos reptis.

V

Entre as mesquitas existentes, parece que uma foi construida no logar onde havia um antigo templo dedicado a S. João Baptista.

O convento dos franciscanos tem na egreja um altar construido no proprio sitio onde se diz que fôra a casa de Nicodemus, a quem é dedicado. Resa mais esta tradição que alli esculpiu elle um prodigioso Crucifixo, que depois fiado ás ondas, no tempo do Rei Balduino, foi milagrosamente aportar ás plagas da Italia, e ainda se venera em Lucca, sob o titulo *del Volto Santo*. Visitei a egreja onde esta reliquia se conserva, mas não a pude ver, por estar fechada quando passei.

Tambem a tradição quer que Ramlé fosse a antiga Arimathéa, onde nasceu José, famoso discipulo, a quem coube a honra de sepultar o corpo do Redemptor; e não deixa de dar algum peso a esta presumpção a circumstancia de se attribuir tambem residencia alli ao outro discipulo occulto, Nicodemus, particular amigo de José de Arimathéa.

Se aos factos que acabo de expender, eu acrescentar que a terra é de uma immundicie atroz; que em Ramlé, como em Jaffa, os trajos são egypcios, com a só differença de que no Egypto as mulheres trazem os olhos descobertos, e aqui andam ellas com a cabeça e rosto tapados com véus negros, que lhes permittem ver os outros sem serem vistas, terei dito tudo quanto a visita à Ramlé poderá suscitar de observações. Agora algo mais addicionarei.

VI

Ramlé foi denominada Ramá; mas não é esta a patria de Samuel, que demora nos visos do monte de Ephraim, nem tão pouco a Ramá, onde se ouviram os cho-

ros e lamentos por occasião da degolação dos Innocentes, que essa é nas proximimidades de Belem.

É opinião de autores que esta Ramá é aquella que Baasa, Rei de Israel, cercou de tão fortes muralhas, que ninguem do reino de Aza, seu inimigo, podesse entrar, nem sair sem perigo, conforme se lê n'estas palavras: *Ascendit Baasa rex Israel in Judam, et muro circumdabat Rama, ut nullus tute posset egredi et ingredi de regno Aza.*

Por dois motivos me não sôa bem esta opinião: primeiro, porque observo que o sagrado texto diz *ascendit* Baasa, verbo que não obstante no estylo das santas Escripturas poder tomar-se no sentido de subir; todavia, na accepção litteral desfavorece a opinião contraria, visto como, sendo esta Ramá situada em planicie ao nivel do mar, dever-se-ia usar do verbo *descendit;* pois quem vem da Samaria, onde residia o Rei de Israel, para esta Ramá, desce, e não sobe; segundo, porque tambem observo que, alliando-se Aza, Rei de Judá, com Benadab, Rei da Syria, este enviou contra as cidades de Israel os generaes do seu exercito, que logo conquistaram Ahion, Dan e Abel, e todas as terras de Nephthali; o que sabido por Baasa, Rei de Israel, para logo sobr'esteve na construcção da fortaleza de Ramá, e cedendo-a ao inimigo, voltou para a cidade de Thersa. Então Aza ordenou que todos sem excepção viessem a Ramá, e empregou estas gentes na edificação de Maspha e de Gabaa, aproveitando para isso todas as pedras e madeiras que Baasa havia reunido para a construcção da fortaleza de Ramá. Ora, sendo estas duas cidades tão vizinhas de Ramá (Ramatha ou Sophim), patria de Samuel, inclino-me a crer que aquella, e não esta, fosse a Ramá sobre a qual contendiam os dois Reis.

O que ainda mais robustece esta opinião é o mesmo nome de Ramá, que, segundo a interpretação de S. Jeronymo, significa *logar excelso;* locução que não póde convir a esta cidade collocada ao nivel do mar, e sim á patria de Samuel, nas summidades do monte de Ephraim. Accresce que esta cidade na lingua arabe não se chama Ramá, e sim Ramlé, que quer dizer terra arenosa, como realmente são todos os seus contornos.

D'esta cidade, segundo penso, não fazem menção as santas Escripturas, salvo se teve outro nome. Guilherme, arcebispo de Tyro, assim se exprime: «Era Ramlé edificada na planicie vizinha de Lydda, chamada Diospolis. Não tem sido possivel descobrir o seu nome antigo, por onde se crê não ter sido cidade primitiva. Diz-se que a fundaram os successores de Mahomet. Quando o exercito christão desembarcou a primeira vez, era assás frequentada de povos, e cercada de muitas torres e grossas muralhas».

Até aqui o citado autor, a cuja opinião parece contrapôr-se, quanto á origem da cidade, o historiador arabe Mahomet-Nigem-Eddim-Esecch-Essint, de grande reputação entre os musulmanos. «Ramlé, diz elle, era cidade antiquissima, outr'ora pertencente á herança dos filhos de Israel, sita em vasta planicie, amenissima por seus jardins e arvores de toda a especie de fructos, especialmente palmeiras: tão esplendida que tinha doze portas, formidavel castello, grande mesquita, altissima torre para o lado do occidente. Mas depois, senhoreando-se d'ella Selech Eddim, a fez arrasar, inclusivè a fortaleza, a fim de que cessasse de servir de baluarte aos christãos; como tambem fez destruir Lydda, Ascalona e outras cidades».

Confrontando-se esta descripção com as ruinas dos antigos edificios, que ainda hoje jazem pelos arredores de Ramlé, arduo não é de crer que fosse ella uma

grande povoação; crença authenticada pelo testemunho do veneravel padre Mariano Marone de Mamléo, quando refere que, tendo necessidade de ampliar o convento de Ramlé, ora na planicie, foram encontrados nas excavações arcos bellissimos, pilares de colossal grandeza, e fragmentos de pedras quadrangulares bastantes para a construcção do edificio; indicios manifestos do fausto da cidade antiga.

Para conciliar as diversas opiniões, não descubro outro caminho senão o que leva a esta conclusão: que Ramlé de hoje foi a Arimathéa dos hebreus, com a variante de ter sido augmentada e fortificada depois pelos principes arabes; explicando-se d'este modo a rasão por que lhe foi trocado o antigo nome pelo actual.

VII

Pedindo desculpa d'esta longa divagação, e deixando pontos controvertidos, no que não ha duvida é que Ramlé foi tomada pelos cruzados sem o menor esforço, sendo essa a primeira conquista que na Palestina fizeram.

Haviam elles celebrado a festa de Pentecostes nas proximidades da Cesaréa. Costeavam as praias do Mediterraneo, e quatro dias depois seguiram em direcção a Ramlé, passando por um paiz chamado Assur, que se acha terra dentro. No quinto dia pernoitaram á margem de um rio; mas não perderam tempo; porque mesmo na calada da noite mandaram Roberto e Gastão á frente de cincoenta soldados escolhidos a explorar Ramlé, com ordem de toma-la de assalto ao romper da aurora. Marcharam, e qual não foi a admiração de todos quando, ao chegarem á cidade, em vez de homens armados para a defeza, encontraram escancaradas as portas, sem viva alma! Conceberam suspeitas de algum estratagema; mas, penetrando cautelosamente no recinto, acharam desertas praças, ruas e casas, o que lhes duplicou a admiração. Era que, n'aquelles tempos, tão formidavel resoava n'estas regiões o nome dos cruzados, que os habitantes de Ramlé, ouvindo que elles se approximavam, tiveram por mais prudente fugir ante a simples fama de suas façanhas, do que offerecer-lhes novo ensejo de acreditarem seu valor.

De feito, reunindo todo o precioso que tinham, abalaram precipites, homens e mulheres, velhos e moços de todas as idades e condições, levando na vanguarda os rebanhos, de que haviam mister mais que nunca, na vida errante que iam encetar. Ao sairem da cidade, dividiram-se em tres grupos, dispersando-se uns pelas montanhas da Judéa, outros pelos devastados campos dos philisteus, varios, finalmente, pelos despenhadeiros da Iduméa.

Reconhecida, pois, a total solidão da cidade, e desvanecido todo o receio de cilada, voltaram os exploradores pressurosos e contentes a dar a noticia aos seus irmãos, os quaes, ao impulso d'este alvoroço, enrolando tendas e pavilhões, se pozeram em marcha para tomar posse d'aquelles desertos muros, louvando o Senhor por haver, com o simples nome d'elles, como nos tempos do peregrino Israel, dispersado seus inimigos. Sob a influencia de tão boa estrella fizeram sua entrada, encontrando armazens cheios de azeite, vinho, trigo, legumes, etc., de cujas provisões se serviram como de mesa esplendida, que em conjuncturas tão criticas lhes deparava a Providencia.

Profundo era o cançaço, não tanto da jornada, como das privações. A natureza

pedia descanço, que não excedeu a quatro dias; se é que se póde chamar descanço o ininterrupto labutar nos preparativos para o assedio de Jerusalem, dourado sonho dos cavalleiros da Cruz. Iam, no emtanto, estrondeando ao longe as novas do exito pacifico da jornada de Ramlé. Christãos, syrios e gregos partiram, pois, de Belem por difficeis atalhos, a congratular-se com os cruzados, em nome de seus irmãos, e ao mesmo tempo a activar a marcha para Jerusalem, cujo estado de desolação referiam quantos fieis d'alli se haviam evadido.

Alegres os cruzados com estas informações, deram-se pressa em partir; mas, querendo assegurar solidamente a posse de Ramlé, importantissima por sua posição, ahi deixaram um presidio. Fizeram mais: como n'aquelles tempos a milicia guerreira não andava separada da religiosa, pois que ambas visavam á gloria do nome christão em terras do Oriente, deixaram tambem um bispo, de nome Roberto, governando a citada egreja dedicada a S. Jorge, na cidade de Lydda, que foi depois suffraganea do patriarcha de Jerusalem.

Foi, com effeito, Ramlé aniquilada, para que nunca mais podesse servir de refugio a christãos. Mas illudiu-se o conquistador asiatico; porque, se os cavalleiros da Cruz perderam a presa, tambem d'ella se não aproveitaram os musulmanos, cujo poderio nunca mais logrou restaurar esta cidade, que ao presente não passa de um logarejo miserando, sem esperança, sequer, de reerguer-se de sua total decadencia. Aquelles jardins, aquellas arvores, aquella vegetação tão celebre nas historias, por sua formosura e fecundidade, foi varrida da face do solo, e substituida pelos cardos e espinhos, de modo que Ramlé não é hoje senão um acervo de ruinas no meio do deserto.

VIII

No hospicio dos franciscanos pernoitou Bonaparte, e ainda se mostra o quarto e a cama onde dormiu, e que fica não longe da casa de Nicodemus. Foi, com effeito, n'este mosteiro que aquelle general, antes de ir pôr o sitio a S. João de Acre, fez o aquartelamento do seu estado maior, convertendo a egreja em hospital para os seus soldados.

Estes e similhantes factos inspiram ao reverendo padre Saint-Aygnon as seguintes palavras: «Repugna contemplar que um exercito francez, exercito dos descendentes dos cruzados, exercito de herdeiros do seu valor, chegando á Terra Santa, a um dia de jornada de Jerusalem, se não dignasse visita-la! «*Jerusalem não entra na minha linha de operações*», foi a fria resposta de Bonaparte ás instancias que lhe submetteram, de ir á cidade onde se haviam operado os divinos successos que mudaram a face da terra! Mas, graças a Deus, os sentimentos christãos reassumiram nos corações dos nossos soldados o logar que nunca deveram ter perdido; porque com prazer tenho visto numerosas caravanas de militares, com officiaes á frente, fazendo parte da expedição franceza na Syria, transpôrem a distancia de setenta leguas que separa Beyrout de Jerusalem, para visitarem a cidade santa».

IX

Grande parte d'estas noticias nos foi dada em agradavel palestra, na primeira noite que passei no hospicio de Ramlé.

Tinhamos visto, portanto, o que mais devia chamar-nos a attenção; e apesar da importancia de tão solemnes recordações, não nos permittia o alvoroço considerar essa visita senão como um incidente; e resolvemos não prolongar a nossa demora. Á noite assistimos ao terço cantado pelos religiosos na capella de Nicodemus, e depois congregámo-nos todos na mesa dos peregrinos, onde a refeição foi amenisada pela mais interessante das praticas. Ora os romeiros, ora os religiosos alternavam as suas descripções de todos aquelles logares, invocando reminiscencias tradicionaes, successos biblicos ou vulgares, anecdotas curiosas, e finalmente tudo quanto podia contribuir para dar pasto aos nossos anhelos, que pareciam lançar raizes em sentimentos mais que humanos, ou que em todo o caso sobresaíam da orbita do nosso commum pensar e sentir.

Recolhemo-nos a nossos aposentos, e sem duvida que nenhum de nós pôde fechar olhos n'essa noite, que ía preceder a nossa entrada na cidade santa. Tudo quanto até ahi tinhamos visto, por mais digno da larga fama de que se goza, era nada em presença do esplendido aspecto, que aos olhos se nos ía desenrolar. Até aqui ainda a mente se nos prestava a viajar, não só pelos dominios da Religião, senão tambem pelos da philosophia, pelos da natureza e pelos da historia sacra e profana; mas n'essa noite dirieis que um condão sobrehumano obrigava a mesma mente a curvar-se, e a ajoelhar ante não sei que effluvios, que por certo não vinham da terra, mas nos arrebatavam desde logo á que nós mesmos escolhêramos para nossa Terra da Promissão. Que ineffavel delicia não era pensar que já o seguinte sol se havia de pôr ás nossas vistas por detrás do monte Calvario! E demais, queria a Providencia que nós tivessemos de chegar á cidade santa na vespera do dia da Invenção da Santa Cruz.

Ás quatro para as cinco horas da manhã estavamos todos de pé, activos, anciosos, febricitantes. Cada um de nós ajudava nos infimos trabalhos dos preparativos da jornada, para que um minuto se não perdesse. O sr. bispo do Rio Grande disse na capella de Nicodemus uma missa, a que todos nós assistimos, manifestando-se na attitude de todos e cada um dos assistentes o mais profundo sentimento religioso. Abraçámos os bons frades, montámos os nossos jumentinhos, e partimos de Ramlé.

CAPITULO IX

JORNADA DE RAMLÉ A JERUSALEM

I. Estrada ao saír de Ramlé. O logarejo de Kubab. A antiga Nobe. David e o Pontifice Achimelech.— II. Latroun ou castello do Bom Ladrão. Lenda da Sacra Familia.—III. Aspecto da estrada.— IV. Emoas, Emaús ou Nicopolis.—V. Porto do Valle.—VI. Jeremias. Abu-Gosci. Karathiarim. Propheta Urias.—VII. Modin. Berço e sepultura dos Machabeus.—VIII. Castal. Ramathaim Sophim. Anathoth. —IX. Valle de Aialon. Josué detendo o sol. Paiz das uvas. Colonia.— X. Valle de Terebintho. David e Golias.—XI. Sapha, Scops ou Espelho.—XII. Alexandre Magno e o Pontifice Jaddo.—XIII. Chegada a Jerusalem.

I

Ás cinco horas da madrugada pozemo-nos em marcha. Já na vespera tinhamos avaliado o que fossem as commodidades de uma jornada a cavallo n'uns burrinhos de tres palmos de altura, taes que em alguns lugares íamos com os pés topando nas pedras; os arreios eram obra de uns albardeiros, cuja sciencia não tinha certamente adiantado para aquem do tempo dos Machabeus; de sorte que, não raro, quando os pensamentos tendiam a elevar-se para o ceu, de repente a incommoda azêmola os puxava para a terra! Parece que entre o animal e o rapaz seu conductor existe certa maçonaria, pois elles lá se entendem por gestos, signaes e toques de uns zargunchos: os jumentinhos são tão submissos para aquelles seus senhores, como indisciplinados para os adventicios.

Accresceu, para maior miseria nossa, desfechar n'esse dia um impetuoso furacão, que se fôra na Africa tomariamos por um simoun, que dentro em pouco nos enrolasse a caravana em turbilhões de areia. Se tanto não succedeu, é todavia certo que durante tres horas fomos atrozmente esbofeteados por tão importuna e gelida ventania.

Parabens dou eu aos que houverem de succeder-me n'esta peregrinação, caso se realisem as esperanças do meu amigo Ratisbonna, que n'uma recente carta me diz tratar-se de um projecto de ferro-via, para transportar os peregrinos de Jaffa a Jerusalem.

Haviamos andado uns dez minutos, quando vimos á direita um cemiterio turco e a piscina denominada dos Bufalos; depois entrámos de novo na planicie de Saron. Passámos por uma ponte a torrente de Ramlé, alem da qual encontrámos uma torrinha seguida de uma aldeia, cujas casas são de madeira e terra. Vêem-se á direita e á esquerda uns *ualis,* nome que os turcos dão aos monumentos funebres de alguns de seus personagens.

Logo adiante e do lado esquerdo da estrada avistámos, n'um alto pedregoso, um logarejo de triste apparencia, chamado Kubab (o assado). Explicam os arabes a origem d'esse nome, dizendo que Salomão, descontente de lhe recusarem os habitantes o dizimo de bois, carneiros e cabras, resolveu puni-los; que por sua ordem os D'jinn (espiritos celestes) desceram em multidão, na fórma de enormes lobos bravissimos, golfando chammas das goelas, e se lançaram a galopar em roda da planicie; incendeando assim as messes que estavam maduras, repelliram para o centro os rebanhos disseminados pelo campo, que reunindo-se todos no logar onde está Kubab, ahi morreram assados, sendo com os restos d'elles que se formou essa collina, ficando o nome de Kubab como eterna recordação da vingança do Propheta.

É possivel que este Kubab seja o antigo Côbe, collocado pelo Talmud nos confins do territorio dos israelitas e philisteus.

Descendo de Kubab para a derradeira parte da planicie de Saron, vê-se para sueste, ao sopé da montanha, a aldeia Beit-Nuba, a qual occupa o sitio da famosa levitica cidade Nobe.

Havia Jonathas applacado a seu pae, que machinava dar cabo de David. Saul irrita-se depois contra este, que se retira para junto de Samuel e renova o seu ajuste com Jonathas, o qual, avisando-o de que Saul persevera na determinação de o perder, o aconselha que se occulte. Parte pois David sem demora para a cidade de Nobe, onde o Pontifice Achimelech muito se espanta de o ver. Explica-lhe David os seus motivos, e pedindo-lhe refeição, diz-lhe o Pontifice que não tem á mão pães de leigos, mas sómente o pão santo, e lh'o deu.

E perguntando David a Achimelech se lhe não poderia dar uma lança, ou uma espada, pois partira tão apressadamente que não tivera tempo de tomar as suas armas, o Pontifice lhe respondeu.

— «Ahi está a espada de Golias, o philisteu, a quem tu mataste no valle de Terebintho; está embrulhada n'um panno detrás do éphod. Se a queres levar, leva, porque não ha outra.»

E David exclamou:

— «Oh! sim, quero-a, quero-a; não ha outra como esta.»

E tomando-a, partiu, e foi refugiar-se a casa de Achis, Rei de Geth.

Sendo, porém, denunciado tudo isto a Saul, este mandou matar o Pontifice, oitenta e cinco sacerdotes e todos os habitantes de Nobe, cidade sacerdotal, homens, mulheres e até creanças de mama; e quando não achou mais entes humanos, passou ao fio da espada bois, jumentos e ovelhas.

Isaias, prophetisando a marcha que realmente fizeram depois os assyrios antes de atacarem Jerusalem, diz: «Ainda ha dia para se faser alto em Nobe».

Foi, pois, esta cidade a ultima cuja invasão elle vaticinou antes da cidade santa.

II

Deixando a antiga Nobe, transpõe-se por uma ponte uma torrente; vê-se á direita uma pequena torre, e chega-se finalmente ao termo da planicie de Saron. Após duas horas e meia de jornada por toda essa superficie nua de arvores e quasi

de arbustos, começámos a subir gradualmente as montanhas da Judéa, a cuja esterilidade correspondia bem a nudez dos circumvizinhos campos.

Ao deixarmos a dilatada chã, foi-nos indicado um montão de ruinas, ao lado direito, sobre o pinaculo de um monte. Chama-se o castello do Bom Ladrão, pela crença de que alli nasceu aquelle famoso Dimas que morreu crucificado á direita do Divino Redemptor, de quem, por seu arrependimento, mereceu ouvir estas palavras:

— «Hoje estarás comigo no Paraizo.»

Não é, porém, cousa averiguada que Dimas houvesse alli nascido; diversos autores o dão como natural do Egypto, opinião que tem por si maior somma de probabilidades[1].

Para justificar a denominação do castello, é licito conjecturar que Dimas, nascendo no Egypto, e applicando-se á vida de salteador, procurasse paiz onde podesse dar largas a seus instinctos. E porque n'aquelles tempos havia grande frequencia de viajantes de Jaffa para Jerusalem, mórmente por occasião das solemnidades do Templo, possivel é que viesse estabelecer-se de assento nas covoadas e gargantas das montanhas da Judéa, onde o desabrigo e solidão do sitio lhe promettiam boa préa.

Como quer que seja, a tradição de que alli viveu o bom ladrão existia já no IV seculo, visto affirmar-se que n'aquella encosta mandára Santa Helena edificar uma egrejinha em honra do predestinado Dimas. Talvez que os restos d'essa egreja sejam as suppostas ruinas do castello, conhecido nas historias por aldeia dos Ladrões.

De feito, durante largos annos, e ainda n'este seculo, distinguia-se essa localidade como tremendo valhacouto de salteadores. No governo de Ibraim foi destruido, mas depois, no dos Pachás, voltaram as cousas ao antigo estado de depredações e latrocinios. Hoje, porém, já não ha perigo. No meu regresso de Jerusalem por alli passei ás dez horas da noite com um só dos meus companheiros, tendo por guias dois rapazitos turcos, filhos do dono dos jumentos que montavamos. Mais de tres leguas caminhámos por meio de arraiaes de beduinos, que em grande numero tinham vindo das margens do Jordão a refazer seus rebanhos entre Jerusalem e Ramlé; não recebemos d'elles a menor villania, antes se mostraram obsequiosos.

A proposito d'este castello do Bom Ladrão, narra-se uma anecdota, que não devo omittir; não só porque não offende o criterio da historia, como porque o não fazer d'ella menção, seria destoar do côro quasi unanime dos escriptores; os quaes a tem registado, senão como veridica, ao menos como inoffensiva da gravidade da fé catholica.

O sr. Rebello da Silva, na sua *Vida de Jesus Christo,* exprime-se d'esta fórma:

«A pequena distancia de Anathoth, e na vizinhança de Ramlé, d'onde se desce para as planicies da Syria, recorda a tradição uma scena que merece ser contada.

«Era noite, e os dois esposos José e Maria apressavam-se para adiantarem al-

[1] É curiosissimo o livro recentemente publicado por Mr. Gaume, intitulado *Historia do bom ladrão,* que elle muito engenhosamente dedica ao seculo XIX, ao qual faz a honra de declarar que n'aquelle bom ladrão acha este seculo o seu modelo. Trezentas e sessenta paginas dó excellente livro são consagradas á vida d'este personagem.

gumas horas de jornada, saíndo sem demora dos dominios do Idumeu. De repente muitos homens armados se levantam de um barranco, e cortam-lhes o passo. Separa-se o chefe dos outros, e vem examinar mais de perto os passageiros. José e Maria tinham estacado sobresaltados, e Jesus descançava serenamente.

«O salteador tambem parou, e parou pasmado! Os seus olhos admirados ora contemplavam o velho que tinham diante, pacifico e sem armas, ora se volviam para o rosto pallido e formoso da Senhora, que o véu não occultava todo, e cuja anciedade se revelava no ardor com que apertava ao peito o filho adormecido, como se o quizesse metter no coração...

«Então a lança do bandido inclinou-se, e este estendendo a José a mão amiga, offereceu-lhe a hospitalidade do seu castello, suspenso, como ninho de aguias, sobre a corôa de um rochedo.

«Com a mesma sinceridade com que o fazia, foi a proposta acceita; e o tecto do delinquente cobriu por uma noite o Divino Redemptor! Ainda hoje se apresentam ao peregrino as ruinas da fortaleza do salteador.»

Tal é pouco mais ou menos a tradição, a que, cumpre confessar, não ha nos livros canonicos a minima referência; mas que já desde o segundo seculo apparece em monumentos traçados nas linguas orientaes, os quaes affirmam que a Sacra Familia, na sua fuga para o Egypto, teve a sorte, então frequentissima, de se encontrar com os ladrões do deserto.

Sem affirmar nem rejeitar um ponto que não é de fé, o em que ponho grande duvida é na designação da localidade.

Enganou-se o citado escriptor, collocando Anathoth na vizinhança de Ramlé; porquanto aquella povoação ficava a nordeste, e esta ao noroeste de Jerusalem.

Tambem se enganou, dizendo que de Anathoth se desce para as planicies da Syria, quando entre a Syria e a Judéa se interpõem os vastos territorios da Galiléa, Samaria, etc.

Deixando, porém, estas e outras miudezas, o que considero impossivel é que as ruinas ora existentes sejam as do castello do salteador encontrado pela Sacra Familia, pois não é crivel que esta escolhesse tal caminho.

Alguns, firmados no texto de S. Lucas, que antes de fallar n'esta fuga diz que o Menino Jesus e os seus regressaram á Galiléa, suppõem que a partida foi de Nazareth; mas a opinião mais assente e recebida é que ella saíu de Belem.

Ainda hoje se aponta á mão direita de quem vae de Belem para Hebron um logarejo conhecido pelo nome de aldeia da Senhora, onde se affirma que ella pernoitou. Não menos é sabido que foi especialmente em Belem, patria do Redemptor, que Herodes mandou praticar a crueldade, a que os fugitivos procuravam eximir-se; tal era a idéa fixa do tyranno de que o Menino Jesus existia no territorio de Belem.

Parece-me, porém, que, ou de Nazareth ou de Belem fosse a partida, nunca elles cortariam esta região.

Por mar, isto é por Jaffa, teriam de atravessar grandes distancias de paiz muito povoado e com quasi certeza de serem reconhecidos e presos, alem das despezas enormes para tão pobre familia, da possibilidade de não acharem navio no porto do embarque, e da difficuldade de cumprirem a ordem do Anjo, que determinára a maior pressa na fuga. Em todo o caso, Ramlé nunca ficaria no caminho de Nazareth para Jaffa.

Por terra não menores eram os obstaculos. Entre as fronteiras meridionaes da Judéa e a terra do Egypto estendia-se um deserto de quarenta leguas; e a Palestina e seus contornos estavam infestados por ladrões, que certamente encontrariam n'essas paragens invias, longe de povoados e no meio da vasta solidão, caminho obrigado das caravanas.

Todavia a arte, interprete da tradição, representa sempre os santos fugitivos seguindo para o Egypto por terra. Ora, ficando o Egypto a sudoeste de Belem, impossivel era que a Sacra Familia tomasse direcção inteiramente opposta, quando o recto caminho era o de Gaza.

Descobrimentos recentissimos parece-me levarem á evidencia ter sido por terra que a Sacra Familia verificou a sua jornada. Quando entraram a tomar mais corpo as excavações emprehendidas para a abertura do isthmo de Suez, verificando-se claramente a direcção que para ahi levava a estrada antiquissima que conduzia da Judéa para o Egypto, foram encontrados, a pouca distancia dos modernos trabalhos e vizinhos ao deserto, vestigios magnificos e numerosos de soberbas edificações. No meio d'estes restos foram igualmente achadas as ruinas de uma egreja construida em tempos immemoriaes, e que os arabes reconhecem que, segundo ininterrupta tradição, era consagrada a Nossa Senhora do Deserto, por ter ella na sua fuga pousado exactamente n'esse chão. Em tanta reverencia foi tida essa crença, que o grande Lesseps, em commemoração do successo, acaba de mandar erguer ahi, em nome da companhia, um templo magnifico e dos mais apparatosos que por aquellas regiões se encontram, e ao qual se restabeleceu a mesma invocação de Nossa Senhora do Deserto. Quando passámos no canal e pelas alturas do meio do isthmo, foi-nos mostrado o rumo d'aquella alterosa fabrica.

Eis-ahi pois um novo argumento valiosissimo para convencer que Nossa Senhora, partindo de Belem, ou ainda mesmo que fosse de Nazareth, em caso nenhum podia, indo por terra, atravessar as immediações de Ramlé.

Do que precede se collige que se com effeito se realisou o encontro com os ladrões, terá sido em qualquer outra parte, menos no sitio que ora nos occupa a attenção.

E para que mais se convença o leitor da incerteza do logar onde occorreu a imaginada scena, basta ver que Eschrich, na sua obra *Tradições do Oriente,* figura o encontro na Samaria, «onde, diz elle, n'uma noite gelida e medonha, caminhava a Sacra Familia por um barranco profundo, quando José, que ia adeante levando a jumentinha pela arreata, estacou ao ouvir uma voz asperrima saida da cavidade de uma penha: «Alto, ou morres!»

O doutissimo Carthagena, no seu itinerario da Sacra Familia, já entrada no Egypto, diz: «Saiu-lhes um ladrão de estrada, mas tanto que chegou perto dos nossos celestiaes viajantes, a tamanha piedade se moveu que os levou a uma cova onde habitava, e lhes deu liberalmente do que tinha; e succedendo a mulher lavar um seu filho leproso na agua em que a Virgem ensaboára as faxas do Menino Deus, ficou aquelle instantaneamente curado!»

Pedro a Natalibus diz que este ladrão foi Dimas, a quem Christo pagou na Cruz aquelle serviço, abrindo-lhe o reino do ceu.

Ainda ha outras variantes que escuso reproduzir.

III

Deixando o castello do Bom Ladrão e a sua lenda, proseguimos na subida das montanhas, as quaes se nos antolhavam como outros tantos amphitheatros, ornados transversalmente de umas listras esbranquiçadas, como que formando degraus, ou uns carreirinhos de pedras miudas, que á similhança de enorme serpente vão cingindo a lombada dos montes, em varias direcções.

A estructura d'estas penedias é, em geral, a de uma pyramide conica truncada, como se o fosse pela mão do homem [1].

É admiravel que, sendo esta cordilheira concatenada, tanto na base como nas faldas e nas encostas, os pincaros dos penedos se ostentem isoladamente uns dos outros, offerecendo aos olhos o mais lindo espectaculo, exagerado pela phantasia do viajante, que n'aquelles logares torna os objectos mais prestigiosos do que nas outras partes. E ahi me transportou a imaginação, como tantas vezes, á patria querida: lembrava-me a perspectiva saudosa da nossa serra dos Orgãos, vista da praia fluminense, e na mente, e no coração se me confundiam recordações e esperanças. Ah! quão outra, porém, se avantaja a natureza de nossas plagas abençoadas! circumdam as nossas montanhas vegetação esplendida e sempre verde, opulencia de seiva, cascatas, e catadupas, e toda a sorte de naturaes magnificencias; aqui apenas de distancia a distancia se entremostram solitarios e rachiticos arbustos.

Outr'ora faziam pagar um imposto quando se entrava nas montanhas; mas isso é já hoje chronica velha.

O caminho que andámos é praticado no fundo de um valle espaçoso, serpenteando ora para cima, ora para baixo, sempre gradualmente; d'est'arte, sem subirmos nenhum d'aquelles numerosos montes, a cuja summidade parecia que nunca chegariamos, nos íamos achando, como por encanto, n'esses alcantilados vertices, d'onde vimos perfeitamente desengrazadas as duas cadeias, por entre as quaes haviamos andado mais de duas horas [2].

[1] Leio que os nivelamentos barometricos de Wildembruch deram os resultados seguintes: Ramlé, 256⅛ pés; Latroun, 619⅛. O certo é que se sobe immensamente até chegar a Jerusalem. O valle que se segue aqui, chama-se Wadi-Aly.

[2] Monsenhor Mislin, na excellente obra sobre os logares santos, descrevendo as suas sensações, quando se achava no centro da Judéa, diz que n'este logar lançára mão da *Viagem* de mr. de Lamartine, e lêra o trecho seguinte:

«Quando chegámos ao revés d'este outeiro *(outeiro de Galiléa!)* mostrou-se inteira ante nós toda a Terra Santa, a terra de Canaan *(o que é tão impossivel como ver a Italia das bordas do lago de Genebra!)* Grande, agradavel, profunda impressão! Não era aquella terra núa, pedregosa, esteril, cadeia de montanhas baixas e escalvadas, que representam a Terra da Promissão, segundo os dizeres de escriptores prevenidos, ou de viajantes com pressa de chegar e escrever; mas que dos dominios *immensos e variados das doze tribus* mais não viram, que a picada que entre dois sóes leva de Jaffa a Jerusalem. Illudido por elles, eu só esperava percorrer um paiz sem extensão, horisonte, valles, planicies, arvores, nem agua; alguns monticulos brancos ou acinzentados, onde o ladrão arabe se occultasse para atacar o viandante: esse é talvez o caminho de Jerusalem a Jaffa; mas eis aqui a Judéa.»

Até que saibâmos como a Judéa póde achar-se no meio da Galiléa, ou antes, até havermos percorrido, *não os immensos dominios* das doze tribus, mas a terra inhospita, que foi a Terra da Promissão, para a descrever, como nós mesmo a achámos, recommendo á attenção do leitor a seguinte pintura da Judéa:

«É alli, alli que Sião era situada; logar extravagante e infeliz para capital de um *grande* povo!

IV

Vejamos, porém, o mais que, ao deixarmos o castello do Bom Ladrão, fomos avistando aos lados do caminho a maior ou menor distancia, e digno de recordação por successos mais ou menos famosos.

Á esquerda da estrada, e pouco distante de Latroun, está situado Emoas, que é a antiga Emaüs, não a do Evangelho, que é sita nas montanhas de Judá, a sessenta estadios de Jerusalem, mas sim Emaüs, celebre pela victoria que Judas Machabeu ahi alcançou contra Gorgias, general de Antiocho Rei da Syria.

Quando, no anno 42 antes de Jesus Christo, Cassio foi á Syria, ficou tão irritado com o comportamento dos governadores, excepto Herodes, que fez expôr á venda os habitantes das cidades, d'entre as quatro primeiras, das quaes Emaüs era uma. Varo, no anno 3 antes da redempção, para vingar a morte de alguns romanos a mandou queimar; mas Vespasiano a reedificou, e lhe deu o nome de Nicopolis, e em seguida foi augmentada em tempo de Heliogabalo e Alexandre Severo no seculo III. Ha quem pense, attenta a grande proximidade entre as ruinas de Latroun e de Emaüs, que tudo isso não era antigamente senão uma e a mesma cidade, e que o actual Latroun era verdadeiramente a cidade de Nicopolis.

Em Emoas vê-se ainda de pé uma parte da arcaria de uma egreja, cuja construcção remonta aos primeiros seculos do Christianismo, e era dedicada aos sete irmãos Machabeus, martyrisados com sua mãe no anno 168 antes de Christo.

Havia outr'ora n'este logar uma fonte, onde se suppunha que nosso Senhor se tinha demorado; Juliano Apostata fe-la tapar, por odio a Jesus Christo.

Não quero passar d'este sitio sem repetir um successo curiosissimo, occorrido n'estas alturas de Emoas; successo em que fez a mais brilhante figura aquelle sympathico e venerando monge, de que já tive occasião de fallar. Sobredoura o merito do piedoso varão a insigne modestia, com que elle nunca, em nossas longas palestras, alludiu á façanha que n'este logar praticou, e que recentemente li na *Revista franciscana* de Bordeus, publicada em novembro de 1872. Esse folheto nos depara curiosos pormenores biographicos do respeitavel monge. Não me parece inopportuno transcrever aqui uma parte d'essa apreciação, para que melhor se avalie o que seja fr. Daniel Gregorio de Cadubrio, o heroe do feito praticado n'aquelle mesmo sitio que estou descrevendo; feito de que só no Rio de Janeiro vim depois a ter conhecimento! Eis como se exprime aquella valiosa publicação:

«Não ha navegante que melhor que fr. Daniel conheça o littoral da Asia, Africa e America; quanto á Europa tem-na perlustrado de cima para baixo, de oriente ao occidente, em todo o sentido, e por varias vezes. Já não admira, pois, ouvir-lhe fallar, mais ou menos, todas as linguas do mundo, não diremos tão correcta e

É antes a fortaleza natural de um povosito expulso da terra, e refugiando-se com o seu templo n'um *solo que ninguem tem interesse em disputar-lhe; em rochedos que nenhumas estradas podem tornar accessiveis; em valles sem agua; n'um clima esteril e inhospito; não tendo por horisonte senão montanhas calcinadas pelo fogo interior dos vulcões, montanhas da Arabia e de Jericó, e um mar infecto sem praia, nem navegação: o mar Morto! Eis-ahi a Judéa.*»

Esta Judéa é tambem a do sr. Lamartine. Cumpre ler no proprio autor similhantes contradicções, para se admirar até onde póde desvairar uma imaginação brilhante, desnorteada do caminho da verdade.

scientificamente como um leão do instituto de França; mas em fim de modo intelligivel: quanto ao arabe dirieis ser a sua lingua materna. Costumado ha vinte e cinco annos com os usos e o dialecto dos beduinos, bastantes vezes vestiu os trajos d'elles, e carregou com espingarda, misturando-se furtivamente entre esse gentio, apanhando-lhes os segredos, frustrando-lhes os tramas, e prestando assim, com risco de seus dias, immensos serviços aos estrangeiros, ameaçados de roubos, e quiçá de morte.

«Daniel Gregorio tem tres condecorações, ou antes o direito de trazer tres condecorações: a de lã vermelha dos padres da Terra Santa, a de Santo Estevão da Hungria, e a de Francisco José. Um dia, perguntando-lhe nós por que rasão não punha a sua Cruz de oiro, com a sua vistosa fita chamalotada, que tão bem dizia com a sua monastica estamenha, respondeu-nos: «Ha por ahi tantos que trazem decorações, sem as merecer, que eu estimaria poder merece-las, sem as trazer.»

«Eis-aqui o que deu logar áquellas distincções. Era em 1855. Ainda o Archiduque de Austria, Maximiliano, não tinha tido o infortunio de ensaiar essa corôa, que perdeu sem honra nem proveito para ninguem. Este Principe, sinceramente pio e catholico, visitava então os santos logares. Gostava muito de excursões aventurosas, e n'uma d'ellas *(achando-se exactamente no logar que estou descrevendo)* separou-se um instante da sua comitiva, e a pequena distancia precisou apeiar-se. De repente o seu cavallo arabe recuou, porque frei Daniel se precipitava em frente d'elle como um raio. O monge tinha a si mesmo imposto o cargo de velar pela segurança do Principe, e n'aquelle instante divisára um beduino acocorado, e já com o seu fuzil fazendo pontaria ao regio viajante. Aqui teriam findado as audazes peregrinações do impavido successor ao throno de Montezuma, se o seu não menos impavido guia não houvesse tomado aquella instantanea resolução. Escudar com o seu corpo o corpo do Principe, armar o seu revôlver de dois tiros, que nós vimos e tocámos, apontar ao arabe, saltar sobre elle; foi tudo obra de um abrir e fechar de olhos. Trava-se rapida luta, frei Daniel segura a espingarda do robusto arabe, grita, chama, assenhoreia-se da arma e do beduino, a quem estreita nos vigorosos braços. Outros dois arabes, felizmente desarmados, sáem do seu esconderijo, e deitam a fugir impetuosamente. Aos gritos do Archiduque e de frei Daniel accorre a comitiva do Principe e apodera-se do malfeitor, que é levado para a prisão; mas no dia seguinte Sua Alteza em Jerusalem, na presença de sua comitiva e de toda a communidade, entregava ao monge, a quem chamava *seu salvador*, a Cruz de oiro de Santo Estevão da Hungria. Quanto ao beduino, soltou-o, condemnando-o a certa multa, que a prudencia do padre custodio não permittiu acceitar; e Maximiliano, em memoria d'esta aventura, levou comsigo a espingarda para a Austria. Logo se tornou conhecidissimo este bom religioso na côrte de Vienna, e o Imperador Francisco José quiz patentear o seu reconhecimento ao salvador do irmão. Quando em 1869 aquelle Imperador assistiu á abertura do canal de Suez, visitou tambem os logares santos. Ao chegar a Jaffa hospedou-se no convento dos franciscanos: entre os doze monges do hospicio distingue um, vae direito a elle e diz-lhe:

— «V. rev.ma é frei Daniel Cadubrio?»

— «Sim, senhor. Como é que eu tenho a honra de ser conhecido de Vossa Magestade?»

— « Meu pobre irmão pintou-me tão vivamente o retrato de v. rev.ma, que não podia enganar-me. Faça-me o favor de acceitar a Cruz da ordem de Francisco José, como testemunho da minha gratidão. »

« O bom frade, sem murmurar uma palavra de desculpa, beija a mão do soberano, do qual recebe com simplicidade a Cruz, recompensa do seu merito. »

No Rio de Janeiro, onde ora se acha a serviço da sua ordem, perguntando eu ao heroe d'esta aventura se havia n'ella alguma circumstancia inexacta, não foi possivel arrancar-lhe plenas confissões; mas os seus singelos companheiros sem detença confirmaram toda a veracidade do exposto, accrescentando ainda outros factos, altamente honrosos a elle e á seraphica ordem a que pertence.

V

Continuando o caminho, deixando-se á direita um poço, e á esquerda uma torrinha, prosegue a estrada por um valle cortado por um riacho, e vê-se depois á esquerda outra torrinha, e á direita varios poços; até que passada sobre uma ponte outra torrente, se avista Deid-Ayub (convento de Job), que não é senão um casarão abandonado, no declive da encosta á esquerda.

Andando-se mais um quarto de hora, acha-se á direita outra torrinha, e á esquerda encontra-se o famoso botequim arabe, miseravel pousada, de que o viandante nada poderá aproveitar, se comsigo mesmo não tiver trazido provisões. As unicas bebidas d'esta esplendida pousada são uma limonada impossivel, e um bom café de Moka, mas sem assucar.

N'este logar começam os montes da Judéa, e por isso aqui se chama Porta do Valle.

Fomos subindo até chegarmos a uma consideravel elevação, d'onde se avistava, á direita, a aldeia turca Sarris, na encosta do monte; e á esquerda uma ponte cercada de ruinas, chamada Geluhele. Estendendo os olhos a maior distancia, divisa-se na extrema do horisonte o Mediterraneo.

D'aquella eminencia descortinámos, através das cordilheiras occidentaes, os campos dos philisteus, os plainos de Saron, e todos aquelles arenosos páramos que ondulam desde Jaffa até Ramlé.

Immovel como estatua me absorvia na vaga contemplação d'aquelle panorama, quando a voz dos companheiros me despertou: começámos a descer a opposta cadeia dos montes, que pouco antes haviamos ascendido.

VI

Teriamos andado meia hora, quando nos disseram que iamos perto de uma aldeia chamada S. Jeremias, por n'ella haver nascido o celebre Propheta. Ao ouvir o nome do lamentoso vate de Israel, excitou-se-me a phantasia com a lembrança de suas lugubres endêchas, e anciosamente desejei saudar as auras que bafejaram o que me diziam ser seu sólo natal.

De feito, não tardámos em lobrigar ao longe, por entre as quebradas dos montes, choupanas de aspecto tristonho e rustico. Chegámos; mas já então asserena-

das as minhas commoções, meditei na lição da Biblia, e desde logo comecei a pôr em duvida ser aquella a patria de Jeremias, como tantos escriptores haviam feito acreditar, inclusivè o escrupuloso e grave fr. Pantaleão de Aveiro; perpetuando-se d'est'arte crença, que se desfaz pela propria topographia e pela expressa narração do mesmo Propheta, que diz ser filho de Anathoth, cidade sacerdotal da tribu de Benjamin.

Ora o logar que hoje se chama aldeia de S. Jeremias acha-se, segundo todos os mappas antigos e modernos, comprehendido no territorio da tribu de Judá; não póde, por consequencia, arrogar-se a gloria de ter dado o berço a quem positivamente declara que em outra parte o houve.

Entendo que este nome de S. Jeremias deriva de um convento que alli tiveram os franciscanos, com sua egreja annexa, dedicada ao Propheta. Foi esse convento construido em 1392, para servir de refugio aos peregrinos; providencia utilissima, e que prouvesse a Deus que se restaurasse hoje.

Sabido é que os conventos tomam os nomes das egrejas a que se annexam. Provavelmente o primeiro viajante que por alli transitou, depois da fundação do hospicio, escreveu ter-se hospedado no convento de S. Jeremias; e assim não é de admirar que passasse em uso tal impropriedade de nome; como passou o de S. João de Montana, a que actualmente chamam os peregrinos *patria do Precursor*, pelo facto de lá existir um convento d'aquelle nome, não obstante na lingua do paiz se chamar aquella aldeia Ain-Caren, que exprime cousa diversa.

Quanto ao antigo convento de S. Jeremias, foi inteiramente desamparado em 1490, por haverem os arabes, em uma só noite, trucidado toda a confraria, composta de nove monges; não permittindo elles desde então a outros religiosos tornarem a habilita-lo. Por fim o derrubaram completamente, applicando os materiaes á construcção de suas choupanas, e não deixando de pé senão a egreja de S. Jeremias, hoje curral de gado: nem outra serventia póde ter no deploravel estado a que os musulmanos, profanadores barbaros das nossas mais caras tradições, chegaram a reduzi-la. Conhece-se ainda hoje que era uma egreja de tres naves e de estylo gothico, sendo as paredes cobertas de pinturas a fresco, de vinte pés de altura: ainda d'ellas alguns restos se vêem; a côr azul é a mais bem conservada. O altar olhava para o oriente, o nicho era ornado de mosaicos; a egreja tinha trinta passos de comprido e vinte e quatro de largo; as paredes estão em menos mau estado, assim como as abobadas subterraneas. O peregrino catholico, ao passar diante d'aquellas respeitaveis ruinas, inclina-se recitando um Padre Nosso em honra do Propheta Jeremias.

Sempre recommendarei, porém, ao viajante que não passe d'este logar, sem beber um copo da mais deliciosa agua que por aquella estrada se encontra. Alli descançámos nós à sombra de um frondoso sycomoro, que parece ter sido hospitaleiramente collocado pela natureza para commodidade dos peregrinos.

Não pude descubrir, por mais que o investigasse, qual fosse o antigo nome biblico d'aquelle logar; chegando assim a convencer-me de que, se o teve, nenhum successo o tornou notavel. A obscuridade antiga foi, porém, contrastada pela celebridade de que o têem cercado todos os viajantes no Oriente; celebridade devida ao terror, outr'ora no animo dos transeuntes incutido n'aquelle logar.

Sim: nenhum lido nas modernas historias de Jerusalem deixou de encontrar o nome de Abu-gosci, com seu cortejo de latrocinios e barbaridades. Foi Abu-gosci

um terrivel salteador, que muitos annos viveu acastellado na aldeia de S. Jeremias, sobranceiro aos esforços combinados da Porta Ottomana e do Pachá de Jerusalem; até que em 1830 Ibraim Pachá, talvez á traição, o fez prender. Ainda hoje vivem inoffensivos tres filhos d'esse terror dos romeiros.

Não vem, porém, ao nosso intento narrar a historia e os barbaros episodios da vida do famigerado beduino, de que aliás tantos escriptores se occuparam.

Antes de Abu-gosci este logar se chamava Kariat Enad (aldeia das uvas); e a opinião mais seguida é ter sido esse o famoso Kariathiarim (cidade das selvas) que o velho Testamento denomina Logar do Repouso, por haver alli descançado, em casa de Abinadab, a Arca restituida pelos philisteus.

O Propheta Urias (cujo nome significava fogo ou luz do Senhor) era natural de Kariathiarim, e, segundo affirma Jeremias, prophetisou contra esta cidade e contra todo o paiz de Judá as mesmas cousas que Jeremias; e por isso o Rei Joaquim o fez morrer á espada, lançando o seu cadaver nas covas do ignobil vulgo.

Deixada a aldeia de S. Jeremias, chamaram-nos a attenção algumas ruinas de antigos castellos, esparsas aqui e alli sobre os declives dos montes que tinhamos em frente, ao lado e pelas costas.

VII

Foi-nos mostrada então a aldeia de Soba, que muitos suppõem ser a antiga Modin, berço e jazida dos heroes Machabeus. É n'esse monte que, saindo angustiado de Jerusalem, se recolheu Mathatias com seus filhos. E vindo após elle os enviados do Rei Antiocho, intimando-o para que todos os seus vassallos abandonassem a lei de Deus e queimassem incenso aos idolos, Mathatias respondeu:

— «Ainda quando todas as gentes obedecessem a El-Rei Antiocho; ainda quando nem um só dos meus subditos deixasse de apartar-se da lei de seus paes, jamais nos apartariamos nós, meus filhos, meus irmãos, nem eu!»

E como n'esse momento um judeu avançasse para o altar, levantado em Modin por ordem do Rei, para sacrificar aos idolos, Mathatias em tal furor se accendeu que, arremettendo ao apostata, o matou sobre o altar, e logo após fez cadaver o enviado do Rei, e lançou por terra as aras, gritando:

— «Quem for fiel á Alliança, venha comigo!»

E fugiu com seus filhos para os montes, começando d'est'arte a memoravel guerra contra os incircumcisos.

Foi aqui em Modin que Simão Machabeu sepultou os ossos do seu irmão Jonathas, e sobre o sepulchro de seu pae e de seus irmãos ergueu um colossal monumento, que se avistava de grande distancia, cujas pedras eram polidas por detrás e por diante, elevando-se sete pyramides, dedicadas uma a seu pae, outra a sua mãe e quatro a seus irmãos; e poz-lhe á roda umas grandes columnas, e sobre estas columnas armas, que servissem de monumento eterno; e ao pé das armas navios esculpidos, que fossem vistos de longe por todos os que navegassem pelo mar[1].

[1] Diz o Padre Cypriano que o reverendo franciscano Manuel Fórner, que foi parocho em Belem, e agora o é em Damasco, varão instruidissimo na topographia sacra, duvidando por varias rasões de que Soba seja o antigo Modin, ha muito tempo se occupava em descobrir onde elle fosse. Finalmente, em 1866, julgou acha-lo na aldeia que os arabes chamam Medich, a duas leguas de

VIII

Proseguindo pela estrada, e deixadas uma aldeia, e uma construcção latina, que parece do tempo dos cruzados, da qual ainda restam muros e arcos, chega-se por uma ingreme subida a Castal, que é dos pontos mais elevados da Judéa, a qual fica á direita do caminho, coroada de uma pequena mesquita branca, de uma torre, que o famigerado Abu-gosci mandou construir, e de quatro casebres de pobres fellahs. D'essa eminencia se descobre para o nordeste a aldeia de Nebi-Samuil, a antiga Ramathaim Sophim, patria do Propheta Samuel.

É este o logar onde vieram consultar a esse ultimo dos Juizes todos os anciãos de Israel, visto que os filhos d'este não eram dignos de lhe succeder. E acontecendo que um plebeu, quasi gigante, denominado Saul, andasse de ordem de seu pae procurando umas jumentas, sem acha-las; veiu consultar a Samuel, o qual, por ordem de Deus, tomou uma redoma de oleo, e derramando-a sobre a cabeça de Saul e beijando-o, lhe disse:

—«Eis aqui te ungiu o Senhor por principe sobre a sua herança, e tu livrarás o seu povo das mãos de seus inimigos, que o cercam; e este será o signal de que Deus te ungiu principe».

Foi, pois, n'este logar que Saul foi sagrado Rei. D'aquelle ponto se divisam as montanhas que exultaram com o nascimento do Precursor, e bem assim á esquerda os cimos de Anathoth, cidade sacerdotal da tribu de Benjamin, como tal nomeada tambem nas santas Escripturas; e especialmente por ser, como dito fica, a patria de Jeremias.

IX

Eis alli o valle de Aialon, onde se deu aquelle estupendo milagre, que tanto os seculos têem commemorado.

Os gabaonitas poderosos tinham-se passado para Josué, e sendo accommettidos por isto, e sitiados pelos amorrheus, o Senhor fez cahir grandes pedras em cima d'estes, e permittiu a Josué no dia em que tomou ás mãos seus inimigos para extermina-los, que exclamasse:

—«Detem-te, ó sol, por sobre Gabaon! Detem-te, ó lua, sobre o valle de Aialon!»

E durante um dia a terra parou no seu curso; porque, durante um dia, lua e sol foram inalteravelmente vistos pelos homens no mesmo logar.

Proseguiamos no paiz de Judá, e tinhamos á esquerda a herança da tribu de Benjamin. Aquelles pincaros que se exalçam no horisonte, como gigantes de granito, são os montes de Ephraim; aquella cadeia de collinas, que se prolonga para o lado do meio-dia, em fórmas ondulosas, chama-se *Kariat-Eloonob*, paiz das uvas; provávelmente aquelle onde os exploradores mandados por Moysés á Terra da

Lydda. Com effeito, S. Jeronymo põe o Modin dos Machabeus perto de Lydda *(Juxta Diospolin)*. Alem d'isto, o referido Medich fica sito sobre um monte, d'onde se avista perfeitamente o Mediterraneo. Ahi se vêem as ruinas de uma antiga cidade, bellas pedras, mosaicos, cisternas talhadas na rocha, e uma antiga fabrica rectangular meio arruinada.

Promissão, colheram os cachos que excitaram o assombro e a avidez do povo de Israel.

Este conjuncto de cousas nos prendia a attenção; entretanto continuavamos descendo sempre para o oriente, deixando á esquerda as ruinas de uma aldeia chamada Colonia, talvez porque no tempo dos Romanos fosse ahi algum presidio.

X

Chegámos ao famoso valle de Terebintho, cujo nome lhe adveiu do grão numero de terebinthos que ha por essas paragens, ou, segundo alguns, de um terebintho giganteo e de antiguidade millenaria, que ainda hoje lá existe entre duas collinas[1].

Eramos alfim chegados ao theatro das batalhas do Senhor contra os inimigos da sua lei. Penetravamos no proprio logar, onde ha tres mil annos se tinha passado um dos mais curiosos dramas.

Congregados Saul e os filhos de Israel, vieram ao valle de Terebintho e formaram o exercito em batalha, para pelejarem contra os philisteus.

E os philisteus estavam n'um monte e Israel em outro monte; e havia entre elles um valle.

E do campo dos philisteus saiu um bastardo chamado Golias, de Geth, que tinha seis covados e palmo de alto: e na cabeça trazia capacete de cobre, e vinha vestido de couraça escameada, pesando perto de cinco mil siclos; e de cobre eram as botas que lhe cobriam as pernas, e o broquel com que se escudava.

Era-lhe a haste da lança como orgão de tear, e o ferro d'ella pesava seiscentos siclos. Adiante d'elle vinha o seu escudeiro.

E Golias proclamava aos esquadrões de Israel:

— «Que recontro ousais propôr-me! a mim! a mim, o philisteu! vós, escravos de um Saul? Escolhei um dos vossos, e venha, arca por arca, combater comigo.»

Os isrealitas fugiram da sua presença, porque o temiam muito. Mas David perguntou:

— «Que premio terá quem matar este bruto?

— «Quem é elle, esse incircumciso, que insulta o exercito do Deus vivo?»

— «A quem o matar, responderam os israelitas, dará El-Rei thesouros; dar-lhe-ha sua filha por mulher, e a casa de seu pae isentará de tributos.»

Ouvindo isto, cingiu David a espada de Saul, e porque a ella não estava affeito, deu alguns passos e disse:

— «Não posso.»

E largou as armas, e tomou o cajado de seu uso. Da torrente escolheu cinco pedras limpas; metteu-as no surrão de pastor; travou da funda, e saiu-se contra o philisteu.

Vinha o gigante pesadamente approximando-se de David, e o escudeiro adiante d'elle.

[1] Terebintho é um genero de plantas de cotyledoneas, polypetalas, typo da familia das terebinthaceas; bella arvore, com folhas similhantes ás do loureiro, que de verdes passam a vermelhas e a pretas; sendo da resina d'essa arvore que se tira a terebenthina e uma especie de balsamo. Tão nobre arvore é esta que no Ecclesiastico é ella tomada por symbolo da futura *Deipara Virgem*.

E quando Golias encarou David, sorriu, votando-o ao desprezo; porque era um mancebo todo louro e mimoso.

E limitou-se a dizer-lhe:

— «Que é isso? Vens com um pau! Pois eu cá sou algum cão?»

E em nome dos seus deuses amaldiçoou a David, e disse:

— «Anda cá, para eu te fazer em postas, e atirar-te a carcassa aos corvos.»

Mas David redarguiu-lhe:

— «Sim! Tu trazes espada, lança e escudo: eu não venho armado senão do nome do Senhor. Insultaste-o. Elle te entregará a mim. Vou decepar-te a cabeça. Aos corvos, sou eu que vou atirar com os teus. E a terra toda conhecerá se ha ou não um Deus em Israel.»

Ergueu-se irado o philisteu; e logo David sacou do surrão uma das pedras; po-la na funda; volteou, despediu-a... e a pedra se encravou na testa do colosso.

Os philisteus ao verem estendido, e logo depois degolado, o mais valente d'entre elles, dispararam em precipitada fuga.

E dizer que foi aqui, aqui, n'este espaço abrangido pelos meus olhos, que ha trinta seculos occorreram estes successos, admiraveis por sua natureza, maravilhosos como provas da omnipotencia do Creador!

Cousa pasmosa! A tradição ácerca dos acontecimentos biblicos é geralmente tão viva n'estas paragens, que ainda se aponta o logar onde cada um occorreu!

As posições occupadas pelos exercitos inimigos; o logar d'onde David apanhou as pedras e onde matou o gigante; tudo isso é indicado pelos naturaes, quasi com a certeza com que o poderiam ter indicado os espectadores.

Estanciava o exercito de Saul na chã do Terebintho, pelo lado do occidente; os philisteus occupavam a encosta do monte oriental. Verificou-se o duello aquem das raizes d'este monte. A quantidade de pedras miudas e roliças, que em ambas as margens da torrente superabundam, mostra aos olhos dos transeuntes que ainda aquelle sólo conserva a apparencia dos tempos biblicos.

XI

Depois de quasi uma hora de meditação, ultrapassámos o valle.

Que triste que não é a desolação a que baixaram aquellas regiões!

Quem pela primeira vez transpõe os estereis montes da Judéa, começa de melancolisar-se, á proporção que da cidade santa se approxima; mas tão suave é essa melancolia, tão consoladora, tão desejada, que o espirito, quanto mais ella o subjuga, mais anceia a sua sujeição; melancolia que excede todas as sensações mysteriosas da alma!

Subimos o monte fronteiro; e logo outro que lhe parece sobreposto, mas é só continuação d'elle. Chegados á chapada do cume, continuámos meia hora por um caminho lastrado de pedras tão luzidias, que as dirieis levigadas pelo roçar dos seculos, ou brunidas pelo continuo recalcar de milhões de peregrinos em demanda do Sepulchro Santo.

Não existe n'aquelle sólo sombra de vegetação; tudo denuncia o espasmo da natureza!

Lembrando-me então das palavras de Jeremias, exclamei:

— «Até quando chorarás, oh terra! até quando seccarás a herva, oh campo!

Chegámos finalmente ao logar mais celebre, depois do Terebintho; a collina denominada *Sapha* em hebraico, *Scops* em grego, que significa *espelho* em portuguez; porque era d'aquelle ponto que primeiro se avistava em frente o monte das Oliveiras, e logo as torres da cidade e o templo, na distancia de sete estadios, isto é, menos de uma milha.

Á direita d'este logar vê-se o valle da Cruz, onde hoje ha um convento denominado de Santa Cruz, pertencente aos gregos scismaticos. Na mesma direcção, porém mais elevado e mais longe, avista-se o convento grego de Santo Elias, e ainda a maior distancia lobriga-se Belem.

XII

Cumpre-me demorar o espirito n'este logar, hoje tão desprezado, e outr'ora theatro de um dos mais grandiosos acontecimentos que a historia nos conservou.

O assumpto que vou tocar participa da dupla natureza historica e religiosa; e porque se não acoime a narração de parcial no que n'ella prende com successos altamente ligados com a gloria do Deus de Israel, direi que os proprios pagãos nos transmittiram na vida de Alexandre Magno os vestigios d'esses grandes acontecimentos; narração aliás conforme com a que deixou Flavio José, que escreveu no primeiro seculo do christianismo.

Estava ainda Alexandre na Macedonia, quando lhe appareceu em sonhos um velho mais augusto e venerando do que são ordinariamente os homens. Esse velho o animou a seguir para a Asia, a fim de derrubar o imperio dos persas. Ora, aconteceu que os hyerosolimitanos tinham sido os unicos que haviam recusado a amizade de Alexandre, dando como motivo a alliança d'elles com Dario. No proposito de castiga-los, marchou Alexandre para a Judéa, e chegando a este monte de Sapha, saíram-lhe ao encontro, supplices, os padres, as mulheres e as creanças de Jerusalem.

Caminhavam na frente os Sacerdotes, com suas vestes de alvo linho; seguia-os o povo, tambem coberto de trajos brancos. Jaddo, o Summo Sacerdote, levava o éphod, ou antiga vestidura recamada de oiro, e a tiara.

Espantado o Rei da magestade d'esta pompa, apeou-se do cavallo ao vê-los approximarem-se, e avançou sósinho, depois de ter adorado o nome do Deus de Israel, gravado na lamina de oiro da tiara do Summo Sacerdote.

Captou assim por tal arte a gratidão do povo, que todos entoaram unisonos vivas e applausos ao conquistador. Chegou-se Parmeneon a Alexandre, perguntando-lhe por que rasão fazia honra a uma Religião estranha? E como tão grande Rei se não envergonhava de acatar o Deus de tão vil nação? Alexandre respondeu-lhe com a narração d'aquelle seu sonho antigo, em que lhe apparecêra exactamente o mesmo ancião que ora tinha ante os olhos; entrou na cidade, e foi logo direito ao templo, onde fez um sacrificio a Deus, segundo o rito hebraico.

Então lhe foram mostrados os livros sagrados, os quaes o encheram de assombro, especialmente os capitulos VIII e XI do Propheta Daniel, que seculos antes tinha vaticinado tudo quanto n'aquelle momento estava occorrendo; como a ren-

dição da cidade de Tyro aos macedonios, a Persia subjugada por um grego, e outras circumstancias que elle entendeu referirem-se claramente á sua pessoa.

Alexandre prodigalisou os maiores favores aos judeus, deixando-lhes a liberdade de viverem em toda a parte com as suas leis e costumes, isentando-os de impostos, dando-lhes logar de honra em seus exercitos, e manifestando a sua crença (embora por outros actos attenuada) na grandeza do Deus verdadeiro e unico.

XIII

Prosigâmos.

A este logar onde nos achavamos veiu um dos vigarios geraes de Jerusalem ao encontro do sr. bispo, cuja approximação lhe havia constado por aviso que de Jaffa recebêra.

Após os cumprimentos reciprocos os mais cordeaes, continuámos a nossa jornada. Observavamos, para o lado de leste, elevar-se no horisonte uma immensa muralha; era a prolongação da cadeia dos montes de Moab. Chegámos finalmente a uma torrinha, d'onde claramente se descobre Jerusalem. N'este logar os peregrinos põem pé em terra, prostram-se, e dizem um *Pater*, *Ave* e *Gloria*, porque d'esta fórma se ganha indulgencia plenaria. É de uso igualmente entoar-se em seguida o psalmo: *Lætatus sum*, etc.

D'ahi por diante caminhámos a pé.

Á direita encontra-se o orphanotrophio feminil dos protestantes prussianos, e depois, á esquerda, o grandioso estabelecimento russo.

Comquanto fosse numerosa a nossa comitiva, póde dizer-se que desde o nosso encontro com o vigario geral íamos todos por tal fórma absorvidos em nossas meditações, fitos os olhos do corpo no horisonte e os da alma em mais illuminadas regiões, que nenhuma palavra ousavamos balbuciar.

Não cessavam os meus pensamentos de vaguear por muito longe. Eu escutava ainda o retumbar da vozeria dos cruzados, quando ao avistarem as ameias dos muros septentrionaes da cidade santa, bradaram: «Jerusalem! Jerusalem!»

Confesso que n'aquelle momento senti uma violenta convulsão geral, uma como que descarga electrica no corpo e no espirito! Lagrimas involuntarias me proromperam dos olhos![1]

Olhos pregados nas muralhas de Solima, coração convulso, mente alvoroçada, alma estremecida, pés vacillantes, caminhei... caminhei aquella milha que ainda restava para chegar ás portas da cidade de David!

Se é verdade que quanto mais se padece por alcançar o objecto de um desejo vehemente, mais elle augmenta de preço e estima, deixo ao leitor avaliar com que enthusiasmo de imaginação, com que fervor de espirito, com que plenitude de jubilo entrei em Jerusalem; n'aquella Jerusalem assignalada por tantos divinos mysterios, n'aquella Jerusalem tão famosa por tantas maravilhas, n'aquella Jerusalem, cujo nome se deslisa dulcissimo dos labios de todos os crentes, e resoa do

[1] Chateaubriand reproduz nos seguintes termos o extraordinario effeito que lhe causou a primeira vista de Jerusalem: «Conheço agora, diz elle, a verdade do que referem historiadores e viajantes, sobre a commoção que nos cruzados e em todos os peregrinos causa a primeira vista de Jerusalem».

Oriente ao Occidente aos ouvidos de todas as nações; n'aquella Jerusalem preescolhida por Deus, entre todos os tabernaculos de Jacob, e por Elle reservada para adoração do seu Santo Nome; n'aquella Jerusalem onde se operou o humano resgate, e d'onde saiu a lei de perfeição que devia alumiar todas as trevas e renovar a face do mundo! Oh patria dos Prophetas! Oh berço do Christianismo! Oh verdadeira cidade de Deus! Eu te possuo nos meus affectos, eu exulto em ti nas minhas recordações!

Oh Jerusalem!

CAPITULO X

JERUSALEM CONSIDERADA COMO FOCO DO CHRISTIANISMO

I. A divindade de Jesus Christo contrariada.—II. Provada pelos acontecimentos anteriores, coevos e posteriores a Christo.—III. Os Prophetas e as prophecias.—IV. A divindade do Redemptor comprovada pelos successos contemporaneos.—V. Corroborada pelos acontecimentos ulteriores á sua Resurreição.—VI. Pelos factos occorridos depois do drama do Calvario.

Ajoelha-te, minha alma!

Eis-te, finalmente, chegada ao termo das tuas ambições! Descortinam teus olhos o melancolico panorama que os olhos do Salvador do mundo abrangeram tambem! Attingiste o foco luminoso, d'onde por todo o orbe reverberou a boa nova, e a geração humana viu raiar a sua redempção. Eis-te em presença do sacrario terrestre de um Deus celestial! Circumvagam tuas miradas por montes, valles, encostas, torrentes e ruinas, eternamente celebres por algum dos successos com que o Omnipotente quiz honrar a terra! Cada um d'esses successos, cada um dos actos do Mestre envolve para a humanidade um ensino, um exemplo, um incentivo. D'aqui foi que a moral christã, a grande, a universal, a unica, irradiou por todo o globo. Foi aqui onde o Homem-Deus redimiu seus irmãos, suas creaturas, dilectos filhos seus. Mas a que tremendo preço não foi operado este resgate! Que scenas assombrosas de dedicação, de ignominias, de affectos, de perseguições, de crenças, de martyrios, de esperanças, de odios, de amores, de sangue, se não representaram n'este ambito estreito, onde os meus olhos attonitos se cravam!

Vaes penetrar, ó alma, na cidade santa e maldita, n'aquella que haviam tornado famosa os Melchisedechs, os Davids, os Salomões; n'aquella que fôra outr'ora considerada predilecta do Senhor; n'aquella em que foi erguido seu primeiro templo magestoso, e que, segundo as prophecias, estava *ab æterno* predestinada para theatro da cruenta expiação.

Taes me tumultuaram as idéas de respeito, amor, admiração, ardente affecto e febril curiosidade despertadas pelo amplipatente horisonte.

Mil historias profanas, mil venerandas tradições do Testamento Velho, vinham travar-se-me no espirito com a recordação do berço do Christianismo; porém esta ultima offuscava todas as outras, como o sol ás estrellas.

Com effeito, quem póde, no primeiro impulso, em frente de Jerusalem, fazer convergir meditações, a não ser para o sublime Protagonista, o Vulto Divinal, que ahi sellou a sacrosanta doutrina com morte ignominiosa?

E eu absorvi todas as minhas attenções n'essa idéa maxima: repassei na alma aquella estupenda vida de sacrificio, lição e martyrio, com que o Rei dos Reis e

Senhor dos Senhores se mostrou homem sim, mas homem de esphera que transcende á da humanidade.

E porque desejo que o meu benevolo leitor me acompanhe, não só nas impressões da minha viagem e nas descripções dos objectos, mas tambem na instrucção, no pensar e no sentir, com que esses objectos assim me impressionaram, permitta-se-me consagrar este capitulo ao Filho do Homem.

Sei que não direi cousa nova: bem antiga e bem repetida é a oração dominical, que o Divino Verbo nos legou, e, todavia, não a repetimos nós todos os dias? Nunca será de mais o rememorar a pagina eloquentissima, com que se abriu o livro da regeneração humana: a vida de Jesus Christo, como já disse, é historia, é preceito, é ensinamento. Quem da moral christã se achar convenientemente impregnado, fio que me não censurará por lhe submetter aqui um resumo, ao qual, em grande parte, terá aliás de prender a exposição, que nos seguintes capitulos terei de tentar [1].

E agora, pois não é estranho ao meu arrojado intento convidar os fieis a meditar sobre a incontestabilidade do maximo acontecimento com que a humanidade se honra, peço venia ao leitor para me não limitar á simples biographia do Filho do Homem, mas submetter algumas ponderações sobre aquella incontestabilidade; pois não as considero inopportunas, pelos tempos que vão correndo, e em que tantas intelligencias superiores, mas satanicamente transviadas e esquecidas de que as portas do inferno nunca jamais prevalecerão, ousam pôr em duvida, ou directamente contrariar os sagrados principios, que fé, rasão, historia, tradições, religião de nossos paes, consciencia humana; tudo converteu em axioma.

[1] Não considere o leitor como impertinente a materia de que vou occupar-me. Chegando a este logar, antevi que a continuação das minhas narrações me offereceria uma difficuldade apparentemente insuperavel. Para o viajante, Jerusalem e Jesus Christo são duas idéas intimamente ligadas. Ora, quando eu tivesse de pôr os pés com o meu leitor na cidade santa (seguindo necessariamente a ordem dos sitios, que vou descrevendo), ver-me-ía, a não ser este capitulo, obrigado a uma perpetua antinomia entre essa descripção e a ordem chronologica dos acontecimentos: a cada passo percorreremos paragens, onde se deram successos posteriores aos occorridos em outros, que teremos de visitar depois. Em presença de taes considerações se me antolhava este embaraço:

Hei de eu descrever a cidade, seguindo o methodo topographico? Resultará d'ahi o citado inconveniente, e apparecerá perturbada toda a successão chronologica.

Hei de eu, ao contrario, visitar a cidade, saltando de torrão para torrão, por mais diversamente collocados que estejam, com tanto que o leitor me vá acompanhando, em conformidade com a referida successão dos acontecimentos? Tal systema seria inadmissivel, não só por desordenado, sem aliás deixar noção clara dos logares; mas tambem porque muitos pontos ha em Jerusalem, que o Messias tornou famosos, não por um só acto, mas por varios praticados a largos intervallos; e, finalmente, porque, levando-me o plano estabelecido a expôr os titulos pelos quaes cada palmo de terra em Jerusalem se fez notavel, muitos d'esses logares foram theatro de factos narrados no Velho Testamento, e até nas historias profanas; o que tudo me impossibilitava de seguir n'esta visita a ordem dos successos, que não fossem senão exclusivamente ligados com a vida de Nosso Senhor Jesus Christo.

Mas, porquanto é este o principal assumpto que nos attrahe, e que a todos os outros domina, pareceu-me saír da difficuldade assim:

Quem tiver em mente trazer, antes de tudo, á memoria a biographia do Redemptor, acompanhando os passos pela ordem dos tempos, achará n'este capitulo um rapido resumo de tão proveitosa lição.

Quem, preparado com aquellas santas recordações, quizer depois ver mais detidamente com os olhos da alma os principaes logares onde se deram os acontecimentos, lerá a continuação do livro, e então, independente da ordem chronologica (já ahi desnecessaria), encontrará cada um dos factos apontados, acompanhado dos seus desenvolvimentos, e com a descripção mais ampla do sitio respectivo.

Tratarei, pois, n'este capitulo de dois grandes pontos: procurarei primeiro tocar as materias que prendem com a existencia e a missão do Divino Reparador, e descrever depois o modo como essa missão foi preenchida na terra.

I

Nos tempos de transição que atravessâmos, e em que engenhos dos mais preclaros procuram, mentindo á consciencia, distinguir-se pela defeza de theses paradoxaes, proprias para suscitar incandescentes discussões, e pois que os erros se renovam diariamente, fôrça é diariamente repelli-los.

É por igual atacada a Egreja de Jesus Christo por tres ordens de inimigos: indifferentes, hereges, impios. Em qualquer d'estes que o erro se personifique, dirieis sempre d'elle o que os antigos imaginavam da salamandra, que não obstante viver no fogo, e pelo fogo queimada, do fogo renascia. Viu a origem do mundo o genio do mal affeiçoar-se á fórma de serpente; e bem é que, á similhança d'ella, periodicamente dispa a asquerosa tunica, embora esta, solta aos ventos, tenha de subito desapparecer. Desde os dias do Redemptor hão surgido as mais audaciosas heresias e impiedades, as quaes, não raro, se têem por algum tempo propagado, até cairem no desprezo a que a mentira sempre a final é condemnada. D'essas heresias e impiedades nenhuma é nova; porque todas ellas já o espirito maligno as havia suggerido a ministros seus nos primitivos seculos: o que recentemente lhes tem dado certo aspecto de novidade, tão falso como falsas as doutrinas, são os primores de estylo de infelizes mestres da palavra, defensores da má causa; homens que, contradictorios comsigo mesmos, não menos o são uns com os outros; e, realmente, bastaria para impugnação de uma impiedade contrapôr-lhe a argumentação com que outros sustentam outra impiedade. Assim, vereis um affirmar que o complexo da historia evangelica mais não é que uma sequencia de mythos, que nas communidades Christãs dos seculos I e II nasceram successivamente das idéas sobre o Messias, derramadas pelas tradições judaicas.

Escutae agora o fecho de outro livro de que muito se tem fallado, e cuja these consiste na asserção de que Jesus Christo não era tal mytho, mas sim um grande homem, um philosopho sem igual; e pesae-lhe bem as palavras:

«A esta sublime Pessoa, que ainda hoje e em cada dia, no volver dos seculos, preside aos destinos do mundo, licito é denominar divina; não porque Jesus absorvesse todo o divino, ou lhe fosse adequato (na phrase dos escolasticos); mas porque nunca jamais houve individuo, que fizesse dar á sua especie, como Jesus, maior passo para as regiões divinaes. A humanidade exhibe no seu complexo uma serie de entes insignificantes, egoistas, e que nem seriam superiores ao animal, se não fôra o seu mais reflectido egoismo; vulgaridade uniforme, de cujo seio se exalça para o ceu, testificando mais nobre destino, uma ou outra columna. D'essas columnas, que apontam ao homem o logar d'onde veiu e o do seu destino, a mais alta é Jesus, em quem se condensou tudo quanto ha bom e elevado na nossa natureza... Nunca houve quem fizesse tanto como elle predominar o interesse da humanidade sobre as miserias do amor proprio... Não vivia senão de seu Pae, e da missão divina que tinha a convicção de estar cumprindo.»

Decidam lá, pois, entre si esses afamados escriptores no que ficam. É Christo um mytho? Ao contrario, viveu? Foi um grande philosopho? Foi um semideus? Quando entre si se tiverem entendido, e assim deixarem de se digladiar, poderá a impiedade levantar-se de cabeça menos curva, e notificar-nos quaes são, por ultimo, as suas conclusões.

Deixemos esses miseros impugnadores, entre os quaes alguns apparecem tão ridiculos, que não duvidam proclamar-se inimigos pessoaes de Jesus Christo! Já se vê que a hostilidade é má conselheira, e que não podia descobrir a verdade quem assim espontaneamente collocava uma venda sobre os olhos.

II

Permitta-se-me lançar aqui ao papel, na minha phrase despretenciosa e nua dos encantos proprios de aparadas pennas, varias considerações, que me parece levarem á evidencia o ponto que a impiedade tem ousado, por varias fórmas, impugnar.

Prova-se a divindade de Christo pela rasão, pela historia, pela tradição, pelos monumentos, pelos successos que acompanharam tão miraculosa vida, pelos que a precederam, pelos que se lhe seguiram.

Tudo quanto respeita a Nosso Senhor é, e não podia deixar de ser, maravilhoso. Entra, necessariamente, na ordem sobrenatural tudo quanto, em relação á sua Divina Pessoa, occorreu antes, durante e depois. Cumpre-me, portanto, fallar aqui: antes, no que foi vaticinado pelos prophetas; durante, no que occorreu desde o dia do nascimento até á Paixão e Morte; depois, na confirmação que os seculos trouxeram aos vaticinios d'esses dias, e ao derramamento prodigioso do Christianismo.

III

Chamam-se prophecias, quanto ao futuro, umas inspirações divinas, que pronunciam com immovel verdade e maxima certeza acontecimentos largamente porvindouros.

Na lei natural, a Egreja teve por Prophetas o proprio Adão, Abel, Henoch, Noé e Abrahão. Na lei mosaica, foram Prophetas Moysés, Aarão, Josué, Samuel, David, Elias, Eliseu. Durante os trezentos annos que decorreram, a contar de Oséas, contemporaneo do Rei de Judá, Azarias, até Malachias, no tempo de Dario Hystaspes, Rei dos Persas, houve mais quinze, que, na successão dos tempos, foram Joel, Amós, Isaias, Abdias, Jonas, Michéas, Nahun, Habacuch, Sophonias, Jeremias, Baruch, Ezequiel, Daniel, Aggeu, Zacharias. De todos estes dezesete vates, Malachias, que foi o ultimo, prophetisou, segundo a opinião corrente, em tempo de Artaxerxes Longimano, isto é, cerca do anno 450 antes da vinda de Jesus Christo.

Todas as prophecias d'estes videntes existem desde tempos remotissimos. Formam ellas parte dos proprios annaes judaicos; e é n'esses livros santos que os mesmos israelitas dos tempos de Christo e anteriores estribavam suas argumentações, sem que jamais fosse posta em duvida a authenticidade, que, desde seculos antecedentes a Jesus Christo, lhes foi reconhecida. Tão grande era, entre os

hebreus, a autoridade dos videntes, que os summarios das suas exhortações, que elles mesmos escreviam, se guardavam no templo com os mais livros canonicos, para serem respeitados como escriptura divina, que se lia ao povo, e servia de regra para todas as disposições religiosas.

E portanto é fóra de questão (nem jamais isso foi disputado pelos proprios incredulos) que esses livros de prophecias foram escriptos taes quaes os conhecemos, cerca de 500 annos antes da era vulgar, ou d'ahi para traz até o principio do mundo.

Quereis acaso que esses homens fossem uns impostores, inventando e mentindo em não sei que proveito? Não conspurqueis tão honradas memorias! Todos esses varões viveram vida santa; nenhum d'elles empregou os seus escriptos para augmentos pessoaes de especie alguma; todos elles, ao contrario, suscitavam contra si os odios e as vinganças dos Reis e dos povos, cujos crimes severamente exprobravam; não ha em todas estas paginas uma só phrase que destôe dos mais rigorosos principios da moral.

E por fim de contas, quereis vós saber no que consistiram os premios terrestres conferidos a esses ministros da palavra de Deus? Eu vol-o recordo.

Michéas foi precipitado e morto por Joram, filho de Acab.

Jeremias foi apedrejado em Taphnes pelos judeus, e muitas vezes encarcerado em Jerusalem.

Baruch, inseparavel companheiro de Jeremias, participou de todos os seus tormentos.

Hanani foi mettido no cepo por Asa, Rei de Judá.

Eliseu, com ter a satisfação de ver quarenta e dois dos seus inimigos devorados por dois ursos, nem por isso esteve isento de ser violentamente insultado pelos infernaes adolescentes de Bethel.

Elias foi de tal modo perseguido por Achab e Jezabel, que teve de fugir para o deserto, onde se alimentou milagrosamente, e perseguido por segunda vez, retirou-se para o monte Oreb.

Isaias foi, por ordem do impio Manassés, ao meio serrado vivo em Jerusalem com uma serra de pau.

Ezequiel foi levado captivo para Babylonia, desterrado para as margens do rio Chaboras, na Mesopotamia, e, finalmente, martyrisado pelos judeus junto a Babylonia.

Daniel foi lançado vivo, por duas vezes, em lagos de leões, e se, como S. João Evangelista, escapou ao martyrio, foi isso sobrenaturalmente devido aos designios divinos.

Amós, accusado por Amasias, sacerdote pagão, de procurar sublevar o povo, foi morto em Bethel.

Aggeu, pelo intrepido valor com que se oppoz ao edicto de Cambyses, e á força dos samaritanos, tem o seu nome honrosamente inscripto no Martyrologio Romano, bem como Oséas.

Zacharias morreu apedrejado pelo povo, entre o altar e o templo já reedificado.

Não continuarei, por temor de enfado, com esta ensanguentada lista, que toda ella se resume na vehemente exprobração que aos doutores da lei fez Jesus Christo quando lhes disse:

«Ai de vós! que edificaes tumulos aos Prophetas a quem vossos paes mataram: elles mataram os Prophetas, e vós outros lhes edificaes tumulos, não para reparar a injuria que se lhes fez, mas para occultar as disposições iniquas dos vossos corações.»

Agora, vos pergunto eu, leitor: que pensaes vós d'estes varões, que todos elles eram os mais doutos, eloquentes e rectos do seu tempo? D'estes homens, que não aspiravam a bens alguns terrestres, e antes seguiam a estrada diametralmente opposta ás honras, opulencias e grandezas? D'estes homens, muitos dos quaes bem podiam aspirar a tudo quanto a humanidade concede, visto pertencerem alguns, como Isaias, Daniel e outros, a familias regias? D'estes homens perfeitamente conhecedores do seu tempo e dos seus conterraneos, e que anteviam impavidos a sorte que os aguardava quasi sempre, e com a qual exultavam? D'estes homens, cuja abnegação a tal ponto era levada, que não duvidavam sacrificar-se pelos seus irmãos e pela moralisação d'esses infelizes, a quem mostravam o abysmo, supplicando-lhes que o evitassem? D'estes homens, que nobre e intrepidamente apostrophavam os tyrannos, reis, e povos ainda mais tyrannos? D'estes homens que rompiam com todos os habitos, indoles, interesses, doutrinas e aspirações de quantos os rodeavam? D'estes homens, emfim, que por unica recompensa das verdades, que o sopro divino lhes fazia proferir, acceitavam as accusações, os desprezos, os convicios, os carceres, as condemnações, as fomes, as expatriações, as insidias, os odios, os apedrejamentos, as perfidias, as exposições ás feras, as flagellações e todos os generos de morte.

Oh! como póde alguem pensar que estes portentosos varões, que assim sellavam com o seu sangue a verdade das suas prophecias; estes sabios, estes bons, estes humildes, estes desambiciosos, estes martyres de suas crenças, não fossem mais que futeis impostores? Mas, em nome de Deus, porque? para que? em proveito de quem rompiam estes santos varões com toda a humanidade? Como se explicaria que o verbo mais eloquente, proclamando a moral mais pura, estabelecendo os mais divinos principios, fosse tudo isso posto por tantos e tamanhos homens á ignobil disposição do erro e da mentira?

Já creio que me concedeis que, em similhantes circumstancias, os Prophetas não podiam illudir a humanidade intencionalmente; era preciso que os primeiros illudidos fossem elles mesmos, enganando-se com o alcance das idéas que na mente lhes redemoinhavam, e que elles tomassem indevidamente por inspiração divina. Ora, a prova real d'essa illusão, ou d'esse asserto está, e não póde estar senão n'um ponto de facto. Notae bem que na minha argumentação estou, por emquanto, deixando em paz as vossas crenças ou descrenças; estou supplicando-vos que acompanheis o meu raciocinio placidamente, humanamente, e esperando que seja a vossa propria rasão que acabe por vos conduzir á fé. Dizia eu, pois, que, se a predição de vastos, importantes e illogicos successos secularmente vindouros, se não houvesse de verificar, tornava-se evidente que os bons vates de Israel se haviam equivocado, tomando por factos o que as suas humanas imaginações lhes suscitavam. Mas se, ao contrario, essas predições em tempos remotissimos acabavam por se verificar em todo o ponto; se não só acontecimentos grandiosos, senão tambem incidentes leves, se reproduzem taes quaes foram annunciados por muitas bôccas, e aliás em circumstancias sociaes e até religiosas totalmente outras, já não fica o minimo logar á hesitação. Esse telescopio intellectual que divisa claramente a dis-

tancia de quinhentos ou mil annos; essa descripção de successos entranhados na noite dos tempos, tão veridica e minuciosa que hoje, em presença da historia, diriamos relata successos já passados; essa dupla vista que, penetrando seculos e espaços, vaê fixar-se imperturbavel em alvos longinquos; nada d'isso póde ser humano, e os que assim prophetisam com exactidão, não podem deixar de ser videntes, inspirados, ministros do divino Verbo; e desde esse momento já o vosso espirito suavemente será levado a acreditar que quem falla em nome de um Deus, e por um Deus inspirado, merece ser crido.

Se estudardes attentamente os livros propheticos de Israel, e ao mesmo tempo as historias sagradas e profanas, pasmareis de ver como vastos successos posteriores se realisaram consoante a prophetica predição; e esta realisação tanto se deu relativamente ás cousas sacras, como ás profanas, apesar de que talvez profundo estudo antes levasse a concluir que as profanidades preditas pelos videntes se ligavam, por uma ou outra fórma, ás cousas sagradas.

Permitta-se-me demonstrar primeiro quanto os Prophetas foram exactos nos seus vaticinios de cousas profanas. Supprimirei centos de passos a que a má fé podesse oppôr duvidas, limitando-me apenas a apontar as previsões, cuja evidencia é tal, que nenhuma hesitação póde deixar ao espirito, mesmo descrente, mas que consinta em trazer lealdade para o estudo.

Vejâmos exemplos de predições realisadas incontestavelmente com relação a acontecimentos profanos.

Isaias, da estirpe real de David, cunhado do seu assassino, El-Rei Manassés, tratou das cousas futuras com tamanha clareza, que S. Jeronymo o denomina mais ainda Evangelista e Apostolo do que Propheta. Predisse a quéda da Samaria e a dispersão de Israel; a ruina de Jerusalem, a desolação e o exterminio dos chaldeus, egypcios, philisteus, moabitas, idumeus, phenicios e syrios; o regresso do povo de Judá da escravidão de Babylonia, a reedificação do templo, etc.

Vaticinou Jeremias o cerco de Jerusalem por Nabuchodonosor, a conquista e ruina d'aquella cidade, a destruição do templo, o captiveiro de Babylonia, a volta dos judeus para a patria, a destruição dos seus inimigos; e tanto ou mais que os outros Prophetas, elle nos seus Threnos representou veridica e frequentemente as cousas futuras, como se presente as tivesse.

Ezequiel poz ante os olhos dos filhos de Judá, como actuaes, os successos do tempo de Nabuchodonosor; predisse, porém, a volta d'elles para o paiz natal, o restabelecimento de Jerusalem e do templo, a reunião das duas casas de Israel e Judá, e a sorte que vieram a ter litteralmente amonitas, moabitas, idumeus, philisteus, tyrios e sidonios, egypcios e babylonios.

Daniel, o Principe do sangue dos Reis de Judá, trata geralmente do estado do mundo, que então comprehendia as quatro grandes monarchias de chaldeus, medas, persas, gregos e romanos, todas anteriores á Encarnação. Descreve, como se fosse preterita, a futura successão d'esses imperios, a destruição de uns pelos outros; prevê a proscripção das ceremonias do culto, a profanação do templo (pelos sacrificios dos idolatras) e sua completa demolição. A destruição do imperio dos persas é por elle notada mais de duzentos annos antes do reinado de Alexandre, de cujo imperio pronuncia a ruina, que sobreveiu passados doze annos. As crueldades de Antiocho contra os judeus, e a sua morte violenta alli são vaticinadas com antecipação de quatrocentos annos. Mais de cinco seculos decorreram an-

tes que se completasse a prevista ruina de Jerusalem e do povo judaico; e em tudo isso desce Daniel ás minimas circumstancias, até especificando os combates que entre si, durante duzentos annos, deviam ferir os Reis da Syria e do Egypto, successores de Alexandre; e bem assim os matrimonios de Berenice, filha do Rei do Egypto, com um Rei da Syria, e de Cleopatra, filha do grande Antiocho, com outro Rei do Egypto; como igualmente prediz o testemunho de fidelidade que esta ultima Princeza daria a seu marido, apesar da perfidia do seu proprio pae. Centenares de outros passos, em que ha completa paridade com o testemunho da historia profana, tudo se acha descripto por elle em suas visões.

Oséas vaticina o captiveiro das dez tribus; declara que hão de ser transportadas para terras estranhas, e que a tribu de Judá, ficando algum tempo no seu paiz, depois seria tambem levada em captiveiro para Babylonia.

Amós, o plebeu, começou a prophetisar dois annos antes do tremor de terra que sobreveiu á empreza do Rei Osias, no ministerio do sacerdocio. Nas suas visões, em Bethel, foram-lhe patentes as calamidades que tinham de padecer os syrios, philisteus, amonitas, e sobretudo as tribus de Israel. Perseguido e denunciado pelo Sacerdote Amasias, prophetisou a este que sua mulher seria publicamente deshonrada, seus filhos mortos a ferro, e elle acabaria em terra estranha, para onde, com Israel, seria levado em captiveiro; o que tudo se realisou.

Abdias prenuncia que os filhos de Jacob hão de possuir as terras de Esaú e dos philisteus, tomar posse do paiz de Samaria e de Ephraim; que a Benjamin será sujeita Galaad; que os moradores de Jerusalem conquistarão as cidades dos chananeus para a parte do meio-dia; que os do povo de Deus que sairem livres do seu captiveiro, se ajuntarão no monte Sião, para julgarem os moraderes das montanhas de Esaú.

Jonas, quando Jeroboam subiu em Samaria ao throno, foi enviado pelo Senhor, a fim de annunciar-lhe que elle restabeleceria os limites do reino de Israel desde a entrada de Emath até ao Mar Morto, e que vingaria a Israel da oppressão dos assyrios.

No capitulo XIV do quarto livro dos Reis lê-se que o mesmo Jonas vaticinára as conquistas que faria Jeroboam sobre os inimigos do povo de Israel.

Michéas predisse ás tribus de Judá e Israel que Jerusalem seria destruida, e que ellas seriam levadas em captiveiro pelos chaldeus, assim como as outras dez pelos assyrios.

Nahum descreve a futura ruina dos assyrios, e particularmente da cidade de Ninive, metropole sua.

Habacuc prophetisou a ruina de Jerusalem, as conquistas de Nabuchodonosor, o castigo que lhe foi imposto, a sua morte, a destruição do imperio dos chaldeus, o livramento dos judeus pelo Imperador Cyro.

Sophonias vaticina a ruina do imperio dos assyrios e a tomada de Ninive, conquistada por Nabopolassar e por Astyages, no decimo sexto anno do reinado de Jonas, que era o do mundo 3378; bem assim a ruina dos moabitas, amonitas, ethiopes, assyrios e judeus, consolando a estes ultimos com a esperança de terminar o seu captiveiro nos dias de Cyro.

Zacharias prediz aos judeus varios acontecimentos até á vinda de Jesus Christo, e particularmente a successão das quatro monarchias.

Não tolera a indole d'este escripto descer a mais desenvolvimentos; mas se é

certo, como supponho ter demonstrado, que todos estes santos varões prophetisaram successos profanos, variadissimos e de grande alcance, os quaes em seculos posteriores vieram a realisar-se inteiramente, taes quaes haviam sido antevistos, não fica a menor duvida de que não era por dom humano, e sim por inspiração sobrenatural e divina, que estes videntes liam no futuro, como se passado fosse. Se, por outro lado, todas as historias profanas confirmam, em seus ultimos pormenores, o haverem-se verificado os factos vaticinados, já sem duvida o espirito do leitor se sentirá inclinado a acreditar que não podia deixar de ser um Redemptor, um Messias, um Deus, aquelle que as mesmas rectas, santas e infalliveis bôccas nos annunciaram como tal.

E acaso serão de applicação duvidosa os trechos que nos livros dos Prophetas alludem a Nosso Senhor Jesus Christo? Pelo contrario: se aquelles varões foram sempre exactissimos e previdentes, quando trataram das cousas profanas, bem era, como foi, que nunca elles fossem tão claros, explicitos, minuciosos, incontestaveis, como quando se occuparam da futura missão do Salvador.

Cumpre agora observar quão estupenda é a unanimidade com que os Prophetas, desde Adão, vaticinaram, não só a vinda do Messias, senão tambem as circumstancias que, depois do largo discorrer de muitos seculos, se realisaram na sua vida e morte; e para isso, não só recorrerei aos vaticinios de duzentos ou quinhentos annos anteriores, mas tambem aos dos tempos adamicos até Moysés, David e Salomão; o que tudo confrontado com a successão dos acontecimentos, enche a alma de assombro, e completaria, se tanto fosse necessario, a sancção da celestial origem da grandiosa missão do Redemptor.

Se eu fosse a apontar os logares em que os Prophetas vaticinaram a vinda, a missão, a morte e os resultados da visita do Salvador, teria de transcrever todo o Velho e Novo Testamento, onde a cada passo as palavras santas estão revelando o glorioso acontecimento; porém, como não estou escrevendo um livro de theologia (pois nem para isso seria este o logar, nem me chegariam as tão minguadas forças) quero limitar-me á indicação das principaes prophecias, que no volver dos tempos, segundo os factos ulteriores o demonstram, deixam patente aquella divina missão, com todo seu cortejo de esplendidos resultados. Nem se desconheça que eu me estou limitando a praticar em phrase chã com aquelles dos meus leitores, se alguns ha, que dotados de espirito claro e recto, têem, todavia, conservado certo grau de incredulidade ou de duvida, proveniente, não de proposito deliberado, mas sim da falta de algum tanto acurado estudo d'estas materias. Já se vê que para chegar ao ponto, que tanto do coração almejo, quero aqui eliminar todas as prophecias que, antes de fundamente embebida a convicção no peito do leitor, comportassem quaesquer duvidas na sua applicação. Supplico-lhe, pois, que me acompanhe, não lhe requerendo mais que imparcialidade e lealdade no espirito.

1.ª Tinha Adão caido: fôra a serpente que, representando o espirito das trevas, o instigára ao crime, por intermedio da mulher. Deus, impondo a pena aos tres culpados, voltou-se para a serpente e disse-lhe (Gen. III, 14):

— «Pois que assim perdeste a raça humana, illudindo a mulher, a mulher te « esmagará a cabeça.»

D'est'arte ficava provado que, se a mulher (Eva) tinha perdido a humanidade, a mulher (Maria Santissima) havia de ser origem de sua regeneração.

2.ª Quando o Anjo do Senhor chamou a Abrahão pela segunda vez, disse-lhe (Gen. XXII, 18):

—«Todas as nações da terra serão bemditas n'aquelle que ha de proceder de ti.»

Ora, como sabemos, Abrahão era commum tronco de israelitas e ismaelitas. É o ponto de partida da historia do povo de Israel, e com quem começou a alliança entre Deus e esta nação.

A genealogia de Jesus Christo, como se vê em S. Matheus, prova que o Redemptor era da geração de Abrahão.

3.ª e 4.ª Quando Jacob chamou seus filhos, predizendo a sorte de cada um, subitamente inspirado disse, entre outras cousas, a Judá (Gen. XLIX, 8, 10):

— «Não será tirado o sceptro á tua posteridade senão nos dias em que baixar «o Redemptor, expectação das gentes, o qual ha de nascer do teu sanguè; e n'elle « te adorarão os filhos de teu pae.»

Eis-aqui realisada a prophecia em todos os pontos. A successão de Judá tinha continuado no throno de David invariavelmente até o tempo em que veiu o Messias, cujo nascimento se realisou no reinado de Herodes, o primeiro Principe que desde aquellas remotas eras deixou de pertencer á linha de Judá.

O Messias, expectação das gentes, apparece como tal denominado em muitas ulteriores prophecias. Os filhos de Jacob, adorando a geração de Judá, significa todos os israelitas adorando a Christo, descendente em linha recta de Jacob e de Judá.

5.ª Moysés, prophetisando a vinda do Salvador, de quem elle proprio era verdadeira figura, exclamou ao povo hebreu (Deuter. XVIII):

— «O Senhor vosso Deus vos suscitará um grande Propheta, da nossa nação, «ao qual deveis ouvir.»

S. Pedro e o primeiro dos martyres, Santo Estevão, serviram-se d'este mesmo texto para provar aos judeus que Jesus Christo era o verdadeiro Messias, e nem outro podia ser; porquanto, depois de Moysés, só Jesus Christo o igualou e excedeu. E o mais é que até o mesmo Jesus Christo, fazendo allusão a estas palavras do legislador hebreu, disse aos judeus (S. João, v):

— «Moysés, em quem vós collocaes esperança, será vosso accusador. Porque, «se lhe daes credito, tambem a mim o deveis dar, visto como elle vaticinou a mi- «nha vinda.»

6.ª Balaam, predizendo os destinos do povo de Israel (Numer. XXIV, 15 a 17), disse:

— «O Salvador ha de ser, para o bem de todos, enviado ao mundo: eu o ve- «rei, porém, não agora; só o verei pelos olhos dos meus descendentes. Uma nova «brilhante estrella lhes annunciará o nascimento do poderoso Rei, que sairá de «Jacob. Do tronco de Israel surgirá esta prodigiosa vara.»

Ahi tendes a representação da figura do celeste Enviado; a declaração do largo prazo futuro em que deverá apparecer esse divinal descendente do tronco de Israel e da casa de Jacob; e a certeza de que o nascimento do Rei dos Reis terá de ser annunciado pela brilhante estrella, que ao presépe de Belem guiou os Magos·

7.ª David, n'um dos seus Psalmos [1] propheticos, patenteando a felicidade do futuro reino de Christo, figurado pelo de seu successor Salomão, diz (71, 10):

[1] David, nos seus portentosos Psalmos, n'esses canticos divinos, n'essas exhalações de transcendente piedade, pinta-nos esplendida a bondade de Deus, sua providencia, justiça e misericordia: apparece ahi não menos radiante e consoladora a esperança no Messias (fim e introito da lei, e

—«Os Reis de Tharsis e das ilhas lhe offerecerão donativos; os Reis da Arabia «e de Sabá lhe trarão presentes; adora-lo-hão todos os Reis da terra, e todas as na-«ções o servirão.»

Assim se realisou no nascimento de Christo; porquanto os Reis de Tharsis e das circumvizinhas regiões, d'onde procediam os tres Reis Magos, lhe apresentaram offertas; sendo certo que todos os Reis e nações da terra se lhe têem ido successivamente sujeitando, e acabarão por adora-lo em toda a superficie d'ella.

8.ª No Psalmo XL, 8 a 10:

—«Os meus inimigos murmuravam occultamente, e urdiam perversos desi-«gnios contra a minha pessoa. Assentaram contra mim uma resolução injusta. «Aquelle mau homem, em quem eu achava a minha paz, e punha a minha confian-«ça; aquelle mau homem, que comia o meu pão, não hesitou em perpetrar contra «o seu bemfeitor uma insigne perfidia.»

Eis ahi temos reveladas as machinações que os judeus haviam de tramar contra a pessoa do Messias; ahi temos a noticia da injusta resolução de levarem á morte quem vinha trazer-lhes a vida; ahi temos a prophecia da traição de Judas Escariotes, um d'aquelles que o Redemptor havia de chamar ao seu Apostolado, collocando n'elle a sua confiança, e que descubriu sua perfidia no proprio acto de receber de Christo o pão eucharistico.

Lê-se no Evangelho de S. Lucas (XXII, 48) que Jesus disse ao perfido:

—«Ó Judas, pois tu entregas o Filho do Homem com um beijo! Com um beijo, «que entre todos os homens é terno signal da mais sincera amizade!»

9.ª Em varios Psalmos descreve David, como se os presenciasse, os tormentos que o Redemptor havia de soffrer. Assim (XXI, 8):

—«Todos os que me viam escarneceram de mim, fallaram com os labios e me-«nearam a cabeça.»

S. Matheus, chegado a este passo da vida do Redemptor (XXVI, 39), exprime-se d'esta fórma:

—«E os que alli passavam moviam as cabeças e o blasfemavam, dizendo: Ó «tu que destroes o templo de Deus e o reedificas em tres dias, salva-te, se podes. «Se és Filho de Deus, desce d'essa Cruz.»

10.ª No Psalmo XXI diz:

—«Traspassaram-me pés e mãos, contaram-me todos os ossos, pozeram-se a «olhar para mim e a escarnecer-me, repartiram entre si os meus vestidos, e lan-«çaram sorte sobre a minha tunica.»

E S. Matheus (XXVI, 35) diz:

eterno principio de justiça para todos os futuros crentes); apparece o Divino Reparador sob o caracter de Filho de David, segundo a carne, e sua historia é antecipadamente escripta com vivissimas côres; apparece preconisada a divinal origem do Verbo, a sua sempiterna virtude, a sua vinda á terra, o seu reino prolongando-se até os derradeiros seculos, enfeixando todas as nações em um só rebanho, guiado por um só Pastor; apparece o sacerdocio do Messias, não segundo a ordem de Aarão, mas segundo a de Melchisedeh; sacerdocio promettido por seu Eterno Pae. Em uma palavra, nos Psalmos foram preditas, não só ás glorias e grandezas de Christo, mas tambem as contradições que havia de soffrer do mesmo povo, as conjurações de seus inimigos, a traição de um discipulo, a fuga dos Apostolos, os opprobrios e as ignominias da Paixão, os açoites, o fel, o vinagre, a crucifixão affrontosa; e por fim, as suas posthumas glorias, a sua resurreição, a sua ascensão ao ceu, os dons do Espirito Santo por Elle distribuidos aos homens, as suas victorias sobre todas as heresias e impiedades, a favor da Egreja, que havia de reunir em seu seio todas as gerações de Abrahão.

—«E depois que o crucificaram, dividiram seus vestidos, tirando-os por «sorte.»

Todas as restantes circumstancias foram igualmente narradas por todos os Evangelistas.

11.ª No Psalmo LXVIII, 22:

—«Deram-me na minha comida fel, e na minha sêde me propinaram vinagre!»

S. Matheus (XXVI, 34, 48) diz:

—«Deram-lhe a beber vinho misturado com fel, e um d'elles tomando uma «esponja, ensopou-a em vinagre, e pondo-a n'uma canna, lh'a chegava aos la«bios.»

12.ª Salomão, no segundo capitulo do livro da Sabedoria, assim se exprime:

—«Façamos cair ao justo em nossos laços, porque nos é incommodo; é con«trario ao nosso modo de vida; lança-nos em rosto as transgressões da lei de Deus, «e desacredita-nos, publicando os nossos defeitos: affirma que tem a sciencia divi«na, e a si mesmo se chama Filho de Deus. Fez-se censor até dos nossos pensamen«tos. Só a sua vista nos é insupportavel, porque a sua vida não se conforma com as «dos outros, e segue caminho muito differente. Abstem-se de nosso viver como de «cousa impura. Prefere o que os justos esperam na morte a todos os prazeres de «que n'esta vida gosâmos, e ufana-se de ter a Deus por Pae. Veremos qual será o «seu fim. Se na verdade é Filho de Deus, como elle diz, Deus tomará sua de«feza, e o livrará das mãos dos seus inimigos. Interroguemo-lo, pois, com affrontas «e tormentos, para reconhecermos a sua mansidão; condemnemo-lo á morte mais «infame, sem temor de fazer que pereça o justo; porque se as suas palavras são «verdadeiras, Deus o tomará ao seu cuidado.»

Dir-se-hia que acabâmos de ler um transumpto do derradeiro triennio da vida e Paixão de Christo! Quando os phariseus e doutores da lei resolveram dar a morte ao Filho de Deus, foi exactamente com estes especiosos pretextos que procuraram paliar o seu execravel designio.

13.ª O Propheta Michéas, entre os vaticinios que proferiu pertencentes ao reino de Judá, procurando consolar os seus nacionaes das calamidades que lhes haviam de advir da parte dos assyrios e depois dos chaldeus, prorompe com esta clareza (v. 5):

—«E tu, Belem Ephrata, tu, tão pequenina em relação á povoação de Judá, «verás em ti nascer aquelle que ha de reinar em Israel; aquelle cujo principio «coincide com a origem da eternidade.»

Tão conhecida era esta prophecia, que S. Matheus (II, 4) diz que, congregando Herodes os doutores da lei, e perguntando-lhes onde nasceria Christo, elles lhe responderam, com esta prophecia, que havia de ser em Belem, da tribu de Judá.

Note-se mais que ahi declara o Propheta que esse Salvador ha de ser ao mesmo tempo Deus e homem, porque, se como homem tinha de nascer da mulher, como Deus existia desde a eternidade.

14.ª Isaias está cheio de vaticinios relativos ao Messias, e seria preciso copia-lo todo para prova d'este asserção. Limitar-me-hei, porém, a pequeno numero de transcripções.

No capitulo XL, consolando a Jerusalem, prediz a prégação de S. João Baptista, dizendo:

— «Ouviu-se a voz d'aquelle que clama no deserto: Preparae o caminho, en«direitae na solidão as veredas do nosso Deus.»

Não me é dado transcrever na integra esse admiravel capitulo, nem mesmo o ousaria, porque me cega a sua eloquencia e grandeza, que eu não saberia trasladar: todo elle, porém, se refere evidentemente ao Precursor e ao Messias, como o confirmam os Evangelistas, e *prima facie* qualquer leitor o reconhecerá.

15.ª (XI. 1) Quando prophetisou o nascimento de Christo com todos os pormenores, que se realisaram, começou dizendo:

— «Sairá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará de suas raizes.»

Tronco de Jessé era a familia de David; a raiz era a Virgem Maria; a flor Jesus Christo.

16.ª Que Jesus devia nascer de uma Virgem prophetisou o mesmo Isaias (XII, 14) n'estas palavras:

— «Casa de David, o Senhor vos dará um prodigio: uma Virgem conceberá e «será allumiada com um filho, que se chamará Manuel.»

É exactamente como S. Matheus (I, 18) narra o nascimento de Christo, ou Emmanuel, que quer dizer Deus comnosco; porque tinha de vir a ser Deus e homem juntamente.

Estas prophecias manifestavam que o Messias devia nascer, como nasceu, da descendencia de Abrahão, da estirpe de Judá, da linha de Jessé, da real familia de David.

Com effeito, S. Matheus, abrindo o seu Evangelho com a genealogia de Jesus Christo, mostra como o Redemptor nasceu da geração de David, filho de Jessé, descendente de Judá, Jacob e Abrahão; o que tambem confirma S. Lucas no capitulo III.

17.ª N'um logar em que Isaias procura consolar Jerusalem, dizendo que sobre ella nascerá o Senhor, accrescenta (LX, 6):

— «Virão de Sabá, trazendo-te oiro e incenso, e celebrando os louvores do «Senhor.»

S. Matheus (II, 35) diz, que os Magos, vindo do Oriente, adoraram o Menino Jesus, a quem offereceram, como dons, oiro, incenso e myrrha.

Se os Magos, apenas chegados a Jerusalem, exclamaram: «Vimos a estrella do Senhor em Jerusalem, e por ella fomos guiados para adora-lo (Matheus II, 2)», assim realisaram o vaticinio de Isaias (LX, 3) quando disse: «Sobre ti nascerá o Senhor; andarão as gentes na tua luz, e os Reis marcharão no esplendor do teu nascimento».

18.ª Tinha o mesmo Propheta dito (XXXV, 45):

— «Virá o vosso Deus e vos salvará. Verão então a luz os olhos dos cegos, «abrir-se-hão os ouvidos dos surdos, os coxos saltarão como veados, soltar-se-ha «a lingua dos mudos.»

S. Lucas (XII, 22) narra que Jesus dissera aos discipulos de João:

— «Referi a João o que acabaes de ver e ouvir: dizei-lhe que os cegos vêem, «os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos resusci«tam, o Evangelho é annunciado aos pobres.»

19.ª Isaias (LIII, 3) diz mais:

— «Pareceu-nos um objecto de desprezo, o infimo dos homens, varão de do«res, que sabe que cousa é soffrer: estava o seu rosto como escondido, parecia «desprezivel, e nós o não reconhecemos.»

S. Marcos (IX, 33) diz que Jesus respondêra aos discipulos, que tinha de padecer muito e ser tratado com desprezo.

20.ª Disse Isaías no immediato versiculo:

— «Tomou verdadeiramente sobre si as nossas enfermidades; nós o havemos «considerado como a um leproso, como a um homem ferido por Deus e humi-«lhado!»

S. Matheus (VIII, 17), fallando dos milagres praticados por Jesus, exprime-se assim:

— «Elle tomou a si as nossas enfermidades e comportou as nossas molestias, «encarregando-se das nossas culpas, que d'ellas são a principal causa.»

21.ª Continua o mesmo Propheta:

— «Por nossas maldades ha sido chagado, por nossos crimes despedaçado; o «castigo que a nós nos devia proporcionar a paz, foi sobre elle que caiu, e foram «as suas pisaduras que nos curaram.»

S. Paulo aos Corinthios diz:

— «Eu vos ensinei o que aprendi; que foi por nossos peccados que Christo «morreu.»

22.ª O mesmo Propheta, no mesmo capitulo:

— «Porque elle mesmo o quiz, é que foi offerecido, e não abriu a bôcca: será «levado como ovelha ao matadouro, como cordeiro ante o que o tosquia.»

23.ª Todos os Evangelhos são accordes em que a celeste victima soffreu todas as humilhações e todos os martyrios, sem soltar uma palavra:

— «Eu entreguei o meu corpo aos que me feriam, e as maçãs do meu rosto «aos que me arrancavam os cabellos da barba; não voltei a minha face aos que «me affrontavam e cobriam de escarros.»

Que esta prophecia do mesmo Isaías se verificou litteralmente, provam-no os quatro Evangelistas na descripção uniforme de todos os ultrajes, affrontas e ignominias que o Redemptor soffreu na presença de Annás, Caiphás e Pilatos.

24.ª (XI, 10):

— «N'aquelles dias será exposta a vergontea de Jessé como um estandarte «diante de todos os povos: virão as nações offerecer-lhe suas deprecações; e o seu «sepulchro será glorioso.»

Christo, vergontea de Jessé, tornou a Cruz estandarte de todos os povos; e ao seu glorioso sepulchro, em Jerusalem, todas as nações têem accorrido pressurosas pelo espaço de vinte seculos, chegando a organisarem-se exercitos e armadas, como no tempo dos cruzados, para restituirem aquelle sacro deposito á Christandade.

25.ª É assombroso como o Propheta Zacharias (IX, 9) vaticinou as menores circumstancias da entrada triumphal de Christo em Jerusalem, dizendo:

— «Filha de Sião, exulta! Exulta, ó filha de Jerusalem! Eis-ahi vem o teu Rei, «que é o Justo, que é o Salvador. É pobre; vem montado n'um jumento.»

Veja-se como S. João (XII, 15) se exprime, narrando o que se passou no domingo de Ramos:

— «O povo, tomando ramos de palmeira, saiu-lhe ao encontro, clamando: Bem-«dito seja o Rei de Israel, que vem em nome do Senhor.»

— «E Jesus entrou em Jerusalem montado n'um jumento.»

26.ª Havia o Propheta Zacharias escripto (XIII, 7):

— «Levanta-te, ó lança, contra o meu Pastor, e contra o homem sempre a mim «addicto. Fere ao Pastor, e as ovelhas se dispersarão.»

Com effeito, assim tinha de succeder, como se vê em S. João (xvi, 32), quando Jesus disse aos discipulos:

— «Tempo virá (do qual, por muito proximo, bem se póde dizer que é já vin-«do) em que vos dispersareis, cada um por vossa parte, e me deixareis só.»

E na realidade, assim succedeu; porquanto, pouco depois, todos o deixaram, e só Pedro o seguiu de longe, e até esse, em vez de confessa-lo, o negou.

27.ª E o mesmo Zacharias (xi, 12) tinha escripto:

— «Pesaram então trinta peças de prata, que me deram em recompensa.»

E S. Matheus (xxvii, 9) falla dos trinta dinheiros, pelos quaes Judas vendeu o Mestre.

28.ª Baruch não é mais que uma expressa prophecia da encarnação do Verbo, principalmente o capitulo iii, quando, depois de haver exaltado a omnipotencia do Senhor, diz assim:

— «O nosso Deus, que abriu todos os caminhos da sciencia e que a deu a Ja-«cob, seu servo, e a Israel, amado seu, depois d'isto baixou á terra e conversou «com os homens.»

D'est'arte, por saber o Propheta que Deus omnipotente e omnisciente, abrindo todos os seus caminhos, e subministrando as leis para a pratica da sabedoria, as communicou a Jacob, isto é, aos israelitas por Moysés, pelos Prophetas, e tambem por si mesmo em propria pessoa; o mesmo Deus, depois d'isto (depois da lei dada por Moysés no Sinai, e depois de explicado o caminho da salvação por tantos Prophetas) tinha de ser visto na terra, revestindo a nossa carne e conversando com os homens.

29.ª Ezequiel fez promessas, que se dirigem particularmente aos mysterios de Jesus Christo e da sua Egreja, annunciados por Jeremias. No capitulo xxxvi diz elle:

— «Porei o meu espirito no meio de vós, farei que andeis pelo caminho dos «meus preceitos, que guardeis e pratiqueis as minhas ordenações; eu serei o vosso «Deus, livrar-vos-hei de todas as vossas manchas, ó casa de Israel!

30.ª Malachias (iii) põe na bôcca do Senhor estas palavras:

— «Vou enviar o meu Embaixador, que preparará o meu caminho diante da «minha face; e após elle virá sem detença para o seu templo o Dominador que «buscaes, e o Anjo da alliança tão desejado por vós.»

Quem desconhecerá n'estas palavras João Baptista, o Precursor, e na qualidade de Anjo da alliança o Messias, vindo ao mundo para ensinar aos homens a divina vontade? Aquelle «virá logo ao seu templo» significa a apresentação feita pela Virgem Maria, em cujo acto o Sacerdote Simeão o reconheceu por Messias, e a Prophetisa Anna o annunciou em publico n'aquella qualidade.

31.ª Daniel, depois de haver descripto a aniquilação de imperios e o estado da Egreja captiva e atormentada antes da vinda do Salvador, prophetisa a proscripção das ceremonias antigas do culto divino, por algum tempo; a profanação do templo de Jerusalem pelos sacrificios dos idolatras; a pessoa de Jesus Christo entregue á morte pelo seu povo; a demolição completa do mesmo templo, e a destruição geral do povo hebreu, em castigo do deicidio que havia de commetter quatrocentos annos depois.

32.ª Notabilissimo é especialmente o capitulo IX, onde se lê:

— «Eu venho ensinar-te que Deus tem abreviado e fixado o tempo da redem«pção de todos os homens em setenta semanas de annos, a favor de teu povo e da «tua cidade santa. Deus tem assignalado este tempo, a fim de que as prevaricações «da lei sejam abolidas, o peccado expungido, a justiça eterna venha sobre a terra, «as prophecias se cumpram, e Christo, Santo dos Santos, seja ungido com o oleo «sagrado pela união da natureza divina com a humana em sua sacrosanta pessoa. «Depois da ordem que será dada por Artaxerxes, para reedificar Jerusalem, até o «tempo em que Christo, chefe do meu povo, começará a exercitar publicamente «as funcções do seu ministerio, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas «de annos. E depois d'estas sete semanas e d'estas sessenta e duas semanas de «annos, o Christo será morto, e o povo que o ha de renunciar e matar, não será já «seu povo. Elle o rejeitará. Por esta causa, um povo com seu chefe, que ha de vir «contra elle, o exterminará: destruirá a cidade de Jerusalem e o santuario que fa«zia toda a sua força e gloria. D'esta maneira acabará aquella cidade infiel por «uma total ruina; e a desolação a que ha sido condemnada, lhe sobrevirá depois «do fim da guerra, que lhe ha de fazer aquella possante nação. O Christo escolherá «para si outro povo, confirmará com muitos d'este a sua alliança em uma semana, «que será a ultima das setenta, e no meio da mesma semana as hostias e os sa«crificios da lei de Moysés serão abolidos e substituidos pelos sacrificios da lei no«va; será a abominação da desolação no templo de Jerusalem.»

Não dirieis que acabaes de ler um Evangelista narrando successos passados, que não um Propheta descrevendo, sem discrepancia do minimo incidente, acontecimentos que, ponto por ponto, se tinham de realisar depois de volvidos alguns seculos?

Por sobre tudo estupenda é aquella designação do prefixo prazo em que o Messias devia executar a sua alta missão. Setenta semanas, ou setenta setenarios de annos foi precisamente o que mediou entre a prophecia e o divino apostolado, a datar do dia do edicto que o Rei Artaxerxes promulgou, no vigesimo primeiro anno do seu reinado, para o restabelecimento de Jerusalem, isto é, no anno do mundo 3500. Decorreram desde então até ao nascimento do Redemptor (visto datar o mundo de 4004 annos antes de Christo) quatrocentos cincoenta e quatro annos, os quaes juntos aos nove mezes da Conceição e a mais de trinta e tres annos da vida do Senhor, preenchem uns quatrocentos oitenta e nove annos, isto é, o quasi final termo do derradeiro setenario vaticinado por Daniel!

Deus declarou a Daniel que assim abreviaria os tempos, porque, para justo castigo dos peccados do povo, podia decretar muito maior prazo. Disse mais que d'esta arte se cumpririam as prophecias, pois realmente todos os vates tinham annunciado a vinda, prégação, morte e resurreição de Christo, Senhor Nosso. Accrescentou que Elle seria ungido; pois foi com effeito consagrado Pontifice, Rei, Legislador, Doutor e Redemptor do mundo, fazendo-se esta uncção e sagração de Christo no primeiro instante de sua Encarnação, e publicando-se depois no baptismo do Jordão.

A prophecia de que o Christo havia de começar a exercer publicamente as funcções do seu ministerio sete semanas e sessenta e duas semanas (ou sessenta e nove semanas, ou quatrocentos oitenta e tres annos) corresponde exactamente ao prazo que vae desde o anno oitavo do imperio de Artaxerxes Longimano até ao de-

cimo quinto de Tiberio Cesar, em que Jesus Christo, depois do seu baptismo no Jordão, começou a exercer publicamente o seu ministerio.

E diz mais: Que passadas aquellas sessenta e nove semanas, o Christo será morto, como realmente o foi, no monte Calvario;

Que o povo judaico não será já o seu, e que o ha de negar e matar, como com effeito negou, protestando publicamente na presença de Pilatos que não reconheciam outro Rei e outro senhor senão Cesar, e o matou;

Que um povo virá depois com o seu chefe e o exterminará, destruindo Jerusalem e o templo. Com effeito, quarenta annos depois, um povo poderoso veiu com seu chefe Tito, filho do Imperador Vespasiano, e após um apertado cerco destruiu a cidade e o santuario;

Que com um novo povo Christo confirmará sua alliança na ultima das setenta semanas. Allude á semana da Paixão, á nova alliança, cujas leis Christo havia de ensinar, prégar e praticar, comprovando-se com varios testemunhos dos Anjos, da estrella, de Simeão, dé Anna, de Moysés e de Elias no Thabor, e do Eterno Pae no Jordão; por ultimo, sellando-a com o seu sangue na sua Paixão e Morte, e perpetuando-a até ao fim do mundo com o penhor sacrosanto do seu sacrificio e Sacramento augusto.

E no meio da semana septuagesima, isto é, passados tres annos e meio de sua vida publica e prégação evangelica, as hostias e os sacrificios da lei antiga serão abolidos pelos sacrificios da lei nova, de que eram figuras; e por signal será a abominação da desolação no templo, como realmente succedeu na morte de Christo, quando o véu do templo se rasgou, como para mostrar os segredos dos mysterios legaes, até áquelle tempo escondidos e no sacrificio da Cruz revelados.

Já fecho os livros dos Prophetas. Nunca jamais poderia, por novas provas d'esta natureza, convencer-se quem n'esta montanha de extractos não achasse materia para a mais sincera crença.

Não recorri a elementos que necessitassem no animo do leitor a base firme da fé, que, onde existisse, tornaria dispensavel este esforço; pedi-lhe sómente que, encarando estes vaticinios a tão largas distancias dos successos, e tão explicitos, e tão historicamente realisados, e tão exactos nos seus infimos pormenores, interrogasse a sua consciencia e resolvesse. Um d'esses vates lhe aponta o logar exacto onde ha de nascer o Redemptor; outro, o prazo, semana por semana, d'aquelle acontecimento; um, as circumstancias da sua missão terrestre, outro, a natureza de sua doutrina; mais outros e outros, os factos que tinham de occorrer durante a Paixão, Morte e Resurreição.

Por mais humanos olhos com que se tentem estudar estes vaticinios, menos sobrenatural se tornará a crença da sua verdade, do que o seria suppôr possivel que todos estes varões bons, sabios, independentes e santos, tivessem, na successão dos tempos, passado palavra para uniformemente illudirem a humanidade, sem o minimo proveito proprio, e com a admiravel felicidade de (mentindo!) adivinharem sempre os pormenores dos successos, descrevendo-os como se passados fossem.

Cada uma das duas opiniões gira na orbita sobrenatural, sem duvida; mas a these de que os Prophetas foram inspirados por Deus, e seus ministros, só pede ao sobrenatural a fé; a these de que esses Prophetas não fossem mais que uns charlatães ignobeis e impostores, mas com a fortuna de adivinharem sempre certo, giraria na orbita do impossivel e do absurdo.

Ouso crer, portanto, ficar demonstradissimo que a vinda e missão do Redemptor foi um successo claramente indicado muito antes da sua realisação; e que assim confirma elle magestosamente o altissimo da sua missão.

IV

Encarei a sublimidade dos successos ligados com a vida, missão e morte do Redemptor, anteriormente ao seu nascimento, isto é, reproduzi algumas das innumeraveis prophecias, que anteviram tudo quanto depois se realisou; o que só podia verificar-se, como julgo ficar provado, por meio de celestial inspiração.

Agora, continuando a não forçar as crenças, e impetrando sómente boa fé e tradição puramente historica, chamarei a attenção para o que occorreu desde o nascimento até á morte de Jesus; e que, inexplicavel pelas leis naturaes, e independente da santidade da doutrina, não póde explicar-se senão pela divindade do Protagonista do grão drama.

Os livros não nos dão conhecimento da vida do Redemptor, senão no seu berço até á idade de uns dois annos; mais outra vez incidentemente na idade de doze; e finalmente na divinal epopéa, que decorre desde a publicação da missão celeste, no baptismo do Jordão, até á Ascensão no Monte das Oliveiras.

Cada um d'estes tres periodos foi marcado pelos mais estupendos prodigios. Com elles entendeu a Suprema Sabedoria abalar a humanidade, convencendo-a de que não podia deixar de ter essencia divina, quem possuia o poder de inverter as eternas leis da natureza.

Conclue o Evangelho de S. João, dizendo que apenas uma diminuta parte dos successos biographicos do Messias se conservou por escriptura. Assim como a humanidade não teve a dita de conhecer miudamente as occupações do Mestre Divino durante perto de trinta annos, assim tambem innumeraveis acontecimentos se ignoram do proprio periodo de que os Evangelistas nos legaram noticia.

Já se vê, portanto, que hoje só conhecemos parte dos milagres e prodigios verificados n'aquella crise, que constituiu a mais gloriosa epocha da humanidade; e se não damos maior numero dos successos maravilhosos, apesar de terem certissimamente existido, é que, como dito fica, nos não foram transmittidos.

Na segunda parte d'este capitulo achará o leitor (e por isso, a fim de evitar duplicações, aqui os omitto) grande numero dos milagres praticados pelo Filho do Altissimo, ou de prodigios que por esses dias sobrevieram. Esses factos estão authenticados nos mais fidedignos livros e nas mais immoveis tradições.

E aqui ponderarei francamente uma objecção que apparece com frequencia da parte dos incredulos: «Sendo certo que o Filho do Homem invertia as leis da natureza, praticando actos contrarios a ellas, como é que o perseguiam, ou mesmo, como é que duvidavam da sua divindade muitos dos que eram testemunhas de sua omnipotencia?»

Esta objecção, apparentemente valiosa, caduca após o estudo imparcial e profundo do estado das cousas e dos espiritos no tempo de Christo.

Em primeiro logar, é sabido que toda a Messianica Evangelisação, do principio até ao fim, durou uns trinta e tantos mezes, antes dos quaes Nosso Senhor Jesus Christo nem conhecido era na Judéa. O que encheria pois de assombro, senão fosse

a origem do sublime Reparador, seria que em prazo tão curto e em terra tão afeita a admirar os doutores da lei, viesse um habitante de Nazareth (terra pelos Judeus havida como indigna da menor consideração), pobre, desvalido, fraco, em frente de individuos duplamente poderosos (os da sua nação por influencia e prestigio, e os romanos por grandeza e força), que podesse quasi instantaneamente, com a simples prégação da sua doutrina, catechisar, convencer, exaltar os animos de turbas e turbas de homens, que desde o primeiro momento se lhe dedicaram fervorosamente, e que após a sua morte affrontaram os mais horrorosos martyrios em defeza dos grandes principios da Alliança nova.

Muitos, sem duvida, dos que observaram os actos do Redemptor, lhe foram infensos; e não ha duvidar que o *tolle, tolle, crucifige* partiu principalmente do povoleu ignobil; mas tudo isso tem uma explicação satisfatoria.

A era de Christo foi aquella em que, na Judéa, reinou Herodes; em Jerusalem regia um governador romano; foi aquella em que os denominados Principes dos Sacerdotes, doutores da lei, escribas e phariseus escravisavam os animos do povo.

Vejamos rapidamente quaes as disposições de espirito d'estas tres categorias de homens.

Herodes era o Rei da Judéa quando Christo nasceu. Tanto estava na mente dos hebreus a esperança da realisação, n'aquelles mesmos dias, dos vaticinios que annunciavam o nascimento do Messias em Belem, que o Rei mandou degolar todos os infantes de dois annos para baixo; exacerbando-se com os Magos, que lhe não quizeram revelar a direcção para onde a estrella os chamava. Herodes procedia assim pelo seu interesse dynastico, aliás baseado na fé que depositava na prophecia, a qual elle interpretava como uma tremenda ameaça ao seu throno e á sua dynastia.

Começou, pois, a perseguição a Jesus Christo no seu berço, e por motivos de alta politica; mas desde então pronunciaram-se contra elle os inimigos poderosos, que a rasão de estado tornára instrumentos de Herodes.

A segunda e mais decisiva e immediata perseguição foi a dos judeus, nos ultimos annos de Christo; mas em que circumstancias?

No anno 30 governava Jerusalem, na qualidade de procurador, o pusillanime Poncio Pilatos, prototypo dos magistrados que, em obsequio á tyrannia, ou de cima ou de baixo, calcam os dictames de sua consciencia. Por mais que esse miseravel lavasse as mãos, segundo o uso hebraico, declarando ao povo que elle era innocente do sangue do Justo, pelo qual ficariam responsaveis, ouviu á matula que o cercava as execrandas palavras: «Pois recaia o seu sangue sobre nós e nossos descendentes».

Pilatos, a quem já accusavam de trahir a Cesar, via, pois, em contingencia o seu interesse politico; o supplicio a que condemnou o Justo, proveiu do duplo medo que d'elle se apoderou, quanto aos perigos a que se expunha pessoalmente, já da parte da plebe enfurecida, já da parte de Cesar agastado.

Portanto, a violencia praticada pelos pretorianos de Pilatos não significava senão o interesse geral da politica dos quirites, e particular da do seu procurador.

Davam verdadeiramente as leis a esse tempo, em Jerusalem, os Principes dos Sacerdotes, os phariseus, saduceus, etc., tudo gente interessada na manutenção da lei mosaica.

Não ha negar que aquella nação foi sempre distincta de todas as do globo por

arreigada á sua religião; e os doutores da lei, cujo prestigio e grandeza assentava na sua influencia espiritual e material, facilmente moviam as multidões. Elles sabiam bem que os Prophetas annunciavam a vinda do Messias, mas de um Messias que devia trazer por missão a regeneração dos homens, a perfeição da lei, o termo das abominações, muitas das quaes eram por elles mesmos perpetradas. Reconhecerem Christo Senhor Nosso na sua verdadeira qualidade, seria suicidarem-se, e infelizmente a natureza humana poucos exemplos offerece de sacrificio dos maximos interesses pessoaes em prol da verdade.

Accresce que alguns estariam de boa fé, suppondo que a Jesus faltassem os predicados que elles erradamente julgavam deverem dar-se no Messias. E porque? Porque a interpretação dos Oraculos podia dar logar a confusões, desculpaveis em mentes que o Espirito de Deus não tinha illuminado. Aquella epocha dos Cesares e da invasão romana até os derradeiros terminos do globo conhecido, fazia crer que toda a regeneração só podia ser devida á força, e que o esperado Dominador Divino tinha de ser algum famoso capitão, commandando hostes inexpugnaveis, prégando o regimen da espada, e menos do que convencendo, vencendo. Quando, em vez d'esse Principe armipotente, viram surgir, como Redemptor, um homem nascido n'um estabulo, indigente, desconhecido, obscuro, annunciando a gloria nos ceus e a paz na terra, a obediencia aos poderes constituidos, a fraternidade de toda a raça humana, sem distincção de castas, côres, nem sexos, a veneração a Deus, a humildade... esse Redemptor, que assim lhes surgia, antipoda das suas esperanças, não podia ser, segundo elles, o Messias dos Prophetas.

D'est'arte todos os homens influentes de Jerusalem, ou por convicções sinceras ou, principalmente, por interesses contrariados, repelliram o grão Restaurador com uma uniformidade de esforços e uma violencia tal, que facil lhes foi tornar complices suas as mós ignobeis e irracionaes, costumadas a pôr cabeça e braço á disposição d'esses potentados.

De quanto precede resulta que desde o dia do nascimento do Redemptor, a alta politica dos influentes nos animos populares lhe foi tremendamente adversa. Pois que os chefes d'aquellas cafilas tiveram interesse em perseguir o Homem Deus, é claro que a sorte humana d'este ficava inevitavelmente fixada. A historia nos mostra que em todas as grandes cidades coexistem sempre umas fezes despreziveis, cohorte de selvagens incravada no meio das sociedades mais polidas. Esses homens, subservientes ante os despotas do dia, insolentes contra as victimas que estes designam, banem os Aristides, decepam as cabeças dos proscriptos dos Syllas e Marios, guilhotinam os denominados aristocratas, vasam o petroleo nos monumentos com os mesmos braços que hontem empunhavam armas em defeza da patria, e estão promptos sempre para arremessar da Tarpeia o que horas antes exaltavam ao Capitolio.

O homem, embora melhorado pela civilisação ou pela Religião, é, todavia, o mesmo em todos os tempos e logares.

Nos dias de Nosso Senhor Jesus Christo havia em Jerusalem as classes altas e influentes, que tinham interesse confessavel ou inconfessavel em fazer desappa- recer da terra o que elles denominavam o grande amotinador; o terror que por seus instrumentos incutiam na parte pacifica do povo, fazia com que só os malvados se ostentassem publicamente, e o reinado d'elles predominasse exclusivo. Quando o panico chega a invadir uma cidade, os bons retiram-se, e só a perver-

sidade pompeia; o silencio do medo finge assim unanimidade de opinião. E com effeito, d'esta verdade temos flagrante prova no que succedeu, a poucos dias de distancia, com o Redemptor: hontem penetrando elle triumphante pela porta Aurea, rodeado de multidões, que o acclamavam, e precedido de palmas, flores e vivas, nem uma só voz destoou dos applausos; porque os hostis arriscariam as vidas; hoje que os inimigos constituem a maioria, nem uma voz dos sequazes do padecente se expõe a contrariar o exercicio da cruenta e ignobil soberania do povo. Os covardes são sempre numerosos; os martyres raros.

Eis-ahi como os grandes de Jerusalem, não obstante a santidade do Immaculado Cordeiro, poderam encontrar satellites idoneos para a tarefa horrenda do deicidio; e eis-ahi como os innumeraveis, que já a esse tempo se achavam convertidos, não podiam, nem ousavam contrariar as deliberações dos fanaticos, ou perversos, executadas por alcatéas indignas do nome de homens; e desde que aos brados dos insurgentes se uniam os pilos dos centuriões, não havia contra tamanha força resistencia que podesse ser efficaz, e a obra de Satan havia de ser consummada.

Creio ficar, portanto, evidenciado que a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, já provada pela sua doutrina, pela sua missão, pelo adimplemento das prophecias, foi confirmada por todos os milagres e prodigios, que acompanharam a sua curta peregrinação terrestre; e que as innumeraveis conversões que operou, se não foram desde logo universaes, dependeu isso dos interesses feridos dos poderosos, que dispunham da força, da violencia e dos animos do povo.

V

Demonstrei, se não me engano, a minha these da divindade de Christo pelos argumentos tirados dos factos anteriores á sua vida, ou coetaneos. Tenho timbrado em me não dirigir senão á simples rasão humana, por ser ella que audaciosamente costuma affrontar similhantes evidencias. Note-se bem que, assim procedendo, nunca poderia entrar na minha mente pôr em duvida a necessidade da crença. Onde se diz Religião, diz-se mysterios, e a palavra mysterio, de per si, mostra que o respectivo principio tem de ser acceito, e não imposto pela rasão; é, pois, a fé (e bem devia sê-lo) a primeira das virtudes theologaes. Mas a fé precisa muitas vezes ser ajudada, e innumeraveis são até os exemplos da persuasão pelo estudo. Claro está que para o crente todas estas paginas são desnecessarias; e se apesar d'isso as escrevo, é com a esperança de que entre os indecisos haja ao menos um que, illustrado e sincero, acabe por penetrar no santuario da crença pela porta da rasão.

Afigura-se-me que o leitor (nas circumstancias que almejo) não põe já duvida em que fosse um Deus o homem cujo nascimento, vida e morte foram muitos seculos antes vaticinados, e o Supremo Legislador, cuja doutrina realisou em todos os pormenores as palavras dos videntes. Igual demonstração resulta de todos os successos occorridos desde o nascimento até á morte do Redemptor, e que pelos expostos motivos, não entrando na ordem natural, e sendo tudo de indole sacrosancta, confirma a divindade do Verbo Encarnado.

Completarei agora aquellas ponderações, chamando a attenção para os successos occorridos depois da Ascensão, tão assombrosamente estranhos ao que pode-

riam ser todas as humanas previsões, que ninguem os explicará senão por nova confirmação da sobrenatural grandeza do seu divino Motor.

Notae bem que eu me esquivarei aos centenares de argumentações, que podessem prender com a necessidade anterior da crença, e até mesmo com a da veracidade, aliás, incontestavel, dos prodigios e milagres; continuarei até o fim, não invocando senão o simples raciocinio.

Já á divina vontade tinha aprazido começar lançando do alto em bòccas autorisadas, embora pagãs, uma serie de idéas moraes, philosophicas e religiosas, que bem preparavam o terreno dos animos para a sublime crise que a humanidade devia presenciar[1]. Já Platão, quatrocentos annos antes de Jesus Christo, havia rompido com as escolas anteriores, e realmente até com a do seu mestre Socrates; já elle fazia remontar a um Deus quasi como o nosso a origem de todas as humanas idéas[2]. Virgilio, cuja virtude, segundo o modo recto por que a considerâmos, o af

[1] Nem só existia nos animos, por esse tempo, a convicção da moral politica, social e religiosa, que ía ser prégada, mas (o que é mais estupendo) achava-se derramada por todos os povos a crença de ser chegado o dia da grande revolução, e da vinda de um Supremo Legislador. Não quero n'este logar apontar os dizeres dos livros sagrados; mas esta affirmativa gravissima aqui será corroborada com as phrases mais explicitas de alguns escriptores notaveis do paganismo; e para que se não creia que a versão modifique um apice dos respectivos trechos, prefiro transcreve-los litteralmente.

Suetonio, na Vida de Vespasiano (IV): «*Percrebuerat oriente toto vetus, et constans opinio, esse in fatis, ut eo tempore Judæa profecti rerum potirentur.*»

Tacito (Hist., V, 13): «*Persuasio inerat antiquis sacerdotum litteris contineri, ex ipso tempore fore, ut valesceret Oriens, profecti rerum potirentur.*»

Um autor importante observa que não só os judeus, mas os proprios pagãos, conservavam a tradição de um libertador omnipotente, que devia trazer a salvação aos homens, e reconcilia-los com a Suprema Divindade; e, o que não é menos notavel, esse Enviado do ceu se acha designado em muitas mythologias debaixo da imagem de um Deus encarnado, que esmaga a cabeça de uma serpente nociva ao genero humano.

Não é menos exacto que muito se tem escripto ácerca da prophecia de Prometheu, relativa á quéda de Jupiter. Eschylo é por muitos considerado um dos arautos, que entre os pagãos annunciaram a vinda do Messias. Lê-se no *Prometheu Agrilhoado* o seguinte dialogo, que muito tem dado que pensar aos commentadores:

PROMETHEU

— «Não vejo diante dos olhos outro termo aos meus soffrimentos, senão quando Jupiter caír e derrubado fôr o seu imperio.»

IO

— «Que dizes? Jupiter desthronado?»

PROMETHEU

— «Sim, ha de sê-lo, e em breve.»

Consultem-se os commentarios de Blomfield, Brissonade e Wellaner.

[2] Foi Platão o primeiro que ensinou ao pensamento a conhecer-se, e a fundar n'esse conhecimento o de tudo o mais. Se as idéas têem uma origem em nós, visto constituirem o nosso entendimento, têem outra mais alta em Deus, cujo entendimento tambem constituem; dividem-se ellas em duas ordens, das quaes uma pertence a nós, outra a Deus. Deus, creando os espiritos, produziu a imagem de si mesmo, e as idéas geraes, constitutivas de todo o espirito creado, são copia das idéas geraes correspondentes, que constituem o espirito creador. Formando os corpos, produziu tambem, digâmo-lo assim, uma certa imagem de si mesmo, visto que os fez, segundo o que n'elle lh'os representa eternamente; e as propriedades geraes e fundamentaes dos corpos são copia das que em Deus lhes correspondem. A nossa intelligencia, apesar de não ver nem comprehender nunca senão o que n'ella mesmo está, vê e comprehende o que está fóra d'ella, com a ajuda de si mesma, que para si é a representação d'esses outros objectos.

Ainda que estas copias ou espiritos e corpos sejam entes reaes com substancia propria, toda-

fastava tanto dos homens do seu tempo, como o approximava das idéas christãs, deixou-nos a sua egloga 4.ª, que dirieis quasi prophecia; pois, muito poucos annos depois de escripta, se convertiam em factos os estupendos raptos poeticos do Mantuano. [1]

Jesus Christo nasceu, prégou e morreu. Quem era Jesus Christo? Um pobre fi-

via, como esta é de emprestimo, e como elles foram feitos tudo quanto são, não poderiam viver nem conservar-se senão unidos ao seu modelo, seu autor, e envolvidos em sua acção soberana; d'onde resulta que as nossas idéas dependem immediatamente, no interior, das idéas divinas, e que lhes cumpre elevarem-se constantemente para ellas, e permanecer-lhes unidas, a fim de se sustentarem e ficarem na sua força. O ensino de Platão em tão alto grau se approxima, pois, das nossas idéas fundamentaes, quanto se afasta do das escolas, que até ao seu tempo predominavam.

O Concilio de Nicéa proclamou a unidade de Deus, e até fixou o que havia de provavel na doutrina de Platão. Constantino, n'uma allocução aos Padres do Concilio, declara e approva o que este philosopho reconhece: «Um primeiro Deus Supremo, Pae de um segundo; duas essencias iguaes em perfeições, mas uma tirando a sua existencia da outra, e a segunda executando as ordens da primeira; as duas essencias não fazendo senão uma só, e esta rasão sendo Deus, que é tambem filho de Deus».

[1] Não vejo como se possam naturalmente explicar estes versos do Isaías dos pagãos, traçados antes da vinda do Redemptor.

N'esta egloga Virgilio não fez mais que substanciar as predicções da Sibylla Cumea. Nas orações da Egreja, e em escriptos dos Santos Padres apparece frequentemente o oraculo de Cumas como acceitavel para testificar a vinda do Messias e outros successos. Assim, na famosa sequencia do *Dies iræ* da Missa dos finados, registra-se o prognostico em que são communs videntes a Sibylla e David: «*Teste David cum Sibylla*».

Ou estas predicções fossem, pois, de Virgilio ou da propria Sibylla, tendo ambos aquelles genios precedido o nascimento de Christo (um de sete seculos, e outro tendo nascido setenta annos antes do Salvador) dizem cousas, que por fórma nenhuma a rasão natural poderia explicar. Notem-se, principalmente, os seguintes passos:

«*Majora canamus.*» O poeta, depois de ter decantado a natureza e a vida rural, declara que vae elevar-se a muito mais alto assumpto.

«*Ultima cumæi venit jam carminis ætas.*» Aqui declara o vate ser afim chegada a epocha predita nos versos propheticos: epocha notavel, porque? por isto:

«*Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo.*» Está batendo á porta o dia em que uma ordem de cousas, grande e nova, vae raiar para guia dos seculos futuros.

«*Jam redit et virgo; redeunt Saturnia regna.*» Ahi volta a Virgem: será esta a antiga Astréa, symbolisando o reinado da justiça, ou será a propria Virgem purissima? Esse reinado de Saturno que volve, não será (no unico modo como um pagão podia exprimir-se) o regresso á edade aurea, aos primitivos tempos de pureza e perfeição? Seja como fôr, qualquer das interpretações se adapta á nova ordem de cousas, que trinta ou quarenta annos depois tinha de assoberbar o orbe.

«*Jam nova progenies cœlo demittitur alto.*» É das alturas do ceu que baixa á terra progenie nova. Não estaes aqui vendo a segunda Pessoa da Trindade vinda do ceu resgatar a humana raça? Se foi a Sibylla quem dictou este vaticinio, não estaes vendo na sua bôcca as palavras do seu quasi contemporaneo Isaías: «*Rorate cœli desuper, et nubes pluant Justum?*»

«*Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum desinit, ac toto surget gens aurea mundo...*» Eis-aqui o vaticinio de que um menino vae nascer, com o qual acabará primeiro a idade de ferro, e surgirá em todo o mundo uma doirada era. Não vedes ahi o nascimento de Christo, o termo da depravação da humanidade, a origem da Redempção, e a certeza de que o Christianismo conquistará todo o orbe?

«*Teque adeo decus hoc ævi, te consule inibit, Pollio.*» Note-se que esta egloga era dirigida a Pollião: aqui diz o poeta que nos primordios d'aquella grande restauração da humanidade, Pollião ha de occupar o logar de consul; e com effeito, foi certo que Caio Asinio Pollião, cognominado o Gallo Salomino, que nunca antes tinha sido consul, o foi logo depois do nascimento de Jesus Christo, isto é, no anno oitavo.

«*Clara Deum soboles, magnum Jovis incrementum.*» Qual outro que Jesus Christo poderia ser o filho querido de Deus, o grandioso descendente de Jehovah? *Et incipient magni procedere menses.* Diz elle que approximadamente por esses dias começará a contar-se uma era nova e grandiosa. De feito desde então principiou o ingente facto do resgate, e os homens ainda hoje contam, e contarão eternamente os tempos, da era de Christo.

«*Ille Deum vitam accipiet, divisque videbit permixtos heroas et ipse videbitur illis.*» Eis-aqui

lho de um carpinteiro! A sua condição, humilissima; a sua raça, desprezada; o seu nascimento, n'um estabulo; a cidade onde viu a luz, insignificante; a provincia a que pertencia, uma das ultimas, mais desconhecidas e desconsideradas do imperio romano, então senhor do orbe. Esse homem não tinha prestigio nem influencia, e n'um tempo em que a força era tudo, se rebellava contra a força. Nos mesmos dias Tiberio dominava o mundo, dispunha da sua nação, de seus exercitos e armadas, de povos indomaveis, e de reis vassallos seus; concentrava, finalmente, em suas mãos a omnipotencia humana.

Mas o fraco chamava-se Christo, e o forte chamava-se Tiberio; o fraco representava o melhoramento, a perfeição da humanidade; o forte, a decadencia satanica da descendencia de Caim; o fraco edificava o mundo pela pureza da sua vida, salvando-o pela sua morte; o forte assombrava o mesmo mundo pela multidão e negrura de seus attentados. Por isso o glorioso fraco vive, reina e triumpha por todos os seculos dos seculos; o miseravel forte só perdura na memoria pela execração de todos os tempos. É que este representava ao vivo a maxima corrupção da humanidade; aquelle, a sua redempção.

Já facil fica de comprehender que a obra de origem divina não podia deixar de ser amparada em sua continuação pelo mesmo celeste braço.

Publicado o Evangelho, nasceu a Egreja de Jerusalem, sendo eleitos os sete diaconos. Para logo Santo Estevão, protomartyr, cae apedrejado e morto pela sua fé. Saulo, o perseguidor, converte-se em Paulo, Apostolo dos gentios. Fundam-se immediatamente as sete Egrejas da Asia Menor. Os Apostolos compõem o symbolo da fé, carta dos christãos destinada a tornar-se lei do mundo (Jesus Christo não escreveu nada). Escolheu o Messias para seus missionarios homens rudes, analpha-

temos a genealogia do Messias; ei-lo aqui, apesar de homem, e convivendo com os homens, e sendo por elles visto, tendo, entretanto, natureza divina.

«*Occidet et serpens et fallax herba veneni occidet.*» Se Eva, enganada pela serpente, póde, em detrimento da humanidade, triumphar um dia; se o fructo enganador póde logo no principio do mundo envenenar as gerações; com a vinda de Christo será morta a serpente, com a vinda de Christo será nullificado o veneno do prohibido pomo.

«*Et duræ quercus sudabunt roscida mella.*» Não estaes aqui lendo *ipsis verbis* o outro vaticinio de Isaías ao fallar da vinda do Redemptor, vaticinio traduzido por Bocage:

«Suarão doce mel carvalhos duros?»

«*Pauca tamen suberunt prisca vestigia fraudis.*» Allude este verso exactamente á extincção dos effeitos do peccado original, segundo a missão do Supremo Legislador.

Muitos outros passos d'este famoso canto teriam a mesma explicação; mas levanto a mão por temor de demasia.

No Concilio de Nicéa, logo nos primeiros tempos da Egreja, foram lidos solemnemente aquelles versos, bem como outros não menos assombrosos oraculos da Sibylla, entre os quaes o seguinte:

«*Virginis in corpus voluit dimittere cælo*
Ipse Deus prolem, cum nuntiat angelus almæ
Matri, quæ miseros contracta sorde levabit.»

Dois seculos antes, havia S. Justino martyr apostrophado o paganismo nos seguintes termos:

«Ó gregos, se preferis a verdade ás vossas fabulas, acreditae, pois, a mais antiga das vossas Sibyllas, cujo livro, espalhado por todo o universo, vos annuncia manifestamente a nullidade dos vossos deuses, e a vinda do nosso Salvador Jesus Christo.»

betos, plebeus; e todavia, a doutrina d'esses desconhecidos ignorantes invadiu a terra.

João ensinou na Asia Menor, Filippe na Asia Alta, André aos scythas, Thomé aos parthos e indos, aos quaes Bartholomeu levou o Evangelho de S. Matheus. Simão prégou na Persia; Mathias na Ethiopia; Paulo na Grecia; Marcos, discipulo de Pedro, redigiu o seu Evangelho e prégou em Alexandria; Pedro evangelisou em Jerusalem, Antiochia e Roma, e mandou missionarios á Sicilia, á Italia, ás Galias, ás costas de Africa, etc., etc.

A nova e santa Religião foi logo introduzida até na capital do mundo; e comquanto o proprio Tiberio propozesse ao senado collocar Jesus Christo no numero dos deuses[1], pouco depois, em tempo de Nero, começou contra os christãos a mais

[1] Acerca da verdade d'esta tradição, assim se exprime escriptor grave: «O rumor dos milagres de Jesus Christo havia chegado aos ouvidos de Tiberio. Havendo o Imperador caído enfermo, desejou ver aquelle personagem extraordinario da Judéa». Se é um Deus, dizia elle, póde soccorrer-me; se é um sabio, póde ajudar-me com os seus conselhos. «Chamou, pois, um dos seus officiaes, de nome Volusio, e o fez partir para a Palestina, com ordem de lhe trazer Jesus. O official embarcou immediatamente; mas, contrariado pelos ventos, perdeu muito tempo, e não chegou á Judéa senão depois da morte de Jesus. Não podendo desempenhar a sua missão, quiz ao menos levar ao Imperador uma recordação do Nazareno. Soube que uma mulher de Tyro tinha sido curada por Jesus, e conservava a sua effigie. De volta a Roma, conduziu Volusio a mulher a Tiberio. Ao vê-la, perguntou-lhe o Imperador, se era verdade que houvesse sido curada por Jesus? «Assim é», respondeu a mulher; e ao mesmo tempo apresentou a imagem de Christo a Tiberio, que ficou immediatamente curado de sua longa enfermidade.

Compenetrado de reconhecimento, dirigiu-se o Imperador ao senado, e propoz que fosse collocado Jesus Christo no numero dos deuses. Os senadores recusaram a proposta; então aquelle Principe, que até alli se havia mostrado manso e humano, se deixou arrebatar de colera, e fez morrer grande numero de senadores e illustres romanos. Quanto á mulher de Tyro, ficou em Roma, e deu a imagem do Salvador a S. Clemente, que a conservou preciosamente, e a transmittiu a seus successores. (Foggino, pag. 37 e seguintes; Zinelli, *Biblioth. Eccl.*, tom. III, pag. 263.)

Ha varias observações historicas a adduzir a respeito d'esta tradição: 1.º, diz que Tiberio conheceu os milagres do Salvador. Este facto nos é attestado; alem d'isso, por Tertuliano[1], e

[1] Não resisto ao impulso de reproduzir as palavras de Tertuliano (Apologetico, XXI), quasi contemporaneo de Pilatos, visto ser do seculo II da era christã. Esse austero defensor da verdade, e que levou sempre ao derradeiro extremo as maximas exigencias d'ella e da virtude, extremo que até o fez ultrapassar as raias da severidade licita em materia de religião, declarou que Pilatos deu conta a Tiberio dos milagres, perseguições, Paixão e Morte de Christo, de quem, na sua consciencia, era sectario: *Ea omnia super Christo Pilatus, et ipse jam pro sua conscientia christianus, Cæsari tunc Tiberio nuntiavit.* E o que são estas cousas que Pilatos relatou a Tiberio? Ouçamos as proprias palavras do grande apologista:

«Os judeus lêem nos seus proprios livros, que elles foram punidos com a privação do espirito de sabedoria e de intelligencia, e do uso de seus olhos e ouvidos. A humildade de Jesus Christo levou-os a crer que era impossivel que fosse mais do que um homem; consideravam que elle usava simplesmente do poder dos Magos, quando com a palavra expellia demonios, alumiava cegos, curava leprosos, fortificava paralyticos, resuscitava mortos, avassallava os proprios elementos, abonançava procellas, marchava sobre as ondas, mostrando-se Verbo de Deus, isto é, aquelle Ente primordial, primogenito, acompanhado da virtude e da rasão, e sustentado do Espirito. Os Principes dos judeus, porém, exasperavam-se contra a sua doutrina que os confundia, mórmente quando viram o povo correr para Elle em multidões; e por isso o conduziram ante Poncio Pilatos, a quem violentamente obrigaram a entregar-lh'o para a crucifixão; isto Elle mesmo o predissera, e não só Elle mas Prophetas anteriores. Pendente da Cruz, voltou a palavra e o espirito, prevenindo o officio do algoz. N'este momento, ao pino do meio dia, o ceu se obumbrou, e consideraram isto um eclipse os que ignoravam os vaticinios; depois, não comprehendendo o phenomeno, negaram-n'o; e, todavia, vós ahi o tendes registrado em vossos archivos. Descido e sepultado, os judeus o rodearam de tropas com a maior diligencia; porque, tendo Elle prognosticado a sua resurreição no terceiro dia, receiavam que os discipulos viessem furtivamente arrebata-lo. Mas, eis chegado esse terceiro dia; repentinamente treme a terra, revolve-se a lagea que tapava o sepulchro, os guardas fogem espavoridos, e no emtanto nenhum dos discipulos appareceu, e no sepulchro nada se encontrou mais que as ligaduras e a mortalha.

«Os mestres da lei, a quem convinha, para angariarem o povo, que lhes ia escapando, divulgar um supposto crime, espalharam que o corpo havia sido roubado pelos discipulos. Jesus Christo ficou quarenta dias com alguns discipulos pelas regiões galiléas, ensinando-lhes o que elles haviam de ensinar; depois d'isso ordenou-os para o officio de prégarem por todo o orbe; e finalmente, circumdando-se de uma nuvem, ascendeu ao céu. Pilatos, que já em sua consciencia era christão, relatou todas essas cousas ácerca de Christo a Tiberio, que então era Imperador.»

cruel das perseguições. Aqui é digno de apontar-se um trecho de Tacito (*Annaes*, xv, 44), onde este severo autor, naturalmente como pagão, busca desairar os christãos; mas faz justiça á memoria de Nero, quando diz que este infame, para destruir os boatos que a elle mesmo attribuiam o incendio de Roma, procurou culpa-los, e inventou haver o fogo sido ateado pelos christãos, os quaes eram innocentes; tanto que, sendo assassinados do modo mais barbaro, foram alvo de geral compaixão, visto haverem sido immolados, não por utilidade publica, mas para passatempo de um homem.

Assim se exprime Tacito, e accrescenta que a superstição christã prorompeu de novo, não só pela Judéa, origem sua, mas pela propria Roma[1].

S. Justino allegava em sua Apologia haverem sido os actos do Redemptor escriptos por Pilatos, e enviados a Roma, onde se conservavam nos archivos do senado. Sabe-se de mais a mais que os governadores de provincias enviavam aos Imperadores a narração de tudo quanto se passava de extraordinario no seu governo, como em todos os tempos e paizes antigos e modernos se observa: 2.º, não contém esta tradição particularidade alguma que repugne á rasão, ou contradiga os factos conhecidos; 3.º, affirma que Tiberio, irritado com a recusa do senado, se vingou d'aquelle corpo, fazendo morrer muitos dos seus membros. Da vingança exercida por Tiberio contra o senado dão noticia Tacito e Suetonio, exhibindo como rasão as superstições do Principe.

Já o proprio Augusto tivera conhecimento do Messias. Alem da sua celebre visão, de que o titulo da egreja de *Ara Cœli*, no monte Capitolio, é pregão solemne, temos a não menos famosa resposta do oraculo de Apollo. Passou-se assim o caso, como referem escriptores insuspeitos:

«Consultava Augusto o oraculo de Apollo para saber quem seria depois d'elle o senhor do mundo: conforme o costume, offereceu uma hecatombe; mas o Deus ficou mudo. Tornou a começar o sacrificio, e o Deus não respondeu. Instado de novo, Apollo proferiu afinal este oraculo:

«Me Puer hæbreus divos Deus ipse gubernans
Cedere sede jubet tristemque redire sub orcum;
Aris ergo dehinc tacitus abscondito nostris.»

«Um menino hebreu, Deus e senhor dos deuses, me obriga a deixar o logar, e entrar tristemente no inferno. De ora em diante retira-te, pois, sem resposta dos meus altares».

Vivamente impressionado d'este oraculo, veiu Augusto ao Capitolio, onde mandou erigir um altar ao Menino Deus, com a seguinte inscripção: «*Ara Primogeniti Dei.*»

O mesmo facto é referido, com algumas variantes, por outros escriptores. Dizem elles que foi a Sibylla de Tibur que Augusto consultou, e não o oraculo de Apollo; e contam o caso assim: «Depois de tres dias de severo jejum, viu Augusto o ceu aberto, e n'um altar uma Virgem, tendo nos braços um menino, e uma voz dizia: *Hæc ara Filii Dei est*; este é o altar do Filho de Deus».

Em consequencia d'esta visão, prohibiu Augusto que d'aquelle dia por diante lhe chamassem Deus, e mandou elevar o sobredito altar.

Entre os vinte e um escriptores antigos e modernos que referem o facto, figura Petrarcha.

[1] No mesmo periodo em que escrevia Tacito, floresciam tambem dois varões distinctos por suas virtudes e pelo brilhante nome que deixaram na historia.

O Imperador Trajano tendo nomeado Plinio, o Moço, governador da Bithinia e do Ponto, era d'aquellas regiões consultado sempre sobre todos os negocios de gravidade. Havia poucas dezenas de annos que o Redemptor ascendêra á côrte do Eterno Padre, quando Plinio se viu obrigado a cumprir as leis romanas, que puniam com o ultimo supplicio os blasphemos e sectarios de religiões que não fossem a do estado. Não resisto ao prazer de reproduzir aqui a curiosissima carta que sobre este assumpto Plinio dirigiu a Trajano, assim como a resposta que recebeu do Imperador. Não só esses documentos demonstram com que repugnancia Plinio cumpria as duras leis do imperio, senão tambem a confissão insuspeita de que essa meia duzia de annos tinha bastado para estender a divina fé, ao perto e ao longe, por grandes e pequenos, por cidades e campos; ficando corroborada a asserção de que só uma Religião verdadeiramente celeste podia assim de improviso accender os animos mais illustrados, apesar de affeitos e educados em religiões diversas.

Mas antes d'esta transcripção, permitta-se-me fazer outra, que tanto a pello vem. Falle o proprio Rousseau, em sua resposta ao Rei da Polonia:

«Morre Jesus Christo, e doze pobres pescadores e artifices emprehendem converter e instruir o mundo. Singelo era o seu methodo; prégavam sem arte, mas com o coração convicto; de entre

Tão rapido foi, com effeito, o desenvolvimento da doutrina, que attingiu os ultimos limites da parte conhecida da Europa, Asia e Africa. As classes cujos interesses eram por esta Religião contrariados, entraram a perseguir os seus propagadores, tanto mais cruamente, quanto mais o seu numero se multiplicava. Estes

todos os milagres com que Deus honrava a sua fé, o mais assombroso era a santidade da vida d'elles; seguiram-lhes o exemplo os discipulos, e o resultado foi prodigioso. Os sacerdotes pagãos aterrados fizeram sentir aos Principes que o estado estava perdido, porque haviam cessado as offertas; os philosophos a quem não fazia conta uma religião que prégava humildade, uniram-se aos sacerdotes: as mofas e as injurias choviam de toda a parte sobre a nova seita; juntaram-se-lhe as perseguições, e com isto não fizeram os perseguidores senão accelerar o desenvolvimento progressivo d'aquella Religião, que almejavam suffocar. Todos os christãos corriam ao martyrio; todos os povos ao baptismo. A historia d'aquelles primeiros tempos é um prodigio ininterrupto.»

Eis em seguida estas eloquentes palavras, no tocante á instantanea propagação da doutrina christã, corroboradas pelas bôccas dos quasi contemporaneos do Salvador.

PLINIO a TRAJANO

—«Senhor. Tenho por dever sagrado recorrer a ti em todos os negocios em que escrupuliso. Quem melhor póde dissipar as minhas hesitações, ou instruir a minha ignorancia?

«Nos processos de christãos nunca interferi; conseguintemente, por mim ignoro o que n'elles se castiga, ou o que se deva castigar. Tenho ficado perplexo para decidir, se deve discriminar-se a idade dos accusados, ou se devem ser julgados do mesmo modo, ou sejam provectos, ou creanças; se se deve perdoar áquelle que, tendo sido inteiramente christão, todavia se retracta; se deve ser punido o nome do christão, embora não perpetrador de crimes, ou se o castigo deve antes recaír sobre os crimes que a esse nome se ligam.

«Apesar d'estas tergiversações, eis-aqui o modo como eu tenho procedido, quando trazem essa gente á minha presença. Interrogo-os se são christãos? se o confessam, interrogo-os segunda e terceira vez, ameaçando-os com o supplicio; se perseveram, são com effeito suppliciados; porquanto não ha duvida de que, fosse o que fosse que elles confessassem, sempre devem ser punidos, não só pela desobediencia, mas pela obstinação inflexivel.

«Alguns loucos tem havido que, por serem cidadãos romanos, separei para os mandar a Roma.

«O certo, porém, é que estas proprias perseguições, como de ordinario acontece, têem occasionado, ao contrario, maior diffusão do crime, que se reproduz com muitas variedades.

«Foi-me enviada uma memoria anonyma, denunciando os nomes de muitos, que todavia negaram serem, ou terem sido christãos; pois em minha presença invocaram os deuses, e a tua imagem, que eu, por esse motivo, mandára reunir aos simulacros dos numes; offereceram-lhe incenso e vinho; alem d'isto amaldiçoaram o Christo: ora, os que são realmente christãos, ninguem os póde obrigar a fazer isto; e portanto mandei esses accusados embora. Outros denunciados disseram primeiro ser christãos, mas depois negaram, ou disseram que o tinham sido, mas que haviam abjurado tres annos antes, vinte ou mais; estes veneravam a tua imagem e os simulacros dos deuses, e dirigiam imprecações ao Christo.

«Affirmavam, porém, que da sua culpa, ou do seu erro era esta a summa: N'um dia dado, reunirem-se de madrugada para entoarem alternadamente hymnos a Christo, como Deus, e jurarem sacramentalmente não praticar acto algum criminoso, nem furto, nem latrocinio, nem adulterio, não faltarem á palavra, não negarem o deposito; feito o que, costumavam separar-se, tornando depois a reunir-se, para juntos comerem alimentos innoxios; todavia, accrescentavam que isto mesmo tinham cessado de praticar depois que, de conformidade com as tuas ordens, eu prohibíra similhantes reuniões.

«Considerei indispensavel pôr a tormentos duas escravas, que se diziam ministras d'aquelle culto, para ver se colhia a verdade; mas confesso que nada achei, senão uma parvoa e exagerada superstição, e por isso suspendi o processo para te consultar.

«Acho que o negocio é bem digno de meditação, principalmente, por causa do grande numero dos indigitados: ha-os de toda a idade, de toda a classe, de ambos os sexos; são chamados ao perigo, e continuarão a sê-lo; o contagio d'esta superstição não invade já só as cidades, mas as aldeias e os campos, etc.».

TRAJANO a PLINIO

—«Meu caro Plinio. Cumpriste o teu dever no que praticaste para com os denunciados como christãos; porquanto não é possivel estabelecerem-se regras geraes, que de antemão abranjam

proscriptos, porém, escondiam-se nas cidades, refugiavam-se nas cavernas, congregavam-se para adorar a Deus nas catacumbas.

Seguiu-se então o horrendo periodo das perseguições, que encheu as paginas do martyrologio, e as victimas caiam entoando *hosannas* ao Senhor. Já não bastava a accusação generica (com que a humanidade começou a indignar-se) de adorarem um Deus estranho: os perseguidores, para colorirem as suas atrocidades, imputavam aos christãos os ritos mais desnaturaes, taes como sacrificarem creanças, para lhes beberem o sangue, e lhes comerem a carne; mandarem cães nas suas assembléas secretas apagar as tochas, unindo-se então nas trevas os sexos como animaes, etc.

Já se vê quão variada, poderosa, extensa, invencivel, não era por toda a parte a violencia contra os christãos; e que succedia? que do sangue de cada victimado brotavam centenares de crentes novos.

Já o Concilio de Nicéa, a tão pequena distancia do Redemptor, se compunha de trezentos e dezoito bispos, acompanhados dos presbyteros, diaconos e acolytos, entre os quaes muitos veteranos mutilados na ultima perseguição.

Com rasão nota Chateaubriand que Paphuncio, da Thebaida Alta, tinha o olho direito vasado e a perna esquerda cortada; Paulo de Neocesaréa as duas mãos queimadas; Leoncio de Cesaréa, Thomé de Cyzica, Marinho de Troada, Eutycho de Smyrna, esforçavam-se por esconder suas feridas, sem alardearem a gloria d'ellas. Finalmente, quem eram os membros d'essa convenção universal, congregada para reconhecer o Eterno Monarcha, e a sua cidade eterna? Heroes do martyrio, doutos genios, ou homens ainda mais sabios pela ignorancia do coração, e pela simplicidade da virtude. Todos esses soldados do mesmo immenso exercito nunca se haviam visto, tinham combatido sem se conhecerem, debaixo de todos os pontos do ceu, com o mesmo estandarte, na acção geral, e pela mesma fé.

VI

Não comporta a indole d'este escripto prolongar estas reminiscencias historicas, como o gosto me estaria negaceando: mas creio que se necessario fosse confirmar *a ratione*, e pelos simples factos occorridos no dominio da historia, depois do drama do Calvario, a divindade de Christo, os mais esplendidos successos constituiriam essa demonstração.

Morre o pobre Propheta, o qual tendo declarado que os seus discipulos seriam atrozmente perseguidos, e que em tempo mui proximo Jerusalem e seu templo seriam radicalmente destruidos, verificou em todos os pontos os seus vaticinios, permittindo que, logo depois de sua morte, esses mesmos discipulos fossem presos, flagellados e martyrisados; e eram apenas volvidos quarenta annos, quando os romanos arrasavam Jerusalem e o templo.

Morre um ente desconhecido, como homem, depois de ter prégado doutrina,

todas as hypotheses. Não se deve andar devassando sobre estes assumptos; mas, emfim, se os culpados forem accusados e convencidos, será mister puni-los. Se alguem negar que é christão, e comprovar isso com a adoração dos nossos deuses, ainda que seja suspeito pelo preterito, deve amnistiar-se. Essas denuncias anonymas, porém, não devem dar logar a procedimento algum; porque já não são do nosso seculo, e são antes de pessimo exemplo.»

que só como doutrina é autorisada; doutrina em que o imperio da rasão substitue pela primeira vez a rasão do imperio; e com a rapidez da electricidade, e a despeito das preoccupações, das religiões, dos interesses, é dado a essa doutrina conquistar hontem os humildes, hoje os poderosos, ámanhã toda a terra.

Morre esse divino indigente, e a sua grandeza para logo se manifesta em tal grau, que o seu nascimento constitue a era, da qual as nações contam os tempos.

Morre o glorioso desprezado, e o seu codigo de Religião e de moral é logo acceito, e continua a sê-lo por todas as nações que timbram de civilisadas, e só não vigora onde é desconhecido, ou onde a sociedade, se tal nome merece, se conserva no estado quasi selvagem.

Morre o obscuro Nazareno, e para logo quatro Evangelistas, sem combinação, sem acôrdo, sem intelligencia alguma entre si, e escrevendo em logares diversos, homens santos, que não eram nem enthusiastas, nem visionarios, narram tudo quanto respeita a esse vulto monumental com a mais completa fidelidade e similhança na maior parte dos factos, tanto na materia da doutrina, como no tocante aos conhecimentos naturaes e sobrenaturaes.

Morre o omnipotente humilde, e a sua voz, eccoando por todos os montes e valles da redondeza, com seus accentos ignotos e sublimes, exalta os animos das multidões, que pela patria eterna sacrificam a terrestre, e dão interesses, liberdades e vidas pela victoria dos principios eternos.

Morre o vilipendiado Soberano, e emquanto os impostores e inventores de cultos novos, ou não sobrevivem ás suas imposturas, ou ellas lhes sobrevivem pouco, ha perto de dois mil annos que Nosso Senhor Jesus Christo impera sobre o universo, e imperará até a consummação dos seculos, porque nunca as portas do inferno prevalecerão.

Morre o debil Crucificado, e emquanto o imperial perverso representa em Caprea a sociedade, que vae ser regenerada, uma vida immaculada e uma affrontosa morte sellam a grandeza e sublimidade da alta missão do Verbo.

Nenhum d'estes factos se explica pela logica natural dos acontecimentos, nem a historia nos revela successão de cousas analogas, nem o andamento d'aquellas que, admittissem embora remota, paridade, nunca seguiu a lei que n'estas se manifesta: identidade de narrações, proveniente de diversas origens; acceitação dos principios, tanto mais enthusiastica, quanto mais barbaras as perseguições; rapida conquista das mais cultas intelligencias e das mais santas almas; realisação de prophecias; derramamento do Christianismo por todo o orbe, sua adoração por dois mil annos, emquanto que todas as outras chamadas religiões só têem subido para logo cairem; tudo isso constitue em resumo um complexo, que fôra impossivel de dar-se, a não serem divinos os dedos de que pendem os maximos destinos da humanidade.

Se, pois, me não illude a profunda sinceridade da crença, penso que o leitor desprevenido, que me tiver feito a honra de acompanhar-me, reconhecerá que toda a ordem dos factos anteriores, coevos e posteriores a Jesus, torna axiomatica a sua divindade. E se é certo que a este corollario chegámos pela simples estrada da rasão humana, fio que o espirito recto que assim tiver acceitado a divindade de Christo, já sem repugnancia, e antes muito suavemente, acceitará tambem os preceitos da fé; e d'esta fórma, a crença pela convicção levando á crença pela Re-

ligião, esse espirito recto acceitará, como verdades eternas, todos os principios do Christianismo.

E para a humanidade será um bem incalculavel, quando todos se imbuirem n'estas grandes idéas; só desde então começará o verdadeiro reinado da gloria aos ceus, e da paz na terra.

Permitta-se-me fechar com chave de oiro, reproduzindo uma sentença do testamento d'alem-campa, legada pelo sabio autor do *Genio do Christianismo:* «Nenhuma solução acho para o futuro do mundo senão no Christianismo e Christianismo catholico... Encerra elle as tres grandes leis do universo: a lei divina, a lei moral e a lei politica. A lei divina, unidade de Deus em tres Pessoas; a lei moral, caridade; a lei politica, isto é, liberdade, igualdade, fraternidade».

Alcançada venia por tão longa digressão, passarei agora á parte que n'este capitulo devo consagrar ao resumo da vida do Libertador. Foram estas paginas destinadas a entrar com animo convicto na historia da vida de Nosso Senhor Jesus Christo, assim como essa historia era indispensavel para, por ordem chronologica, se comprehender a descripção, que tenho de submetter, dos Santos Logares.

CAPITULO XI

RESUMO DA VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

Bateu no relogio dos tempos a hora das prophecias!

A estrella de Jacob despontou nas alturas do firmamento! Era o mez de dezembro do anno 4004 do mundo.

Em Belem de Judá ouviu-se no silencio da noite um brado altisonante na região do ether:

« Gloria a Deus no mais alto dos ceus, e paz na terra aos homens! »

Esse brado preconisava o nascimento de um Menino Deus, do seio de uma Virgem, esposa de José, da familia de David.

Era chegado o dia da realisação da embaixada do Archanjo Gabriel, que nove mezes antes annunciára á mais pura das mulheres o profundo mysterio da Encarnação do Verbo.

Alvoroçados os pastores com tão inaudita nova, que logo circulou por todos os contornos, correram a Belem, de invisivel força arrebatados; entraram na designada gruta, e humildes adoraram um Infante reclinado em cama de palhas.

Ao oitavo dia, conforme as prescripções legaes, foi circumcidado, segundo as ordens do Eterno, e impoz-se-lhe o nome de Jesus.

Tres sabios de diversos paizes do Oriente, simultaneamente illuminados, vem a Jerusalem, indagando onde encontrariam o recemnado Rei dos judeus.

Fere este annuncio os ouvidos do tyranno ascalonita, que se senta no usurpado throno de Judá.

Herodes manda vir á sua presença os tres sabios; interroga-os, e attonito com as suas respostas, reune os Principes dos Sacerdotes, os doutores da lei, e todos os anciãos do povo; consulta-os sobre o logar em que havia de nascer o Messias: todos, compulsados os livros dos oraculos, responderam:

« Que nasceria em Belem de Judá. [1] »

[1] « O maior tyranno que houve no mundo foi Herodes, mas os seus aduladores ainda foram maiores tyrannos; porque o Rei foi tyranno dos vassallos; e os aduladores foram tyrannos do Rei. O texto de Michéas, que lhe explicaram ácerca do nascimento do novo Rei, falla expressamente de dois nascimentos do Messias, um temporal como homem, e outro eterno como Deus: o temporal como homem: *Ex te enim exiet dux, qui regat populum* (Math. II, 6): o eterno como Deus: *Et egressus ejus ab initio, a diebus æternitatis* (Mich. V, 2). E os aduladores o que fizeram? Calaram totalmente o segundo nascimento, e só fizeram menção do primeiro, com o que enganado Herodes, e suppondo que o nascido em Belem era sómente homem, e não Deus, entendeu que o podia matar; e assim se deliberou á morte dos Innocentes. » (Vieira).

Herodes indaga circumstanciadamente dos tres sabios orientaes em que dia, e de que modo lhes havia apparecido a estrella. Ouvidas as novas informações, anima astuto e perverso os mensageiros a proseguirem viagem, e recommenda-lhes que, encontrando o abençoado berço, voltem a dar-lhe parte, a fim de tambem o ir adorar. Os tres sabios chegam a Belem, acham o Menino, n'um presépe, velado por José e Maria; prostram-se, adoram-n'o, offerecem-lhe como a Rei, oiro; como a Deus, incenso; como a homem, myrrha; e na vespera de se tornarem para suas terras, recebem aviso do ceu, que tomem caminho diverso do de Jerusalem.

Aos quarenta dias do nascimento do Infante, Maria e José o apresentam ao Senhor no templo de Jerusalem, de conformidade com o preceito da lei mosaica. Alli um venerando velho, de nome Simeão, que desde muitos annos implorava a Deus a consolação de Israel, o promettido Messias, toma nos braços o Menino, e proclama-o Salvador, exclamando:

«Agora, Senhor, já póde o vosso servo morrer em paz; viu cumprida a celeste palavra, viram seus olhos o vosso Filho, Salvador nosso!»

E voltando-se para Maria, sua Mãe, lhe diz:

«Este teu filho será ruina e resurreição de muitos em Israel, e alvo da contradicção dos maus; traspassará a tua alma uma espada de dôr, pelos males que lhe farão soffrer, porque Deus o abandonará ao arbitrio dos homens.»

A velha Prophetisa Anna, que vivia no templo, prorompe tambem em louvores ao Menino, exaltando-o como supremo Creador do ceu e da terra.

Mais tarde, tendo Herodes visto que os Magos não voltavam, accendeu-se-lhe na alma inaudita furia; e aterrado com os perigos que suppunha provirem do Infante-Rei ao proprio sceptro que elle empunhava, promulgou edicto cruel, mandando degolar todos os meninos de menos de dois annos, para entre elles perecer o nascido em Belem.

A nova d'esta carnificina, a que succumbiram milhares de innocentes, voou da Judéa a Roma, horrorisando ao proprio Augusto.

José, avisado em sonhos pelo Anjo, foge com o Menino e sua Mãe para o Egypto.

Passados sete annos, fallecido Herodes, volta á terra de Israel, procurando a Galiléa, por temor de Archelau, successor do tyranno, e permanece em sua antiga residencia, na cidade de Nazareth.

A obscura adolescencia de Jesus, deslisada na officina de um carpinteiro, é irradiada por uma subita manifestação.

Seus Paes, em cumprimento da lei do Senhor, vão, segundo o costume, a Jerusalem assistir á festa da Paschoa.

No anno duodecimo do Menino, ao voltarem d'esta sua romaria, dão no caminho pela falta d'elle, procuram-n'o, e não o encontrando, tornam anciosos e consternados a Jerusalem, onde, após tres dias, o acham disputando com os doutores no templo.

«Filho, lhe diz sua Mãe, porque nos fizeste isto?»

«Não sabeis, respondeu o Menino, que me devo occupar das cousas que pertencem ao serviço de meu Pae?»

E saindo do templo, deixando os doutores pasmados da sua sabedoria, voltou para Nazareth com seus Paes, em cuja obediencia se conservou [1].

[1] São uniformes e tradicionaes as feições de Jesus Christo, o mais formoso dos homens, e que David pintára como *mais que todos os homens especioso;* entretanto não é nos livros sagrados

No trigesimo anno do Filho de Maria, decimo quarto do imperio de Tiberio Cesar, sendo Principes do sacerdocio em Jerusalem Annás e Caiphás, levanta-se um grande rumor no deserto de Judéa e nas vizinhanças do Jordão.

João, o Precursor, filho de Zacharias e Izabel, transportado desde a infancia pelo Espirito á solidão do deserto, proclama o novo reino de Deus, préga o baptismo da penitencia, a todos lava nas aguas do Jordão, prenuncia o comparecimento do esperado Messias; alguns dias depois, com a mão estendida sobre um obscuro concorrente, que lhe pede o baptismo, brada:

«Eis-aqui o Cordeiro de Deus, que tira os peccados do mundo! Este não baptisará na agua, como eu, mas no Espirito Santo, e no fogo do amor divino.»

Aquelle obscuro concorrente ao baptismo era Jesus, o qual para logo se prostrou em oração; então se abriu o Ceu, e sobre elle desceu o Espirito Santo na forma de uma pomba, e ouviu-se uma voz celestial dizendo-lhe:

«Em ti me comprazo, dilecto Filho meu!»

É dada a hora! A divina missão de Jesus Christo começa a rasgar luminosos horisontes. O deserto, o jejum, e a oração de quarenta dias e quarenta noites são os preparativos do Enviado de Deus. Debalde procura o principe das trevas tenta-lo com todas as terrestres seducções. Jesus o faz retroceder, dizendo-lhe:

«Vae-te, Satan. Não tentarás o Senhor teu Deus. Has de adorar o Senhor teu Deus, e só a Elle has de servir.»

Triumphante das tentações infernaes, segue Jesus para Galiléa, onde, aos olhos de todos, desvenda o mysterio da sua missão divina.

A machina do velho mundo começa a ranger e desmoronar-se.

O Baptista, muitas vezes interrogado pelos Sacerdotes e Levitas, se era elle o Christo, responde e affirma que esta gloria lhe não cabe, mas sim a Jesus, o Desejado das gentes, sobre o qual viu descer o Espirito Santo, acompanhado do oraculo divino, e conclue: «*Et ego vidi et testimonium perhibui, quia hic est Filius Dei*».

Nem um prodigio publico havia ainda assignalado os passos do Redemptor; e o primeiro que elle opera é em homenagem ás brandas instancias de sua Mãe. Convidados a um festim nupcial em Caná da Galiléa, vae o Filho do Homem con-

que se acha essa descripção. Não será, porém, descabido transcrever aqui o que a tal respeito disseram Santa Brigida, nas suas Revelações, Publio Lentulo, proconsul em Judéa, n'uma carta escripta ao senado, no tempo em que o Senhor prégava, e Nicephoro na sua *Historia Ecclesiastica*.

Santa Brigida exprime-se assim:

«Com sua vista eram os bons cheios de consolação espiritual, e até os maus eram livres da tristeza do mundo, emquanto tinham os olhos n'elle. Aos vinte annos foi perfeito na grandeza e fortaleza de homem. Seu corpo seria como o maior entre os homens de meã estatura d'estes tempos. Não era carnoso, mas corpulento de nervos e ossos; o cabello e barba, loura: esta nem muito larga, nem muito comprida, mas graciosamente moderada; a testa nem muito levantada, nem muito caída, mas direita; o nariz igual, e de meia proporção; os olhos tão claros e puros, que até seus inimigos se deleitavam em os ver; os beiços vermelhos, e não grossos, mas claros; as faces decentemente cheias de carne; a côr branca corada; o corpo direito, e em todo elle não havia mancha alguma, como testemunhavam os que o viram despido atado á columna.»

Podemos accrescentar o em que a Senhora não fallou: da carta de Lentulo: que o cabello era liso até quasi á orelha, e para baixo crespo, apartado com canal pelo meio da cabeça a uso Nazareno; a barba partida; os olhos garços entre verdes; que nunca foi visto rir: chorar sim: e do retrato de Nicephoro (que elle diz faz por tradição dos mais antigos): que as sobrancelhas eram negras e arqueadas. Os olhos tiravam a garços; nunca navalha tocou sua cabeça, nem outra mão senão a de sua Mãe, quando era pequeno; o pescoço não era muito levantado, de maneira que a presença fosse ardua; o rosto nem redondo, nem comprido; todo parecido a sua immaculada Mãe.

sagrar com a sua presença as alegrias do matrimonio. Chega a hora do banquete, começam os brindes, e falta o vinho; grande tristeza nos convivas: a tristeza muda-se em alegria: Jesus converte a agua em vinho precioso.

Depois de alguma demora em Capharnaum, sobe a Jerusalem, prohibe o transito publico por dentro das dependencias do templo, e pratica outros actos de autoridade, que exacerbam os scribas e phariseus, que o interrogam, e a quem responde:

«Perguntaes-me qual o meu poder! Derrubae este templo, e eu em tres dias o reedificarei.»

Murmuração.

Não comprehendem os nescios que Jesus fallava do templo mystico de seu corpo, que tres dias depois de sepultado havia de resurgir.

O senador Nicodemus procura ter um colloquio nocturno com Jesus, que lhe abre os arcanos da nova era, que para o mundo vae surgir. O velho phariseu não resiste á palavra prodigiosa do joven Mestre. Desde aquelle momento se torna discipulo occulto seu.

João continua a baptisar, e a prégar o novo reino; não cessa de affirmar que o Messias já se acha entre os homens; explica a missão e divina estirpe do Redemptor. Mas é a missão do Precursor que se approxima do seu termo. Um incestuoso coroado lança-o em carcere para castigo da liberdade, com que lhe exprobra o criminoso commercio com a mulher de seu irmão.

Sabendo a prisão do Baptista, sae o Nazareno em demanda da Galiléa. No caminho converte a samaritana junto ao poço de Jacob. A conversão estrondosa d'esta mulher traz após si novas conversões entre os povos da Samaria.

Chega a Galiléa, onde as turbas o recebem com veneração e jubilo, por terem presenceado em Jerusalem, na festa da Paschoa, todas as maravilhas que operava.

Torna a Caná, onde ainda retumba a fama do seu primeiro prodigio. Ahi pratica outro. Tem o Regulo de Capharnaum um filho moribundo, e sabendo o afflicto pae que Jesus chegára a Caná, corre a supplicar-lhe que acuda ao misero, e Jesus lhe responde:

«Volta, teu filho está salvo.»

Assim era; e toda essa familia, em presença do milagre, abraça a lei de Christo.

Passeiando ao largo do mar da Galiléa, vê Jesus os dois irmãos Simão e André, pouco depois Thiago e João, tambem pescadores, e diz-lhes:

«Deixae as redes; far-vos-hei pescadores de homens.»

Seguem-n'o.

Vae a Capharnaum, annuncia na synagoga sua divina missão; expelle do corpo de um possesso o demonio, a quem impõe silencio.

Dá saude á sogra de Simão Pedro, que ardia em febre mortal; cura outros enfermos; expulsa outros espiritos maus, que fogem gritando:

«Tu és o Filho de Deus.»

Manda que se calem; obedecem.

Debalde procura o deserto para dar-se á oração. Lá correm as turbas a busca-lo, e á frente d'ellas vae de cidade em cidade, prégando o reino de Deus, derramando beneficios e prodigios.

Ao pôr do sol atravessa para o lado opposto do lado de Genesareth; entra na barca de Pedro, e adormece na pôpa; improvisa tempestade ameaça de submer-

gir barca e barqueiros, que aterrados o acordam; Jesus ergue-se, estende a dextra, e ordena ao mar e aos ventos que se acalmem. Restabelecida a serenidade, vae com os doze ao paiz de Genesareth; salta em terra; sae-lhe ao encontro um misero desde muito possuido e atormentado do domonio; prostra-se-lhe aos pés, exclamando em voz alta:

« Jesus, Filho do Altissimo, que mal te fiz eu? »

Era o demonio, que prestes a saír d'aquelle corpo pede a Jesus que o não expulse.

« Como te chamas? » Perguntou-lhe Jesus.

« Chamo-me Legião. » Respondeu o maioral; porque muitos eram os espiritos maus que atormentavam o homem.

E vendo que não podem resistir a Jesus, supplicam-lhe que os não mande para os abysmos. Permitte Jesus que vão metter-se nos corpos de animaes immundos, que por alli pastam. A manada corre furiosa, e precipita-se no lago. Os guardadores fogem espavoridos, e contam por toda a parte o prodigio. Os genesareus pedem a Jesus que se retire de suas terras, pelo terror que seus milagres causavam.

Volta Jesus a Capharnaum, onde encontra phariseus e doutores da lei vindos de diversas partes; patenteia-lhes suas doutrinas, cura um paralytico, sara enfermos, e perdoa a muitos peccadores. Rugem confundidos os phariseus.

Escapando-se das turbas, vê Jesus sentado no telonio a Levi de Alfeu, principe dos publicanos, chamado Matheus, e passando por elle, diz-lhe:

« Segue-me. »

Matheus o segue, e logo o convida para um banquete, a que assistem muitos publicanos.

Scribas e phariseus tomam d'isto grande escandalo, fazendo acerbas accusações a Jesus, o qual lhes responde:

« Não me trouxeram á terra os justos, mas sim os peccadores. »

Justifica em presença dos mesmos phariseus os seus discipulos, por haverem no sabbado colhido umas espigas.

É chamado para salvar da extrema agonia a filha de Jairo, chefe da synagoga; segue para a casa d'elle. Em caminho, uma mulher desde doze annos doentissima, ouvindo dizer que Jesus vae passando, procura timidamente acercar-se d'elle, e sem que ninguem a veja, toca-lhe na fimbria da tunica, e no mesmo instante fica restabelecida.

Não longe da casa vem ter com Jairo um mensageiro a dar-lhe parte de que sua filha tinha fallecido; e Jesus, voltando-se para elle, diz-lhe:

« Não temas, tem fé. »

Com effeito, chegam, mostram o cadaver da menina a Jesus, o qual em presença de todos a faz resuscitar. Debalde impõe silencio sobre esta maravilha; a fama vôa, e com ella o assombro das multidões enthusiastas.

Sae Jesus, e os phariseus o seguem estupefactos e taciturnos.

A dois cegos que lhe imploram piedade, é restituida a vista.

Apresenta-se-lhe em seguida um possesso mudo; Jesus expelle o demonio, e faz o homem fallar. Os phariseus sussurram de inveja e raiva. Jesus os confunde, e marcha para Jerusalem, a fim de assistir á segunda Paschoa.

Vae á Piscina Probatica; encontra alli entre os muitos enfermos um homem, que havia trinta e oito annos jazia paralytico e atormentado de dores; fita-lhe olhos

compassivos; pergunta-lhe se quer ser curado, e ouvindo a sua humilde resposta, diz-lhe:

«Toma o teu catre, e vae-te.»

Surge o homem; põe o grabato ás costas, e caminha vigoroso.

Novos rumores, novos gritos de escandalo, porque Jesus faz tão estrondosa cura no sabbado, contra as prohibições da lei. Jesus responde á hypocrita malicia dos scribas e phariseus, repetindo obras de misericordia e caridade: cura na porta do templo a mão resequida de um homem.

Tão sublimes provas de omnipotencia, tantos e tão repetidos portentos não podem deixar de pôr em relevo a divindade de Jesus, que, furtando-se a applausos, só tem em mira crear no mundo o reino de Deus, e proclamar o codigo redemptor.

Ao caír da tarde sobe Jesus a um monte para fazer oração.

Passa a noite orando ao Eterno Pae. Pela manhã convoca seus discipulos, e elege doze entre elles, que denomina Apostolos, ou ministros especiaes do seu Evangelho. São elles: Pedro, André, João, Bartholomeu, Filippe, Matheus, Thomé, Thiago, filho de Alfeu; e Simão, chamado Zelotes; Judas, irmão de Thiago, e Judas Iscariotes. A todos confere o poder de curar enfermos e expulsar demonios.

Vae depois com elles á planicie que fica nos confins da Judéa e de Jerusalem, de Tyro e de Sidonia, onde o esperam as turbas para ouvirem seus oraculos e receberem os beneficios de sua divinal munificencia.

Chega Jesus; os enfermos se levantam. Sobe ao monte com seus discipulos, e lá divulga o thesouro das Bemaventuranças, consolação dos attribulados, corôa da mansidão, da paciencia e do amor dos inimigos; modelo para todas as legislações.

Continúa Jesus a sua marcha triumphal. Ao entrar na cidade, encontra um leproso, cura-o. Para livrar-se da multidão, procura de novo o deserto, e lá o buscam.

Torna a Capharnaum, onde restitue a saude a um servo do centurião. Dirige-se á cidade de Naim, em cuja entrada resuscita o filho de uma viuva inconsolavel, que ia ser sepultado. As turbas, assombradas do milagre, applaudem Jesus como um grande Propheta, enviado por Deus para visitar o seu povo.

O Baptista emtanto exulta entre os ferros da prisão com os triumphos do Divino Mestre, e para contemporisar com as duvidas de seus discipulos, que insistem em perguntar-lhe se Jesus era o verdadeiro Messias, manda-os ter com Elle, a fim de se certificarem da verdade.

Vão; fallam a Jesus em nome do Baptista; Jesus lhes responde:

«Referi a João o que acabaes de ver e ouvir; dizei-lhe que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos purificam-se, os surdos ouvem, os mortos resuscitam, o Evangelho é annunciado aos pobres.»

Faz Jesus o elogio do Baptista; esta setta fere o coração dos phariseus, que, ora inimigos de João, ora de Christo, se mostram obstinados detractores da severa austeridade do primeiro, e das divinas condescendencias do segundo.

Convida-o um phariseu para jantar em sua casa. No meio do banquete entra uma *mulher peccadora na cidade*. Era Maria Magdalena. Prostra-se aos pés de Jesus, derrama sobre elles um vaso de precioso perfume, beija-os humildemente, banha-os de lagrimas, enchuga-os com os cabellos. O phariseu, que sabe a vida desregrada da mulher, murmura, estranha lá comsigo que Jesus, inculcando-se

omnisciente, não a conheça. Mas Jesus, que lhe penetra nas hypocritas cogitações, confunde-o com uma parabola, que propõe; louva a acção meritoria de Magdalena, a quem *perdoa seus muitos peccados, porque profundo fôra seu arrependimento.*

Os povos o seguem por toda a parte: não ha canto d'aquella terra, não ha praia d'aquelle mar, não ha encostas d'aquelles montes, não ha recesso d'aquelles desertos, que não estremeça com os eccos da palavra santa, com o brado dos triumphos assombrosos do divino Redemptor.

Em parabolas sublimes, mas singelas e naturaes, ensina a sua doutrina aos povos.

Do aspecto do mar da Galiléa tira a parabola da grande rede, com que compára o reino do ceu.

Da presença dos campos preparados e amanhados tira a parabola do semeador, e da sorte vária da semente lançada.

Dos vergeis floridos tira a parabola do joio, que nasce e medra confundido com o trigo até a colheita.

Das veigas fertilissimas, onde pastam os rebanhos, tira a parabola da ovelha perdida, cujo desgarro tantas angustias causa ao pastor amante.

Assim, em transparentes veus, ensina aos pobres de espirito os juizos occultos da Divindade, as misericordias celestes para com os arrependidos.

Aos sabios, porém, do judaismo prepara mais esplendidas manifestações. Na synagoga, em meio dos mais astutos doutores da lei, no dia solemne do sabbado, n'aquella cidade de Nazareth, que o tinha visto crescer no silencio e no total afastamento dos negocios terrestres, Jesus falla com a magestade de um Deus; renova todos os vaticinios de Isaias referentes ao Verbo Encarnado; declara-se francamente enviado do Altissimo, para restaurar tudo; préga as redempções eternas e as eternas recompensas.

Acclamações das turbas, rugidos de colera dos scribas. Levantam-se arruidos e tumultos. Os turbulentos, instigados pelos scribas, arrastam Jesus para fóra do templo, levam-n'o a um alto monte, para de lá o precipitarem; mas Jesus lhes escapa das mãos e desapparece.

A sua hora não havia soado.

Mas havia soado a do seu Precursor! Era o dia anniversario de Herodes Antipas; esplendido o festim real. Salomé tinha dansado com tão elegante desenvoltura, que o incestuoso Tetrarcha, n'um rapto de enthusiasmo sensual, lhe promette com juramento fazer tudo o que ella pedir. A esta promessa, improvisa alegria flammeja nos olhos da tigre, que se chame Herodias; segreda uma palavra feral ao ouvido da filha; a filha a transmitte a Herodes. Herodes estremece; rapida tristeza lhe anuvia o rosto, por causa do juramento. Embora! Dá signal de acquiescencia, e dentro em pouco entra na radiante sala a cabeça do Baptista gotejando sangue, em uma salva! O horrendo tropheu é entregue á bailarina, que, exultando, com elle presenteia a mãe [1].

Os discipulos de João tomam o seu mutilado corpo; dão-lhe sepultura, e transmittem a noticia a Jesus, que logo se retira para a Galiléa. Ahi conforta os seus

[1] Diz a tradição que Herodias crivára de alfinetadas a lingua do Precursor, a exemplo do que fizera a mulher de Marco Antonio á lingua de Cicero.

Apostolos, confirma-lhes o poder sobre os demonios, falla-lhes dos futuros perigos que os aguardam na propagação da nova doutrina; mas diz-lhes que os hão de vencer. Manda os mesmos Apostolos e os setenta e dois discipulos a prégar o reino de Deus pelas villas e cidades. Dá-lhes as devidas instrucções. Assegura-lhes que seus nomes estão escriptos no ceu. Annuncia as calamidades das cidades impenitentes. Dá graças ao Eterno Pae por haver manifestado os mysterios aos humildes, occultando-os aos soberbos.

Tentado por um doutor da lei, lhe recorda e recommenda os dois preceitos do amor de Deus e do proximo. Define-lhe o amor do proximo com a parabola do samaritano, despojado e ferido na estrada pelos ladrões.

Escandalisam-se os phariseus de que os Apostolos comam sem purificarem as mãos. Jesus os defende, e censura que os phariseus prefiram suas tradições erroneas aos preceitos da lei. Ensina quaes as cousas que mancham o homem aos olhos de Deus, que são o homicidio, a concupiscencia, a soberba e a inveja.

Passa Jesus aos confins de Tyro e Sidonia. Procura occultar-se; é, porém, conhecido por certa mulher cananéa, que lhe implora com muitas instancias o allivio de uma filha, que padece vexações do demonio.

Attende ás suas rogativas, em face de sua grande fé.

Volta para a Galiléa pelo paiz chamado *Decapoli,* que comprehende dez cidades. Cura um miseravel surdo-mudo.

Em Bethsaida, patria de Pedro e André, restitue a vista a um cego, a quem recommenda que não diga como nem por quem foi curado.

Prescreve Jesus o amor aos inimigos. Diz que não é virtude amarmos aos que nos amam; mas fazermos todo o bem aos que nos fazem mal. Acham os discipulos duro este preceito; Jesus os convence de que no sacrificio do amor proprio e das paixões orgulhosas está o triumpho heroico da caridade.

Estabelece as regras da correcção fraterna; declara pagão e reprobo o que não ouvir e respeitar os preceitos da Egreja.

Propõe a seus Apostolos a verdadeira forma de orar a Deus, instituindo o *Padre Nosso.* Continua a instrui-los sobre a materia da oração. Livra um possesso que, por maleficio do demonio, se achava mudo.

Proclama bemaventurados os que ouvem e observam a palavra divina. Os judeus lhe pedem algum novo prodigio; recusa, limitando-se a lembrar-lhes o que foi figurado na pessoa do Propheta Jonas.

Proclama a unidade e indissolubilidade do matrimonio. Declara adultero o que na constancia do primeiro vinculo passa a segundas nupcias. Refuta as objecções dos judeus ácerca do repudio autorisado por Moysés, dizendo que tal excepção fôra devida á dureza do coração dos hebreus; mas que até o tempo de Moysés a união conjugal fôra indissoluvel.

Recommenda a esmola como grande meio de salvação. Declara que quem não fizer penitencia, perecerá eternamente. Propõe a este respeito a parabola da figueira. Sara uma mulher possessa e atormentada do demonio. Propõe a parabola do grão de mostarda e do fermento.

Annuncia a condemnação dos falsos justos. Caracterisa os ardis da hypocrisia na parabola do phariseu e do publicano orando no templo.

Aconselha a um mancebo de grandes posses que, se quizer chegar á perfeição, distribua seus bens com os pobres. O mancebo se entristece. Da sua tristeza

tira Jesus motivo para discorrer sobre a difficuldade de um rico entrar no reino dos ceus.

Declara Jesus aos judeus que Elle é o pão da vida, que desceu do ceu; rompem os judeus em grandes murmurações. Explica Jesus o sentido de suas palavras; novas discussões dos judeus entre si, por causa do modo diverso por que cada um as interpreta. Conclue Jesus com dizer-lhes que a sua carne é o verdadeiro manjar, e seu sangue a verdadeira bebida; que quem não comer a sua carne, nem beber o seu sangue, não entrará na Bemaventurança.

Esta formal declaração escandalisa a muitos dos seus proprios discipulos, por não comprehenderem o mysterio. Jesus os instrue, e elles permanecem fieis.

Previne-os da iniquidade de Judas.

Renova e confirma todos os preceitos moraes do Decalogo. Qualifica de contradictorios os judeus, porque, ao passo que affectam grande afferro a Moysés, procuram tirar a vida ao Messias, de quem o mesmo Moysés fallou com a veneração constante das Escripturas. Diz-lhes por fim que Moysés os ha de accusar diante de Deus por sua incredulidade e cegueira. Os judeus recrudescem de raiva, pela liberdade soberana com que o Mestre lhes lança em rosto seus crimes e vicios.

A fama de Jesus chega aos ouvidos do cruel degolador de João. Herodes, pae, havia tremido ao simples annuncio do nascimento de Jesus; o filho treme ao ouvir o brado de suas maravilhas! Este brado o perturba; as serpes do remorso lhe fazem crer que Jesus é o Baptista resuscitado: deseja vê-lo.

Jesus volta para o deserto, e ao deserto vão busca-lo mós de gente, que já não sabe viver longe de seu querido Propheta. Approxima-se a noite, estão as turbas exhaustas e famintas. Os Apostolos pedem providencias a Jesus, que lhes responde:

«Dae-lhes de comer.»

Observam que apenas ha cinco pães e dois peixes. Jesus levanta os olhos ao ceu, abençoa os pães e os peixes, que de repente se multiplicam em tantos, que matam a fome a cinco mil pessoas, e sobram.

Este prodigio é renovado n'outra occasião com igual apparato de magnificencia, a favor de quatro mil pessoas, não contando mulheres e meninos, que por espaço de tres dias acompanham Jesus. Depois d'este milagre, manda que seus discipulos se mettam na barca, e o vão esperar alem de Genesareth, em frente de Bethsaida.

Sobe a um monte; vae orar.

No curso da noite, lutam os Apostolos no alto mar com tremenda tempestade. Á quarta vigilia lobrigam Jesus caminhando tranquillo sobre as ondas em direcção ao periclitante baixel. Na sua consternação reputam-no um phantasma, que lhes duplica o terror. Tranquillisa-os; manda que Pedro desça da barca, e venha por sobre as aguas ter com Elle. Desce Pedro; vento em furia. Começa o Apostolo a sumir-se, e grita a Jesus que o salve. Jesus lhe exprobra a falta de fé; toma-o pela mão, e fa-lo entrar na barca. Acalma-se o vento e o mar se abonança.

«Quem é este que manda sobre mares e ventos?» bradam todos.

Vae Jesus para as partes de Cesaréa de Philippe; em hora de remanso e de conversação familiar pergunta a seus discipulos, que juizo formam d'elle os homens? Ouvidas as diversas respostas de cada um, exige que Pedro diga a sua opinião.

«Tu és Christo, Filho de Deus vivo,» responde Pedro.

Louva-lhe Jesus a fé, e promette entregar-lhe as chaves do reino dos ceus, com todo o poder de ligar e desligar sobre a terra; e accrescenta que as portas do inferno serão impotentes contra a Egreja, que Elle ha de edificar sobre os hombros de Pedro.

Os phariseus, na sêde insaciavel de colher Jesus em contradições, vão ao templo, apresentam-lhe uma adultera, e pedem-lhe que a mande castigar, na forma da lei de Moysés. Recebe-os em silencio, e para enreda-los em seus proprios laços, escreve na terra:

«Atire-lhe a primeira pedra o que se achar sem culpa.»

Correm a ler, recuam de espanto, olham uns para os outros, como quem pergunta qual de entre tantos poderá apedrejar a adultera; e a unica resposta é saírem todos uns após outros, sem mais trocarem palavras.

Volta-se depois Jesus para a mulher, pergunta-lhe pelos seus accusadores, e respondendo-lhe que haviam desapparecido, diz-lhe Jesus:

«Tambem Eu te não condemnarei; não peques mais; vae em paz.»

Approxima-se o termo final da vida terrestre de Jesus. As iras de seus inimigos recrudescem; a situação do divino Mestre começa a tornar-se terrivel.

Julga chegado o tempo de preparar os animos santamente rudes de seus Apostolos; e pois, não já em parabolas, mas de modo claro e positivo, lhes annuncia ser necessario que o Filho do Homem padeça muito.

«Quem quizer seguir-me, diz a todos, e participar de minha gloria, negue-se a si mesmo, tome a sua Cruz, e acompanhe-me nas minhas humilhações e trabalhos!»

Declara que se alguem se envergonhar de o confessar diante dos homens, tambem o Filho do Homem o não reconhecerá na presença de seu Eterno Pae. Tremenda ameaça!

Resolve antes de padecer, premunir, pelas glorias de sua transfiguração, a fé dos Apostolos. Toma comsigo a Pedro, Thiago e João, e sobe ao monte Thabor. Ahi seu rosto se transfigura, seus vestidos alvejam como neve, e resplandecem. E na mesma hora apparecem Moysés e Elias praticando com Jesus; Moysés, que representa a lei; Elias, os oraculos. Em tudo mostra que não veiu destruir a lei, nem as prophecias, antes confirma-las.

Pedro e os dois companheiros dormiam; ao despertarem, vêem Jesus na sua gloriosa transfiguração, e os dois varões que estão com Elle. E ao quererem estes ausentar-se do Redemptor, disse Pedro:

«Mestre, nós aqui estamos bem; façamos, pois, tres tabernaculos, um para vós, outro para Moysés, outro para Elias.»

Pedro ignorava o mysterio; pensava que Moysés e Elias precisavam d'estes abrigos contra as injurias do tempo. Quando ainda fallavam, apparece uma nuvem que os envolve, e da qual sae uma voz dizendo:

«Este é o meu Filho amado: escutae-o.»

Ordena aos Apostolos que não divulguem o que presencearam, senão depois da sua resurreição.

Descem do monte Thabor: grande multidão de povo cerca Jesus. Sae das turbas um homem, quasi em delirio, que lhe pede em altas vozes ponha olhos de compaixão sobre seu unico filho, horrivelmente atormentado do espirito maligno; diz que debalde recorrêra aos Apostolos para o expulsarem.

Sabendo Jesus que aquella impotencia dos Apostolos em expellir o demonio era n'elles o effeito da fraqueza da fé e da incredulidade d'aquelle homem, e da malignidade dos doutores da lei alli presentes, reprehende a todos, dizendo:

«Ó geração incredula e depravada! Até quando estarei comvosco, e terei de soffrer-vos.»

Manda que se approxime o possesso. Ao chegar aos pés de Jesus estrebuxa em grandes convulsões. Ordena ao espirito immundo que saia do corpo do mancebo, o qual no mesmo instante é entregue ao pae, são e salvo.

Admiram todos os circumstantes o grande poder de que o Messias se acha revestido. Os phariseus rangem os dentes. Os Apostolos exultam com os triumphos do divino Mestre. Mas Jesus para contrapesar no espirito dos Apostolos o resplen dor de sua gloria presente com a ignominia das suas humilhações proximas, diz lhes:

«Attendei bem ao que vou observar-vos. O Filho do Homem, tão glorificado pelo milagre que lhe vedes praticar, vae ser em Jerusalem entregue nas mãos dos peccadores, para ser escarnecido, açoutado, e morto n'um madeiro affrontoso.»

Não comprehendem os Apostolos o sentido d'estas palavras, e longe de se importarem com as humilhações do Mestre divino, travam disputa entre si sobre qual d'entre elles seria maior.

Jesus, para abater-lhes a soberba, toma um menino, symbolo da humildade, e diz:

«Quem receber em meu nome este pequenino, ou outro similhante, recebe a mim proprio e Aquelle que me enviou. E pois, o que for entre vós o menor será o maior no reino dos ceus.»

Põe-se Jesus a caminho para Jerusalem, onde deve ser consummado o sacrificio da Redempção. Manda adiante seus discipulos preparem-lhe hospedagem. Entram em uma cidade da Samaria; os moradores, ouvindo que Jesus se aproxima, recusam-lhe entrada, por saberem que vae celebrar a Paschoa em Jerusalem, e não no monte Garisim, onde pretendem ser o unico logar proprio para se adorar a Deus.

Então os dois discipulos Thiago e João pedem a Jesus que, em castigo de tal injuria, faça descer fogo do ceu sobre aquella cidade. Jesus reprehende-os por não comprehenderem o fim da missão do Filho do Homem, que veiu ao mundo salvar e não perder.

Partem para outro logar, atravessando o coração da Samaria e da Galiléa. Em frente de um castello cura dez leprosos, que supplices o buscam. Manda que vão apresentar-se ao Sacerdote, conforme a lei, e depois voltem. Só um, que era samaritano, tornou. Pondera então Jesus quão raro é o reconhecimento dos beneficios!

Entra em Jericó. Ha ahi um homem rico, principe dos publicanos, que deseja conhecer; mas, por ser muito pequeno em estatura, sobe a um sicómoro a fim de o poder ver. Diz-lhe Jesus que desça prestes, porque deseja hospedar-se em sua casa. Desce Zacheu e recebe-o com alegria. Todos murmuram de que Jesus se hospede em casa de um peccador. Faz-lhe Zacheu sincera confissão de sua vida. Diz-lhe Jesus que n'aquelle dia entrou a salvação em sua casa; porque o Filho do Homem veiu buscar e salvar todo o perdido. Propõe depois a parabola dos dez dinheiros.

Parte de Jericó acompanhado de grande multidão. Um cego, que mendiga na estrada, ouvindo que o Nazareno passava, reconhece-o por filho de David, e pede que o cure. O Nazareno compadece-se, e outorga-lhe a vista.

Chega a Jerusalem, onde entra sem ser presentido. No dia da festa, amigos e inimigos perguntam por Elle; os primeiros por amor, os segundos por desejo de contradize-lo. Não ignora as machinações dos phariseus e dos scribas; todavia, fiel á sua missão, entra no templo, onde é logo interrogado.

Confirma a sua origem divina entre as vociferações dos conjurados contra sua Pessoa; exprobra-lhes a obstinação, declara-lhes que quando *Elle for exaltado á Cruz, todas as nações hão de conhecer que é Elle o Filho de Deus.* Muitos se convencem de seus discursos, outros lançam mão de pedras, e tentam prende-lo, mas escapa-lhes.

Ás calumnias e conjurações dos phariseus oppõe obras de beneficencia e prodigios.

Passeiando um dia de sabbado, com seus discipulos, pelo valle de Siloé, dá vista a um cego de nascença, que alli mendiga.

Nova celeuma dos judeus contra Jesus, a quem chamam violador da lei de Moysés. Procedem estes a um minucioso inquerito, que todo redunda em honra do divino Redemptor.

Conhecendo Jesus que os phariseus procuram prende-lo, retira-se para a outra banda do Jordão. Por toda a parte o precede a fama de seus milagres. As turbas correm a ouvir de seus labios a lei da Redempção. Todos admiram a suavidade de sua indole radiante de celeste formosura. A todos encanta a sabedoria de suas phrases.

Lá mesmo encontra vastas ramificações das diversas seitas que retalhavam o judaismo. Refuta e confunde os embustes.

Muitos, em presença de tantas maravilhas, reconhecem-lhe a divindade, e acceitam suas doutrinas.

Adoece Lazaro, e morre em Betania. Alli chega Jesus quatro dias depois. Queixam-se-lhe de sua ausencia Martha e Maria, irmãs de Lazaro. Sente Jesus grande commoção, e chora, com admiração dos circumstantes. Pergunta onde jaz o cadaver. Vae ao sepulchro; manda afastar a pedra que o tapava; levanta os olhos ao ceu, e resuscita o defunto.

Á vista d'este milagre, muitos dos judeus que tinham vindo dar pezames ás irmãs de Lazaro, acreditam em Jesus. Outros correm para Jerusalem a informar os phariseus do estupendo successo, e da sensação que produziu.

Redobram os phariseus de inveja e furor. Reunem-se em grande conselho. Opinam que o impostor deve ser quanto antes punido; aliás, por seus prodigios, será acclamado Rei dos judeus, e attrahirá contra estes a ira dos romanos.

Outros se levantam e tomam a defeza de Jesus. Caiphás, Pontifice d'aquelle anno, declara ser necessario que um homem succumba, para que não succumba o povo inteiro. Prophetisa, sem pensar, que Jesus ha de perecer pela humanidade.

Desde aquelle dia resolvem o exterminio do Filho do Homem. Começa Jesus a occultar-se. Vae para uma região vizinha do deserto. Demora-se com seus discipulos na cidade de Efrem, até ao tempo em que havia determinado entregar-se a seus inimigos.

Seis dias antes da Paschoa volta Jesus a Betania.

Ahi lhe offerece Simão, o leproso, uma ceia, a que assistem Lazaro e Martha. Maria Magdalena, tomando uma porção de precioso balsamo, unge os pés de Jesus; alimpa-os com os seus cabellos, quebra o alabastro, derrama-lhe o nardo na cabeça; toda a casa rescende de fragrancia.

Judas Iscariotes murmura e lastima tamanho desperdicio em prejuizo dos pobres. Exprobra-lhe Jesus a hypocrisia; diz que em toda a parte onde soar a noticia d'esta acção de Magdalena, será ella abençoada.

Muitos judeus, ao saberem que está em Betania, vão vê-lo, a Elle, e ao seu resuscitado Lazaro. Por este motivo os Principes dos Sacerdotes tambem meditam tirar a vida ao irmão de Martha e Maria, visto como por sua causa muitos crêem no Messias.

No dia seguinte caminha Jesus para Jerusalem. Chegando ao Olivete monta n'um pequeno jumento, para se cumprir o que prophetisára Zacharias.

«Exulta, ó Filha de Sião! Aqui vem o teu Rei pacifico montado em um jumentinho!»

E as gentes que tinham vindo á festa da Paschoa, sabendo que Jesus caminha para Jerusalem, tomam ramos e flores, e juncando a estrada, partem ao seu encontro, dizendo em altas vozes:

«Hosanna ao Filho de David! Bemdito seja o que vem em nome do Senhor!»

Entra Jesus triumphante na cidade, e logo que penetra no templo lança fóra os vendilhões que alli encontra, dizendo que a casa de seu Pae é casa de oração, e não espelunca de ladrões.

Os phariseus attonitos e indignados com a entrada gloriosa de Jesus na cidade, dizem:

«Estamos perdidos! toda a gente segue este Homem!»

Os discipulos tomam a sua defeza, os phariseus pedem-lhe que os faça calar; Jesus responde que, se elles se calarem, clamarão as pedras.

Turbas e turbas de cegos, coxos e aleijados rodeiam o Divino Mestre, que a todos cura, a todos abençoa na presença de seus inimigos, que estalam de raiva. Os meninos o louvam; os gentios pedem aos discipulos que os apresentem a Jesus, o qual promette recompensas eternas aos que o seguirem; pede ao Pae glorifique o seu nome; de repente, ouve-se uma voz do Ceu que diz:

«Tenho-o glorificado, e de novo o glorificarei.»

As turbas ficam assombradas com esta voz. Uns dizem que foi trovão, outros, que algum Anjo fallára.

Todos estes prodigios exacerbam os phariseus, que por medo do povo não ousam pôr mão em Jesus, o qual por volta da tarde sae da cidade com seus doze discipulos para a Betania.

No dia seguinte torna Jesus para Jerusalem; sente fome; aproxima-se de uma figueira, que só tem folhas, amaldiçoa-a, e secca immediatamente. Admiraram-se os discipulos do milagre; Jesus lhes responde que, se tiverem fé verdadeira, maiores cousas farão em seu nome.

Entra no templo, prosegue nos seus ensinos. Os phariseus pedem-lhe os titulos do poder e da autoridade com que faz tantas obras estupendas. Jesus os enleia com uma pergunta que lhes dirige sobre a origem do baptismo de João. Prosegue em confundi-los com as parabolas da vinha e dos convidados para as bodas.

Emprehendem novamente os phariseus enredar Jesus em sophismas e palavras

capciosas. Mandam que alguns herodianos (dos exaltados contra o jugo estrangeiro) lhe perguntem se é licito pagar tributo a Cesar? Pede Jesus uma moeda, pergunta de quem era a effigie n'ella estampada; responde-se-lhe que é de Cesar. Pois bem, diz:

«Dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.»

Ouvem silenciosos, admiram a sabedoria d'esta resposta. Ausentam-se confundidos.

No dia seguinte desorienta os saduceus com a verdade da resurreição, convencendo-os de ignorantes das Santas Escripturas.

Os phariseus, sabendo que Jesus fizera calar os saduceus, reunem-se todos. Um doutor da lei pergunta-lhe qual é o grande mandamento d'ella? Responde-lhe Jesus que o primeiro é amar a Deus sobre todas as cousas; o segundo, amar ao proximo como a si mesmo. O scriba applaude a resposta de Jesus, que lhe diz:

«Não estás longe do reino do ceu.»

Confunde de novo os phariseus, perguntando-lhes quem Elle proprio era? E impõe-lhes silencio com o Psalmo de David, em que este chama a Jesus *seu Senhor*, e não seu Filho.

Em continuação ensina que, embora os scribas e phariseus estejam cheios de vicios, devem ser ouvidos, quando ensinarem na cadeira de Moysés. Recommenda, porém, que ninguem os imite na sua vaidade e hypocrisia; que só Christo é o verdadeiro Mestre, e que só a Deus, que está no ceu, devemos chamar Padre Nosso.

Ensina que o valor das obras consiste na intenção; diz isto a proposito das duas moedas, que vê uma pobre viuva lançar no gazophylacio do templo, na occasião em que outros depõem, por ostentação, grandes offertas.

Sae do templo; seus discipulos lhe chamam a attenção para a magnificencia do edificio; responde-lhes que de toda aquella estupenda fabrica não ficaria pedra sobre pedra.

Segue para o monte Olivete, face voltada para o templo; chegam-se a Elle os discipulos Pedro, Thiago, João e André, e perguntam-lhe em segredo quando succederão todas as calamidades por Elle vaticinadas, e quaes os signaes precursores? Jesus, rasgando o veu do futuro, pinta-lhes tudo o que ha de acontecer; descreve as heresias e seus effeitos; as guerras de nações contra nações; os terremotos e as pestes; a abominação da desolação assentada no logar santo; as perseguições e horrores que hão de pesar sobre Jerusalem; todas as tribulações dos ultimos dias; os signaes terriveis que hão de apparecer no sol, na lua e nas estrellas; as trevas que hão de cobrir a face da terra; as commoções das potencias do ceu; as estrellas precipitando-se sobre a terra; as consternações do mundo por causa dos bramidos do mar e das ondas; como os homens hão de morrer consumidos pelo terror e expectação do que está para vir ao universo; como apparecerá no ceu o signal do Filho do Homem, e como chorarão todas as tribus de Israel; como o Filho do Homem ha de descer sobre as nuvens com grande poder e magestade, precedido dos anjos embocando trombetas aos quatro ventos, de uma á outra extremidade do ceu, convocando o genero humano a juizo.

Conclue sua doutrina recommendando a prece e a vigilancia para nos fazermos dignos de nos apresentar sem temor ante o Filho do Homem. Propõe a parabola das dez virgens, assim como a dos talentos distribuidos pelos tres servos.

Após profundo meditar, diz Jesus aos discipulos que dentro de dois dias virá a Paschoa, e que o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.

Entretanto, os Principes dos Sacerdotes e os anciãos do povo proseguem na cogitação de todos os meios para lhe arrancarem a vida. Reunem-se em casa de Caiphás, resolvem que Jesus seja preso e morto na primeira opportunidade; mas que não seja isto no dia da festa, para não provocar tumulto.

Entra Satanaz no coração de Judas Iscariotes, que procura os Principes dos Sacerdotes e os magistrados, e promette entregar-lhes o Divino Mestre, se lhe derem boa paga. Ajustam o pacto por trinta dinheiros. Obriga-se a espreitar a primeira occasião opportuna de tudo executar, sem que se saiba.

Era a ultima Paschoa em que devia ser sacrificado o Cordeiro immortal, já immolado na expectação dos seculos desde o principio do mundo.

Jesus manda Pedro e João á cidade, que lhe preparem a ceia em uma casa no monte Sião. Por volta da tarde vae com os discipulos. Ao sentar-se á mesa diz-lhes que tinha desejado ardentemente comer com elles aquella ultima Paschoa. Depois lava-lhes os pés. Institue o Santo Sacramento da Eucharistia. Distribue seu corpo e sangue pelos discipulos. Prediz as negações de Pedro. Declara que um d'elles o ha de entregar a seus inimigos. (Profunda sensação nos Apostolos.) Sae Judas apressadamente do cenaculo para entender-se com os membros do synedrio. Exhorta Jesus aos onze a serem-lhe fieis. Ora por elles a seu Eterno Pae. Promette-lhes enviar o Espirito Santo para os fortalecer na fé.

Depois, entoando o hymno eucharistico, vae com os discipulos para o Jardim das Oliveiras. Lá recommenda-lhes que orem e vigiem para evitarem a tentação. Separa-se d'elles, vae a uma gruta vizinha, cae de joelhos em terra, ora, agonisa, pede a seu Pae que lhe afaste o calix da amargura, se tanto apraz á sua divina justiça; sua copioso sangue, apparece-lhe um Anjo do ceu, que o conforta. Tres vezes volve aos discipulos, como para lhes pedir consolação; encontra-os dormindo, acorda-os; queixa-se de que nem sequer uma hora possam velar com elle. Eis senão quando lhe brilha no pallido rosto a luz sinistra de uma lanterna.

« Levantae-vos, brada aos discipulos, levantae-vos! é chegada a hora do poder das trevas. »

Uma turba armada o cerca, um dos malvados dá-lhe um beijo na face. Era o beijo de Judas!...

Foge da mão a penna!... Quem poderá descrever os terriveis episodios das vinte horas que se seguiram áquelle beijo?!...

Dezenove seculos ainda não comprehenderam as tremendas paginas que têem por epigraphe:

« *Passio Domini nostri Jesu Christi!*

Jesus é, pois, cercado por uma cohorte desenfreiada. Os satellites do judaismo amarram-lhe as mãos com duas cordas, arrastam-n'o pela torrente Cedron até a casa de Annás, que o interroga com aspereza sobre a sua missão. Responde Jesus que a sua doutrina é conhecida, que sempre a ensinára em publico. A esta resposta corresponde uma bofetada, que lhe dá na face um dos servos do Pontifice. Pergunta-lhe Jesus porque o maltrata, sem tê-lo offendido?

Annás o remette a Caiphás, que, depois de ouvi-lo, declara-o réu de morte, pelo crime de blasfemia. Durante toda aquella noite soffre as maiores ignominias e affrontas da soldadesca. Pedro, perguntado sobre as suas relações com Jesus,

nega-o tres vezes. Advertido pelo canto do gallo, arrepende-se e chora amargamente.

Ao romper do dia sabe Judas que Jesus fôra condemnado á morte. No auge do seu desespero enforca-se.

Entretanto é Jesus enviado ao presidente romano para confirmar a sentença do Summo Sacerdote. Pilatos recebe o reu no seu pretorio. Inquire a causa da prisão; interroga-o muitas vezes, e declara que lhe não acha crime. A multidão instigada pelos scribas e phariseus brada contra a decisão. Pilatos, ouvindo que Jesus era Galileu, manda-o a Herodes, tetrarcha da Galiléa, que ora está em Jerusalem. Antipas alegra-se de o ver, deseja que Jesus faça algum milagre em sua presença. Jesus não lhe satisfaz a curiosidade: guarda profundo silencio. Herodes despeitado o escarnece com os da sua côrte, e manda vesti-lo de uma tunica branca, distinctivo dos loucos. Devolve-o a Pilatos no meio de insultos e apupadas. Crescem as hesitações do fraco procurador de Tiberio Cesar. A multidão sussurra e trôa em torno do pretorio. Pilatos, imaginando apaziguar-lhe a furia, ordena que Jesus seja açoutado: applausos das turbas. Os soldados, no meio das chufas e escarneos, mettem nas mãos de Jesus uma canna, põem-lhe na cabeça uma corôa de espinhos, e cobrem-n'o com um roto manto de purpura.

N'este estado lastimavel Pilatos apresenta Jesus ao povo, imaginando ainda mover-lhe a compaixão.

«Crucificae-o», prorompe em tempestuoso grito a immensa turba, «crucificae-o».

«Pois crucificae-o vós», responde Pilatos. Ahi o tendes.

Para logo atiram-lhe aos hombros chagados uma pesada Cruz. Fazem-n'o seguir para o Calvario, precedido e acompanhado de chusma feroz, que atrôa os ares com insultos a Jesus. No transito affrontoso cae tres vezes sob o peso do madeiro. Atormentado, ferido, exhausto, chega ao Golgotha, onde é crucificado entre dois ladrões, um dos quaes se converte á fé do divino padecente.

Durante tres horas de terrivel agonia deixa escapar dos labios moribundos sete mysteriosas palavras: pede ao Pae Eterno perdão para seus inimigos; promette o Paraiso ao bom ladrão; queixa-se de que seu Pae o desampare; entrega sua amorosa Mãe aos cuidados de João, discipulo amado; recommenda o espirito a seu Pae; diz que sente grande sêde, chegam-lhe aos labios uma esponja molhada em fel; dá um grande grito, dizendo:

«Tudo está consummado.» Inclina a cabeça, e expira!

O sol se cobre de espantoso eclipse, as trevas se derramam por toda a face da terra, que treme em convulsões medonhas; as pedras se despedaçam, as sepulturas se abrem, os mortos resuscitam; o veu do templo se rasga ao meio, como signal evidente de que a velha machina de quarenta seculos se desconjunta, para ser reconstruida em mais solidas bases! O centurião, ferido d'este espantoso espectaculo, reconhece a divindade sublime!

Depois de morto Jesus, pede José de Arimathéa seu divino corpo a Pilatos: envolve-o em fino lençol de linho, e deposita-o em um sepulchro novo, que tinha preparado para si.

Assim, Jesus, que teve berço n'um presepe alheio, teve tambem a sepultura n'um alheio sepulchro. Nem mesmo entre as inviolaveis sombras do tumulo, o seu divino corpo deixou de excitar as insaciaveis furias de seus inimigos, os quaes,

lembrados de haver dito Jesus que havia de resuscitar ao terceiro dia, exigiram que o monumento fosse cercado de guardas. Duas noites e um dia dormiu a synagoga ancha do seu triumpho.

Mas que succedeu? Ao romper da alva do terceiro dia levantam-se as sentinellas espavoridas do terremoto, que tudo abala em torno do sepulchro! Os judeus estremecem com a noticia; ainda mais tremem quando sabem que a grande pedra que tapava o monumento está revolvida e afastada do logar, e o sepulchro vasio! Debalde pretendem subornar os guardas, para declararem que durante o seu somno os discipulos haviam roubado o sacrosanto corpo. A resurreição gloriosa do Nazareno era a condemnação da incredulidade, como a sua gloriosa ascensão foi o sêllo indelevel da verdade eterna, que Elle personificou em si, e imprimiu em todos os prodigios da sua vida mortal.

E não era com effeito um Deus? Houve já no correr dos tempos um só dos filhos do homem, em cuja vida e morte brilhassem os prodigios que acompanharam a vida e morte de Jesus? Appareceu, porventura, antes ou depois, quem tivesse, como Elle, expellido demonios, sarado febricitantes, curado paralyticos, limpado leprosos, restituido vista aos cegos, ouvido aos surdos, palavra aos mudos, vida aos mortos, saude de alma aos peccadores? Appareceu, antes ou depois, quem, como Elle, passeiasse por sobre as aguas do mar, imperasse aos ventos, apaziguasse as ondas, serenasse as tempestades, saciasse com cinco pães e dois peixes a cinco mil pessoas? Sabedoria infinita, coração riquissimo de piedade para todas as desventuras humanas, orou muito e soffreu muito. Legislador divino, preordenou o seu futuro reino, mas não escreveu uma só das suas leis. Amou os attribulados, perdoou aos arrependidos, fulminou os hypocritas, rehabilitou a mulher, quebrou os ferros do escravo, e prégou, finalmente, a lei da perfeição.

CAPITULO XII

I. Aspecto geral da natureza inanimada e animada em Jerusalem.—II. A actual cidade. III. Relancear de olhos sobre todo o terreno que a abraça pela parte exterior.

I

Voltemos á nossa peregrinação. Já agora me parece que todos os meus leitores redobrarão de desejos de conhecer Jerusalem, a terra onde tão grandiosos successos occorreram.

Esta cidade é sita aos 31° 46′ lat. e 78°, 46′ long. E. do observatorio do Rio de Janeiro. Calculam-lhe a elevação sobre o nivel do mar em 805 metros. A sua temperatura media é 17° 5′ centigrados, comquanto nos dias em que alli permaneci, o thermometro subisse á sombra a 28°, ás 2 horas da tarde.

Olhemos primeiro para os extremos horisontes.

Divisa-se perfeitamente a cadeia de montanhas que lá ao longe separa o paiz dos syrios da região dos amalecitas e da dos idumeus do sul; avistam-se igualmente os montes de Judá e de Ephraim, o monte Plebo e as alturas de Galaad. D'outros pontos vêem-se as alegres regiões de Belem, de Jericó, e as estereis margens do Mar Morto, que, observado de alguns logares, lembra a bahia do Rio de Janeiro, vista do morro de Santa Thereza, postoque a distancia seja muito maior. Descortinam-se igualmente no horisonte Bethel, e as fecundas bordas do Jordão na direcção da Samaria, e muitos outros logares, que bem dignos houveram sido de larga enumeração, pelas admiraveis paginas que a historia do mundo em cada um d'elles inscreveu, se não fosse a immensidade das recordações que encerra o estreito ambito da propria cidade santa.

As montanhas que aproximando circumdam Jerusalem, ostentam a mais lugubre perspectiva; são enormes gigantes de pedra negra, attestando em sua extrema aridez a passagem do Anjo exterminador.

D'aquellas requeimadas grimpas parece a cada instante surgirem aos olhos da phantasia espectros, que ora representam Herodes pae vibrando o cutello no pescoço dos innocentes, ora Herodes filho encarando a cabeça de S. João Baptista sobre uma salva; ora o Pontifice Annás interrogando o Divino Mestre; ora o Summo Sacerdote Caiphás declarando-o réu de morte no synedrio; ora Pilatos vestido de toga romana confirmando a sentença no pretorio! São estes os phantasmas que ahi nos revoluteiam na mente. É o mesmo que succedia a Alexandre, que se lhe afigurava ver os vultos dos Reis do Egypto sentados no cume das pyramides.

Mas, pois que estou d'aqui encarando regiões diversas, embora proximas, é já este o logar de apresentar aos meus leitores uma observação, que fere o espirito de quanto peregrino chega a estas paragens: é a contraposição espantosa entre o torrão em que Jerusalem está assentada, e todas as outras partes da terra, até mesmo as que a rodeiam.

A natureza, que por toda a parte se enflora, ri, e como que se compraz em exuberancias de vida e jubilo, muda repentinamente de aspecto em Jerusalem, onde tudo é melancolico, soturno; onde parece ainda que os ventos soluçam, e que as pedras choram!

O ceu de Jerusalem offerece quasi permanentemente luctuoso aspecto, e dirieis que a luz do sol tinge todos os objectos de uma certa côr funerea.

Ha só um momento em que a natureza se ostenta risonha e encantadora; é quando a aurora começa a pratear com o seu arrebol os visos do Monte Olivete. N'essa occasião, o espirito transportado a melhores visões parece ver dois soes irem ascendendo ás regiões do infinito: o sol da natureza subindo ao zenith da esphera, para mergulhar-se nas sombras do occaso; e o sol da justiça, para o qual não ha occaso, subindo de ceus a ceus até o centro de toda a luz, de que é substancia.

Mas se tão prazenteiro é o despontar do dia em Jerusalem, tristissimo é o cair da noite! Apenas o veo se desdobra, o movimento diurno se torna em subito marasmo. Fecham-se as portas, ficam desertas as ruas, e Jerusalem parece atufar-se n'um pelago de profundo somno! Não se ouve outro murmurio senão o dos corvos grasnando nos cabeços das serras, o das rapozas regougando em valles e montes, e o dos musulmanos convidando do alto dos minaretes os seus sequazes ás mesquitas! Aquelle mesmo som monotono e agoureiro esvae-se em menos de um quarto de hora.

Nem no ceu, nem na terra se vê clarão de luz. A illuminação da cidade consiste, di-lo-hei assim, em fogos fatuos, que se exhalam de espaço a espaço dos comoros de immundicies que affrontam o seu interior. Aquelle ceu outr'ora allumiado pela estrella guiadora dos Magos, é hoje como que ermo de luzeiros! Do terrado do convento de S. Salvador lobrigava lá no fundo das solidões ethereas o scintillar de alguma estrella peregrina! Nem mesmo aquellas tres que o nosso povo denomina os tres Reis Magos, brilham nos assombrados ceus de Jerusalem! Oh! que saudades não tinha eu do nosso tão poetico e festejado Cruzeiro do Sul!

Ao contemplar o aspecto horrido e sublime de tão espessas trevas, não podia deixar de me recordar d'aquellas que na morte do Redemptor cobriram a face da terra! Absorto n'esta meditação articulava no espirito este soliloquio: «Estou em Jerusalem! Quando nos pulpitos do meu paiz eu descrevia as varias e tremendas peripecias do drama do Calvario, pensei jamais achar-me, no correr dos tempos, na propria cidade que, rebelde ao grito da natureza e á eloquencia terrivel dos successos, havia testemunhado, ha dezenove seculos, o espantoso phenomeno da inopinada transformação do dia em noite!»

Fóra e dentro da cidade todas as vertentes estão seccas; nenhuma lympha crystallina rega e fertilisa as collinas, nem os valles.

Acorde com estas tristezas está o reino vegetal em tão amaldiçoado solo. As arvores são raras, descoradas, rachiticas: algumas oliveiras tristes, algumas figueiras enfezadas, alguns cyprestes tumulares, profusão de abrolhos e cardos.

Os proprios animaes offerecem um *quid* diverso do de todas as outras regiões. Os transeuntes encontram passarinhos aos bandos saltitando nas ruas em busca de sustento. Se os espantam com os pés, dão um vôosinho e vão pousar a pouca distancia. Não cantam, soltam apenas um pipilar surdo; os proprios meninos os não maltratam.

Um viajante hespanhol, que lá andava no meu tempo, dizia sarcasticamente, que essa benevolencia para com os passarinhos nascia da convicção de que os judeus não achavam proveito em mata-los, porque só tinham ossos e pennas.

Só os corvos grasnam, mas o seu grasnar é lugubre como pio agoureiro. O que acabo de descrever, vi-o com meus olhos; mas tambem ouvi ser corrente entre o povo, que o gallo alli não canta. Os cães são hediondamente magros, mas tão pacificos, que se alguem os ameaça, não mordem, e se se lhes atira alguma pedra, correm latindo atrás d'ella. Vivem nas estrumeiras e entulhos a restolhar as immundicies. Ha, porém, um caso em que elles se assanham, é quando outros cães emigrados de bairros estranhos invadem o seu: então atiram-se a elles, até expelli-los do quarteirão.

Que diversa que é a Jerusalem de hoje da Jerusalem de David, d'aquella de quem elle, symbolisando-a n'uma vinha fertilissima, dizia: «A sombra d'esta vinha cobriu os montes, e as suas ramas excederam os cedros!» Que differente d'aquella de quem Salomão, comparando-a á sua esposa, dizia: «Formosa és, amiga minha, suave e engraçada como Jerusalem!» Toda essa belleza se esvaeceu, e o viajante, estupefacto diante de tão profunda decadencia, pergunta como Jeremias: «É esta aquella cidade de tão extremada formosura, delicias de toda a terra?»

Se assim se ostentam os entes irracionaes, que diremos do homem!

Esta excepcional cidade não póde comparar-se com outra alguma do universo; é como o coração d'elle, porque de todos os pontos do globo accorrem a visita-la os crentes de todos os povos civilisados. Todos ao porem o pé em Sião, sentem como que uma transformação das disposições de animo, tão outras das com que viajam pelas demais terras. Ao encontrarem-se n'essas tristonhas ruas, não se saudam, e passam como desconfiados ou assombrados. Os proprios beduinos do deserto, quando veem a Jerusalem, parecem despir a natural fereza; torna-se-lhes melancolico e carregado o semblante.

As mulheres, embuçadas em pobres mantos brancos, raro se encontram nas ruas, sendo considerada offensa imperdoavel olhar para ellas; havendo até um ditado local: «Mulher e camello não anda nas ruas». Apenas, quando o calor é intenso, se reunem no campo de Tito, sentadas á sombra das oliveiras, permanecendo immoveis, mudas, indifferentes a quanto as circumda; congregando-se em circulos separados, e sem contacto umas com as outras; manifestando assim a repulsão que se dá entre musulmanos, armenios, gregos, cophtas e as mais nações, que formam gremios estranhos uns aos outros, e mutuamente suspeitos ou adversos.

Nem mesmo n'estas reuniões que pareciam dever infundir alegria, se divisa um sorriso de benevolencia e sociabilidade pairando em uma só bôcca.

Passada a intensidade do calor, começam essas pobres mulheres a desfilar para os sepulchros, onde vão derramar lagrimas sobre as cinzas de seus defuntos.

Os meninos, que nas outras paragens do mundo são alegres e travessos como

passarinhos, em Jerusalem são, como os proprios passarinhos d'alli, tristes e sombrios; não havendo brincos juvenis, que os entretenham, mostram-se, ao contrario, espantadiços, como que receiosos de castigos de algum delicto.

II

Ponho termo a esta descripção, a que me arrastou a contraposição entre todos os elementos da natureza em Jerusalem, e o jubilo que ella respira em todas as outras regiões; mas é que só ella tinha de pagar até á consummação dos tempos a pena do deicidio. Já se vê que Belem, berço do Redemptor; o Jordão, rio do seu baptismo; toda essa Judéa e Samaria, scenario de tão momentosos successos, não tinham que entristecer-se, nem vestir o luto que bem cobre a terra de Solima.

A sua população, que antigamente era de 120:000 habitantes, hoje não passa de 20:000, dos quaes 8:000 são hebreus, 7:000 musulmanos, 3:000 gregos scismaticos, 1:500 catholicos, alem de armenios e cophtas.

Na parte civil e politica, quem maior influencia exerce em Jerusalem são turcos; na parte religiosa, são gregos scismaticos. Os catholicos lutam com todas as seitas; mal podem ir mantendo as poucas conquistas que, após trabalhos, fadigas e martyrios, conseguiram firmar. Armenios, cophtas, pouca importancia teem; e menos que todos podem os judeus, que vivem na patria como em terra estranha.

Ultimamente começaram os protestantes a introduzir-se em Jerusalem, onde já teem um hospicio, um hospital, escolas e um bispo; tudo isso pago pela Prussia.

De todas as nações divergentes do Catholicismo a que maior embaraço oppõe ao desenvolvimento d'este na Terra Santa é, pois, a Russia, cuja influencia acoroçôa por todos os modos a propagação do scisma grego n'aquellas paragens, mau grado os esforços da Porta ottomana, não tanto pelo perigo de ver absorvido o islamismo, como porque entrevê na preponderancia moscovita em qualquer parte do Oriente uma ameaça perenne á integridade do imperio ottomano. Com effeito a Russia, desenganada de poder pelas armas conquistar o Oriente, começou, depois da guerra da Criméa, a entrar sagazmente na cidade santa, onde tem procurado fundar uma colonia, com o intuito principal de ir propagando a lingua e o scisma; e mais tarde ganhar por estes meios poderosos as consciencias d'aquelles que premedita avassallar.

Alem de já se ter senhoreado do monte Gihon, onde construiu uma quasi cidade, prosegue no empenho de adquirir outros muitos terrenos dentro e fóra de Jerusalem. Asseverou-me o sr. Ratisbona, que até áquelle anno tinha a Russia alli empregado doze milhões em acquisição de terrenos e construcções de edificios! É isto novo embaraço ao desenvolvimento do Catholicismo n'aquella região! Oh! se todas as nações catholicas, em vez de derramar rios de dinheiro na conquista de nesgas de territorios para annexar aos proprios dominios, consagrassem a minima parte de seus desperdicios á diffusão das idéas catholicas na Terra Santa, fazendo levantar seus estandartes nos derrocados muros de Jerusalem, a Russia havia de encontrar n'essa correnteza de forças rivaes, senão o mallôgro, ao menos certa paralysação em seus planos de conquista! É incomprehensivel como a Porta ottomana tem consentido n'estas invasões da Russia! Só pela fraqueza se explica esse phenomeno.

Todavia, não ha negar que o governo do actual Sultão prefere o predominio dos catholicos ao dos chamados orthodoxos, e d'ahi as concessões que facilmente outorga a qualquer Principe do Catholicismo, que aspire a favorecer o seu rito n'aquellas regiões. O Imperador da Austria tem conseguido n'estes ultimos tempos, não só mais larguezas e isenções para os religiosos franciscanos, como tambem a faculdade de restaurar o templo do Presepe, em Belem, e a egreja do Spasmo em Jerusalem.

E porque tão nobre exemplo não ha de ser imitado por todos os Principes catholicos? Qual d'elles não se sentiria orgulhoso de ver a bandeira da sua nação fluctuar no frontispicio de um templo seu n'essa Jerusalem, onde pela primeira vez tremulou o estandarte da universal regeneração? Até quando ha de perdurar o egoismo das nações catholicas em relação á Terra Santa? Como se dizem amigas da liberdade dos povos, se consentem conservar-se na mais barbara oppressão a Christandade na Palestina? A França é a unica, entre todas as nações latinas, que tem protegido alli os interesses catholicos, mas não tem feito quanto podia; e menos ainda a Hespanha, que n'outras eras fôra uma das potencias que mais protegeram a Terra Santa.

Jerusalem até n'isto é mysteriosa! Todos a querem, mas querem-n'a exclusivamente! Objecto de tantas contradições, tambem o é das calamidades que deplorámos!

As casas construidas exclusivamente de pedras, terminam em sotéas cobertas de caliça. As habitações, geralmente altas, são, no bairro christão, deformes, silenciosas e tristes. No bairro musulmano ha muitos bazares, formigueiros de mercadores.

Os turcos occupam-se do fabrico de azeite de oliveiras, e de sabão; os catholicos de objectos de devoção, como rosarios, cruzes, etc.

Os gregos e as outras nações scismaticas vendem tudo nas tendas; os hebreus vendem pelas ruas as mingoadas mercadorias que os seus correligionarios lhes mandam da Europa. Ha, porém, uma rua por onde elles não passam; é a que atravessa em frente do templo do Santo Sepulchro, pelo perigo de serem acommettidos com violencia por turcos, gregos scismaticos e armenios. Só os catholicos deixam de praticar essas brutaes violencias. Em certa occasião em que eu voltava do Monte Olivete, n'um jumentinho pertencente a um hebreu que me acompanhava, fez-me este parar antes de sair em frente do templo do Santo Sepulchro, e exigiu o seu animal; perguntando-lhe eu a rasão, bateu na testa, significando que lh'a quebrariam se passasse avante. Segui, portanto, a pé; e depois soube quanta rasão tinha o pobre homem, visto como me contaram que havia pouco um israelita, que era consul de França, suppondo que as suas immunidades lhe serviriam de segurança, ousou passar pela frente do templo, e para logo lhe caiu em cima um chuveiro de bordoadas, que o prostrou sem sentidos, e lhe serviu de escarmento.

Em Jerusalem não ha praças, nem passeios publicos, nem fontes de repuxo, nem estatuas, nem theatros, nem museus. As praças são substituidas pelos adros dos templos; os passeios pelos tumulos; as fontes pelas cisternas; as estatuas pelos troços das muralhas; os theatros pelo Pretorio, rua da Amargura e Calvario; os museus pelos sepulchros dos Reis, Juizes e Prophetas. Não se espere, pois, encontrar em Jerusalem nenhum d'esses progressos da civilisação, incentivos dos prazeres humanos. A cidade, vista do monte Olivete, ou de qualquer das outras

eminencias, com toda a sua agglomeração de pequenas cupulas, dominadas pelo denegrido zimborio da mesquita de Omar, que se eleva entre cyprestes, representa uma extensa necropole. O interior da povoação offerece o aspecto geral de todas as cidades do Oriente: ruas immundas, mal empedradas, estreitas, ingremes, em muitos logares abobadadas e convertidas em especies de tunneis, formam verdadeiros meandros.

Tendo dito que a cidade encerra grande quantidade de estrumeiras e entulhos, resultado das immundicies que alli se lançam continuamente, é facil de crer que n'ella se respira ambiente infectado. Cada bazar de turco é um foco de horriveis exhalações. Muito tambem concorre para a impregnação da atmosphera a evaporação mephitica dos cadaveres geralmente enterrados á flor da terra. Basta dizer que a cidade de David é de per si um cemiterio, não fallando em muitos outros que demoram ao redor de Jerusalem. Só os turcos occupam maior extensão com os seus sepulchros do que toda a área da cidade santa! Não se observa alli a lei de Platão, que ordenava que se sepultassem os mortos em logares onde não podessem damnificar os vivos. O certo é que em Jerusalem os melhores sitios, os mais bellos passeios, as mais pittorescas perspectivas, os mais celebres montes, os mais espaçosos valles, são occupados pelos mortos!

Consideremos que não são estas casas arruinadas, estes aridos montes, estas arvores resequidas, o que chama actualmente a nossa attenção; mas sim as memorias tremendas que a tudo isto se ligam. Pouco importa, portanto, ao viajante o que seja a immunda cidade de hoje. O seu ambito actual é differente do que já foi, pois as suas muralhas diversificavam muito em varios tempos, taes como as de Salomão, de Herodes, dos cruzados, de Solimão, etc.; sendo certo que, se a actual cidade se prolongou pelo lado do noroeste, encerrando agora o monte Calvario e suas immediações, que outr'ora ficava extra-muros, por outro lado perdeu grande parte da cidade de David, no monte Sião, que hoje, em vez de ostentar as grandiosas edificações dos tempos de outr'ora, apenas é chão de cadaveres.

III

Na digressão, pois, para a qual convido agora o meu leitor, posporei a actualidade, para me reportar mais particularmente ao que nos tempos remotos foram os logares da minha descripção.

Eis-nos, pois, tendo passado o valle de Raphaim ou dos Gigantes; já nos ficaram para traz os terrenos onde David, Rei de Israel e de Judá, feriu os dois combates com os philisteus, e somos chegados á porta de Jaffa, por onde penetrei em Jerusalem.

Como, porém, não estou n'este momento escrevendo um diario dos meus proprios movimentos, que tão pouca importancia teem, e sim procurando dar uma idéa d'aquellas localidades, em referencia aos successos biblicos e historicos, pedirei ao leitor me acompanhe na excursão mental que passâmos a fazer, rodeando exteriormente a cidade santa, desde aquelle ponto até regressar a elle.

Finda a estrada de Jaffa a sudoeste do centro de Jerusalem, e tomando para a direita de quem entra por fóra do que eram os antigos muros, eis-aqui a successão dos logares.

Em frente á porta de Jaffa corre a estrada por onde os dois discipulos saíam para Emaús, praticando sobre a morte do Redemptor, que de subito lhes appareceu.

Tambem d'alli parte para o sudoeste a estrada de Gaza, do Egypto, da Ethiopia, por onde fez sua entrada a Rainha de Sabá. Finalmente saiu do mesmo ponto, mas seguindo na direcção do sul, o caminho de Belem e de Hebron, por onde transitaram os Reis Magos para adorarem o Senhor.

Mui proximo fica a fonte inferior, a qual vem dar á torrente de Gihon, que borda toda a extremidade sul do monte de Sião. Por esta direcção demora o monte do Mau Conselho.

Proseguindo em linha recta do oeste para éste, vê-se em frente a antiga porta do palacio de Caiphás, depois de atravessada a gruta de S. Pedro Apostolo. Aponta-se o oiteiro meridional d'onde o Propheta Habacuc foi arrebatado e transportado a Babylonia; e depois em frente da porta dos jardins do Rei indica-se o logar conhecido pelo nome de Esconderijo dos Apostolos. Logo adiante é o campo que os assyrios occuparam, e depois em frente á casa de Elias ficava a piscina superior, para onde a agua da torrente de Gihon era levada por um magnifico aqueducto. Segue-se a isto o Haceldama, ou o campo que Judas comprou com os trinta dinheiros, após o qual ficava o antro do Apostolo S. Thiago, e o sepulchro de Zacharias. Por estas alturas encontra-se o termo de oeste para éste, e n'esse angulo se indigitam, proximos uns dos outros, o logar onde está o tumulo de Absalão, assim como o do martyrio e do sepulchro de Isaias.

D'esse angulo corre para sudoeste a torrente de Cedron, e depois voltâmos do sul para o norte.

N'esta direcção ha um constante valle por onde corre a torrente de Cedron. Este valle tem a principio, e durante curto espaço, o nome de valle de Siloé, e d'ahi por diante, até ao fim, o de Josaphat. Vejâmos os principaes objectos que se nos deparam n'esta digressão oriental do meio dia ao septentrião.

Depois de avistarmos o valle de Gehenna ou do filho de Ennon, começámos por encontrar o monte da Offensa, onde Moloch tinha o seu templo, e proximamente a sua floresta sagrada. Seguia-se a isto o jardim regio, ou *hortus conclusus*, de que já nem vestigios restam.

Principiam as ondulações do monte Olivete, e n'esse logar fica a estrada que, atravessando a ponte de Cedron, levava a Jerusalem pela porta Aurea, sendo por ahi que Jesus fez a sua entrada solemne.

Mostra-se para a direita o logar, no caminho de Jericó e do Jordão, onde estava a figueira que Jesus Christo amaldiçoou; pouco adiante ficava Betania, onde o Divino Mestre pousou tantas vezes, e onde resuscitou o Lazaro; ficando d'ahi mui perto o rochedo da Perdição, o qual para contraste é sito na proximidade do templo de Astaroth.

Por essa encosta eram as sepulturas do povo, após as quaes se aponta o logar onde Judas deu o beijo, e bem assim onde a Virgem foi sepultada, junto ao Gethsemani, e o jardim das Oliveiras.

Aqui estamos chegados ao ponto onde mais alto se eleva o monte, e depois de ter beijado o solo do *Viri Galilei*, sobe-se até o derradeiro cume, onde se verificou a Ascensão, o tremendo mysterio.

Obriga-me a topographia a citar em seguida, ao descer a vertente septentrio-

nal, o eremiterio de Santa Pelagia, até que, atravessada uma porção de sepulchros, transposto o caminho do deserto, achâmo-nos do lado do norte do quadrangulo formado pela cidade.

Passada por uma ponte em angulo recto a torrente de Cedron, chegámos aonde foi o mausoleu de Herodes Agrippa, e o lago das Serpentes. D'esse lado se mostram os campos dos chaldeus, o caminho por onde Alexandre Magno entrou em Jerusalem, a collina de Goreb, a aldeia dos Teribinthos, o sepulchro de Helena, o campo de Pompeu; e n'este logar finda a linha éste-oeste. Eis-nos chegados á extremidade noroeste da cidade, onde fica sito o monte do Golgotha. A elle se segue o denominado valle dos Cadaveres, e depois, tomando a direcção d'onde a principio partimos, vê-se o logar onde era o sepulchro do Pontifice Ananias, na base do monte Gihon, onde tambem se aponta o acampamento de Herodes, e o logar da fonte superior.

Assim fica feito, n'um primeiro e rapido passeio, o circuito da cidade antiga, a qual formava um parallelogrammo, cujos dois lados maiores olhavam para o oriente e occidente.

Cumpre agora accrescentar que, se pelo lado do sul a cidade perdeu de povoação, ao contrario cresceu bastante do lado do norte com a addição principalmente do convento dos franciscanos na collina de Goreb, e do templo do Santo Sepulchro, que abrange o monte Calvario; sendo n'esta parte que as edificações se teem tornado mais numerosas, embora no pobre gosto oriental. A esta moderna parte da cidade chama-se Elia, por ter sido devida a sua construcção ao Imperador Adriano Elio.

Assim lançadas as vistas, a vôo de passaro, por todo o chão que rodeia a cidade de Jerusalem, passarei agora a aproximar-me d'ella, seguindo sempre a mesma direcção, e considerando os passeios em que o leitor me acompanha, como se fossem feitos methodicamente; comquanto seja certo que eu os não verifiquei pela ordem aqui adoptada.

CAPITULO XIII

EXTRA-MUROS DE JERUSALEM—PARTE AUSTRO-OCCIDENTAL

I. Monte e Valle de Gihon.—II. Bethsabé e David na sua extrema velhice. Designação de Salomão para Rei.—III. Piscina de Gihon. Piscina inferior.—IV. Ezechias.—V. Predicção sobre o Messias nascido de uma Virgem.—VI. Voragem. Cisterna do Rei. Estabelecimento russo.

Já agora posso voltar desassombrado á minha narração, e por emquanto passarei a occupar-me do extra-muros de Jerusalem, começando do lado do poente, e seguindo pelo sul e oriente, até fechar o circulo pelo norte.

I

Quando se entra pela porta de Jaffa, já o peregrino tem atravessado o monte Gihon, parte do qual, antes de chegar aos muros da cidade, se lhe estende para a direita, e parte para a esquerda.

O valle outr'ora chamado Valle Profundo ou Voragem, e o monte que as sagradas paginas chamam Gihon, formam o ante-mural de Jerusalem pela parte do sudoeste; mas quer o valle, quer o monte, é considerado de tão pouca importancia, que raras vezes se mencionam. Seja-me, porém, licito recordar os successos biblicos que n'este logar passaram.

II

Caminhava David para a extrema velhice, já prestes a adormecer no perpetuo somno, quando seu filho Adonias, ambicioso do solio paterno, exclamou: *reinarei!* Congregou a todos os proceres da nação, excepto a Salomão, a quem, por ciumes de competencia ao throno, odiava. Mandou fazer para si coches, e tomou gente de cavallo, e cincoenta homens corriam adiante d'elle; derribou victimas em holocausto ao pé da Pedra de Zoheleth, junto á fonte de Rogel, e tratou de levar a cabo sua acclamação.

Sabidas estas novidades, aconselhou o propheta Nathan á Bethsabé que fosse communicar ao Rei o acontecido. Foi, e inclinando-se ante David, disse-lhe:

«Meu senhor, tu juraste á tua escrava pelo Senhor teu Deus, que nosso filho Salomão depois de ti se assentaria no teu throno. E agora ahi reina Adonias, sem que tu, ó Rei e senhor meu, o saibas. Elle immolou bois e toda a sorte de pingues

victimas, e convidou a todos os teus filhos, ao Pontifice Abiathar e a Joab, general do exercito; mas não convidou a Salomão, teu filho tambem. Portanto, ó Rei, todo Israel está com os olhos em ti, para que tu lhe declares, ó Rei meu senhor, quem é que deve reinar.»

E David respondeu:

«Chamae á minha presença o Pontifice Sadoch e o Propheta Nathan.»

Chegados os quaes, disse o Rei:

«Tomae comvosco os servos do vosso amo, fazei montar na minha mula a meu filho Salomão, e levae-o a Gihon. E passem o Pontifice Sadoch com o Propheta Nathan a ungi-lo Rei de Israel, e proclamem todos: *Viva o Rei Salomão!* E depois voltem na comitiva d'elle, e venha assentar-se no meu throno, e reinará em meu logar sobre Israel e Judá.»

Executado quanto o Rei ordenára, marcharam as turbas após o novo Rei Salomão, cantando festival todo o povo ao som de flautas, e suas acclamações retumbaram por toda a terra.

E os eccos d'esses brados, como as tradições de tão momentosos successos, chegaram até nós; e o horisonte que n'este instante me circumda, é o mesmo que Sadoch e Nathan encararam; e na terra que eu calco, foi Salomão ungido Rei! Bem merece pois o historico monte que n'elle nos demoremos alguns momentos a descreve-lo.

Segundo alguns Gihon quez dizer *pectus;* segundo outros, *exitus* ou *vehemens.* Qual será o melhor interprete? Se me é dado exprimir opinião, afigura-se-me que as duas interpretações se combinam, e póde applicar-se o termo á fonte que antigamente derivava d'aquella collina, e cujas aguas irrompiam com vehemencia.

Não é hoje o monte Gihon senão um terreno alastrado de sepulturas musulmanas, e semeado de pedras ponteagudas como os calhaus do porto de Jaffa. Tendo todavia servido de templo e de altar á sagração do mais sabio e opulento dos Reis, não só de Israel, como de toda a terra, esta circumstancia bastaria para torna-lo famoso.

Depois d'aquella solemnidade é que o monte Gihon começou a ter nomeada nas Santas Escripturas; mas formará sempre grande contraposição com o monte do Escandalo, no qual Salomão praticou as maiores prevaricações, sacrificando a deuses estrangeiros. No primeiro foi Salomão carregado de beneficios por Deus, de preferencia a todos os filhos de David; no segundo apostatou. E foi tudo isso praticado em presença do povo, o qual tanto festejára a sagração do novo Rei, quanto abominou a sua apostasia. As acções dos grandes são como pharol collocado na mais alta columna, onde todos as miram com attenção, ou admirando-lhes o esplendor, ou notando-lhes as manchas. Felizes, pois, os grandes que resplandecem por suas obras, que serão abençoados; e mil vezes miseros, se aviltam seu posto, que serão ludibrio dos povos!

III

No monte Gihon a unica antiguidade digna de ver-se é uma grande cisterna com o nome de piscina de Gihon. Tem 140 passos de comprido, 90 de largura e 32 de profundidade. Desce-se por duas escadas de pedra, cada uma de 24 degraus. Estas escadas estão quasi gastas, a piscina completamente secca. É conhecida na

Biblia pelo nome de piscina inferior, que abastecia a cidade e irrigava os jardins do Valle Profundo. Enchia no inverno com as aguas pluviaes, mas no verão alimentava-se de um manancial, que tinha o nome de fonte superior das aguas de Gihon. Ezechias mandou entupir esta fonte, apenas lhe constou que Sennacherib, Rei dos assyrios, entrára em terras de Judá á frente de um formidavel exercito. Não só isto: por conselho dos grandes e dos mais valentes officiaes determinou que se tapassem as nascenças das fontes que havia fóra da cidade, a fim de que os invasores, caso cercassem a cidade santa, fossem pela sêde compellidos a retroceder. E porque a cidade não padecesse falta de agua, mandou abrir uma grande cisterna, conhecida na Escriptura por piscina inferior, d'onde por meio de um aqueducto subterraneo descessem as aguas das fontes de Gihon. Tanto este aqueducto, como a piscina inferior, ainda existe, mas em pessimo estado. As dimensões d'esta são de 100 passos de comprido, e 60 de largura, e desce-se por uma escada de 13 degraus. Acha-se dentro da cidade, e é um dos poucos monumentos que teem resistido aos tempos e ás devastações.

IV

Relatei as obras de beneficencia com que o bom Ezechias perpetuou sua memoria; mas certo é que, ao passo que as executava, Sennacherib, que havia já expugnado as cidades secundarias de Judá, se dispunha a marchar sobre a capital; desejando, porém, que esta se rendesse á boamente, enviou de Lachis (que elle com todo o seu exercito cercava) embaixadores a Ezechias, o qual mandou que o povo se collocasse todo em linha por sobre os muros de Jerusalem. Chegados á encosta oriental do monte Gihon, exclamaram os embaixadores em nome do seu Principe:

«Em que vos fiaes vós, para vos deixardes sitiar em Jerusalem? Nas imposturas d'esse Ezechias, que vos fará morrer de fome e sêde, affirmando que o vosso Deus ha de ter força para livrar-vos da mão do Rei dos assyrios? D'esse Ezechias tão sincero em suas crenças, que derrubou os altos e as aras, ordenando aos de Judá e Jerusalem que só ante um unico altar queimassem incenso? Acaso ignoraes vós o que temos feito, meus paes e eu, a todos os povos da terra? Tiveram os deuses de nação alguma poder para subtrahi-la ao impeto das minhas armas? Eu vos mostrarei se o vosso Deus póde mais que os outros.»

Estas e quejandas blasfemias vomitaram os embaixadores de Sennacherib, fallando em lingua judaica ao povo que estava sobre as muralhas de Jerusalem; era plano d'elles atemorisa-lo, e tomarem assim conta da cidade.

Em desaggravo de taes injurias o Rei Ezechias e o Propheta Isaias prostraram-se em oração. E o Senhor mandou um Anjo que matou em uma noite a todos os fortes e ao general dos assyrios; e Sennacherib se recolheu com ignominia á sua Ninive. E tendo entrado no templo do seu deus, os proprios filhos o traspassaram á espada.

V

Illustra-se tambem o monte Gihon com a gloriosa tradição biblica de ter sido n'elle que Isaias predisse que o Messias havia de nascer de uma Virgem, quando lhe disse Jehovah:

«Sae ao encontro de Achaz, tu e teu filho Jasub, que ficou na extremidade da piscina superior, no caminho do campo do Lavandeiro, e lhe dirás: — O Senhor te vae dar um grande signal. Eis que uma Virgem conceberá, e dará á luz um filho que se chamará Emmanuel.»

VI

Deixando esse terreno, onde tão graves acontecimentos se deram, e descendo um pouco mais, chega-se á Voragem ou Valle Profundo, que se estende entre Gihon e Sião. Esforcei-me por descobrir a origem do nome d'este valle, e conhecer se é esta a voragem de que os antigos fallaram; infructiferas investigações. Entretanto, não devendo impugnar o que não conheço, submetto-me ao juizo d'aquelles que chamam a este sitio Valle Profundo ou Voragem, embora alli não haja voragem alguma, nem profundidade de valle.

Nada de notavel offerece a Voragem, á excepção de um grande poço conhecido por piscina de Bethsabé, mas que os naturaes chamam cisterna do Rei, talvez por sua regia magnificencia. Ao presente já se não póde apreciar, nem a sua grandiosidade, nem a belleza do trabalho, porque está quasi tudo coberto de terra. Todavia, mesmo em ruinas, é esta cisterna digna de ser vista e admirada, pela idéa que se concebe do que outr'ora fôra.

Não tinha menos de 240 passos de comprimento, 105 de largura e 50 de profundidade. O seu pavimento é todo granitico aplanado a escopro, como eram abertas na rocha viva todas as paredes. Por aqui se póde imaginar quanta não devia ser sua solidez, e qual o dispendio com a mão de obra. Serve hoje de eira, onde vi camponezes malhando trigo!

Não é facil adivinhar que piscina seja esta. Ao ver sua estructura, magnificencia e posição, passou-me pela mente que seria aquella de que se falla no livro 2.º de Esdras, quando, tratando da reedificação dos muros de Jerusalem, diz que Nehemias, filho de Azboc, fabricou a sua porção até á frente do sepulchro de David, e até á piscina que foi construida com grande arte. Não sei que se possa applicar este passo a outra piscina. A sua serventia era prover de agua ao publico, e irrigar o jardim real, que se achava exactamente n'aquella parte; e não provirá d'isto aquelle nome de cisterna do Rei? Poderia aqui fallar largamente de outros aqueductos que transpõem o Valle Profundo, abaixo da piscina de Bethsabé, e que transmittiam agua da Fonte Sellada ao templo de Salomão; mas tenho por melhor deixar isso para mais apropriado logar.

Ao presente ha na encosta oriental do monte Gihon, á esquerda de quem entra pela estrada de Jaffa, o grande estabelecimento russo, especie de cidadella moderna, cercado de muros, encerrando dois hospicios gregos, um hospital, o patriarchado e uma egreja magnifica.

CAPITULO XIV

EXTRA-MUROS DE JERUSALEM—PARTE AUSTRAL

I. Gehennon. Valle Contristador. Moloch. Baal. Topheth.—II. Haceldama.—III. Monte do Mau Conselho.—IV. Raphains. Valle dos Gigantes.

I

Entre o monte Gihon, de que acabei de fallar, e a parte occidental do monte Sião, corre o valle chamado de Gihon, que vae torneando pelo sul o dito monte Sião, passando a denominar-se valle de Gehennon, o qual se prolonga para o lado do oriente, onde se encontra com o valle de Siloé e de Cedron. Sendo geralmente estes valles assás profundos, e descendo as aguas com impetuosidade das eminencias circumstantes, claro está que na estação das chuvas esses caminhos seccos se convertem em torrentes caudalosas; e ha quem assevere que esses, hoje valles, eram até o tempo de Nosso Senhor Jesus Christo alveos de riachos, que tinham os nomes dos respectivos logares; portanto, valle de Gihon, de Gehennon, de Siloé, ou de Cedron, subentendendo torrentes dos mesmos nomes.

Passemos agora ao valle que costeia Sião pelo lado do sul. O valle de Gehennon é o mais profundo, o mais melancolico, o mais abrupto, o mais solitario e vaporoso de quantos existem nas cercanias de Jerusalem! Basta dizer que o Redemptor, querendo dar aos judeus uma idéa da terribilidade do inferno, não buscou outro nome para symbolisar a dôr, o tormento e a desesperação, senão o d'aquelle valle!

Em verdade Gehennon tem a significação de valle Contristador, e Gehenna, como o chamou Christo, interpreta-se valle da Tristeza. Em mais de um logar faz d'elle menção a Sagrada Escriptura, ou designando precisamente a sua posição topographica, ou referindo as cousas horrendas que ahi se praticaram, ou vaticinando a execração a que as abominações e as offensas a Deus, ahi perpetradas, o haviam de condemnar.

Faz-se, com effeito, menção d'este valle no livro de Josué, onde se estabelecem os limites da tribu de Judá n'estas palavras:

«E vae pelo valle do filho de Ennon pela parte meridional dos jebuseus, onde está Jerusalem; d'ahi sobe até o cume do monte que está fronteiro a Gehennon pelo occidente.»

Tratando mais adiante dos limites da tribu de Benjamin, diz:

«E desce até áquella parte do monte que olha para o valle dos filhos de Ennon,

e que está da banda do septentrião, na extremidade do valle dos Raphains. E desce o Gehennon (isto é, o valle de Ennon) ao lado dos jebuseus pelo meio dia, e chega até a fonte de Rogel.»

Deduz-se evidentemente d'estes passos da Escriptura, alem da posição topographica do valle de Ennon, a variedade do seu nome; de sorte que dizer valle de Ennon, é o mesmo que dizer valle de Gehennon. Depois o chama Jeremias valle de Topheth, e valle da Matança, *vallis interfectionis,* pelas rasões que adduzirei; e o Evangelho, como já vimos, o tomou por symbolo do inferno, chamando-o Gehenna, e Gehenna de fogo, *gehennam ignis,* como se vê de S. Matheus. Assim pois, valle de Gehennon, valle da Matança, Topheth, Gehenna, e valle do filho Ennon são synonymos do mesmo valle.

N'aquelle valle inauguraram os hebreus da antiga alliança, no tempo dos pessimos reis de Judá, um idolo chamado Moloch (que significa rei), mas a que Jeremias dá o nome de Baal suppõe-se ser o planeta Saturno, que essa gente considerava maligno, e por isso lhe offerecia os mais cruentos sacrificios humanos. Consistia a famosa divindade n'um enorme corpo humano com a cabeça de boi, ornada de regia corôa, tudo de bronze, mas com as mãos estendidas, como quem estava para receber alguma cousa.

Diante d'esta estatua de Moloch havia sete capellas; entrava na primeira quem queria offerecer uma pomba ou outro volatil; na segunda, para um cordeiro ou ovelha; na terceira, para um carneiro; na quarta, para um vitello; na quinta, para um touro; e na sexta para um boi; mas quem queria sacrificar seu filho entrava na setima capella e abraçava o idolo, como se lê em Oséas:

«Vós que adoraes bois, immolaes-lhes homens.»

E com effeito, este uso crudelissimo não era só adoptado para com o idolo Moloch. Na Africa, segundo Tertuliano exprobra aos romanos, immolavam-se do mesmo modo publicamente creanças a Saturno, o que se repetiu até o proconsulado de Tiberio, o qual fez crucificar os sacerdotes de Saturno nas proprias arvores, cujos ramos cobriam o logar de tão hediondo sacrificio. Da Syria passou este uso á Europa. Só Agathocles, Rei da Sicilia, immolou duzentos infantes das mais fidalgas familias ao seu deus, que elle suppunha irritado.

Abria-se a vasta cavidade interior do idolo Moloch, na qual se collocavam os innocentes dedicados ao deus cruel; aquecidos os pés do idolo, ia-se o calor communicando ao seu corpo, subindo assim progressivamente até o ponto de ficar o metal vermelho, e, por conseguinte, carbonisado o cadaver das victimas. Para que se não ouvissem os gemidos e os gritos das miseras creanças, rufavam tambores durante todo o tempo do sacrificio; o que fez dar a esse valle o nome de Topheth, que significa «tambor». Confundiam-se, pois, a um tempo, em honra do deus sanguinario, o estrondo dos instrumentos, as vozes alegres e triumphaes das multidões supersticiosas, os abafados gemidos das creancinhas, e os prantos clamorosos das consternadas mães, que imploravam misericordia ao monstro surdo, cego, mudo e impassivel, a quem paes degenerados dedicavam sem trepidar o sangue do proprio sangue. Não se horrorisavam os Reis de Judá, não só de approvar as abominaveis hecatombes, mas de robustece-las, rendendo ao deus-boi o nefando culto idolatrico, como, entre outros, fizeram um Achaz e Manassés, cujos filhos foram carbonisados no ventre de Moloch.

Para pôr termo a tanta impiedade, resolveu o bom Rei Josias mandar entulhar

de immundicies aquelle valle, cujas exhalações asquerosas o tornaram execrando ao povo.

Serviu-se Isaias do nome d'este valle para exprimir a sentença final, que o Senhor ha de proferir quando houver de julgar os impios, e os tormentos com que os ha de punir, dizendo:

«Muito tempo ha que Topheth está preparado. O Rei o tem bem prompto. Topheth é profundo e extenso. Já estão dispostas as accendalhas e a lenha que têm de lhes servir de alimento, e com torrente de enxofre serão abrazadas pelo sôpro do Senhor.»

Ninguem, porém, neste ponto igualou a Jeremias, que, por mandado de Deus, toma uma botija de barro á vista dos anciãos do povo e dos Principes dos Sacerdotes, e sae do valle do filho de Ennon, que está á entrada da porta das Olarias, e prorompe:

«Ouvi a palavra do Senhor, ó Reis de Judá, moradores de Jerusalem! Tamanha afflicção farei cair sobre esta cidade, que só a noticia do castigo assombrará como raio, porque me deixaram e profanaram este logar, e n'elle sacrificaram a deuses estranhos, desconhecidos a seus paes, e aos Reis de Judá; e polluiram este logar com sangue de innocentes, e edificaram um templo para queimarem seus filhos no fogo em holocausto a Baal.

«Por isso, ahi veem os dias, diz o Senhor, e não será chamado este logar d'aqui em diante Topheth, nem valle do filho de Ennon, mas o valle da Matança.

«E comerão as carnes dos proprios filhos e as carnes de suas filhas, e cada um comerá a carne de seu amigo durante o sitio em que os puzerem os seus inimigos. Quebrarei este povo e esta cidade, como quebro este vaso de barro, e serão sepultados os mortos em Topheth, porque não haverá outro sitio para enterra-los.»

Cumpriram-se todos estes vaticinios, não só no tempo do Propheta, como nos do cêrco e destruição de Jerusalem por Tito; pois sabido é pela historia que no correr do assedio paes e irmãos comeram as carnes dos filhos, como os amigos as dos amigos! Então ao valle do filho de Ennon se pôde chamar merecidamente valle da Matança! Então foram os hebreus exterminados deveras pela espada de seus inimigos! Então foram os cadaveres offerecidos em pasto ás aves do ceu, e ás feras da terra! Então se tornou Jerusalem objecto de espanto, horror e escarneo para todos aquelles que, tendo-a visto a primeira vez, vendo-a depois, ficaram aterrados, e insultaram suas humilhações!

De tudo isto dá testemunho o mesmo Jeremias, no tempo de Nabuchodonosor; e Flavio José, no de Tito. Então foram os hebreus em grande numero enterrados no valle de Topheth, por não haver outro logar, conforme a prophecia, para sepulta-los.

Com effeito, como Tito houvesse collocado seus acampamentos ao norte, desde o angulo oriental até posteriormente o occidental da cidade, esta só tinha livre a parte meridional; e assim foi obrigada a sepultar os corpos de seus mortos em Topheth, por não haver outro logar. Sabemos tambem pelo citado historiador hebreu que desde 14 de abril ao 1.º de julho, que perfaz o prazo de dois mezes e meio que durou o assedio de Tito, saíram só por uma porta 115:880 cadaveres; essa porta não podia ser outra senão a que olha para o sul. Entre os milhares de hebreus que pereceram n'essa conjunctura, muitos eram, sem duvida, de nobre li-

nhagem; mas como prestar-lhes as honras da sepultura em tempo de tanto aperto? Quem poderia pensar em perpetuar a memoria dos proprios parentes por meio de algum monumento sepulchral? Ninguem. E nenhum monumento se vê no valle de Gehennon, não obstante ter sido juncado de cadaveres. E mais é certo que, ao ser a cidade tomada e destruida pelos chaldeus e pelos romanos, tão grande numero de judeus foram n'este sitio mortos, que lhe foi dado o nome de *Polyandrion*, por ser sepultura de uma multidão de homens.

Não acontece o mesmo a respeito da collina que o fecha pelo lado do sul, a qual está toda cheia de sepulchros abertos na rocha viva, entre os quaes alguns ha mais ou menos notaveis, apesar de pertencerem todos a particulares. São estes sepulchros de tempera tão rija, que a acção roedora dos seculos os não tem podido derrocar. Muitos hão sido estragados a martello, e poucos existem intactos; entre estes ha um especialmente, que tem a fórma de uma camara, onde se esconderam os Apostolos na noite da prisão do Redemptor. Confundem alguns este sepulchro com o antro para onde se retirou S. Pedro a chorar o seu peccado; mas não é exacto; porque, como adiante observarei fallando do monte Sião, achava-se Pedro no palacio de Caiphás, d'onde, diz S. Matheus, saíu para fóra, e chorou amargamente. Não devemos suppôr que no impeto da sua amargura andasse S. Pedro tanto caminho, saíndo da casa dos Pontifices, atravessando parte de Sião, o campo dos Calandreiros, o valle de Gehennon, a outra collina, para chegar ao sitio de que se trata; porquanto, diz expressamente o Evangelista que elle saíu para fóra do palacio, *egressus foras*, e chorou amargamente a sua culpa. É tão provavel esta conjectura, que ainda hoje muitos apontam na encosta oriental de Sião um sitio, onde suppõem que o santo Apostolo foi fazer a sua penitencia.

Seja como fôr, existe entre estes tumulos talhados o do grão Sacerdote Annás ou Annano. Ha-os de todos os seculos: alguns teem ainda inscripções, que não foram traduzidas; varias tornaram-se illegiveis; ha-as em letras hebraicas, gregas, phenicias e cuneiformes, e até algumas em caracteres desconhecidos. Das legiveis algumas são insignificantes; diversas em grego trazem simplesmente estas palavras precedidas de uma Cruz: «Santa Sião». Todos estes tumulos teem sido profanados; ossos jazem por sobre a terra. Assim era mister que se verificasse aquelle castigo do Senhor a Jerusalem, expresso n'estas palavras de Jeremias:

«N'aquelle tempo lançarão fóra das suas sepulturas os ossos dos Reis de Judá, os ossos dos seus Principes, os ossos dos Sacerdotes, os ossos dos Prophetas, os ossos d'aquelles que em Jerusalem teem habitado; e expo-los-hão ao sol e á lua, e a toda essa milicia do ceu, a quem elles amaram e serviram, buscaram e adoraram. Não serão recolhidos nem sepultados; jazerão á face da terra como um muladar.»

II

Seguindo para o oriente, acha-se uma collina (de Haceldama), em cuja raiz septentrional jaz o campo de Haceldama, nome que exprime a sua origem e serventia. Haceldama quer dizer campo de sangue, por terem-n'o comprado os Principes dos Sacerdotes com o producto do precioso sangue do Redemptor, isto é, com os trinta dinheiros que haviam dado a Judas em paga de sua negra traição; dinheiro que o desventurado Apostolo, tomado de desesperação, offerece, bradando:

«Pequei entregando o sangue innocente.»

Ao que os Principes dos Sacerdotes, e anciãos responderam:

«Que temos nós com isso? Isso é lá comtigo.»

Dito o que, o perfido atirou com o dinheiro ao templo, partindo a correr para enforcar-se. Mas os Principes, tomando os dinheiros, disseram ser illicito mette-los no thesouro do templo, por serem preço do sangue de um homem condemnado á morte; e então applicaram esse producto maldito á compra de um campo, em que fossem sepultados os forasteiros desconhecidos, para cujo mister ainda hoje serve.

Haceldama tambem se chama campo do Oleiro, em rasão de ter sido comprado a um fabricante de louça. E assim se cumpriu, ponto por ponto, o que vaticinára Zacharias [1]. Segundo C. a Lapide, Bluteau, Vieira e outros, valia um dinheiro dois reales de prata, o que perfaz, para os trinta dinheiros, ridicula somma; e mostra, portanto, a pequena extensão do campo, que hoje se reduz a um grande fosso, todo cercado de muros, e coberto de uma grande abobada á flor da terra, como se ahi fôra uma cisterna, com sete bôccas, por onde são arrojados os cadaveres. Foi obra mandada fazer pela Imperatriz Santa Helena, como refere Adricomio na palavra Haceldama.

Em todo o caso é certo que n'esse logar se acha um barro esbranquiçado, proprio para trabalho de olaria, para o que ainda hoje serve; sendo á roda de Jerusalem o unico logar, alem de outra aldeola, onde ha d'esta argilla. É provavel que ella servisse igualmente para o preparo das lãs, visto como tantas vezes na Escriptura se mencionam os calandreiros d'este valle.

Refere por igual Adricomio, que por ordem da mesma Imperatriz duzentos e setenta navios foram carregados de terra extrahida d'aquelle campo, e transportada a Roma, onde foi depositada no Vaticano em um logar, que por isto se chama Campo Santo, e que hoje serve de cemiterio ao hospital do Espirito Santo, que eu visitei mais de uma vez. Não póde, de feito, haver terra mais santa que esta que foi comprada com o preço do sangue de Nosso Senhor Jesus Christo.

Tambem nos dias florescentes da republica dos pizanos avultava entre as suas vaidades de devoção a de quererem na sua mesma patria, em Piza, ser sepultados na terra santa.

Para isso mandaram navios ás praias da Palestina, d'onde transportaram tão grande quantidade de terra, quanta bastasse para cobrir o seu cemiterio, denominado Campo Santo, que visitei em Piza, encontrando entre outros o tumulo da celebre Catalani, que, não obstante ter vivido e morrido em França, quiz ter o ultimo jazigo alli. Cumpre, porém, advertir que a terra levada da Palestina não foi extrahida do Haceldama.

Ha muito quem tenha crido que a terra do Haceldama tinha a efficacia de consumir um cadaver no espaço de vinte e quatro horas (dizem outros que em tres ou quatro dias) sem exhalar a minima infecção. Poderia provar o nenhum fundamento d'esta opinião com o que foi presenciado por certo escriptor grave, quando, querendo examinar a profundeza d'aquelle fosso, viu, alem da ossada, um cadaver que devia ter sido alli atirado quinze dias antes pelo menos, e no emtanto achava-se

[1] Et dixi ad eos: Si bonum est in oculis vestris, afferte mercedem meam; et si non, quiescite. Et appenderunt mercedem meam triginta argenteos. Et dixit Dominus ad me: Projice illud ad statuarium, decorum pretium, quo appretiatus sum ab eis. Et tuli triginta argenteos, et projeci illos in domum Domini ad statuarium.

em completa putrefacção, expellindo miasmas insupportaveis. Aquella hedionda fermentação serve de pasto aos reptis e aves carnivoras, que penetram lá dentro pela bôcca do fosso. Na occasião em que elle foi, o seu guia, que se adiantou, viu um corvo com a presa no bico, devorando a porção de carne putrida, que tinha trinchado do cadaver. Mal os avistou, bateu as azas, e depois de esvoaçar um pouco pelas cavidades d'aquella região da morte, saíu do labyrintho, tomou um grande vôo, e lá foi pousar no valle de Ennon.

Os armenios são hoje donos d'esta necropole, a qual tem vinte e seis passos de comprido e vinte de largo.

III

Depois de nos determos bem meia hora no exame do Haceldama, continuámos o nosso passeio pela encosta da collina até chegarmos á sua extremidade, na direcção do sul de Sião; e ahi surge uma grande eminencia, a qual se chama monte do Mau Conselho. Deriva-se-lhe o nome do facto historico de se haverem reunido ahi em conselho os Principes dos Sacerdotes com os phariseus e os anciãos do povo, a fim de deliberarem sobre o que deviam fazer de Jesus Christo, em face de seus prodigios, que tão grande impressão causavam; e é constante que n'essa occasião resolveram mata-lo. Este conselho dos malignantes, como ponderarei n'outro logar, foi decretado no monte Sião; mas como no palacio de Caiphás não decidiram de que modo devia executar-se o nefando projecto; e como, por outro lado, diz o Evangelho que elles haviam assentado prender a Jesus traiçoeiramente, deve-se inferir que fizeram outros conciliabulos sobre o mesmo objecto, dos quaes não fallam os Evangelistas, e que um d'estes conciliabulos se verificou alli no monte do Mau Conselho; o que é tanto mais provavel, quanto se diz que n'este monte tinha o Summo Sacerdote uma casa de recreio.

N'este presupposto é de toda a verosimilhança que, achando-se Caiphás n'essa casa de campo, lá o fossem visitar os Principes dos Sacerdotes, phariseus, escribas e anciãos do povo, e que fizessem recaír a conversação sobre Jesus, e n'essa occasião concertassem como devia ser preso e morto.

O que é fóra de duvida é que, desde a mais remota antiguidade christã, outro nome se não deu a esta parte dos arrabaldes meridionaes de Jerusalem, senão o de monte do Mau Conselho.

Ao presente nada offerece notavel. Não se vê uma arvore, uma planta, um sepulchro; é um montão de pedras dispersas, como dispersos foram os malvados que alli machinaram contra o Senhor. Por isso tem sido este monte sempre objecto de desprezo e asco para latinos, gregos, armenios, e até protestantes, que desejando comprar um terreno, e offerecendo-se-lhes este, o recusaram por qualquer preço. Acabam porém de o mercar os proprios hebreus; esses sim.

Apenas mostram os guias no cume do monte umas duas ou tres casas arabes, que dizem collocadas exactamente no sitio onde era a de Caiphás.

Proseguindo o caminho pelo lado esquerdo do valle, e depois de se terem andado uns duzentos e cincoenta metros, vê-se no declive do monte Sião o collegio anglicano: ahi ha uma escadaria talhada na rocha, que fazem remontar com bastante probabilidade aos tempos de David e dos jebuseus.

IV

Descemos depois a uma vasta campina, por meio da qual passa o caminho de Belem, o qual fica um pouco mais ao sul do antigo caminho, que era uma das cinco estradas geraes de Jerusalem. Após a conquista musulmana foi esse valle dado em patrimonio á mesquita de Omar, e ahi semeavam cevada para os cavallos. Creio que esta campina não é outra senão a prolongação meridional do valle dos Raphains, de que mais de uma vez fallam as Santas Escripturas. Raphains, como já tive occasião de dizer, interpreta-se *gigantes*, por cujo motivo se chama o dito valle dos Gigantes. E se agora fallo d'esse valle, apesar de prolongar-se pelos suburbios occidentaes de Jerusalem, é para não ter de voltar a tal assumpto.

Foi, pois, pelo valle do filho de Ennon que penetrei no dos Raphains, que é limitrophe. Eis as palavras do sagrado texto, que já em parte adduzi!

«E vae pelo valle do filho de Ennon, da banda meridional dos jebuseus, onde está Jerusalem, e d'ahi subindo até o cume do monte fronteiro a Gehennon, para o poente, e na extremidade do valle dos Raphains para o norte.»

São estes os limites de Judá; tratando depois de Benjamin, lê-se na ordem inversa:

«E desce até áquella parte do monte, que olha para o valle dos filhos de Ennon, e que está da banda do septentrião na extremidade do valle dos Raphains.»

Ora, não existindo outro valle, alem da planicie, cujo nome eu buscava, não hesitei em concluir que é exactamente o valle dos Raphains. Ha, porém, outra difficuldade a resolver, que é a que se encontra no segundo livro dos Reis, capitulo 23.°, quando diz que em certa guerra que teve David com os philisteus, haviam estes estabelecido seu arraial no valle dos Gigantes, e David achava-se n'um logar forte na cova de Odollam, que é na parte occidental de Belem. Corria então o tempo da ceifa, e fazia intenso calor. David devorado de sêde, e lembrando-se dos dias felizes de sua vida pastoril, exclamou:

«Oh! se alguem me dera a beber agua da cisterna que fica á porta de Belem.»

No mesmo ponto tres dos seus valentes romperam pelo campo dos philisteus, foram tirar agua á sobredita cisterna, e trouxeram-n'a a David; mas este não a quiz beber, e offereceu-a ao Senhor, dizendo:

«Guarde-me Deus! Por esta agua arriscaram estes homens seu sangue; não a beberei.»

Não me portei eu com igual heroicidade, porque ao visitar depois essa cisterna (que ainda se acha muito bem conservada) regalei-me, bebendo sua agua deliciosa.

Ora, se Odollam está ao occidente de Belem, e o valle dos Gigantes junto a Jerusalem, como é possivel que os tres valentes de David, partindo de Odollam para Belem, passassem pelo campo dos philisteus, que estava no valle dos Gigantes? Mas o padre Quaresmio, que foi quem suscitou esta difficuldade, resolveu-a com o mesmo sagrado texto, dizendo que os philisteus, alem do arraial que tinham no valle dos Gigantes, haviam collocado uma guarnição em Belem; por onde se póde conjecturar que os tres valentes de David não passariam pelo campo geral dos philisteus, e sim pelo presidio de Belem.

Fixado por este modo o logar do valle dos Raphains, surgem as memorias d'esta planicie, das quaes umas são geraes, outras particulares; umas nascem da Escriptura, outras da tradição. As parciaes são muitas; mas como não pude correr todo aquelle plano, que é bastante extenso, reservar-me hei para fallar d'elle em outra occasião. As geraes reduzem-se a duas, ambas escripturaes, e consistem nos dois feitos de armas, que alli praticou David contra os philisteus.

Lemos no citado segundo livro dos Reis capitulo 5.° que, ouvindo os philisteus que David fôra ungido Rei de Israel, subiram todos em busca d'elle, que, sabendo-o, se retirou a um logar forte. Mas vindo os philisteus, se estenderam pelo valle dos Raphains. E David consulta o Senhor, dizendo:

«Marcharei contra os philisteus! E entregar-m'os-has tu nas minhas mãos?»

E respondeu o Senhor a David:

«Sim, vae.»

Chegou pois David ao sitio de Baal Farasim, onde destroçou os philisteus, e disse:

«Dividiu o Senhor meus inimigos, como se dividem as aguas.»

Por isso aquelle logar se chama Baal Farasim (campo da divisão).

Os philisteus deixaram alli os seus idolos, que David e a sua gente lançaram no fogo; mas aquelles espalharam-se pelo valle dos Raphains, e ahi de novo foram derrotados por David.

São estes os bellicos successos que se deram no valle dos Raphains, o qual pareceu tão adaptado a certos autores para arraial permanente dos guerreiros, que até o indicam como theatro d'aquelle assombroso estrago de 185:000 assyrios, que compunham o exercito de Sennacherib, exterminados em uma só noite pelo Anjo do Senhor.

É, porém, esta opinião evidentemente opposta á Escriptura Santa, que diz que, quando se deu esse desbarato no exercito de Sennacherib, achava-se este no assedio de Lobna, que está, não ao sul, mas ao norte de Jerusalem; e pois, não podia o exercito dos assyrios ser destruido no referido valle. Outros collocam esta acção no valle de Ennon; mas tambem estes se enganam por identica rasão de opposição de logar.

Este valle é assás fertil e bem cultivado; a sua parte pedregosa, isto é, a mais vizinha de Jerusalem, é plantada de vinhas, figueiras e oliveiras, que crescem vigorosamente; tambem ahi ha algumas amoreiras, porém muito mesquinhas.

CAPITULO XV

EXTRA-MUROS DE JERUSALEM—PARTE ORIENTAL

I. Valle de Siloé.—II. Poço de Nehemias. Ruinas da fabrica do templo de Artaxerxes.—III. Fonte da Senhora. Aldeia de Siloé.—IV. Piscina de Siloé. Cura do cego de nascença. V. Martyrio e tumulo de Isaías. Jardins.

I

O systema que venho seguindo, leva-me a descrever agora os extra-muros ao oriente de Jerusalem, região de tão venerandas tradições.

Parallelo á cidade corre um valle, cujo nome mais generico é de Josaphat; tambem o denominam de Cedron, e o principio d'elle, a partir dos logares que acabâmos de percorrer, isto é, da região meridional dos suburbios de Jerusalem para o norte, tem mais particularmente o nome de valle de Siloé, comquanto seja prolongação do mesmo alveo, por onde na estação das aguas se despenha a torrente de Cedron. E pois que temos ido proseguindo a nossa descripção do sul para norte, cumpre-me agora fallar de Siloé, onde não poucas memorias tem de nos captivar a attenção.

II

Na digressão que fiz, não percorri os logares na direcção que o systema adoptado n'este livro me obriga a respeitar; pois em vez de seguir do sul para o norte, saí ao contrario da Porta de Santo Estevão para Siloé; todavia nenhuma differença fará isso na minha descripção.

Quando cheguei ao fundo do valle, mostraram-me a bôcca de um poço profundissimo, que os historiadores chamam poço de Nehemias. Deriva este nome do que se passou no tempo de Jeremias, quando, sitiando Nabuchodonosor a cidade santa, e levando captivos os hebreus, alguns Sacerdotes, tirando do altar o fogo, esconderam-no em um valle, onde havia um poço alto e secco.

Passados setenta annos foi Nehemias enviado á Judéa pelo Rei da Persia. Ao chegar, mandou que os netos d'aquelles Sacerdotes fossem procurar o lume santo, mas não foi por elles encontrada senão agua lodosa.

Ordenou Nehemias lhe levassem d'essa agua, e com ella aspergissem as victimas e a lenha, que para o sacrificio estava preparada.

Feito isto, e ao raiar do sol, que estivera ennublado, ateou-se uma labareda que devorou o holocausto.

Nehemias ordenou tambem que borrifassem com o resto da agua as pedras, e das pedras irromperam chammas, que foram absorvidas pelas do fogo do altar.

Consummado o sacrificio, e após os prodigios que o acompanharam, o Rei da Persia, a cuja noticia chegou o successo, edificou um templo commemorativo, e distribuiu com a sua propria mão beneficios e presentes, conforme nos diz a Biblia.

Chamou Nehemias este logar Nepptar, que significa Purificação. D'ahi vem a rasão de se lhe dar o nome de poço de Nehemias. De presente não está secco; estava-o no tempo de Jeremias; nem encerra agua choca; tinha-a depois que os hebreus voltaram de Babylonia. Contém hoje agua limpida e abundante. É verdade que a sua profundeza, e a deficiencia de machinas hydraulicas tornam difficil a extracção do liquido, cuja falta é aliás preenchida pela agua de Siloé.

O poço de Nehemias serve alli de prognostico feliz, como o Nilo no Egypto, quando na sua enchente annual attinge a um determinado limite; porque no inverno o poço cresce até á bôcca; ferve, referve, e irrompe depois.

N'essa occasião, os villãos de Siloé, despindo a natural aspereza da indole, e tornando-se por um momento urbanos, correm a tomar d'aquella agua, e prazenteiros a levam aos magnatas, e aos tres conventos que representam as nações dominantes em Jerusalem: latina, grega e armenia. Está entendido que esta officiosidade não tem outro intuito senão a colheita de alguns *batchis;* rasão por que a irrupção do poço de Nehemias é tão festejada por aquelles alarves, que d'isso fazem meio de vida. Esse phenomeno nem é uma superstição, nem um prodigio, é effeito de causa natural; visto como achando-se o poço na parte mais funda do valle, por onde corre a torrente, as aguas, que ora se infiltram, ora se precipitam do alto por canaes subterraneos, necessariamente devem desembocar n'algum logar; esse escoadoiro é o poço de Nehemias, que, não as podendo conter todas no bôjo, fa-las trasbordar, fluindo e refluindo pelo orificio superior, seu unico respiradoiro.

Estas enchentes torrenciaes do Cedron fecundam muito tempo os terrenos adjacentes, que os siloanos se apressam em cultivar, plantando couves, ervilhas, alfaces e outras hortaliças, de que se manteem n'aquella estação.

Abaixo do poço de Nehemias jazem as ruinas de uma fabrica antiga, que alguns sobem aos tempos de Artaxerxes, Rei da Persia. Ha, porém, muito quem diga que não denotam aquellas ruinas antiguidade tão remota.

Serão ellas as do templo de Artaxerxes, de que acima fallei?

Não ouso emittir opinião.

III

Proseguindo o nosso passeio pelo valle de Siloé, chegámos a uma fonte, que recebe as aguas das montanhas do Moria: é a Fonte da Senhora, nome que até os turcos lhe conservam. E eis-aqui a explicação, na primeira parte authentica, na segunda tradicional.

Mandava a lei de Moysés (Lev. XII) que a mulher recem-alumiada se purificasse de dada fórma, e entregasse ao Sacerdote á porta do tabernaculo um cordeiro e uma rola, ou duas rolas, se as suas posses lhe não permittissem offerecer cordeiro. Maria offereceu os dois pombinhos. O velho Simeão por inspiração celeste reconheceu na creança o Salvador; improvisou o já citado cantico (Luc. II, 26 e seg.); e coube-lhe a honra insigne de albergar alguns dias a Sacra Familia em sua casa, que deitava para a explanada do templo, no angulo sueste. E pois que d'alli ia a Virgem lavar as faxas do Menino, ficou a fonte com o nome da Senhora. O logar da casa de Simeão é muito honrado dos turcos, e ainda hoje se chama Berço de Jesus Christo; nome com que outr'ora ahi a decorou um convento, de que nem ruinas subsistem.

O sitio onde ferve a fonte, é subterraneo, e desce-se por uma escada de pedra assás commoda, que poderá ter uns vinte degraus. A agua não é boa; mais serve para lavar, que para bebida. Segundo a opinião de graves autores, é esta a fonte do Dragão, fonte de que falla Nehemias.

Somos chegados á aldeia de Siloé, pobre logarejo na encosta do monte do Escandalo, montão enorme de pedrinhas conglutinadas com a lama; alguns quarenta tugurios toscos, alguns fornos arabes, algumas grutas sepulchraes, hoje habitação de beduinos e outr'ora de contemplativos; eis tudo o que forma actualmente a poetica Siloé. As casas não se distinguem dos sepulchros! Mas, emquanto o viandante, olhos fitos n'esta aldeia, se põe a deplorar a miseranda sorte d'ella, contrapondo o seu estado á idéa preconcebida, surge de improviso das cavidades dos rochedos um beduino de côr bronzeada, que lá vem acorda-lo, e provar-lhe não serem aquelles solitarios recessos destinados para mortos, nem para raposas, como, á primeira vista, se pensaria; mas sim para uma raça robusta e semi-selvagem, que alli estabeleceu o ninho.

Um momento depois vê sair de uma choupana murada de pedras e assoalhada de esterco uma esfarrapada e immunda mulher, trazendo ao collo uma creancinha e outras ao lado, como que tambem querendo convencer ao viajante, que entre aquelles ermos penhascos é possivel nascer, viver, e multiplicar-se a especie humana! Mal tem acabado de contemplar este espectaculo, quando vê levantar a cabeça fóra das grutas um rebanho de cabras, que se guindam rapidamente pelas penhas em busca de enfezada relva.

Mas o que sobre tudo espanta e aterra o viajante é ver, n'um abrir e fechar de olhos, surgir de todas as partes (de fornos, choupanas, espeluncas e grutas) um tropel de rapazes ligeiros como cabritos, de aspecto sinistro, requeimados do sol, semi-nus, ferozes por indole, insolentes por educação, travarem de pedras, e com ellas acolherem o forasteiro, que vae visitar a sua aldeia, onde elles se consideram tão fortes, como os jebuseus na inexpugnavel rocha de Sião. N'aquelle viver de escorpiões não invejam Paris, Londres, Roma, nem qualquer outra opulenta capital do mundo; e tão satisfeitos vivem com os seus farrapos, os seus covis, as suas aguas philtradas das rochas, que tudo isso o não trocariam pelos Escuriaes ou pelos Fontainebleaux. E ai de quem lhes tentar incutir idéa de ponderação e respeito! Cousa incrivel! Os mesmos arabes do deserto são muito mais doceis e menos ferozes que os travessos de Siloé, não obstante viverem em frente dos muros de Jerosolyma! A mesma Cidade Santa ha sido muitas vezes assaltada d'essas vespas de figura humana. Só de Barrabás parecem descender.

IV

Em frente da aldeia está a celebre fonte de Siloé, com a sua natatoria, ou piscina, cuja fama durará tanto quanto o estrepito do milagre alli operado pelo divino Jesus; o qual, expulso do templo, e passando ahi, viu um homem, que era cego de nascença; e tendo os discipulos perguntado por que delicto havia aquelle homem nascido cego, Jesus lhes deu a conhecer que nem sempre os males e afflicções d'esta vida são mandados por Deus em castigo de peccados; e logo, tomando na mão um pouco de lodo, a que misturou sua saliva, pô-lo nos olhos do cego e disse-lhe:

— «Vae lavar-te na piscina de Siloé.»

Feito o que, ficou vendo. Então os que antes haviam testemunhado mendigar, perguntavam:

— «Este não é o cego que pedia esmola?»

— «É», respondiam uns.

— «Não é», diziam outros.

Mas o homem respondia sempre:

— «Sim, senhor, sou eu mesmo.»

— «Então como foi isso?»

E depois que o cego expoz como as cousas se tinham passado, perguntavam-lhe:

— «Onde está elle?»

— «Não sei.»

Então levaram-no aos phariseus, a quem referiu o feito; e como este occorresse n'um sabbado, observaram elles:

— «Quem não guarda o sabbado, não é de Deus.»

— «E como póde um peccador fazer prodigios assim?» redarguiam outros.

De novo interrogaram o ex-cego:

— «Que dizes tu d'aquelle que te abriu os olhos?»

— «Que é um Propheta.»

Mas os phariseus, mandando chamar os paes d'elle, inquiriram se era com effeito aquelle o filho que elles diziam ter nascido cego, e como é que via agora?

— «O que sabemos, responderam, é que este é o nosso filho que nasceu cego, e que vê agora; mas quem o curou, é como elle vo-lo dirá, que não é nenhuma creança.»

Tornaram, pois, os judeus a chama-lo, e disseram-lhe:

— «Toma conta comtigo: nós sabemos que esse homem é um peccador.»

— «Mas como te abriu elle os olhos?»

— «Já disse. Para que tantas perguntas? Quereis porventura fazer-vos tambem discipulos d'elle?»

A esta resposta cubriram-no de injurias, dizendo-lhe:

— «Discipulo d'elle serás tu; nós somos discipulos de Moysés.»

Em seguida lançaram-no fóra.

Ouviu Jesus que o tinham repellido, e encontrando-o, perguntou-lhe:

— «Tu crês no Filho de Deus?»

— « Creio, Senhor: quem é elle? »

Disse-lhe Jesus:

— « Conhece-o; é quem te está fallando. »

— « Creio, Senhor, creio », exclamou o homem; e prostrando-se, o adorou.

No ultimo dia da festa dos Tabernaculos, no dominio da lei antiga, ia-se com toda a solemnidade á fonte de Siloé buscar agua, e leva-la para o altar, onde a misturavam com o vinho do sacrificio, em memoria da agua que Deus tinha feito brotar do rochedo no deserto, e com o fim de pedir chuva para o tempo da sementeira. Jesus, assistindo a uma d'essas festas, aproveitou a occasião para dizer:

« Quem tiver sêde venha a mim, e beba. Rios de agua viva sahirão das entranhas dos que me acreditarem. »

Esta fonte é altamente condecorada, pois a consideram como symbolo do proprio Christo. Em hebraico *Siloach* (que latinos e gregos pronunciavam *Siloé)* significava *mandado, enviado.* Quando o Genesis (XLIX, 10) prenuncia a vinda do Redemptor, nas palavras: *Non auferetur sceptrum de Juda, et dux de femore ejus, donec veniat qui mittendus est;* este *qui mittendus est* é no hebraico *Siloach* ou *Siloé;* e os doutores da Egreja desenvolvem largamente os fundamentos d'esta confrontação.

Nota-se na fonte de Siloé um phenomeno admiravel, de que não consta haver-se dado até hoje boa explicação.

S. Jeronymo, commentando o passo de Isaias (VIII, 6): « Este povo rejeitou as aguas de Siloé, que vão correndo em silencio », exprime-se d'est'arte: « Na raiz da serra de Sião fica a fonte de Siloé, a qual, não permanentemente, mas a certas horas do dia referve; e principalmente nós, que n'esta provincia habitâmos, não podemos duvidar que n'essa occasião penetram suas aguas em concavidades, e vão com grande estrepito lançar-se em antros de durissima pedra ».

O certo é que ahi se distingue um como fluxo e refluxo, ora calado, ora ruidoso, de incerta causa. Haverá ahi communicação subterranea com o mar? Ou quererá alguem escolher entre as explicações abstrusas dos que attribuem o phenomeno ás influencias lunares, provenientes de uma predilecção do astro segundo para a fonte de Siloé? aos caprichos de um dragão, morador nas entranhas do monte, como os arabes pretendem? a causa sobrenatural?

Expliquem o caso como quizerem, mas não o contestem, nem imitem um viajante, que affirmou ter passado um dia inteiro á beira da fonte, sem lhe observar a minima alteração do nivel; assim desmentiu todos os historiadores, e a verdade que eu mesmo presenciei maravilhado!

Cumpre agora fazer uma descripção da piscina de Siloé; tira-la-hei em parte dos meus proprios apontamentos, e em parte dos relatorios de exploradores modernissimos, como frei Lavinio, e o engenheiro Warren.

Chegando-se a uma pequena explanada, mergulham espantados os olhos por uma larga escadaria, onde caberiam a par sete ou oito pessoas, a qual escadaria se compõe de dezesete degraus; segue-se-lhes um extenso patamar, descendo-se ainda por mais quinze degraus muito mais altos e estreitos que os precedentes, até chegar-se á agua. O primeiro lanço de escada corre a ceu descoberto por entre rocha talhada de ambos os lados a pique. No logar, porém, onde começa o segundo lanço, entra-se por uma altissima abertura em fórma de ogiva, que dá começo a uma solida e antiquissima abobada, que, em enorme altura, cobre as

aguas. Estas são ladeadas, parte de pedras naturaes e brutescas, parte de cantos affeiçoados pela mão do homem. No ultimo degrau que leva á agua fica o sitio, d'onde ella nasce e de ahi parte em canal subterraneo, todo encravado na rocha. Este túnel, segundo a opinião de muitos, é obra de Salomão. Esdras o chama aqueducto do Rei. O dito subterraneo aqueducto foi explorado em 1866 e 1870.

Quando os exploradores entraram, não pingava nem uma gota de agua, e o canal estava secco; mas para logo se apresentou uma corrente de 11 centimetros. Acha-se um canal alto por onde as aguas entram n'um reservatorio redondo; depois vem uma saleta, d'onde continua o aqueducto serpenteando, e apresentando nas paredes uns nichos, que parecem destinados a abrigar uma pessoa, quando outra lhe vem ao encontro. A distancia de 18 metros da entrada, acha-se á direita outro canal, que tem um curso de 17 pés, e vae desembocar na parte inferior de um poço, que depois chega a uma profundidade de 44 pés inglezes, sempre nas entranhas do monte, e o seu orificio superior bifurca-se para dois lados: o do noroeste sobe até uma concavidade, d'onde parte um corredor horisontal de 8 pés sobre 4, tudo cavado a escopro na rocha. Assim se percorrem 40 pés, e chega-se a uma parede, que apenas deixa um pouco de espaço para penetrar a custo: percorrem-se mais 50 pés, até chegar-se a uma grande sala da altura de 20 pés; debaixo d'ella ha outra cavidade menor.

Na passagem horisontal acharam-se lampadas de vidro collocadas a espaços, como para alumiar o sitio. Na sala grande encontrou-se um montinho de carvão, outra lampada, um prato envernizado e uma bilha; na passagem encontraram-se mais duas. Finalmente sobre o poço havia um annel de ferro, talvez destinado para prender a corda com que se tirava a agua.

Pelo que respeita á agua da fonte, uns a denominam pura e fresca, outros salobra e pesada. A mim pareceu-me assás doce, e talvez se conciliem essas differenças, por variar esta agua de sabor, ou seja em varios periodos do anno, ou nos diversos periodos de sua intermittencia, ou mesmo pelas misturas que lhe advenham por occasião das chuvas, e que assim lhe alteram o sabor.

É possivel que esta fonte haja variado a qualidade de suas aguas. A distancia, porém, d'onde são trazidas em maus jarros; os reservatorios em que são guardadas; tudo isso, dizem lá, concorre para deteriora-las.

No correr do assedio de Jerusalem não tiveram os cruzados outra agua, senão a de Siloé, embora lhes custasse mui cara; pois alem de serem obrigados a manda-la buscar em jumentos, e com um rodeio de seis milhas, mal chegava para abastecer o exercito.

Nos primeiros seculos do Christianismo costumavam os fieis ir banhar-se na piscina de Siloé, para obterem a cura de toda a especie de enfermidade, costume que mais ou menos até hoje se tem conservado: ahi foi erigida uma egreja consagrada ao Salvador Illuminador. A natatoria estava incluida na egreja, cingida de uma balaustrada e dividida em duas partes, uma para cada sexo; e d'ahi passava a agua para o tanque de Salomão, que ficava em frente da porta da egreja, o qual era em parte na rocha, e hoje está atulhado e convertido em horta.

Ao sudoeste, não longe da piscina, acha-se um caminho, que sobe para o monte de Sião. Chamava-se este antigamente a estrada dos degraus, por onde se descia da cidade de David.

Ainda se vêem n'este ingreme caminho alguns degraus talhados na rocha.

V

Não muito distante da natatoria de Siloé, topa-se no meio do caminho com um antiquissimo tronco de amoreira, cercado de um muro de pedras soltas, que o resguarda dos estragos do tempo, e da malignidade dos homens. Segundo a tradição hebraica, ahi mandou o impio Manassés martyrisar Isaías, ordenando que o serrassem ao meio com uma serra de pau. Commemora a Egreja esta crueldade no dia 5 de julho, e lê-se no martyrologio que o Propheta foi sepultado debaixo de um carvalho de Rògel, vizinho á torrente da fonte. Tudo isso confirma que nos Santos Logares cada palmo de terra é venerando por alguma peregrina virtude, ou por alguma nobre empreza, ou por algum divino exemplo, ou por alguma espantosa ameaça, ou por algum terrivel castigo! Diz-se verdade, quando se affirma que um passo se não dá na Terra Santa, que não se pizem as pégadas de um Apostolo, de um heroe, de um martyr, e, o que é mais, do Homem Deus.

Aqui foi serrado Isaías, dizia eu comigo; aqui... ah! como ainda me parecia retumbarem aos ouvidos as estrophes sublimes, os oraculos minazes do maior dos Prophetas! Como que ainda o ouvia vaticinar, morrendo, o nascimento, a vida, a paixão e a morte do suspirado Messias, cuja historia elle prenunciára.

E o tronco annoso e melancolico da amoreira? N'elle se me fitavam os olhos do corpo; os da alma percorriam a cadeia dos seculos, visitavam o berço do filho de Amós, e viam-no coroado de luz no reino immortal, de cujas verdades foi pregoeiro!

Do logar do martyrio do Propheta até ás extremas do valle não se encontram senão jardinzinhos, que, apezar de pessimamente cultivados em relação aos da Europa, não deixam de ser fecundos; o que se deve, não á sciencia agricola, mas á uberdade do terreno. A circumstancia de serem estes jardinzinhos irrigados pelas aguas de Siloé, a unica nas cercanias de Jerusalem, augmenta-lhes o valor, de modo que ainda hoje se poderiam chamar jardins do Rei. É com effeito o logar denominado Jardim do Rei o ponto onde termina o valle de Josaphat. Ahi se mostram ainda dois pequenos edificios meio arruinados: o primeiro, que tem perto uma cisterna, é um oratorio musulmano; o outro cobre um poço, que os indigenas chamam de Jacob. Alguns pensam tambem que este poço seja verdadeiramente a fonte de Rogel.

Por essas alturas ainda hoje existem uns pobres quintaes ajardinados, que rega a fecundante agua de Siloé. São os unicos fóra dos muros de Jerusalem. Outr'ora ahi ficava com effeito o jardim rea' *(hortus conclusus)* rodeado de elegantes muros. Era uma especie de paraiso terreal, ornado de bosques deliciosos, e de uma amenidade incomparavel; alli cresciam abundantemente arvores, flores, nardos, canna aromatica, cinamomo, myrrha, aloes e as plantas mais odorificas e raras. N'esse jardim era encerrada a famosa fonte de Rogel, que ficava ao pé da pedra de Zoheleth, sendo para esse logar que Adonias, depois de um holocausto, convidou todos seus irmãos, menos Salomão, e todos os grandes de Judá, menos o Propheta Nathan, nas circumstancias já referidas, quando tratei de Gihon.

No Cantico dos Canticos, quando Salomão admira as bellezas da Egreja e das almas escolhidas, dando aliás a vantagem á caridade, que se alberga no coração;

cantico de que adiante extrahirei outras comparações, invoca o sabio Rei, para um de seus elegantes *similes,* este jardim fechado, este mesmo delicioso horto concluso, exprimindo-se d'est'arte:

«Que lindos são teus peitos, irmã, esposa minha! O aroma dos teus balsamos excede a todos os perfumes. São teus labios, ó esposa, favo que distilla doçura. Debaixo da tua lingua estão leite e mel; é de incenso o cheiro de teus vestidos. Jardim fechado és tu, irmã, esposa minha; jardim fechado, fonte sellada. Tuas producções são vergel de romãs com fructos de maceiras, chypres com o nardo, e açafrão, canna aromatica e cinamomo com todas as arvores do Libano; myrrha e aloes com todos os balsamos da mór valia; fonte dos jardins, poço das aguas vivas que impetuosas correm no Libano. Levanta-se, aquilão, e tu, vento do meio dia, vem! assopra de todos os lados no meu jardim, e diffundam-se por toda a parte os seus aromas!»

Que assombrosas não eram pois essas magnificencias; e d'ellas que resta? *Etiam periere ruinæ:* já nem vestigios sobrevivem. Só ficou o vasio nome; tão vasio como esses titulos ephemeros e essas honras vãs, que o supracitado Monarcha, o mais sabio e desenganado dos homens, devia mais tarde reconhecer, e qualificar como *vaidade das vaidades!*

CAPITULO XVI

EXTRA-MUROS DE JERUSALEM—PARTE ORIENTAL

I. Valle de Josaphat. Sua descripção.—II. Se é este o logar marcado para o Juizo Universal.—III. Suas dimensões.—IV. Torrente de Cedron.—V. Sepultura da Virgem. Sepulturas de S. Joaquim, Sant'Anna e S. José.—VI. A lage do joelho do Senhor.—VII. Cemiterio dos hebreus.—VIII. Sepultura de Josaphat.—IX. Mão de Absalão.—X. Gruta de S. Thiago.—XI. Sepulchro de Zacarias.

I

Disse eu que ao oriente de Jerusalem era a cidade bordada por um valle, cujo nome generico é de Josaphat. Tratei até aqui da sua parte meridional, a que fica entre os montes Sião e do Escandalo; passarei agora a descrever o que nos resta a examinar no seu curso até o norte, isto é, entre os montes Moria e Olivete; mas por ser isto indifferente, seguirei agora a ordem pela qual percorri esse valle.

Saindo pela Porta de Santo Estevão, desci por uma estrada fragosa, que vae costeando a parte do Moria, onde está a porta Aurea. Antes de terminar a descida, encontra-se uma lage escabrosa e durissima.

É ahi que, segundo alguns (pois outros collocam este acontecimento fóra da porta de Damasco) se completou o martyrio d'aquelle famoso Estevão, o diacono, que abriu a serie dos tres milhões de martyres.

Com effeito, nove mezes apenas haviam decorrido após a morte do Redemptor. Tinham os discipulos escolhido d'entre si a sete varões cheios do espirito divino. D'elles o primeiro, Estevão, operava grandes prodigios; e como os da synagoga não podessem resistir á sabedoria que n'elle fallava, sobornaram testemunhas para lhe attribuirem blasphemias contra Moysés e contra Deus. Os conjurados amotinaram o povo, anciãos e escribas, e levaram o santo Levita ao synedrio. E depois que o haviam bem accusado, fitaram n'elle os olhos, e viram-lhe o rosto resplandecendo como o de um Anjo; e Estevão fallou como inspirado, desenvolvendo as verdades da alliança nova, e ameaçando os reprobos com a mais santa soltura da palavra. Os conjurados rangiam os dentes e exaltavam-se: n'isto o diacono levantou os olhos para o firmamento e exclamou radiante de jubilo:

« Estou vendo, estou vendo abertos os ceus! Lá vejo o Filho do Homem, Jesus, de pé á dextra de Deus. »

Estas palavras excitaram por tal modo a exacerbação dos animos, que todos, voz em grita, mas tapando os ouvidos, arremetteram a elle furiosos; expulsaram-no da cidade a pedradas; mas o Santo antes de expirar, ergueu as mãos ao Eterno Padre, e orou assim:

«Senhor Jesus! recebe o meu espirito... Ai! Senhor, não imputes a elles este peccado!»

E proferidas estas palavras adormeceu no Senhor.

Mostra-se alli o logar onde, durante o martyrio, se conservou o mancebo Saulo (aliás predestinado para Apostolo das nações!) guardando as capas dos apedrejadores. Mostra-se tambem ao lado o sitio onde a Imperatriz Eudoxia mandou construir uma egreja em honra do glorioso Estevão; nem ruinas subsistem.

Em seguida passa-se uma pontesinha de pedra, e chega-se ao valle de Josaphat; alli o Moria empina-se quasi inaccessivel; o Olivete ergue-se magestoso. As encostas de ambos estes montes estão alastradas de sepulchros musulmanos, bem como toda a superficie do valle de Josaphat.

Derivam geralmente a etymologia d'este nome de um bello monumento, que o Rei Josaphat mandou levantar n'esse valle, de que logo fallarei: Josaphat quer dizer juizo de Deus. Tambem antigamente se lhe dava o nome de valle da Benção, porque n'elle se reuniu o povo de Israel com o Rei Josaphat, para render graças ao Senhor pela prodigiosa victoria alcançada sobre os amonitas, moabitas e syrios; mas Joel o chama tambem valle da Matança.

II

O nome de valle de Josaphat sôa terrivel aos ouvidos dos crentes. Que tristes pensamentos me não suscitou n'alma a primeira vista d'este logar! Pensamentos de morte e de resurreição; de juizo e de eternidade; de espanto e de terror; de calamidade e de miseria; de tribulação e de angustias; de trevas e de pranto! Afigurava-se-me ouvir por longes o estrondo da trombeta do Archanjo, chamando a juizo todas as gerações extinctas: *Surgite mortui, venite ad judicium!*

Nada ha, com effeito, que infunda ao crente tão profundo pavor, como as idéas que ligâmos ao nome do valle de Josaphat, e com bastante fundamento; porquanto o Propheta Joel assim se exprimiu ácerca do ultimo dia de juizo, da gloria dos escolhidos, e da pena dos reprobos.

«N'aquelles dias congregarei todos os povos, e os conduzirei para o valle de Josaphat, onde entrarei com elles em juizo. Que importa o impotente poder do homem? Liguem-se entre si por pactos; animem-se ao combate os seus valentes; ponham-se em campo os seus guerreiros. Das charruas forjae espadas e dos enxadões, lanças. Diga o fraco: «Eu sou forte»: Povos, vinde de tropel, juntae-vos n'um só logar, e ahi os vossos valentes: eu os farei perecer todos. Congregar-se-hão todas as nações no valle de Josaphat. Lá apparecerei eu no meu throno para julga-las. Virão as gentes ao valle da Matança, onde o dia do Senhor se ostentará. Apagar-se-hão as estrellas; lua e sol se cobrirão de trevas. Rugirei do alto de Sião e do monte de Jerusalem, e farei soar minha voz; ceu e terra tremerão.»

Da mesma fórma se exprimiu Jesus Christo, fallando aos discipulos (Math. xxv):

«Quando vier o Filho do Homem na sua magestade e rodeado de Anjos, sentar-se-ha no solio, e ante elle se congregarão todos os homens, e separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas, e dirá aos da sua direita: «Vinde, bemditos de meu Pae, possui o reino que desde o principio do mundo

vos está preparado;» e aos da esquerda: «Apartae-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, apparelhado para o diabo e espiritos maus.»

E ácerca d'esse tremendo instante eis como S. João Chrysostomo se explica:

«N'esse dia em que havemos de ser julgados, teremos contra nós, em testemunho de nossos peccados, ceu e terra, ar e agua, e o mundo inteiro; e ainda que tudo se calasse, as nossas proprias cogitações, as nossas obras especialmente, ahi se ergueriam accusando-nos. Ingente será o som da trombeta medonha, a que obedecerão todos os elementos; som que rasga rochas, abre infernos, arromba portões de bronze, rompe os vinculos dos mortos, e ordena ás almas que do fundo do abysmo surjam a unir-se aos corpos. E tamanhas cousas se operarão mais presto que o voar da setta.»

É de fé que no dia de juizo final, Jesus Christo, baixando á terra, assentará seu tribunal no valle da Matança, ou de Josaphat; mas não acceita a minha mente com igual firmeza que seja este, e não outro, o logar predestinado.

Não desconheço que o maior numero pensa como S. Thomás, o qual assim se expressa:

«Realisar-se-ha o juizo final ao sopé do monte Olivete, onde corre o valle de Josaphat; e Christo descerá proximo áquelle logar d'onde ascendeu, para manifestar que o que subiu, e o que baixará, é o proprio e identico Ente Divinal.»

E a despeito de tão veneranda opinião hesitei.

Aqui? Me perguntava eu a mim mesmo: será aqui, onde o Supremo Arbitro dos mundos ha de julgar as minhas miserias?

Na resposta affirmativa o meu espirito vacillava, attentas as seguintes considerações.

A Egreja não acceita, nem repelle a opinião de alguns christãos e hebreus, que proclamam ser este o valle de Josaphat apontado nos já citados passos de Joel, segundo entre os doze Prophetas menores nos exemplares hebreus e na nossa vulgata, e quarto nos da versão dos setenta.

Mas que o valle de Josaphat, do juizo universal, seja este, na raiz do Olivete, não consta de nenhum texto biblico, nem de revelação. Nem sequer parece certo, que este valle fosse conhecido no tempo de Joel por valle de Josaphat; nome que lhe adveiu de ter o Rei Josaphat alli mandado erguer um mausoleu. Entende-se por valle de Josaphat, indeterminadamente, valle do juizo de Deus. Na Salve Rainha chama a Egreja ao mundo *valle de lagrimas;* e assim foi chamado valle o globo inteiro; porque não terá o mesmo nome o espaço onde para juizo final se congregarão as gentes?

Entretanto, não acceitando como principio de fé que o juizo universal se realisará n'esse valle ao oriente de Jerusalem, estou longe de acceitar como rasão contraria as futeis objecções dos que argumentam com as proporções physicas do terreno, incapaz por sua estreiteza, dizem elles, de accommodar no seu recinto todo o genero humano. Deus creador do espaço, e de todos os seres, póde, se quizer, fechar n'uma só mão centenares de mundos. Que importa ignorarmos como isso possa dar-se? Acaso alcança a nossa mesquinha intelligencia como se verificam os mais singelos actos com que a natureza offusca a humana ignorancia [1]? Se n'isto reflectisse o celebre incredulo que, transpondo o oceano, e vingando as interpostas

[1] Perdam sapientiam sapientium: et prudentiam prudentium reprobabo. (I. Corinth. I., 19.)

montanhas da Judéa, veiu a Jerusalem de proposito para medir o valle de Josaphat, e provar, pela exiguidade do terreno, que era impossivel caber n'elle a decima parte, não do genero humano, mas dos mortos em Jerusalem, não teria de certo emprehendido tão penosa viagem, nem esperdiçado tantas fadigas, nem finalmente atormentado o cerebro com o tornear de calculos, que só demonstram a sua rematada loucura! Que succedeu? Succedeu que em vez de escarnecer com vantagem da omnipotencia de Deus, foi coberto de apodos pela população de Jerusalem, e enxotado a pedradas dentro de poucas horas!

Se esse insensato fôra catholico, saberia que a Egreja no seu catecismo ensina, que o estado dos nossos corpos na resurreição universal será inteiramente diverso do presente. Então desapparecerá toda a materialidade, todo o peso e toda a extensão, que hoje nos ligam á terra, como nosso centro; então seremos dotados de claridade, de subtileza, de agilidade e de impassibilidade:

Clari, subtiles, agiles, impassibilesque,
Omne quadruplice pollebunt dote beati [1].

São estes os quatro dotes dos bemaventurados; os condemnados só ficarão com os attributos da subtileza e da agilidade.

Está visto, pois, que em virtude da subtileza todo o genero humano poderia folgadamente caber no valle de Josaphat, se Deus por sua omnipotencia assim o determinasse [2]. D'este dote da subtileza nos deu o Senhor Jesus tres exemplos: primeiro, saíndo do seio materno, sem lesão da integridade virginal de Maria; segundo, apparecendo aos seus discipulos, estando elles de portas fechadas no Cenaculo; terceiro, perpetuando-se até á consummação dos seculos no Augustissimo Sacramento do Altar. De sorte que no juizo universal conservaremos todas as qualidades do corpo, e teremos em certo modo as propriedades do espirito. Alem d'isto, observa o apostolo S. Paulo, «que o Senhor com mandato e voz de Archanjo, e com a trombeta de Deus, descerá do ceu, e os que morreram em Christo resurgirão primeiro; que depois os que viverem, os que ficarem aqui, serão arrebatados juntamente com aquelles ás nuvens a receber a Christo nos ares, e assim estarão para sempre com o Senhor».

[1] «Estes quatro dotes são os mesmos com que Christo resuscitou: de subtileza, de agilidade, de impassibilidade, de claridade. Um corpo com o dote da subtileza, se quer passar d'esta Egreja para este pateo, não ha mister porta, penetra por essa parede, assim como o sol passa por uma vidraça sem impedimento. Os judeus mandaram pôr grandes guardas ao sepulchro, para que não tirassem d'elle a Christo; e elle com a porta fechada e sellada, por virtude do dote da subtileza saíu da sepultura. Quando o Anjo abriu a porta do sepulchro, já o Senhor não estava n'elle; mas abriu-a, para que as Marias podessem entrar e ver. Da mesma sorte entrou o mesmo Senhor no Cenaculo, *cum fores essent clausæ* (Joan. xx, 19), com as portas fechadas; porque os corpos resuscitados são corpos com propriedade de espirito, a quem não resiste, nem fazem impedimento as paredes. O segundo dote é a agilidade, a qual consiste em um homem poder, quasi em um momento, estar aqui, em Lisboa e na India, e n'outras maiores distancias. Christo no dia da resurreição appareceu a Magdalena no sepulchro, ás Marias no caminho de Jerusalem, aos discipulos desesperados no castello de Emaús, aos Apostolos no Cenaculo, a S. Pedro não se sabe onde; e todas estas jornadas fez o Senhor, e fizera outras muito maiores em muito poucos momentos.» (Vieira).

[2] Potest tamen Deus sua omnipotente virtute conservari utrique corpori proprium esse, quamvis loco et positione alterum ab altero non distinguatur. (Estio, tom. 6, lib. 4, dist. 44, pas. 15).

Volverei agora ao valle, e pois que toquei indirectamente em suas dimensões, traçá-las-hei de proposito, não mathematicamente, como fez o incredulo, mas approximativamente, segundo o cordel dos olhos.

III

Não é o valle de Josaphat nem tão fundo, nem tão largo, nem tão extenso, como geralmente se crê, e como eu suppunha antes de vê-lo; ao contrario, nenhuma importancia mereceria, se lhe não andassem annexas tão graves e tremendas considerações. No tocante á profundidade cumpre dizer que tanto esse valle, como todos os outros que circumdam Jerusalem, já não tem a que outr'ora tiveram; porque, havendo sido lançadas em todos elles as ruinas da cidade, dezoito vezes destruida, necessariamente se devem ter elevado muito acima do primitivo nivel. O valle de Josaphat, com especialidade, visto como se achava junto ao templo, foi o que recebeu por duas vezes os immensos materiaes de tão sumptuosa fabrica; de modo que se póde dizer com toda a propriedade que o valle de Josaphat não só tem sido o cemiterio dos habitantes de Jerusalem, como dos despojos da mesma cidade.

Pelo que respeita á largura, tem apenas 100 metros na média; e quanto á extensão, é de 3 kilometros. Tomado, porém, em sentido lato, isto é, comprehendendo o valle de Siloé, póde-se-lhe calcular o comprimento n'umas 2 milhas. Começa ao norte, um pouco para cima do sepulchro da Senhora, e desce para o sul em linha recta e com declive suave até o monumento ou sepulchro de Josaphat, onde termina propriamente o que se chama valle de Josaphat, e d'onde começa o já fallado de Siloé, que mais despenhado e profundo vae quebrar-se no poço de Nehemias, onde faz juncção com o valle dos filhos de Enon, ou com o Gehena do Evangelho.

Antes de penetrar no verdadeiro valle de Josaphat, e costeando as muralhas da parte de fóra da cidade, ainda hoje se vê correr agua da antiga fonte do Dragão, sita entre a porta do valle e o Esterquilinio, sendo assim chamada porque a agua lhe saia das fauces de um dragão de bronze. Tinha Nehemias obtido licença do rei Artaxerxes para ir a Jerusalem, e reedifica-la. Diz-nos elle que chegára incognito, e depois de tres dias se levantára de noite, e saira com poucas pessoas pela porta do valle, passando ante a fonte do Dragão até á porta do Esterquilinio, contemplando os derrubados muros e as queimadas portas.

IV

Passando das dimensões ás cousas notaveis que se acham em Josaphat, começarei pela torrente Cedron, que atravessa ambos os valles de principio a fim. O nome d'esta torrente, tantas vezes repetido nas Escripturas, opinam alguns que deriva da grande quantidade de cedros que Salomão aqui mandou plantar ao longo das margens; mas esta tradição é geralmente rejeitada; porque desde os tempos de David já a torrente tinha aquelle nome, e pois não podia tirar a sua etymologia de cedros plantados posteriormente, se é que o foram. A opinião, por conse-

quencia, commummente seguida é a que deriva a palavra Cedron da circumstancia de ter sido outr'ora o valle de Josaphat muito fundo, e todo coberto de arvores, que o tornavam sombrio, triste e escuro; que tudo isso significava Cedron no hebraico.

O alveo d'esta torrente começa do ponto onde exactamente principia o valle de Josaphat, e vae desembocar no mar Morto. No verão Cedron está sempre secco, como todas as torrentes da Judéa, onde mais de metade do anno não cáe uma gota de agua. No inverno recebe os enxurros do Olivete, do Moria, de Sião, do monte do Escandalo, do monte do Mau Conselho, do Haceldama e de todas as vertentes proximas; e na progressão do curso vae recebendo as aguas de outras collinas e quebradas de serras, por entre as quaes corre até ás arenosas planicies da proscripta Pentapole.

Caudal seria a torrente do Cedron em remotissimos tempos. Dizem os contemplativos que a torrente começou a seccar, desde o momento em que por ella passou arrastado o divino Redemptor, na infausta noite de sua prisão, verificando-se d'est'arte o vaticinio do propheta: *De torrente in via bibet,* etc.

Tudo torna memoravel a torrente Cedron!

Este valle de Josaphat é provavelmente o mesmo que outr'ora se denominou valle de Savé, ou valle do Rei, onde o rei de Sodoma saiu ao encontro de Abrahão, quando este voltava de derrotar a Chodorlahomor e aos Reis seus alliados; sendo logo depois d'isso que Deus fallou a Abrahão.

Tambem pela torrente de Cedron passou o santo Rei David debulhado em pranto, quando fugia com sua côrte para o deserto, a fim de não ser aprisionado pelos satellites do rebelde Absalão, seu filho, que por conselhos de Achitophel se tinha feito acclamar em Hebron Rei de Israel.

Ainda não tinha transposto a torrente, quando ordenou ao Pontifice Sadoc que tornasse a levar a Arca de Deus para a cidade, dizendo que se elle achasse graça diante do Senhor, a Arca lhe seria restituida, e a tornaria a ver collocada no seu tabernaculo de Sião.

Tempos depois, perto da torrente Cedron, o bom Rei Asa afastou sua mãe de presidir aos sacrificios a Priapo, na floresta que lhe tinha consagrado; destruiu a gruta, espedaçou o torpissimo idolo, e mandou-o queimar. N'este grande zêlo foi imitado depois por Ezechias e Josias, Reis de Judá, que destruiram os altares dos idolos, e os mandaram incendiar no mesmo logar de Cedron, onde Asa havia dado exemplo.

Mas entre as memorias que recorda a torrente Cedron, merecem particular menção as muitas vezes que por ella transitou Nosso Senhor Jesus Christo, nas idas e voltas de Betania; nas noites em que ía orar no Olivete; no domingo de Ramos, em que entrou triumphante em Jerusalem; na sua ultima noite, quando levado preso do Horto; e finalmente, no dia da gloriosa Ascensão no monte das Oliveiras.

V

Depois da torrente Cedron a primeira cousa que se offerece aos olhos de quem entra no valle de Josaphat, é a egreja da Assumpção, ou do sepulchro da Senhora, que, segundo acima ponderei, se acha quasi no principio do valle, ao norte, e tão

mettido na terra, que só se vê quando se chega á porta. Ha em torno muitas oliveiras, e na frente um pateosinho que olha para o sul. Antigamente tambem se entrava por outras duas portas, mas essas foram tapadas. A do templo quasi que toca no tecto, unica parte que sobresae do nivel do chão, ficando o resto soterrado; nem admira, porquanto as paredes septentrional e meridional da egreja estão inteiramente formadas na rocha viva, cortadas perpendicularmente. Para se chegar ao fundo do templo é mister descer mais por uma escada de marmore de quarenta e sete degraus desiguaes, mas em que de frente cabem dez ou doze pessoas. Ao nivel do vigesimo setimo acham-se, nas paredes lateraes, duas capellinhas: a que se abre á direita de quem desce contém dois sarcophagos, conhecidos por sepulchros dos progenitores da Santa Virgem, e a da esquerda um sarcophago conhecido por sepulchro de S. José. Ao fundo da magestosa escadaria projecta-se em fórma de Cruz o corpo do templo, cujas trevas apenas adelgaça a coada luz de um pequeno zimborio. Tem uns vinte pés de largo sobre noventa e cinco de comprimento, de leste a oeste. Abre-se á direita outra porta estreitissima para o sepulchro da Senhora, de marmore branco, que fica a dois terços do comprimento da egreja, e é allumiado por algumas lampadas. Foi aberto na rocha viva, mas está todo incrustado de marmore cinzento tirando a verde.

Não sei descrever as suavissimas impressões que senti ao ver este venerando relicario, onde tres dias repousou o corpo da bemaventurada Virgem! Como que ainda me deliciavam os ouvidos os canticos e euges da celeste milicia transportando ao ceu a sua excelsa Rainha! Ainda hoje o coração me sangra, por me não ter sido dado celebrar a missa da Assumpção no altar alli erguido sobre tão sacrosanto jazigo.

Attribue-se a fundação d'esta egreja a Santa Helena; e ainda quando assim não seja, foi incontestavelmente erecta por esses seculos; porquanto, no anno de 429, a Imperatriz Pulcheria, levando a sua fervorosa piedade ao ponto de olvidar que a Virgem Santissima havia sido assumpta corporalmente ao ceu, escreveu a Juvenal, bispo de Jerusalem, pedindo-lhe que abrisse o sepulchro, e lhe mandasse alguma reliquia do sacrosanto despojo. Juvenal procedeu, com effeito, á abertura do jazigo, no qual teve ainda a fortuna de encontrar fragmentos das vestes, com que o divinal corpo havia sido amortalhado.

Já meiado o seculo setimo, havia ahi uma egreja sobreposta á subterranea, que era então uma rotunda.

No tempo dos cruzados foi este precioso nonumento confiado á guarda e zêlo dos monges benedictinos, que ahi habitavam n'um convento annexo, edificado pela piedade de Estevão, Rei da Hungria. Com a destruição do reino latino desappareceu o convento, reedificado depois em 1363 á custa da Rainha Joanna de Napoles, que impetrou do Sultão do Egypto aquelle santuario para os religiosos de S. Francisco, sob cuja inspecção esteve até o anno de 1757, quando foi usurpado pelos gregos scismaticos, hoje seus possuidores em commum com os armenios. Longa e dolorosa é a historia d'esta usurpação; exigiria um livro especial! Basta se saiba que o convento catholico já não existe, e que as harmonias da lingua latina ha mais de um seculo não resoam em canticos sublimes no, por excellencia, santuario da Virgem!

Duas palavras ácerca da controversia que se agita, sobre a authenticidade dos monumentos que se veneram n'esta egreja.

Começando pelos sepulchros de S. Joaquim e de Sant'Anna, confesso que tenho muita duvida em crer que fossem estes os verdadeiros receptaculos de seus despojos mortaes; parece-me improvavel, digo mais, inexacta, a opinião affirmativa; visto como não é de crer que, habitando aquelles Santos na Galiléa, viessem morrer em Jerusalem, e que tivesse cada um o seu sepulchro, e no mesmo sitio, e no ponto mais elevado do templo, acima do sepulchro da Virgem. Uma de duas, ou o sepulchro da Senhora se achava antigamente ao nivel do valle, e hoje lá no fundo, em consequencia das immensas ruinas que em torno do templo foram lançadas, ou se conservou sempre n'aquella profundidade onde actualmente se acha: no primeiro caso, os dois monumentos de que se trata, deveriam ser suspensos no ar, o que ninguem pensou, nem disse nunca; no segundo, deveriam ter sido collocados onde actualmente jazem, vinte degraus sobre o nivel do sepulchro da Virgem, o que é difficilimo de crer; tanto mais quanto todas as outras sepulturas que se acham espalhadas aqui e alli pelo valle, são collocadas na superficie e não na profundidade da terra, como aquellas estão, aliás, tendo construcção diversa. Posto isto, inclino-me a pensar que as ditas capellinhas não receberam realmente os despojos de S. Joaquim e de Sant'Anna, nem de S. José; quando muito, teriam sido para ellas transportados em tempos posteriores á sua morte. Note-se mais que esta opinião é muito moderna, porquanto de tradição similhante não fallam, nem os historiadores das cruzadas, nem o noticiario das perigrinações d'aquelle tempo, nem o de outra alguma viagem anterior ao seculo XV.

Quanto ao sepulchro da Senhora, como pertenço ao numero dos que admittem e consideram veridica a tradição de que a beatissima Virgem falleceu em Jerusalem, nenhuma duvida tenho de que fosse ella sepultada no valle de Josaphat, com quanto outros opinem que a Virgem falleceu em Epheso; opinião que, por mais respeitavel que seja, é falha de documentos que destruam a authenticidade de um sepulchro, venerado desde os tempos mais remotos em Jerusalem, sem que nunca se fallasse em outro existente em Epheso. E será crivel que os ephesios não tivessem conservado a tradição de tão precioso monumento, se o houvessem possuido? E quem! Os gregos inventores de tantas fabulas, propagadores de tantos escriptos apocryphos, e falsificadores de tantos outros, não teriam certamente deixado obliterar-se memoria tão cara, se d'ella houvessem encontrado indicios, sequer, nos seus codices, ou nas suas tradições. Seja como fôr, no seculo XVII os gregos scismaticos, querendo apoderar-se d'este santuario, accusaram os franciscanos á sublime Porta de terem vendido ao Papa o corpo da Virgem! Por mais estulta que fosse a accusação, bastou, como pretexto, para que os turcos expulsassem d'alli os religiosos, e não por affecto, mas por interesse, introduzissem os gregos. Todavia, em 1666 o embaixador de França em Constantinopla obteve um firman, que restituiu aos franciscanos os seus direitos. Desde então se tem seguido varias vicissitudes, sendo, porém, certo que actualmente, e desde muito, os gregos se conservam na posse do santuario, e nem sequer permittem aos catholicos celebrarem alli os Officios divinos.

Dito isto, reato o fio da minha descripção.

Depois de visitarmos o templo da Senhora, passámos a visitar a gruta da Agonia e o Horto do Gethsemani. Como estes dois logares são considerados partes integrantes do Olivete, em cujas raizes se acham, d'elles fallarei no seguinte capitulo, quando tiver a consolação de conduzir o meu leitor ao monte das Oliveiras.

VI

De Gethsemani, pois, continuámos o nosso exercicio ao longo da margem esquerda do Cedron, encontrando logo adiante uma grande lage antes de atravessar o leito da torrente, e proxima a uma ponte de um só arco. Ha n'esta lage uma depressão, marca, segundo dizem, de um joelho de Nosso Senhor Jesus Christo, que alli o deixou impresso na noite da prisão, quando levado com violencia pelos algozes, caíu n'aquella pedra, que os peregrinos beijam.

Só refiro o que me disseram, e o que tenho lido mais de uma vez em diversos autores que tratam da Paixão do Senhor. As leis da critica são diversas dos extases da mystica. Não poderão rasoavelmente propôr-se algumas duvidas a esta tradição? Talvez. Ainda quando as immensas ruinas do templo e da cidade não tivessem coberto o lagedo onde se venera o citado passo, não seria poupado pela devoção desculpavel, mas destruidora, de muitos, que a titulo de colherem reliquias o teriam feito em pedaços, como tem succedido com outras pedras tradicionaes.

Para conciliar a tradição com a critica, inclino-me a crer que os primitivos christãos, contemplando haver sido por aquelles sitios que o Redemptor caíu de joelhos, abrissem na rocha, em memoria d'este acontecimento, a fórma de um joelho; e assim, pelo andar dos tempos, a tradição acabasse por perpetuar a idéa de ter sido aquella a milagrosa impressão do proprio joelho de Jesus Christo.

VII

Passámos depois a visitar o cemiterio dos hebreus; consiste n'um campo semeado de lapidas sepulchraes, e estende-se pelas faldas do Olivete, sem nenhum recinto. Entre estes monumentos se distinguem quatro, que merecem particular attenção: o sepulchro de Josaphat, o de Absalão, a gruta de S. Thiago e o tumulo de Zacharias. Descreve-los-hei succintamente; mas cumpre advertir que, tratando-se de sepulchros judaicos, deve o leitor formar idéa diversa da que tem dos nossos mausoleus. Devo, pois, observar que os sepulchros no Oriente foram sempre materia de ostentação, e na maior parte fabricados debaixo das vistas das mesmas pessoas a cuja derradeira morada eram destinados.

Com effeito, lemos no Evangelho que José de Arimathéa depositou o corpo de Nosso Senhor Jesus Christo em um monumento novo, que havia preparado para si no horto vizinho ao Calvario. Mas como o tempo, o logar, o modo e as circumstancias da morte são incertissimas, não raro acontecia que aquelles que em vida preparavam as suas jazidas, não eram n'ellas sepultados; todavia, conservavam-se-lhes os nomes. Consistiam estes monumentos geralmente n'uma camarasinha aberta a picão na rocha, e depois tapada exteriormente com uma grande lage. Se o sepulchro se destinava para personagens, ou para uma familia inteira, então a camara mortuaria era ampla, ou havia duas e mais.

Particularisarei os exemplos.

VIII

O sepulchro de Josaphat foi sempre um dos mais preciosos monumentos do valle a que deu nome; mas, por desgraça, foi tambem o mais deteriorado, não tanto pela barbaria dos homens, como pelas injurias do tempo, que aliás podiam ter sido atalhadas, se ha tantos seculos não dominassem Jerusalem os musulmanos, destruidores inexoraveis das obras classicas da antiguidade. A sua indifferença sobre este ponto é singularissima, e tal que difficilmente achará parallelo entre as nações menos adiantadas em civilisação! Não pensaram nunca em desenterrar o sepulchro de Josaphat, que com o andar do tempo ficou coberto de terra e de pedregulho arrastado pelas aguas da chuva.

N'este estado não se lhe póde admirar o desenho architectonico, nem os primores do cinzel, quaes convinham ao sepulchro de um rei tão benemerito por sua piedade, como Josaphat. Hoje apenas se conhece que o sepulchro tinha a figura de uma camara quadrada, sobre cuja porta descobriram antigos viajantes um bellissimo frontispicio primorosamente floreado. Mas de presente ninguem lá póde entrar, e por isso não é possivel fazer-se-lhe descripção do interior.

O sepulchro de Josaphat é tambem um d'aquelles que só tem o nome e não as cinzas do seu dono; porque é certissimo que os despojos mortaes do santo Rei foram depositados *in civitate David patris sui*, isto é, no monte Sião, nos carneiros do Rei de Judá.

IX

O segundo monumento consideravel é o de Absalão, mole enxerida entre dois rochedos de fórma quadrangular, com quatro columnas por cada lado sustentando uma cornija muito trabalhada, por sobre a qual se eleva uma construcção pyramidal, em cujo centro devia ficar o aposento funerario, tendo uma abertura triangular para o occidente.

Rebellára-se Absalão contra seu pae David; mas, sem embargo de commandar um exercito mais numeroso e forte, foi este derrotado. Tentaram alguns dos valentes de David aprisionar o filho ingrato. Como fosse de estatura agigantada, e notavel pela espessura dos louros e formosos cabellos, que uma vez por anno cortava, aconteceu que, fugindo n'um velocissimo corcel, os cabellos se lhe enlearam nos ramos de um carvalho, do qual ficou suspenso, continuando o animal em sua carreira. Um soldado disse-o ao general Joab, que retorquiu:

—«Se o viste, porque o não atravessaste com a espada? Eu te teria dado dez siclos de prata e um boldrié.

—«Ainda que me désses mil siclos de prata, não faria tal, porque ouvi ao Rei dizer-te: guardae-me o moço Absalão.»

N'isto Joab correu, levando tres lanças, e com ellas traspassou o coração do Principe; ainda este palpitava pendurado no carvalho, correram dez mancebos, escudeiros de Joab, que o acabaram a golpes. Lançaram-no n'uma grande cova no bosque de Ephraim, sobre a qual arremessaram montões de pedras. Ora, Absalão,

quando ainda vivia, tinha feito erigir o monumento que estou descrevendo, porque, dizia elle, não tendo filhos, era o modo de perpetuar seu nome.

Aconteceu, porém, que quando o Rei David teve conhecimento do fatal successo, subiu a uma sala que estava por cima da porta; e em meio de copioso pranto, soluçando e arrancando os cabellos, só se lhe ouvia bradar:

«Meu filho Absalão! Absalão, meu filho! Quem me dera que eu morrêra por ti, Absalão, meu filho, filho meu Absalão!»

Ainda hoje não ha hebreu que, ao passar diante d'este monumento, lhe não arremesse uma pedra, de que ha, portanto, em torno um enorme acervo.

X

Ha pouco acima do sepulchro de Absalão um antro cavado tambem na rocha, conhecido pelo nome de gruta de S. Thiago. Deriva-se esta denominação de que n'esta gruta se recolheu S. Thiago Menor, depois da morte do Redemptor, com o firme proposito de não comer, nem beber, em quanto o não visse resuscitado. S. Paulo, enumerando as apparições com que o Senhor quiz consolar os seus escolhidos, depois da sua gloriosa resurreição, diz que S. Thiago foi um dos que mereceram tal graça; tanto basta para submettermos a nossa crença á veneranda tradição.

A figura exterior da gruta de S. Thiago tem a fórma de uma galeria; mas, no interior, nada offerece notavel. O logar é um verdadeiro esconderijo, mas não se sabe se antes d'aquelle tempo já existiria com a fórma actual. Em caso affirmativo, não seria algum sepulchro? Em negativo, seria o actual ornato exterior feito depois em honra e memoria do retiro do Santo Apostolo?

XI

O quarto e ultimo sepulchro que se encontra é o de Zacharias; mas não se sabe precisamente de qual fosse; porque as Escripturas mencionam quatro personagens d'este nome. A opinião mais provavel é que pertence áquelle filho de Joiada, que por ordem do Rei Joas foi barbaramente morto entre o templo e o altar.

«E o rei Joas não se lembrando da misericordia que Joiada, pae de Zacharias, tinha usado com elle, mandou-lhe matar o filho, que era Summo Sacerdote, o qual, no momento de expirar, disse: O Senhor lhe peça contas!»

Qualquer que fosse o Zacharias, a quem pertenceu este sepulchro, não foi n'elle sepultado; porque este monumento não passa de uma grandissima urna talhada na pedra, tendo uma tampa, que forma uma só peça com a urna, inaccessivel, pois nunca foi aberta, de modo que, não obstante apresentar o exterior de um moimento, nunca para tal serviu. Foi um simples projecto que se não completou. O costume dos hebreus era prepararem verdadeiros sepulchros e não falsos mausoleus, como seria este de Zacharias, que, alem da immensa mole embrionica,

nada offerece digno de estudo aos eruditos; e d'ahi o silencio que todos tem guardado a seu respeito. Olham para elle e passam.

E nós passaremos tambem, porque nada mais vi no valle, que acabámos de juntos percorrer: por outro lado, já me tarda occupar-me da mais sagrada das regiões, o monte, cujos pés pousam n'este valle, e o cume no firmamento.



Sorrieu lith.

Imp. Lemercier et Cie Paris

CAPITULO XVII

EXTRA-MUROS DE JERUSALEM—PARTE ORIENTAL

I. Monte Olivete. Sua historia, posição e perspectiva.—**II.** Horto de Gethsemani. Gruta da Agonia. As oito oliveiras. Columna do beijo de Judas.—**III.** Pedra de S. Thomé.—**IV.** Sepulchro dos Prophetas.—**V.** Logar onde Jesus descreveu o Juizo Final. Logares da instituição do Credo e da Oração Dominical.—**VI.** Eremiterio de Santa Pelagia.—**VII.** Ascensão.—**VIII.** As pégadas do Senhor.—**IX.** Viri Galilæi.—**X.** Apparição do Anjo á Virgem Santissima com a palma.—**XI.** Monte da Offensa ou do Escandalo. Salomão no zenith e no nadir.

I

O peregrino que sobe a primeira vez o monte Olivete, é sobresaltado de indescriptiveis sensações. Alma e coração como que se sublevam contra os ambitos estreitos do terrestre viver, em presença do admiravel quadro que se lhe ostenta!

Ao oriente surgem, formando bellissimo panorama, a vizinha Bethphage, a sotoposta Betania, a fonte que o propheta Eliseu dulcificou, o monte da Quarentena, santificado pelo jejum do Redemptor; as ruinas da formosa Jericó, as vastas planuras de Galgala, o valle de Achor, as floridas margens do Jordão, os deliciosos prados de Moab, o deserto habitado pelas turbas que seguiam o Precursor; o eremiterio de Santa Maria Egypciaca, o ermo de S. Jeronymo, o Abarim, e o Nebo com a sua enfiada semicircular de montes, separando o paiz dos amorrheus e dos amonitas do de Canaan; o deserto da Judéa até o Jordão e o Mar Morto; uma longa cadeia de montanhas atrás do Mar Morto, que se avista perfeitamente fechando o quadro.

Ao sul estende-se infinidade de collinas estereis e pardacentas, cujo aspecto ora pittoresco, ora sombrio, inspira mysterioso horror; o monte dos Francos, que é o antigo Erodion; e lá no fundo, mais para o oriente, negrejam as citadas aguas immoveis, taciturnas do Mar Morto, que se prolongam serpenteando pelo valle dos Bosques e das Salinas, e por todo o paiz da abrasada Pentapole, a que servem de barreira eterna os montes negros, escarpados, que dividem a Syria da Arabia Petrea, e em cujos alcantilados pincaros parece ainda ver-se o Eterno sentado n'um throno de fogo, despejando sobre Sodoma e Gomorrha globos e globos de chammas, torrentes sobre torrentes de enxofre em ebulição, emquanto a terra, escancarando suas horrendas fauces, vomita vulcões de negro e fetido betume, que vae nas lavas submergindo a região maldita!

Ao occidente surge em face o pavoroso espectro da quasi deserta Jerusalem: lá mui longe despontam, ondulando, os montes da Judéa, ficando interpostas as ruinas de Emaüs, de Modin e de Thecua; igualmente se contempla o ceu sempre alegre e sereno, cobrindo S. João em Montana, Belem e o Hebron. Rememora a

imaginação o deserto do Baptista, o valle de Terebintho, a gruta dos pastores, os tabernaculos de Abraham, a dupla caverna de Sara, os poços de Isaac, o carvalhal de Mambré, os rebanhos de Jacob, a charamela de David, e tantas outras reminiscencias patriarchaes, propheticas e evangelicas, que transportam o espirito aos saudosos tempos que foram.

Ao norte erguem-se magestosos os cabeços dos montes de Ephraim, como que formando-lhes a corôa o sepulchro de Samuel; e logo depois divisa-se Gabaon, onde Josué fez parar o sol; e a prevaricadora Bethel, onde Jeroboam levantou os bezerros de oiro; e Machmas, onde Maria e José deram pela falta de Jesus, ao voltarem de Jerusalem para a Galiléa; bem assim a região da tribu de Gad, metade da de Manassés, comprehendendo o povo de Gabaad, e outras muitas cidades da Samaria conhecidas nas Escripturas; de modo que no monte Olivete, para qualquer parte que os olhos se voltem, surgem objectos que chamam a attenção, alvoroçam as idéas, enternecem o coração, e arrebatam a alma! A vista divaga por aquellas regiões como que em procura do caminho por onde Jesus Christo subiu glorioso ao seio do Eterno Pae.

O monte Olivete, ou antes monte das Oliveiras, tirava seu nome da grande profusão que ahi havia d'essas arvores, profusão que em grande parte desappareceu; porquanto é d'esses gigantes do reino vegetal que ahi existe menor numero, sendo a montanha principalmente coberta de amendoeiras, figueiras, limoeiros e vinhas. Cumpre, porém, observar, para intelligencia da Biblia, que a oliveira, nobre arvore sempre verde, que deita a grandissima longevidade, é frequentemente enumerada nas Escripturas entre as riquezas com que o ceu tinha abençoado o paiz dos hebreus. Consideram os orientaes a figueira como emblema de Damasco, o myrto como o de Smyrna; mas a oliveira como o do Jerusalem.

O monte das Oliveiras, o mais alto d'esta região, eleva-se 800 metros acima do nivel do mar. Da sua eminencia aos muros da Cidade Santa dista o caminho de um dia de sabbado, *sabbati iter*, segundo a phrase empregada pela Escriptura, para significar o trajecto permittido aos hebreus nos dias de festa, que no dizer de Flavio José era de cinco estadios, equivalente a uns doze minutos.

Se pois o Olivete é o monte mais alto de todos quantos circumdam Jerusalem, tambem é o menos esteril. Distingue-se especialmente pela perspectiva poetica que se gosa da sua summidade. Estendendo olhos d'alli para o sudoeste, veiu-me á phantasia a saudosa recordação da bahia fluminense, vista do môrro de Santa Thereza: o Mar Morto fazia-me por longe lembrar d'aquellas aguas brazilicas, ladeadas de um analogo amphitheatro de montanhas, mas onde a natureza tanto ri e se inflora, como aqui se entristece e repulsa.

A lua nova que precedia a Paschoa, era em toda a Palestina notificada aos israelitas, e mesmo aos fieis que habitavam as margens do Euphrates, por meio de fogueiras accesas no monte Olivete, com as quaes se telegraphavam com signaes similhantes de montanha em montanha; de sorte que n'um instante ficava por toda a parte annunciado o começo do anno ecclesiastico.

II

O primeiro objecto de devoção que nas faldas do Olivete se encontra, é o Horto do Gethsemani, palavra que se traduz por *Lagar do azeite*, que alli se fabri-



HORTO DO GETHSEMANI

cava copiosamente. Era uma quinta particularmente amada do Redemptor, ou porque sabia ser alli proximo o termo da sua peregrinação na terra, ou por ser o logar onde pastavam as ovelhas e cordeiros destinados aos sacrificios. Para ahi se retirava frequentemente de noite, a orar, após as fugidas dos ensinos diurnos no templo. Sabia-o Judas Iscariotes, e por isso lá foi busca-lo na execranda noite em que a seus inimigos o entregou.

Durante os dias que passei em Jerusalem, era o Horto do Gethsemani uma das estações da minha particular devoção. Embora ahi reine melancolico silencio, direis que a natureza está perennemente dando testemunho das dores acerbas, das agonias intimas do Filho do Homem, a cujo espirito attribulado e prophetico se ostentava o quadro medonho das miserias da humanidade, que dentro em pouco tinham de ser resgatadas ao preço de sua dolorosa Paixão, e de sua morte cruelissima![1] Todas as scenas do drama da noite funesta estão como que perpetuamente impressas no chão, nas pedras, nas arvores, no ambiente do Gethsemani! Vivissima conserva a tradição a memoria de todos os logares, onde n'aquelle circuito se passaram os successos. Aqui mostra-se onde Jesus disse aos oito discipulos:

«Sentae-vos, e esperae em quanto vou orar».

Mostra-se o rochedo onde, tomando comsigo Pedro, João e Thiago, começou a angustiar-se, e disse:

«Estou triste de morte.»

A treze passos ao norte está a gruta da Agonia, onde, cedendo um momento ás condições da humanidade, prostrou-se com o rosto em terra, e na maior intensidade da amargura, exclamou:

«Pae! ó Pae! Não será possivel afastar este calix? Cumpra-se, porém, a vossa vontade, e não a minha.»

Aqui lhe appareceu um Anjo confortando-o; não obstante, suou sangue em tanta abundancia, que escorreu sobre a terra.

Depois voltou, e encontrando os Apostolos a dormir somno profundo (no proprio sitio onde no seculo XII se ergueu uma capella denominada do Somno dos Apostolos) disse a Pedro:

«Pois tu dormes, Simão! Nem uma hora sequer podeste velar comigo? Que os outros durmam... mas tu, que declaraste estar prompto para dar a vida por mim? Não sabes que só á força de oração e de vigilancia se conjura a tentação? Ignoras que o espirito está sempre em actividade, e que urge emprega-la a todo o instante em debellar as excitações da carne fragil?»

Segunda e terceira vez foi, e voltou, encontrando sempre os Apostolos empegados no somno. Então lhes disse:

«Já que não podeis velar comigo, dormi! Basta. É chegada a hora de ser o Filho do Homem entregue ás mãos dos peccadores. Vamos; ahi vem o que me vendeu.»

Ditas estas palavras, eis se apresenta Judas á frente das turbas, armadas de

1 Nenhuma substancia angelica, por debil em sua essencia, poderia sujeitar-se a dores que, no dizer de Massillon, agglomeraram sobre a cabeça de Jesus Christo *todas as angustias physicas* que a punição de todos os peccados desde a origem das raças podia suppor, e todas as *penas moraes*, todos os *remorsos* que deveriam ter aguilhoado os peccadores quando peccaram. Se o proprio Filho do Homem achou amargo o calix, como o roçaria com os labios um Anjo? As fezes jamais as tragaria, e o sacrificio não seria consummado. (Chateaubriand.)

varapaus e espadas, e chegando-se a Jesus com rosto pallido, dá-lhe um beijo na face dizendo:

— « Salve, Mestre. »

Recebendo Jesus este beijo fementido, respondeu-lhe:

— « Amigo, a que vieste? Ah! Judas! É com um beijo, é com este signal de paz e de leal amisade que tu entregas o Filho do Homem! »

Deu-lhe Jesus o tratamento de amigo, tentando pela ultima vez despertar-lhe n'alma os deveres que esse nome impõe; mas o coração do traidor tinha morrido para todos os sentimentos nobres e generosos!

N'isto approximando-se tambem os phariseus e os soldados, adianta-se Jesus, e pergunta-lhes:

— « A quem procuraes? »

— « A Jesus Nazareno. »

— « Sou eu. »

A esta resposta, que revelava toda a magestade de um Deus, os quadrilheiros fulminados caíram de costas.

Levantaram-se, e tornaram a investir.

— « A quem procuraes? »

— « A Jesus Nazareno. »

— « Já vos disse que sou eu. »

Segunda vez recuaram, e caíram para trás, succedendo o mesmo terceira vez.

— « Pois bem, disse-lhes Jesus, se me buscaes a mim, deixae ir estes[1] livremente. »

Com estas palavras permittiu Jesus que o prendessem; e avantajando-se a todos na audacia e no desrespeito Malcho, servo do Pontifice, Pedro, transportado de amor e zêlo para com seu Divino Mestre, puxou da espada, fez saltar de um golpe a orelha direita ao insolente, e decepar-lhe-hia a cabeça com segunda cutilada, se Jesus o não atalhasse, dizendo:

« Que fazes, Pedro! Embainha a espada; quem com ferro fere, ferro o ferirá. Não queres que eu beba o calix que meu Pae me mandou? Pensas que Elle não mandaria para minha defeza legiões de Anjos, se o quizesse? Mas então não se cumpririam as Escripturas. »

E apanhando a orelha de Malcho, lh'a restituiu ao seu logar, e sarou-o.

Os Apostolos aterrados com os primordios da tragedia fugiram.

Então os Principes dos Sacerdotes, os escribas e soldados atiraram-se a Jesus, como furias infernaes, e em quanto o maniatavam, disse-lhes em tom de admiração exprobrativa.

« Como se fôra eu algum ladrão, viestes prender-me com tão formidavel apparato? Não vivia eu no templo prégando e ensinando diariamente? Porque me não prendestes então? Ah! esta é a vossa hora... Executae os designios de Deus. »

A contemplação d'este doloroso mysterio da Paixão de Jesus Christo, faz parar o christão como absorto; e ora fita os olhos assombrados nos silenciosos muros de Jerusalem, ora acompanha em espirito o Divino Preso, pelo caminho por onde o arrastaram; ora como que o vê caír na torrente Cedron, ora... ineffaveis myste-

[1] Os Apostolos; para se cumprir o que Jesus havia promettido ao seu Eterno Pae: « Dos que me entregastes nenhum sacrifiquei ».

rios da Providencia! Que vulto, a não ser celeste, que mortal, embora bemfeitor da humanidade, houvera podido assim eternisar a recordação, vivissima, palpitante, quasi como actual, de tão terrivel holocausto? Quantos fieis, poetas, philosophos, sabios, anciãos, soldados, não tem corrido ao Horto das Oliveiras para receberem inspirações sublimes, no proprio sitio que testemunhou as humilhações do Deus que se fez Homem?

Baixando agora das alturas da contemplação á descripção do Horto actual, direi que é um quadrado de cerca de cento e sessenta pés por lado. Cerca-o um muro de oito pés de altura, e está convertido em jardim matizado das mais lindas e variegadas flores (de que ainda conservo muitas), que os franciscanos, os quaes alli têem sempre durante o dia um religioso jardineiro, cultivam com esmero para adorno dos altares e mimos aos peregrinos.

O que, porém, ahi se observa mais notavel, são oito venerandas antiquissimas e grossissimas oliveiras, uma das quaes tem seis metros de circumferencia, sendo todas ôcas; e por isso, para que o vento as não derribe, encheram-lhes o interior de pedras, e tambem com pedras, que as protejam e consolidem, cercaram até boa altura os vetustos troncos.

O certo é que muitos fazem remontar estas oliveiras ao tempo de Jesus Christo, mas o provavel é que ellas rebentassem das raizes das d'esse tempo, pois os historiadores affirmam que Tito as derribára. O que não padece duvida é que ellas existissem anteriormente ao seculo VI; porquanto nunca foram taxadas pelos musulmanos, que aliás desde o principio do islamismo impozeram uma taxa sobre todas as oliveiras que se plantassem. Parece, conseguintemente, haver seguro fundamento na opinião de que essas arvores ou são as mesmas a cuja sombra Christo repousava, ou filhas d'ellas. D'aqui nasce a immensa veneração em que são tidas, e dando raras vezes fructo, é colhido com avidez; e eu tenho a ventura de conservar dois frasquinhos do azeite colhido d'essas azeitonas, com que fui mimoseado pelo reverendissimo custodio de Jerusalem.

Fóra do recinto do jardim, a seis passos em frente do portão, está o rochedo onde dormiam os discipulos, e proximo do qual, ao sul, se vê um fragmento de columna incravado na parede; logar este denominado Beijo de Judas. Tambem dentro no Horto, do lado oriental, mostram um logar, onde affirmam que a Virgem Nossa Senhora se assentava e descançava todas as vezes que ía visitar aquelles santissimos logares, depois que subiu aos ceus seu Unigenito Filho.

É a já citada gruta da Agonia, a pouca distancia do sepulchro da Virgem, uma cavidade que a propria natureza abriu no monte, que é de caracter gypseo (conservo fragmentos que d'alli arranquei). Provém-lhe a luz de um orificio praticado na abobada e guarnecido por uma grade de ferro; sua posição e estructura fariam crer que em tempos já remotos servisse de cisterna [1]. No tempo de Christo entrava-se alli pelo sul, hoje pelo poente; descendo-se por uma escadinha tosca de uns oito degraus, chega-se ao pavimento inferior, que ainda se conserva no estado primitivo. As paredes e tecto são do mesmo monte, e a terra é como saibro e piçarra, havendo no meio dois esteios que sustentam aquella cova. A altura é de pouco mais que a estatura humana, sendo o tecto abobadado; e no vão da

[1] Ha quem respeite uma tradição, segundo a qual Adão e Eva, expulsos do paraizo, vieram para este logar, padecendo as maiores angustias na terra inhospita, sendo n'esta mesma gruta que elles gemeram e choraram.

gruta cabem folgadamente seis pessoas. Em frente construiram um altar, excavado na mesma pedra, e da abobada destacam-se duas figuras, uma do Redemptor, com a physionomia de suprema angustia, outra do Anjo confortando-o. Lê-se ahi esta inscripção do Evangelho: *Hic factus est sudor ejus; sicut gutta sanguinis decurrentis in terram* [1].

Não se descrevem as sensações profundas que o aspecto d'esta gruta excita na alma do christão! Com que curiosidade santa não vê e examina elle aquella terra, que foi banhada do sanguineo suor do Redemptor! Com que reverencia não prega os olhos n'aquellas paredes escabrosas, testemunhas de sua agonia! Que regelo lhe não percorre os membros, ao afigurar-se-lhe ver effectivamente baixar do ceu o Anjo confortador, offerecendo a Jesus o calix da Paixão, mandado pelo Eterno Padre!

III

Visitado este venerando santuario, hoje exclusivamente catholico, e onde annualmente se celebra o mysterio da Agonia, comecei a subir o monte Olivete por uma espaçosa estrada, que divide a gruta da Agonia do horto de Gethsemani. A poucos passos, existe uma pedra, onde o Apostolo S. Thomé estava sentado, quando recebeu o cingulo que a Senhora, depois de sua gloriosa Assumpção, lhe lançou. Autorisam esta tradição escriptores graves, como Nicephoro e Juvenal, bispos de Jerusalem. Os peregrinos dos primeiros seculos dão noticia de haverem encontrado no Egypto e na Terra Santa religiosos da confraria de S. Thomé, que traziam como distinctivo o cingulo. Eis como o caso é narrado.

Referem autores de boa nota que na occasião do glorioso passamento da Virgem Santissima, acharam-se presentes, por divino impulso, todos os Apostolos, á excepção de S. Thomé, o qual, ao saber que a Santa Virgem se approximava do seu transito, saiu para Jerusalem do logar distante onde se achava, a fim de ver pela derradeira vez a Mãe de Deus; mas não chegou a tempo; tres dias antes tinha voado á celestial mansão. O Apostolo amargurado quiz ter a consolação de ao menos ver o logar onde estava sepultada; e convidou os outros Apostolos a acompanha-lo. Chegando ao sepulchro, acharam-no aberto e vasio, conforme acontecêra ao terceiro dia com o de Jesus Christo! E n'essa occasião ainda ouviram na região etherea os canticos celestes, com que fôra assumpta. Exultando os Apostolos com este successo, que redundava na maior gloria de Maria, subiram ao Olivete para visitar aquelles tão seus conhecidos logares. Mas Thomé mostrava-se inconsolavel; em vez de acompanhar os outros, sentou-se n'aquella pedra, olhos fitos no ceu, como quem implorava piedade. Eis senão quando a Virgem baixa das al-

[1] Ferre parans Christus pœnam mortemque propinquam,
Invictamque suis ingenerare fidem,
Cum prece sanguineas fundebat corpore guttas,
Et pretium mundi sudor erat Domini.
Nec crucis asperitas poterat terrere volentem,
Quae regnatura gloria carnis erat.
Sed cruor ille pares, sanctis spondebat honores
Orturis toto corpore martyribus.
Nam cum sacra seges terrarum impleverit orbem,
Omnis ab hoc uno semine messis erit.

turas, e lança-lhe aos hombros o mysterioso cingulo. Assim o mesmo Apostolo, que por sua incredulidade havia dado origem a um novo documento da Resurreição do Filho, tambem com este acto de fé deu origem a mais um documento da Assumpção da Mãe de Deus.

Dizem que este cingulo se venera n'uma egreja da Toscana.

Beijando, pois, a veneranda pedra de S. Thomé, prosegui na subida do monte; mas fui logo obrigado a saír da estrada commum, para visitar algumas memorias celebres, que se veneram na encosta occidental. Levaram-me primeiramente aonde Nosso Senhor Jesus Christo no Domingo de Ramos, ao avistar a cidade, chorou sobre ella dizendo:

«Ah! se ao menos n'este dia, que ainda hoje te foi concedido, tu praticasses o que póde salvar-te! Mas não; estás cega. Virão dias funestos, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te collocarão em muito grande aperto. Derrubar-te-hão, a ti e aos teus filhos, e não te deixarão pedra sobre pedra; porque não conheceste o tempo em que o teu Deus te visitou.»

Quarenta annos depois eram ponto por ponto realisados estes vaticinios tremendos. Alguns escriptores, guiados mais pela mystica do que pela severidade historica, asseguram que no mesmo logar onde Jesus chorou sobre Jerusalem, mandou Tito collocar trincheiras. Mas, alem do sitio não ser adaptado para intrincheiramentos, temos a asserção de Flavio José, testemunha ocular da guerra judaica, o qual diz que Tito mandou collocar cortinas e baluartes nas eminencias do Olivete.

Houve outr'ora ahi uma capella, em memoria do pranto de Jesus; mas as ruinas que lá restam hoje, mais parecem de uma casa que de capella.

IV

Subindo dois terços da mesma encosta para o sul, encontra-se um monumento denominado sepulchro dos Prophetas, cujo aspecto não allicia attenção. A porta cavada no rochedo, bastante obstruida pelos enxurros, conduz a uma camara igualmente aberta na pedra, e que é vestibulo d'aquelle subterraneo. Ha ahi outra porta, que leva á segunda sala, a qual communica por um corredor estreito, de altura pouco superior á do homem, e que descreve um semi-circulo. Em ambos os lados d'este corredor ha muitos carneiros abertos ao nivel do pavimento, até se chegar a uma sala mais baixa, onde em varias direcções se vae prolongando a serie de outras, em que mal poderiam caber cadaveres. A unica singularidade d'estes sepulchros é serem abertos a cinzel n'uma só pedra subterranea, esbranquiçada e calcarea.

Entretanto, a obscuridade do logar, só com a luz de tochas permitte accesso; o grande numero de sepulchros, a especie de labyrintho que formam, e sobretudo o pensamento de que podessem ser destinados para ahi esperarem o som da trombeta final as cinzas d'aquelles que tantos seculos antes vaticinaram o dia tremendo, communicam a esses desertos antros um como reflexo de grandeza. E merecerão elles tamanhas honras? Não será illusorio o titulo de sepulchros dos Prophetas? Penso que sim, visto como, com a historia nas mãos, se acredita não ter ahi sido sepultado um só Propheta, nem dos maiores, nem dos menores. Nathan foi se-

pultado na Galiléa, sua patria; Ahias, em Silo, sua patria tambem; Joas, em Bethel; Azarias, em Sinfata; Elias foi arrebatado da terra; Eliseu foi sepultado na Samaria; Isaias, junto ao poço de Rogel; Jeremias, no Egypto; Ezequiel, em Babylonia; Oséas, em Belomote, sua patria; Amós, em Thecua; Michéas, na Samaria; Joel, em Betor; Abdias, em Sebaste; Jonas, em Zabulon; Nahum e Habacuc, nas suas patrias; Begabar, em Betzorchar. Portanto, o mais que se póde conjecturar é que esses sepulchros fossem abertos em honra dos Prophetas; até porque, nas suas apostrophes severas aos judeus, Jesus Christo alludia a essa vangloria de tumulos sumptuosos, dizendo:

«Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas, que edificaes sepulchros aos Prophetas, a quem vossos paes deram a morte!»

V

Dos sepulchros dos Prophetas passámos ao logar d'onde, segundo a tradição, Jesus Christo predisse o cataclysmo que ha de preceder o ultimo dia do mundo. Referem as Sagradas Lettras que, ao saír Jesus do templo, lhe disse um de seus discipulos:

—«Que pedras! que bellas obras!»

Respondeu-lhe Jesus:

—«Achas soberbo esse edificio? Pois bem; não ficará d'elle em pouco pedra sobre pedra.»

Sentando-se depois no monte Olivete, Pedro, Thiago, João e André o interrogaram á puridade:

—«Mestre, quando ha de vir essa ruina de Jerusalem e destruição do templo? Quaes os signaes precursores do fim do mundo?»

Jesus, sem fixar os tempos, fez-lhes as revelações que em parte já se realisaram, mas cujo adimplemento a humanidade presenceará na ultima vinda do Filho do Homem.

Aquelles medonhos vaticinios, que ouvidos em todas as occasiões e logares produzem grande sensação, no monte Olivete, no proprio sitio onde foram proferidos, tendo sob os olhos Jerusalem e o valle de Josaphat, imagine o leitor que espanto e terror não produzirão!

Proseguimos para o cume do Olivete, encontrando a pouca distancia uma enorme cisterna antiga e descoberta, de cujas bordas ou guardas sobresaiam doze nichos, destinados ás estatuas dos doze Apostolos; mas os turcos destruiram inteiramente esse muro, para venderem as pedras aos hebreus, que se serviram d'ellas para cobrirem seus sepulchros, que se vêem a pouca distancia.

Assignala esta cisterna o logar onde se reuniram os Apostolos para compôr o Credo, antes de se derramarem pelo mundo a diffundir a Boa Nova. O certo é que ainda restam ruinas de uma antiga egrejinha, que ahi foi erguida ao lado da cisterna, em honra de S. Marcos.

Pouco acima indica-se onde Jesus Christo instituiu a Oração Dominical.

É de saber que Jesus Christo ensinou por duas vezes o Padre Nosso a seus discipulos; a primeira foi na Galiléa, sobre o monte, ao dictar as oito Bemaventuran-

ças, como refere S. Matheus; a segunda foi n'este logar, e com circumstancias tão singelas e attrahentes, que me não furto ao prazer de as reproduzir.

Acabava Jesus a sua prece, quando um discipulo lhe disse:

— «João ensinou aos seus discipulos; ensina-nos, Senhor, ensina-nos a orar tambem.»

— «Quando orardes, respondeu Jesus, dizei: Padre nosso, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino. O pão nosso de cada dia nos dae hoje; perdoae, Senhor, as nossas dividas, assim como nós perdoâmos aos nossos devedores, e não nos deixeis caír em tentação.»

E acrescentou:

— «Tendes um amigo; ides procura-lo á meia noite, e dizeis-lhe: «Amigo, empresta-me tres pães, porque outro amigo meu acaba de chegar de jornada, e não tenho que lhe offerecer». E se o tal responder de dentro: «Forte importunidade! trancou-se a porta, e eu e os creados estâmos na cama; vae-te embora». E se o outro perseverar em bater, digo-vos que o que se não levantou para servir o amigo, erguer-se-ha para satisfazer o importuno, a quem dará quatro pães, se os tiver em casa: por conseguinte pedi, e dar-se-vos-ha; buscae, e achareis; batei, e abrir-se-vos-ha».

«E se algum de vós outros pedir pão a seu pae, dar-lhe-ha elle uma pedra? ou uma serpente, pedindo-lhe um peixe? ou um escorpião, pedindo-lhe um ovo? Pois se vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dadivas a vossos filhos, duvidaes de que o vosso Pae celestial vos dê espirito bom, se lh'o pedirdes?»

Foi, pois, este o logar memorando por tão divinal ensino. Até ha poucos annos era elle um simples campo inculto; mas tendo-o comprado recentemente a actual Princeza de la Tour d'Auvergne, que o fez cercar de muros, está agora levantando uma sumptuosa egreja sobre as ruinas da antiga, e creio que hoje estará concluido o recolhimento, que se dispunha a edificar para educação de meninas.

VI

Continuámos a subir de sul a norte. Eis-nos chegados a uma cova, que foi outr'ora residencia de uma das mais famosas penitentes, e que por isso tomou o nome de eremiterio de Santa Pelagia. Permitta-se-me reproduzir a narração d'essa pathetica historia, que a tantas infelizes tem servido de estimulo e de emenda.

Pelos annos de 453, deu o Senhor á Egreja, na pessoa de Pelagia, um dos mais preclaros exemplos da sua infinita misericordia para com os peccadores.

Havia Maximo, patriarcha de Antiochia, congregado os bispos do seu patriarchado, entre os quaes se achava Nono, cujas prégações tinham convertido á fé prodigioso numero de sarracenos e idolatras. Tudo n'elle prégava: o seu ar modesto, seu rosto extenuado por continuas austeridades, sua humildade, suas maneiras simples e venerandas.

Um dia, assistindo Maximo com os bispos, diante da egreja de S. Julião, a uma conferencia espiritual, em que Nono havia arrebatado o auditorio nas azas da sua eloquencia, passou pela frente d'elles a famosa cortezã Pelagia.

Esta comediante da cidade de Antiochia, celebre por sua rara belleza, ainda mais o era pelas devassidões de sua vida. Davam-lhe a alcunha de Margarida ou

a Perola, por causa de sua extremada elegancia, ou por andar sempre coberta de gemmas. Adornára-se ella n'esse dia com tudo quanto póde suggerir o desejo de agradar: ia vestida soberbamente, se é que póde chamar-se vestida quem ia meio nua; levava os cabellos artificiosamente arranjados; o penteado orgulhosamente elevado, sem véu, e ia montada em fogosa hacanéa, para que melhor a vissem e a admirassem; ia escoltada de uma phalange de jovens de ambos os sexos, que lhe formavam a guarda de deshonra, e marchava como em triumpho. Escandalisados os bispos, desviaram os olhos; mas S. Nono poz-se a encara-la fito, e depois, debulhado em lagrimas, exclamou:

«Ah! meus irmãos! temo que esta mulher tão solicita em adornar-se para agradar aos homens, seja um dia a nossa condemnação, pelo pouco cuidado que tomâmos de nos tornarmos agradaveis a Deus».

O seu diacono, que escreveu esta historia, pinta a afflicção em que por este motivo ficou o santo bispo, que na seguinte noite teve esta visão. Subiu ao altar, e uma ave negra, suja e fetida volteava á roda da sua cabeça; por mais que a expulsasse, voltava, até que o diacono disse aos catecumenos que se retirassem, e ella desappareceu; mas, finda a missa, achou a pomba negra ao limiar da porta; segurou-a, metteu-a n'uma bacia de agua, e ella, ficando alvissima, ergueu vôo para o ceu, sumindo-se nas alturas.

No seguinte domingo, subindo S. Nono ao pulpito, prégou com inexcedivel unção sobre o mal do peccado e os thesouros infinitos da divina misericordia. Achava-se entre os ouvintes a cortezã Pelagia, a qual não poude reter as lagrimas e logo ao saír da predica, escreveu este bilhete:

«Ao santo Discipulo de Jesus Christo a peccadora e escrava do demonio. Tenho ouvido que o vosso Deus desceu do ceu á terra para salvação dos homens; e que aquelle que os christãos nem encarar ousariam, se dignou praticar com peccadores e publicanos, e até com a samaritana indigna. Se é de um Mestre assim que vós sois discipulo, não desprezeis uma rameira infame, e não me recuseis a consolação de uma conferencia, para que eu saiba como hei de obter o perdão de Jesus Christo, Salvador nosso.»

Respondeu-lhe o bispo, que não pretendesse ella tenta-lo; que apezar de servo de Deus, era peccador, e não ignorava a sua fraqueza; que se eram santas suas intenções, podia fallar-lhe, mas em presença de todos os bispos.

Transportou-se Pelagia immediatamente á egreja de S. Julião, e lançou-se aos pés de S. Nono, que estava rodeado dos prelados do Concilio, e com lagrimas e soluços pediu-lhe o baptismo. Representou-lhe o Santo que os canones prohibiam baptisar uma peccadora publica, sem fiança de que não tornaria a desvairar-se. Pelagia, prostrada sempre a seus pés, disse-lhe afflictissima:

«Ó meu pae! Pois estas lagrimas permittem que duvideis da sinceridade da minha conversão? Tomae sentido que Deus, que a vossos pés me não conduziu senão para, por vosso ministerio, me lavar dos meus peccados, vos não leve a bem differir por mais tempo a minha admissão ao numero de suas esposas.»

Annuiu o Santo, e depois de lhe ter explicado os artigos da nossa Religião, em que ella já estava instruida, perguntou-lhe o nome.

«Meus paes chamaram-me Pelagia, o mundo chamou-me Margarida; vós, senhor, chamae-me como quizerdes.»

Nono exorcisou-a, e de sua mão recebeu ella baptismo, confirmação e commu-

nhão. Voltando a casa, deu liberdade a seus escravos, distribuindo pelos pobres as immensas riquezas que possuia. Oito dias depois trocou o seu vestido por um cilicio, cobriu-se com o manto, e saiu secretamente de Antiochia para Jerusalem, vindo para esta gruta do monte Olivete, onde sob o nome do solitario Pelagio, curtiu vida de maxima penitencia e piedade, tornando-se a admiração de todo o paiz por sua santidade.

Thiago, diacono de S. Nono, foi a Jerusalem quatro annos depois, e procurando o penitente, deu com elle n'esta cella praticada debaixo da rocha, sem outra abertura senão uma janellinha quasi sempre fechada. Já em frente d'aquelle vulto não reconheceu Pelagia, a qual estava com effeito tão diversa do que fôra, olhos cavados e extinctos, rosto descarnado, voz cavernosa, que só pela declaração d'ella mesma lhe foi dado conhece-la. Curta foi a pratica. Thiago, depois de ter visitado os logares santos e varios mosteiros, onde só se fallava da santidade do solitario Pelagio, quiz tornar a vê-la antes de regressar á Syria. Chegando á cella, fez bulha; porém como Pelagia não apparecesse, retirou-se, e voltou no segundo e igualmente no terceiro dia; então, impressionado de não ouvir movimento algum, espreitou pela janellinha entreaberta, e viu um cadaver. Chamou os solitarios vizinhos, arrombaram a porta, e tiraram para fóra o corpo, para o embalsamarem, ficando grandemente espantados ao reconhecerem que era uma mulher. De Jerusalem, e dos mosteiros da planicie de Jericó e ao longo do Jordão, acorreu innumeravel numero de virgens santas, que todas, com tochas na mão e cantando hymnos, assistiram ás suas solemnes exequias; ficando desde esse tempo o nome de Pelagia celebre na Egreja.

N'outros tempos foi este eremiterio convertido em oratorio, onde, entre outras orações, costumavam os peregrinos recitar esta antiphona:

«Pelagia, ferida da dôr grande dos seus peccados, fugiu para o monte Olivete, e tomando o habito de eremita, se recolheu n'um antro, onde até á hora extrema se consagrou ao Deus das misericordias.»

Tambem ahi houve uma capella de que ainda resta a crypta; e hoje descendo-se por uma escada de dezeseis degraus, vê-se lá em baixo um sepulchro moderno. Tudo isso se conserva em poder dos turcos, que veneram esse logar, quasi sempre fechado. Chamam-lhe elles, não se sabe porquê, sepulchro da Prophetisa Chiulda.

VII

Pouco resta emfim a subir para chegarmos á platafórma, verdadeiro termo das aspirações do romeiro. É este o derradeiro chão pisado na terra por Deus-Homem! Já a iniquidade dos mortaes o havia perseguido, ludibriado, martyrisado, posto em Cruz, e reduzido a cadaver; já tinham supposto encarcerar em sepulchros quem na terra não cabia; já a mais portentosa Resurreição demonstrára pela millesima vez a omnipotencia do Redemptor; já o resurgido tinha tido muitas praticas com os seus Apostolos, a fim de pôr o termo á instrucção do seu ensinamento; já quarenta dias tinham volvido após o estupendo milagre da Resurreição, quando Jesus resolveu dar por finda a sua missão, deixando a terra. Então conduziu os seus Apostolos e Discipulos a este logar, d'onde o viram magestosamente, e de pé, elevar-se ao ceu, e vir logo recebe-lo uma nuvem, que uns interpretes dizem que

representava um throno; outros que era um extraordinario resplendor, saído do corpo de Jesus glorificado; outros que era innumeravel multidão de espiritos celestes para acompanhamento do Triumphador.

É este o vertice do Olivete, o mais glorioso logar da Terra Santa. Ahi levantou a Imperatriz Helena um templo; ahi existiu no seculo IX um mosteiro de monges europeus; e hoje *(proh dolor!)* nem vestigios se encontram de culto christão; sendo uma mesquita musulmana, que ahi está profanando o mais sacrosanto dos solos!

Dizer que o chão d'onde o Redemptor ascendeu está em poder dos turcos, vale tanto como declarar que não ha alli imagens sagradas, altares, cirios, lampadas, nem symbolo algum do Christianismo!

Não se vê em torno mais que um acervo de informes tugurios árabes, dentro dos quaes surge um quadrado, cercado de altos muros, com uma porta olhando para o poente. É esse o proprio sitio d'onde o Senhor subiu ao firmamento, e onde só existe a tal mesquita arruinada, em que se não entra sem pagar uma esportula ao santão. De um angulo d'essa mesquita sobresae um altissimo minarete, d'onde melhor se avista horisonte sem limites.

VIII

Ahi se vê a pedra de sobre a qual o Redemptor subiu ao ceu, e onde se diz que deixára impressa a planta do pé esquerdo, voltado para o occidente. Mas hoje o vestigio da divina pégada apagou-se; foi destruido a golpes de martello, a titulo de se lhe tirarem reliquias; é actualmente uma cavidade informe.

Vaticinou o Propheta Rei que nós adorariamos o Senhor no logar onde houvessem pousado seus pés[1]. O Propheta Zacharias acrescenta que elle assentaria os pés no monte das Oliveiras, que está ao oriente de Jerusalem[2].

Não nego que ha controversia sobre se Jesus Christo deixou, ou não, impressas as suas divinas plantas na pedra ou na terra. S. Jeronymo diz que ainda no seu tempo se divisavam na terra signaes dos pés do Senhor; e acrescenta que todos os dias, apenas os crentes tiravam aquella terra para reliquia, os mesmos sacros vestigios incontinenti se reproduziam[3]. Refere por igual que, havendo-se edificado uma esplendida egreja no logar das pégadas do Senhor em honra do mysterio da Ascensão, nunca se pôde fechar inteiramente a cupula, parecendo que Deus se oppunha a que se tapasse o caminho que elle rasgára; pelo que se assentou em deixar no zimborio uma abertura superposta aos sagrados vestigios[4].

Fr. Pantaleão affirma que no alto do monte, Santa Helena edificára uma sumptuosa egreja, no proprio logar da Ascensão. Acrescenta que já nos seus dias não

[1] Adorabimus in loco, ubi steterunt pedes ejus (CXXXI, 7).

[2] Et stabunt pedes ejus in die illa super montem olivarum, qui est contra Jerusalem ad orientem (XIX, 4).

[3] Mons Oliveti ad orientem Jerosolimæ torrente Cedron interfluente, ubi ultima vestigia Domini humo impressa hodieque monstrantur. Cumque terra eadem quotidie a credentibus hauriatur, nihilominus tamen eadem sacra vestigia pristinum statum continuo recipiunt. (De locis Heb. Act. Apost.)

[4] Cum ecclesia in cujus medio sunt vestigia, rotundo schemat, et pulcherrimo opere condercetur, summumque tantum cacumen (ut perhibent), propter Domini corporis meatum nullo modo contegi, et concamerari potuit. (Ibidem.)

restava vestigio de tal fabrica, apesar de haver apenas uns sessenta annos que ella havia sido desmoronada. Diz que sómente permanecia então uma capella por dentro espherica, e por fóra octogona, toda rodeiada de arcos e columnetas, obra feita no principio, quando com a egreja foi edificada, toda por cima coberta de abobada de meia laranja. Prosegue affirmando que, arruinada a egreja antiga, ficára aquelle logar pouco reverenciado. «Como por alli de redor estão alguns casaes de moiros, os camelos e gado entravam muitas vezes, e ainda os moiros moços o irrevenciavam; até que a devota mulher (uma portugueza cheia de virtudes e dedicação, natural de Villa Viçosa) Mecia Pimenta, vinda da India por terra, com muitas esmolas que havia adquirido, comprou a licença para o mandar cerrar, a qual lhe custou muita copia de dinheiro (porque nos não permitte o grão turco reedificar alguma obra de todo caida, ainda que nos consente sustentar as que estão em pé); e mandou fazer um muro muito alto e forte, que toma todo o ambito e grandeza que antes tinha a egreja antiga; de maneira que agora tem portas, e está com mais reverencia do que no outro tempo estava».

Assim seria ha tres seculos, quando o bom padre escreveu; hoje nem restos ha da antiga egreja de Santa Helena, nem da capella, nem da edificação de Mecia Pimenta.

Desde tempos immemoriaes timbram os franciscanos em ir áquelle santo logar na vigilia da Ascensão; e agora que lá não existe templo algum para o culto, é em altares portateis que celebram os Officios divinos, quando d'isso os não impedem turcos, gregos ou armenios; todavia cumpre confessar que hoje ha da parte dos respectivos guardas bastante tolerancia; e tanto que o competente santão tem alugado aos franciscanos um aposento, de que se aproveitam sempre que precisam para repouso d'elles mesmos, ou dos peregrinos. Na vespera d'aquelle dia vão os religiosos para o monte, e ahi nas ruinas da egreja velha cantam vesperas e completas; segue-se a procissão, em que tomam parte todos os catholicos; á meia noite cantam matinas e laudes; depois alguns padres dizem missa; ao matutino arrebol celebra-se a missa pontifical, em que innumeraveis pessoas recebem a communhão; e por fim todo esse povo entra em Jerusalem.

Os gregos scismaticos e armenios celebram os seus Officios no mesmo dia, mas fóra do templo; hoje foram autorisados a funccionar no interior da mesquita.

IX

Saindo da egreja da Ascensão, passei a visitar o logar chamado *Viri Galilæi*, que se acha n'outro oiteiro do mesmo Olivete, um pouco ao norte, formando uma eminencia separada. Sobre a origem da denominação d'este logar ha suas opiniões: a primeira é dos que pretendem que n'este sitio se achavam os Apostolos quando, ao contemplarem a Ascensão do Senhor, appareceram dois Anjos vestidos de branco, e lhes disseram: «*Viri Galilæi, qui hic statis aspicientes in cælum?* Varões da Galiléa, que estaes ahi olhando para o ceu?».

«Este Jesus, que, separando-se de vós, ascendeu ás alturas, tal voltará no dia do juizo final.»

A segunda opinião affirma ter ahi havido outr'ora uma aldeia chamada Galiléa, sendo n'esta que o Senhor prometteu aos Apostolos apparecer-lhes depois da

sua Resurreição. Finalmente, segundo outros, houve ahi uma egreja edificada em honra de todos os que acompanharam Jesus no dia de sua Ascensão, que eram pela maior parte da Galiléa, e d'esta circumstancia nasceu a denominação de *Viri Galilæi* dada pelos dois Anjos aos homens, e por elles ao logar.

Suppõe-se que n'este sitio, em tempo dos Machabeus, houvesse uma fortaleza. Durante as cruzadas, fundou-se alli um convento e uma egreja com religiosos sorianos. Ulteriormente foi um posto de observação militar, cujas ruinas ainda subsistem. Pertence o terreno aos gregos scismaticos; os catholicos, porém, conservam o direito de se não poder murar aquelle sitio aonde vão os franciscanos cantar o Evangelho proprio, cada anno, em dia da Ascensão.

X

N'este afamado chão nada mais resta hoje além das citadas ruinas, e de uma velha cisterna, em cujas concavidades nidificam reptis. Voltei, e seguindo para o sul a quebrada do monte, foi-me indicado um sitio, onde, segundo a tradição, achando-se a Virgem Santissima a visitar os ultimos vestigios de Jesus, lhe appareceu o Archanjo Gabriel, e lhe offereceu uma palma, symbolo da victoria alcançada por ella sobre a morte e o inferno; annunciando-lhe ao mesmo tempo que dentro de tres dias estaria com seu Filho no ceu, o que se realisou. Houve ahi outr'ora uma capella, e hoje é um pequeno espaço triangular, apenas occupado por tres annosas oliveiras, que se tocam.

XI

Aqui findam as estações tradicionaes do Olivete, que os contemplativos chamam monte da Piedade. Encaminhei-me para outro serro conhecido na Biblia por monte da Offensa, ou do Escandalo. A rasão d'esta execravel denominação assenta nas idolatrias que Salomão ahi praticou. Acha-se este oiteiro em frente de Jerusalem ao sul do Olivete, com o qual o confundem aquelles que denominam Olivete a successão de cabeços que principia desde o norte de Jerusalem até incluir este monte, aliás profundamente separado do verdadeiro Olivete. Seja como fôr, este monte do Escandalo, que é muito mais baixo, domina o valle de Siloé, sendo na sua encosta que está situada a já descripta aldeia do mesmo nome.

Conserva elle ainda o estigma da sua reprovação. Seu aspecto é arido, negro e medonho! Nem arvores, nem hervas, nem cabanas alli se encontram; escarpadas rochas superpostas, fundos precipicios, e nada mais. Antigamente talvez assim não fosse. Salomão, para satisfazer caprichos de suas mulheres, é de crer que escolhesse o logar mais pittoresco de quantos circumdam Jerusalem. Sabido é com effeito, pelos livros santos, que Salomão, o sabio dos sabios, o forte dos fortes, o rei dos reis, o poderoso dos poderosos... chegou um dia em que só serviu para exemplo do que seja e valha o poder da terra, do grau de miseria a que possam arrastar as mundanas paixões, e até mesmo da circumspecção, com que o sabio deve pautar os seus actos pelo recto e pelo honesto em todos os tempos, mas sobretudo ao declinar-lhe para o horisonte occidental o sol da vida.

Não houve cousa tão ardua que Salomão não soubesse. Dictou tres mil apolo-

gos ou comparações doutrinaes. Tratou, escolasticamente philosophando, do reino vegetal, melhor Linneu da antiguidade. Se assombra um Buffon, que se dirá d'aquelle que em taes tempos discorreu analogamente sobre todos os animaes terrestres, aquaticos e aereos? Que poeta ha ahi que seja capaz de exceder o seu Livro dos Cantares, onde a santidade se reveste de amor, e o amor é todo sabedoria? Que politico ha ahi que jamais ultrapassasse a valia dos seus Proverbios, onde a politica é toda moral, e a moral altissima theologia? Quem ha ahi que exhibisse melhor modelo que o Ecclesiastes, essas paginas de oiro sobre as vaidades e desenganos do mundo?...

E aquelle, sobre cuja intelligencia e sobre cujo poder o Eterno vasára enchentes das suas graças; aquelle que ao Ente Supremo erguêra o mais sumptuoso templo do universo, e n'elle congregára as gentes para ouvirem as palavras santas, e entoarem hosannas ao Deus de Israel; aquelle a quem coubera a honra sublime de praticar com o Senhor, veiu a precipitar-se do cume da grandeza no abysmo da miseria!

Com effeito, Salomão, no principio do seu reinado, tendo pedido ao Senhor que lhe infundisse sabedoria para distribuir justiça ao seu povo, ouviu a voz grande dizer-lhe:

«Porque me fizeste esta rogativa, e não a de que eu te concedesse longevidade, opulencia, ou a vida de teus inimigos; porque me pediste a sabedoria para discernir o que é justo, ahi te encho o coração de tanta, que nunca houve, nem haverá quem te iguale. E por sobre isso tambem te dou o que me não pediste: riquezas e gloria, como jamais outro Rei alcançou; e se, como teu pae, observares os meus preceitos, longa vida tambem.»

O que fosse a sciencia d'esse varão estupendo, já atrás fica memorado. Não menos notaveis foram os actos, pelos quaes se manifestou a sua grandeza. Edificou o templo monumental de Jerusalem; rodeiou a sua capital de grossas muralhas; fundou diversas cidades; elevou palacios; acabou de submetter as nações vizinhas; transportou para Jerusalem tudo quanto nas outras regiões significava progresso; estendeu a sua dominação até o Euphrates; fez florescer a justiça e a ordem; protegeu o commercio; equipou possantes frotas; adquiriu o porto de Asiongaber, no mar Vermelho; dirigiu para os mais remotos povos expedições, que lhe traziam madeiras preciosas, perfumes, marfins e o oiro de Ophir; adquiriu finalmente a mais vasta e invejavel fama, que outro algum homem no mundo nunca mais alcançou.

Assim empregou Salomão piedosamente grande parte dos seus annos, sempre modelo de brandura, caridade, justiça e amor. Mas o Senhor tinha dito que não tomasse mulher do paiz dos gentios, para que ellas lhe não pervertessem o coração, fazendo-o adorar os seus deuses. E Salomão, esquecido do celeste preceito, apoderou-se desordenadamente de muitas mulheres estrangeiras, como a filha de Pharaó, as moabitas, e amonitas, e iduméas, e sidonias, e hethéas. D'ellas elegeu setecentas para suas esposas, que eram como Rainhas, e mais trezentas para suas mulheres secundarias.

E tinha Salomão attingido os sessenta annos, quando essas mulheres lhe corromperam o coração, fazendo-o seguir os deuses estranhos! E o edificador do templo ao Deus verdadeiro, no Moria, veiu aqui a este logar que, no momento em que estas linhas traço, estou encarando! Veiu aqui a este monte (que os seculos devidamente ficaram denominando do Escandalo ou da Offensa) levantar um templo a

Chamos, idolo dos moabitas, e a Moloch, idolo dos filhos de Amon; assim como por outras paragens foi erguendo altares, cada um d'elles dedicado a cada idolo que as suas varias mulheres adoravam, e a quem ellas, e talvez elle mesmo, iam sacrificar e queimar incenso.

E desde então a protecção do Senhor se retirou de sobre a sua cabeça, e as calamidades se succederam, até que baixou ao sepulchro, tão misero quanto havia sido grande.

Não mais, não mais por hoje. Findâmos o passeio ao monte Olivete e suas immediações. Acabâmos encarando aquelle famoso penedo, que nada diz, e nos diz tanto! Diz-nos que o philaucioso ente denominado homem, embora o revistam de ignobil manto de purpura, embora lhe estendam os terminos do dominio a regiões vastissimas; embora suba ao vertice da intelligencia e da sabedoria, não é mais que um asqueroso verme, desde o dia em que o desampara a mão do Senhor, e em que os sentimentos nobres e pios se lhe convertem em humanas miserias, das quaes disse o sabio, no tempo em que era sabio: «Vaidade das vaidades; tudo vaidade[1]»!

[1] Quaes seriam os destinos eternos d'este Principe? Morreria penitente e convertido, ou permaneceria até á morte na idolatria e na incontinencia? Os Santos Padres, os autores ecclesiasticos e os commentadores antigos e modernos, fluctuam entre oppostas conjecturas.

Os que sustentam que Salomão morreu impenitente, fundam-se: 1.º, no silencio das Escripturas; visto como, dizem elles, não é provavel que o historiador sagrado, depois de exaltar a sabedoria e virtudes d'este Principe nos bellos dias da sua mocidade, e os seus extravios e prevaricações na extrema velhice, houvesse calado circumstancia tão essencial e edificante, qual a da sua conversão; 2.º, que de nenhum logar se deprehende que houvesse elle despedido as mulheres idolatras, derrubado os logares altos e os templos, que por complacencia com ellas tinha levantado, pois estes abominaveis edificios ainda existiam no tempo de Josias, que foi quem os mandou destruir; 3.º, que, se Salomão tivesse feito penitencia, certamente Deus teria moderado a sentença que contra elle havia pronunciado, quando, pelo contrario, com todo o rigor a fez executar immediatamente depois de sua morte, com a rebellião das dez tribus contra Roboão, seu filho; 4.º, que, comquanto no livro dos Proverbios e no Ecclesiastes abundem reflexões e maximas, que pareçam caracterisar um Principe desenganado das vaidades do mundo, não é todavia certo que esses livros fossem escriptos por Salomão nos ultimos annos de sua vida; 5.º, finalmente, que o numero dos Padres da Egreja, e dos autores sagrados, que sustentam a sua condemnação eterna, é maior do que o dos doutores que defendem a contraria these.

Estas rasões não parecem bastante fortes aos olhos dos que opinam pela penitencia e arrependimento de Salomão. Fundam-se estes nos seguintes passos da Escriptura: 1.º Deus, fallando de Salomão a David, disse: «Eu serei seu pae, e elle será meu filho; se peccar em alguma cousa, puni-lo-hei com a vara dos homens e com os castigos dos filhos dos homens. Mas não retirarei d'elle a minha misericordia, como a retirei a Saul. (2 Reg. VII, 14-15)». Ora, se Salomão houvesse sido condemnado, não seria de certo um castigo humano, mas o mais terrivel decreto da Divina Justiça. 2.º Diz-se de Salomão, como de David, que dormiram com seus paes. Indica esta expressão antes a morte de um justo ou de um penitente, do que a de um reprobo. 3.º Depois de ter o autor do Ecclesiastico estigmatisado a incontinencia de Salomão, acrescenta: «Deus, porém, apesar de vossos crimes, que hão attrahido sobre vós os effeitos da sua justiça, não se esquecerá da sua misericordia; não destruirá; não aniquilará as suas obras; não cortará pela raiz a posteridade de David, seu escolhido, nem exterminara a geração d'aquelle que amou. (Eccl. cap. 47, VII.)» Vê-se, pois, que o supposto silencio da Escriptura a respeito dos ultimos instantes de Salomão, não é absoluto; e quando o fosse, nada provaria. Nos Paralipomenos e no mesmo Ecclesiastico nada se diz da idolatria de Salomão; entretanto, deixou ella de existir? Assim tambem poderão ter sido omittidas na Escriptura circumstancias favoraveis ao sabio Rei. 4.º Não se póde duvidar que o Ecclesiastes seja obra de Salomão; sendo joven, não fallaria de si como falla no cap. II e n'outros, dizendo: «Accumulei prata e oiro. Nada do que meus olhos appeteceram, lhes neguei; nem privei o coração de gosar de todos os prazeres. Mas, reflectindo nas obras feitas por minhas mãos, vi em tudo a vaidade e a afflicção de espirito, e que nada dura debaixo do sol». Não é isto, de certo, linguagem de um Principe corrompido pela volupia e idolatria; mas de um sabio naturalmente provecto, desenganado, confuso e arrependido de suas faltas e miserias.

De boa vontade adoptarei a opinião mais benigna.



Sorrieu lith.

Imp. Lemercier et Cie Paris

CAPITULO XVIII

I. Parte oriental do monte Olivete. Bethania. — II. Martha e Maria. Resurreição de Lazaro. — III. Demonstração d'este milagre. — IV. Definitiva morte de Lazaro. Seu sepulchro. Construcções que se levantaram n'esses logares. Ordem de S. Lazaro. — V. Casa de Simão o leproso. — VI. Pedra do colloquio. — VII. Bethphage. — VIII. Logar em que Judas se enforcou. — IX. A figueira maldita.

I

Destinei um dia particular para estender o meu passeio até ás faldas orientaes do monte Olivete. Sabia eu que essa região era tambem famosa na historia do Novo Testamento; e não podia deixar de pisar esse torrão quem resolvêra examinar minuciosamente quantas pedras em Jerusalem suscitam piedosas recordações.

Transpuz o valle de Josaphat, guiado por um pratico, a quem pedi que me levasse pelo caminho por onde Jesus habitualmente costumava fazer suas excursões á raiz d'aquelle monte; porquanto é tradicional que o Messias nas suas peregrinações ia sempre pela estrada que vae das alturas de Siloé, regressando depois á cidade pela outra estrada, que, atravessando a lomba do monte, segue por Gethsemani até á porta de Santo Estevão: é portanto aquelle primeiro caminho plano, e o segundo accidentado.

Pouco mais de meia hora tinha decorrido, quando o meu guia me perguntou se eu imaginava o que seriam meia duzia de choupanas que alli se nos deparavam, habitadas por beduinos e esparsas em um declive pedregoso, onde a custo vegetam algumas figueiras e amoreiras. Vendo me hesitar, declarou-me que eramos chegados á celebre Bethania.

Pois que! esse, que eu esperava admirar horto riquissimo, plantado de palmeiras, sycomoros, aloes e nardos, logar de delicias, morada dos opulentos Simão e Lazaro e da solicita Martha e da formosa Magdalena; esse imaginado eden... era aquelle? Quatro informes cabanas de barro, baixas e immundas, e antes similhando formigueiros que habitações humanas? um terreno inhospito e inculto, uma terra de exilio? Mas não ha duvidar: é Bethania; é a querida do Senhor, mas predestinada, como todo o mais solo da cidade maldita, a servir de perpetua demonstração do castigo do Altissimo.

Duas são as Bethanias mencionadas no Evangelho; a outra ficava alem do Jordão, onde o povo hebreu passou o rio, ao entrar na terra da Promissão, e o Precursor começou a baptisar; esta, porém, tomou seu nome de um termo significando «casa da afflicção e da obediencia».

Eram aqui as moradas de tres irmãos pertencentes a uma preclara familia. Distinguia-se Lazaro pelo fulgor do seu nascimento e por sua opulencia; Martha por virtudes domesticas, e pelo modo sublime por que encarava a missão da mulher. Magdalena patenteou na sua vida duas phases diametralmente oppostas: na primeira, seus attractivos, sua belleza, seu talento, sua graça e a dissolução de costumes, a que a levava a adoração dos homens; tudo isso a tornou modelo de peccadoras, como após a sua conversão se ostentou modelo de arrependimento e piedade. N'outro logar apropriado terei de descrever a scena, em que esta mulher foi protagonista; por agora limitar-me-hei a narrar os mais notaveis successos n'este logar occorridos, e de que os livros santos nos conservam a memoria.

II

Voltava Jesus para Jerusalem, quando, cançado da jornada, parou n'esta aldeia. Martha, que viu o Mestre repousando n'um banco de pedra, dirigiu-se a elle, rogando que lhe honrasse a casa; ao que Jesus accedeu. Applicou-se ella com o maior desvelo a proporcionar-lhe quantas commodidades lhe suggeria a indole piedosa, em constante movimento; afadigava-se por tornar a hospedagem do exhausto viajante tão agradavel quanto em suas forças coubesse.

Sua irmã, a gentil Magdalena, em cujo seio já havia penetrado o raio do amor divino, não tinha forças para se afastar um só momento da contemplação extatica do celestial Enviado. Sentada aos pés do Senhor, olhos embebidos no immaculado Cordeiro, coração arfando em jubilo e esperança, o mundo inteiramente desapparecêra dos seus olhos, que só viam o Deus da terra e dos ceus.

Vendo Martha que sua irmã não a coadjuvava nos aprestos a que se applicava para condigna recepção, approximou-se de Christo, e perguntou-lhe:

—«Pois que, Senhor! É bem feito que minha irmã consinta em que eu vos ande servindo sósinha? Dizei-lhe que me ajude.»

E o Senhor lhe respondeu:

—«Martha, Martha, tu andas demasiadamente occupada, embaraças-te com muita cousa; mas olha que necessaria ha só uma. Maria escolheu a parte melhor, e tê-la-ha.»

Continuou Christo a frequentar muito a casa d'esta boa familia, onde muitas vezes se recolhia.

Achava-se na outra Bethania transjordanica, a doze leguas d'esta, quando as irmãs de Lazaro lhe mandaram aviso de que seu irmão havia enfermado, e Elle exclamou:

«Não foi para causar morte que essa enfermidade sobreveiu, mas sim para glorificar o Filho do Homem.»

Deixou-se ficar mais dois dias, e disse aos discipulos:

—«Tornemos para a Judéa. Nosso amigo Lazaro dorme; vou desperta-lo.»

—«Para que?» disseram elles, «se dorme, está são.»

—«Morto, está morto; partâmos.»

Havia quatro dias que Lazaro jazia no seu moimento, quando Jesus se approximou de Bethania. Alli vi a cisterna, sita a pouca distancia da aldeia, onde Martha,

deixando a irmã em casa rodeada dos muitos que as tinham ido consolar, correu ao encontro de Jesus, dizendo-lhe:

— «Ai! Senhor, se aqui tivesseis estado, meu irmão não morreria.»

— «Elle resurgirá.»

— «Oh! sim, no ultimo dia, no da resurreição».

— «Resurreição e vida sou eu. Quem crê em mim, embora morto, viverá; acreditas?»

— «Oh! se acredito! Vós sois o Christo, Filho de Deus vivo.»

Ficou Jesus no mesmo logar, e Martha foi chamar a irmã, que iguaes queixas lhe dirigiu. O Salvador vendo que ella chorava, e os mais que a acompanhavam, chorou tambem, e os circumstantes disseram:

«Vejam como elle o amava!»

Mas d'entre estes alguns segredavam ao ouvido de outros, que era estranho que quem déra vista a um cego indifferente, não houvesse impedido a morte de um tão dedicado amigo.

Dirigiram-se todos á gruta, onde Lazaro desde quatro dias repousava. Jesus mandou tirar a campa do sepulchro, e bradou em alta voz:

«Lazaro, sáe para fóra!»

N'isto o cadaver moveu-se, o finado estremeceu; não poderam ver-se lhe os desvairados e attonitos olhos, porque o seu rosto estava envolvido n'um sudario; mas para que prodigios se amontoassem sobre prodigios, esse phantasma avançou, e saiu para fóra do sepulchro, apesar das ataduras que lhe ligavam pés e mãos, e que só depois o Senhor mandou lhe desatassem!

III

Contesta a impiedade este milagre, que aliás a historia sagrada nos relata com todos os testemunhos da mais evidente authenticidade. Reconhecendo ser esta uma das maravilhas que mais impressionaram os proprios judeus, procuram negar o facto, ou antes levam a insania ao ponto de attribui-lo a não sei que fraudulento e pueril concerto, uma prestidigitação, uma torpe impostura.

Não me dirijo a vós, incredulos activos, por calculo, por impiedade; mas a vós outros, incredulos passivos, por desidia, por imitação. Se não estaes arregimentados na turba dos impugnadores systematicos de Christo, ouvi, e julgareis se é licita a duvida sobre a veracidade da resurreição de Lazaro.

É ella narrada, com todas as suas circumstancias, por S. João, já macrobio quando escreveu o seu Evangelho, varão cercado dos fóros de altissimo respeito, que o seu caracter santo infundia; que tudo descreve como testemunha ocular, e em tempo em que ainda viviam contemporaneos de Christo, e innumeraveis que de testemunhas ouviram a narração, aliás analoga a tantas outras, cujos pormenores os seculos perderam, como attestou Quadrato, discipulo dos Apostolos; affirmando que ainda nos seus dias, imperando Adriano, viviam muitas pessoas resuscitadas por Jesus Christo; isto muitos annos após a morte do Evangelista João.

Contrariam os incredulos, ponderando que nenhum outro Evangelista, aliás prolixos todos na exposição dos milagres de Christo, falla d'este. Que valor tem si-

milhante argumento? Ha dezenas de successos relatados por um e não por outros dos quatro Evangelistas. Cada um d'elles parece ter tido em mente descrever a vida do Salvador, encarando-a como lição por lado diverso: João teve menos em vista referir os proprios factos que as palavras e acções; porém, mesmo como factos, alguns ha, como o das bodas de Caná, que só elle relata; por outro lado, longe de amplificar os prodigios do Senhor, alguns ha e dos mais estupendos de que foi testemunha presencial, e que outros Evangelistas pintaram, ficando elle mudo, taes como as duas primeiras resurreições e a Transfiguração. Alem d'isso, elle mesmo denuncia, no final da sua obra, que a historia não reduzira a escriptura muitos outros successos da vida do Redemptor.

Se esta maravilha é indigna de fé, mais indigno de fé e mais maravilha seria que um tal successo fosse um fraudulento ardil. Triste imaginação é a dos que não vêem senão uma farça na resurreição de Lazaro.

Esse homem, que embalsamaram e envolveram nos mais preciosos perfumes, e a cuja casa, para consolar suas irmãs, confluiu grande concurso de pessoas gradas, era um dos ricos homens do logar. Como seria crivel um deshonroso conchavo entre elle, as duas irmãs, Jesus, e os mais que tivessem de figurar no enredo? Como fingiram, sem serem descobertos pelos famulos, assistentes, vizinhos e amigos, a molestia, o passamento, o embalsamamento, o funeral, o deposito no sepulchro, o tapamento da campa, a resurreição presenciada por tantos? Impossivel!

Com que interesse se prestaria essa familia a aggravar as iras do synedrio, já tão exaltadas contra o Messias e tão ameaçadoras? E como poria Jesus em risco a gente que tanto amava?

E a sincera dôr patenteada pelas irmãs do defunto, a ponto de enternecerem a todos os circumstantes?

Não foi sem intenção que o Evangelista alludiu ao outro mysterio, o de estar Lazaro amortalhado e envolto n'um sudario, quando resurgiu. Costumavam os hebreus, á maneira dos orientaes, com uma faxa de panno branco larga de dois dedos envolver todo o corpo do morto, dos hombros aos pés, ficando tambem os braços cingidos dentro. Tal se achava Lazaro; bem podia com uma palavra romper-lhe as ligaduras, quem com uma palavra lhe restituira o anhelito; mas convinha provar plenamente que era um cadaver o resuscitado. Como se conservaria vivo quatro dias um homem embrulhado em faxas apertadas, cosidas em todas as extremidades, e com o rosto coberto de aromas de força intoleravel, e com o corpo estreitado todo, sem movimento possivel, n'um sepulchro sem ar, tapado com uma enorme lage?

E tanto as cousas correram assim de modo natural, que a multidão presente, longe de notar qualquer deficiencia, o que fez foi ir delatar aos Principes dos Sacerdotes e aos magistrados o que havia visto; a tal ponto que estes, certos do prodigio, opinaram pela morte de Jesus, por isso que fazia muitos milagres, e que d'essa fórma, dentro em pouco, todos creriam n'elle.

Acresce que, resuscitado Lazaro, é de crer que todos os circumstantes, tão dedicados a esta familia, o cercassem, o abraçassem, dando-lhe os parabens; nem se póde imaginar que alguem resistisse a esse movimento de alvoroço. Essa approximação infallivel tornaria todo o embaimento impraticavel.

Estão-me caindo do bico da penna outras muitas considerações; mas retraio-me, até por me parecer descabido demorar-me em demonstrar axiomas.

IV

O odio que os judeus votavam a Jesus, abrangeu a Lazaro, visto ser este o causador de muitas conversões; todavia não levaram a effeito o nefando projecto de assassina-lo, pois Santo Epiphanio diz ter elle trinta annos quando resuscitou, e sessenta quando morreu. Uns o suppõem fallecido em Citia, cidade de Chypre, fazendo depois o Imperador Leão o Sabio d'alli transportar o seu corpo para Bethania; outros querem que Santa Helena levantasse n'este logar uma egreja, encerrando o marmoreo tumulo de Lazaro; e até ha quem affirme que depois da Ascensão os judeus desterraram Lazaro, as irmãs, José de Arimathéa e outros prégadores do Verbo, os quaes foram milagrosamente transportados n'um velho navio a Marselha, que Lazaro cincoenta annos governou como bispo, sendo a final martyrisado. Com effeito, mostraram-me fóra de Marselha uma gruta, onde aquella gente imagina que a Magdalena trinta annos se penitenciou; assim como suppõe que Martha fizesse outro tanto, no sitio onde hoje é Tarascon.

Tumultuavam-me no animo estas e analogas recordações, quando insensivelmente me achei rodeado de turcos, acompanhados de uma multidão de meninos, que me convidavam, apinhando-se uns sobre outros, a ir ver o sepulchro de Lazaro. Não deixei de maravilhar-me em presença da affabilidade e cortezia d'estes meninos, comparando-os com os asperos montanhezes da vizinha Siloé!

Desci, pois, com elles ao sepulchro de Lazaro, que consiste em uma profunda caverna, na qual se entra por um buraco sem porta, praticado n'um muro que se estende ao nivel da estrada publica, sendo por isso livre o ingresso. Desce-se por uma escada de pedras, tortuosa e estreita, semicircular, que consta de vinte e oito degraus altos. No fundo da escada ha uma estanciasinha, que é o logar onde se sentou Jesus Christo, quando gritou: «*Lazare, veni foras*»; em frente d'ella, olhando para o norte, está o sepulchro propriamente dito, que consiste em outra estanciasinha menor que a primeira, porém mais profunda, na qual se entra com o peito cosido ao pavimento, pelo mesmo buraco, tapado por aquella pedra que Jesus mandou afastar. O sarcophago conserva-se como na primitiva, e é em tudo conforme com a descripção que d'elle faz o Evangelista. Hoje, ao vigesimo quarto degrau, acha-se n'uma especie de vestibulo um altar de pedra, onde os franciscanos veem duas vezes por anno celebrar missa, o que fazem com grande apparato; porquanto, após a communidade dos padres da Terra Santa vão todos os catholicos e peregrinos. N'esses dias collocam-se no sepulchro dois altares portateis, onde se dizem continuadamente missas, findo o que, se canta o respectivo Evangelho em latim e depois em arabe, á entrada do subterraneo; ceremonia a que sempre os musulmanos assistem respeitosos. Para memoria da minha visita extrahi umas particulas da pedra sepulchral, que eu guardo com apreço.

Repassado de profundas commoções saí d'essa estancia da morte, que melhor diria da vida, onde obrou Jesus o mais estrondoso dos milagres.

Depois da descida do Espirito Santo resolveram os Apostolos converter em casa de oração a de Lazaro, Maria e Martha, amigos de Jesus. Santa Paula visitou

o tumulo de Lazaro, tido sempre em grande veneração, tanto pelos christãos, como pelos sarracenos.

Umas ruinas que avultam ahi perto, parecem ser as de um mosteiro de monjas benedictinas, ahi erecto pela Rainha Melisinda, mulher de Folco de Anjo, terceiro Rei latino de Jerusalem. Conjectura-se que esse mosteiro se estenderia até á sepultura de Lazaro, ou que para ahi tivesse alguma via de communicação.

A torre que surgia junto ao mosteiro, fôra construida para um presidio de soldados, que defendessem as freiras dos insultos dos arabes de alem Jordão, os quaes faziam, como ainda hoje, frequentes correrias n'aquellas regiões, immenso valhacouto de salteadores: ainda subsiste parte d'ella; porém os seus fundamentos são muito mais antigos, e parecem de construcção judaica.

Se os christãos teem, pois, nutrido sempre tamanha veneração ao sepulchro do amigo do Messias, outro tanto não posso dizer dos ismaelitas; pois esses no inverno aproveitam essa gruta para redil de cabras; e não obstante, lá teem um preconceito de que é mister conservar aquillo inalteravel, sob pena de morrerem sem detença os parentes de quem destruir o que ahi existe.

S. Lazaro deu nome a uma antiga e fidalga ordem, que era, como as de Malta, Aviz e Christo, ao mesmo tempo militar e religiosa. Dividiu-se depois em tres classes: parte dos cavalleiros era militante contra os impios e infieis; parte caritativa, tratando de leprosos; parte, composta de sacerdotes, consagrava-se aos altares, e dava aos enfermos o Viatico e os mais soccorros espirituaes.

V

Conduziram-me a cerca de 200 metros do sepulchro de Lazaro, e mostraram-me um logar onde outr'ora houve uma egreja, mas hoje é um campo de cultivo, com poucas ruinas; ahi era a casa de Simão, o leproso.

N'ella estava um dia jantando o Redemptor, quando pela sala dentro entrou Magdalena, a linda, trazendo uma redoma de alabastro cheia de balsamo feito de espigas de nardo, e quebrando-a, derramou os perfumes, ungindo com elles os pés do Homem-Deus, que ella enxugava com os seus cabellos.

Exprimiu Judas sua hypocrita estranheza, dizendo que melhor fôra dar aos pobres os trezentos dinheiros que o balsamo bem valia; ao que Jesus redarguiu:

«Porque molestaes essa mulher? Pobres para beneficiar, sempre vós tereis; a mim não me tereis sempre. Ella fez o que pôde, embalsamou-me antecipadamente para a sepultura. O que ella acaba de obrar, será em todo o mundo rememorado, pois que o Evangelho o perpetuará.»

Frei Pantaleão exprime-se d'esta arte: «Permanece até o dia de hoje a casa de Simão, o leproso, feita egreja; mas tão maltratada que o corpo d'ella serve de casa a um moiro e a suas mulheres e filhos, com repartimentos feitos a seu modo; e a capella, que está inteira, feita de abobada mui curiosa, com seu altar no centro, serve de redil de cabras. Tinha este moiro em casa uma velha, a qual, quando lá iamos, se lhe levavamos pão, fazia-nos muita festa; ao contrario, se tinhamos descuido em levar-lh'o, enchia-nos de blasphemias e injurias, e atirava-nos pedradas».

VI

D'alli me levaram os turcos, sempre acompanhados dos meninos, a boa distancia, para me mostrarem uma pedra no caminho de Jericó, na qual estava sentado Jesus Christo, quando Martha e depois Maria Magdalena vieram encontra-lo, e que denominam Pedra do Colloquio. A tradição de tantos seculos ainda não perdeu de vista esta memoravel pedra, embora esteja encravada no meio de cem mil outras, que alastram todos os contornos de Bethania. A pedra é sobre o comprido, tem tres palmos sobre dois. Não é escabrosa como as outras. Vi com pasmo que a sua rijeza não cede ás mais fortes martelladas como as outras, que se despedaçam ao primeiro vibrar do golpe. Um dos meus companheiros de peregrinação, o reverendo doutor Grainha, fez esforços taes com um picão, para extrahir uma particula d'essa pedra, que, depois de porfiar quasi um quarto de hora, deitou sangue pela bôcca, e nada conseguiu! Não tem sido diverso o resultado das diligencias de outros, segundo consta por lá.

VII

Depois segui para um terreno algum tanto similhante a um dique, fechando o sotoposto valle, tambem na falda oriental do Olivete, a uns 600 passos a leste da cidade, onde só ha algumas figueiras e romanzeiras. Foi ahi o castello de Bethphage, pertencente aos Sacerdotes, que serviram no templo.

Um successo torna celebre este logar.

Vinha Jesus com os discipulos e muito povo na direcção de Jerusalem. Tinha Elle vindo doutrinando os circumstantes com os mais formosos principios da sua moral. Dissera a parabola dos lavradores mandados trabalhar na vinha em diversas horas; ensinára que os primeiros serão ultimos, e os ultimos, primeiros, e que os maiores devem ser os mais pequenos. Chegando emfim a Bethphage, disse a dois discipulos:

«Ide a essa aldeia defronte de vós, onde achareis presa uma jumenta, com o seu jumentinho ao lado; trazei-m'a; e se alguem se oppozer, dizei-lhe que o Senhor a precisa.» (Assim era mister, para realisação de uma prophecia.)

Tudo se passou como Jesus dissera, e albardada a jumenta com as vestes de varios, n'ella montou o Redemptor, que d'alli foi levado em triumpho para a cidade, gritando a immensa turba: «Hosanna ao filho de David! Bemdito o que vem em nome do Senhor! Hosanna nas maiores alturas!»

No dia de Ramos fazia-se ahi outr'ora uma procissão muito solemne, reproduzindo todas estas scenas no proprio sitio onde se deram.

VIII

A pouca distancia de Bethphage, para o lado do sul, mostram o sitio em que Judas se enforcou, ainda que outros suppõem que a arvore, a qual era um sycomoro, que participa de figueira e amoreira, dando fructos tres e quatro vezes por

anno, estava na extremidade da floresta das Lagrimas, ao sudoeste de Jerusalem; affirmando estes que o funesto sycomoro ainda subsistia no fim do seculo xv. Portanto, apesar de que a tradição varie, é indubitavel que a forca do infeliz foi n'aquelle, ou n'este logar.

Em outras partes d'este livro trato do infame procedimento do Apostolo traidor. Já este com um beijo havia entregue o Mestre a seus inimigos; mas apenas teve conhecimento de que o Justo fôra condemnado, sentiu-se profundamente ferido de arrependimento; dirigiu-se aos Principes dos Sacerdotes e aos anciãos, levando-lhes os trinta dinheiros, e exclamou:

— «Pequei, entregando o sangue innocente!»

Ao que elles lhe responderam:

— «Que nos importa! Visses tu lá o que fazias.»

Judas então, no auge do desespero, atirou com o dinheiro no templo; fugiu, e foi pendurar-se de um laço da referida arvore, rebentando pelo meio, e derramando-se-lhe as entranhas; e o cadaver maldito foi enterrado no proprio campo comprado com o preço da traição. S. Lucas, nos Actos dos Apostolos, reproduzindo o discurso de S. Pedro aos seus companheiros, antes da elevação de Mathias, diz que assim se havia de cumprir aquella prophecia do Psalmista:

«Ficará deserta a habitação d'elles, e outro receberá o seu bispado.»

Com effeito, tudo isto se verificou: o apostolado de Judas passou para Mathias, e os judeus têem desde então andado desterrados de seu proprio paiz, e lamentando arrazada a sua patria querida, queimadas suas casas, destruidas suas terras, e totalmente assolado o seu precioso templo.

IX

Por mais embebido que eu tivesse o espirito nas saudosas recordações que despertam estes sitios, tantas vezes santificados pela presença do Messias, da Virgem, dos Apostolos e dos Discipulos, cumpria regressar. Pedi me conduzissem pelo caminho que Jesus Christo costumava pisar, quando regressava de Bethania para a cidade. Subi pois, cruzando o monte; e chegado aos dois terços, parei para respirar, e estender olhos pelo panorama que se desenvolve na parte oriental do Olivete.

Depois de termos continuado mais alguns passos, preveniu-me o guia que dentro em momentos me havia de indicar um sitio notavel, sem dizer-me o porquê. Logo em seguida me apontou para um pequeno campo, dizendo: «Eis-alli onde estava aquella figueira, que Jesus amaldiçoou, e fez seccar, porque não tinha fructos».

Em verdade narra o Evangelho que na tarde do Domingo de Ramos voltou Jesus com os doze Apostolos para Bethania; que no dia seguinte, ao saír de Bethania, teve fome [1]; que avistando ao longe uma figueira frondosa, foi ver se tinha

[1] Não era esta fome ordinaria, nem natural, pois havia ceiado na vespera, e não era ainda hora de almoço. O intuito do Mestre foi provar o alcance da fé intensa. Alem d'isso, era a figueira a triste imagem da synagoga, sob as ostentações de zêlo occultando hypocrisia; sendo por isso emblema dos hypocritas, que sob as apparencias de santidade no exterior, não produzem no interior nem fructo de virtude, nem de justiça, pelo que Deus os amaldiçoa, e elles permanecem para sempre aridos e sem seiva, como a figueira maldita.

algum fructo, e achando que só tinha folhas (porque não era tempo de figos), disse-lhe:

«Nunca mais darás fructo.»

O que foi ouvido pelos Apostolos.

Chegando a tarde, saiu de Jerusalem; e na manhã do dia seguinte, voltando de Bethania para a cidade com os Apostolos, viram estes que a figueira amaldiçoada tinha seccado até ás raizes: lembrando-se então Pedro d'aquella maldição que Jesus proferiu, disse-lhe:

= «Mestre, vêde como seccou a figueira que amaldiçoastes!»

Respondeu-lhe Jesus:

= «Se tiverdes fé em Deus, obrareis iguaes prodigios.»

E assim conclui a minha peregrinação d'esse dia. Cançado physicamente de andar, e moralmente de extasiar-me ante esses monumentos sublimes dos mais estupendos e sacrosantos successos occorridos na curta area do monte Olivete, avancei para o valle de Josaphat, e penetrei na cidade pela porta de Santo Estevão.

CAPITULO XIX

EXTRA-MUROS DE JERUSALEM—PARTE SEPTENTRIONAL

I. Região que vae da torrente do Cedron ao Calvario.—II. Porta de Damasco.—III. Acampamento de todos os expugnadores de Jerusalem.—IV Gruta e cisterna de Jeremias.—V. Tumulo de Alexandre Janneu. Sepulchro dos Reis.—VI. Sepulchros dos Juizes.—VII. Sepulchros de Herodes e da Rainha Helena. Lago das Serpentes.—VIII. Os arredores de Jerusalem considerados como uma vasta necropole.

I

Convido agora o meu leitor a acompanhar-me no extra-muros de Jerusalem ao septentrião; isto é, no terreno que vae do oriente para o occidente da torrente do Cedron, estrada de Anathoth e Bethel, e Porta de Benjamin até o Calvario, do qual todavia reservarei a descripção para mais apropriado capitulo; visto como esse sacro monte, antigamente exterior á cidade, fica hoje dentro de seus muros.

São de indole mais profana do que religiosa as memorias que tal chão nos recorda; e cumpre confessar que ahi quasi nem restam vestigios dos grandes successos, que só tradição e escripta hão perpetuado. Não me exonera, porém, esta circumstancia do dever de estudar tambem estas paragens, embora não pertençam em grande parte ás que a piedade avidamente procura em tão famosa região.

II

No dia em que saí da praça do monte Bezetha pela porta de Damasco (antigamente de Ephraim) confesso que encetei este passeio sob a mais desagradavel impressão. É essa porta a menos guardada e mais immunda de Jerusalem, quando devêra ser a mais bem defendida e elegante. Sobre um largo e corroido banco jogavam cartas uns tres soldados trajados sordidamente. Eram os custodios d'aquella porta outr'ora inexpugnavel ao impeto de milhares de guerreiros, que muitas vezes acharam mais facil minar as muralhas, que leva-las de escalada.

Dá saída para um carreiro, que apparatosamente denominam estrada, flanqueado de duas serras de entulho, composto de craneos, fémures e costellas de camellos, jumentos, cães e gatos, e de immundicies de todo o genero! Não estivesse Jerusalem em poder dos ismaelitas, que outra qualquer nação alli rasgaria logo espaçosa e formosissima praça, aproveitando sycomoros, oliveiras, figueiras, aroeiras e outras arvores frondosas.

Hoje o principal producto que ahi ostenta o reino vegetal é o rhamno, de cujo arbusto muitos suppõem que foi tecida a corôa de espinhos de Nosso Senhor Jesus Christo.

III

Ao saír vêem-se prolongados á direita e á esquerda da porta os muros da cidade, os quaes n'este lado offerecem uma peculiaridade, que nos outros tres se não reproduz; vem a ser que em varios pontos são taes muralhas formadas pela propria natureza, e só pela arte aperfeiçoadas. Ahi se observa a rocha granitica perpendicularmente cortada, e d'ella sobresaindo então a parte complementar do respectivo lanço de muro. Este natural alicerce de rocha contraria a opinião dos que estendem a antiga Jerusalem para alem da gruta de Jeremias, até o sepulchro dos Reis, quando não é verosimil que similhantes pedreiras atravancassem o interior da cidade. Dir-se-hia que, constituindo essas penhas uma especie de nativo entrincheiramento, este poderia bem prestar-se a conveniencias estrategicas; porém estas annulla-las-hia a disposição do terreno adjacente, que offerece excellentes proporções para campo de batalha, e collocação de toda a sorte de machinas de guerra. Só esta parte não é circumvallada, nem protegida por monte algum; planicie desigual que se vae insensivelmente elevando do sul para o norte, e do poente para o nascente.

Todos os conquistadores de Jerusalem escolhiam este plaino para collocar suas balistas, catapultas, torres moveis, arietes e mais instrumentos bellicos, por isso que a parte septentrional da cidade foi sempre realmente a menos defensavel d'ella, como adiante veremos.

IV

D'este logar partiu, pois, a realisação dos vaticinios do plangente Vate de Anathoth; e cabe aqui naturalmente dar noticia da gruta, a que deu nome, e que demora exactamente a pouca distancia da porta de Damasco, ao lado direito, isto é, na parte exterior e septentrional dos muros da cidade. Pedi que me conduzissem ao famoso alcaçar de Jeremias, e levaram-me com effeito á base de um outeiro coroado de sepulchros musulmanos, o qual, digâmo-lo assim, serve de tecto á asquerosa espelunca, onde se não penetra sem pagar tributo ao guarda das chaves. Cerca este recinto um muro de caliça, para dentro do qual frondeiam, n'um jardimzinho, arvores que, pela raridade de sua perenne verdura, recordam oasis do deserto.

A primeira cousa que aos olhos se offerece, é a sepultura de não sei que santão, sobre a qual arde uma lampada em determinados dias da semana.

Segue-se a mencionada gruta, formando um semicirculo com o diametro na frente, de cento e cincoenta passos de circumferencia, excavada na rocha, sendo portanto a entrada tão ampla e elevada como o proprio recinto. A abobada, de quarenta pés de altura e setenta de comprimento, é sustentada por um pilar bastante informe, e que faz parte da mesma rocha, antes calcarea que dura, e alva como a neve, não obstante a salpicarem manchas negras na superficie, provenientes da grande humidade. É o antro talhado sem regularidade nem elegancia. Nenhum merito, pois, o distinguiria, se não fosse a gloria de ter acolhido em seu seio o

Propheta Jeremias, que alli soltou aquella celebre endecha: «*Quomodo sedet sola civitas plena populo!*» e onde se crê haver composto os seus Threnos.

Passámos da gruta a visitar a cisterna, a cujo fundo o Propheta foi lançado pela malignidade dos proceres, em castigo de os ter, da parte de Deus, ameaçado com as calamidades, que dentro em pouco sobrevieram. Elle mesmo nos deixou relatados todos estes seus infortunios, dizendo que, depois de preso, foi levado aos Principes, os quaes o açoutaram, o metteram no ergastulo, que havia na casa do secretario Jonatham, do prefeito carcere, sendo em seguida arremessado á gruta, onde esteve emparedado muitos dias.

Mas o Rei Sedecias mandou-o tirar do fosso, e perguntou-lhe secretamente:

«Crês que tens alguma inspiração do Senhor?»

«Creio, respondeu Jeremias. Diz-me Elle que serás entregue ao Rei de Babylonia.»

E assim aconteceu.

Resta agora averiguar se o fosso em que foi lançado o Propheta, é verdadeiramente a cisterna que ora se mostra á direita da mencionada gruta, e no mesmo recinto. Confesso que tambem nutro duvidas, pela difficuldade de conciliar esta opinião com o texto sagrado; e todavia não pretendo impugnar a versão commum, que affirma serem realmente estes o carcere e o fosso de Jeremias.

A cisterna, obra da mão do homem, é praticada na rocha viva. Actualmente sua abertura circular, de cerca de 2 metros de diametro, está sem parapeitos e ao rez do chão. Desci por uns degraus assás commodos, que sobresaem da parede do poço, e cheguei a um atrio pouco extenso; dando n'este alguns passos, tudo á luz de indispensaveis archotes, sondei com os olhos a verdadeira cisterna, profunda, magestosa, e na qual a voz eccoava solemne. O tempo devorador não destruiu esta cisterna, porque as suas paredes são todas de rocha nativa, como geralmente as das cisternas d'aquellas regiões; de modo que poderia perfeitamente conservar agua pluvial, que servisse para refrescar o terreno adjacente, o qual tem proporções para ser um lindo jardim. Não se encontra porém lá dentro senão lama, como no tempo em que n'ella Jeremias foi lançado. Sustenta-lhe a abobada um pilar ao meio, e pela abertura, por onde outr'ora se extrahia agua, penetra hoje um reflexo de luz, que escassamente alumia as trevas d'aquele horroroso subterraneo.

Saídos da cisterna, tornámos á gruta d'aquelle Jeremias, cujos accentos lugubres ainda essas soturnas cavidades parecem murmurar.

Mui perto da gruta está o tumulo do Rei Alexandre Janneu, o matador tão odioso aos judeus, que perguntando-lhes elle um dia como havia de contenta-los, responderam-lhe: «Morrendo».

Pouco depois fizeram-lhe magnificos funeraes, e por fim acabaram instituindo uma festa em acção de graças por sua morte.

V

Retomámos o caminho de Damasco em direcção aos sepulchros dos Reis; mas a immensidade de pedrinhas agudas nos fez mudar de rumo, entrando logo n'um olival, cujo campo o arado havia sulcado de fresco, mas tão superficialmente, que

mal tinha desarreigado as abundantes hervas espinhosas. N'essa digressão encontrámos ruinas de antiquissimas construcções, e não poucas cisternas atulhadas de pedras, em vez de agua. Que estas excavações remontam aos tempos judaicos, é no que se não póde hesitar; mas que sejam prova de que até alli se estendia a cidade, é muito duvidoso; porque, segundo já observei, a rocha por sobre a qual os muros foram edificados, e o penhascoso oiteiro em cujo amago está a gruta de Jeremias, são indicios vehementes de que a cidade antiga não vinha tão longe.

Alguns se estribam na circumstancia de haver n'aquelle logar profusão de cisternas, que julgam ter existido dentro da cidade para abastecimento seu; mas tambem este argumento não colhe, porquanto alli eram jardins, que demoravam n'aquelle arrabalde, onde não havia, que se saiba, regato algum; e por isso era mister que para a irrigação houvesse reservatorios das aguas pluviaes; alem de que as ruinas dos edificios que se encontram, eram antes de casas de campo, do que de cidade; visto como, não obstante serem de pedras quadradas, não teem as dimensões que distinguiam as antigas construcções de Jerusalem.

Proseguindo pelo caminho de Damasco e a mil braças de distancia dos muros da cidade, encontra-se, á direita de quem vae de Jerusalem, um terreno pedregoso, mas entremeiado de oliveiras, onde jaz em completo abandono um dos mais eximios monumentos da antiguidade, orgulho outr'ora da tão decantada terra de Canaan.

Serve de praça descoberta, ante o palacio das regias cinzas, uma grandissima excavação parallelogrammatica, talhada grosseiramente pela maior parte na rocha viva, como succede com toda esta alterosa fabrica.

Do lado do sul desce uma escadaria de vinte e dois degraus largos de $9^m,50$, igualmente talhada na rocha, e ao descer-se o ultimo, fica uma porta arqueada, hoje em ruinas, que fôra ahi aberta com magnificencia, para penetrar no seio da montanha. Esta praça (e quem sabe se outr'ora, com outras fórmas, não serviu isso de cisterna?) está entupida de terra e alastrada de cardos silvestres, de maravalhas de espinhos, e até de uma figueira, que estende sua opaca e silenciosa sombra por sobre aquella região da morte. Todo esse aspecto faz duvidar ao viajante de que fosse aquelle o portico de tão famigerados sepulchros. Mas, desvanecida a impressão, chega-se n'um volver de olhos a um bellissimo atrio tambem aberto na rocha, e que desperta, embora escassamente, a idéa da sua pristina magnificencia. Acha-se tambem este vestibulo todo cheio de terra accumulada pelas torrentes pluviaes, que ahi vão estagnar; pelo que não póde offerecer á vista a sumptuosidade que offereceria, se fosse desaffrontado dos lodosos entulhos que o obstruem.

Todavia admiram-se ainda ahi os prodigios do cinzel nos diversos trabalhos em baixo relevo esculpidos na fachada. No centro do frontão está figurado um cacho de uvas, emblema da Terra da Promissão e habitual cunho das moedas dos asmoneus. Á direita e á esquerda acham-se symetricamente dispostos uma triplice palma, uma corôa e triglyphos, isto é, tres canaesinhos, que se repartem ordinariamente nos frizos das columnas doricas, sendo tudo isso alternado com escudos Ha mais uma grinalda muito elegante de folhagem e fructos, caindo em angulo recto de cada lado da abertura do vestibulo; fecha o prospecto uma cornija formada de molduras elegantes, e sobre a qual corre a dita faxa até ao nivel do chão do campo circumstante plantado de oliveiras. Toda esta esculptura é feita na pro-

pria penha natural, e acha-se mui gasta por tantos agentes destruidores, pelo proprio tempo e pelas multiplicadas vicissitudes do paiz judaico.

Ao lado do sul, em pedra durissima, está a abertura, que outr'ora devia ficar, pelo menos, na altura do pavimento; porém, como este foi quasi aterrado, é inevitavel penetrar por um passo semicircular, estreito e baixissimo, e proseguir de mãos no chão. Fechava-se antigamente esta abertura com uma grossa pedra da fórma de mó de moinho, a qual ainda hoje lá está atirada para um estreito canal; rodavam esta pedra até á abertura, onde ficava como engastada n'uma concavidade feita expressamente para recebe-la. Quando o monumento estava fechado, ainda entupiam a dita entrada com pedras, para ficar bem inaccessivel o ingresso.

O leitor ha de horripilar-se ao ler a descripção da entrada d'estes sepulchros; mais hirto fica, sem duvida, quem entra no gelido e pavoroso subterraneo, por sobre o qual sulca o arado, e o vento açouta as arvores! Passados instantes, achei-me inopinadamente em uma sala da altura de um homem, e cuja abobada, pavimento e paredes eram formados de uma só pedra durissima, porém levigada e macia como precioso marmore. Tres portas abertas, duas de um lado e uma de outro d'esta sala, conduzem a outros tantos aposentos, onde se ostentam finalmente os denominados sepulchros dos Reis, que se prolongam pelo espaço de 500 metros sobre 200 de largura na direcção norte sul.

Não consiste este sepulchrario em sarcophagos, urnas ou pomposos mausoleus; mas em simples cavernas, cuja mór parte está convertida em covis de bichos. Cada camara só poderia ter comportado um cadaver, e algumas ha tão acanhadas, que parece terem sido destinadas para creanças. Não pude precisar o seu numero, mas ouvi que eram mais de quarenta. A avidez do oiro penetrou n'aquelles aposentos dos mortos, e depois de os despojar de suas riquezas, deixou dispersas as cinzas das pobres realezas extinctas. Em alguns d'aquelles jazigos, que lembram a configuração de um forno, acha-se ao fundo uma abertura, que dá entrada para um vão demasiado pequeno para um corpo humano; suspeita-se que estes vãos eram destinados a depositar os thesouros dos respectivos defuntos.

Tudo quanto disse ácerca do vestibulo e da antecamara, é applicavel ás tres galerias de tumulos; porque todas foram igualmente cinzeladas no penhasco. Não se encontra lá dentro cimento, juntura, nem concatenação de pedras; é tudo um só rochedo admiravelmente polido. De espaço a espaço deixaram os architectos intacta a pedra em redor, do tecto ao chão, como se quizessem sustentar em pilares naturaes a macissa abobada. Nem só consiste n'isto a maravilha, a qual redobra, quando se conhece que do mesmo rochedo eram as pedras que tapavam os tumulos, como do mesmo rochedo eram as pesadissimas portas que fechavam as tres galerias sepulchraes, cujas dobradiças, portaes e batentes eram n'elle mesmo entalhados.

De presente estas portas graniticas jazem por terra, expostas á cubiça dos viajantes, que não julgam profanar esse vetusto destroço, arrancando-lhe para memoria numerosos fragmentos. Um inglez tentou transportar para Londres uma d'aquellas portas, o que teria conseguido, se as nocturnas patrulhas da estrada de Jerusalem a Jaffa não houvessem sobresalteado o comboio do aventuroso bretão, que se deu por feliz de só ter sido forçado a restituir o furto. Seria esta tentativa

reprehensivel, ou prova de certa piedade? Não póde mão sacrilega penetrar no fôro intimo. Em todos os tempos se teem repetido iguaes actos; Deus sabe com que intenção em cada caso.

Era costume dos romanos ornarem o seu Capitolio e os seus templos com os espolios dos vencidos. Napoleão Buonaparte pretendeu imita-los; mas em vez de espoliar os templos dos idolos, roubou os do verdadeiro Deus; e em vez de apoderar-se de pedras sepulchraes, pilhou preciosidades de oiro e prata, quadros magnificos e primorosas esculpturas; com a differença que os romanos iam conquistar aquillo tudo ás nações barbaras, ao passo que o Corso achou todas essas divicias reunidas na cidade eterna, no centro do Catholicismo, na mestra e rainha das artes, no foco da civilisação.

Voltando ao assumpto, direi que juntamente com o assombro que na mente me causou aquella regia necropole, muitas outras idéas me tumultuaram na mente [1].

A que Reis pertencem tão admiraveis sepulchros? Decifração ardua n'este caso, como analogamente o é no estudar de quasi todos os monumentos d'aquellas regiões. Aos Reis de Judá não podiam pertencer, visto como estes (vinte e um desde David ao captiveiro de Babylonia) tiveram pela maior parte sepultura no monte Sião; e áquelles poucos que não repousaram com seus paes, coube ignominiosa sepultura, como evidentemente se demonstra com a Biblia nas mãos. Não podem tambem pertencer aos dezenove Reis de Israel (começando de Jeroboam até Oséas), porque estes nem quizeram ter jazida no templo, quanto mais em simples terras da Judéa. Em Bethel inauguraram o seu bezerro de oiro; não podiam, pois, consentir que seus ossos fossem depositados junto á Jerosolyma, da qual se haviam inteiramente separado. Está visto que estes sepulchros não receberam despojos de Rei de estirpe judaica.

Por isso os autores se dividem em alvitres: pretendem uns que estes monumentos foram chamados sepulchros dos Reis, porque servissem para os membros das familias regias; derivam outros a denominação da real munificencia com que foram construidos; alguns derivam o nome de haverem sido ahi sepultados Principes das dynastias que reinaram em Israel, depois da escravidão de Babylonia até os tempos dos heroes Machabeus; outros a final lhes vão descobrir a origem na hypothese de terem sido talhados nos reinados dos Seleucidas, que por muito tempo dominaram a Syria.

Tambem não falta quem supponha que estes sepulchros são obra dos Gregos, ou dos Herodes; nem finalmente quem os attribua á derradeira morada da Rainha de Adiabene e sua familia [2].

[1] Ao encarar a vasta mole dos sepulchros dos Reis, occorreram-me as palavras que a Chatheaubriand rebentaram ao aspecto magestoso da grande pyramide de Cheops, no Egypto. «Não foi o sentimento do proprio nada que ao homem inspirou tão sumptuoso sepulchro, foi sim o instincto de sua immortalidade. Não é este sepulchro a raia, que annuncia o terminar da carreira de um dia; é o limite que indica a aurora de uma vida sem termo, especie de portão já eterno construido nos humbraes da eternidade».

«Os egypcios, diz Diodoro de Sicilia, encarando a duração da vida como praso brevissimo, tinham ao mesmo tempo em grande consideração a memoria longa que após si deixa a virtude; eis aqui porque chamaram as casas dos vivos albergues, por onde se passa de corrida, e moradas eternas os tumulos, d'onde os mortos nunca mais poderão saír. Por isso os Reis, mostrando-se indifferentes á construcção de seus paços, empregaram toda a solicitude na construcção de seus sepulchros». *(Itinerario de Paris a Jerusalem.)*

[2] Não posso resistir ao impulso de transcrever aqui o capitulo 75.º do Itinerario de Fr. Pantaleão,

VI

D'esta mansão lugubre seguimos sempre na mesma direcção, e fomos dar aos sepulchros dos Juizes, a distancia de boa meia hora de Jerusalem, e no declive de esteril collina. Este monumento é igualmente talhado na rocha e rodeado de sepulturas, das quaes se distingue por um magnifico frontão, cujo tympano ador-

não só porque se refere exactamente aos sepulchros de que estou tratando, mas sobretudo por fixar o periodo em que foram descobertos, que foi approximadamente ao da visita do virtuoso monge, ha pouco mais de tres seculos. Alem de que, ha tão attractiva singeleza n'esta descripção, e tão minuciosa noticia de pormenores, de que em grande parte já hoje nem vestigios restam, que esta transcripção me parece dever ser lida com prazer. Eis como o venerando franciscano se exprime:

«Como a santa cidade de Jerusalem é tão antiga, e sempre foi cidade real do tempo do grão sacerdote Melchisedech, houve n'ella fabricas e edificios espantosos, como foram os do templo de Salomão, e os seus paços reaes que para si fez e para sua mais estimada e principal mulher, filha de El-Rei Pharaó do Egypto. E outros muitos Reis de Israel fizeram o mesmo; porque o principal em que se esmeravam, eram os sepulchros, em que se sepultavam; o que as divinas lettras em muitas partes nos mostram. E alem d'aquelles de que ellas fazem memoria, ha outros muitos espantosos, que o tempo descobre, em especial para a parte do monte Olivete; porque, como os faziam subterraneos, buscavam rochedos e logares montuosos para os fazerem de mais fabrica e custosos. Entre alguns, que vi, foi um mui espantoso, que se tinha descoberto, pouco antes que fossemos á Terra Santa, a uma milha da cidade, junto ao caminho que vae para Damasco, o qual nos disseram que fôra descoberto por uns entendedores, tendo para si que estava alli algum grande thesouro; porque antigamente nas taes sepulturas os senhores que as mandavam fazer, mandavam n'ellas metter os thesouros.

«Bem me lembra haver lido em Josepho das antiguidades, que Hircano mandou abrir o sepulchro de David, e tirou d'elle tantos mil talentos de prata. Estando eu descuidado de poder ver mais do que tinha visto de redor da cidade, levaram-me um dia a ver a sepultura que digo, a qual está n'um logar montuoso, como estão as mais d'ellas, e sobre ella muito rochedo, que parecia ser alli posto por artificio humano. Diante da estrada está uma alpendurada muito comprida, mas estreita, a qual se sustenta da parte do norte com curiosas columnas de fino marmore, lavradas ao modo corinthio, com muita folhagem e curiosidade, entremettida por ellas tambem obra romana. Não tem este logar porta alguma, mas uma abertura grande, pela qual entrámos em uma casa muito escura, na qual ferimos fogo, e accendemos vélas, que de proposito levâramos para aquelle effeito; e tirando uma pedra grande, que tapava um buraco, em mãos e pés, com trabalho entrámos dentro; e estava a pedra de maneira, que quem não soubesse parte do segredo, impossivel lhe era atinar com elle; e não tem claridade alguma mais que a que levam os que a querem ver. Demos logo com uma quadra muito grande, feita de uma só pedra viva, na qual da mesma estavam vinte e quatro sepulturas, feitas cada uma d'ellas a modo de um altar, como é o sepulchro do nosso Redemptor, e ordenadas d'esta maneira. Em cada parte da quadra tinha tres arcos a modo de uma capella; em cada arco duas sepulturas, cada uma de sua parte; e de cada uma d'ellas saía um rego, e todos os regos se ajuntavam no meio da quadra, em um logar redondo e concavo, a modo de um alguidar lavrado com muita curiosidade; o que julgámos ser para recolher em si as humidades, que corressem dos corpos embalsamados. Adiante d'esta quadra estavam outras duas da mesma maneira, e para passar de uma quadra a outra havia riquissimos portaes, e as portas feitas inteiriças de cadas ua pedra, lavradas com muitas molduras, lavores e entalhos, e tão maneaveis para se cerrarem e abrirem, como se foram de madeira. E o que mais nos admirou foi não serem alli postiças, o que não podia ser, mas lavradas no mesmo logar, com terem as couceiras altas e baixas, mui grandes, que bem parecia ser impossivel poderem-se alli metter, fazendo-se fóra d'aquelle logar, pela profundeza dos encaixamentos; o que tudo bem notava um grande architecto veneziano de muito nome, que levámos comnosco.

«Depois de vermos mui particularmente estas quadras, abaixámos por uma escada de vinte e tantos degraus, todos de uma pedra inteiriça, como a mais obra, e tinha no principio portas á maneira das outrás; e abaixando por ella, demos em uma casa mais pequena que as quadras, e n'ella achámos cinco sepulturas isentas e separadas cada uma per si, feitas como as tumbas em que os da Misericordia levam os defuntos, lavradas com tanta estranheza de rosas e brincos, que nos causaram admiração, e mais vendo que foram alli feitas, sendo impossivel traze-las de outra

nam elegantes baixos relevos de flores, folhas e fructos. Lindas molduras contorneiam a porta e o tympano, o qual é, alem d'isto, aformoseado tambem por uma linha de pequenos ornatos na fórma de um S invertido, e separando rosetas, que na esculptura chamam modilhões. Dois pequenos pedestaes rematando a frontaria, são lavrados em fórma de acroterios, e sustentam as duas extremidades d'ella, a qual tinha no apice um ornamento analogo aos acroterios, mas que já hoje se não póde reconhecer.

No fundo do vestibulo e no centro da parede abre-se uma portinha muito estreita e coroada por uma moldura e frontispicio com acroterios ao lado, e tudo ornamentado consoante ao portão. Por ahi se entra n'um grande aposento sepulchral quadrado, tendo á esquerda encovadas duas ordens, superpostas uma á outra, das taes especies de forno; mas são realmente tão estreitas, que mal poderiam conter sarcophagos, o que faz crer que os corpos alli se depositavam só amortalhados.

A fileira superior compõe-se de tres pares de excavações, collocadas debaixo de arcosinhos correspondentes; a inferior tem sete. No angulo noroeste está um solitario, e no angulo nordeste ha uma abertura no chão, d'onde por cinco degraus se desce a um primeiro patamar, no fundo do qual se abre uma portinha baixa, por onde se sae para um segundo espaço, contendo tres jazidas; no fundo d'este ha mais outra portinha baixissima, pela qual se entra n'uma bella camara quadrada, com arcarias e largos bancos, e excavações á direita e á esquerda com mais tres na parede do fundo. Ainda á esquerda ha uma pequena cella quadrada.

Outras portinhas sitas na primeira camara dão entrada a outros labyrinthos de analoga estructura; devo, porém, confessar a minha fraqueza. Fui tão descortezmente recebido pelos habitantes vivos d'esta morada de mortos, que julguei prudente dar muito depressa a minha excursão por concluida: ao rumor dos passos e

parte, e pode-las alli metter, sendo a escada tão estreita, quanto cada um de nós podia ir só por ella.

« No meio da escada, de uma parte e outra, e nas quatro partes d'esta casa, e nas de cada uma das quadras estavam uns vãos a modo de pequenos armarios, para n'elles metterem as luminarias, quando trabalhavam, ou queriam ir ver a obra. Ora ver esta fabrica tão sumptuosa e rica, feita de uma só pedra macissa, não sei quem se deixará de maravilhar. Das cinco sepulturas que digo, as duas d'ellas tinham os tampos de cima quebrados; parece que os quebraram para verem o que dentro estava; as outras tres estavam inteiras, e de toda esta machina sómente cinco sepulturas e as portas mostravam estarem per si e tudo mais macisso.

« A uma parte do monte Olivete tinhamos visto outra sepultura de mais fabrica, e muitas mais casas e aposentos, tudo na rocha viva; mas não era a obra lavrada com tanta curiosidade e subtileza como esta, que parece mais cousa de encantamento, que artificio humano. Muitos quizeram affirmar ser este o logar onde sepultavam os Reis de Jerusalem; mas a ignorancia d'estes os convence, porque David foi sepultado na sua cidade, que era a principal e mais alta parte do monte Sião, no qual, por estar n'elle seu templo, a fortaleza da cidade, e os paços reaes do mesmo Rei, onde elle, comó em logar separado, se recolhia com a maior parte da nobreza judaica, se chamava cidade de David, e alli está sepultado, como vemos o dia de hoje. E tambem foi alli sepultado Salomão, Roboão, Abia, e a maior parte dos Reis de Jerusalem. É verdade que a Escriptura Sagrada diz no Paralipomeno II (cap. 27) que Ozéas, filho de Amasias, por causa que era leproso, foi sepultado no campo dos sepulchros reaes, que por ventura seria este, porque sua excellencia bem mostra ser obra real. Achaz tambem foi sepultado nos sepulchros aonde os mais Reis eram sepultados, mas na cidade de Jerusalem, e os outros na de David; nem menos Manassés: os Reis de Israel, claro está que os sepultavam em Syria. Seja a sepultura ou sepulturas cujas forem, ellas são as mais custosas, notaveis e espantosas, que podem ser no mundo; e quem lhe parecer sua fabrica duvidosa do modo que a tenho pintado, aindaque com grosseiro pincel, leia a Santo Antonino o que conta de um espantoso theatro da cidade Heracléa, e saiba que de similhantes estranhezas estão cheias aquellas partes.

das vozes correspondeu de dentro outro rumor estranho, que o nosso guia teve a bondade de explicar-nos; era um esvoaçar de aves nocturnas, um arrastar de cobras, um surdo silvo saido de fauces tão suspeitas, que todos nós espavoridos tivemos por mais acertado dispensar a prolongação da visita.

Voltando aos jazigos, direi que este monumento é tambem dos mais imponentes d'aquellas regiões. Grande era a industria, e maior a paciencia d'aquelles antigos artifices, que emprehendiam trabalhos taes, formosissimos, singulares, imperecedoiros. Em toda a parte onde aquelles homens encontravam um penhasco de rijeza tal que podessem contar com a sua resistencia ao embate dos seculos, quer se entranhasse na terra, quer se elevasse sobre montes, para logo o procuravam affeiçoar aos seus fins. Era o primeiro passo abrirem-lhe um rombo, por onde curvos entrassem; perfuravam uma cisterna, ou uma camara, rasgavam portas, excavavam fossos, entalhavam inscripções, desenhavam figuras, fabricavam sarcophagos, e executavam primores de arte no amago dos rochedos.

Pelo que respeita á origem do seu nome, ha quem opine que estes sepulchros foram abertos no tempo da volta do povo judaico após a escravidão do Egypto, isto é, quando Israel era governada pelos Juizes; e que foram talhados, não para serem ahi depositados seus restos, mas em honra d'elles[1].

Ha igualmente quem considere este monumento como deposito dos cadaveres dos membros do synedrio, conselho supremo ou senado dos judeus, que era composto de setenta a setenta e dois magnates, e presidido por tres dignitarios: o Principe, o vice-gerente e o sabio; sendo as suas assentadas em uma sala espherica sita meio no recinto do templo e meio fóra; e era ahi que se julgavam as grandes causas, se interpretava a lei, e se deliberava sobre os negocios religiosos e politicos.

Não seria tambem admissivel a supposição de que os sepulchros fossem chamados dos Juizes, por haverem sido construidos nos dias em que elles governaram?

VII

E nem só cabe commemorar aqui todos esses sepulchros famosos espalhados por esta area, e que deixaram até hoje mais ou menos vestigios materiaes. Sabe-se igualmente que foram n'esta mesma zona, mais palmo menos palmo, outros depositos mortuarios celebres. O companheiro pratico d'estas regiões, que me fazia

[1] Com effeito os Juizes, que desde Josué governaram o povo de Israel, foram quinze: 1.°, Othoniel, da tribu de Judá, pelejou com o Rei da Syria, ficando o paiz quarenta annos em paz; 2.°, Aod, que libertou o povo de Israel, matando o Rei de Moab; 3.°, Samgar, que matou seiscentos philisteus com a esteva do arado; 4.°, Debora, a qual com Barac guerreou o Rei dos cananeus; 5.°, Gedeão, que debellou os madianitas, e foi sepultado em Ephra no carneiro paterno; 6.°, Abimelech, que matou sessenta e nove irmãos; 7.°, Tholá, que julgou Israel vinte annos e foi sepultado em Samir; 8.°, Jair, que foi sepultado em Galaad; 9.°, Jephthé, que sepultaram na sua cidade natal de Galaad; 10.°, Abesan, sepultado na cidade natal de Belem; 11.°, Ahialon, sepultado na cidade natal de Zabulon; 12.°, Abdon, na terra natal de Pharaton; 13.°, Sansão, que foi sepultado entre Saraa e Esthaol, no sepulchro paterno; 14.°, Heli, fallecido em Silo; 15.°, Samuel, sepultado em Ramathaim.

Conseguintemente diz-nos a Biblia, que nove foram sepultados nas suas proprias tribus; e sendo natural que o mesmo acontecesse aos outros seis, com os quaes se seguisse o uso do paiz, resultaria que nenhum Juiz de Israel houvesse sido inhumado nos denominados sepulchros dos Juizes.

o favor de guiar-me n'este curiosissimo passeio, indicou-me, por exemplo, o logar onde fôra o tumulo de um dos Herodes; não do Ascalonita degolador dos innocentes (que fallecendo em Jericó, foi sepultado no castello de Herodion), nem do Antipas, escarnecedor de Christo (que foi miseravelmente acabar os dias no exilio), mas sim de Herodes Agrippa, o mesmo que mandou matar o Apostolo S. Thiago Maior, e que aprisionou S. Pedro. Esse miseravel, depois de tamanhas atrocidades, considerou-se superior á especie humana, e um dia que estava sentado no tribunal, vestido de seus trajos regios, e fallando ao povo, encarecendo as suas proprias audacias, acceitou do mesmo povo que lhe tributasse honras divinas; mas n'esse acto subitamente o feriu o Anjo do Senhor; atacado sem detença de morbo pedicular, expirou comido de bichos, em Cesaréa, no anno 44 de Jesus Christo; mas d'alli veiu o seu cadaver transportado para esta mansão, que elle para si mesmo havia preparado.

Não foi possivel descobrir o minimo signal do afamado lago das Serpentes, que Flavio José colloca n'aquellas paragens.

Tambem nem vestigio deixou o sepulchro da Rainha Helena, não a mãe de Constantino Magno, mas a de Irate, Rei de Adiabena, ida a Jerusalem pelos annos 44 da era vulgar, quando a fome flagellava a Judéa toda; e essa Rainha se distinguiu por obras de beneficencia, affeiçoando-se por tal arte a Jerusalem, e á sua religião, que resolveu alli fixar sua residencia e sepultura, mandando erguer o seu proprio mausoleu (que, segundo Flavio José, tinha superpostas tres pyramides) a tres estadios ou uns trezentos e setenta e tres passos da porta de Damasco. O certo é que tão aprimorado saiu esse sepulchro no artificio e na magestade, que ainda hoje lá o apontam a par das sete maravilhas do mundo, comquanto não fosse de pedra liós, e sim de um seixo mole, que não resistiu ao roçar dos seculos.

VIII

Jerusalem, pois, considerada em si e nos seus arrabaldes, é propriamente o cemiterio de todas as nações e de todas as seitas da terra. Dentro e fóra, tudo são jazigos! Sepulturas ao nascente, sepulturas ao sul, sepulturas ao poente, sepulturas ao norte, sepulturas nos montes, sepulturas nos valles, sepulturas nas planicies, sepulturas nas estradas, sepulturas nas cavidades das pedras, sepulturas nas entranhas da terra, sepulturas por toda a parte! *Ubique luctus, ubique pavor, et plurima mortis imago!* E que diversos que não são os destinos d'estas covas! Tumbas que encerram as cinzas de gente de todas as jerarchias, estados, condições, crenças, paizes, idades e seculos! Que leitos mortuarios de gente eminentemente santa, como o real Propheta Isaias, Santo Estevão e a Rainha de todos os Santos! Em contraposição, estancias funebres de gente eminentemente scelerada e impia, como Absalão, Herodes e muitos outros! Moimentos de Reis, Rainhas, Principes, Juizes, Patriarchas e Prophetas! Tumulos de latinos, gregos, armenios, cophtas, syrios e até americanos! Extrema jazida de catholicos, scismaticos, hereges orientaes, protestantes do occidente, inglezes, prussianos, episcopaes e methodistas, chamados biblistas. Avultam por igual sepulturas de musulmanos, hebreus, gentios, e finalmente o Haceldama que, como se sabe, foi comprado ex-

pressamente para cemiterio de peregrinos, cuja patria, lingua e religião fossem desconhecidas.

Isto posto, póde-se dizer que, assim como os athenienses tinham um altar consagrado ao deus desconhecido, *ignoto deo,* do mesmo modo tem Jerusalem campo consagrado para todo o ignoto morto. E porque tão grande quantidade de sepulchros para tanta variedade de gentes e tão remotas gerações? Ah! talvez para honra e corôa do Santissimo Sepulchro de Jesus, Senhor nosso! Talvez para recordar aos habitadores carnaes, que tudo acaba no transito! Talvez para fazer conhecer aos estrangeiros de todas as partes do mundo, que são tão peregrinos na Terra Santa, como o são em todo este valle de lagrimas! Talvez para demonstrar a todos os que teem horror á salutar escola da morte, que por igual se desfazem em pó Imperadores, Principes, Patriarchas, Prophetas, Sacerdotes, Santos, impios, christãos, infieis, ricos, pobres, grandes, pequenos, velhos, moços, todos; porque todos são pó. Não provirá d'aqui a geral crença de que em Jerusalem ha de realisar-se o juizo universal das gentes?

Mas, qualquer que seja a rasão de tantas habitações de mortos nos arrabaldes de Solima, indubitavel é que a simples consideração d'este facto basta para excitar na alma do crente religiosos e salutares pensamentos. Para mim foi sempre materia de largas meditações a fortuna varia por que passou Jerusalem, onde tudo foi destruido, ou pelo furor da guerra, ou pela voracidade do tempo. Desappareceu o sceptro de Judá, despedaçou-se o reinado de Herodes, dissipou-se como sombra a ethnarchia de Archelau; sumiram-se nas voragens as longas dominações de assyrios, gregos e syrios, as aguias do imperio romano, os monumentos assignaladores de suas victorias; tudo se desmoronou, como se haviam desmoronado ao açoute das tremendas tempestades os colossaes edificios levantados pelos jebuseus, Davids, Salomões, asmoneus, Herodes ascalonitas, Constantinos, Helenas, Eudoxias, cruzados, etc.

E porque Chateaubriand traduziu melhor do que eu as minhas proprias impressões, seja-me licito fechar com chave de oiro, apropriando-me d'estas suas elegantes palavras sobre as pyramides do Egypto: «Segundo as idéas actuaes, não tolerâmos que monumentos deixassem de ter uma qualquer utilidade physica, esquecendo assim que ha para os povos utilidade moral de ordem muito mais elevada, a que visavam as legislações da antiguidade. Não valerá a presença de um tumulo uma lição? Se vale, como deplorar que aprouvesse a algum Rei perpetua-la? Os grandes monumentos constituem parte essencial da gloria de qualquer sociedade. A não sustentarmos ser indifferente a uma nação o deixar nome na historia, não podemos condemnar edificações, que transmittem para alem campa a memoria de um povo, e o tornam contemporaneo das vindouras gerações. Que importa que taes edificios hajam sido amphitheatros ou sepulchros? Tudo é tumulo para um povo que foi; extincto o homem, os monumentos de sua vida são ainda mais vãos que os de sua morte: seu mausoleu, sim, utilisa ás suas cinzas; mas acaso se conserva em seus palacios o minimo vestigio de seus prazeres?»

CAPITULO XX

I. As incursões dos inimigos de Jerusalem, sempre por esta região. Prophecias de Isaías.—II. Os israelitas e Jebus.—III. Assaltos de Nabuchodonosor ou dos chaldeus. Primeiro incendio do templo e destruição da cidade.—IV. Prophecias de Sophonias, Jeremias e Sedecias.—V. Tomada da cidade pelos egypcios e syrios.—VI. Sitio e victoria de Pompeu.—VII. Crasso, e a pilhagem do templo por este general. Sua morte horrivel.

I

Acabámos de percorrer a região septentrional extra-muros de Jerusalem, apontando aquillo em que se nos podiam, mais ou menos, embeber os olhos do corpo. Mas não são estes que em tal região se apresentam. Não existem já ahi, para nos absorverem a vista, os grandes muros tantas vezes derrubados aos embates das hostes inimigas, e que, outros tantas reerguidos, já não teem sido nos ultimos seculos expugnados senão da fouce inexoravel do tempo, que lentamente os vae minando e carcomendo. E eu, um dia a sós, sentado no vertice de um rochedo, espraiando olhares por todo esse ambito tão celebre, como que ainda ouvia soarem-me tremendas as ameaças dos Prophetas, e mais que todas me feriam a imaginação aquellas apostrophes terriveis de Isaías, prognosticos pavorosos da mais merecida e assombrosa das ruinas, e que passo a passo se realisaram, como pelo Propheta haviam sido preditas n'estes termos:

«Ai de Ariel, d'essa Ariel outr'ora expugnada por David! Alguns annos volverão ainda; por algum tempo repetirá suas solemnidades; mas depois rodea-la-hei de trincheiras, hei de entristece-la, hei de amargura-la, hei de ensopa-la em sangue, como a outra Ariel[1]. Mas tambem depois d'isto, a mó d'essas nações que a houverem prostrado, subito desapparecerá da face da terra, como sonho ou nocturna visão.»

Estes raptos propheticos, assim como os de Jeremias e de tantos outros que vaticinaram os successivos estragos e o final completo desbarato da cidade e do templo, foram-se realisando na successão dos seculos, e foi sempre n'esta parte septentrional que os exercitos inimigos acamparam.

Cabe pois aqui, mas que seja perfunctoriamente, recordar os principios d'esses famosos acontecimentos, que tão intimamente prendem com a historia de Jerusalem.

[1] A outra Ariel, a que o Senhor aqui allude, é a ara dos holocaustos, que tambem se denominava Ariel.

II

Pelos annos de 1500 antes de Jesus Christo, quando os israelitas entraram na terra de Canaan ás ordens de Josué, chamava-se esta cidade Jebus, porque n'ella habitavam os jebuseus, acastellados na fortaleza que haviam construido no monte Sião; até que David se apoderou d'esse promontorio, transferindo para elle sua residencia, que anteriormente fôra Hebron[1]. Na cidade de David construiu Salomão o famoso templo.

Comquanto o systema de defeza fosse muito amplificado por alguns Reis posteriores, taes como Ozias, Joatham, Ezechias, Manassés, nunca Jerusalem pôde resistir aos assaltos de seus invasores.

III

Cerca de seiscentos annos antes de Jesus Christo, Nabuchodonosor, Rei de Babylonia, marchou contra Judá, veiu sitiar Jerusalem, fazendo-lhe uma larga circumvallação. Então o Rei Joaquim com todos os seus foi render-se ao rei de Babylonia; mas, comquanto Nabuchodonosor a principio lhe fizesse bom acolhimento, pouco depois levou de Jerusalem todos os thesouros do templo e do regio paço; quebrou, como o Senhor havia dito pelos seus Prophetas, todos os vasos de oiro que Salomão havia feito para o santuario, carregou de cadeias o Rei Joaquim, e levou comsigo a maior parte do povo com todos os Principes e valentes do exercito, que faziam o numero de dez mil captivos, alem dos artifices; não deixando em Jerusalem mais que os pobres e invalidos, e transportando todos esses captivos para Babylonia.

Por mandado de Nabuchodonosor ficou Sedecias no solio de Joaquim, seu sobrinho, mais como sátrapa do que como soberano. Reinava, pois, n'um palacio nu, n'um erario exhausto, n'um reino queimado e destruido; sem conselheiros, sem officiaes, sem magistrados e sem honra. Mas, não obstante, passado pouco tempo, determinou não reconhecer vassallagem ao Rei de Babylonia. Então Jeremias, cujo verbo Deus reservára para aquelles tempos calamitosos, não cessava de clamar que o resistir aos chaldeus, destinados pelo ceu para possuidores d'aquella mal possuida terra, era accender contra o povo judaico todo o furor do inimigo; porém Joaquim, mandando queimar o prophetico volume, e Sedecias depois tratando de impostor o santo Vidente, apressaram a ultima ruina do reino.

Marchou Nabuchodonosor segunda vez com todo o seu exercito, para punir a rebellião. Poz a cidade em sitio com um profundo fosso, até constranger pela fome os soldados a fugirem n'uma noite pela brecha que os inimigos tinham aberto; mas os chaldeus foram-lhes no alcance, tomaram o Rei nas campinas de Jericó, e todos os seus soldados foram desbaratados. Nabuchodonosor matou os filhos de Sedecias

[1] A maior parte dos interpretes é de opinião que Melchisedec, chamado na escriptura Rei de Salem, foi o fundador de Jerusalem (Gen. XIV). Mas, pois que este facto não interessa a fé, ha muitos outros que dizem não ter a cidade de Salem nada de commum com Jerusalem. O que, porém, é certo é que apenas esta cidade caíu em poder de Jebus, se começou a chamar Jebusalem, e no correr dos tempos Jerusalem.

á vista d'elle, e a elle mesmo arrancou os olhos, fazendo-o transportar para Babylonia carregado de ferros.

Pouco depois Nabuchodonosor foi a Jerusalem e poz fogo ao templo, aos palacios e a todas as casas; abateu todos os muros, transportou para Babylonia o restante do povo, fez pedaços as columnas, as bases e o mar de bronze, que estavam no templo, levando tudo quanto era portatil para Babylonia, como fossem thuribulos de oiro e prata, caldeiras, alguidares, tridentes, taças, almofarizes, e todos os mais utensilios e ornamentos do templo, não ficando em Jerusalem senão a gente pauperrima para cultivar as vinhas e lavrar os campos.

IV

Assim se realisaram em todos os pormenores os mais positivos vaticinios de grandes Prophetas. Sophonias, que tinha predito a ruina do imperio dos assyrios e a tomada de Ninive, não menos predisse aos moradores de Jerusalem o modo como n'elles se havia de operar a vingança do Senhor por causa da sua idolatria.

Eis-aqui as suas palavras:

«Estenderei minha mão sobre Judá e sobre todos os habitadores de Jerusalem...

«N'aquelle dia visitarei em minha ira aos Principes, aos filhos do Rei e a todos. Ouvir-se-ha um grande clamor á Porta dos Peixes, uivos á segunda porta, e estrondo de grão mortandade no alto das collinas. Uivae, ó vós, que sereis pisados em vossa cidade como em almofariz. Aquella gente que nada em oiro, será toda exterminada. Todas suas riquezas serão saqueadas, e suas casas não serão mais que um deserto.»

Precisamente se chamava dos Peixes a porta, hoje de Jaffa, por onde entraram primeiro os chaldeus, e com analogas applicações exactissimas vieram os factos confirmar a prophecia.

O seu contemporaneo Jeremias da mesma fórma se exprimiu:

«O Senhor disse: Babylonia dominará Judá. Estarão como mortos os corações do Rei e dos Principes. Os Sacerdotes tremerão; um tufão abrasador soprará, surgindo das partes do deserto. Ahi vem uma nação como um torvelinho; seus carros serão mais rapidos que a tempestade, seus cavallos mais leves que as aguias. Sitiarão Jerusalem dia e noite. Ai de nós! Tudo o que temos será saqueado. Toda a cidade já foge ao tropear da cavallaria e dos besteiros. Vi os campos mais ferteis convertidos em solidão, e a terra confundir-se em lagrimas. Lá surge o Leviathan do lado do septentrião: que gente é aquella? São os chaldeus; vem armados de frexas e escudos; são crueis e sanguisedentos, suas tropas estrondearão como ondas do mar, e aquelle que tinha de te destruir, ó filha de Sião, subito cairá sobre ti.»

Sedecias atormentado com estes vaticinios, que tanto impressionavam o povo, mandou lançar o Propheta n'uma gruta profunda, onde morreria ao desamparo, se occultamente o não tirassem d'ella, e não o alimentasse um bom eunucho ethiope.

Assim, pois, foi exterminada a cidade, e voltando o mesmo Jeremias a visitar as ruinas do seu torrão amado, depois de aniquilado pelos chaldeus, ahi traçou esse portento de eloquencia, que ainda hoje conservâmos sob o titulo de Lamen-

tações, que o famoso Blair declara ser a mais perfeita composição elegiaca das Sagradas Escripturas.

Se o espaço m'o permittisse, gostosamente transcreveria aqui largas estrophes d'este cantico sublime, mórmente aquelle passo que rompe assim:

«Como o Senhor te cobriu de trevas, ó filha de Sião! Ó brilhante filha de Israel! Como o ceu te derrubou! Como sobre ti descarregou o gladio Aquelle que te havia escolhido para escabello de seus pés! Magnificencias de Jacob, fortificações de Judá, o reino, os Principes, nada escapou: tudo jaz por terra! O Senhor retirou de sobre ti a sua dextra para accender um facho devorador, cuja labareda por todos os lados se te levantou! E as muralhas caíram, e as fortificações se desmoronaram, e homens e mulheres foram abatidos, e o Senhor dissipou a sua tenda e demoliu o seu tabernaculo, rejeitou o seu altar, e amaldiçoou o seu santuario! Entregou reis e sacerdotes ao opprobrio e indignação, e os seus inimigos, como se fôra uma festividade, soltaram infrenes gritos na propria casa do Deus de Israel!

«Vêde, Senhor, que povo destruistes! É possivel que reduzisseis mães a comer o fructo de suas entranhas, a alimentar-se de meninos da altura de um palmo? É possivel que Sacerdotes e Prophetas fossem mortos até no santuario? Ao longo das ruas eram penetrados de golpes meninos e velhos, virgens e mancebos!

«Ai, Senhor, considerae tão espantosa miseria, o excesso de taes males, tamanho absintho e fel! Revolverei sempre estas memorias, e minha alma em si mesma se aniquilará...»

V

E pois que a ordem de idéas me forçou, saindo aliás um pouco do meu plano, a recordar resumidamente as primeiras invasões dos inimigos de Jerusalem, apesar de não terem aqui ficado monumentos d'esses velhos e memorandos successos, não parecerá talvez descabido, visto ter sido por este ponto que as guerras inimigas começaram sempre, rememorar acontecimentos que prendem com a historia da Cidade Santa, e não menos com as predicções, que já os livros dos Prophetas haviam tão claramente vaticinado.

Não me demorarei na tomada de Jerusalem pelo Rei do Egypto Ptolomeu Lagus, no anno 320 antes de Christo. Alludirei tambem, de passagem, ao assalto da cidade pelo syrio Antiocho Epiphanes, no anno 175 da mesma era.

Suspeitando este tyranno que os judeus quebrariam os pactos de alliança que com elle tinham feito, resolveu extermina-los.

Espantosos phenomenos prognosticaram esse exterminio. Referem as Sagradas Lettras que por sobre Jerusalem se observaram quarenta dias aurifulgentes cavalleiros, precipitando-se uns sobre outros, movendo escudos, vibrando dardos, brandindo espadas.

O povo, assombrado de taes prodigios, rogava a Deus que lh'os tornasse propicios. Antiocho, entretanto, marcha sobre Jerusalem. Ao aproximar-se, ordena aos seus que exterminem tudo. Em tres dias foram mortas 80:000 pessoas; 40:000 escravisadas, 40:000 vendidas! Entrou no templo do Senhor, e travando dos vasos sagrados, que Reis e cidades haviam offertado, maneava-os indignamente, e os profanava. Depois saqueou o templo; depois collocou n'elle a estatua de Jupiter

Olympico; depois seguiu-se o martyrio de Eleazar, e dos sete irmãos Machabeus e de sua mãe; depois... essa brilhante serie de victorias dos heroes Machabeus, a quem Deus confiára o completo desaggravo de suas leis, calcadas aos pés por tão feroz invasor, cujas tendas, como dito fica, foram collocadas n'esta parte septentrional da cidade.

VI

Após diversas vicissitudes, o que sobresáe é a tomada de Jerusalem por Pompeu, general dos romanos, que foi verdadeiramente aquelle que alterou as condições da Syria e da Judéa, tornando todas essas regiões dependencias do imperio romano.

Já Pompeu tinha vindo á Syria baixa. Os irmãos Aristobulo e Hircano disputavam entre si, quando o romano buscava concilia-los; mas, após varios incidentes, recusando os parciaes de Aristobulo respeitar o tratado d'este feito com Pompeu, e receber os romanos em Jerusalem, veiu este estabelecer seus arraiaes n'esta parte do septentrião. Mandou Pompeu o seu general Pisão fortificar os aproches do templo, e offereceu proposições de paz; e então determinou atacar o templo pelo flanco do norte, por ser o mais fraco, posto que defendido por um fundo e largo fosso. Trabalharam os romanos em levantar trincheiras, cortando todas as arvores, e pozeram-se a bater o templo com a sua artilheria, que consistia em machinas de arremesso; mas não teriam talvez conseguido pôr as plataformas, se não fosse o saberem os romanos que ao sabbado os seus adversarios não batalhavam. Era, pois, n'esse dia que os sitiantes, a salvo, se applicavam todos a fazer fortificações, e plantar as machinas para ao outro dia poderem laborar. Passados tres mezes de sitio foi, sessenta e tres annos antes de Christo, o templo tomado em um dia de jejum, sendo consules Caio Antonio e Marco Tullio Cicero; e os romanos mataram quantos se lhes oppozeram, e grão numero dos proprios sitiados suicidaram-se, parecendo-lhes mais acceitavel a morte que o opprobrio. A santidade do templo foi profanada, e n'elle entrou Pompeu com outros muitos, o que só era permittido aos sacrificadores. Lá achou as mesas, os candieiros, as taças de oiro, muitas qualidades de aromas, e no sacro erario 2:000 talentos; mas a piedade do general fez que em nada d'isso se tocasse. No dia seguinte, mandou aos officiaes do templo que o limpassem, para offerecer a Deus os sacrificios. Quanto á cidade, fe-la tributaria aos romanos, e tirou-lhe as cidades que elle tinha conquistado na Syria baixa. E foi este o grande golpe d'onde, verdadeiramente, tinha de datar a decadencia do reino de David e a perda da sua autonomia.

VII

Novas provações experimentou Jerusalem. Crasso na sua marcha contra os parthos, passou pela Judéa, e tirou do templo, não só os 2:000 talentos que Pompeu havia poupado, mas tambem todo o oiro que encontrou, que orçava por 8:000 talentos, não incluindo todo o oiro macisso, que pesava 300 minas, e cada mina duas libras e meia. Não foi só isto; o sacrificador Eleazar, thesoureiro do templo, querendo subtrahir á voracidade do general romano os ornamentos sagrados, não

duvidou de entregar-lhe todas as tapeçarias, que eram de singular belleza e preço inestimavel, as quaes todas se penduravam em uma viga de oiro, que estava fechada e escondida n'outra de pau, de que só Eleazar sabia. Cumpre observar que o santo sacrificador não entregou tão precioso cofre, sem que primeiro lhe promettesse Crasso, sob juramento, que não tocaria, nem nos ornamentos, nem em tudo o mais que pertencesse ao templo. Nada d'isto cumpriu o profanador! Alem de quebrantar todas as leis da honra, violou o juramento, roubando tudo!

A punição divina, porém, não se fez esperar. Crasso, batido pelos parthos, caiu-lhes prisioneiro; e porque soubessem que em toda a sua vida fôra devorado pela séde de oiro, o mataram horrivelmente, forçando-o a beber oiro derretido! É assim que a justiça divina costuma punir os grandes scelerados!

Estava, entretanto, reservado a Tito o concluir a obra de exterminio da nação judaica.

CAPITULO XXI

I. Segunda guerra dos romanos. Vespasiano e Tito.—II. O que n'este assumpto ha de sobrenatural. Prophecias de Salomão, de Jeremias e as de Jesus Christo, Senhor nosso, mencionadas pelos Evangelistas.—III. Espantosos prognosticos e perturbações da natureza por occasião da realisação d'aquelles vaticinios. Sol nocturno. Boi dando á luz um cordeiro. Bronzeo e pesado portão escancarado por si mesmo. Fortalezas e legiões representadas nos ares. Vozes mysteriosas saídas do santuario. Cometa em forma de espada. Vaticinios do filho de Anano.

I

E porquanto o extraordinario successo de que passo a occupar-me (por ter sido n'estes logares que o invasor assentou o seu acampamento) prende do modo mais assombroso, não só com a historia sacra e profana de Jerusalem, se não com o adimplemento dos mais claros vaticinios, tanto dos Videntes já a esse tempo antigos, como do quasi contemporaneo Jesus Christo, Senhor nosso, afigura-se-me que o leitor me não levará a mal o apresentar-lhe com mais alguma extensão este quadro cheio de omnimodo interesse [1]; mas visto como a destruição de Jerusalem por Tito, e a dispersão da propria nação judaica, precisa ser encarada, não como facto isolado e casual, mas como tremendo castigo previamente annunciado e descripto para escarmento dos deicidas d'aquelle e de todos tempos, cumpre-me dividir o que tenho de dizer em duas partes. Reproduzirei na primeira alguns dos vaticinios, que a estupenda catastrophe tinha de posteriormente confirmar; na segunda farei a rapida historia do cerco e do exterminio da nação judaica.

II

Bem é que principiemos por tudo quanto n'este assumpto ha de sobrenatural.

Já Salomão, o grande, antevendo de bem longe os horrores que os seculos ainda abrigavam no seio, e reconhecendo os desastres que aguardavam esta cidade e esta nação, repetiu as seguintes palavras do Deus dos exercitos:

«Exterminarei os israelitas da terra que lhes havia doado, e farei desappare-

[1] Esta pagina curiosissima acha-se magistralmente escripta em muitos antigos codices, e especialmente em Flavio José, testemunha d'aquelle momentoso acontecimento; e sobretudo nos tempos modernos em diversos escriptores, entre os quaes occupa logar principal mr. De Saulcy, no que toca á parte topographica e militar, na sua sabia obra intitulada *Derniers jours de Jérusalem*.

cer da minha presença o templo consagrado ao meu nome, com o que ficará este povo em proverbio e fabula para todos os povos [1] ».

Jeremias Propheta disse não menos: «Dissiparei todos os designios dos habitadores de Jerusalem e de Judá. Darei seus corpos mortos em presa ás aves do ceu e ás feras da terra. Farei esta cidade objecto do espanto e da zombaria dos homens. Nutrirei os hyerosolimitanos das carnes dos seus filhos; o amigo comerá a carne do seu amigo. Serão sepultados os seus mortos em Topheth, porque não haverá outro sitio para os enterrar [2] ».

E n'outro logar acrescentou o mesmo inspirado: «Farei que sobre este povo infiel pesem quatro castigos a um tempo: espada que o mate, cães que o estrangulem, aves do ceu que o devorem, e feras da terra que o atassalhem. E farei que seja perseguido em toda a parte [3] ».

Jerusalem, Cidade Santa, escolhida, por excellencia amada, havia coroado a serie de torpezas e abominações pela crucifixão do proprio Redemptor. De quantos attentados a terra ha sido theatro, nenhum poderá jamais igualar a este em audacia, nem em perversidade; e por isso tambem sobre nenhuma outra cidade e nação devia tão duramente pesar a colera celeste.

Assim o annunciára o Homem Deus, antes de ter chegado o dia medonho em que tudo se consummou.

Diz-nos o Evangelista S. Marcos que em certa noite em que o Salvador saíra do templo, um dos seus discipulos se extasiára ante a grandeza d'aquella obra monumental, e Jesus lhe respondêra: «Pois bem, vês tu agora este sumptuoso edificio? Sabe que em pouco tempo será por tal arte desmoronado, que d'elle não ficará pedra sobre pedra [4] ».

[1] Quem se quizer convencer da veracidade do vaticinio, lance as vistas sobre o estado de dispersão dos judeus, errantes por todo o mundo, sem templo, sem altar, sem sacerdocio, sem sacrificios, sem Prophetas, sem reino, sem Rei, sem patria, vilipendiados, e opprimidos; castigo tão tremendo, tão palpavel e duradouro nunca jamais pesou sobre nação alguma.

«Cousa espantosa! exclama Santo Agostinho, os povos subjugados pelos romanos confundiram-se por tal arte com seus conquistadores, que todos acabaram por appellidar-se romanos! Só os judeus permanecem judeus com o ferrete do deicidio impresso indelevelmente em sua fronte. Foram vencidos pelos romanos e supportaram o seu jugo mais que todas as nações juntas; mas subjugados de modo que os vencedores os não absorvessem nunca!»

[2] Tudo isto se realisou n'este assedio de Jerusalem, comquanto muitos pensem que o Vate de Anatoth exclusivamente alludia ao sitio posto pelos chaldeus; mas os Prophetas vaticinavam para todos os tempos; e aqui se referem varios successos, que os interpretes só applicam ao sitio de Tito: taes são os filhos devorados pelos entes que lhes deram a luz; e a circumstancia de só n'este cerco ter sido Topheth o logar unico onde os mortos foram sepultados, como já disse em outra parte.

[3] Por bôcca do mesmo Jeremias Propheta havia Deus ameaçado que seriam consumidas e aniquiladas todas as nações, depois de haverem dominado a terra; mas a respeito do povo judaico declarou que lhe conservaria as reliquias, embora universalmente dispersas. E com effeito, ao passo que desappareceram da face do globo assyrios, medas, persas, gregos, romanos, e (mais vizinhos a nós) godos, hunos, sarracenos, lombardos, que faziam tremer a terra, estes miseros israelitas subsistem! No meio das turmas septentrionaes que outr'ora inundavam a Italia, ninguem poderá hoje discriminar dos gregos os verdadeiros romanos, nem gallos dos germanos, germanos dos scythas, e de outros povos fundidos e confundidos de mil fórmas. Os judeus, entretanto, sobrenadando em todo este oceano de transformações, permanecem distinctos. Sua nobre e remota origem, só a elles é dado indicar. É este um exemplo sem segundo na historia da humanidade.

[4] As famosas torres e os muros occidentaes da cidade que permaneceram de pé, poderiam contrariar este vaticinio, se dentro de pouco tempo não houvessem sido arrazados. Queria Tito salvar ao menos o templo; repetidas vezes conjurou os sediciosos a que se retirassem d'elle, como não cessava de recommendar ás tropas que o respeitassem. Mas todas as suas precauções foram

Continúa o mesmo Evangelista repetindo varios vaticinios do Redemptor, assim como os presagios materiaes tambem prophetisados por sua divina bôcca; e em seguida proferiu Jesus estas palavras:

«Não passará esta geração sem se cumprir quanto digo sobre a ruina de Jerusalem, como imagem propria do fim do mundo. Ceu e terra passarão; mas não passarão minhas palavras, nem deixarão de se cumprir [1].»

E S. Lucas acrescenta que, lançando Jesus os olhos para Jerusalem, chorou sobre ella, dizendo:

«Para ti virão dias funestos, e teus inimigos farão ao redor de teus muros um vallado, cercar-te-hão, e depois te destruirão inteiramente a ti, Jerusalem, e a teus filhos [2].»

«E pelo que respeita á ruina d'esta cidade, quando a virdes cercada de exercitos inimigos, sabei que está proxima a sua total aniquilação... E toda esta terra se verá opprimida de males, caíndo por tal fórma a ira de Deus sobre seus moradores, que uns serão passados ao fio da espada [3], outros levados captivos para todas as nações; e Jerusalem será pisada pelos pés dos gentios, até que o tempo d'estes se preencha [4], sendo elles proprios os executores da vontade celeste para castigo d'este povo ingrato.»

O mesmo Evangelista refere que ás mulheres que lastimaram o Salvador ao passar com o Santo Lenho, respondeu o Divino Verbo:

«Filhas de Jerusalem, não choreis por mim, chorae por vós e vossos filhos; porque tempo virá em que se ha de dizer: Bemaventuradas as estereis, e os ventres infecundos, e os peitos que não amamentaram; pois não sendo ellas mães, não terão a dôr de ver seus filhos opprimidos dos males, que estão para sobrevir a esta nação infiel. Então começarão a dizer aos montes: caí sobre nós, e cobrinos, preservando-nos da vingança de um Deus irritado [5].»

frustradas. Um soldado romano (arrebatado de impulso divino, na phrase de Flavio José) travou de um tição acceso, e guiando-se pelos muros meridionaes do templo, lançou dentro d'este o facho que ateou o incendio. Debalde hebreus e romanos, vencidos e vencedores, tentaram sopitar as chammas, que triumpharam de todos os esforços, reduzindo a um oceano de ruinas o augustissimo santuario! *D'elle não ficará pedra sobre pedra!*

[1] A explicação mais obvia d'esta prophecia é, que no correr da mesma geração contemporanea do Divino Redemptor, se haviam de realisar o assedio, a guerra, a peste, a fome, e a ruina de Jerusalem e do templo. Ora todas essas calamidades advieram trinta e sete annos depois da morte e Paixão de Christo, ainda quando viviam muitos d'aquelles judeus que tinham imprecado o seu preciosissimo sangue sobre si e os seus filhos!

[2] Foi isto exactamente o que succedeu no assedio de Tito, o qual poz Jerusalem em rigoroso cêrco, fazendo abrir em torno da Cidade Santa um profundo vallo em forma de trincheiras, que serviu ao mesmo tempo de defeza aos sitiantes e de carcere aos sitiados.

[3] Com effeito, a princeza das provincias, a senhora das nações, converteu-se n'um montão de ruinas, e debaixo d'ellas foram sepultados todos os seus habitantes que não foram levados prisioneiros. Um milhão e cem mil judeus foram mortos entre a destruição de Jerusalem e poucos mezes depois. Os amphitheatros de Cesaréa, de Filippe, de Beritho, de Antiochia, de Alexandria e de Roma dão solemne testemunho das innumeraveis victimas judaicas, que n'elles foram sacrificadas ao feroz prazer dos triumphadores! E que os hebreus foram levados captivos a todas as nações a historia o attesta.

[4] Tudo isto se realisou. Apenas os judeus foram expulsos de Jerusalem, vieram os gentios calcar o seu solo, e domina-lo até se preencherem os tempos das nações.

[5] Quantas d'aquellas mulheres que lastimaram o divino Redemptor por seus tormentos, se não achariam comprehendidas no assedio! Quantas não teriam tido filhos, e com elles succumbido á pressão das desgraças de Jerusalem! Quantas no seu desespero não pediriam aos montes que sobre ellas caíssem, e aos outeiros que as abrigassem contra a furia dos males! Quantas para não

III

Tudo isto se realisou em seus infimos pormenores. Só a um Deus era possivel antever que a então primeira cidade e primeiro templo do mundo haviam de ser desmantelados, e os seus habitantes destruidos, não ficando pedra sobre pedra d'essas gigantes edificações; que isto havia de succeder após o mais apertado dos cercos; e que tamanhas cousas estavam já tão proximas, que o divinal Vidente as apontava para aquella mesma geração, como realmente havia de succeder, apenas a trinta e sete annos de distancia, e quando, portanto, ainda viviam muitos milhares de contemporaneos.

E porque a grandeza dos successos prognosticados pela grandeza das celestes palavras tinha tambem de ser annunciada pela grandeza das perturbações da natureza, assim resolveu o Divino Verbo que se verificasse do modo mais estupendo, para que no animo dos homens não ficasse a minima hesitação sobre a origem dos phenomenos que presenceavam.

Dizem-nos os Evangelhos que quando o Redemptor vaticinou o arrazamento de Jerusalem, declarou que o antecederiam funestos presagios:

«E apparecerão na terra e no ceu signaes grandes, cousas espantosas: *Erunt signa magna.*»

Aqui apresentarei, com effeito, condensados alguns dos prodigios precursores da catastrophe; taes no-los deixaram descriptos varios fidedignos escriptores, e mui especialmente a bôcca por todos os titulos insuspeita do proprio historiador hebreu Flavio José, testemunha presencial de tão estupendos factos.

Os mesmos signaes que Jerusalem observára nos dias de Antiocho Epiphanes, se reproduziram por estes tempos.

Corria o anno de 65 da era vulgar; ainda não fôra declarada a guerra entre Roma e Judéa; achava-se Jerusalem *in summa pace atque opulentia*, sem se antever mudança alguma provavel no discorrer de tão pacificos dias. N'esse anno acabava de se celebrar a festa da Paschoa, quando tres horas depois da meia noite, uma grande luz circumdando o templo, penetrou n'elle, e o illuminou como sol: meia hora durou o esplendor. Era o presagio do incendio que em pouco tempo devorou aquelle sumptuosissimo edificio.

Mais. De um boi que estava no holocausto foi visto nascer um cordeirinho.

Mais. A ênea porta oriental do templo, que vinte homens robustos difficilmente moviam, e que havia sido trancada com grossos ferrolhos, tambem de bronze, por si mesma alta noite se escancarou: prenuncio de que aos inimigos iam ser abertas as portas, não só do templo, senão da cidade, embora fechadas e guarnecidas de grossos exercitos.

Mais. Caia a tarde de 21 de maio, quando foram vistos no ar numerosos esquadrões enfileirados em ordem de batalha, girando em torno da cidade, como se se dispuzessem a occupar as varias posições de assedio. Preconisavam estes exer-

verem a ruina da Cidade Santa e a destruição do templo, não teriam posto termo á vida! Quem mais digno de compaixão do que aquellas mesquinhas, que no correr do assedio viram seus filhos morrer de fome, ou no proprio seio, ou depois de nascidos! E quantas infanticidas se não nutriram das carnes dos seus!

citos aereos as legiões romanas, e as trincheiras, e o vallo, e o sitio vaticinados por Christo Senhor Nosso.

Mais. Penetravam os Sacerdotes nocturnamente, por occasião da festa do Pentecostes, no intimo do santuario, quando de subito os aterrou um confuso arruido, como de vultos que d'alli fugissem precipitamente; e pouco depois ouviram um côro formado da assonancia de muitas vozes, bradando: «Saiâmos d'aqui, que este logar já não é nosso, *Migremus hinc*». Pensa-se que eram as vozes dos Anjos ao afastarem-se da repudiada synagoga e do *Sancta Sanctorum*, que até então haviam custodiado, a fim de não testemunharem as proximas profanações e sacrilegios..

Mais. Um cometa, fulminando chammas e tendo a fórma de espada, e com a ponta virada para a cidade deicida, durante um anno inteiro pairou sobre Jerusalem. A fórma do astro era o symbolo do gladio vingador, chamando Jerusalem a contas pelo sangue innocente do Unigenito.

Mais. Um certo Jesus, obscuro filho de Anano, veiu a Jerusalem no anno de 63, para assistir á festa da Paschoa. No templo sentiu-se repentinamente agitado do espirito prophetico, e saindo precipite, começou de percorrer praças, ruas e contornos, bradando: «Voz do oriente! Voz do occidente! Voz dos quatro ventos! Voz contra Jerusalem e o templo! Voz contra os noivos e as noivas! Vóz contra todo este povo!» E como assim exclamasse em som lugubre dia e noite, sem mudar de tom, nem de palavras, os magnates, não podendo já supportar vozear tão importuno, prenderam o agoureiro, açoitaram-no, ameaçando-o de morte, se proseguisse. Mas o homem impassivel não interrompeu a pavorosa grita. Como louco o pozeram em liberdade, e elle proseguiu inalteravelmente. Levado á presença do governador Albino, limitou-se, como resposta, a repetir em igual tom os mesmos presagios. Albino mandou-o açoitar, e já lhe estavam descobertos todos os ossos, sem que o misero houvesse derramado uma lagrima, soltado um gemido, ou feito a minima supplica. Apenas se lhe ouvia em voz sumida: «Ai! Ai de Jerusalem!» Assim dilacerado, perguntou-lhe o governador quem era, onde nascêra? e só lhe ouviu: «Ai! Ai de Jerusalem!» Reconhecendo que com tal homem perdia o tempo, e que o não podia punir, soltou-o, permittindo-lhe gritar em quanto tivesse alento. Desde então o agoureiro rodeava solitario e cogitabundo os muros da cidade; mas nos dias solemnes, quando havia grande concurso de forasteiros, ei-lo a romper nos mesmos gritos e ameaças. Sete annos e cinco mezes fallou sem enrouquecer, até que, vendo Tito fronteiro aos muros de Jerusalem, e porque já então ficava patente a realisação de suas prophecias, emmudeceu por algum tempo; mas vendo crescer a obstinação dos conterraneos, até na imminencia do perigo, recomeçou a vozear de cima das muralhas: «Ai! Ai do templo! Ai do povo!» E accrescentou: «E ai tambem de mim!» N'isto um estilhaço vibrado das machinas romanas o estendeu por terra morto [1].

Taes foram, entre outros muitos, os presagios do proximo desamparo a que

[1] Este propheta das desgraças de Jerusalem chamava-se Jesus, porque, pondera Bossuet, o mesmo nome de Jesus, nome de salvação e de paz, se transmutava em funesto presagio contra os hebreus, que o desprezaram na adoravel pessoa do Divino Salvador. E porque aquelles ingratos haviam rejeitado um Jesus, que lhes annunciava a graça, a misericordia e a vida, Deus lhe mandou outro Jesus, para lhes annunciar males irremediaveis e o formidavel decreto da sua imminente destruição por Tito.

Deus ia entregar a deicida cidade! Tão obstinada era a cegueira d'aquella desgraçada, que nem lhe occorria, para conjurar tão propinquas calamidades, procurar abrandar a ira celeste, invocando o patrocinio do Justo, cujo sangue haviam derramado, e que resolvêra servir-se de Tito como ministro executor de seus terriveis decretos.

CAPITULO XXII

I. Estado de Jerusalem em tempo de Vespasiano. — II. As tres facções politicas. — III. Tito marchando de Alexandria sobre Jerusalem. — IV. Disposições tomadas por Tito e primeiros trabalhos. — V. Preparativos estrategicos. — VI. Traição de hyerosolimitanos. — VII. Prosegue a guerra e seus tremendos episodios. — VIII. Tomada de Jerusalem.

I

Vejamos ora mais desenvolvidamente de que modo se verificaram tão autorisadas prophecias, isto é, venhamos á rapida narração do cerco de Tito.

Sem remontar-me ás causas que provocaram a guerra de Roma com a Judéa; sem desenrolar a tenebrosa cadeia de atrocidades revezadas entre os hebreus e os governadores romanos; sem me entranhar na exposição das primeiras conquistas de Vespasiano em terras judaicas; tomarei o fio dos successos na altura em que se elles prendem immediatamente com o assedio de Jerusalem por Tito.

Fôra Vespasiano, o plebeu feliz, elevado ao solio dos Cesares. Esta extraordinaria circumstancia em nada modificou as relações entre os dois povos belligerantes, nem o ardor das discordias intestinas que dilaceravam a Judéa. Quando de todo o mundo recebia o novo Imperador felicitações e applausos, os judeus permaneciam petrificados no odio contra os romanos. A cidade santa estava convertida em medonho theatro de abominações e flagicios. O facho da guerra civil conflagrava todas as cidades da Judéa e da Iduméa. Diversas eram as facções que se digladiavam, reforçadas alternadamente pelo grande numero de facciosos e salteadores, que em todas as direcções infestavam o territorio.

II

Tres eram as facções politicas principaes que retalhavam a Judéa: a primeira, capitaneada por João Giscala; a segunda por Simão de Gioras; a terceira por Eleazar. A primeira era de todas a mais cruel, não obstante arrogar-se o titulo de zelotes[1]

[1] Este termo *zelotes* ou *zelotas*, ou *zeladores*, hoje se applica a quem tem zêlo falso, mal entendido ou fingido. Assim o padre Antonio Vieira contrapõe Elias zelotes a Elias zeloso; mas, a origem d'esta palavra provém de ter aquelle nome sido dado a uma seita de judeus, ou caterva de malfeitores, que zelavam a sua liberdade, promptos a todos os supplicios, antes que dar a um mortal o titulo de Senhor, e isto em odio a Jesus Christo. Estes assassinos, quando em concursos populares, com punhaes e sovelas escondidas íam matando a quem lhes desagradava. Finalmente, representaram grande e odioso papel em todo o paiz, e especialmente em Jerusalem.

da honra da patria e das leis. A segunda, composta de forasteiros em sua maxima parte, era conhecida por facção dos sicarios[1]. A terceira, não assignalada por nome especial, nem tão pouco de longa duração, foi destruida quasi no começo do assedio de Jerusalem.

Tristissima era a sorte dos bons, e principalmente d'aquelles que recusavam seguir qualquer d'estas facções. Motivo era isso para lhes incorrer nas iras; e d'ahi vexações e perseguições de todo o genero. São indescriptiveis as scenas de horror que se deram n'esse ensanguentado periodo. O encarniçamento partidario não admittia treguas. As vicissitudes politicas do imperio romano exigiram que Tito succedesse a seu pae Vespasiano, já Imperador na expedição contra Jerusalem, theatro das mais inauditas barbaridades e carnificinas perpetradas pelas tres facções predominantes. Os anciãos e as mulheres, no seu desespero contra as desgraças intestinas, faziam votos em prol dos romanos, esperançados em que a guerra externa pozesse termo aos males domesticos. Os zelotes ou fanaticos, principalmente, tinham rompido todos os diques do publico pudor. Já não respeitavam, nem a Deus, nem aos homens. Tudo lhes era livre praticar, inclusive as mais asquerosas obscenidades. Tomavam trajos feminis, e com toda a impudencia perpetravam em publico torpezas taes, que envergonhariam o mais indomito selvagem. Renovavam-se as abominações de Sodoma e Gomorrha.

O povo profundamente irritado por tantos maleficios, não sabendo já que partido devesse tomar, para repellir o jugo de tão ominosa oppressão, reuniu-se e resolveu chamar em seu soccorro Simão de Gioras com os seus sicarios, que infestavam os contornos de Jerusalem. Pessimo conselho, que tinha por fim arrancar a cidade á pilhagem dos ladrões, para entrega-la ás garras dos assassinos! Simão, conhecendo o desespero que lavrava em Jerusalem, respondeu que, quando lhe aprouvesse, acceitaria o convite, não como auxiliar de um dos dois partidos, mas como dominador de ambos.

De feito, quando menos se esperava, Simão, já precedido do terror do seu nome, entrou na cidade santa, espada em punho, á frente dos seus sicarios. O povo, que mal conhecia o caracter do novo tyranno, e só esperava vingar-se das oppressões dos zelotes, não hesitou em com elle se ligar. Mas não melhorou de fortuna; porque os zelotes, julgando-se fracos para resistir, refugiaram-se no templo; e os sicarios, apenas tomaram conta da cidade, começaram a pesar com mão de ferro sobre o povo, que em vez de achar em Simão um defensor, encontrou peior tyranno que João!

Mas os zelotes não dormiam; e como lhes fosse defezo desafogar o seu encarniçado furor no recinto do templo, tomaram as armas uns contra os outros, extremando-se assim em duas irreconciliaveis facções. Quem tal discordia provocou foi Eleazar, filho de Simão, de raça sacerdotal, por ciumes da influencia que João de Giscala havia assumido entre os zelotes. Conseguiu, pois, aquelle apoderar-se da

[1] Este termo, hoje synonymo de assassino, traz sempre no uso tal ou qual idéa de crime assalariado pelo fanatismo religioso ou politico. Deriva-se do latim *sica*, punhal longo e curvo, convexo pelo fio, á moda de alfange, e que imita particularmente a defeza do javali, por ser a arma nacional dos thracios; era especialmente empregado pelos gladiadores, na maxima parte oriundos d'essa região; mas entre os romanos não era similhante arma considerada senão como arma curta, defeza vil. Flavio José, nas *Antiguidades judaicas*, diz que *sicarios* eram uns ladrões e facinorosos, só armados d'aquelles punhaes, que facilmente podiam occultar nas vestiduras, para de improviso matarem a gente, principalmente nos concursos e apertos do povo.

parte interior do templo, comprehendendo o adro dos sacerdotes, não deixando a João senão o adro de Israel, que era a parte exterior e mais debil.

Eis-aqui, pois, novas dissensões, novos temores e novas oppressões. Simão dominava toda a cidade superior e a mór parte da inferior, téndo a seu soldo quinze mil homens, dos quaes dez mil eram judeus e cinco mil de Iduméa. João tinha seis mil, que occupavam a parte exterior do templo; e Eleazar dois mil e quatrocentos; porém, como estava senhor da parte mais fortificada, era o que mais seguro se achava.

Eram estas as tres facções que horrendamente despedaçavam a infeliz cidade, a qual, no dizer de Flavio José, maiores devastações recebeu dos seus naturaes do que dos proprios romanos; successo não raro na historia das nações, e que em nossos dias vimos reproduzir nos estragos causados a París pelo inimigo tudesco, em comparação com os que lhe occasionou a propria communa franceza.

Em verdade, não se podem ler sem horror as barbaridades que estas tres facções commetteram em Jerusalem! O dilacerarem-se mutuamente havia-se tornado para ellas um espectaculo de recreio quotidiano! Todos aquelles que não se declaravam adherentes a qualquer d'ellas, viam suas casas e searas voar nas chammas! O mesmo templo tinha sido convertido n'uma praça de armas, onde jorrava o sangue, não já das victimas, senão dos homens! Primeiro foram immolados os gregos, na occasião em que offereciam oblações; depois os barbaros, aliás muito mais humanos que os hebreus; e successivamente eram sacrificados todos que n'aquelles dias de dôr e de exterminio concorriam ao templo; não sendo poupados nem sacerdotes, nem mulheres, nem os mesmos sectarios de qualquer das tres facções! Os cadaveres eram arrastados pelas ruas da cidade, onde só se ouviam gritos e gemidos. Gemia o povo; os sediciosos gritavam.

III

Corriam as cousas n'estes termos, no anno 70 da era vulgar; e como Jerusalem fosse a unica cidade que se obstinava em repellir o dominio romano, Tito partiu de Alexandria á frente de um aguerrido exercito, em direcção sobre Jerusalem.

Acompanhava-o Flavio José, não já como prisioneiro (que o fôra de seu pae Vespasiano), mas sim como interprete, ou intermediario para com a sua nação[1].

Ha quem pretenda (tenho para mim que com manifesta exageração) que n'aquelle anno, por occasião da festa da Paschoa, se achavam em Jerusalem cerca de 4.000:000 pessoas; que só de hebreus havia 2.700:000. Como poderá crer-se em tal algarismo, se a cidade de então tinha apenas vinte minutos mais de perimetro que a de hoje, que aliás não leva mais de uma hora a rodear?

[1] Flavio José, nascido em Jerusalem no anno 37 depois de Jesus Christo, descendente de familia sacerdotal e do sangue dos Machabeus, foi muito considerado pelos seus compatriotas, e depois pelos proprios romanos. Eleito governador da Alta e Baixa Galiléa, teve que combater n'aquella qualidade parte das tropas que o Imperador Nero mandára á Palestina, sob o commando do melhor dos seus capitães, Vespasiano. Resistiu quarenta e cinco dias na fortaleza de Jatopat, e foi um dos poucos que sobreviveram. Aprisionado pelas forças de Vespasiano, predisse a este a sua grandeza futura, e desde então até á morte foi ligado aos romanos, apesar da sua dedicação á terra onde nascêra, sobre a qual nos deixou os mais notaveis livros.

IV

De Alexandria seguiu Tito para Gaza, e d'ahi passou ao paiz dos philisteus, atravessando Ascalona, Jamnia, Jaffa, até que finalmente chegou a Cesaréa, ponto de reunião do corpo do exercito invasor. Compunha-se este de quatro legiões, vinte cohortes de infanteria, e oito esquadrões de cavallaria, comprehendidas as tropas dos Reis alliados e de Agrippa, que marchavam sob o commando de Tito. As legiões eram as mesmas que tinham combatido ás ordens de Vespasiano; isto é, a 5.ª, a 10.ª e a 15.ª A estas uniu-se a 12.ª, a mesma que em Jerusalem, sob a direcção de Cestio, fôra desbaratada nos primordios da guerra.

Tendo Tito delineado atacar a cidade pelo oriente e norte, ordenou á 10.ª legião que levantasse o acampamento de Jericó, e subisse a entrincheirar-se nos visos do Olivete, e que a 5.ª legião, tomando o caminho de Emaús, se fosse reunir ào corpo do exercito em Gabath Saul, valle de Saul, que dista de Jerusalem trinta estadios, ou quasi quatro milhas.

Tomadas estas disposições, partiu com o grosso do exercito; e transpostos os montes da Samaria, foi pernoitar a Gofna, cidade já expugnada por Vespasiano, que alli deixára um presidio. Em seguida pernoitou em um logar chamado Acanthonaula, proximo ao valle de Saul, onde armou as suas tendas, sem o proposito de ir alem, visto como era seu desejo submetter Jerusalem sem o emprego da violencia, mas só com a persuasão. Não lhe eram desconhecidas as facções, que dentro se dilaceravam, nem os votos de paz de todos os opprimidos. Clemente por indole, detestava o sangue. Sabia que muitos dos habitantes procuravam ensejo de fugir para os romanos, mas que o não ousavam com receio dos sediciosos. Tito, para anima-los, resolveu dar um passeio ao redor dos muros da cidade, esperando que a sua presença, ou provocasse alguma reacção dos bons contra os maus, ou facilitasse a fuga áquelles.

Com estas disposições de animo separou-se Tito do exercito, e tomando comsigo 600 cavalleiros, dirigiu-se como simples explorador para os muros septentrionaes de Jerusalem. Ao passar em frente da torre Psephina, foi conhecido pelas sentinellas dos parapeitos da torre das mulheres: julgando os hierosolymitanos possivel aprisiona-lo, saíram de improviso pela porta fronteira ao moimento de Helena, Rainha de Adiabena, vibrando contra Tito muitas settas. Achando-se dividida a cavallaria e colhida assim de subito, nenhum soccorro lhe pôde prestar, procurando a toda a pressa recolher-se ao acampamento. Tito não vestia couraça, nem arnez, com que se podesse resguardar dos dardos, que de todos os lados lhe esvoaçavam; mas não foi ferido.

Livre de perigo, voltou ao valle de Saul, onde na seguinte noite chegou a 5.ª legião, que vinha da Galiléa, tendo feito alto pela ultima vez em Emaús. No dia immediato levantou o acampamento do valle de Saul, e estacionou em frente de Jerusalem, no logar chamado Scops, ou Specula, onde, como já se disse, saiu o summo Sacerdote Jaddo ao encontro de Alexandre Magno.

Ahi levantou trincheiras que resguardassem o campo de qualquer ataque, deixando a tres estadios de distancia a 5.ª legião, não só para se refocillar do cançasso da jornada, como para guardar a retaguarda. Ao mesmo tempo surgiu nas

summmidades do Olivete a 10.ª legião, que ia de Jericó entrincheirar-se nos visos d'este monte.

Parecia que as tres facções, movidas em fim por sentimento de amor de patria e pela imminencia do perigo, se houvessem congraçado. O certo é que ao verem as forças romanas estacionadas no monte Olivete, unidos se arremessaram na propria occasião em que a legião estendia as suas trincheiras. Avisado Tito da renhida luta que se travára, correu com um reforço ao valle de Josaphat, e estendendo suas linhas ao longo da torrente de Cedron, forçou a retroceder em debandada para o interior da cidade os sediciosos, que apesar d'isso se não deram por vencidos: fizeram sobre os romanos nova, mas igualmente frustrada tentativa de assalto. N'estes termos, concluidos os entrincheiramentos do Olivete, regressou Tito ao seu campo, e tratou de delinear o plano de assedio.

Apenas os combatentes se recolheram á cidade, azedados pela sua derrota, exacerbaram-se as recriminações; desfizeram a liga, e proseguiram as mutuas hostilidades. A facção de João destroe, pela mais impia perfidia, a de Eleazar. No dia da Paschoa, que n'aquelle anno caía a 15 de abril, Eleazar, occupando a parte interior do templo, não julgou prudente, sem embargo das suspeitas de traição, prohibir que o povo penetrasse no recinto, a fim de praticar suas devoções costumadas. Abriu, pois, a porta do atrio dos Sacerdotes, e só consentiu que entrassem as pessoas conhecidas por sentimentos pios, ou que de qualquer forma não inspirassem receios. Toda esta vigilancia foi illudida. Ninguem podia lembrar-se que alguem em dia tão santo ousasse perpetrar tão vil traição! Entretanto, houve um hebreu que não hesitou em profanar tão abominavelmente o templo do Senhor! Foi João, o qual, tendo meios e artes de fazer os seus satellites entrar no templo com todas as apparencias de piedade e insignias mudadas, deu-lhes ordem que, com as sicas que levavam occultas nas vestes, exterminassem todo o partido de Eleazar! Assim fizeram.

Aniquilada a facção d'este, ficaram em campo as outras duas, de João de Giscala e de Simão de Gioras. Os clamores oriundos de tão horriveis sacrilegios, e os tumultos provocados pelas duas facções inimigas, davam a Jerusalem o aspecto mais anarchico! Diz Flavio José que em presença de taes atrocidades elle não hesitava em crer, com grande dôr sua, que, se os romanos se não tivessem apressado em exterminar aquelles scelerados, Jerusalem seria inevitavelmente, ou destruida por algum terremoto, ou submergida por algum diluvio, ou abrazada pelo fogo do ceu, como as cidades malditas; visto não ser possivel que Deus supportasse por mais tempo impunes tantos crimes e sacrilegios.

V

Tal era o estado das cousas no interior da cidade, quando Tito, perdida toda a esperança de entrar em Jerusalem como amigo, tratou de aproveitar-se das discordias civis, e de assentar as suas machinas de guerra n'aquella septentrional planicie ligeiramente inclinada. Nos tempos do assedio, este lado, que hoje se póde chamar valle da solidão e do horror, era, no dizer de Flavio José, um verdadeiro paraiso, com as suas aprazíveis casas de recreio, jardins embalsamando os ares, plantas rarissimas, arvores louçãs, fructos saborosos, flores variadissimas.

É este o logar escolhido por Tito para as suas operações bellicas: mandou cortar as arvores, derrubar as casas, destruir os bosques, aplainar comoros, entupir fossos, etc. O acampamento, começando da collina chamada Sapha, estendia-se até o sepulchro de Herodes, e terminava no lago das Serpentes, chamado antigamente Betara. Foi esta a mesma area occupada pelo acampamento de Nabuchodonosor.

VI

Dividiu Tito o exercito em dois corpos, collocando-os em frente das torres Psephina e Hippicus. Os sediciosos, em vez de abandonar a cidade, vinham apinhar-se sobre os muros, e fingindo pertencer á classe do povo, supplicavam aos romanos que tivessem dó d'elles, que os libertassem de seus oppressores, promettendo abrir-lhes as portas da cidade. Depois dirigiam-se simultaneamente aos guardas das portas, pediam-lhes por tudo o que havia mais sagrado que as franqueassem aos romanos. Depois fingiam encontrar resistencia nos guardas, atiravam-se sobre elles, travavam peleja com pedras e dardos, até acabarem por proclamar vencedor o supposto partido popular, que para logo abria as portas, e saía impetrando soccorro. Os romanos commovidos apressaram-se em acolher os perseguidos, mas estes, em vez de se lhes lançarem nos braços, reuniram-se com os seus simulados perseguidores, e deram uma tremenda batida nos romanos, poucos dos quaes se recolheram incolumes ás suas tendas. Indignou-se Tito, menos ainda com tal fraude do que com esta quebra da disciplina militar, e seria severamente punida a compassiva credulidade dos soldados, se os officiaes superiores não houvessem interposto suas supplicas.

Esta indigna traição foi novo estimulo para se não procrastinar o assalto.

A paciencia de Tito exhauriu-se. Vendo inutilisados todos os meios conciliatorios, appellou para a sorte das armas. Ordenou que se erigissem diante de Bezetha terraplenos e plataformas em conveniente distancia dos muros da cidade; mandou collocar as baterias dos arietes, tormentos, lobos, sambucas, vineas, catapultas, balistas e outras machinas, que serviam para arremessar dardos e pedras. Fez tambem preparar tres torres forradas de ferro, com cincoenta cubitos de altura, e mettendo n'ellas habeis frecheiros *(jaculatores)*, approximou-as dos muros.

VII

Os hebreus não testemunhavam ociosos estes preparativos, trabalhavam dia e noite, dispondo-se para a mais encarniçada defeza. Tiveram o cuidado de collocar por sobre os muros todas as numerosas machinas de guerra que haviam tomado aos romanos, na occasião em que Cestio Gallo foi batido por elles. É verdade que não sabiam usar d'ellas, mas vingavam-se em vibrar chuveiros de settas.

Não se contentando os romanos de bater os muros, forcejavam por damnificar principalmente os seus defensores, e pois trataram de collocar junto de suas pallissadas outras machinas, especies de canhões Krupp d'estes tempos, destinadas a lançar a dois estadios de distancia pedras do peso de um talento, que quer dizer cêrca de duas arrobas. Os hebreus, porém, tiveram artes de neutralisar os effei-

tos de tal estratagema, porque, sendo esbranquiçadas as volumosas pedras que estrondeavam nos ares, os hebreus avistavam-n'as ao saírem das machinas, e observando-lhes o movimento e a direcção, facilmente as evitavam. Advertidos d'isso os romanos, tingiram de negro as pedras, e então os hebreus collocaram sentinellas nas suas torres para avisarem de qualquer movimento das machinas inimigas, gritando em lingua hebraica: *Barba!* [1] N'isto os hebreus abaixavam-se, e a *Barba* sibilava-lhes por sobre as cabeças.

Poucos dias depois de começado o ataque, Simão de Gioras, até então unico defensor das muralhas, reconhecendo que não podia resistir mais, convidou João de Giscala a saír do Templo, e a colligar-se-lhe. Acceita esta liga defensiva, encarniçou-se a pugna. Os romanos eram mais destros; mais audazes os judeus.

Uma noite em que reinava profundo silencio, ouviu-se de improviso um horrivel estrepito, similhante ao desmoronar de muralha: era uma das tres torres dos romanos, que não podendo com o peso, abateu. Na madrugada recomeçaram o ataque, e reconhecendo os hebreus a impossibilidade de se manterem sobre os muros, tentaram varias sortidas desesperadas, e incendiar as torres moveis, d'onde choviam milhares de tiros; mas a final, aberta a brecha em tres pontos, retiraram-se para a segunda linha da muralha. Foi esta jornada no dia 28 de abril, duas semanas depois de começado o assedio. Continuou logo a peleja na segunda muralha. Simão occupava o espaço que vae do sepulchro do Pontifice João até á porta dos aqueductos, e João de Giscala defendia a torre Antonia e os porticos do templo.

Incendiada uma das torres d'aquella muralha, poderam os romanos penetrar no segundo cordão de muros, cinco dias depois. Se Tito houvesse ordenado a demolição de parte d'este segundo cordão de muros, teria evitado segundo ataque. Mas elle não desejava destruir a cidade.

Entrou, pois, Tito n'aquella parte de Jerusalem só com dois mil homens, não para exterminar, mas para salvar os innocentes, com expressas recommendações aos soldados, de que não offendessem a nenhum dos sediciosos, ainda quando por estes fossem hostilisados. Esta especie de treguas deu tempo a que os de dentro reunissem suas forças dispersas, e caíssem sobre os romanos, bastantes dos quaes ficaram mortos na refrega. Novamente se convenceu Tito de que a sua generosidade era ludibriada. Fez segunda tentativa de penetrar n'aquella parte da cidade, d'onde havia sido expulso; não o pôde já conseguir, porque os sediciosos se mostraram mais fortes e obstinados que os muros. No quarto dia conseguiu romper, e tornou a penetrar no segundo cordão, que para logo fez abater na parte septentrional, deixando em pé os lanços do lado meridional, que eram fortificados pelas taes torres, que podiam servir para quartel de inverno ás suas tropas.

De posse da cidade nova, e não lhe restando já senão superar o terceiro cordão de muralhas, quiz o general romano tentar novo meio de brandura e persuasão, convencendo aos inimigos com os seus proprios olhos de que a victoria lhes era impossivel. Fez estender em ordem de batalha todo o exercito nas praças conquistadas; passou revista quatro dias consecutivos, distribuindo viveres e soldos a toda a tropa. Os hebreus, em presença d'este espectaculo nunca visto por elles,

[1] Esta palavra significava «Lá vem a creança!» A creança era o pedregulho que saía do bojo da machina.

conservaram-se todo esse tempo nos muros, nas torres, nas fortalezas, nas sotéas das casas, admirando a multidão de soldados, a boa ordem, a disciplina, os fardamentos, os elmos, as cimeiras, as armas, os arietes, as balistas e catapultas, todas dispostas nos seus logares; e ficaram tão aterrados, que desde logo se reconheceram pigmeus em frente de um exercito de gigantes. Era exactamente a intenção de Tito amedronta-los com este formidavel apparato. Mas nova decepção! A obstinação dos hebreus rivalisava e vencia a clemencia de Tito! Haviam resolvido morrer antes que ser presa dos romanos.

Desenganado Tito, ordenou que sem perda de tempo duas legiões fizessem os terraplenos, e erguessem as platafórmas, a fim de encetar-se o ataque ao terceiro cordão de muros e o desmoronamento da torre Antonia.

Mas Tito, tão destro na concepção de estratagemas, quanto incançavel nos traços da clemencia, quiz, antes de romper o assalto, que Flavio José subisse á linha de muros da parte meridional, e a percorresse em toda a sua extensão, dirigindo eloquentes admoestações aos sitiados para depôrem as armas, e entrarem em pactos honrosos, poupando assim a ruina total da nação judaica, da sua cidade querida e do seu venerando templo. Não houve fibra sentimental que José não procurasse excitar, de envolta com as mais altas considerações politicas. Teve em resposta insultos e pedradas! Começou então o horroroso ataque, havendo de parte a parte crescente audacia no commettimento. Tito começou a fazer grão numero de prisioneiros, uns passados e outros tomados ou apprehendidos na luta: cada dia orçavam os prisioneiros por cerca de 500.

A final, viu-se Tito na necessidade de mostrar-se, mau grado seu, implacavel. «Dar a liberdade a tantos prisioneiros, dizia elle, é expôr o meu exercito ao grande perigo de tornar-se ao mesmo tempo sitiante e sitiado; visto não dever eu contar com a gratidão d'estes fanaticos, que a todos os instantes estão machinando contra os seus protectores. Conserva-los em custodia, impossivel; fôra dispendiosissimo sustenta-los, e não o poderia fazer com segurança».

Ordenou que fossem todos os prisioneiros crucificados ante os muros de Jerusalem, em frente ao Calvario; e tantos foram elles que Flavio José diz, em pungente phrase, ter faltado espaço ás cruzes, e cruzes aos corpos: *Jam spatium crucibus deerat, et corporibus cruces!* Tremendos juizos de Deus! Quantos d'esses alli crucificados não teriam gritado no dia da Paixão do Redemptor: «Crucificae-o, crucificae-o!» Quantos não teriam dito: «Nós não reconhecemos outro Rei senão Cesar?» Quantos não haveriam lavrado essa propria sentença, ao exclamarem: «Recaia sobre nossas cabeças a pena da morte que exigimos?» Pois bem: era por ordem do mesmo Cesar, do Rei da sua escolha e predilecção, que todos esses infelizes passavam pela mesma pena e supplicio a que tinham condemnado trinta e sete annos antes o Rei pacifico, innocente e supremo bemfeitor dos homens!

Essa horrenda matança, em vez de aterrar os sitiados que a testemunharam de cima dos muros, muito mais lhes exacerbou a colera. Saíram logo por todas as ruas e casas da cidade a excitar indignações, e tão efficazes foram suas declamações que, d'esse dia em diante, não houve um só hebreu que se passasse para o exercito romano. Tito, querendo tranquillisar os contrarios, ordenou que fossem apenas cortadas as mãos aos que em seu poder caíssem, para impedir-lhes o manejo de armas. Com effeito, a todos os prisioneiros eram cortadas as mãos, depois do que lhes dizia Tito:

«Voltae ás vossas casas, e assegurae a vossos irmãos que não os fugitivos, mas sómente os prisioneiros foram crucificados, e o não seriam, se se tivessem mostrado fieis e gratos.»

Assim se multiplicou o numero dos prisioneiros, que em Tito encontraram clemencia e segurança.

Emquanto os romanos collocavam suas baterias nos dois pontos designados, os judeus não perdiam tempo em se fortificar cada vez mais. João de Giscala confiando a Simão Gioras a defeza dos muros, abria um fosso profundissimo junto da torre Antonia, e procurava ensejo de descarregar o ultimo garrote nos romanos. Á proporção que rasgava o fosso, ía-o enchendo de lenha impregnada de betume e de pez, em que destinava pôr fogo no momento dado. Este momento não tardou; porque os romanos apenas collocaram suas baterias, começaram a despejar granisos de pedras sobre a torre Antonia. Ora é de advertir que o fosso que João tinha aberto, chegava até o logar onde estavam as baterias dos romanos; de modo que no momento d'estes fazerem brecha, mandou João pôr fogo á lenha, e o mais impetuoso incendio devorou em um instante os esteios que sustentavam as platafórmas, as quaes instantaneamente se derruiram. Desorientaram-se os romanos com este imprevisto fracasso. Simão, aproveitando-se dá confusão em que via enleiados os inimigos, caíu sobre elles com a furia do desespero. Tres hebreus tiveram o insolito ardimento de penetrar com tochas accesas no campo onde estavam dispostos os arietes, e deitaram-lhes fogo. Ateou-se novo incendio, cujos estragos os romanos não poderam evitar, porque eram forçados a fazer face a João, que impetuosamente os acossava.

Quando tudo isto acontecia, andava Tito mui tranquillo reconhecendo um logar vizinho á torre Antonia, por onde se dispunha a abrir a brecha. De repente ouviu o vozear de espanto entre os seus e o crepitar das chammas, que estavam devorando as suas platafórmas, e inutilisando todo o fructo dos trabalhos das duas legiões, que haviam levado dezesete dias a levantar as fortificações.

O incendio das machinas animou os hebreus; abateu os romanos. Tito desacoroçoou de expugnar a cidade. Mudou de plano. Reunidas todas as tropas, conduziu-as fóra do duplo cordão de muros, de que já estava na posse, e ordenou que se abrisse em volta da cidade, na peripheria de quarenta estadios, correspondentes a uma hora e quarenta minutos, um profundo vallado. Queria assim reduzir os sitiados pela fome, impedindo-lhes as sortidas. Começou o trabalho da parte septentrional, e proseguiu para o oriente, atravessando a torrente Cedron, costeando o monte Olivete, o do Escandalo e suas faldas; subindo depois do poço de Nehemias pelo valle do filho de Enom, foi pela parte occidental da cidade fechar o fosso no septentrião: era uma colossal serpente estreitando e afogando a misera Filha de Sião!

E tudo isto feito em tres dias!

Só quem nunca foi a Jerusalem poderá desconhecer as difficuldades d'esta operação! Fechar litteralmente em tres dias uma cidade collocada sobre montes, e circumdada de fossos, grutas e valles profundissimos, é prodigioso!

Assim se realisava o vaticinio de Jesus Christo, quando ao chorar sobre Jerusalem, lhe dizia:

«Ah! se ao menos n'este dia que ainda te resta, poderas tu conhecer Aquelle que te póde trazer a paz!... Virá tempo em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te porão em muito grande aperto.»

Circumvallada Jerusalem, a fome levantou o seu estandarte em todos os tectos da cidade ingrata! Os mesmos sediciosos haviam incendiado grande parte dos cereaes. Todas as provisões feitas para a festa da Paschoa tinham sido consumidas com o extraordinario concurso dos forasteiros. Por um alqueire de trigo já se dava, antes de fechado o cerco, um talento, que equivale a cerca de 770$000 réis da nossa moeda. Aquelle, porém, que o comprava, não estava seguro de com elle se alimentar; porque, apenas isso constava, lhe era arrebatado pelos seus mais caros amigos. Bastava saber-se que n'uma casa havia viveres, para logo a invadirem e roubarem. A ninguem se respeitava; nada eram os vinculos mais sagrados do sangue e da amisade. Tão pouco sentido se dava a esses fortissimos laços, que por qualquer mólho de hervas travava luta o pae com o filho, o filho com o pae, o irmão com o irmão, o marido com a mulher, e a mulher com o marido, por mais amantes que antes d'isto esses entes houvessem sido! Nada havia que se não devorasse: hervas venenosas, raizes alpestres, palhas de trigo, folhas seccas, pelles, nervos, musculos de animaes em putrefacção; com tudo quanto ha mais immundo e asqueroso se banqueteavam os desditosos!

A fome, no emtanto, havia ceifado familias inteiras; as casas e as ruas de Sião estavam já alastradas de agonisantes e de cadaveres. Mães foram encontradas mortas, agarrados os labios dos infantes aos deseccados peitos dilacerados pelo sugar inutil. Os jovens arrastavam-se pallidos e mirrados pelos trivios, revolvendo as immundicies. Tantos eram os mortos, que já para sepulta-los faltavam vivos; e tão confundidos andavam os cadaveres com os moribundos, que alguns d'estes foram não menos sepultados. A cidade, um só cemiterio; as casas, outros tantos sepulchros: armazens, subterraneos, sentinas, tudo atulhado de mortos, cujas exhalações, inficionando a atmosphera, occasionavam a mais horrorosa peste! Eram as tres irmãs terriveis, que se davam as mãos! Em tamanha calamidade, já nem mesmo havia luto, pranto ou gemido; a fome absorvêra todos os humanos affectos. Só os sediciosos tripudiavam ante este espectaculo de desolação! Porém, para não morrerem contaminados, mandavam lançar os defuntos do alto dos muros, para servirem de pasto aos corvos e ás feras.

Um dia passeando Tito em torno da cidade, e vendo os fossos atapetados de cadaveres em putrefacção, não pôde conter as lagrimas, e erguendo as mãos aos ceus, invocou o testemunho de Deus, em como não era elle o causador de estragos tantos. Calculam os historiadores o numero das victimas da fome em 200:000. A estas juntam as da peste e as da guerra, que foram o duplo, alem de mais de 600:000 finados da plebe, que saíram pelas portas de Jerusalem, durante o assedio, como referiram testemunhas qualificadas, que nas tendas dos romanos se refugiaram. Um tal Mannéo, filho de certo Lazaro, que havia sido posto de guarda em uma porta para pagar aos que sepultavam os mortos a expensas do publico, assegurou a Tito que do dia 14 de abril até ao dia 1.º de julho havia pago as despezas do enterramento de 115:880 corpos, todos de gente pauperrima.

Ao passo que a fome devorava mais que a espada aquella obstinada gente, havia nos acampamentos romanos grande abundancia de viveres, chegados da Syria. Para excitar o desejo dos sitiados, apresentavam-se-lhes os soldados comendo, e convidando-os a participar das suas refeições; mas, se algum se dispunha a acceitar o convite, era immediatamente morto pelos seus. Houve esfaimados que, não podendo saír pelas portas da cidade, se precipitavam de sobre os muros, e os

que caiam com vida, invocavam logo o soccorro dos romanos. Outros, fingindo-se inflammados no amor da patria, travavam de pedras, e arremessavam-se como phreneticos contra os romanos; mas, apenas se achavam fóra do alcance dos seus proprios companheiros, sacudiam as pedras no chão, e apresentavam-se inermes, supplicando aos seus capitaes inimigos que lhes saciassem a fome canina. A esses mesquinhos, muitas vezes, o proprio alimento deparava morte, porque horrivelmente debilitados, aferravam tudo o que primeiro lhes era offerecido com tamanha voracidade, que a final caiam exanimes.

Mas os que escapavam, eram reservados para mais crua morte. Muitos dos fugitivos haviam trocado por oiro o que possuiam, e para não serem roubados, enguliam em pequenas dóses o metal, que (depois de postos a salvo) a natureza lhes restituia. Um d'estes aurophagos foi surprehendido por soldados arabes e syrios, no momento em que revolvia o seu thesouro. A noticia d'esta estranha operação espalhou-se logo pelo acampamento, e tanto excitou a cubiça dos soldados, que, suppondo elles que todos os passados traziam oiro no estomago, caíam, apenas se lhes offerecia ensejo favoravel, sobre os mal aventurados, e abriam-lhes o corpo, a fim de extrahirem das entranhas palpitantes o precioso metal!

Não foram raros os que padeceram esta crueldade, porque, só n'uma noite a 2:000 abriram os ventres: *Una denique nocte duorum millium patefacta sunt viscera!*

Quando taes atrocidades chegaram ao conhecimento de Tito, tamanha foi sua indignação, que immediatamente fez cercar pela sua cavallaria todos os reus de tão enorme delicto, para mata-los. Mas, conhecendo pelas averiguações que o numero dos culpados era maior que o das victimas, e que, a serem todos mortos, ficaria o exercito desfalcado, revogou a execução da sentença. Reuniu, entretanto, todos os officiaes das tropas arabes e syrias, e intimou-lhes que vigiassem os seus soldados, para não reincidirem, sob pena de morte.

Não obstante, porém, terem sido fechadas todas as portas de salvação aos habitantes de Jerusalem, a obstinação d'elles em se não renderem, recrudescia.

Tito, em beneficio dos proprios inimigos, mudou de novo seu plano de guerra, ordenando se levantassem quatro plataformas sob os muros da torre Antonia; mas como já não havia madeira, porque toda tinha sido incendiada pelos hebreus, teve de mandar transportar de muito longe os materiaes necessarios, visto como a segure romana havia cortado todas as arvores dos arredores de Jerusalem; de modo, pondera Flavio José, «que o bello paiz de Judá, que antes da guerra apresentava o aspecto de um paraiso terrestre, já não era senão horrido deserto! Porque a guerra havia completamente deformado o aspecto prazenteiro d'aquella terra classica, despojando-a de todos os seus ornamentos; de sorte que, quem a tivesse visto antes, vendo-a de presente, exclamaria estupefacto: Jerusalem! onde está ella?».

A final, reunidos os materiaes, começou-se a obra das plataformas no dia 10 de junho; e a despeito de inauditos esforços dos sitiados para embaraçar a collocação dos arietes, concluiu-se no 1.º de julho.

Entretanto não cessava Tito de mandar Flavio José repetir aos seus patricios as mesmas proposições de paz, que na forma do costume eram repellidas com insolencias. Só o ariete, que era de bronze, podia dobrar a cerviz de tão teimosa gente; e pois começou Tito a fazer inutilmente vibrar suas machinas contra a

torre Antonia. Lembrando-se elle das excavações que João de Giscala havia praticado sob os muros d'aquelle mesmo lado, para incendiar as suas machinas, pensou que, se fossem removidas as pedras fundamentaes d'aquelles muros, estes, privados da base, se derrocariam. Com effeito, metteu mãos a este trabalho, que logo na noite seguinte foi coroado de feliz exito, visto como boa parte dos muros desabou, e precipitou-se no fosso. Mas qual não foi o espanto dos romanos quando, em vez de verem finalmente a abertura da brecha, conheceram que por trás do aterrado muro haviam os sitiados erguido outro! Produziu isto tanta consternação no exercito, que os mais valentes esmoreceram. Mas Tito, a quem as difficuldades serviam de incentivo, longe de abater-se, excitou os seus ao assalto, e com tanto ardor, que alguns dos seus soldados se offereceram para affrontar o perigo, e sem perda de tempo escalaram o muro sob um chuveiro de dardos! Assombrados os hebreus d'este feito de suprema audacia, creram que não doze, mas pelo menos mil homens, o tinham emprehendido e executado! Desesperando, pois, de toda a resistencia possivel, abandonaram os muros em precipite debandada.

Dois dias depois d'este acontecimento, por volta das nove horas da noite, vinte soldados romanos que estavam de guarda ás plataformas, desprezando a vida, tentaram por propria iniciativa novo assalto; transpozeram caladamente os montões de ruinas dos muros, e chegaram á porta da torre Antonia, onde, encontrando adormecida a guarnição, a passaram ao fio da espada, e depois, mandando tocar a trombeta, romperam em altas vozes: «Ás armas! Ás armas!» Despertando assim toda a cidade, viram que os romanos se tinham apoderado da fortaleza, e em vez de tentarem expelli-los, fugiram espavoridos.

Diverso, porém, fôra o effeito que tão ruidoso rebate causava no campo romano. Tito, que de nada sabia, acorda ao clangor da trombeta; corre com a flor do exercito para o logar onde julga empenhada a luta; mas, encontrando os inimigos em debandada e a fortaleza já occupada pelos seus, persegue os profugos até as portas do templo, onde se trava renhido combate, que dura dez horas, sendo então obrigados os romanos a retroceder, ficando os hebreus de posse do santuario.

A tomada da torre Antonia era grande passo dado pelos romanos, mas não bastava. A maior parte do exercito achava-se fóra da cidade; para facilitar-lhe a entrada, resolveu Tito suspender o ataque, ordenando se derrubasse porção da torre Antonia, por cuja brecha podesse entrar na cidade o grosso do seu exercito, proseguindo depois o desmoronamento da torre, para que, em nenhum caso, ella podesse mais aproveitar aos hebreus. Consumiram-se sete dias n'esta demolição, de 5 a 12 de julho, mandando-se ao mesmo tempo levantar quatro plataformas defronte do primeiro recinto do templo.

Entretanto os hebreus, sem que os romanos o suspeitassem, tentaram assaltar as tropas do monte Olivete. Custou-lhes cara, porém, a tentativa: foram repellidos com grandes perdas. Recorreram a outros desesperados alvitres, entre os quaes o de deitar fogo a duas magnificas arcadas que ligavam o templo á torre Antonia.

Assim devoraram as chammas vinte cubitos de arcaria; os romanos imitando o exemplo, incendiaram mais quatorze cubitos. Os hebreus destruiram o resto, arrebatando assim á admiração da posteridade tão precioso monumento!

Depois os hebreus que estavam nos porticos occidentaes do adro de Israel, encheram-nos de lenha secca, untada de enxofre e betume, e esconderam-se. Os

romanos illudidos com a intenção do inimigo suspenderam os trabalhos das platafórmas, e correram a assaltar aquelles porticos, sem acharem resistencia; mas, apenas os hebreus os viram dentro, accenderam o rastilho, e n'um momento eram victimas das labaredas as madeiras, os porticos e grão numero de soldados, dos quaes, uns preferiram a morrer nas chammas caír esmigalhados; outros, traspassar-se com as proprias espadas.

Os romanos, no dia immediato, a 17 de julho, incendiaram a parte septentrional do recinto exterior do templo, desde a torre Antonia até á extrema oriental, apoderando-se assim mais rapidamente do atrio de Israel. Dentro em pouco tambem caía em poder dos romanos o atrio dos Sacerdotes, não obstante as fortissimas torres do seu cordão de muralhas.

Lancemos agora ultimo olhar sobre os sitiados; e para que se possa formar idéa approximada do estado de desesperação e selvageria em que já se achavam os animos d'aquelles miseraveis, apenas relatarei um facto desnatural, horrendo, execravel, occorrido n'aquelles dias, a que já n'outra parte alludi, e que tem o testemunho dos mais fidedignos historiadores.

Ás solemnidades da Paschoa viera de alem Jordão, sua patria, Maria, opulenta, fidalga e formosa: forçada pelo assedio a demorar-se na cidade, proveu-se do necessario para manter a vida a si e a um filhinho de peito. Era inexaurivel sua munificencia para os que lhe pediam soccorros; mas os proprios beneficiados acabaram pagando-lhe a generosidade com o roubar-lhe todas as provisões e recursos. Teve a misera de alimentar-se de comidas tão vis e asquerosas, que os proprios animaes immundos as rejeitariam; mas essas mesmas vinham os sediciosos arrancar-lhe da bôcca. A tal estado de allucinação chegou, que, vendo o instante em que ella mesma e seu filho íam de inanição soltar o ultimo alento, implorou a seus roubadores que a traspassassem logo com a espada, em vez de a estarem lentamente assassinando. Vendo-os surdos a seus rogos, provocou-os, pondo-se a affronta-los com os epithetos de selvagens, ladrões e assassinos; mas tal era a perversidade dos malvados, que bastava ouvirem alguem invocar a morte como termo de angustias, para lhe conservarem a vida, e por ella a agonia.

Uma tarde, vendo seu filhinho sugar-lhe inutilmente os já vasios peitos, em vez de mover-se-lhe a compaixão, qual outra Agar, sentiu pelo contrario inflammar-se-lhe no seio uma fornalha de indignações, e tomando o filhinho nas mãos tremulas de delirio, disse-lhe em não sei que voz de furia e desespero:

«Creança, em que apuros tu te achas! Cercada de tres generos de morte, qual mais horrivel, a qual d'ellas te sujeitarei? Aos romanos, á fome, ou aos sediciosos? Deverias morrer com a tua patria; mas, quando fosses tão feliz que sobrevivesses á sua total ruina, caber-te-hia a miseranda sorte de servir romanos, castigo maior que todas as mortes! Não quero, não! escravo! não o serás. Se é preferivel fome á escravidão, ahi estão os sediciosos mais temiveis que escravidão e fome! E pois que está escripto no livro dos destinos que tens de morrer, morre antes por minhas mãos que pelas de outrem, e serve de alimento a tua mãe, de furia vingadora aos sediciosos, e caiba-te a ti seres a ultima pagina das paginas mais negras dos judeus.»

E aquella desvairada mãe aplacou o seu phrenetico delirio, dilacerando o corpo do misero filhinho, cujas carnes assadas nas brazas foram por ella tragadas em parte, e escondeu o resto! O cheiro do nefando manjar attrahiu os famintos, que

irromperam como torrente, e invadiram aquella casa de horror; e aferrando a infeliz mãe, a obrigaram com violencia a mostrar-lhes o odorifero guisado. A mulher, patenteando maxima serenidade, effeito da estupidez a que o seu crime a reduzira, responde:

«Deixem-me; não me matem! Querem comer comigo? Eu lhes faço a vontade.»

Dirige-se placidamente ao esconderijo onde depositára os restos do cadaver, e apresentando-os aos sediciosos horrorisados:

«Eis-aqui, lhes diz; era meu filho! Comi meu filho! Vamos, comam comigo! Que é isso? Que vergonha! Mais fracos do que eu! Sou mulher; sou mãe; isto é meu filho, que eu devoro: vamos; comam comigo!»

Passarei por sobre outros factos de horror, que confrangeriam o coração. Basta o que dito fica para patentear a desordem que ia nos animos, precursora natural do imminente cataclysmo.

Já não restava expugnar senão o templo propriamente, e a cidade superior. Houvera Tito preferido poupar tão augusto logar, considerado como sendo uma das maravilhas do mundo, e admiração, não só dos hebreus, mas de romanos, gregos e barbaros; mas Jesus Christo havia declarado que do templo de Jerusalem não ficaria pedra sobre pedra; e Tito, mau grado seu, tinha de ser o instrumento da divina palavra. Continuaram, pois, a trabalhar as baterias contra aquellas immoveis fortificações e aquellas massiças muralhas. N'isto, cançando-se de trabalhar com machinas, ordenou a escalada, que se realisou immediatamente, não sem grande perda dos primeiros assaltantes. Mandou deitar fogo ás portas que abriam para os porticos, no dia 8 de agosto, e por essas brechas introduziu suas tropas até o altar dos holocaustos, que era sito fóra do templo defronte de sua porta principal, parte unica d'aquelle vasto edificio ainda intacta. Convocou ahi a conselho todos os seus generaes, para ouvi-los sobre o que devesse fazer do *Sancta Sanctorum* do santuario[1]. Votou a maioria pela total destruição, opinando não ser já aquillo um logar sagrado, mas sim uma fortaleza; e que emquanto o templo existisse, nunca os hebreus seriam subjugados, porque achariam n'elle um incentivo para permanente rebellião. Oppoz-se Tito, ponderando ser aquelle templo um ornamento para o imperio romano, havendo elle aliás protestado sempre combater homens e não monumentos. Deliberou-se, pois, n'esta conformidade.

No dia 10 de agosto irromperam os hebreus furiosos contra os romanos pela porta oriental do templo. Da torre Antonia ouviu Tito os clamorosos gritos dos combatentes. Voou ao logar da acção, onde encontrou os seus recuando ante uma turba de inimigos; reanimou a sua gente, e os hebreus foram rechaçados n'esse dia, e em igual tentativa do seguinte; porque, como os romanos os houvessem repellido até o interior do templo, um soldado romano, como no anterior capitulo relatei, pôde, por uma janella do lado do norte, arremessar um tição acceso nos edificios que circumdavam o templo. Estes edificios tinham tres andares cada um, com trinta salas. O fogo propagou-se instantaneamente, de modo que n'um fechar de olhos ficou o templo envolto n'um oceano de labaredas. Parece que menor que a consternação dos hebreus não era a de Tito que, surgindo em toda a parte, concitava os soldados a só se occuparem de extinguir o incendio. Desprezando até a

[1] *Sancta Sanctorum*, na lei escripta, era no templo o logar gradeado em que, no tempo dos sacrificios, só ao Summo Sacerdote e aos seus ministros era licito entrar. Santuario era o logar mais sagrado, onde descançava a Arca, e onde só o Summo Sacerdote entrava.

propria vida, penetrou no *Sancta*, onde o fogo não era ainda chegado, e admirou as immensas riquezas alli amontoadas; penetrou depois no santuario, que já encontrou deserto e despojado de todo o esplendor.

Desejoso de salvar ao menos o interior do templo, mandou Tito que fossem castigados todos os que se recusassem a apagar o incendio. Tal era, porém, o estado de indisciplina haurida da embriaguez do sangue, que, no mesmo instante em que Tito, acabando de dar esta ordem, saía indignado pela magestosa porta oriental, um soldado seu, que lhe ía após, deitou fogo áquella mesma porta, tirando assim ao general toda a esperança de salvar o logar santo.

D'ahi em diante, em mais se não pensou que em despedaçar vasos sagrados, revolver mesas, arrancar das paredes e portas as laminas de oiro e prata.

Depois saíram os romanos por toda a cidade a matar quantos encontravam, sem distincção de sexo, idade nem condição. Os proprios, que supplices depunham as armas, eram acutilados. Confundiam-se em medonho concerto de infernal desharmonia o crepitar das chammas, os gemidos dos moribundos, o desabamento successivo do monumento, a grita dos depredadores. O povo, refugiado nos esconderijos do templo, ou se arremessava ás labaredas, ou se cravava em pontas de espadas. Tão sanguinolento espectaculo ainda mais accendia a furia dos vencedores. João e Simão abrigaram-se na cidade superior, e alguns Sacerdotes de cima de uma grande muralha, que dominava do atrio dos Sacerdotes o de Israel, contemplavam, tremulos de terror e colera, a miseranda catastrophe, que terminou ao pôr do sol do dia 10 de agosto, no proprio mez e dia em que fôra a primeira destruição do templo por mão de Nabuchodonosor!

Assim arrasado o magestoso edificio, plantaram ós quirites suas bandeiras á porta incendiada do atrio dos Sacerdotes, fizeram sacrificios aos seus deuses, e ao som de hymnos marciaes proclamaram Tito *Imperator*.

Seguiu-se a expugnação da cidade inferior, perecendo alli 8:400 populares; destruição que se estendeu á cidade superior, que foi reduzida a cinzas. Simão e João foram arrancados dos esconderijos, para, depois de seguirem em Roma o eburneo carro dos triumphadores da Judéa, acabarem, Simão, por ser degolado, e João dentro de um carcere perpetuo.

Calculam os historiadores que durante os tres mezes do assedio, pereceram dentro dos muros da cidade 1.100:000 pessoas, e no resto da Judéa mais de 300:000, sendo os prisioneiros cêrca de 100:000, os quaes foram divididos em quatro classes: os da primeira, robustos e bem apessoados, para ornar o triumpho, quando Tito houvesse regressado a Roma: mulheres e mancebos de menos de 17 annos, para serem vendidos por vil preço, valendo muitos apenas uns 30 dinheiros; exactamente a quantia por que Judas vendêra o Divino Mestre: os menos bem afigurados, ou para trabalhos publicos no Egypto, ou para os combates com os tigres e leões nos espectaculos publicos.

Diz Flavio José que Tito ordenára se não demolissem as tres famosas torres de Herodes (Phazael, Hippicus e Marianna), para que estas vastas moles attestassem á posteridade a solidez e possança da cidade, expugnada pelo valor dos romanos, mediante a visivel protecção de Deus: *Deo plane adjuvante pugnabimus.*

Tal foi a miseranda sorte de Jerusalem, tão famosa pela sua remota antiguidade, por suas ingentes riquezas, por sua robusta estructura, por sua imponente magnificencia, por sua vantajosa posição, e por sua Religião santa!

CAPITULO XXIII

AS CRUZADAS—CONCLUSÃO DO EXTRA-MUROS DE JERUSALEM

I. Os Santos Logares depois da conversão de Constantino.—II. As cruzadas. Seu impulso, e rapidas considerações geraes.—III. Narração da primeira cruzada.—IV. Fundação e termo do reino de Jerusalem.—V. Inconvenientes e vantagens das cruzadas

I

Achando-me n'este logar tão celebre, não resisto á tentação de impetrar do meu leitor a mercê de demorar-se ainda comigo algum tempo, transportando-nos a prazos remotissimos, mas que aos olhos de todos os fieis parecem ser presentes sempre, por isso que elles nos recordam epochas de crença e de fé, e sublimes feitos que tanto contribuiram para demonstrar o zêlo das gerações que foram, como para lançar as bases de uma verdadeira transformação social e politica. É a medo que eu me embrenho em narrações, que talvez não sejam do gosto dos meus leitores; mas afigura-se-me que não serão inopportunas estas recordações, quando os principaes factos occorreram no proprio solo que estamos juntos percorrendo.

Cumpre fallarmos das cruzadas, ou antes mais particularmente, da primeira, Condensarei essa immensa epopéa no menor quadro que possivel me fôr.

Fallámos da ruina de Jerusalem, e da dispersão da nação hebraica. Se o espaço no-lo permittisse, poderiamos tratar dos Santos Logares no primeiro periodo até á conversão de Constantino. Depois d'isso largos foram os successos que me estão negaceando as attenções; mas passando por sobre todos elles, chegarei ao tempo em que um arabe, excitando fanatico enthusiasmo, tentou produzir uma radical mudança religiosa e politica na Asia e no universo. Mafoma, á testa dos fanaticos filhos do deserto, fazendo da espada o emblema da sua doutrina, e promettendo um paraiso de deleites aos que vertessem o sangue para estender á força a causa, que chamava de Deus, aproveitou-se da corrupção e debilidade dos reinos do Oriente, e a meia-lua fluctuou sangrenta por vastas regiões, gravitando sempre o seu imperio sobre a Terra Santa. Desde então, do seculo VI até hoje, excepto no curto prazo das cruzadas, tem estado aquella sagrada Terra escravisada pelos torpes sectarios do propheta, e assim continuará até que um dia (esperemos seja n'este mesmo seculo) a Christandade envergonhada expulse para sempre os infieis do solo santo, que o seu dominio conspurca.

II

Foi este mesmo generoso pensamento, que já ha algumas centurias moveu o animo de almas piedosas, que emprehenderam restituir aos christãos o Sepulchro de Christo.

Varias foram certamente, segundo a diversidade dos intuitos individuaes, as causas propulsoras das cruzadas: primeira, a narração que Pedro Eremita e outros peregrinos haviam feito das horriveis vexações que os christãos soffriam na Palestina; segunda, a necessidade de fechar o ominoso cyclo das conquistas musulmanas, já ameaçadoras para toda a Europa, o que se podia conseguir, atacando o islamismo no coração; terceira, o proposito de dilatar o commercio, e de exerce-lo dirèctamente, e não por intermedio de estrangeiros que tudo subordinavam ás suas ganancias; quarta, a miseria de povos governados feudalmente, e que preferiam, embora com risco da vida, devassar estranhos horisontes, tentando fortuna longe da patria; quinta, a curiosidade de ver paizes, cujas maravilhas todos os peregrinos exaltavam; sexta, a idéa de irem em peregrinação á Terra Santa. Talvez no animo dos Principes e dos soldados mais actuassem os tres primeiros impulsos, assim como os tres ultimos mais arrastariam porventura que a heroica empreza essas legiões de populares.

Foi no seculo xi que principiou a converter-se em facto a vaga aspiração, que por toda a christandade agitava os animos. Oito foram as successivas expedições á Terra Santa desde então realisadas. A primeira nascida das prégações do missionario pontifical Pedro de Amiens, foi capitaneada por Godofredo de Bulhão.

A segunda, em que tão notavelmente figurou S. Bernardo, foi dirigida por Luiz, o Moço, meiado do seculo xii.

Pelos fins do mesmo seculo realisou-se a terceira cruzada, presidida pelos Reis de França e de Inglaterra.

Passados quatro ou cinco annos, e depois, acto continuo, verificaram-se a quarta e a quinta cruzada.

A sexta, entre os annos de 1213 a 1240, foi de todas a mais desastrosa.

Instaurou-se a setima, que decorreu do anno de 1248 a 1254.

Após aquella começou logo a ultima, em que tão grandioso papel coube a S. Luiz, Rei de França. Essa, sem ter melhorado a sorte dos christãos no Oriente, compoz-se de uma ininterrupta serie de desastres, terminando por molestias horriveis, morte do filho de Luiz IX, duque de Nevers, e do legado pontificio; perigo de vida do proprio Rei, enfraquecimento progressivo dos exercitos, insubordinações, enredos, rivalidades, desrespeitadas treguas, arrependimentos e impaciencias de regresso, partida de uma frota, que foi assaltada por uma furiosa tempestade, submergindo dezoito naus e 4:000 soldados, e todas as riquezas que os cruzados levavam comsigo.

III

Assim apontados *per summa capita* os oito successivos tentames, que nos seculos xi e xii apenas geraram resultados ephemeros, demoremo-nos um pouco

mais sobre a primeira d'essas cruzadas, a mais distincta pela iniciativa, pelo enthusiasmo, pela pureza das intenções, pela magnitude dos feitos, e até mesmo pela duração das consequencias, em proporção com todas as outras. Outro motivo ha para me deter um pouco em similhante descripção, visto como foi n'esta primeira que o principal theatro da guerra se concentrou nas paragens, que estou descrevendo.

Pedro Eremita, voltando em 1093 de sua peregrinação á Palestina, foi pela Santa Sé incumbido de percorrer Italia, Germania e França; e sua voz retumbou tanto nos paços dos Reis, como nos castellos dos fidalgos e nas cabanas dos pobres. O proprio Pontifice, presidindo um numerosissimo Concilio em Claramonte na Alvernia, decretou a grandiosa expedição; e revestido das insignias pontificaes, subiu a um throno na grande praça, d'onde exhortou os fieis a unirem-se para a libertação dos Logares Santos, e ordenou ao mesmo tempo que os que partissem, levassem insculpida no hombro esquerdo da veste uma Cruz vermelha. Apenas Urbano acabára de fallar, não se ouviu senão um grito geral: «Deus o quer! Deus o quer!»

Por toda a parte foi acolhida a allocução eloquente do Papa. Cobrem as estradas mós de cruzados, militares, fidalgos, artistas, sacerdotes, monges, etc. As mulheres acompanham maridos, paes e irmãos. Quasi um milhão de pessoas de todas as condições recebem a investidura da Cruz.

Após immensas fadigas e perigos superados na viagem, reuniram-se no dia 14 de maio na bahia de Nicéa, e desembarcaram a 20 de junho 100:000 cavalleiros e 600:000 infantes. No anno seguinte, a 3 de junho, tomaram de assalto Antiochia, e depois de conquistarem Edessa e Ptolomaida, avançaram entre o mar e o monte Carmelo. Acampavam ás bordas do lago de Cesaréa, quando uma pomba, escapando das garras de um milhafre, caiu exanime no meio do acampamento. O bispo de Apt, tomando-a nas mãos, encontrou-lhe debaixo das azas esta carta, escripta pelo Emir de Ptolomaida ao de Cesaréa; «A maldita raça dos christãos acaba de atravessar o meu territorio em caminho para o vosso; avisem-se todos os chefes musulmanos, a fim de tomarem providencias para esmagar os inimigos[1]». Foi lida esta carta no conselho dos generaes, e depois diante de todo o exercito. Ouvida a leitura, os cruzados (conforme a narração de Raymundo d'Agiles, testemunha ocular) manifestaram espanto e alegria, não duvidando já da visivel protecção de Deus. Arrebatados de enthusiasmo continuaram a marcha.

Estes magnanimos guerreiros, que tantos povos e tantos perigos haviam vencido e affrontado com a mira nos muros da Cidade Santa, reuniram-se em conselho, para deliberar se deviam primeiro ir sitiar e render o Cairo ou Damasco; porém, como já não vissem em torno de si aquella phalange de valentes com que haviam conquistado Antiochia e Nicéa, desacoroçoaram.

Não foi de longa duração o insolito desanimo; prestes o sopearam as altas aspirações que haviam feito empunhar tão nobres armas.

Emquanto o exercito christão transpunha os montes da Judéa, os musulmanos que estanceavam nas margens do Jordão, nas fronteiras da Arabia, e nos valles de Sichem, voaram á capital da Palestina, não só para a defenderem a todo o transe,

[1] Raymundo de Agiles, pag. 173 da collecção de Bongars. Esta narração de Raymundo de Agiles inspirou a Tasso a ficção do seu livro XVIII, em que descreve um pombo que dirigindo-se para Solima, é perseguido por um milhafre, que o força a caír nos joelhos de Godofredo.

como para buscarem n'ella o asylo, de que suas familias e rebanhos precisavam. Em sua tempestuosa passagem, foram os christãos do paiz carregados de ferros e ultrajes; os oratorios e egrejas, roubados e incendiados. Apresentavam as cercanias de Jerusalem o espectaculo da desolação: campos e cidades estremeciam com o bellico alvoroto!

Chegando os cruzados a Emaús (cidade forte no tempo dos Machabeus, mas depois aldeota conhecida sob o nome de Nicopolis) alguns christãos de Belem correram a implorar-lhes soccorro. Commovido Tancredo, partiu na calada da noite, com 300 guerreiros, e no dia immediato hasteou nas torres de Belem a bandeira dos cruzados.

Deu-se, n'essa mesma noite, um total eclipse, patenteando-se depois a lua côr de sangue. Alguns dos cruzados aproveitaram a circumstancia, para infundir novo ardor nos companheiros, dizendo-lhes, que um eclipse do sol poderia ser funesto aos christãos, mas da lua, não; pois ao contrario annunciava a destruição do crescente.

No correr d'essa noite memoravel ninguem dormiu no exercito christão; nunca se esperou o dia com mais impaciencia! Apenas o arrebol matutino começou a dourar o horisonte, muitos peregrinos, desenrolando as bandeiras e affrontando todos os perigos, correram até ás portas da cidade, e voltaram sem detença jubilosos, alardeando a sua audacia e ventura. O geral enthusiasmo crescia de ponto. Ao saír do sol, todo o exercito, bandeiras desfraldadas, se poz em movimento, e de improviso surgiu a cidade aos olhos dos soldados da Cruz, formados em ordem de batalha. Os primeiros que chegaram á collina de Specula e avistaram a cidade, proromperam em uma só voz: «Jerusalem! Jerusalem! Deus o quer!» Este grito de alvoroço é repetido por 70:000 bôccas, cujos eccos vão reboar nos montes Sião e das Oliveiras! Todos os cruzados picam a marcha; o piedoso delirio que os transporta, os faz esquecer que o inimigo está na frente. Apeiam-se os cavalleiros, descalçam-se e marcham; ajoelham, olhos fitos ora no ceu, ora nos muros da cidade santa: outros, estendendo-se por terra, beijam-na reverentes. Em tão grande exaltação de alegrias, de aspirações, de arrependimentos, de lastimas, renovam todos o juramento de libertar o Sacrosanto Sepulchro. Ao approximarem-se os cruzados, mandou o emir de Jerusalem entupir umas cisternas, e envenenar outras, derrubando em extensa area quanto podesse servir á subsistencia ou aos commodos dos christãos. Havia recolhido provisões para resistir a longo assedio. Todas as providencias foram tomadas para tenaz defeza dos ameaçados muros.

Na noite anterior á chegada do exercito fizeram os sarracenos uma sortida, com o intuito de o baterem em campo raso. Balduino de Burgos com seus cavalleiros correu a recebe-los, lança em riste. Travada a escaramuça, teria sido forçado a ceder á superioridade do numero, se Tancredo o não houvesse promptamente soccorrido pelo lado de Belem. Depois de ter acossado o inimigo até ás portas da cidade, o heroe normando deixou seus companheiros, e sósinho se dirigiu ao monte Olivete, de cuja eminencia contemplou a gosto o sacro solo almejado pela devoção dos peregrinos. Cinco musulmanos que da cidade o avistaram, correram com o proposito de interromper sua piedosa contemplação[1]. Tancredo não fugiu ao

[1] Este facto que Tasso reveste de algumas ficções, é referido pelo chronista Raoul de Caen, *Gesta Tancredi,* cap. 112.

O mesmo historiador acrescenta que Tancredo encontrou no Olivete um eremita nascido na

combate; tres lhe caíram aos golpes, e os outros dois retrocederam espavoridos da sobrehumana heroicidade. Volta Tancredo ao acampamento; tal enthusiasmo causou sua presença aos cruzados, que muitos avançaram espontaneamente para a Cidade Santa, cantando as palavras de Isaias:

«Ergue Jerusalem, ergue teus olhos, e vê o libertador que vem quebrar-te os ferros.»

Logo na manhã do dia em que chegaram, emprehenderam os cruzados o cerco da cidade. O duque de Normandia, o conde de Flandres, Tancredo, acamparam ao norte, desde a porta de Herodes até á de Santo Estevão. Perto dos flamengos, normandos e italianos acamparam os inglezes commandados por Edgard Adeling, e os bretões pelo seu duque Alain Tergent, senhor do castello Giron, visconde de Dinan. Godofredo, Eustaquio, Balduino, estabeleceram quarteis entre o occidente e o norte, em torno do recinto do Calvario, desde a porta de Damasco até á de Jaffa. O conde de Tolosa armou suas barracas á direita de Godofredo, entre o sul e o occidente, tendo junto de si Raimbaud de Orange, Guilherme de Montpellier e Gastão de Bearn. Estenderam-se primeiramente tropas pelo declive do monte Sião, e poucos dias depois levantaram-se arraiaes no cume do monte, no proprio logar onde Jesus Christo havia celebrado a Paschoa com seus discipulos no Cenaculo.

Occupadas estas posições, os chefes do exercito christão deixavam indefezos os lados da cidade, naturalmente defendidos ao sul e oriente pelos valles de Gihon, Siloé e Josaphat[1].

Ao signal do ataque o exercito christão marchou em boa ordem contra os baluartes. Aquelle mesmo campo que 1128 annos antes servíra de arraial aos romanos, era agora talado pelas hostes da Cruz. Alli se via o valoroso Tancredo, o duque de Normandia e o conde de Flandres, estendendo suas linhas da porta de Herodes á de Santo Estevão; inglezes e bretões estanceavam á porta de Damasco; e d'esta se prolongavam até á de Jaffa os soldados dos irmãos Godofredo e Eustaquio e de seu primo Balduino. Avançaram os christãos em fileiras cerradas, cobrindo as cabeças com os broqueis, formando testudos e pavezadas, e approximando-se das muralhas, que se afanavam por desmoronar a golpes de picaretas e martellos. Innumeraveis multidões de sarracenos de cima dos muros arremessavam por sobre esta abobada ambulante azeite e betume fervendo, grossas traves, tochas accesas, enormes seixos e outros projectis, no louco empenho de baldar as operações demolidoras dos cruzados.

Emquanto os mais valentes assim se esforçavam, via-se outra parte do exercito atacando o inimigo commum, e empregando contra elle hastas, sarissas, lanças, fundas, pilos, béstas, etc., porquanto os sagittarios, besteiros, fundibularios e restantes tropas não cessavam de vibrar sobre elle um graniso de cantos, frechas e outros instrumentos de morte, a fim de os compellirem a desamparar os muros: mas a este esforço supremo correspondia suprema resistencia, e as pedras e as traves dos cruzados, zunindo, chocavam-se nos ares com as dos inimigos es-

Sicilia, e que tinha Roberto Guiscard como inimigo de seu paiz. O eremita acolheu com respeito o heroe italiano, e mostrou-lhe em torno de Jerusalem os logares mais reverenciados dos peregrinos.

[1] Comparando o assedio de Jerusalem pelos cruzados com o dos romanos, vê-se que os quarteis de Godofredo eram no mesmo logar que os de Tito, quando dirigiu os primeiros ataques contra a cidade.

trepitosamente. E no emtanto os leões christãos ao sopé dos muros, sem descanço, e indifferentes aos tiros, continuavam praticando profundas brechas nas muralhas.

Conseguindo desmoronar o primeiro cordão do muro, o segundo lhes deparou invencivel obstaculo. Para galgar a sua altura não havia senão uma escada, cujos degraus cada um disputava subir primeiro[1]. Os que venceram na porfia, a custo vingaram o cume da muralha, onde lutaram com os sarracenos arca por arca! Teriam sem duvida os cruzados talado a cidade n'esse mesmo dia, se lhes não houvessem faltado os instrumentos e machinas; e pois, assoberbados do numero e desamparados de todo o soccorro possivel de seus companheiros, acharam morte gloriosa no topo dos muros tão denodadamente transpostos.

Voltaram os christãos aos acampamentos, deplorando a sua imprudencia e credulidade. Com effeito, é certo que desde os primeiros dias do assedio um solitario do monte Olivete instava com os cruzados, para que apressassem o assalto geral, assegurando-lhes infallivel victoria em nome de Jesus Christo, de quem se dizia interprete. Sem escadas, nem machinas de guerra, confiaram os cruzados nas promessas do eremita, julgando que as suas espadas e audacias bastariam para derrocar os baluartes dos sarracenos.

Ensinou-lhes este primeiro revez que não deviam contar com prodigios, que Deus lhes não promettêra, e que precisavam meios materiaes; mas para construcção de machinas faltava madeira, visto como nos arredores de Jerusalem não havia senão areia e pedra. Um dos grupos de exploradores descobriu por acaso ao longe, no fundo de uma caverna, grossas vigas de carvalho, que para logo transportaram ao campo. Casas e até egrejas demoliram para applicarem os lenhos á construcção das machinas.

Entretanto os trabalhos do assedio não correspondiam á impaciencia dos cruzados, e não podiam prevenir os males que ameaçavam o exercito. Os grandes calores começavam no momento da chegada a Jerusalem. Os ardores do sol, os rolos de poeira impellidos do deserto pelo sudoeste, convertiam a atmosphera n'um oceano de fogo. Nem de torrentes, nem de cisternas, nem do minimo veio de agua dispunham. A fonte de Siloé, que fluia intermittente, não bastava para saciar os pere grinos. Era a sêde com todos os seus horrores. Se acontecia descobrir-se alguma fonte ou cisterna, a ella se precipitavam todos com tal gana, que não raro disputavam com as armas algumas gotas de agua lodosa!

Os cavallos, extenuados pela fome e pela sêde, jaziam anhelantes; nem já se agitavam ao tintim das espadas, ou ao soido das trombetas, quanto mais conduzir os cavalleiros ao combate! As bestas de bagagem, abandonadas á discrição, pereciam miseravelmente, e seus cadaveres delidos pela mais rapida putrefacção impestavam os ares.

Tornavam-se cada dia mais criticas as circumstancias, mais ardentes os vapores do sul. Era geral o desespero, mas os mais fervorosos não arrefeciam em seu enthusiasmo; e não desejando senão a morte, precipitavam-se algumas vezes sobre as muralhas, para beijarem com transporte aquellas pedras insensiveis, exclamando com voz entrecortada de soluços: «Ó Jerusalem! recebe os nossos ultimos

[1] Segundo Raoul de Caen, Tancredo foi o primeiro que se precipitou sobre a escada; mas nobres e soldados lhe atalharam o ardimento. Succedeu-lhe no impeto um mancebo (Rembaud Croton) que depois de subir a escada, teve de a descer cravado de feridas.

suspiros! Cáiam sobre nós tuas muralhas, e cubra os nossos ossos o pó sacrosanto que te cinge!

Tão oppressora era a calamidade da sêde, que fazia esquecer a penuria dos viveres. Todas as miserias se haviam reunido para acabrunhar os cruzados. Se os sarracenos tivessem atacado então, facil triumpho teriam obtido; mas o Oriente não havia olvidado as victorias dos soldados da Cruz, a quem em tamanho aperto essa recordação reanimava.

De repente exultaram com a noticia de haver chegado ao porto de Jaffa uma frota genoveza, carregada de munições e viveres. Para logo um corpo de trezentos homens parte ao encontro do comboi; na vizinhança de Lydda bate e dispersa um troço de serracenos, e entra em Jaffa, que acha deserta. A frota genoveza havia sido accommettida e incendiada pela dos infieis; mas a esse tempo já os genovezes haviam desembarcado as provisões e instrumentos bellicos, que transportaram ao campo christão em Jerusalem.

Mandaram os cruzados procurar madeiras na Samaria e Gabaon, e descobriram uma floresta, de que falla o Tasso, que se estendia desde as eminencias de Naplousa até á torrente de Lydda e á planicie de Assur. Não offerecia esta floresta o aspecto mysterioso pintado pelo poeta italiano. N'ella penetraram os cruzados sem obstaculo; nem pavor. Os carvalhos, aliás mediocres, que ahi encontraram, não foram defendidos do machado por encantos de nenhuma Ismene, nem por armas de sarracenos; foram simplesmente carregados para o campo christão. Preparadas as madeiras, metteu-se mão á obra, em que tomaram parte cavalleiros e barões. Emquanto construiam arietes, catapultas e galerias cobertas, outros iam beber agua na fonte de Elpiro, caminho de Damasco, na fonte dos Apostolos, junto de Emaús, ou n'um regato que serpenteava no deserto de S. João. Outros preparavam as pelles das bestas mortas de sêde, para cobrirem as machinas; outros, para formarem palissadas e fachinas, percorriam as planicies e montanhas, colhendo ramos de figueira, de oliveira, de rhamno e outros arbustos.

Activavam-se os preparativos do assalto; levantavam-se cada dia novas machinas em frente dos baluartes sarracenos, sob a direcção do déstro e denodado Gastão de Bearn. Notavam-se entre as machinas volantes tres enormes torres mais altas que os muros, de singular estructura, cada uma das quaes tinha tres pavimentos: o primeiro destinado aos operarios que dirigiam os movimentos da machina, os outros dois aos militantes. Havia no alto uma ponte levadiça destinada a, no momento dado, ser estendida sobre o baluarte, dando passagem até á praça

Dispunham os cercadores de outros não menos poderosos instrumentos: o enthusiasmo religioso, as instigações do clero, a perenne exhortação á penitencia e á concordia. Os christãos dirigiram suas preces ao Senhor dos exercitos, segundo o rito de cada um; impetraram em procissão o favor divino; os mahometanos, zombando das ceremonias dos cruzados, arvoravam sobre suas muralhas numerosas cruzes, em que cuspiam.

Assim redobra o fervor dos valentes. Colloca-se Godofredo diante da porta de Santo Estevão, perto do valle onde acampára Tito ao penetrarem seus soldados nas galerias do templo. As machinas construidas pelo duque de Lorena foram com immensas difficuldades transportadas para a frente dos muros, que elle ia atacar. Tancredo e os dois Robertos pozeram as suas entre a porta de Damasco e a torre Angular, depois denominada torre de Tancredo.

Quando, ao alvorecer, os sarracenos viram os ameaçadores trabalhos novos dos cruzados, ficaram apavorados. Bem poderam os cavalleiros da Cruz saccar grande partido do assombro que infundiam, se o escarpado do terreno se lhes não oppozesse a encostarem as machinas ás muralhas. Urgia tambem entupir uma quebrada ao lado do sul; operação que foi feita em tres dias, após os quaes se determinou o assalto por todos os lados,

Memoravel foi o dia 14 de julho de 1099! Já na madrugada d'elle retiniam os clarins nos arraiaes christãos. Recordar as façanhas n'essa jornada operadas por Godofredo e seu irmão Eustaquio, por Balduino, Raymundo, Tancredo, o duque da Normandia, o conde de Flandres, e outros intrepidos cavalleiros e homens de armas, seria para minha penna um agradavel emprego; mas não me é licito ultrapassar aqui certo limite de generalidade. Só direi que os feitos estupendos se multiplicaram, dando-se por toda a parte obstinada resistencia; que os sarracenos em uma sortida incendiaram machinas dos sitiantes, derramando assim a desordem no campo christão; que já tinham desabado as torres de Raymundo, e ficado immoveis as de Godofredo e Tancredo; que só a noite separou os combatentes; que os christãos voltaram aos seus arraiaes, frementes de raiva.

Passaram os sitiados a noite reparando as brechas, os sitiantes collocando novas machinas. Trouxe o dia seguinte iguaes combates e perigos; igual indecisão da victoria.

Ás allocuções dos chefes acresciam as exhortações dos bispos e padres; e emquanto o exercito christão avança para as muralhas, o clero, em procissão, desfila á roda da cidade.

Impetuoso foi o primeiro recontro. Mutuamente se arremessavam outra vez pedras e traves, que nos ares se abalroavam. Tochas e panellas de fogo eram atiradas do alto dos muros. O avançar das fortalezas de madeira era por sobre chammas de todos os lados.

No ardor do combate, dizem alguns historiadores que appareceram dois magicos, conjurando os elementos e poderes infernaes contra os christãos, que immediatamente os traspassaram de settas.

Metade do dia havia durado a peleja sem exito, tendo-se inutilisado mil prodigios de valor. Os sarracenos, reconhecendo certo desanimo nos sitiantes, redobraram de furia, blasphemando gritos ferozes, e exprobrando aos christãos adorarem um Deus que os não sabia defender.

N'isto (dizem Guilherme de Tyro e outros) surgira de improviso no cume do Olivete um colossal cavalleiro, agitando um broquel, e ordenando a entrada na cidade.

Os primeiros que o avistaram foram Godofredo e Raymundo, que n'elle reconheceram S. Jorge. D'esse momento em diante já o tumultuar do combate não admitte reflexão, nem exame; pois a presença do cavalleiro celeste de novo ardor inflamma os sitiantes: mulheres, creanças, enfermos, com agua, viveres, armas e outros soccorros ajudam os soldados, e approximam das muralhas novas torres, terror dos sarracenos. Debaixo da mais nutrida e tremenda descarga de pedras, dardos, fachos, continúa sempre impavida a avançar para os muros a torre de Godofredo, que sobre elles deixa cair a sua ponte levadiça. Dardos inflammados voam contra as machinas dos sitiados, e os saccos de palha e balotes de lã, que cobriam as ultimas muralhas: as chammas de tudo isso prorompem até os aposentos

dos infieis, que recuam tanto ante os turbilhões de fogo e fumo, como ante as pontas das lanças e espadas[1].

Assim penetrou Godofredo, seguido de uma pleiade de heroes e do exercito, nas ruas da cidade. Sem demora o imitou Tancredo com os seus, e em poucos minutos estremece Jerusalem com o grito de victoria: «Deus o quer! Deus o quer!».

No coração da cidade ouviam-se clamores e estrepitos de armas. Era ainda impotente a resistencia dos sarracenos, que finalmente expulsos do baluarte se foram refugiar em Sião. Desesperados, porém, carregam novamente sobre os christãos, que se haviam espalhado á procura de despojos; mas após uma breve hesitação novamente debandaram, e desde então não tiveram os cruzados mais com quem combater.

Registou a historia que os christãos entraram em Jerusalem n'uma sexta feira, ás tres horas da tarde; fôra tambem n'uma sexta feira, ás tres horas da tarde, que Jesus expirára no alto da Cruz.

Cumpre, porém, confessar que os christãos se não inspiraram nos sentimentos de misericordia, de que havia dado o exemplo o Divino Martyr, perdoando a seus inimigos.

Godofredo, o pio, que se abstivera da carnagem, acompanhado sómente de tres servos desarmados, dirigiu-se de pés descalços á egreja do Santo Sepulchro; e tornado notorio este acto de devoção, acalmaram-se logo furores e vinganças: todos os guerreiros, despindo as armaduras ensanguentadas, marcharam guiados pelo clero, de cabeças descobertas e pés nús, para o mesmo templo. Era quasi noite quando a solemne procissão ajoelhava no Calvario, onde após largo silencio bispos e padres entoavam os Psalmos Penitenciaes, concluindo com estrophes de Isaias.

Dizem que tão viva e terna foi a devoção ahi geralmente manifestada, que esses homens, que após uma luta cruenta e encarniçada acabavam de tomar de assalto uma cidade, pareciam saír de um retiro espiritual, ou da mais elevada contemplação dos mysterios santos.

IV

Terminada a obra da conquista, trataram os cruzados de restabelecer o throno de David e de Salomão, e de exaltar ao solio um Rei que mantivesse a posse de Jerusalem. Mostrando todos os chefes a maior abnegação, recaíu finalmente a eleição, após muitas recusas, no valente e sympathico Godofredo. Foi este conduzido em triumpho á egreja do Santo Sepulchro, onde jurou observar as leis da honra e da justiça; simplificou o ceremonial da regia investidura; recusou pôr na cabeça o diadema na mesma cidade onde de espinhos haviam coroado o Salvador, e contentou-se com o modesto titulo de «Defensor e Barão do Santo Sepulchro».

O novo soberano recebia juntamente com os esplendores da realeza os pesados encargos do officio magestatico. Mal se sentava no throno, o dever o chamou a desembainhar a espada, e pôr-se á frente dos seus guerreiros, para resistir ao impeto do soldão do Egypto, que avançava sobre Jerusalem com poderosa armada.

[1] Diz Matheus d'Edessa que Godofredo empunhava n'esse assalto a propria espada de Vespasiano, que serviu assim pela terceira vez para a destruição de Jerusalem. Talvez que o autor falle metaphoricamente.

No dia 15 de agosto os dois exercitos se acharam face a face. Os cruzados romperam o combate, e dentro em horas de horrenda peleja pozeram em disparada fuga os inimigos. Immenso foi o despojo encontrado no campo sarraceno; porém com essa victoria começou a obumbrar-se a estrella das conquistas dos cruzados; porque estes ensoberbecidos com o pingue despojo, e desejosos de gosa-lo em seus patrios lares, levantaram a grita do regresso á Europa; e a despeito de todas as instancias de Godofredo de Bulhão, soldados e chefes se pozeram em marcha. Entretanto não desanimou de todo o valente Rei de Jerusalem. Com um troço de guerreiros fieis logrou apoderar-se de Tiberiades e de uma parte da Galiléa; mas para logo reconheceu ser-lhe impossivel proseguir em novas conquistas: limitou-se a ir conservando a posse de Jerusalem.

Foi Godofredo o primeiro de uma successão de Reis, que durante oitenta e oito annos dominaram Jerusalem com alternativas varias; digressão esta que, por longa, não cabe no meu plano desenvolver.

Poucas palavras acrescentarei.

O reino de Jerusalem, fundado em 1099, compunha-se da Palestina, e eram seus feudos o principado de Tiberiades, e os condados de Tripoli e Edessa. Finalmente chegou o nefasto anno de 1187, em que, na desastrosa jornada de Hittin ou de Tiberiades, o reino de Jerusalem foi quasi todo conquistado pelos infieis, e a propria cidade caiu em poder de Saladino. N'esse dia infausto não quiz o Redemptor que a sua mais que todas santa reliquia operasse os prodigios, que em tantas outras batalhas se lhe tinham já devido [1]. Vêdes vós em nossas velhas chronicas profanas o alferes mór levando no exercito a bandeira real, e não podendo desfralda-la sem ordem do Rei, e estendendo-a no momento dado, a cujo aspecto os outros alferes haviam de soltar tambem as suas? Tal se ostentava n'esse dia o bispo de Ptolemaida, alferes do sacrosanto Vexillo. Perante todas as fileiras voava o martyr, até que no mais renhido da batalha uma frecha o derrubou morto. Reergueu a Cruz santa o bispo de Lydda; mas dentro em poucos momentos caia elle prisioneiro, assim como o Rei Guido de Lusignan. Eis como um autor musulmano refere esta catastrophe:

«Diante do Rei iam hasteando a grande Cruz, e muitos se fizeram matar á roda d'ella. Quando estava erguida, os christãos curvavam o joelho e inclinavam a cabeça. Dizem elles que é o proprio madeiro d'onde pendeu o Deus que adoram. Tinham-no adornado de oiro fino e brilhantes; saiam com elle nos dias de grandes solemnidades, e quando os seus Sacerdotes o mostravam ao povo, todos se inclinavam reverentes. Tinham como primeiro dever defende-la. Mais dôr lhes causou a tomada d'esta Cruz que o captiveiro do seu Rei: foi perda de que nunca se poderam consolar!»

Quando o bispo de Salisbury visitou a cidade santa, em nome do Rei Ricardo, Saladino lhe mostrou a vera Cruz. Contam historiadores arabes que francos e gregos a quizeram resgatar, e que Saladino lhes respondêra que debalde havia já o Rei dos georgios offerecido por ella duzentas mil peças de oiro. Só quando trinta e dois annos depois S. Luiz tomou Damietta, é que a Cruz foi restituida aos christãos, sendo depois subdividida em numerosissimos fragmentos.

[1] Não era certamente a Cruz inteira d'onde pendeu o Salvador, mas sim um grande fragmento d'ella, que dentro de outra se achava embutido.

Guido de Lusignan, antigo conde de Jaffa e de Ascalona, casado com Sybilla, filha de Amaury I, foi pois o ultimo Rei effectivo de Jerusalem. O seu vencedor obrigou o prisioneiro a renunciar ao titulo regio; mas, quando este obteve a liberdade, tornou a usar o seu vão titulo, cedendo-o cinco annos depois a Ricardo de Inglaterra, que em troca lhe deu o reino de Chypre.

As terceira, quarta e quinta cruzadas nada mudaram d'este estado de cousas, e Jerusalem só teve Reis nominaes; até que em 1229 o Imperador de Allemanha, Frederico II, autor da sexta cruzada, occupou Jerusalem e fez que Al-Kamel lhe cedesse quasi todo o antigo reino; mas dez annos depois Jerusalem foi retomada pelos infieis, e os mamelucos em 1291 acabaram de conquistar o que d'este reino ainda restava aos francos.

V

Não me parece, porém, descabido aproveitar a opportunidade para tocar um ponto grave, que se liga com o grande acontecimento das cruzadas.

Muitos as estigmatisam, como inspiradas por um zêlo mal entendido da Religião, tendo custado ao mundo mais de dois milhões de homens, e dado logar a muitos actos vergonhosos para a especie humana, tendo vasado immensas riquezas européas nas regiões asiaticas, e só servido para locupletar o clero secular, empobrecer a fidalguia, e ampliar o poder dos Papas. Creio que não serei acoimado de parcial, fundindo assim n'estas energicas theses as accusações contra as cruzadas; mas serão ellas fundadas?

Se dois milhões de homens se transportaram para o Oriente, eram geralmente servos do regimen tyrannico e feudal, que assim se iam aventurar para melhorar de sorte, como em realidade melhoraram muitos. Se para a Asia foram transportadas immensas riquezas, muito mais consideraveis se fizeram entrar da Asia na Europa, sendo estas expedições que ensinaram o segredo de acquisições tão valiosas. Se o clero pôde alcançar vantagem, foi resgatando os haveres que lhe haviam sido arrancados, e voltando á posse do que legitimamente lhe pertencia. Se a fidalguia perdeu algum tanto do seu poderio e opulencia, perdeu não menos o habito da prepotencia e certa orgulhosa autonomia. Se, finalmente, se avantajou o poder dos Papas, foi para ser empregado em combater a influencia musulmana, inimiga natural da civilisação do mundo.

E a tantos inconvenientes duvidosos que de vantagens evidentes se não contrapozeram?

Ponhamos de lado, por um momento, o zêlo christão e as considerações religiosas, o que tudo é de tão alta importancia, que não pódem lançar-se em concha de balança onde se pesem interesses moraes e materiaes. Venhamos a todas estas considerações profanissimas. Encaremos as cruzadas pelos seus motivos humanos e por suas consequencias, em relação á sua epocha.

Não poucos terão sido movidos da nobre paixão da gloria das armas, ou terão tido em mira estabelecer uma diversão, ou pôr termo a turbulencias intestinas e a guerras civis, que todos os dias se renovavam; e assim essas expedições foram apagar na Asia os furores de zêlo, ambição, rivalidade e fanatismo, que circulavam em todas as veias e arterias das sociedades européas.

Foram estas expedições que reconquistaram, com o commercio e com a industria, muito avantajadamente a população que haviam perdido; foram ellas que

contribuiram para dispôr os animos a commettimentos do mais arrojado alcance; pois foi naturalmente ao impulso então dado aos espiritos que se deveram grandiosas tentativas ulteriores de certa analogia, taes como o descobrimento da America e a navegação das Indias. Nós mesmos, que descendemos da nação que, depois de Roma, offerece as mais douradas paginas da historia moderna, vemos prenderem-se as primitivas origens da nossa nacionalidade, e talvez os seus desenvolvimentos, com a grandiosa instituição dos cruzados. D. Affonso Henriques deveu-lhes em grande parte a conquista de Lisboa do poder dos sarracenos. Muitos heroes entre os nossos avós, depois de haverem combatido o islamismo nos campos da Lusitania, foram depois, na Terra Santa, coadjuvar a grande empreza que os cruzados se impozeram. Foi aquelle mesmo espirito aventureiro que se desenvolveu nos primeiros seculos da monarchia nas conquistas proximas, e depois nos assombrosos descobrimentos, que levaram as quinas victoriosas ás cinco partes do mundo.

Nas outras terras os grandes vassallos, empobrecidos com as cruzadas, tornaram-se menos turbulentos, menos dispostos a rebellar-se; e o poder monarchico se restabeleceu em bases mais solidas.

Os grandes, que precisavam dinheiro para transporem os mares, foram os primeiros que libertaram seus servos; e assim deveu a Europa ás cruzadas as bases que ora prevalecem dos principios de liberdade e igualdade.

Então se pensou em estabelecer manufacturas; povoaram-se as cidades, alargando-se as suas raias; abriram-se grandes fontes de riquezas; levantaram-se monumentos de sciencias e artes, que ainda excitam admiração. Foi tambem n'esse tempo que a Europa começou a encher-se de hospitaes.

Certo é que parte do patrimonio dos fidalgos passou para mãos de ecclesiasticos; mas estes faziam menos sombra á autoridade soberana do que os vassallos turbulentos. Muitas vezes os monarchas, feridos em seus direitos pelos potentados rebeldes, invocavam o apoio dos bispos, e estes punham á sua disposição os seus diocesanos. Os Reis, por sua parte, protegiam tambem as municipalides contra as violencias dos fidalgos, e augmentavam o poder do clero, mesmo em beneficio dos estados.

Parece, pois, inexacto terem sido as cruzadas infestas á Religião e á sociedade. Se produziram males passageiros, causaram bens duradouros. Contribuiram poderosamente para dissipar as trevas da ignorancia, ampliar o commercio maritimo, restabelecer as sciencias no occidente, e dar á sociedade geral impulso.

Nem mais uma palavra. Arranco-me ás mil considerações que me estão desafiando a attenção. Assás, e talvez demasiado, me demorei n'estes assumptos. Quem, como eu, pisou o solo por tão vastos successos celebrisado, não podia deixar de supplicar a quem o acompanha, que repassasse pela memoria factos estrondosos, e que tão intimamente se ligam com os progressos da sociedade em que vivemos.

Outros acontecimentos poderiam ainda ser aqui descriptos; mas eu não intento dar uma historia de Jerusalem, e por isso me limito a narrar o que vi, o que a tradição refere ácerca d'aquelles logares, e finalmente, a summa dos grandes factos que n'elles occorreram.

Dou por findo o meu passeio extra-muros de Jerusalem, e convido o meu leitor a acompanhar-me na direcção da cidade.

CAPITULO XXIV

CONVENTO DE S. SALVADOR

I. O convento de S. Salvador. Descripção do edificio. Sua historia. Beneficios derramados pelos religiosos respectivos.—II. A egreja.—III. Occorrencias varias. A hospitalidade franciscana.—IV. A casa nova.

I

Porque não tenho de voltar á descripção d'estes logares, é esta a occasião de fallar dos nossos bons hospedeiros e do notavel convento de S. Salvador, sito exactamente na região que estamos percorrendo, ao norte da antiga muralha, ultima de Jerusalem, proximo do logar onde se suppõe que era Gareb, de que falla Jeremias, e tambem não longe do Calvario. É esta a direcção que tomámos, apenas penetrámos em Jerusalem; pois nos dirigimos, em companhia do illustre vigario geral que foi ao nosso encontro, ao magnifico palacio patriarchal, proximo ao referido convento.

E antes de ir mais longe, direi que os latinos teem em Jerusalem o seu patriarcha (que então era Monsenhor Valergas, que se achava no Concilio em Roma, e hoje fallecido). Teem tambem um bispo auxiliar e alguns clerigos seculares addictos á curia diocesana. O padre custodio da Terra Santa reside no convento de S. Salvador. A custodia e officiatura dos santuarios, a cura de almas, as escolas e a assistencia dos peregrinos, tudo isso está confiado aos franciscanos.

Aproveito a occasião para acrescentar que os latinos teem igualmente um hospital publico dirigido pelas irmãs de S. José da Apparição, as quaes tambem superintendem as escolas feminis e um pequeno orphanothrophio para meninas.

Venhamos já á descripção que n'este capitulo me proponho. A feia entrada do convento parece a de um carcere: uma robusta porta ferrea, uma escura abobada, uma escada sem luz, tudo isso faz lembrar o penetral de um ergastulo; mas, apenas se dão alguns passos mais, varia o aspecto, não porque se distinga por elegancia ou ordem, mas sim pela variedade e multiplicidade das officinas, que atordoam a attenção e os ouvidos. Visitar este convento é como que entrar n'um arsenal, n'um quarteirão de artifices, ou antes n'um porto internacional, n'uma Babel, onde se cruzam os idiomas italiano, hespanhol, allemão, slavo, hungaro, polaco ou macter; visto que de individuos de todas essas patrias se compõe a confraria dos religiosos da Terra Santa. Não são sómente estas linguas que se fallam no convento de S. Salvador, onde a todos os instantes se encontra quem discorra em francez,

18

quem falle o inglez, quem entenda o russo, quem arremede o grego, quem tartamudeie o turco, e quem discuta com os arabes no proprio idioma d'estes.

Existem no mosteiro tantas officinas, quantas são as artes e as profissões que se exercitam em cidade secundaria. Ferreiros, marceneiros, sapateiros, alfaiates, etc., cada um occupa a sua respectiva officina. Aqui um moinho, alli um forno, ao lado uma typographia, em seguida escolas, adiante fabrica de vélas. Volve-se a vista para outros lados, e encontra-se a botica, a enfermaria e o deposito de mercadorias, e principalmente de immensas provisões. Segue-se o armazem dos objectos de devoção: cruzes e crucifixos, corôas, retabulos de madreperola, rosarios. Ha tambem despachantes, que recebem e expedem para os outros conventos da missão os subsidios de que essses conventos carecem. Quem vem de alhures, e vê todas estas cousas, quasi descrê do testemunho dos proprios olhos, e mal se persuade que se acha em um convento, onde de ordinario tudo é silencio, solidão, estudo, prece! Nem se julgue que algum d'esses deveres seja descurado em S. Salvador: tudo está tão regulado e os officios tão bem distribuidos, que attende cada um ao proprio trabalho, e com tanta pontualidade que dirieis ver moverem-se as rodas de complicada machina, sem a menor confusão.

E não obstante a vastidão de um edificio, onde tantas e tão diversas profissões se exercem, e tantas e tão diversas funcções se desempenham, não ha ahi um só dos primores e elegancias de architectura dos conventos da Europa, porque foi construido a trechos. Aqui se topa um buraco, alli outro; aqui o pavimento se eleva, alli se abaixa; aqui se divisa um dormitorio direito, alli outro torto; de modo que parece a quem entra n'esta babylonia, achar-se n'um labyrintho, sem saber por onde entrou, ou passou, ou ha de ir ao jardim, ao pateo, ás officinas, ou a qualquer outra parte do edificio.

Mas o enleio dos primeiros momentos é compensado pelo largo e desafogado respiro ao subir á sotéa do convento, terrado sobre o tecto, tão commum no oriente. D'esta eminencia abrange a vista montes, valles, planicies, egrejas, santuarios, sepulchros e todos aquelles logares celebres do interior e do exterior da Cidade Santa. Nem são estas as unicas delicias, que de sobre aquelles eirados se gosam; outras ha incomparavelmente maiores; são as indulgencias parciaes ou plenarias que se podem lucrar com o só avistar de longe os referidos logares, mediante um Padre Nosso e uma Ave Maria; singularissima graça concedida por Clemente XIII só por quinze annos, mas que Pio VI perpetuou. Prova isto a difficuldade que n'aquelles tempos encontravam os christãos de visitar todos os santuarios de Jerusalem, interdictos pelos musulmanos.

Um convento, pois, tão rico de bens espirituaes e tão caritativo para com quantos lhe batem á porta, sem distincção de crenças, nem categorias, merece que lhe saibamos a historia.

Pertenceu elle antigamente aos monges georgianos scismaticos, que o chamavam convento da Columna. Perguntando eu o motivo d'esta designação ao respeitavel Frei Daniel, disse-me elle que, haverá uns trinta annos, um nonagenario lhe dissera ter ainda visto uma columna inteira de granito acinzentado, tombada em terra, no logar onde hoje está a escola arabe dos meninos, mas em sitio que os religiosos depois fecharam por duas portas. Esta columna suppõe-se haver depois sido transportada para o serralho do governador civil, que fica sito na rua da Amargura, no logar da segunda quéda de Jesus Christo.

Eram estes monges poderosissimos n'aquelles tempos em Jerusalem, onde possuiam muitas casas e influencia. Os franciscanos só tinham a guarda dos santuarios, e com isto se contentavam; mas expellidos do Santo Cenaculo, em 1551, os pobres velhos, não achando outro abrigo, foram lamentar suas tristes desventuras em uma choupana arruinada, que jazia na encosta do monte Sião, fóra dos muros; e n'aquella estreita habitação, a que chamavam forno, viveram oito annos. Durante este tempo não cessavam jamais os pobresinhos de supplicar á Porta ottomana a restituição do seu convento, intervindo n'isso a autoridade de Francisco I, Rei de França; mas sem resultado favoravel, porque o convento já havia sido convertido em mesquita. Vendo elles finalmente perdida toda a esperança de recuperar sua propriedade, supplicaram ao sultão que ao menos lhes concedesse, com previa indemnisação, algum terreno no recinto da cidade, onde podessem levantar um hospicio. Foi a supplica deferida; mas como? Compellindo os georgianos a vender aos nossos religiosos o sobredito convento da Columna, d'ahi por diante denominado de S. Salvador, que era o titulo da egreja ahi existente. Foi esta compra effectuada no anno de 1559, e custou a enorme somma de 1:200 sequins venezianos[1]. O módo da compra e da estipulação do preço prova bem o despotismo do governo turco, que então, como hoje, não só se apossava dos bens alheios, como obrigava os donos a alienar os proprios. Verdade seja que no correr dos tempos, tanto os turcos, como os scismaticos se pagaram com usura; os primeiros, da apparente generosidade; e os segundos, da forçada complacencia que haviam tido com os religiosos.

Após tudo isso surgiram enormes *avanias*[2] e crueis perseguições contra os mesmos religiosos. Se dissermos que á força de extorsões e tyrannias veiu a custar o convento cem vezes mais do que na primeira acquisição, exprimiremos uma tristissima verdade. São innumeraveis, e até incriveis, as vicissitudes e peripecias a que este convento andou sujeito; apenas mais ou menos restaurado, tiveram os religiosos que sustentar uma demanda ácerca de sua legitima posse, que suppunham incontroversa. Foi depois acrescentado; mas só para ser de novo reduzido a ruinas; por fim reedificaram-no pouco a pouco, mas á custa de quantas despezas, vexações e angustias! Cada pedra custava um sacrificio; cada syndicancia do governo era paga a peso de oiro, ou a preço de sangue; cada calumnia urdida pelos scismaticos era destruida mediante milhares de sequins; cada litigio fomentado pelos santões turcos terminava por uma avania; cada generosidade dos judeus presuppunha uma recompensa em dinheiro; cada reparo de que precisavam terrados ou cellas, devia ser precedido de um firman de Constantinopla; e para ter execução era necessario vasar nas mãos de todos os membros do *divan* de Jerusalem tantas offertas, quantas as pedras de que a obra havia mister; de modo que a somma das offertas excedia muito ao duplo, e algumas vezes ao quadruplo da despeza do reparo!

E para que não pareça exageração o simples esboço da dolorosa historia do convento de S. Salvador, passarei a indicar as datas em que se deram factos analogos aos referidos. Sendo accusados os religiosos, em 1581, de haverem ampliado o convento, baixou de subito uma ordem fulminante do governo de Constantinopla,

[1] Vale o sequim uns 12 francos ou mais.

[2] Multa arbitraria que os turcos impõem aos christãos, para os vexarem e extorquir-lhes dinheiro.

intimando que fosse arrasada a parte da obra; e como isto ainda não bastasse, nova ordem foi expedida, para que se fechasse a porta de entrada do convento, o que foi de prompto executado; de sorte que por longo tempo foram os religiosos obrigados a entrar e saír por uma janellinha lateral, á qual se encostava uma escada de mão, que apenas d'ella se serviam, a occultavam.

Em 1595 tentaram os georgianos um pleito, com o fim de reivindicarem o seu antigo convento, allegando, como argumento fundamental, haverem sido espoliados pelos franciscanos. Estes, como tivessem authenticados pelo governo ottomano os seus titulos de compra, exhibiram-nos em juizo; mas, pelo simples trabalho de serem compulsados, exigiram os juizes muito maiores gastos do que os feitos com a compra!

Asserenada esta perseguição, outra surgiu mais séria; já não era o convento que perigava, era a vida dos religiosos. Os arabes pozeram em assedio o convento, com a intenção de saquea-lo, destrui-lo e depois matar todos os religiosos; mas Deus acudiu aos seus servos em tamanho aperto, como em circumstancias identicas aos Machabeus. No momento em que os sitiantes começavam a pôr em pratica seus ferozes designios, dizem escriptores arabes que nos ares apparecêra um esquadrão de cavalleiros armados em defeza dos miseros franciscanos, e em poucos minutos pozeram em confusa debandada os aggressores, que, espavoridos, narravam por toda a parte esse prodigio. Consta positivamente achar-se este facto indicado na *Chronica da Terra Santa* (principalmente colleccionada por Frei Marcellino de Civerra) que existe impressa em Roma, porém não publicada.

N'outra occasião caía repentinamente morto um santão, que á frente de um grupo armado se dirigia a dar um assalto ao convento. Estes reiterados exemplos de especial protecção do ceu não foram raros em Jerusalem, torrão abençoado, escolhido pelo Deus de Israel para principal theatro das suas maravilhas.

No anno de 1756, havendo necessidade de restaurar os terrados dos quatro conventos da Judéa, obtiveram os religiosos a indispensavel permissão do governo de Constantinopla, mediante o desembolso de 30:000 pesos duros. Ainda assim o cadi de Jerusalem não consentiu na execução do firman, senão depois que recebeu 400 sequins. Não parou n'isto. Era precisa ainda a approvação do pachá de Damasco, que exigiu dos pobres religiosos 10:000 pesos. Obtida a approvação, foi aquelle pachá removido, e o successor não confirmou o seu acto, sem que os religiosos lhe fizessem a offerta de 5:000 pesos! De modo que antes de darem principio a uma simples restauração, tinham feito a despeza que fariam com a fabrica de um convento inteiro!

Em 1766, um desnaturado pae lançou, de accordo com o cadi, um filhinho de um anno dentro da cisterna do convento dos religiosos, e saiu pelas ruas a gritar que os frades tinham commettido um infanticidio. O astuto cadi foi o primeiro que se precipitou com gente armada, pondo guardas em todas as portas do convento; e apenas descoberto o corpo da creança dentro da cisterna, fez correr a nova pela cidade. Subito as ruas todas que iam ter a S. Salvador regorgitaram de gente furiosa e frenetica, pedindo castigo em altas vozes; todavia Deus, movendo o coração do chefe dos janisaros e do governador, fez que este á testa de seus soldados viessem a suffocar o tumulto; mas, se o motim teve termo, não assim a questão, que lá foi devolvida a Constantinopla, onde levou um anno para decidir-se, depois de enormes despezas por parte dos religiosos.

O barbaro pae era, por vergonha nossa, catholico: vendo descoberta a sua infamia, confessou-se réu; mas tal foi sua miseria que não fez penitencia, e acabou por declarar-se musulmano.

Em 1772 horrivel peste assolava a Palestina, agitada então de feroz guerra civil. Os religiosos de S. Salvador abriram seus celleiros, não só aos catholicos, mas aos scismaticos, e o que é mais, aos proprios turcos! Exhaurindo-se toda a sua provisão, e dando a guerra todos os indicios de protrahir-se, foram os religiosos obrigados a fazer voltar para a Europa metade da confraria; e para manter a outra metade, e tantos pobres que mendigavam pão, mandaram á Palestina refazer-se de trigo; mas succedendo que na volta os rebeldes atacassem e roubassem os conductores, foram os religiosos, em recompensa de sua generosa caridade, accusados de lhes haverem adrede proporcionado aquella pilhagem, e para logo multados pelo governo em 25:000 florins, que deviam pagar em duas prestações, correndo juros.

Em 1798, chegando a Jerusalem a noticia de que Napoleão havia desembarcado em Alexandria, e que d'alli chegaria á Palestina, sem perda de tempo cercaram os turcos o convento de S. Salvador, sob o fundamento de terem os religiosos polvora e canhões para ministrarem aos francezes. Varejaram rigorosamente o convento, e nada encontrando, levantaram o cêrco. Mas apenas Napoleão saltou em Jaffa, os turcos prenderam todos os religiosos, e metteram-nos na egreja do Santo Sepulchro, com a ameaça de morrerem, se Napoleão transpozesse as montanhas da Judéa. Não se tendo verificado esta condição, foi-lhes concedida a vida, mas não a liberdade, pois os encerraram quatro mezes em durissimo carcere, d'onde não saíram sem pagar a somma de 60:000 pesos!

Mas que pretendo eu? Contar toda a historia das avanias, extorsões, aggravos, calumnias, privações e perseguições por que passaram os religiosos de S. Salvador? *Suspice cœlum, et numera stellas, si potes!*

Alem de todas estas calamidades e infortunios que soffreram dos turcos, outros não inferiores supportaram, provenientes das intemperies do clima, das prolongadas fadigas e dos extremos a que os arrastava a caridade. Deixo de fallar nas continuadas molestias e nas mortes naturaes, porque estas se dão em toda a parte; bem que haja grande differença entre o morrermos na patria, cheios de annos, e rodeados das consolações dos parentes e amigos, ou em terra estranha, na flor da juventude, e longe dos cuidados das pessoas que nos possam fechar as palpebras. Não será um tal viver prolongada agonia, e tal agonia um martyrio, de que só liberta o desprendimento da carne?

Mas nem se creia que a nossa gloria, como filhos de Deus, se limite a soffrermos perseguições pelo amor da justiça, nem em termos muitas victimas no altar da expiação. Na Terra Santa mais outra gloria se ostenta: é a da caridade infinda, sem a qual a fé mais viva seria morta.

O Padre Luiz Valiani, florentino, escrevendo o que viu em sua viagem a Jerusalem, no anno de 1826, diz, a proposito dos beneficios derramados pelos religiosos de S. Salvador, o seguinte:

«No dia 8 não tive cousa notavel que ver, excepto a distribuição de 180 pães grandes aos pobres, feita na portaria do convento de S. Salvador, distribuição que é mais ou menos abundante, segundo o numero das familias.

«Darei agora succinta idéa das esmolas que faz o convento de S. Salvador, não

só aos catholicos pobres, como aos gregos scismaticos, e até aos turcos. O convento paga os alugueres das casas a todas as familias pobres catholicas; paga por ellas os direitos de alfandega; dá um tanto por dia ás viuvas, que são numerosas; paga as dividas de qualquer catholico, que se declara insolvente; paga mestre para ensinar os meninos, aos quaes dá pão e sopa diariamente; veste em certos dias do anno os filhos e filhas dos catholicos; dá camisas, sapatos e córtes de vestido ás mulheres mais pobres, e pão duas vezes por semana; mantem um medico para curar a todos, e a todos ministra remedios; dá serviço a trinta trabalhadores, a quem paga e sustenta. Os mesmos officios de caridade são praticados nos quatro principaes conventos, de Nazareth, S. Salvador, Bethlem e S. João, assim como em todos os hospitaes da Terra Santa.»

Até aqui o citado autor, que aliás apenas indica parte das esmolas que se distribuem, as quaes n'estes vinte annos, em vez de diminuirem, cresceram, como cresceu o numero dos catholicos e dos peregrinos. É de saber que o acrescimo da povoação e a affluencia de estrangeiros, que nas outras partes trazem abundancia de riqueza, na Terra Santa produzem effeito contrario. É incrivel que só do convento de S. Salvador sáiam cada anno mais de 50:000 pães de peso de 4 libras, que a caridade religiosa distribue em Jerusalem, Bethlem e S. João de Montana. Espanta o algarismo, sem duvida, principalmente por acrescerem as esmolas em vestuario, dinheiro, mantimentos, medicina, alugueres de casa e escolas.

Com a manutenção do culto, sem incluir paramentos e vasos sagrados, que se recebem da Europa, despendem annualmente os religiosos da Terra Santa mais de 10:000$000 réis; com esmolas pecuniarias aos pobres e peregrinos mais de 5:000$000 réis; com ordenados a mestres e mestras da escola arabe 2:500$000 réis; com a acquisição de objectos de devoção, que mandam para outros conventos da Europa e America, 3:000$000 réis, calculando um anno por outro. Acrescentem-se as despezas com a conservação de uns trinta e oito conventos e hospicios, de cujas casas não ha um só que não tenha annexas escolas diversas para ambos os sexos; os gastos com as frequentes reparações de vinte e cinco egrejas, dezoito das quaes são parochiaes, de sete capellas e dezenove santuarios; tambem os que fazem com viagens e alimentação de cerca de quasi trezentos religiosos espalhados por toda a Terra Santa (o numero d'estes tem crescido muito, por motivos politicos, causadores em toda a Europa de muitas expatriações); com a hospedagem gratuita aos estrangeiros, que á rasão de um franco e meio por dia, termo medio, custará cerca de 30:000 francos ao anno; acrescentem-se os donativos forçados ás autoridades turcas; os emprestimos sem restituição, os gastos com as pendencias suscitadas pelos scismaticos e com tantas outras vexações dos musulmanos; que então se poderá avaliar o enorme dispendio, a que são obrigados os miseros religiosos, que outra herança não teem senão a altissima pobreza, que herdaram do seu seraphico instituidor; pobreza aliás prodigiosamente favorecida pela munificencia dos fieis, que, como no tempo dos Apostolos, continuam a sustentar os seus irmãos de Jerusalem: *Nihil habentes et omnia possidentes.*

No que fica dito, attenda-se de preferencia a duas cousas: primeiro que, apesar de terem os catholicos hoje a guarda dos Santos Logares, não é menos certo ter a ordem franciscana pago tão caro essa incomparavel honra, que mais digna se torna de admiração que de inveja; segunda que, não obstante serem muitas as esmolas da Europa e da America para os Santos Logares, mal chegam para as ap-

plicações a que projectam occorrer. Não raro tem acontecido que, excedendo a despeza á receita, são os religiosos forçados a contrahir emprestimos, e até a empenhar as pratas das egrejas: do producto d'estes emprestimos e empenhos não aproveitam para si a minima parte; porque se alimentam e vestem como franciscanos, isto é, como pauperrimos, o que podem testemunhar milhares de estrangeiros de todas as condições, que se hospedam em seus conventos, e de sua mesa participam. É esta a mais triumphante resposta aos malignos detractores, quando assoalham que aquelles poderosos varões vão á Terra Santa enthesourar cabedaes!

Pondo termo a esta digressão, reatarei a historia do convento de S. Salvador.

II

Acreditar-se-ha talvez que a egreja de um tão grande mosteiro, onde ha doze penitenciarios de doze linguas diversas, para ouvirem de confissão gente de todas as nações; egreja onde celebram sacerdotes peregrinos de todos os paizes e ritos; acreditar-se-ha talvez, digo, que tal egreja seja enorme, magestosa, opulenta de marmores e quadros, que emfim corresponda, em tudo e por tudo, á excellencia da cidade de que é matriz, e á fama com que todo o orbe catholico a reverencia.

Mas que pasmo não sentirá quem souber que a minima egreja de qualquer dos conventos da Europa é superior em architectura, elegancia e magnificencia á do convento de S. Salvador de Jerusalem? Que pasmo quando souber que, em vez de ter o chão horisontal como todas as egrejas, o pavimento d'esta, não assoalhado e só conservando o terreno nativo, ondeia em todos os sentidos?

Mas se por um momento considerar, que não ha muito tempo que a Religião de Jesus Christo em Jerusalem era constrangida a esconder-se nas cavernas, como em Roma nos dias nefastos dos Imperadores; se considerar que até hontem, digamos assim, não era licito celebrar missa em S. Salvador depois do sol nado, visto que o musulmano fanatismo só permittia que os catholicos celebrassem sacrificios nas trevas; se considerar que não se podia jamais obter do governo turco o edificar uma egreja nova, nem mesmo reparar a que estivesse em ruinas; subirá, sim, de ponto o assombro; mas será por ver que, á despeito de todas estas difficuldades, a Religião do Crucificado vae manso e manso lançando raizes na Terra Santa, onde o estandarte do islam fluctua descorado e impotente nas ameias de velhos e derrocados castellos!

Todavia se, pelo que respeita ao material, a egreja de S. Salvador é talvez a mais pobre de quantas estão sob a direcção e guarda da ordem franciscana, é incontestavelmente pela preciosidade de suas alfaias, riqueza de seus ornamentos, abundancia de seus vasos sagrados e de todos os utensilios destinados ao culto, de todas a primeira. A mesma basilica de S. Pedro em Roma teria muito que invejar á egrejinha de S. Salvador em Jerusalem. Poderia eu aqui enumerar todos os objectos de oiro e prata, que formam o thesouro d'esta egreja, comquanto, pelos tempos que correm, haja seu perigo n'estas revelações, como no tempo de Ezequias, que por ter mostrado aos assyrios a casa dos perfumes, o oiro, a prata, os aromas, os balsamos, os vasos sagrados, e tudo o que havia de mais precioso nos thesouros do templo, foi asperamente reprehendido por Isaias; o qual lhe predisse

que todas estas cousas, que elle com tanta complacencia acabava de mostrar aos assyrios, tempo viria, em que fossem por elles roubadas, como infelizmente se realisou.

III

Não devo comtudo passar em silencio, que todos os reinos catholicos hão porfiado em fazer preciosissimos donativos aos filhos do Seraphim de Assis, para que com o devido decoro possam honrar os Santos Logares; nem que, para gloria de Deus e da ordem franciscana, os frades foram em todos os tempos tão zelosos da guarda d'estes logares, como dos thesouros a elles confiados. Em confirmação d'isto basta um facto succedido em 1517, quando Selim I, imperador dos turcos, conquistou Jerusalem ao sultão do Egypto. Orgulhoso de victorias tantas, quiz o tyranno estender garra sacrilega aos thesouros do Santo Sepulchro; mas os religiosos, que os haviam escondido, recusaram heroicamente descobri-los. Indignado o vencedor, mandou-os furioso arrastar ao fundo do castello dos Pisões, onde jazeram cerca de vinte e sete mezes, durante os quaes muitos exhalaram o ultimo suspiro, e os superviventes supportaram amarguras e dores inauditas.

Não eram certamente os pobres religiosos obrigados a fazer este sacrificio; porque mais vale a vida de um homem que todos os thesouros do mundo; mas affrontaram-no, desmentindo solemnemente aos que os accusavam do delicto de frustrarem as pias intenções dos bemfeitores, de converterem em seu proprio proveito os donativos consagrados ao Santo Sepulchro.

As funcções e solemnidades religiosas da egreja de S. Salvador correspondem ás preciosissimas alfaias, que lhe ornam os altares. É para lastimar sómente que a estreiteza do templo cerceie o esplendor d'essas festas; mas Deus, que lê nos corações, não póde deixar de comprazer-se com a familia seraphica, pequeno rebanho seu, passando a maior parte do tempo alternando a psalmodia, entoando hymnos harmoniosissimos ao Todo Poderoso, e passando as noites quasi inteiras na silenciosa meditação da lei divina. Bem merecem todo esse culto e veneração os altos mysterios que ahi se celebram. Para a egreja de S. Salvador foram transferidas pelo Summo Pontifice Pio IV, em sua bulla *Divina disponente clementia,* todas as indulgencias que andavam annexas ao Santo Cenaculo; e d'ahi o inalteravel uso de commemorarem os religiosos em sua quotidiana procissão vespertina, em todos os santuarios da Judéa, a instituição do Santissimo Sacramento, a apparição de Jesus resuscitado a S. Thomé, e a descida do Divino Paracleto sobre os Apostolos; principaes mysterios venerados no sacro monte Sião, antes que de lá fossemos expellidos pelos musulmanos.

Se da observancia dos deveres de piedade passâmos á das obras de misericordia, os religiosos do convento de S. Salvador offerecem tambem d'estas o mais sublime exemplo. Que generosa e franca hospitalidade não prestam elles gratuitamente a quantos vão á Terra Santa! Mas este caridoso exercicio, que n'outros tempos lhes fôra de grande consolação, hoje se lhes vae tornando objecto de não pequenas atribulações e da mais monstruosa ingratidão da generosidade dos hospedes. Dividem-se estes em diversas classes.

Uns são viajantes curiosos, costumados a toda a sorte de commodidades, e que

de christãos só teem o nome, que aliás facilmente renegam, para agradarem aos que consideram a Religião uma chimera.

Outros, que visitam os mais augustos logares da nossa redempção com o mesmo desrespeito, com que assistiriam a qualquer tourada hespanhola, pisam a veneranda terra da gruta onde nasceu o Senhor, do monte onde morreu, e do sepulchro em que foi enterrado, com a indifferença com que pizariam os vestigios de algum antigo templo de Adonis, Venus ou Jupiter.

Outros, que foram repulsados de suas patrias pela justiça publica, ou pela fome, vão a Jerusalem em busca da fortuna, que não encontraram sob o ceu natal; e porque tambem a não encontraram na Terra Santa, os pobres religiosos hão de pagar por elles a pena de suas desventuras. São, pela mór parte, arrogantes, incontentaveis, escandalosos e perturbadores da paz dos verdadeiros peregrinos.

Outros, em menor numero, vão com effeito animados de bom espirito á Terra Santa, onde edificam com a sua piedade e comedimento.

IV

Todos os viajantes e peregrinos se aboletam em um hospicio conhecido com o nome de Casa Nova, não obstante ser muito antiga, e que apenas é separada do convento de S. Salvador por uma rua estreita. Na Casa Nova, portanto, ha um fluxo e refluxo continuo de francezes, inglezes, italianos, hespanhoes, austriacos, prussianos, bavaros, polacos, arabes, americanos; homens e mulheres, grandes e pequenos, ricos e pobres, catholicos e protestantes, religiosos e judeus, crentes e incredulos, peregrinos e vagabundos. E esta casa, que já no meu tempo era vasta, hoje me informa o bom Frei Daniel ter dobrado de extensão, de commodos e de importancia.

Sabemos perfeitamente que n'uma estalagem, onde ha tanto concurso de gente estranha, onde tudo se dá gratuitamente, e onde não ha outros meios senão os que ministra a caridade, não póde haver nem aquella exactidão de serviço que seria para desejar, nem aquelles manjares delicados, que se costumam exigir nas grandes pousadas da Europa, onde até se paga o ar que se respira, e onde abundam omnimodos recursos. Nada d'isto pesa no animo da maioria dos hospedes da Casa Nova, que julgam dever pagar as obras de misericordia que recebem dos santos religiosos, com insolencias, injurias, villanias, detracções e calumnias! Mas com que paciencia não tragam elles todas estas fezes da ingratidão! Á imitação do seu Divino Mestre, dão o bem pelo mal, oram por aquelles que os maltratam.

É de saber que, quando digo que os religiosos da Terra Santa prestam gratuita hospedagem a todos os viajantes e peregrinos, estou longe de estabelecer como principio invariavel que não recebam aquelles as gratificações, que por generosidade ou caridade estes lhes offereçam ao retirarem-se. O que quero tornar bem patente é que hospedam e despedem com a mesma affabilidade os que dão, e os que deixam de dar; nada estipulam, nada exigem.

Desculpe-me o leitor a extensão que dei a este assumpto. Se outros pontos podem rodear-se de attractivos, pelas recordações historicas e religiosas que os acompanham, este falla aos ouvidos da alma no presente e no porvir. Cabia-me dar a conhecer a que mãos se acha entregue a guarda do precioso deposito; descrever

os trabalhos e occupações d'aquella milicia santa; expôr os soffrimentos e angustias que tão piedoso mister lhes custa; affirmar quão alto é o destino que os venerandos cenobitas dão aos obulos que toda a terra lhes envia. Estremeci de jubilo ao ouvir o reverendo padre custodio de Jerusalem asseverar-me, confirmando as suas asserções com a relação que me mostrou, ser o Brazil entre todas as nações uma das que mais se distinguiam no seu piedoso concurso para a gloria da Religião nos logares abençoados d'onde ella nos brotou. Que delicias não me infundiram na alma a justiça assim feita ao torrão querido onde vi o berço, e que nunca me sae do pensamento!

CAPITULO XXV

MURALHAS E TORRES

I. Muralhas de Jerusalem. Periodos diversos da sua construcção. Estructura das muralhas.—II. Torres de Jerusalem.—III. Torre de David.—IV. Torre alta (Excelsa).—V. Torre de Siloé.—VI. Torre grande (Ophel).—VII. Torre Emath (Meah).—VIII. Torre Hananeel.—IX. Torre Angular.—X. Torre dos fornos.—XI. Torre Psephina (Nebulosa).—XII. Grandes torres de Herodes.—XIII. Hippicus.—XIV. Phasael.—XV. Marianna.—XVI. Retrospecto sobre estas torres.—XVII. Palacio regio entre as torres.

I

Depois de havermos percorrido todos os contornos de Jerusalem, apontando *per summa capita* os logares famosos que rememoram, natural é que igual estudo façamos relativamente á cidade em si mesma. Limitar-me-hei tambem a apontar succintamente o que demande attenção, reservando-me para, em adequados capitulos, dar mais desenvolvimento áquillo que o merecer.

Proseguindo no mesmo systema, considerarei Jerusalem tanto qual é, como qual era nas eras biblicas, visto como para o nosso estudo importa não só attender aos sitios ainda hoje marcados por monumentos ou ruinas, senão tambem áquelles que na memoria dos homens só perpetúa a tradição.

Jerusalem, nos confins da tribu de Judá, no territorio da de Benjamim e no coração da Judéa, assenta em seis montes, entremeados de valles mais ou menos profundos, que do oriente, do sul e do poente a tornavam quasi inexpugnavel. Estes seis montes são: o Sião, que olha para o sul; o Moria, para o oriente; o Bezetha e o Gareb, para o norte; e o Calvario, para o noroeste; ficando o Acra no centro. *Fundamenta ejus in montibus sanctis et montes in circuitu ejus.* (Ps.)

A principio os montes encerrados em Jerusalem eram só o de Sião, que David escolheu para construir a famosa fortaleza, a que deu o seu nome; a cidade alta. A cidade baixa ficava no monte Acra, que se elevava a assás consideravel altura em circumferencia, havendo aliás outro monte em frente, separado do Acra por um largo valle; mas os Principes asmoneus terraplenaram tudo, arrazando o cume do Acra, entulhando o valle circumstante, a fim de juntarem a cidade ao templo, e poderem d'alli dominar todo o resto. Quanto ao Moria, foi sobre todos famoso, por ter sido o chão onde o filho de David erguêra o primeiro templo do Senhor, de que fallarei em logar proprio.

Para entrar no recinto da cidade teem de ser transpostas muralhas, outr'ora intervalladas por numerosissimas torres, de que poucas restam.

Estas muralhas foram feitas em diversos tempos, comquanto geralmente a sua architectura apresentasse tal qual uniformidade. Pois que o lado septentrional da cidade era o mais exposto aos ataques dos inimigos, foi n'essa parte que se collocou primitivamente a primeira linha de muralhas, ou o denominado muro antigo, o qual se estendia desde o oriente, proximo á porta de Santo Estevão, em linha recta para o occidente até á porta judiciaria. Com effeito, o mais antigo dos tres muros podia passar por inexpugnavel, tanto por causa da sua extrema espessura, como da altura da montanha sobre que estava edificado e da profundidade dos valles ambientes, accrescendo que David, Salomão e mais Reis nada haviam poupado. Começava na torre de Hippicus, continuava até á das Galerias, seguia para o paço do senado, e acabava no portico do templo, do lado occidental.

Mais tarde correu-se outra linha de muralhas parallela á primeira, começando ao oriente na torre de Hananeel, e seguindo até perto da torre de Hippicus.

Por ultimo levantou-se a terceira linha de muralhas, constituindo verdadeiramente o denominado muro exterior, parallelo tambem ao antigo e ao medio, e seguindo da torre Angular, ao oriente, até á Psephina na proximidade do Golgotha, ao occidente.

No livro dos Machabeus se vê que Jonathas, depois de renovar a alliança com os romanos e lacedemonios, e de pôr em fuga o exercito de Demetrio, voltou a Jerusalem, onde assentou com os anciãos do povo em edificar novas fortalezas; e como houvesse cahido a muralha que estava do lado da torrente Cedron, reparou-a, sendo a essa muralha dado o nome de Capheteta, que significa *duplice*, visto que n'aquelle sitio fôra a dita muralha duplicadamente feita.

Foi dez annos depois da morte de Christo que Herodes Agrippa, successor do grande, lançou os fundamentos de uma nova muralha, que se prolongava por fóra do monte Bezetha, e do monte onde hoje em dia se acha o bairro dos christãos, designado por Jeremias, o qual prophetisou este engrandecimento com o nome de Gareb, de cujo declive sobresae o Calvario: são estas as palavras do Vidente: (XXXI)

«Eis-ahi vem ós dias, diz o Senhor, e a cidade a mim consagrada será fechada desde a torre de Hananeel até á porta do Angulo, e prolongar-se-ha o seu circuito por sobre o outeiro de Gareb, rodeiando Goatha, e todo o valle dos Cadaveres e da Cinza, e toda a região da morte até á torrente de Cedron, e ao angulo da porta dos Cavallos que deita para o oriente.»

Foram estas construcções as que serviram de limites ás diversas cidades, ou antes aos diversos bairros da grande cidade de Jerusalem. É assim que, principiando pelo sul, como até aqui tenho feito, a parte collocada entre as extremas meridionaes e o valle de Tyropeon, que lhe servia de divisa, isto é, a verdadeira cidade de David, ficou sendo denominada cidade superior. Toda a parte que discorria do valle de Tyropeon até o primeiro muro, ou a muralha velha, era conhecida pelo nome de cidade inferior, ou filha de Sião. O ambito abraçado pelas muralhas velha e media foi considerado como segunda cidade. O espaço que ficava entre a muralha media e a exterior, era a cidade de Bezetha, ou cidade nova.

Os muros de Jerusalem foram reformados e ampliados por Adriano em 136 da nossa era, quando a cidade cresceu consideravelmente pelo noroeste. Depois foram renovados em grande parte por Solimão (como provam as inscripções turcas, que ainda existem n'estes muros) e taes teem permanecido até hoje. Estão muito bem conservados. Tem 36 pés de alto e 3 a 4 de espessura.

Estas muralhas, comquanto nem sempre de igual consistencia e elegancia, foram geralmente construidas com solidez tal, que raras obras de arte as terão jamais imitado. Em muitos logares, e especialmente nos menos defendidos pela natureza, eram de marmore as construcções, havendo grande numero de pedras (diz Flavio José) de 20 cubitos de comprimento sobre 10 de largura e 5 de profundidade; moles, portanto, que nem o ferro poderia minar, nem as machinas destruir. A muralha que de taes elementos era formada, tinha grossura de 10 cubitos e altura de 20, sendo coroada de ameias de 3 cubitos.

Estas torres construidas de marmore alvissimo o que tinham de mais portentoso, era o ficarem-lhes de tal sorte engrazados uns cantos com outros, que se não distinguiam as junturas, parecendo assim cada uma d'ellas formada de um só monolitho marmoreo.

II

Por sobre as muralhas a trechos se levantavam altas torres como o proprio muro, e de 20 cubitos[1] em quadro. O corpo d'estas torres dividia-se em salas magnificas, depositos de viveres e arsenaes de armas, com um andar superior, para onde se subia por largas escadarias.

Afóra as poucas (mas em parte importantes) torres que ficavam dos lados occidental e oriental da cidade (as de David, de Siloé, a Excelsa, a de Emath e a Grande), todas as outras ficavam collocadas nas muralhas antiga, media e exterior da já citada parte septentrional. Só a muralha velha tinha sessenta torres, a media quatorze, e noventa as exteriores.

Indicarei rapidamente as principaes d'ellas, seguindo sempre a direcção que adoptei, e começando por isso da altura da porta de Jaffa.

III

A torre de David ficava em Sião, do lado occidental, proxima á porta de Jaffa; fôra levantada por aquelle Santo Rei, sendo toda ella feita de grossissimos cantos de soberba obra de talha, ligados indissoluvelmente com ferro e chumbo. Tão insignes eram a força e a belleza d'aquella torre, que Salomão, louvando as bellezas da futura Egreja e das almas escolhidas, por meio de brilhantes comparações materiaes assim se exprime:

«Oh! como és bella, amiga minha, como és formosa! Teus olhos são como os das pombas; teus dentes alvos como cordeirinhos levados ao holocausto; teus labios são um botão de rosa; teu fallar é doce! Como o escarlate da romã partida, assim é o nacar das tuas faces! Teu pescoço faz lembrar na elegancia a torre de David edificada com os seus baluartes, e d'ella estão pendentes mil escudos, toda a armadura dos valentes! Toda tu és formosa, amiga minha, e em ti não ha macula! Vem do Libano, esposa minha, vem do Libano, oh! vem! serás coroada, do alto de Amaná, do cume de Sanir e de Hermon, das cavernas dos leões, dos montes dos leopardos.»

[1] O cubito hebraico dizem que corresponde a 525 millimetros.

Tambem se compara a poderosa protecção da Virgem com esta torre, na ladainha, onde ella é chamada *Turris Davidica.*

IV

A torre Alta ou Excelsa, elevada na porta do valle, foi reparada pelo Rei Ozias, e servia como de observação; pois tendo 225 pés de altura, avistava-se da sua eminencia até os valles que demoram para alem do Olivete. Este Ozias foi aquelle Rei bellicoso e tão insolente da sua felicidade, que no dia de uma festa solemne se revestiu de ornamentos sacerdotaes, e entrou no templo para offerecer incenso a Deus no altar de oiro; e apenas ameaçou de morte os sacrificadores que o impediam, sobreveiu um terremoto; e tocando-lhe um corisco na fronte, instantaneamente foi ferido de lepra, da qual dentro em pouco morreu. Talvez tenhâmos de felicitar a memoria d'esse homem, que ainda na terra, e póde ser que não em perpetuas penas, foi castigado, como merecem sê-lo os Principes usurpadores dos direitos do sacerdocio, certamente não menos sagrados que os do imperio.

V

A torre de Siloé é a que ficava no lado opposto á torre de David, isto é, da banda oriental. Esta em tempo de Jesus Christo, fosse por força de ventos, de raio, de terremoto, ou de outra qualquer causa, desmoronou-se, esmagando dezoito homens que ahi se achavam, o que deu logar a uma das formosas lições do Redemptor.

VI

Do lado do oriente, entre as portas Aurea e da fonte de Siloé, ficava a torre Grande ou Ophel *(quasi nubibus caput inserens)*, que levantava o seu cume até á região das nuvens e similhava um castello *(arx munita)*. Ficava proxima do templo.

VII

Seguia-se a torre Meah ou Emath, demorando a tanta distancia para o norte da porta Aurea, quanta da torre Grande para o sul. Tinha 100 cubitos de altura.

VIII

Na extremidade oriental da linha media das muralhas e a pouca distancia da porta do Angulo ficava a torre Hananeel, de 150 pés de altura e fortissima; por-

quanto se considerava a primeira na perigosa linha de defeza septentrional. Ainda hoje se vê engastada no muro uma ruina d'essa torre; entre outras ha ahi uma pedra que pertenceu á tal fabrica, e que tem mais de 7 metros de comprido, 2 de largura e 1 de altura.

IX

Seguia-se a torre Angular, assim chamada por ser seu destino guardar a porta do Angulo, situada no ponto de juncção do oriente com o septentrião, sendo a ultima fortificação da linha exterior das muralhas. Foi tambem construida pelo Rei Osias, tendo de altura 150 cubitos. Ainda existia no tempo dos cruzados essa torre, em frente da qual pelejou o intrepido Tancredo.

X

Antes de chegar á porta de Ephraim, havia a torre dos Fornos; ahi no correr da noite se accendia em cima um grande fogo, para servir de pharol aos que demandavam a cidade.

XI

Finalmente, na extremidade da linha exterior septentrional, e fazendo symetria com as torres Angular e Hananéel, pompeava a esplendida mole octogona denominada torre Psephina ou Nebulosa. Collocada proximo ao monte Calvario, e portanto no ponto mais eminente, ainda por sobre esse elevado solo se exalçava, de fórma que o topo dos muros lhe ficava 70 cubitos abaixo. D'essa altura se divisava nas manhãs claras toda a antiga Chanaan, isto é, a Judéa, a Samaria, a Galiléa e a Iduméa, para o oriente a Arabia Petréa, e para o occidente o mar e os cinzentos pincaros dos montes intermedios. Foi diante d'esta que Tito assentou seu primeiro acampamento.

XII

E antes de passar avante, pois que acabo de fallar da torre Psephina, cumpre aqui expôr quaes foram os principaes trabalhos estrategicos effectuados por Herodes o Grande.

Considerando esse Principe ser a menos defensavel parte da cidade aquella que fazia rosto para o angulo de noroeste, tratou de tornar inexpugnavel por obras de arte esse lado, que a natureza se não incumbira, como em outros pontos, de defender por si mesma.

Levantou n'aquelle angulo numerosas fortalezas, entre as quaes excitavam principalmente a geral admiração as quatro torres, Hippicus, Phasael, Marianna e Psephina, não menos estupendas do que a torre Antonia, por Herodes reconstruida e aformoseada, de que em seu logar fallarei.

Estas quatro torres disputavam entre si preferencia por alguma especialidade: a já citada Psephina, por sua enorme altura; Hippicus, por architectura admiravel; Phasael, pela força; e Marianna, pela elegancia da construcção.

XIII

A torre Hippicus, ao lado do Stratopedon e palacio de Herodes, por este dedicada ao seu amigo Hippicus, morto na guerra depois de ter praticado extraordinarias façanhas, era um quadrangulo com 25 cubitos por lado e 30 de altura. Este forte acabava em cima por um terrado de pedras admiravelmente talhadas e unidas, havendo ahi um poço para receber agua da chuva, com 20 cubitos ou 10m,5 de profundidade[1]. Sobre o terrado erguia-se uma edificação de dois andares, cada um de 25 cubitos de alto, divididos em varios alojamentos, com ameias em roda de 2 cubitos de altura, e parapeito de 3.

A elevação total da torre era de 80 cubitos.

XIV

Na linha norte sul e na muralha antiga construiu Herodes outra soberba torre, a que deu o nome de seu querido irmão Phasael. Havendo este, traiçoeiramente aconselhado, ido em procura de Barzapharnés, que o recebeu a principio muito bem, acabou por saber que esse general o queria matar e a seu irmão Herodes; intenção de que directamente se queixou ao proprio general. Tendo, porém, ficado prisioneiro do perfido, encadearam-no com grilhões; e como Phasael temesse menos a morte a que o destinavam, do que a vergonha de recebê-la por mão do inimigo, não tendo nenhum outro modo de suicidar-se, arremessou a cabeça a uma pedra e partiu-a. Antigono mandou-lhe medicos que, em vez de o tratarem, lhe envenenaram as feridas. Antes do transito teve a consolação de saber que Herodes tinha fugido, e soffreu a morte alegremente, pensando que seus inimigos por mãos de seu irmão haviam de receber o castigo de sua perfidia.

Foi, pois, em memoria d'este irmão amado que Herodes deu seu nome a uma torre magnifica, de que ainda restam vestigios, e que era quadrada, ou antes formava um cubo, porquanto a largura era de 40 cubitos, assim como a altura e a profundidade.

Por sobre este terrado exalçava-se uma edificação de 10 cubitos de altura, sustentada em arcarias e cercada de torrinhas. Do meio d'esta especie de vestibulo elevava-se uma torre com tão ricos alojamentos e banhos, que tudo respirava regia magnificencia; sendo o alto d'esta tambem rodeiado de setteiras e parapeitos.

A altura total d'esta edificação era de 90 cubitos, e dava ares do pharol de

[1] Será este o poço ainda hoje subsistente na torre que substitue Hippicus, e que mr. de Saulcy mediu com uma corda e uma pedra, achando 6m,35? O que só admiraria fôra que o entulho não estivesse mais alto.

Alexandria, onde já a esse tempo havia accesa uma luz para guia dos nautas; mas aquella era muito mais espaçosa.

Na platafórma superior havia uma construcção, a que davam o nome de torre de David. Era ahi que Simão de Gioras costumava abrigar-se, sempre que o ameaçava o furor do povo que opprimia, no tempo em que Tito surgiu em frente de Jerusalem.

XV

Segue-se a torre Marianna, collocada sobre a mesma velha muralha, e pouco mais ao oriente. Quem é esta mulher, á memoria da qual o poderoso Monarcha erige um dos mais soberbos monumentos do universo? Que predicados, que feitos deram a essa simples mulher o direito de ver assim através de todos os tempos perpetuada a recordação do seu nome? Quem foi que assim o consagrou por tamanha prova de ardente affecto? Foi o seu marido, o seu amante, o seu assassino! Bem era que o torpe monstro, sobre cuja cabeça pesam as maldições e o sangue de milheiros de mães e de innocentes; aquelle que ensopou as mãos nas entranhas de miseros, que das suas haviam saído, o facinoroso, o matador, o infanticida, completasse o banho das suas delicias com o sangue da virtuosa esposa!

Marianna, neta do Rei e Pontifice João Hircano, havia dado a mão ao barbaro, a quem adorára com os extremos de que não era credor; retribuiu-lhe todavia Herodes com amor proprio d'elle, amor de panthera, oscillando entre o delirio e a ferocidade. Salomé, irmã d'elle, e sua mãe, zelosas do imperio que a mesquinha parecia ter no animo do Rei, taes narrações inventaram, tão negras suspeitas infundiram no coração do orgulhoso despota, que este, n'um momento de transporte abominando, e quando a victima erguia para elle os braços supplices, entregou-a ao algoz, que a prostrou exanime, banhada em seu proprio sangue!

Um instante depois da morte crua, correu Herodes em procura de Marianna, chamando ardentemente pelo seu nome; mas era tarde! Não viu já senão o cadaver da senhora de todas as suas affeições! Fitava os olhos, e não via; recordava-se da ordem que dera, e não acreditava; via-a jazendo a seus pés, e suppondo-a viva, aturdia os ares com seus clamores, e abraçava o corpo gelido! Esse estado de exaltação, tocando as raias da loucura, durou por longo tempo; no somno e na vigilia nenhuma outra imagem lhe pullulava aos olhos da alma; a seus famulos, ás suas guardas pedia a cada momento novas de sua mulher; e quando emfim, certo de ser ella pasto de vermes, se lhe dissipou a illusão, acabou condignamente a sua tragedia de fereza, matando sua propria mãe, cujas calumnias o haviam desvairado!

E já se vê com que arrebatamento de affecto e com quantos amorosos cuidados não teria sido levada ao cabo construcção destinada a eternisar memoria de tão querida mulher.

Das outras duas torres eram sem duvida magnificos os aposentos e os primores de arte; mas o Principe calculou que, se deviam ser mais fortes as torres a que dera o nome de dois homens, cumpria que esta, a que reservava o de uma senhora, de tão grande e adoravel Princeza, se avantajasse áquellas em mimo e belleza de ornamentação.

Tinha esta torre 25 cubitos de comprido, outro tanto de largo, e 55 de alto.

XVI

Comquanto essas tres torres fossem já de per si altissimas, mais agigantada ainda parecia a sua estructura, por terem sido edificadas no vertice da montanha, que ficava 30 cubitos a cavalleiro do muro antigo, não obstante haver este sido construido em sitio muito alto.

Se eram admiraveis pela fórma, não o eram menos pela materia, por não serem pedras communs que homens podessem carregar, mas sim cantos de marmore branco de 20 cubitos de comprido sobre 10 de largo e 5 de alto.

XVII

Do lado do norte ficava ligando estas torres um palacio regio, cuja magnificencia e belleza ultrapassava quanto podesse dizer-se. Ficava encerrado por um muro de 30 cubitos de alto, com torres equidistantes e de excellente architectura. Tão grandiosas eram essas construcções, que cada sala de jantar podia conter um cento de triclinios. Incrivel era a variedade dos marmores. Causava pasmo o comprimento e a grossura dos vigamentos; oiro e prata brilhavam em todos os ornatos das paredes, dos artezoados tectos e das mobilias. Havia um circulo de porticos sustentados em columnas magnificas, e nada podia ser mais agradavel á vista que os claustros rodeados por estes porticos, e onde existiam as mais aromaticas plantas, lindos passeios, viveiros de aves da mais pomposa plumagem, fontes espadanando agua por figuras de bronze em tanques povoados de peixes de mil cores, etc.

Ha tanta sinceridade e tão patriotico impulso nas palavras com que Flavio José conclue a sua descripção d'estas e outras sumptuosidades, que faz gosto transcreve-las.

«Debalde emprehenderia eu amiudar as incriveis magnificencias d'estes soberbos edificios e de todos os esplendidos accessorios, que tão deliciosos como admiraveis os tornaram; não acharia expressões condignas. E o mais triste é que não poderia, sem sentir o coração traspassado de dor, estar-me lembrando de que tudo isso foi reduzido a cinzas; não pelos romanos, não; mas pelas chammas parricidas, accessas desde o principio de nossas dissensões por scelerados traidores á patria!»

Assim, dada uma idéa geral das muralhas e das torres de Jerusalem, passarei a occupar-me das suas varias portas, as quaes na sua maioria foram primores de arte.

CAPITULO XXVI

PORTAS DE JERUSALEM

I. Antigas portas. — II. Portas de Jerusalem. — III. Porta de Jaffa (de David, dos Mercadores, do Castello, de Belem, dos Peregrinos, dos Peixes, dos Pescadores). — IV. Porta de Sião (porta Velha?). — V. Porta de Santo Estevão, do Rebanho (do Valle, de Maria). — VI. Porta de Damasco (da Columna, dos Peregrinos, de Benjamin, de Ephraim, Villæ Fullonis). — VII. Porta Estercoraria (Esterquilinia, dos Barbarescos, dos Africanos). — VIII. Porta das Aguas (dos Cavallos, da Fonte), Aurea (Oriental). — IX. Porta de Herodes (Angular, das Flores). — X. Porta Especiosa. — XI. Porta Judiciaria (Jebus). — XII. Porta Ferrea.

I

Quem só conhece a construcção das nossas cidades abertas do Brazil ou de Portugal, e até mesmo do maior numero das fortificadas de outros pontos da America e Europa, não forma cabal idéa do que fossem as antigas denominadas portas, que nas velhas cidades fortes eram praticadas nas muralhas, para entrada e saida dos habitantes em tempo de paz.

Digo *denominadas portas*, porque essas edificações mereceriam nome diverso. Compunham-se muitas vezes de um ou dois arcos fechados por verdadeiros portões de madeira e ferro, e ordinariamente trancados; mas com postigos para facilitar as communicações. Transposto cada portão, seguia-se um caminho abobadado, com serviços lateraes, como se fosse um quartel apropriado para collocação dos defensores da cidade; por sobre a fachada corria um atrio com salas e compartimentos destinados, ou a arremessar da parte superior tiros contra os sitiadores, ou a servir de tribunal para os magistrados. Tudo isto era frequentemente no todo e nas partes do mais admiravel primor de trabalho. A soberba porta de entrada da cidade de Verona póde dar uma idéa d'essas monumentaes construcções, conhecidas pelo modesto nome de portas. Menos elegante, mas ainda mais forte, era em Roma a porta Asinaria, construida por Honorio, e que constituia uma verdadeira alcaçova.

Observei eu que em tempo de paz algumas das salas d'aquellas portas serviam aos magistrados, pois é certo que os antigos estabeleciam tribunaes ou pretorios ás portas da cidade. Diz-se que isto era feito com diversos intuitos: primeiro, a fim de que os estrangeiros, ao entrarem na cidade, sentissem logo o respeito que incutia o espectaculo da autoridade funccionando; d'ahi vem que entre os judeus a palavra *porta* era synonymo de *poder*, e continúa a sê-lo na phrase *Sublime Porta*, designando o poder turco; e mais alto exemplo é o de Jesus Christo quando excla-

mou: «Que as portas do inferno não prevaleceriam contra a Egreja»: em segundo logar, para manter o socego no interior da cidade, cuja entrada era prohibida aos demandistas, emquanto não concluissem os seus processos, e se não pozessem de accordo. E nem só se discutiam n'essa localidade os negocios judiciaes, mas tambem outros muitos, publicos e particulares.

Abraham fez acquisição de seu sepulchro na presença de todos que entravam na porta da cidade de Hebron. Quando Hemor e seu filho Sichem (que havia raptado Dina) propozeram a alliança com os israelitas, foi na porta da cidade que fallaram ao povo. Vemos a fórma circumstanciada d'estes actos publicos na historia de Ruth. Querendo Booz esposar esta formosa viuva, procurou que o parente do marido, que o era mais proximo do que elle, lhe cedesse os seus direitos. N'este intuito, sentou-se na porta de Belem, e apenas viu passar o dito parente, fê-lo parar; depois chamou dez anciãos que servissem de testemunhas; em seguida propoz o fim d'aquella reunião, e obteve a concessão almejada.

Quando chegou a David a noticia da morte de Absalão, subiu á sala da porta de Sião para prantea-la. Era ahi o logar das deliberações secretas do Rei.

A palavra porta significava, pois, muitas vezes certa grandeza: é assim que Macrobio denomina os tropicos de Cancer e Capricornio *portas do sol.*

As portas da cidade fecham-se todas as tardes, ao pôr do sol; e esta cautela data de tempo immemorial. Se já hoje á entrada d'ellas o peregrino não paga o *caffarro,* como outr'ora, é todavia certo que ainda tem de recolher-se antes do sol posto, da sua digressão extra-muros, se não quizer passar a noite deitado sobre a terra circumjacente. É curioso o seguinte trecho de Frei Pantaleão: «Antes de fecharem as portas, saem dois a cavallo, a dar vista e descobrir o campo, pouco mais de um tiro de pedra; e a mesma ceremonia guardam pela manhã ao abrir das portas, ao romper d'alva, e se guarda em todas as cidades sujeitas ao grão turco, por mais mettidas que sejam no sertão, e seguras de inimigos. Algumas vezes me aconteceu madrugar aos sabbados para ir dizer missa no sepulchro de Nossa Senhora, que está no valle de Josaphat, e achar estes descobridores do campo em seus rocins enxalmados e suas lanças, sem outra alguma arma; cousa que mais move a riso que a temor».

II

As portas de Jerusalem merecem especial menção, menos ainda pela magestade da sua construcção e pelos successos que varias d'ellas rememoram, do que por terem sido as queridas do Senhor, como o Psalmista nos revela nas palavras:

«O Senhor ama as portas de Jerusalem mais que todos os tabernaculos de Jacob.»

Esdras falla de doze, a saber: a porta dos Peixes, a do Rebanho, a Velha, a do Valle, a Estercoraria, a da Fonte, a do Grão-Sacerdote, a das Aguas, a dos Cavallos, a Judiciaria, a de Ephraim, e a do Angulo.

N'estas construcções, porém, houve grande variedade em numero e nomes, pois nos tempos antigos Jeremias ainda nos dá noticia de outras portas; nos de Jesus Christo, Flavio José aponta mais tres; e ha pelo menos seis cujos nomes dif-

ferem dos anteriormente citados. Estas portas foram-se progressivamente restringindo, porque formando a cidade nova (Elia Capitolina) um só corpo com a cidade velha, umas, como a Judicial, ficaram no ambito da povoação; outras, pelo andar dos tempos foram supprimidas; hoje só existem para o ingresso quatro, abertas aos quatro ventos.

III

A primeira por onde entrámos, a do occidente, é de todas a mais frequentada, e que mais varia em nome. Chamam-lhe porta do Castello, por estar vizinha ao castello dos Pisões, ou de David; de Belem, porque por ahi se sae para a formosa cidadinha; de Jaffa, por entrarem por ella os que desembarcam n'aquelle porto; dos Peregrinos, pela chusma d'elles que por alli transitam; dos Peixes, por ser a entrada de toda a pesca maritima; finalmente, dos Mercadores. Foi sobre esta porta que o Imperador Adriano esculpiu um porco de marmore, em desprezo dos hebreus, aos quaes era defeza a entrada na cidade, sob penas gravissimas. Esta mesma porta, que havia sido a escolhida pelo gentilismo para deturpar a lei mosaica, foi depois destinada pelo islamismo para fonte de renda; porque todos os peregrinos christãos eram alli obrigados a pagar um tributo, e nenhum ousaria transpô-la sem licença do governador, pena de morte.

Com effeito, é sabido que quando Roberto II, duque de Normandia, foi a Jerusalem, encontrou n'esta porta uma grande quantidade de peregrinos que, não podendo satisfazer o tributo de portagem, esperavam que viesse do Occidente algum personagem para lhes franquear o ingresso. Em verdade, o duque pagou por cada um d'elles uma moeda de ouro. Esta alcavala ainda durou no presente seculo; Chateaubriand a pagou, e mais entrou na cidade com vestes de beduino.

Mas permittiu Deus que os musulmanos vissem marchar por este arco triumphal os cavalleiros da Cruz, sem pagarem mais tributo que a gloria ao Soberano Senhor dos exercitos pelos favores immediatos da sua protecção.

Todo o Sultão, ao ser exaltado ao throno, dá ordem ao Pachá de Jerusalem, para entregar uma chave ao Vekil, ou chefe da seita israelita, significando com isso a licença de circularem livremente pela Palestina. Ora esta ceremonia costuma precisamente praticar-se á porta de Jaffa. Um esquecimento ou uma demora na entrega da chave symbolica faz com que os hebreus não possam sair de Jerusalem todo o tempo que decorre da morte do Sultão até o cumprimento da dita formalidade. Isto succedeu quando subiu ao throno o actual Sultão Abdul-Azziz.

IV

A segunda, a que olha para o sul, chama-se porta de Sião, porque saía para o monte de David. Esta, rigorosamente fallando, não tem relação alguma com as antigas, visto como actualmente metade do monte Sião está fóra dos muros da cidade, quando antigamente era todo clausurado. Alguns a fazem corresponder á porta Velha, que já existia desde o tempo dos jebuseus.

V

A terceira, que olha para o oriente, e que tem esculpidos dois leões, chama-se de Santo Estevão, attenta a crença de que fosse por ella que os hebreus arrastaram o protomartyr, no dia em que o lapidaram para se vingarem das suas exprobrações. Ha, porém, muito quem pense, com boas rasões, que foi por uma das portas septentrionaes que os perversos o levaram.

Junto a esta porta antiga, e que pelo menos desde muitos seculos conserva o nome actual, ficava a do Rebanho, por onde levavam os armentios que deviam servir para os sacrificios do vizinho templo; tambem lhe chamavam porta do Valle, porque saía para o valle de Josaphat. No uso commum denominam-na porta de Maria, nome que tomou, por se saír por alli para o tumulo da Senhora, no valle de Josaphat.

VI

A quarta e ultima porta é a de Damasco, ou porta da Columna, que antigamente denominaram tambem dos Peregrinos; porque em dado tempo se não permittia aos estrangeiros entrar senão por alli. Fica ao norte da cidade.

Chama-se de Damasco, porque por ella passavam as caravanas de camellos, saídas de Damasco. Substituiu esta porta a de Ephraim, por ser o caminho da tribu d'este nome, que estanceava ao norte de Jerusalem. Finalmente, tambem a denominavam porta de Benjamin, e porta Villæ Fullonis.

Comquanto todas as portas tivessem, e as que existem ainda conservem aspecto monumental, esta de Damasco, erguida nos melhores dias da architectura arabe, é por sobre todas magnifica.

Foi por esta porta que Jeremias ía saíndo para ir á terra de Benjamin, quando o guarda Jerias, desprezando as denegações do Vidente, o prendeu e levou aos Principes, sob o pretexto de que elle ía fugindo para os chaldeus, por cujo motivo foi açoitado, e emparedado no calaboiço do secretario Jonathan. E a esta mesma porta estava sentado El-Rei Sedecias, quando o eunucho ethiope Abdemeleck lhe foi interceder por Jeremias, a quem tinham aggravado a posição, descendo-o por cordas ao poço de que já fallei, onde estava condemnado a morrer de fome, atolado em lodo.

Esta porta dava para fóra da cidade, n'uma praça onde se reuniam assembléas populares, sendo n'ella que Ezechias proclamou ao seu povo, exhortando-o a não temer a possança dos assyrios.

Foi n'este logar que Godofredo de Bulhão se lançou, primeiro que ninguem, do alto de uma torre movel para os baluartes da cidade, penetrando n'ella por sobre cadaveres de musulmanos.

São portanto estas as quatro portas actuaes da Cidade Santa, que se conservam abertas durante o dia, e fechadas no correr da noite; de modo que, quem fica fóra da povoação até ás seis horas da tarde, já não póde recolher-se, como dito fica.

Havia no valle de Mello, entre Sião e o Moria, a porta da Fonte, assim chamada

por servir de passagem para a fonte de Siloé, e porta das Aguas por igual motivo, e tambem dos Cavallos, porque eram por ahi levados a beber á torrente de Cedron.

Quando o povo de Israel regressou de Babylonia, foi na praça que ficava adiante d'esta porta das Aguas, que o Sacerdote Esdras a rogo da multidão leu e explicou ao povo o livro da lei de Moysés, com a maior solemnidade, estando elle de pé sobre um estrado de madeira, rodeado dos principaes; celebrando-se essa solemnidade por sete dias, durante os quaes os israelitas levantaram tendas, parte das quaes na dita praça da porta das Aguas.

Este logar é tambem famoso por um successo mui notavel da historia de Judá. Athalia, viuva do usurpador Rei Joram, vendo que Jehú tinha morto seu marido, seu cunhado, seu filho, e que se dispunha a exterminar-lhe toda a raça, resolveu exterminar ella mesma toda a descendencia de David; apenas lhe escapou um dos filhos de Ochozias, Joas, que tinha a idade de um anno, e que a sua ama escondêra, sem que soubesse de tal existencia outra alguma pessoa alem de João, o grão sacrificador, durante os seis annos que Athalia reinou em Jerusalem. Mais tarde João, chamando os Levitas e os principaes das tribus, poz-se á testa de uma conspiração, a que todos adheriram debaixo de juramento. Chegado o dia aprazado, abriu João o deposito de lanças e de armas que David collocára na casa do Senhor, e distribuiu-as pelos Levitas e sacrificadores. Conduzido então o joven e derradeiro pimpolho da casa de David, os insurgentes pozeram-lhe sobre a cabeça o diadema e o livro da lei, e João o ungiu com o oleo santo; e todos os presentes, batendo palmas em signal de alegria, clamaram:

«Viva o Rei!»

Athalia, constando-lhe o que se passava, saiu do seu palacio acompanhada das suas guardas, e os sacrificadores a deixaram entrar, a ella, mas não á sua guarda nem comitiva. Apenas a orgulhosa Princeza viu Joas no throno e com a corôa na cabeça, não só rasgou todos os seus vestidos, mas bradou:

«Traição! traição!»

E ordenou que sem detença estrangulassem aquella creança, de que se serviam para arrebatar-lhe o solio. João, ao contrario, mandou aos centuriões que arrastassem aquella mulher para fóra do templo, a fim de o não manchar com o sangue de similhante dragão, e bem assim que dessem cabo de quantos ousassem defende-la. Esta ordem foi incontinenti executada: arrastaram Athalia para fóra do recinto manietada, levada a empurrões até á porta dos Cavallos proxima ao palacio, e ahi, ou proximamente no Cedron, a espedaçaram.

Havia tambem a porta das torres das muralhas, ao norte da cidade, fronteira ao tumulo de Helena; sendo perto d'ella que Tito correu grande perigo pessoal.

VII

Alem d'estas, ha tres geralmente fechadas e trancadas, não só com grossas cadeias e chaves de ferro, mas com um muro que aos proprios senhores da cidade as torna impenetraveis. Chamam-se estas: porta Estercoraria, Aurea e de Herodes. A primeira está ao sul, entre Sião e o Moria; a segunda ao oriente, vizinha da de Santo Estevão; a terceira ao norte, a pouca distancia da de Damasco.

A primeira porta, quasi sempre fechada, é a do sul, unica entre todas que até hoje conservou o seu antigo nome: é a porta Estercoraria ou Esterquilinia. Por ella se saía para o valle, as hortas e os jardins de Siloé, e se lançava todo o esgoto da cidade; mas, como os musulmanos nascem, vivem e morrem na sordidez, e nenhuma idéa teem de aceio, reputam inutil a porta Estercoraria, e por isto a conservam fechada, despejando em torno d'ella todas as immundicies; rasão pela qual conserva ainda o primitivo nome.

Tambem denominam esta porta dos Barbarescos ou dos Africanos, por ficar ahi perto um bairro de familias mouras, as quaes estão estabelecidas em Jerusalem, para onde vieram em tempo da expulsão dos mouros de Hespanha, no reinado de Fernando e Izabel. Abre-se esta porta no outomno e no inverno, para poderem ir tirar agua á fonte que está no fundo da collina.

VIII

A porta Aurea ou oriental servia mais para o templo do que para a cidade; demora pouco ao norte da porta das Aguas, por onde os Nathineus entravam com a agua necessaria para o serviço do templo. Teve o nome de Aurea, porque toda ella era dourada. Apresenta uma dupla arcada debaixo de uma só abobada, sustentada por enormes columnas de uma pedra só. Cada arcada tem a largura de 2^{m},85; as molduras dos arcos estão carregadas de ornamentos de folhagens; dividindo-se assim a construcção em dois corpos, chamam a um porta do arrependimento, a outro da misericordia. Pensa-se que a porta actual é a mesma que existe desde o tempo de Salomão, mas que os seus ornamentos são do de Herodes. Serviu esta porta de arco triumphal ao Imperador Heraclio quando, depois de reconquistar o Santo Lenho a Cosroe, Rei da Persia, que em seu poder o conservára quatorze annos, veiu restitui-lo em procissão solemne a Jerusalem, acontecendo que ao transpôr a porta Aurea foi retido por mão invisivel, que o não deixou proseguir; então Zacharias, bispo de Jerusalem, lhe ponderou que não podia quem levava regias vestes atravessar, com o proprio lenho sob tantas humiliações levado pelo Redemptor, a porta por onde o Rei dos Reis fizera sua entrada. Sem detença o Imperador apeia-se do cavallo, depõe a corôa, despe o manto e todos os regios ornamentos. Descalça-se, e com a cabeça e os pés nus põe sobre o hombro o precioso lenho da verdadeira Cruz (o mais bello tropheu da sua victoria), e leva-o, procurando o caminho por onde o Salvador o havia conduzido ao Calvario, restituindo-o ao logar d'onde os persas o tinham arrebatado. Por esta occasião foi promulgado um edicto para que todos os annos se celebrasse na Egreja uma festa em memoria da Exaltação da Santa Cruz.

Em grande veneração é tida a porta Aurea, tanto por christãos como por musulmanos, cada um por sua rasão particular. Os christãos a reverenceiam, porque por ella fez Nosso Senhor Jesus Christo sua entrada na cidade, Domingo de Ramos; os musulmanos a respeitam, porque dizem haver por alli passado um propheta seu tão digno de respeito, que desde esse dia devêra ser fechada e trancada, para a ninguem mais servir. Vigora tambem uma prophecia entre elles, que muito os intimida, isto é: que virá um dia em que por esta abertura penetrarão os christãos

a tomar, para sempre, conta da Cidade Santa; e que o meio de evitar tal successo é conserva-la perpetuamente inaccessivel.

O certo é que mostram tanto zêlo na sua guarda, que não consentem que os christãos d'ella se approximem, quando buscam lucrar as indulgencias annexas ao logar. Na epocha dos cruzados a porta Aurea não era murada, mas conservava-se fechada sempre, menos no Domingo de Ramos; porque n'esse dia abria-se, a fim de desfilar a solemne procissão, que principiava de Bethania, seguia por Bethphage, monte Olivete, valle de Josaphat, Moria, e ía terminar no templo do Santo Sepulchro.

Eis-aqui o que escrevia Pantaleão de Aveiro a respeito d'esta porta:

«Mandou-a o grão turco cerrar com portas de ferro de uma e outra parte, ficando a madeira como engastada e escondida... Era esta porta Aurea antigamente feita com muitas curiosidades e lindezas de obra de marceneria de diversas madeiras incorruptiveis, mas a principal era de cedro do monte Libano; e ao tempo que a cobriram de ferro, lhe tiraram a principal parte d'aquellas molduras e galanterias, e outros muitos pedaços. Parte das molduras pozeram nas portas de Damasco e Santo Estevão, como eu com os meus proprios olhos vi. O moiro a quem coube este cargo, tirou muitas molduras e pedaços, e deu-os pela cidade a christãos seus amigos, a uns de graça, a outros por dinheiro.»

IX

A terceira porta fechada é a de Herodes, que corresponde, talvez, á porta Angular, sita no angulo que a cidade faz entre o oriente e o norte. Chama-se de Herodes pela vizinhança em que estava do palacio ou do sepulchro de Herodes Agrippa. A rasão por que foi murada a porta de Herodes, é explicada pela sua inutilidade, visto como ahi está muito proxima a de Damasco; além de que é esta a parte menos habitada da cidade. Os indigenas chamam-na porta das Flores.

X

Outras tres portas que estão dentro da cidade, e que merecem especial menção pelas antigas memorias que recordam, são: a porta Especiosa, a Judiciaria e a Ferrea.

A primeira, tambem denominada porta Bella, é uma das primitivas portas do templo, na qual vivia assentado aquelle pobre coxo que pediu esmola a S. Pedro e a S. João na occasião em que, á hora nona, se dirigiam ao templo, e a quem Pedro respondeu:

«Não tenho oiro nem prata; mas o que tenho te dou: em nome de Jesus Nazareno levanta-te e vae em paz.»

O pobre, curado, ergueu-se delirante de jubilo, e partiu.

Esta porta fechava uma rua, como ainda hoje se usa em algumas cidades do Levante repartidas em quarteirões, alguns dos quaes se trancam, apenas anoitece.

XI

Era a porta Judiciaria (denominada Jebus pelos jebuseus) uma das mais antigas da cidade. Assim se chamava, ou em honra dos juizes de Israel, ou porque saíam por ella os delinquentes levados ao patibulo, ou porque, emfim, costumavam ahi sentar-se os anciãos, quando era mister julgar alguma questão suscitada entre o povo [1].

A segunda opinião é a mais seguida, principalmente pelos contemplativos da Paixão do Redemptor, que passou por esta porta com a Cruz ás costas. Diz a tradição que n'ella se affixavam as sentenças dos condemnados á morte; e ainda hoje lá se vê uma columna de marmore, onde se diz fôra pregada a sentença de Pilatos contra Jesus Nazareno; alguns duvidam que esta columna remonte áquelles tempos; acreditam que fosse ahi collocada depois, em memoria de outra que existíra no logar. No tempo de Christo ahi findava a cidade, e agora mesmo se reconhecem vestigios da antiga porta.

XII

A porta Ferrea já não existe; mas sabe-se, pouco mais ou menos, onde foi; não sendo muito distante do templo do Santo Sepulchro. Esta porta ficou afamada pelo grande successo que os livros canonicos nos conservaram. S. Pedro, guardado e vigiado n'um carcere por dezeseis soldados, dormia entre dois, liado com duas cadeias, quando o Anjo, desprendendo-lhe os grilhões, lhe mandou que o acompanhasse; e assim passaram a primeira e segunda guarda, e chegaram a esta porta Ferrea, que por si mesma se lhes abriu. D'esta diz Frei Pantaleão o seguinte:

«Até o dia de hoje permanece inteiro aquelle postigo sem ter porta, por não ser necessario, por estar ao presente entre as casas da cidade mui separado do muro novo. Este postigo, chamado porta Ferrea, é fabricado de umas pedras grandissimas, liadas umas com outras com ferro e chumbo; e da mesma maneira vae por alli no pedaço antigo, meio debaixo do chão, que foi descuberto juntamente com o postigo, por memoria da antiga fortaleza; e se servem por elle, por estar por aquella parte o caminho impedido das casas e edificios arruinados. Mostram bem sua antiguidade, assim o postigo, como o lanço de muro velho que vae junto d'elle, assim na grandeza das pedras e liamento do ferro e chumbo, como na côr; porque do tempo estão negras e defumadas.»

Não mais; proseguir seria descer a minucias. Deus sabe mesmo se não tenho já abusado da benevolencia do meu leitor, demorando-o tanto tempo fóra das muralhas da Cidade Santa. Entremos já n'ella pela nossa conhecida porta de Jaffa.

[1] Em todas as cidades da Judéa havia uma porta Judiciaria. O Deuteronomio diz (XXI, 18): «Se houver um filho rebelde ao imperio de seu pae, este o levará aos juizes, cujo tribunal é na porta da cidade, e lhes dirá: Este meu filho desobedece aos meus conselhos e admoestações, e passa a vida na devassidão. Castigae-o!»

CAPITULO XXVII

I. Sião. Vista de olhos sobre o interior da Jerusalem do tempo de Jesus Christo, e suas construcções. —II. Moria, Acra e Bezetha, e suas construcções.

Entrâmos em Jerusalem. Antes de esmiuçar noticias, convido o meu leitor a acompanhar-me, voando montado no seu hippogripho, para n'um relance de olhos tomarmos conhecimento da topographia da cidade intra-muros, tal qual era nos tempos biblicos, especialmente nos de Jesus Christo. Continuarei pois esta descripção no systema adoptado, seguindo do sul para o centro, e d'ahi para o norte.

I

Eis-nos pisando o monte de Sião, que fica ao sul da cidade, separado do resto d'ella pelo valle de Tyropeon, ou dos Queijeiros, o qual se estendia em linha recta de oriente a occidente, isto é, da porta da Fonte e das Aguas á de Jaffa. Todo o circuito de Sião era rodeado de um muro parallelogrammatico, entremeado de torres e portas de diversas architecturas. Ficava pois Sião confinando ao norte com o valle de Tyropeon, a oeste com o caminho de Belem, ao sul com a torrente de Gihon, que vae em linha recta ao Cedron, e ao oriente com o valle de Siloé.

Logo á direita da porta de Jaffa estava a famosa torre de David, ao sul da qual pompeava o sepulchro d'elle e dos Reis de Judá.

Seguindo do occidente para o oriente, ficavam logo o palacio de Caiphás, ou antes dos Summos Sacerdotes, bem como o dos Imperadores Cesar e Agrippa. Ao lado mesmo d'aquelle apontam o logar do pateo junto á porta, onde S. Pedro negou a Christo. Logo para diante estão os sitios onde eram o Cenaculo e o tumulo de Santo Estevão e de outros personagens biblicos da nova alliança.

Segue-se a pequena collina de Gabaon, onde foi collocado o tabernaculo de Sião, e na direcção do norte a Piscina de Sião, e na do sul a casa da Santa Virgem.

Logo depois erguia-se a cidadella de Sião, quadrilatero de muralhas e torres, com escadaria de treze degraus para o norte, por onde se descia pela porta superior e por um caminho sustentado em arcada para o templo de Salomão, erguido logo alem do valle de Tyropeon. Opposta a essa porta descia-se para o sul pela do jardim do Rei. A dentro d'esta muralha ficava o paço de David e dos Reis de Judá,

occupando a prisão regia o angulo noroeste das torres exteriores. Em frente, mas um pouco mais ao nordeste, era o castello dos Fortes.

Seguindo para o oriente, encontrava-se o palacio de Annás, a casa de Urias, com os competentes banhos de Bethsabéa ao lado. Finalmente, no extremo leste e perto de Siloé condensava-se a floresta dos cyprestes de Sião.

II

Para o norte do valle de Tyropeon ficava a cidade inferior, ou a Filha de Sião, assim como ao norte d'esta se elevou depois a cidade nova.

A cidade inferior erguia-se em tres montes: o Moria na parte austro-oriental, relativamente a Sião; o Acra ao centro e para o lado do occidente; Bezetha ao norte [1]. O Moria, que olhava para o oriente, encerrava o grande templo de Salomão, a ponte do castello de Antonia, etc.

O Acra, olhando para o occidente, tinha o palacio de Helena, os archivos, a cidadella de Antiocho, a prisão publica, as casas de Jeremias, de Maria Santissima, dos Machabeus, de Pilatos, o tribunal de justiça, a casa do mau rico, e grande parte da rua da Amargura. Finalmente o Bezetha, demorando ao norte, continha o palacio de Herodes, o Stratopedon e outras construcções de menor importancia historica.

Passarei agora a indicar onde são apontadas n'este vasto espaço as localidades em que existiram antigas edificações, ou d'ellas subsistam, ou não, vestigios.

Entrando pela porta de Jaffa, com o intuito de seguirmos sempre do sul para o norte, a primeira cousa que se acha é a velha praça do mercado, que ainda hoje tem a mesma serventia. Alli está a antiga Piscina, sendo esta a praça onde se realisou o martyrio de S. Thiago Maior.

Junto do valle Tyropeon ficava o palacio do Pontifice Ananias, bem como o immenso hippodromo de Herodes, ao norte do qual se eleva um monticulo, onde os Machabeus e depois Agrippa tiveram o seu palacio; e proximo a este ficavam o theatro, a Ephebia, o gymnasio e o palacio de Berenice. Ao occidente d'estes edificios achavam-se construcções de que já fallei, no monte Acra; e depois, ao occidente da cidadella de Antiocho, o campo dos Pisões.

Toda a região cuja nomenclatura acaba de ler-se, abraça a parte meridional e occidental da cidade inferior; sendo porém certo que igual porção de terreno era occupada, na parte meridional e oriental, no monte Moria, pelos palacios da floresta do Libano, da Rainha e de Salomão; mas muito principalmente pelo magestoso templo do Senhor, o qual ía até á porta Aurea da muralha oriental.

Voltando agora d'essa muralha ao norte do templo, e na direcção do oriente para o occidente, acha-se a Piscina Probatica, as quarenta casas dos Nathineus, a

[1] Fôra o Moria outr'ora dividido do Acra por um valle assás fundo; mas no tempo dos asmoneus, e precisamente sob o governo de Simão Machabeu, sendo destruida a agigantada cidadella que Antiocho havia construido no Acra, foram as suas ruinas lançadas no valle, que o entulharam a ponto de formar com o Moria um simples plano inclinado, similhando um amphitheatro.

Era a cidade defendida por invios valles, onde os havia, e dos outros lados por triplice cordão de muralhas; mas da parte septentrional só tinha um muro, que a outros dois parallelos excedia em altura, se não em solidez.

de Sant'Anna, as casas do phariseu e da Veronica, e principalmente os logares mais que todos famosos; porquanto da porta septentrional do templo seguia uma ponte e um portico, por suas columnatas ligado pela torre de Straton á cidadella Antonia, sita no alto da collina, d'onde por uma opposta ponte se entrava no pretorio de Pilatos e dos governadores romanos. N'este ultimo portico, entre a cidadella e o pretorio, é que Pilatos apresentou Christo ao povo; e no logar chamado Lithostrotos é que Jesus foi sentenciado, ouvindo o «*tolle, tolle*» das turbas.

Comquanto hoje se denomine rua da Amargura toda a que corta a cidade desde a porta de Santo Estevão, ao oriente, até á Judiciaria, no occidente, é verdadeiramente aqui do pretorio que ella começa, e vae seguindo com varias tortuosidades, conduzindo-nos hoje até á entrada do templo do Santo Sepulchro; mas no tempo de Jesus Christo findando na porta Judiciaria.

Ficavam perto do pretorio, e ao occidente d'elle, a Piscina interior, a prisão da cidade, o palacio da justiça e os archivos, e perto da porta occidental o amphitheatro.

Só me resta dar agora rapida noticia da segunda cidade, ou cidade nova, sita no monte Bezetha, exterior ao primeiro muro, ou muro antigo.

Continha esta, do lado do oriente, a casa de Maria, mãe de João Marcos, e a morada dos Rechabitas, e proximo á extrema septentrional os regios sepulchros.

Marchando para o occidente, vê-se onde foi o campo dos assyrios, o lago da Prophetisa Holda, o mausoleu do Pontifice Rei Alexandre Janneu, e do Pontifice Rei João Hircano, o hospital e as torres das mulheres.

Finalmente, ao noroeste fica o lago da Amendoeira, o palacio de Herodes, as torres Marianna, Hippicus, Nebulosa, Phasael e o citado Stratopedon.

CAPITULO XXVIII

I. Monte de Sião. Seus epithetos. Pedra angular. Vista que se gosa do alto do monte.—II. Monumentos que ahi foram erguidos.—III. Suas fortificações.—IV. Torre de David. Sepulchro do mesmo Rei.—V. Palacios de Cesareon e Agrippion.—VI. Palacio de Caiphás.—VII. Egreja Armenia de S. Salvador.—VIII. Palacio de Annás. Capella dos Anjos. Hospicio de armenias invalidas.—IX. Recordação mais desenvolvida das scenas que se passaram com o Divino Redemptor nas casas de Annás e de Caiphás.

I

No capitulo XVIII apresentei uma synopse do interior de Jerusalem nos tempos biblicos, e seguindo o systema sempre até aqui respeitado, fui percorrendo aquelles Santos Logares do sul para o norte. Agora, pois que estão visitados os valles, transpostos os montes, admirados os monumentos, estudados os logares que rodeiam exteriormente os muros da Cidade Santa, cumpre-me descrever a denominada «Cidade Superior» que demora do lado meridional.

É o mysterioso monte de Sião tão celebre nas Escripturas, que frequentemente o apontam como synonymo, não só do templo, como da mesma Jerusalem, a chamada «Filha de Sião». Tambem é tomado como figura da Egreja militante, e até da celeste mansão. Dá-lhe Ezequiel o epitheto de «altissimo», e David de «monte santo», «do Senhor», «fertil e pingue», «escolhido por Deus, e por Deus amado mais que todos os tabernaculos de Jacob, e onde o Senhor se dignou de habitar para sempre». Pondo, porém, de lado todos esses honrosos qualificativos, Sião, segundo alguns, quer dizer «Torre das Sentinellas», porque realmente n'essas alturas se postavam as sentinellas, que dia e noite velavam sobre Jerusalem.

E todavia, cumpre notar que o monte Sião se ergue sobre um durissimo rochedo, que lhe serve de fundamento, e que os livros sagrados denominaram «Pedra Angular». Os Santos Padres, alludindo a esta pedra, ao fallarem de Christo, em sua qualidade de fundamento inabalavel da Egreja, representam-no muitas vezes sob a figura d'este solido rochedo.

No Psalmo CXXIV, onde se promette aos justos segurança á sombra da Divina Providencia, compara-se a firmeza dos que confiam no Senhor com a do monte Sião.

Isaias (XXVIII) diz que o Senhor Deus lançou nos fundamentos de Sião uma pedra angular preciosa, collocada na ima base d'elle. Jesus, expondo varias parabolas, concluiu assim:

«Nunca lestes nas Escripturas, que a pedra que foi rejeitada pelos que edificavam, essa foi posta por cabeça do angulo? O que cair sobre esta pedra, far-se-ha pedaços; e a quem ella for atirada, ficará em migalhas.»

Quando S. Pedro respondeu aos Principes dos Sacerdotes e aos anciãos, que lhe perguntavam com que poder, ou em nome de quem fazia elle os milagres, disse:

«Pedis vós a rasão do beneficio feito a um enfermo, com que virtude foi curado? Foi com a virtude do nome de Nosso Senhor Jesus Christo Nazareno, a quem Deus resuscitou dos mortos. Esta é a pedra que foi reprovada por vós, architectos, que foi posta pela pedra fundamental do angulo, e do ceu abaixo em nenhuma outra parte ha salvação.»

É portanto esta mesma pedra a que tambem se chama de «tropeço» e de «escandalo», na phrase do Apostolo S. Paulo.

Tudo quanto precede compendiou o mesmo S. Pedro, na sua primeira epistola, nas seguintes palavras:

«Se é que haveis gostado quão doce é o Senhor, chegae-vos para Elle como para a pedra viva, que os homens tinham sim rejeitado, mas que Deus escolheu e honrou. Tambem sobre ella vós mesmos, como pedras vivas, sêde edificados em casa espiritual, em sacerdocio santo; porque para isso diz a Escriptura:

«Eis-ahi ponho eu em Sião a principal pedra do angulo, escolhida, preciosa; e o que crer n'ella, não será confundido. Ella é pois honra para vós, que crêdes; mas para os incredulos, a pedra que os edificantes rejeitaram, e foi posta por cabeça do angulo, é pedra de tropeço e pedra de escandalo, para os que tropeçam na palavra, e não crêem em quem igualmente foram postos.»

Do alto do monte Sião se alcança a mais formosa e sympathica vista. Proximo, para o oriente, surgem os montes Olivete e do Escandalo, separados da cidade pelos valles de Josaphat e Siloé. Para o sul abysma-se pavoroso e profundo o valle de Ennon, dominado pelo Haceldama e pelo monte do Mau Conselho. Avista-se mais longe uma cadeia de collinas, que vae afogar-se no Mar Morto, de que se descobre parte. Para o occidente embebem-se os olhos em outro valle profundo, costeado pelo monte Gihon, estendendo-se á esquerda o valle dos Raphains ou dos Gigantes, por onde se vae a Belem.

Todos esses visos e valles formam como uma corôa ou aureola brilhante ao monte do Senhor. É o mais elevado dos quatro sobre que está edificada a cidade. Sua excelsa posição, porém, é a infima das suas primazias; poucos são os livros em que se não ache registado, e sempre com honra [1].

[1] Fallando Lamartine do monte Sião, prorompe n'estas vozes:

«Á esquerda da plataförma do templo e das muralhas de Jerusalem, a collina abate-se de repente, amplia-se e ondula-se em declives suaves, a trechos amparados por alguns terrados de pedras movediças. Assoma nos visos d'esta collina, a cem passos de Jerusalem, uma mesquita e um grupo de edificios turcos, fazendo lembrar um povoado europeu, coroado de uma egreja com seu campanario. É Sião! é o palacio! é o tumulo de David! é o logar de suas inspirações, e delicias de sua vida e repouso! Para mim logar duplamente sagrado, porque o seu divino cantor muitas vezes me commoveu o coração, e arrebatou a mente.

«É o primeiro dos poetas do sentimento! Rei dos lyricos! nunca a fibra humana estremeceu com tão intimas, penetrantes e graves harmonias; nunca tão alto vôou o pensamento do poeta, nem se ostentou tão justo; assim como nunca em expressões tão ternas, sympathicas, pungentes se expandiu a alma do homem ante o homem e Deus.

«Todos os gemidos mais recônditos do coração humano encontram vozes e notas n'aquelles labios e n'aquella harpa; e se considerámos a antiguidade dos tempos em que seus cantos retumbaram na terra, se reflectimos que então a poesia lyrica das mais cultas das nações tinha por exclusiva missão cantar vinho, amor e sangue, e as victorias das musas ou dos corseis nos jogos de Elide, tomâmo-nos de profundo assombro ao escutar os sons mysticos do Rei Propheta, que falla ao Deus creador como amigo a amigo, que comprehende e louva suas maravilhas, admira sua jus-

E que direi dos magestosos edificios, que outr'ora o coroavam? Desde os tempos de Abraham que os jebuseus alli ergueram aquelle formidavel ninho, de que os não pôde desalojar, nem o grande Josué, nem outro algum dos Juizes que depois d'elle governaram Israel, nem o proprio Saul; porquanto a honra d'esta victoria devia caber a David, ao homem formado segundo o coração de Deus, àquelle cujas gloriosas emprezas começaram exactamente do monte, onde estabeleceu sua residencia, e onde fez construir muitos e vastos edificios, proprios para darem á povoação o nome de cidade de David, capital do florescente reino de Judá.

Permitta-se-me aqui dizer que ao recordar-me d'essas magnificencias, na occasião em que eu saía da cidade pela porta de Sião, me veiu á mente a prophecia de Michéas, de que tempo viria em que o monte Sião havia de ser arado como um campo. Encontrei, apenas transpuz a porta, um turco dirigindo uma junta de bois, que sulcavam com o arado o monte, como se campo fôra. Elio Adriano, ao reedificar Jerusalem, deixára fóra dos muros a parte d'este que formava a principal belleza da cidade antiga. Eu já estava informado de que ao presente só se encontravam olivaes, vergeis e hortas no mesmo terreno onde outr'ora pompearam o paço de David, a fortaleza dos jebuseus e a torre de Judas Machabeu. Mas impressionou-me a singular circumstancia de logo ao primeiro passo encontrar eu uma junta de bois arando o monte Sião!

De tão vastos monumentos, como os que aformoseavam a cidade superior, já nada resta, alem de algumas ruinas, senão um campo triste, que, á proporção que vae sendo despovoado dos vivos, vae sendo habitado dos mortos; porquanto, afóra os hebreus, cujos sepulchros são no valle de Josaphat, cada uma das outras na-

tiça, implora sua misericordia; e ecco antecipado da poesia evangelica, parece repetir as palavras de Christo, muito antes de as ter ouvido.

«Propheta ou não, conforme o queira considerar o philosopho ou o christão, nenhum d'elles poderá contestar ao poeta Rei inspirações, que nenhum outro teve. Lêde Horacio ou Pindaro depois de um psalmo! Á fé que fechareis logo o livro.

«Se eu, rasteiro poeta de um tempo de decadencia e silencio, vivesse em Jerusalem, escolheria sem duvida para sitio de minha habitação e lapida de meu sepulchro o proprio logar que David escolheu para o seu, em Sião. É a mais bella vista da Judéa, Palestina e Galiléa. Demora á esquerda de Jerusalem com seu templo e seus edificios, por sobre os quaes o Rei ou o poeta podia alongar olhos, sem ser visto. Jardins ferteis, baloiçando-se fronteiros por inclinados plainos, o conduziam até o leito da torrente, cuja espuma e murmurio o encantavam.

«Mais abaixo estende-se o valle arborisado de figueiras, romeiras e oliveiras. Era porventura em alguns d'estes rochedos suspensos sobre a correnteza; em algumas d'estas grutas sonoras, refrescadas por aguas sussurrantes; ao pé de alguns d'esses terebinthos, avoengos do que ora me está cobrindo, que o poeta sagrado ía desafiar o sopro inspirador de tantas melodias. Que me fosse dado a mim recebê-lo ahi, para cantar as tristezas do meu coração e as dos corações de todos os homens d'esta idade turbida, como elle cantava suas esperanças n'uma idade de fervor e de fé! Mas já não ha cantico no coração do homem, porque o desespero não canta.

«E emquanto não baixar novo raio de luz sobre a caliginosa humanidade, as lyras permanecerão mudas, e o homem passará em silencio entre dois abysmos de duvida, sem ter amado, erguido preces, nem cantado!

«Mas voltemos ao palacio de David. D'alli espraiava elle as vistas por sobre as margens de Josaphat, então verdejantes e rociadas. Largo boqueirão nas collinas de leste o conduzia de declive em declive, de oiteiro em oiteiro, de ondulação em ondulação, até á bacia do Mar Morto, que reflecte lá no fundo os raios da noite em suas aguas preguiçosas e espessas, como grosso espelho veneziano imprime côr plumbea na luz. Não é, como se nos afigura, um lago petrificado n'um horisonte triste e descorado. Visto d'aqui, é um dos mais formosos lagos da Suissa e da Italia, cujas aguas dormem tranquillas entre a sombra de altissimas montanhas da Arabia, que se desencadeiam como os Alpes, apresentando, até perda de vista, pincaros alcantilados, pyramidaes, conicos, atrevidos, rendados e scintillantes: eis-aqui o panorama de Sião. Passemos.»

ções (latinos, gregos, abyssinios, georgianos, armenios, cophtas, syrios, chaldeus, protestantes, musulmanos) possue um cemiterio, onde repousam as cinzas dos seus á sombra dos mysticos cyprestes de Sião: murado só o é o cemiterio dos protestantes; todos os outros ficam em campo raso, de modo que a vista se derrama por infinidade de tumulos, cobertos de lages para evitar as profanações das feras. Se não são murados, é porque os musulmanos o prohibem. Uma paredinha, que mal desponta á flor da terra, circumdando o cemiterio dos catholicos, custou-lhes oitenta mil escudos; e não obstante, os scismaticos, não satisfeitos das amarguras que em vida causam aos latinos, procuram depois da morte perturbar-lhes a paz dos tumulos, invadindo-lhes o funebre chão.

III

Antes de progredir, especialisando o que importa em cada pedra do monte Sião, seja-me licito dizer duas palavras sobre as fortificações que rodeavam a cidade superior.

Depois que David fez crescer em veneração a sua amada montanha, procurou torna-la inexpugnavel; e com effeito, em todas as bellicosas vicissitudes de Jerusalem, esse foi sempre o ultimo reducto que cedeu aos embates das ballistas, catapultas e arietes, e o primeiro que procuravam restaurar todos os conquistadores.

Dois annos depois de haver Antiocho expugnado Jerusalem, mandou espoliar a cidade inferior, e demolir suas casas e muros; porém quanto ao monte Sião, cada vez o fortificou mais, erguendo alterosas muralhas e torres invenciveis.

Judas Machabeu tambem, quando se apoderou de Sião, robusteceu as fortificações, e alcançou leva-las a tal grandeza e densidade, que Tito ao vê-las exclamou:

«Não será por nosso valor, mas pelo soccorro de Deus que as expugnaremos; porque de similhantes baluartes só Elle póde expellir os judeus.»

D'aqui se collige que o monte Sião era tão formidavel, que o proprio que o rendêra o considerava invencivel; e postoque gentio, não hesitou em attribuir a Deus sua victoria. Poucos dias depois a cidade de Sião, a preferida por Deus a todos os tabernaculos de Jacob, pagava duramente o preço de sua prevaricação. Foi esse mesmo Deus amante e já então vingador, que em desempenho de sua palavra agitou as aguias romanas, para devorarem a cidade do crime.

Deixando porém as generalidades relativas ao sacro monte, passo a especialisar as construcções mais afamadas, ou d'ellas restem vestigios, ou simples tradição. Aqui mais que n'outro algum logar, terei de recorrer, ora aos meus apontamentos, ora á minha memoria, ora ás affirmativas dos que me guiavam, ora aos dizeres da Biblia, e finalmente ás descripções de outros que antes de mim tiveram de estudar estas regiões.

IV

Entrando-se em Sião pela porta de Jaffa, um dos primeiros sitios que chamam a attenção, é aquelle onde outr'ora fôra edificada a torre de David. Tão grandiosa, imponente e adamantina, se é licito dize-lo, era aquella fabrica alterosa,

que a Egreja a tomou como symbolo da fortaleza e graça da Virgem Santissima, divinal descendente d'aquelle cujo nome honrára o esplendido monumento: *Turris Davidica.*

A certa distancia se encontra o chão, onde fôra o sepulchro de David.

Eis-nos pois no solo, onde desde tantos seculos repousa o corpo do grande Rei. Houvera elle sido eleito para exemplo de brandura e santidade ás gerações por vir, formado segundo o coração de Deus, que do pastoreio de um rebanho o elevou ao solio de Israel. Este homem humilde penou tremendamente, commettendo dois attentados. Tal foi, porém, o seu arrependimento e a sua penitencia, que os dias se lhe extinguiram antes dos prantos, como testemunham os seus canticos penitenciaes. Perdoou-lhe Deus sem duvida; mas quantas não foram as tribulações com que durante todo o resto da vida descontou as culpas! Não lhe bastou vestir o cilicio, cobrir a cabeça de cinza, apascentar-se de lagrimas, jejuar longos dias, consumir noites inteiras em fervidas preces, e exinanir-se de dôr. Teve de sujeitar-se á vergonha de ver o seu peccado patente a todo o reino; de supportar a prematura morte do fructo de seu crime; de ver-se desamparado dos seus mais fieis capitães; de presencear na sua familia os maiores escandalos; de ver um filho dilectissimo rebellar-se, e deshonrar-lhe publicamente as mulheres; de ver tres filhos feridos de morte tragica; elle mesmo de fugir de seu palacio, para não ficar prisioneiro; viu sublevarem-se subditos e cidades; e reconheceu finalmente que o peso de seu peccado o estava opprimindo perennemente: *Et peccatum meum contra me est semper.*

Compadeceu-se o Senhor de tão longa, rigorosa e sincera penitencia, e poz termo á sua peregrinação na terra.

Seu filho Salomão construiu n'este logar um sepulchro de grande magnificencia para seu pae. A julgar pelos desenhos antiquissimos, que d'elle nos foram mostrados, havia um largo ambito quadrado, rodeiado de forte muro, para onde se penetrava por uma unica porta praticada ao meio, do lado occidental.

Contorneavam interiormente as paredes renques de cyprestes e oliveiras. Exactamente ao meio d'este quadrilatero se erguia uma vasta mole, a qual se compunha de dois corpos superpostos, de elegante architectura e primorosamente lavrados: o inferior tinha a fórma octogona e portas arcadas em todos os oito lados. Acabando este corpo n'uma superficie horisontal, erguia-se sobre esse tecto uma alta galeria central tambem com oito pilares e portas francas, superposto tudo por uma varanda circular, sobresaindo d'ahi uma elevada cupula, de cujo centro se levantava a grande altura uma especie de obelisco, ou estreita pyramide conica.

Tal era, pouco mais ou menos, o exterior do moimento.

Concluido que foi por Salomão, este encerrou n'elle thesouros, que foram depois roubados por Hircano; o que sabendo Herodes, penetrou tambem no sepulchro, mas nocturnamente, para que o povo o ignorasse. Não achou os thesouros que buscava, e sim muitos ornamentos ricos. Ao penetrar nas camaras que encerravam as cinzas de David e Salomão, perdeu dois dos seus satellites, fulminados por labaredas que irromperam de dentro; o que fez que Herodes amedrontado se retirasse; e para expiação de sua cubiça sacrilega mandou levantar um monumento de marmore branco á entrada do mausoléu.

Conserva-se tambem este sepulchro em poder dos musulmanos, que nem mesmo aos seus consentem que alli entrem. Só uma vez por anno se tira a pedra com

que está fechado, para dentro se lançarem os presentes mandados pelo Sultão de Constantinopla.

Um historiador nos conta que em 1855 obtivera por empenhos e despendios penetrar no tumulo augusto. Descendo seis ou oito degraus, achou-se em quartos baixos e abobadados, a que elle julga ficar superposta a egreja da instituição da Eucharistia, da qual essas camaras não são senão a crypta, ou egreja subterranea. Passado o vestibulo, chega-se á parte correspondente á nave unica da egreja superior; mas ahi divide-se a nave em duas ao comprido por pilares macissos, que no meio sustentam as abobadas. A ultima parte d'esse espaço, menor que a primeira, fica separada por uma divisão transversal, e tambem dividida por outra divisão, que forma duas camaras na extremidade meridional da crypta: entra-se pela da direita; o tumulo occupa quasi toda a da esquerda. Trazidas as chaves, abriu-se a porta. Kiamil-Pachá, que presidia a esta visita, prostrou-se, levou á bôcca e á fronte as franjas do tapete que cobria o tumulo, coberto de sete tapetes riquissimos, sendo o superior de seda azul com listas largas mais escuras, e todo ornado de inscripções e textos do Alcorão. Ha no meio do tumulo um quadrado de panno ricamente bordado de oiro, com franjas e com letras bordadas do mesmo metal, tambem com textos do Alcorão. É um tumulo de cerca de sete pés de alto, e de dobrado comprimento; superpõe-se no tecto um docel de seda azul e branca. Levantadas a muito custo as alcatifas, viu-se a parte anterior do tumulo de não polido marmore cinzento. Havia no meio um medalhão de marmore de côr mais carregada; disse Kiamil-Pachá que aquillo era para designar o logar, onde no interior fica o umbigo do Propheta. As paredes d'esta camara estão forradas de ladrilhos brancos com desenhos azues. Á roda do tumulo algumas lampadas de cobre. Perto da porta, á esquerda de quem sae, está pendurada uma cadeia de anneis oblongos. Diz-se lá ser um modelo de uma cadeia feita pelo proprio David. Tudo isto, porém, existente n'aquelle local estreito e escuro, offerece pouca apparencia de tão remota antiguidade. A camara do lado é um pouco mais clara, mesquinhamente adornada de algumas lampadas e ovos de êmas pendurados do tecto; no nicho de oração havia dois vasos; o chão esteirado; o resto da crypta vasio e desornado.

Seria este o famoso sepulchro erguido pelo ostentoso Salomão? Não o posso crêr. Provavelmente este mais modesto tumulo terá sido em praso posterior levantado, para perpetuar a memoria do logar, que parece ser incontestavelmente o sitio onde dormem o somno eterno David e Salomão[1].

Quanto a mim nada posso dizer *de visu;* porquanto ao chegar a este moimento, o santão resistiu ás minhas instancias, e não me permittiu entrar.

Saiâmos, pois, do sepulchro de David, e continuemos a nossa peregrinação pelo lado do oriente.

V

Antes de fallar da casa de Caiphás, só para não ter de confundir objectos de maxima grandeza com outros proporcionalmente insignificantes, direi que para leste do sepulchro de David havia um ou dois palacios magnificos, de que ora não restam

[1] Á imitação d'esses, quizeram ahi ter sepultura os seus successores no throno de Judá. Estes porém foram inhumados em logar separado d'aquelle onde descançavam os restos do conquistador; e nem a tradição conserva a memoria de seus sepulchros.

os minimos vestigios, e que foram edificados por Herodes o grande. Este homem, querendo lisonjear o povo romano, a esse tempo omnipotente, e de quem tanto dependia a perpetuidade da sua jurisdicção e permanencia da sua dynastia, resolveu levantar um monumento á sua gratidão e ao seu calculo.

Já o cruel Rei tinha construido em Jerusalem um magnifico theatro, sem igual no mundo, e o hippodromo grandioso, de que em seu logar fallarei. Passou então a erguer uma fabrica alterosa no sitio que estou indicando. Era um edificio monumental e parallelogrammatico, deitando a sua principal frente para a praça superior. Compunha-se de dois immensos corpos seguindo parallelamente na direcção do maior comprimento, e separados e unidos por outro corpo intermediario, subindo a menor altura. As elevadissimas sotéas dos dois edificios lateraes formavam terrados, d'onde se gosava uma vista encantadora, e para os quaes se subia por escadas collocadas ao meio. Tudo no interior eram columnatas, marmores, madeiras de maximo preço e oiro em profusão; tudo em tal magnificencia, que nem templos havia que se lhe podessem comparar.

A um d'estes dois edificios deu Herodes o nome de Cesareon, em honra de Augusto, e ao outro denominou Agrippion, em memoria de Agrippa, que Augusto tinha designado para seu collega.

Deixando, porém, este ponto, que é de secundario interesse, passarei immediatamente a occupar-me de assumpto muito mais digno das nossas attenções.

VI

Eis-nos chegados ao terreno onde outr'ora foi o palacio que denominavam de Caiphás, comquanto o edificio que n'este logar existiu, não fosse propriedade particularmente d'elle, que só ahi residia na qualidade de Pontifice d'aquelle anno, mas sim do estado. Como, porém, esse palacio e o do pretorio só ficassem gravados na memoria dos tempos pela Paixão do Redempor, succede que, em vez de casa do Pontifice e pretorio da presidencia romana, os historiadores só consagrem a estes logares os nomes das autoridades que então os occupavam, sendo por isso que se diz: pretorio de Pilatos e palacio de Caiphás.

Comquanto seja systema d'este livro ir methodicamente seguindo as descripções segundo a ordem da topographia, aqui se torna necessario alterar por um momento esta disposição; porque, embora o palacio de Annás, sogro d'aquelle, fosse tambem no monte Sião, é certo que o de Caiphás ficava para o occidente e o de Annás para o oriente, intervallando-se outras construcções, de que fallarei; mas agora vejo-me forçado a ligar entre si o que tinha a dizer ácerca dos dois palacios, por isso que considero inseparavel de ambos a noticia, que sobre todas os torna celebres.

Quanto ao palacio de Caiphás, é pintado como representando um vasto edificio isolado, de quatro faces, com columnatas lateraes de ordem dorica, tendo a frente principal ou a entrada para o lado do norte, e ficando para o lado do sul um jardim ou pateo murado, mas abrindo-se na parede meridional um grande portão torreado, onde estava praticada a porta denominada do Summo Sacerdote, e da qual por uma immensa escadaria se descia para o lado do sul, na direcção da torrente de Gihon.

Começa a celebridade d'esta casa na circumstancia de ter sido ahi que depois da resurreição de Lazaro se reuniram em conselho os Principes dos Sacerdotes e os phariseus, para decidirem o que deviam fazer de Jesus, cujos milagres arrastavam após os seus passos torrentes de povo. Sem querer, prophetisou Caiphás que, para não perecer toda a nação, um homem havia de morrer pelo povo.

A scena principal, occorrida n'este palacio e no de Annás, adiante se lerá. Procurarei n'ella imitar, aliás com modificações numerosas, muito mais aparada penna.

Antes, porém, d'essa narração, algo me cumpre dizer sobre o local que estou descrevendo.

VII

Foi o palacio de Caiphás comprehendido nas devastações de Jerusalem; porém, não soffrendo os fieis dos primeiros seculos que logar tão memorando, pelos actos de que o Redemptor ahi foi victima, permanecesse em ruinas, levantaram uma grande egreja; e porquanto foi ahi mesmo, no pateo do palacio, que Pedro negou a Christo, entenderam que ella devia ser dedicada ao Principe dos Apostolos para animo e consolação da natureza humana, que n'aquelle proprio logar ache a prova da divinal munificencia para com aquelles que, tendo peccado, se arrependem. Correu este edificio a fortuna varia de todos os de Jerusalem, mas foi reedificado sob o titulo de egreja de S. Salvador. Muitos annos esteve em poder de zelosos catholicos; mas desde muito se acha no dominio dos armenios scismaticos; os latinos conservam apenas o direito de officiarem ahi durante vinte e quatro horas no anno, sendo esse dia indicado nas segundas vesperas do Pentecostes, em memoria da descida do divino Paracleto; mysterio que se operou em logar diverso, mas proximo, como opportunamente direi.

Apresentei-me n'este edificio, que exteriormente simelha uma fabrica, e abriu-me a porta um sacristão armenio. Achei-me para logo n'um lindo adro matizado de tumulos de bispos e patriarchas armenios. A egreja está muito bem conservada e mantida com decencia. Do lado da Epistola, como se fosse sacristia, ha um pequeno e estreito santuario, onde a tradição affirma ter sido o carcere do Redemptor na sua ultima noite. Tambem uma janellinha que me mostraram, assignala, segundo dizem, o logar onde pousára o famoso gallo. A mesa do altar mór é formada da pedra, ou antes de alguns pedaços da pedra, que os armenios julgam haver sido a lage que tapava o sepulchro do Senhor, que o Anjo revolveu, e sobre a qual este se achava sentado, quando as santas mulheres chegaram na manhã da Dominga da Resurreição. Apesar de ser assás duvidosa a authenticidade que os armenios attribuem á sua pedra, é certo que não só de boa fé acreditam no poleiro do gallo, mas em que possuem a lapida sepulchral de Jesus Nazareno. Vê-se esta pedra á roda do altar em tres pontos diversos, sendo em parte coberta de cimento. Apresenta fórma semicircular. Diz Santo Arculfo, que a pedra do Santo Sepulchro era dividida em duas partes, das quaes a menor, quadrada, estava no seu tempo diante do proprio sepulchro, emquanto a outra servia para altar no Calvario. Póde ser que esta ultima seja com effeito a do altar armenio, porquanto no Calvario já não existe; mas ignora-se quando fosse para aqui transferida.

Nada mais direi do palacio de Caiphás, e agora passemos ao de seu sogro.

VIII

A acreditarem-se tambem os antigos desenhos que se conservam, o palacio de Annás, que ficava no declive oriental de Sião, e já quasi na cidade baixa, era menos vasto, mas ainda mais elegante que o de Caiphás. A sua fachada olhava igualmente para o norte. Subia-se por uma escadaria que circumdava o edificio. Em cada um dos seus quatro angulos, duas grossas columnas sustentavam um friso e uma cornija ricamente lavrada. O tecto tinha a fórma de uma sotêa na extremidade, mas ao centro levantava-se um magestoso zimborio, por onde superior e lateralmente penetravam ondas de luz.

A tradição mostra, no angulo externo nordeste da egreja que ahi existe hoje, algumas antigas pedras, que pertenceram á casa de Annás, e não menos algumas pequenas oliveiras, rebentões de uma antiquissima, á qual se suppõe que prenderam o Salvador, em quanto se deliberava sobre sua sorte no conselho de Annás.

O que resta é o seguinte. Na encosta oriental de Sião, entre o mosteiro de S. Thiago e o bairro dos judeus, vê-se uma capella dedicada aos Anjos, a qual n'aquelle monte forma o segundo logar de peregrinação, e onde religiosos foram incumbidos de celebrar o Officio Divino. Ha contiguo um hospicio de mulheres invalidas ou decrepitas, a que dão o nome de monjas. São viuvas quasi todas de padres armenios scismaticos, que alli procuram subsistencia na caridade de seus correligionarios, mas sem habitos, clausuras, votos, ou apparencias monasticas. A cargo d'estas armenias está a capella que foi edificada no logar do palacio de Annás.

IX

Agora que nos são conhecidos os logares onde eram sitos os palacios de Annás e Caiphás, é opportunidade para apresentar com mais amplidão os importantes successos que n'estes edificios se verificaram. É evidente que d'ora avante, tendo eu de seguir a topographia de Jerusalem, frequentemente me verei obrigado, como aqui, a antepôr a descripção de factos que occorreram posteriormente a outros anteriormente tratados.

Preso Jesus Christo no Horto, é conduzido pela margem esquerda da torrente Cedron, atravessando o caminho que dias antes havia seguido na sua entrada triumphal em Jerusalem. Transpondo depois a torrente na altura dos sepulchros de Josaphat e de Absalão, costeia a collina do templo, e entra na cidade pela porta Esterquilinia.

Caiphás, Summo Sacerdote d'aquelle anno, ordenou, por deferencia para com seu provecto sogro Annás, que levassem Jesus á presença d'este, apenas o prendessem[1]; até porque fôra elle quem negociára com o Iscariotes a entrega do Mestre. Annás prevenido esperava o Galileu, que desde a granja de Gethsemani

[1] Tanto Annás como Caiphás haviam comprado aos presidentes romanos a dignidade pontifical, que até então as leis e costumes tornaram dependente de legitima eleição. Tal era já então a degradação judaica. Ambos estes miseraveis morreram de morte desastradissima.

lhe foi conduzido em meio de selvagens alaridos, os quaes, eccoando nos salões do palacio, aterraram os Sacerdotes e phariseus ahi reunidos.

Esaú, sacrificador do templo, que havia presenceado a prisão de Jesus, entrou precipitadamente no salão, bradando:

— «Elle ahi vem! Elles ahi o trazem! É um Propheta, não o duvideis, é; porque bastou Elle proferir agora uma palavra, para os soldados cairem tres vezes como fulminados aos seus pés.»

— «Que ousadia! fóra com esse louco», disse Annás. «Se está vendido ao Gallileu, açoitem-no!»

Levaram-no de rastos.

Reinava na vasta sala a mais desordenada excitação. Os Sacerdotes em seus assentos, os phariseus e o povo fóra da téla do tribunal, tudo isso formava um quadro aterrador, a que presidia o septuagenario Annás, fronte deprimida, rosto comprido, alvas e ponteagudas barbas, tez cadaverica, olhos pequenos e de um feio azul claro, aspecto cruel e typo do judeu miseravel.

— «Tragam-me esse homem.»

A plebe, que estava a grandes gritos insultando á porta da rua, com os nomes de impostor, embusteiro, falsario, ao Salvador do mundo, vociferou:

— «Abram caminho.»

O Redemptor penetrou no salão. Ía-o empurrando e dando-lhe punhadas nas costas com o seu guante de ferro o despiedado Malcho.

Era de ver a attitude branda e serena do formoso Martyr; era de ver como aquelle seu rosto maltratado e demudado só respirava clemencia; era de ver como, com a barba purissima ensanguentada, o Homem Divino revelava em seus olhos que nem tantos soffrimentos podiam diminuir-lhe o amor á humanidade!

Annás, exasperado, e descarregando na mesa uma terrivel punhada, exclamou:

— «É isto Jesus de Nazareth? Isto? Um desprezivel mendigo? Que insolencia, juizes! Ahi tendes vós o grande Messias, o Rei da Judéa, o que nos qualifica de raça de viboras, o que ousa ameaçar-nos com a ruina do templo, o que ha de transformar a ordem das cousas, fazer o nunca feito! Quem és tu, miseravel? Que doutrina é a tua? Quem são os teus discipulos? Responde, hypocrita!»

Jesus, cujos braços estavam fortemente atados atrás das costas, disse, erguendo placidamente a cabeça:

— «Eu tenho fallado em publico; ensinado na synagoga e no templo onde todos se reunem. Para que me interrogaes? Ahi tendes os que me teem ouvido.»

O perverso Malcho descarregou-lhe uma tremenda bofetada, dizendo:

— «Ah! assim é que tu respondes ao Pontifice?»

Tão brutal fôra a pancada, que Jesus caiu por terra, e tão vil aquella assembléa, que nem uma só voz reprehendeu o acto infame[1].

[1] N'aquelle logar me foi dito que uma tradição antiquissima perpetuára a crença de que todos quantos peregrinos visitavam a egreja sita onde fôra o palacio de Amás, ouviam mysteriosa, mas claramente reboar, como repetindo-se, o estalo de uma bofetada. E vi depois em Pantaleão de Aveiro alludir elle igualmente a essa tradição, posto lhe haja succedido, como a mim, que nada ouvi; e tanto que elle se exprime assim: «Com eu haver entrado algumas vezes n'aquella egreja e estar com muita attenção, por espaço grande, n'ella, por me affirmar no que me diziam, nunca tal cousa senti; e se se dá, como dizem e affirmam, por meus peccados nunca mereci nem ouvi-la nem senti-la».

Ergueu-se o divino martyr com o guante do covarde verdugo impresso em rubros vergões na face virginal. Duas lagrimas se lhe desprenderam dos olhos, e voltando-se para o seu esbofeteador, de um modo cuja bondade não fôra dado exprimir á penna do poeta ou ao pincel do pintor, disse-lhe brandamente:

— « Se fallei mal, mostra-me em quê. Se fallei bem, porque me feres? »

Incrivel! Haviam prendido Jesus para julga-lo, e em vez de julgamento dá-se o espectaculo do desprezo da lei, e da perversidade dos seus executores! O ultimo dos criminosos que gemiam nas humidas masmorras da cidadella Antonia, houvera achado um defensor; para com esse houveram sido respeitadas as formulas legaes! N'este nefando tribunal os proprios respeitos humanos eram todos invertidos. Aquelle que ainda não era julgado réu, já o puniam e ludibriavam! A sua propria brandura e humildade serviam de incentivo de seus, não julgadores, mas inimigos. O proprio Summo Sacerdote por tal arte se esqueceu da compostura devida a seu cargo, que, levantando-se espumando, pôz-se a bradar:

— « Levem-no d'aqui! Já para a casa de Caiphás. Lá estão o tribunal e as testemunhas. Não quero similhante embusteiro na minha presença. »

— « Vamos, falso Propheta », exclamou Malcho, « e cautela com a lingua lá em casa do outro, senão... olha que eu ainda cá vou. »

Saiu Jesus aos empurrões, com que o atiravam sobre a lage, inundando-lhe assim de sangue o formoso semblante; o que, em vez de compaixão, excitou a gargalhada dos verdugos.

Lá vae o prestito deicida. Aguardam-no no tribunal de Caiphás anciãos, escribas, sacerdotes, phariseus, não interpretes de justiça, mas anhelantes de vingança.

Em meio d'aquelle congresso de feras havia um justo: era Nicodemus, o secreto discipulo e defensor, que tambem alli, silencioso e a um canto da sala, absorvido em seus pensamentos, aguardava o Nazareno: não raro seus olhos, ao encontrarem os do Pontifice, desconcertavam este perverso, que para perder o innocente réu, se valêra dos mais indignos subterfugios.

Ahi estavam já preparadas as testemunhas falsas.

Pedro, que, no olival de Gethsemani, receioso do furor dos soldados, se escondêra, recobrou animo depois que viu alongar-se a feral comitiva, e foi de longe seguindo a tumultuosa e nefaria scena.

Abrem-se as janellas; agglomera-se o povo; interrogam espavoridos a causa do alvoroto; discute-se com calor a violencia de que Jesus é alvo. Tinha Elle com effeito muitos amigos no arrabalde de Ophel, onde se havia celebrisado por munificencias e prodigios; e todavia ninguem ousava antepôr-se a defende-lo.

Rotas as vestes, ensanguentado o rosto, extenuado de dôr e de cançaço, lá vae caminho da casa maldita, quasi desfallecido entre seus verdugos, aquelle mesmo que pouco antes, rodeado de glorias, entrára na mesma cidade, pisando flores ao estrondo de ovações!

Ao verem-no passar, João e Pedro choram-no em silencio, occultando as lagrimas sob as pregas de seus mantos.

Chega o perseguido triumphador ao tribunal de Caiphás. Confundidos com a multidão seguem-no igualmente os dois discipulos, persuadidos de que poderiam, sem inspirar suspeitas, tudo ver e ouvir de algum canto da sala.

Todos os olhos se cravam no Homem Deus, que nem um instante desmente ta-

manha humildade alliada a tamanha grandeza. Como o tigre ao encarar a indefeza presa, Caiphás, ao observar Jesus, solta um grito de alegria feroz.

N'aquelle momento Nicodemus procura um amigo no salão, com quem possa associar-se. José de Arimathéa, que, posto não convocado, acabava de entrar, faz-lhe um signal de intelligencia com a ponta da toga; comprehenderam-se. Reunem-se a custo.

— «Vae commetter-se uma infamia!» diz baixinho Nicodemus.

— «Vae!»

— «Estou prompto para a defeza.»

— «Ai! amigo! baldada!»

Dentro e fóra do synedrio a turba era innumeravel, tumultuosa, indisciplinada, cruelissima.

Preside ao tribunal o Summo Sacerdote Caiphás, de cerca de quarenta annos de idade, e cujas feições por extremo pronunciadas algo tinham de feroz. Vestia tunica branca; cobria-lhe os hombros amplo manto côr de jacintho com aureas franjas; tinha na cabeça a thiara pontifical e no peito o éphod do sacerdote (era o terceiro poder de Jerusalem: governador, depois de Pilatos; tetrarcha, depois de Herodes).

Caiphás fita em Jesus os negros olhos.

— «Venha á barra esse embaucador», disse elle aos satellites com voz de trovão.»

Malcho agarrou a Jesus pela barba, outro soldado o puxou brutalmente pelas cordas, e assim o obrigaram a adiantar quatro passos para o Pontifice.

— «Escuta cá, falso Propheta, exclamou Caiphás, e responde sem te perturbar; detesto hypocritas; falla, como o fazes quando vaes á synagoga e á Galiléa.»

Nicodemus caminhou dois passos altivos, e disse:

— «Summo Sacerdote, este homem ainda não foi condemnado; manda aos guardas que o respeitem, que lhe desatem as mãos, que o habilitem a defender-se livremente. A não ser assim, teremos esta noite o espectaculo de miseraveis calcando aos pés a lei de nossos maiores[1].»

[1] Comquanto os Evangelhos não mencionem claramente esta intervenção, não só no-la conservaram as tradições, como muitos Santos Padres; cumprindo aqui lembrar que nem todas as irrefragaveis verdades da vida e Paixão de Christo são indicadas nos Evangelhos, os quaes não podem em tão curto espaço abranger a totalidade de tão innumeraveis successos; por exemplo: a substituição do sabbado pelo domingo, a historia da Veronica, o encarceramento de Christo n'um recanto do palacio de Caiphás, o encontro da Virgem com o seu divino Filho na rua da Amargura, etc., são acontecimentos perfeitamente sabidos, mas não pelos Evangelhos, e sim por outras fontes de tradição.

N'este caso, porém, o Evangelho, não menos de tres vezes, falla de Nicodemus, a quem sempre attribue a maior dedicação ao divino Mestre. Diz-nos, por exemplo, S. João (VII, 51) que em certa occasião em que os phariseus tentaram prender o Redemptor, elle lhes perguntou:

—«Por ventura condemna a nossa lei a alguem antes de ouvi-lo, e informar-se de suas acções?»

—«Serás tu tambem galileu?» responderam os phariseus.

Ora, se n'essa occasião Nicodemus affrontou a furia dos discolos, como o repetiu depois da morte de Christo, embalsamando-lhe com José de Arimathéa o corpo, e sepultando-o; que motivo haveria para contestar a sua intervenção na casa de Caiphás?

Sobreleva acrescentar, que escriptores primitivos dizem que foi tal a furia dos judeus contra Nicodemus, por causa da parte que tomou a favor de Jesus, que não só o despojaram das honras de senador, como de seus proprios bens; e o teriam morto, se não fossem as considerações para com seu tio Gamaliel, que pôde salva-lo, e o acolheu em sua casa de campo.

De Nicodemus ha um Evangelho, que a Egreja rejeita como apocripho; mas, se não tem nenhum valor como livro canonico, tem-no como livro historico; e os Santos Padres o citam diver-

José de Arimathéa avançou tambem, e disse com dignidade:

—«Uno a voz á de Nicodemus.»

É certo que n'este momento pairou um como murmurio de approvação, e ás vozes que prorompiam, impoz silencio o Pontifice, mandando aos soldados que se afastassem seis passos do accusado; feito o que, sentou-se altaneiro; circumvolveu os olhos em busca das testemunhas. Reinou por um momento o silencio, durante o qual Jesus de pé, mas amortecido, tinha o olhar serenamente fito em Pedro e em João.

Ouvidas as testemunhas, Nicodemus, que não pôde dominar a indignação, exclamou:

—«Caiphás, lembra-te que talvez Jesus, em vez de ser um falso Propheta, seja um enviado do nosso Deus, um escolhido do Santo dos Santos.»

—«Da Galiléa, dizem os escriptores que nada sairá de bom, e Jesus é galileu», exclamou Caiphás.

—«Seja assim; mas nasceu em Belem, e as Escripturas dizem: «Da estirpe e da cidade de David ha de sair o Dominador.»

—«És tu o defensor d'este homem?»

—«Sou defensor da lei, e sou senador. Se este homem é réu, cumpre applicar-lhe a mesma medida que aos outros homens. A lei deve ser recta como a torre de David, firme como as rochas do Sinai.»

Vibrou Caiphás olhos de indignação a Nicodemus, e para logo se dirigiu ás testemunhas.

—«Fallae vós: que sabeis d'este embusteiro?»

Então se succederam uns aos outros depoimentos contradictorios das testemunhas falsas [1]. Entre estas testemunhas, duas exprobravam a Jesus o haver soltado estas palavras:

«Eu posso destruir o templo, e em tres dias reedifica-lo [2].»

Lançou Jesus um olhar de compaixão para as testemunhas, e calou-se.

—«Que falle, que se defenda», gritaram alguns. Mas Jesus continuava silencioso em meio dos sempre crescentes murmurios. Ora, como o crime imputado não autorisava condemnação, Caiphás gritou:

—«Pelo Deus vivo te adjuro que declares, se és o ungido Filho de Deus Bemdito [3]».

sas vezes. N'esse Evangelho vem narradas muitas particularidades do drama da Paixão, que os Evangelhos canonicos não trazem. Emfim, o proprio Talmud, que não é suspeito, diz que dois senadores defenderam Jesus perante seus juizes. Que senadores podiam ser senão Nicodemus e José de Arimathéa?

[1] O Propheta-Rei vaticinára esta circumstancia da Paixão (Ps. XXVI): «Surgiram contra mim testemunhas falsas, e á iniquidade mentiu a iniquidade».

[2] Comquanto taes testemunhas fossem dignas de tal, juiz, não foi de facto assim que ellas perjuraram; pois que aquellas palavras foram proferidas pelo Filho do Homem, com referencia a si mesmo, como se se exprimisse assim: «Eu posso conceder que me mateis, mas ao terceiro dia resurgirei».

[3] Pelo Levitico (VI) tão terrivel adjuração só devia ser feita ás testemunhas, a fim de obriga-las a fallar verdade; mas nunca ao accusado; aliás seria este posto na alternativa de perjurar, ou de criminar-se a si proprio.

No tocante, porém, a Jesus deviam atropelar-se todas as leis! Assim é que o monstruoso processo foi feito de noite, não obstante nas causas capitaes ser isso prohibido pela lei, que exigia serem as audiencias de manhã, hora em que mais povo podia assistir. Caiphás, que já tinha commettido tantas illegalidades, sendo a um tempo juiz e accusador, procede agora a este interrogatorio capcioso. Se Jesus diz que é o Messias, Filho de Deus, será condemnado como blasphema-

—«Sou! E vereis o Filho do Homem sentado á direita de Deus Padre, e baixar sobre as nuvens.»

Como se taes palavras fossem um insulto sangrento arremessado ao Pontifice, este começou a vociferar como um possesso, e a rasgar[1] as vestes, dizendo:

—«Blasfemou! Blasfemou! Para que precisâmos mais de testemunhas!»

Iguaes vozes redemoinhavam por todo o salão. Cada um se exprimia por seu modo; mas na exprobração todos se mostravam unanimes.

—«Não ouvistes a blasfemia? É réu de morte!» exclamou Caiphás.

—«De morte», gritaram os phariseus, e acrescentaram: «Á cruz! á cruz o blasfemo!

Era um tumulto indescriptivel; todos os olhos injectados; alterados todos os rostos; todas as faces inflammadas; todas as vozes cruzando-se, e ninguem se entendendo. Se Caiphás se dirigia aos Sacerdotes, uivava o povo, dispensando mais formalidades, e exigindo a victima.

Nicodemus e José de Arimathéa, cobrindo a cabeça com os mantos, sairam, dizendo um ao outro:

—«Fujamos d'este antro de assassinos.»

João tambem saiu em sobresalto, segredando a Pedro:

—«Vae mal a causa do Mestre! Vou procurar sua Mãe.»

Pedro, aterrado e receioso de que o reconhecessem, escondeu-se na multidão.

No emtanto, já não era a simples hostilidade, mas odio encarniçado, raiva, desespero, infernal phrenesi que se apoderára de quantos rodeavam o paciente Cordeiro. Uns escarravam-lhe no rosto; outros com varas lhe açoitavam as espaldas, ou lhe davam punhadas nas faces.

«Faz um milagre, Propheta!» dizia um, fazendo horriveis esgares.

Outros, tapando-lhe os olhos, cuspiam-lhe na face, arrancavam-lhe a barba, descarregavam-lhe bofetadas, dizendo:

«Adivinha quem te deu[2]!»

Gargalhadas satanicas, berros descommunaes, selvagens uivos atroavam as abobadas malditas. Nunca o homem mais desprezivel da terra fôra tão cruelmente maltratado, e até por seus proprios juizes escarnecido! O Redemptor do homem, o que por elle se humanára, o purissimo lyrio de Nazareth, a fonte vivificadora de Galiléa, ahi se achou sósinho em mãos de seus barbaros verdugos. Mandaram que Jesus passasse a noite no pateo do palacio, onde, durante as ultimas horas d'ella, não houve injuria nem mau trato de que não fosse alvo. Entre a turbamulta procurára Pedro introduzir-se disfarçado, mas sem duvida com a intenção de acompanhar os successos, e ver se poderia prestar ao Mestre algum serviço, ou conver-

dor; se diz que é Rei dos judeus será entregue ao governador romano como sedicioso; se diz que não é nem uma nem outra cousa, desacredita-se aos olhos de seus discipulos. Em vez de apresentar testemunhas fidedignas, como era de lei nos processos criminaes, procura enredar Jesus em suas proprias palavras. É por isso que Jesus lhe havia dado esta tão simples, como sublime resposta: «Se eu vos disser que sou Christo, vós não acreditareis».

[1] Notam os Santos Padres que no momento em que Jesus Christo, em presença do chefe da nação judaica, declara solemnemente que é o Filho de Deus, e que o Summo Sacerdote rasga seus vestidos, emblemas da dignidade sacerdotal, cessou o sacerdocio de Aarão, para dar logar ao sacerdocio do mesmo Jesus Christo, Senhor nosso.

[2] Assim se cumpria exactamente aquelle vaticinio de Isaias: «Eu entreguei o meu corpo aos que me feriram, e as maçãs do meu rosto aos que me arrancavam os cabellos da barba; não virei a minha face aos que me affrontavam e cuspiam em mim».

ter em proveito d'elle as disposições que acaso se lhe ostentassem favoraveis. Mas aquella relé fallava assim:

«Oh! o grão Pontifice ha de estar contente com os seus servos.»

Com effeito, Caiphás, ao saír do tribunal, dissera-lhes:

«Soldados! ahi vos entrego esse *Rei*. É trata-lo como merece.»

E os soldados tinham bem comprehendido e executado a ordem.

Uma mulher de nome Rebecca, porteira do palacio, de cerca de trinta annos, e de gestos desenvoltos, trazendo uma roca na esquerda e um fuso na direita, approximou-se da fogueira; e disse-lhe um dos circumstantes:

— «Ainda não rompeu a manhã, e tu já de pé?»

— «Pois eu deitei-me lá? Desde o pôr do sol que esta casa anda n'uma polvorosa. O tal Galileu, que para ahi está preso n'um canto, traz tudo em revolução. Quem póde lá dormir?»

E n'isto lançou os olhos para a fogueira, junto da qual cabisbaixo estava um homem aquecendo-se.

Chegou-se a elle, tirou-lhe de sobre o rosto o manto com que procurava encobrir-se, e fitando-o attenta, exclamou:

— «Homem, tu estavas com o Nazareno!»

— «Deixa-me, nem o conheço, nem sei o que estaes dizendo.»

Ainda bem não eram proferidas estas palavras, o gallo cantava; e Rebecca, voltando-se para os circumstantes, abanou a cabeça, e repetiu-lhes:

— «Nada, não ha duvida, não me engano; é dos taes.»

— «Mulher, já te disse que o não era: porque insistes?

E sendo assim ouvido o seu fallar por varios circumstantes, a quem já este dialogo impressionava, todos elles disseram:

— «Para que estás tu a faltar á verdade? Basta ouvir a tua pronuncia, para se conhecer que és Galileu. A mulher tem rasão, certamente és dos taes.»

— «Não minto, não; juro-vos por tudo quanto ha de mais sagrado que não conheço esse homem.»

Palavras não eram ditas, quando pela segunda vez o gallo cantou. N'isto, o divinal padecente, que se conservava em meio de ferozes guardas, voltou com brandura o rosto para aquelle homem. Era o discipulo, era um dos seus mais predilectos; era aquelle sobre quem deviam repousar no futuro os interesses da Egreja; era o mesmo a quem, poucas horas antes e na mesma noite, o Mestre havia declarado, que não cantaria o gallo antes que elle por tres vezes negasse o have-lo conhecido. Era Pedro! Fulminado por aquelle olhar, Pedro, cobrindo o rosto com as mãos, e, no auge do remorso e do desespero, ergueu-se como delirante, e precipitou-se fóra do atrio; foi n'uma caverna proxima bater nos peitos, pedir perdão de sua culpa, e chorar amargamente[1].

D'est'arte se passaram as longas horas da ominosa noite, até que, chegada a manhã seguinte, tornaram a reunir-se todos os Principes dos Sacerdotes e anciãos do povo. Comquanto houvessem durante as nocturnas trevas sentenceado a Christo

[1] Haviam os fieis construido uma capella no logar onde S. Pedro foi chorar o seu peccado; já não existe. Ficava a uma pequena distancia da casa de Caiphás, na extremidade oriental do monte Sião, onde se vê ainda uma caverna. Os escriptores dos primeiros seculos dizem que ainda alcançaram esta capella, vulgarmente chamada *Gallicantus*: *Est etiam ibi ecclesia dicta vulgariter Gallicantus, in qua cavea profunda est, ubi Petrus flevit amare.* (Sanctus. lib. III, IX.)

como réu de morte, convinha-lhes satisfazer o povo, a quem temiam, e dar a conhecer que a sentença era revestida de fórmas legaes. Fizeram novo conselho, para excogitar os meios de coagir o governador a mandar matar Jesus, visto como o não podiam elles fazer de propria autoridade, por lhe terem os romanos tirado este poder.

Portanto, assim manietado como se achava Jesus, o levaram de casa de Caiphás para o pretorio.

Aqui findam as scenas, que tão memorandos tornaram os logares que acabo de descrever.

CAPITULO XXIX

I. Cenaculo. Resumo dos grandes successos occorridos n'esta casa.—II. Paschoa.—III. Sala da ultima ceia.—IV. Ceia paschal.—V. Lava-pés.—VI. Ceia sacramental. Discurso do Mandato. Judas denunciado como traidor. Disputa entre os Apostolos sobre primazias. Exhortações do Senhor. Prophecias das negações de Pedro. Dispõe-se Jesus para o termo da sua missão.—VII. Instituição da Eucharistia.—VIII. Despedida de Jesus.—IX. Seus diversos apparecimentos no Cenaculo depois da Resurreição. Poder de absolver peccados conferido aos Apostolos. Duvidas e confissões de Thomé.—X. Eleição de Mathias para o logar de Judas.—XI. Descida do Espirito Santo. Missão dos Apostolos, e especialmente de S. Pedro.—XII. Nomeação de S. Thiago para bispo de Jerusalem. Primeiro Concilio da Egreja.—XIII. A quem pertencia o edificio do Cenaculo.—XIV. Primeiro templo christão.—XV. Vicissitudes d'este templo em varios seculos.—XVI. Minha visita ao Cenaculo.

I

Logo ao lado meridional da praça superior e do citado palacio de Cesar e Agrippa, e oriental do palacio de Caiphás, ficava o Cenaculo. É portanto este solo um dos mais sagrados por memorias que prendem com o berço da humana regeneração.

Aqui celebrou Jesus Christo a sua ultima ceia; aqui lavou os pés aos seus discipulos, antes de lhes dar a communhão; aqui instituiu o Augustissimo Sacramento da Eucharistia; aqui ordenou os primeiros bispos e sacerdotes da sua Egreja; aqui appareceu a primeira vez aos Apostolos depois da resurreição; aqui instituiu o Sacramento da Penitencia; aqui tornou oito dias depois a apparecer aos mesmos Apostolos, que se achavam de portas fechadas; aqui confundiu a incredulidade de Thomé, fazendo-lhe tocar com o dedo as sacratissimas chagas; aqui appareceu pela ultima vez antes de subir ao ceu, sentando-se á mesa com seus discipulos; aqui, regressando do monte Olivete, se congregaram os Apostolos, depois de haverem assistido á Ascensão do Senhor; aqui perseveraram elles em continua oração por espaço de oito dias juntamente com a Mãe de Jesus e com as devotas mulheres; aqui foi escolhido á sorte o Apostolo S. Mathias para succeder a Judas Iscariotes; aqui pelos fins dos dias do Pentecostes baixou sobre o collegio o Divino Paracleto, fazendo pairar linguas de fogo sobre as cabeças de todos; aqui se fez a eleição dos sete primeiros diaconos; aqui se juntou o primeiro Concilio da Egreja; aqui finalmente, depois de dividirem o mundo entre si, separaram-se os Apostolos, para levarem a Boa Nova a todas as extremidades da terra, realisando-se assim aquella prophecia de Isaias: *De Sion exibit lex.*

Quantos sublimes mysterios! Quantos canones salutares! Quantos ensinos de celeste doutrina! Quantas fervorosas orações! Quantas consolações não infundiu aqui o Espirito Santo!

Desçamos, segundo o nosso systema, aos desenvolvimentos; mas para melhor se comprehenderem os grandiosos successos occorridos no Cenaculo, convem remontar a algumas noções historico-religiosas, que prendem intimamente com o nosso assumpto.

II

A palavra Paschoa é tomada nas Escripturas em diversas accepções.

Significava, em primeiro logar, a semana em que os judeus solemnisavam a memoria da execução do Anjo exterminador, que matou todos os primogenitos dos egypcios, a fim de deixarem das suas terras sair os hebreus[1]. N'esses sete dias era prohibido aos judeus comerem outra cousa senão o pão azymo, isto é, sem levedo. O primeiro e ultimo dia d'esta semana erão os mais solemnes.

Em segundo logar Paschoa era a hora da noite em que o cordeiro devia ser immolado, sendo n'esse momento que principiava o primeiro dia dos azymos.

Em terceiro, significava esse proprio primeiro dia solemnissimo, decimo quinto da lua de março, por ser n'essa phase da lua que os israelitas haviam saído do captiveiro do Egypto.

Em quarto logar, chamava-se assim ao banquete, que n'aquelle dia se dava.

Em quinto, dava-se este nome ao cordeiro paschal, que n'esse dia devia comer-se, como se vê por estas palavras dos Apostolos ao Redemptor:

«Mestre, onde queres que preparemos o logar para comermos a Paschoa?»

Em sexto, chamavam-se assim os pães azymos e as outras refeições então permittidas; porque, para comer d'ellas, era mister estar purificado de toda a macula.

Em setimo logar, veiu a entender-se finalmente por Paschoa o proprio Jesus Christo, cujo symbolo figurativo era o cordeiro paschal, segundo estas palavras do grande Apostolo:

« Jesus Christo, que é a nossa verdadeira Paschoa, foi immolado por nós.»

Jesus Christo, que com o exemplo e a palavra ordenava sempre, não só o respeito á autoridade, dentro dos limites que a ella competem, mas tambem a observancia da lei de Moysés, fixou o dia em que finalmente resolvêra libertar o homem á custa do seu proprio sangue.

Já a sua estupenda peregrinação terrestre tinha preenchido o intuito da Divina Sabedoria. Faltava apenas pôr o remate á Doutrina Santa, e os minutos eram então preciosos, e a hora da consummação estava batendo no relogio do tempo.

III

Era chegado o primeiro solemne dia dos azymos, uma quinta feira, vespera da Paschoa judaica, e Jesus disse a seus discipulos:

— «Ide preparar a Paschoa, para a comermos juntos.»

E elles perguntaram:

[1] Para os christãos ficou depois significando a memoria da Resurreição do Senhor.

— «Onde ordenaes que a preparemos?»

E o Redemptor, voltando-se para os discipulos Pedro e João, disse-lhes:

— «Ide á cidade. Apenas n'ella entrardes, encontrareis um homem com um cantaro de agua á cabeça. Ide atrás d'elle, e na porta por onde elle penetrar, penetrae vós tambem, e dizei ao dono da casa que o Mestre lhe manda perguntar onde é o refeitorio em que elle ha de comer a Paschoa com seus discipulos. Mostrar-vos-ha um grande salão em muito boa ordem, e ahi cearemos.»

Os discipulos encontraram o que o Senhor lhes dissera, e prepararam a Paschoa n'esta mesma casa, por excellencia denominada Cenaculo, no monte Sião.

Ao cair da noite entrou Jesus na cidade com os seus discipulos, e dirigiu-se para alli.

Diz-se que o refeitorio estava dividido em tres compartimentos por magnificas tapeçarias da Persia e riquissimas cortinas de tecido de Tyro. Do artezoado tecto pendiam lampadas de prata, e pelo resto do salão ficavam collocadas artisticas serpentinas de bronze. Até á altura de homem eram as paredes forradas de tapeçarias, e d'ahi para cima brancas até á cimalha.

Ao centro da sala achava-se posta uma grande mesa de jantar, em fórma de ferradura, que então se denominava leito triclinar, esplendidamente adornada e com leitos para treze talheres. Sobre a mesa fumegava o cordeiro paschal.

Entrou pois Jesus no salão, ladeado dos doze Apostolos e seguido dos setenta e dois discipulos, que se dispunham a servi-los á mesa. E porquanto o Redemptor havia resolvido conformar-se com a lei antiga até áquelle derradeiro momento, dispoz-se a comer a Paschoa, segundo os ritos dos maiores.

IV

Quatro cousas constituiam o banquete paschal: cordeiro, pães azymos, hervas amargosas e vinho. Achavam-se os solidos em tres grandes pratos, e os liquidos em amphoras. Approximou-se Jesus, tendo á sua direita successivamente João, Thiago Maior, Thiago Menor, Bartholomeu, Thomé e Judas; e á esquerda Pedro, André, Judas Lebbeu, Simão, Matheus e Filippe. Jesus abençoou o cordeiro paschal, e de pé, como o prescrevia a lei, gostou os manjares; feito o que, reclinou-se á mesa no logar de honra do leito central, ficando os Apostolos na mesma supradita disposição; e então rompeu d'est'arte:

«Almejei antes de morrer comer comvosco esta Paschoa, por ter determinado dar-vos o mais sensivel testemunho do meu affecto e o mais precioso penhor que é possivel deixar-vos. Sabei pois, filhos meus, que já não comereis mais d'esta victima em simulacro, até que lhe seja substituida a victima verdadeira, complementar, perfeita, glorificada no reino de Deus e ao seu seio restituida.»

Fez signal que lhe trouxessem um calix, e tomando-o nas mãos e curvando-se sobre elle, por algum tempo se absorveu em meditação, dando graças a seu eterno Pae. Feito isto, apresentou-o aos Apostolos, dizendo-lhes:

«Ahi o tendes, distribui-o entre vós. É esta a vez derradeira em que o bebereis comigo, porquanto vos declaro que já não tornarei a beber do fructo da vide.»

V

Ergueu-se, e vendo os Apostolos o Divino Mestre levantar-se, imitaram-no, ignorando para onde Elle queria ir; mas seguiram-no para uma sala inferior, onde lhes ordenou que se sentassem. Então, depondo as vestes, cingiu á cintura uma toalha, deixando uma ponta pendendo como avental; deitou com as suas proprias mãos agua n'uma bacia, dispondo-se a lavar os pés aos Apostolos, e a limpa-los com a mesma toalha com que estava cingido[1].

O primeiro ante quem se curva, é Pedro, o qual tomado de assombro em vista do modo como o Soberano Mestre se abatia de todas suas grandezas, recusou estender os pés, exclamando:

— «Senhor! Vós! Vós lavardes-me os pés? A mim, ao vil escravo o omnipotente Senhor? O Deus do ceu e da terra ao peccador miserrimo? O Creador de todas as cousas á infima creatura? A mim, mesquinho ente, lavados os pés com essas sacras mãos, que restituiram luz aos cegos, saude aos enfermos, vida aos mortos? Ai! não, Senhor, não.»

— « O que eu faço agora, respondeu Christo, não o comprehendes tu, mas depois o entenderás.»

Pedro, que não alcançava o mysterio do emblema que o Divino Mestre ia praticar, persiste na exclamação.

— « Não, meu Mestre e meu Senhor! Não ousarei entregar-vos os meus pés!»

— « Se te não lavo os pés, não terás parte no meu reino.»

— « Senhor! Senhor! retorquiu Pedro no maior auge do terror e da humildade. Como quizerdes! Lavae-me os pés, as mãos, a cabeça.»

— « Quem está todo limpo não precisa lavar senão as plantas, porque estas sempre o prendem á terra. Ora vós outros limpos estaes, porém não todos.» (Assim fallava, porque sabia qual havia de entrega-lo.)

Com effeito, nem ao infame Judas, cuja perfidia o Senhor conhecia, negou elle os seus favores; antes, pelo contrario, ajoelhando-se-lhe diante, não só o tratou com amor e caricias, mas infundiu-lhe n'alma violentas agitações.

Assim se operou este grandioso acto de suprema humilhação, de purificação suprema. Por esta fórma os que já estavam limpos de peccados, não menos o fi-

1 Cumpre explicar o motivo d'este notavel acto do Redemptor. Era costume d'esses tempos mandar pelos famulos da casa, antes de se ir para a mesa, lavar os pés dos hospedes e convivas, por ser uso andar-se de pés descalços; e não só esta operação tendia a diminuir a fadiga, mas evitava tambem sujarem-se os triclinios em que se reclinavam. Não havia maior demonstração de affecto, respeito e humildade do que esta de lavar com as proprias mãos as plantas dos convidados. Assim Abrahão as lavou aos Anjos que tinha por peregrinos. Quando S. Paulo instruiu a Timotheo, como lhe cumpria haver-se com as varias classes de pessoas, chega a fallar do tratamento que deve dar-se á viuva desamparada; e ao descrever as qualidades que as tornam acceitas a Deus, quer, entre outras cousas, que essa viuva não tenha tido mais de um marido, que educasse bem seus filhos, que exercesse a hospitalidade, que acudisse ao allivio dos attribulados, que lavasse os pés aos bons, e que finalmente praticasse toda a obra boa.

Já se vê pois que Jesus Christo, o maximo dos entes, não se dedignando de lavar os pés a homens immensamente inferiores, quiz ensinar á humanidade que não ha mister abjecto para quem o exerce com o coração humilde e santo.

caram dos defeitos e culpas leves symbolisadas nos pés; acrescendo que o contacto das mãos divinas transmittiu aos entendimentos novas luzes e novas chammas de fé e amor de Deus.

VI

Jesus Christo tornou a tomar as suas vestes, e encaminhou-se novamente com os Apostolos e os discipulos para a mesa da ceia; todos retomaram os anteriores logares, e começou a exprimir-se assim, principiando pela fórma interrogativa, para lhes excitar a maior attenção:

«Admiraes-vos do que acabo de praticar? Escutae: vós me chamaes vosso Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque o sou. Se eu, pois, que sou vosso Mestre e Senhor vosso, vos lavei os pés, outro tanto deveis fazer uns aos outros, rendendo-vos mutuamente os serviços mais humildes. Digo-vos que não ha servo maior do que o seu Senhor, nem enviado que exceda ao seu Soberano. E se vós sabeis estas cousas, eu vos advirto que, por isso mesmo que sois meus discipulos, não deveis ser tratados mais favoravelmente do que o vosso Mestre o foi. Não é de todos vós que eu digo isto; porque sei quaes os eleitos, e qual o indigno da felicidade eterna; e todavia esse mesmo eu o consinto na minha companhia, para se cumprir aquella palavra da Escriptura:

«O proprio que comigo come o pão, me entregará aos meus inimigos. Em verdade vos digo que o que renuncia a graça do Apostolado, que lhe tenho concedido, priva-se de uma grande ventura; porque me estão os Apostolos tão estreitamente unidos, que o que recebe algum por mim enviado, n'elle recebe a mim mesmo; e quem me recebe, recebe a quem me enviou; porque, na dignidade e natureza, eu e meu Pae somos um e o mesmo.»

E como o Immaculado Cordeiro acabasse de passar pela memoria o aleivoso crime, que o discipulo indigno se apparelhava para executar, parou, como possuido de muito grande dôr; turbou-se, e apenas interrompeu a sua meditação, balbuciando estas simples palavras:

«Sim; um de vós, que mette comigo a mão no prato, ha de entregar-me!»

Ouvindo isto, os discipulos olharam attonitos uns para os outros, vacillando sobre qual seria d'elles o que tal havia de praticar; mas para logo esquecidos d'este impulso de hesitação, aliás revelador de humildade profunda, animaram-se de um sentimento opposto, considerando cada um não ser possivel que sobre elle recaísse a suspeita, por se considerar cada qual superior aos outros; e então o Senhor, conhecendo que era de um sentimento de soberba que do seio de cada um partiam estas ostentações de primazias, disse-lhes:

«Os que dominam as gentes com imperio, chamam-se Reis; os que sobre ellas sem imperio exercem poderes, chamam-se bemfeitores. Não aspireis vós a nenhum d'esses titulos: o que aspirar a ser o maior, faça-se o menor, e para obter a precedencia, proceda como servo. Eu, que sou o maior, estou entre vós como quem serve; e vós que continuaes comigo, e para quem eu preparo o reino celeste, n'elle comereis á minha mesa, e vos sentareis no tribunal supremo, para julgar as doze tribus de Israel.»

Acalmados assim os animos, continuou todavia cada um dos Apostolos na im-

paciencia de saber a quem o Mestre se referira, quando revelára que n'aquella reunião havia um perfido. A este tempo João, o discipulo querido, reclinava-se sobre o peito do Senhor; e Pedro, que estava do outro lado, fez-lhe signal que lhe perguntasse qual seria o traidor. E Jesus segredou ao ouvido de João:

«É aquelle a quem vou dar um pedaço de pão molhado.»

E molhando-o logo, deu-o a Judas Iscariotes, o qual o não comeu, senão que o guardou para o mostrar por zombaria aos judeus, e para que elles podessem ter motivos de criminar o Mestre, que chamava corpo seu áquelle pão [1].

E como ainda assim Jesus estivesse fundamente impressionado da perfidia que ía realisar-se, continuou dizendo:

«Por esta traição se cumprem as prophecias a respeito da morte que o Filho do Homem quer soffrer. Mas ai (*væ!*) d'aquelle que o ha de entregar! Melhor fôra para elle não ter nascido [2]! »

Tornava-se cada vez mais critica a posição do traidor, sobre quem principiavam a convergir os olhos. Sentiu Judas precisão de algo dizer, visto que todos os outros tinham tentado justificar-se; e então, recalcando a consciencia e com o descaro do reprobo, perguntou a Jesus:

— «Mestre! será a mim que vós designaes como traidor?»

— «Tu o dizes.»

E acrescentou em seguida:

— «O que tens de fazer, executa-o sem detença.»

Não comprehenderam os Apostolos: alguns pensaram que por ter Judas a bolsa, Jesus lhe dizia que fosse mercar o necessario para a festa, ou esmolasse aos pobres. O miseravel, porém, tomando o boccado, saiu logo; era noite fechada. E disse Jesus:

«Agora, agora começa a ser glorificado o Filho do Homem e Deus n'elle. E se Deus é n'elle glorificado, tambem brevemente o glorificará em si mesmo; porquanto, filhos meus, dentro em pouco torno para meu Pae. Então me procurareis, mas assim como eu disse aos judeus que elles não podiam ir aonde eu ía, ora vos digo o mesmo, porque ainda me não podereis seguir. Mas eu vos digo um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei; e será essencialmente n'isso que todos conhecerão serdes meus discipulos, assim como eu conhecerei que me tendes amor verdadeiro [3].»

N'isto Pedro lhe disse:

— «Para onde ides, Senhor? Permitti que vos acompanhe.»

– «Depois irás; não pódes agora seguir para onde eu vou.»

— «Porque, Senhor? Darei por vós a vida.»

[1] Este pedaço de pão, segundo alguns interpretes, ainda não estava consagrado; porque até áquella occasião, segundo observam, não tinha Jesus instituido a Eucharistia, como se collige do Evangelho de S. Matheus, que diz ter sido essa instituição posterior á saída de Judas do Cenaculo; a ser assim, estava o pão sómente molhado na salsa das hervas amargosas. Outros opinam de modo diverso, isto é, que o pão já estava consagrado, o que parece confirmar a Egreja quando diz na sequencia da Missa do Corpo de Deus: «Hoje se propõe o pão vivo, do qual não se duvida que fosse dado aos doze Apostolos na mesa da sagrada ceia».

[2] A expressão *væ* significa, nas Escripturas, maldição ou condemnação eterna.

[3] O preceito da caridade mutua estava já estabelecido na lei antiga (Levit. XIX): «Amarás ao teu amigo como a ti mesmo». Mas Jesus chamou «novo» este mandamento, ou seja porque, estando já quasi extincto no coração dos hebreus, era preciso renova-lo; ou porque desejava que amassemos o nosso proximo, como Elle nos amou a nós mesmos.

— « Affirmas tu que darás a vida por mim? Pois eu te digo que esta mesma noite não ha de cantar o gallo, antes que me negues tres vezes. »

Mais facil é avaliar que descrever o sentimento de compuncção e terror que se apoderou de Pedro, que ainda a tal momento acreditava que não haveria forças na terra que o demovessem de seguir, confessar, proclamar e submetter todos os tributos de veneração a quem considerava Senhor do Universo. Tremendo exemplo das fraquezas humanas, da leviandade do espirito, do orgulho da rasão e da mutabilidade das resoluções, por mais santas que sejam! Sirva porém de allivio e de esperança aos mortaes este grandioso exemplo: quando a justiça divina tolera fraquezas taes nos seus predilectos, não abandonará, por sem duvida, nos transes da vida a quem infinitamente com menores meritos sentir funda no peito sincera contricção.

Vendo o Salvador os seus Apostolos commovidos e aterrados pelo precedente discurso a respeito de sua morte, e pelos perigos a que ficavam expostos, assim como pela imminente quéda de Pedro, o seu mais fervoroso collega, e pela perfidia horrenda de Judas, procurou logo acoroçoa-los, e disse-lhes:

— « Filhos meus, não se perturbe o vosso coração, por me ouvirdes dizer que não podeis ir para onde eu vou; porque, se o não podeis agora, depois podereis. Crêde em Deus, confiando em sua palavra, e crêde em mim, que sou seu Filho. O que em mim crê, operará os mesmos, se não maiores prodigios que os meus [1]. Na casa de meu Pae ha muitos logares, e cada um de vós lá terá a sua estancia. Se assim não fòra, não vos promettêra eu um logar no meu reino; por isso vos asseguro que vou já apparelhar-vos aquelle vosso logar, e depois tornarei a vós. Já sabeis para onde vou, e tambem sabeis o caminho. »

— « O caminho, replicou Thomé, qual? Se não sabemos para onde ides?

— « Eu sou o caminho, a verdade e a vida; de sorte que ninguem póde vir ao Pae Celeste senão por mim; vós o conhecereis logo pelo Espirito Santo que vos enviarei, o qual tudo vos ensinará. Não vos deixarei na orphandade; tornarei a vós. A mim já d'aqui a pouco o mundo me não verá; porém vós, sim, haveis de ver-me, e conhecereis que eu estou em meu Pae, vós em mim e eu em vós outros.

— « Como então, Mestre? perguntou Judas Thaddeu, porque vos manifestareis a nós e não ao mundo?

— « A doutrina que me ouvistes, respondeu Jesus, precisa de ensino. A vós o tenho dado; e ainda o consolador, que é o Espirito Santo, que meu Pae mandará em meu nome, vos ensinará todas as cousas, e vos dará instrucções para a pratica da doutrina; e emquanto não chega o tempo de vos encher d'aquelle Espirito de Sabedoria, eu vos deixo a minha paz; não a que dá o mundo, a do descanço em meio dos prazeres, mas a que importa aos meus co-herdeiros, para aqui viverem na justiça, e lá reinarem na gloria. »

Continuando o Senhor n'estes ensinamentos, os discipulos lhe responderam

[1] Assim lhes prometteu que fariam milagres mais estupendos que os seus proprios, não na substancia, nem no valor, mas nas circumstancias e no modo. Realisou-se esta promessa em toda a sua plenitude. A sombra de S. Pedro era bastante para sarar qualquer enfermo, o que se não lê de Jesus Christo. Os outros Apostolos tambem obraram prodigios em todo o mundo, e Christo só os fez na Judéa; fallaram em todas as linguas, quando Christo fallou sómente o idioma nacional; finalmente converteram milhares de povos, quando Christo só converteu diminuto numero de judeus. É assim que Deus é admiravel nos seus escolhidos!

que então mais que nunca reconheciam que elle sabia tudo, e viera de Deus; ao que Jesus retorquiu:

— «Agora crêdes? Sabei pois que bate a hora de andardes dispersos, cada um para seu logar, e deixando-me só... só, não, com meu Pae.»

Assim fallou Jesus, e erguendo os olhos ao ceu, orou:

«Pae! Cheguei ao termo. Fazei conhecer ao mundo o meu ser, para que o universo vos glorifique. Déstes poder ao vosso Filho sobre todos os homens, para lhes alcançar a vida eterna: conheçam-vos elles por unico e verdadeiro Deus, e a mim como por vós mandado. Completei a obra que me commettestes; agora, Senhor, clarificae-me para comvosco, fazendo-me entrar como homem na posse da gloria, que antes de existir mundo, eu, como Deus, tive em vós.»

VII

Acabada a ceia, mandou Christo tirar d'alli a mesa, que era um estrado muito baixo, em que comiam recostados, e pôr outra mais alta, como hoje usâmos (e por isso a Santa Egreja usa elevados os altares); cobriu-se esta mesa com uma riquissima toalha, na qual foram postos por ordem do Senhor dois preciosos vasos de uma pedra como a esmeralda, e em um d'elles, que era um prato grande, o pão azymo, e vinho no outro, que era uma cópa grande com alguma similhança dos nossos calices, ministrados pelo dono do Cenaculo e depositados na sua mão por especial providencia para este ministerio; e os Apostolos os conservaram e celebraram n'elles o santo sacrificio. Dizem alguns que n'este momento muitos dos discipulos viram apparecer no Cenaculo o Padre e o Espirito Santo rodeados de todas as angelicas jerarchias.

Então fez Christo interiormente oração ao Eterno Padre, para poder instituir o Sacramento da Eucharistia; e tomando nas mãos o pão, levantou os olhos ao ceu com semblante cheio de doçura e magestade, consagrou, transubstanciou aquelle pão e vinho no seu sacratissimo Corpo e Sangue, e passando o pão aos discipulos, disse:

«Tomae e comei; eis o meu corpo, que por vós será dado.»

Passou igualmente o calix, dizendo:

«Bebei, eis o meu sangue do novo Testamento, que será derramado por muitos em remissão dos peccados. Sempre que renovardes este acto, fa-lo-heis em memoria de mim.»

Os Apostolos, já então alumiados de luzes celestes, comprehenderam os eminentes mysterios d'este Sacramento, e como na hostia e no calix existe Christo, Deus e Homem verdadeiro, escondido debaixo dos accidentes do pão e do vinho, sem que estes o alterem, nem sejam d'elle alterados.

Tendo todos adorado o Sacramento Santissimo, o Senhor, partindo o pão em pequeninos, commungou-se a si mesmo, como Deus e como Summo Sacerdote; e reconhecendo-se, emquanto homem, inferior á Divindade, que na Eucharistia ia receber, humilhou-se, e teve um grande tremor, ensinando-nos com isto a reverencia com que nos devemos approximar da mesa do celestial banquete.

Depois os Apostolos, já constituidos Sacerdotes, commungaram com muitas lagrimas e devoção.

Ficava instituido o sacrosanto mysterio da Eucharistia.

VIII

Julgou a Eterna Sabedoria ter chegado o termo d'aquella augusta parte da missão doutrinal do Redemptor, e este, erguendo-se, disse a seus discipulos:

« Partâmos; não se penetre de temor o vosso coração; bem ouvistes o que vos disse: « Eu vou e torno a vós ». Tenho-vos dito estas cousas antes que succedam, para que vos não assombrem depois, quando se realisarem; e a fim de que fiqueis certos, ao verdes-me ascender ao ceu, de que me vou tomar posse da gloria. Já pouco tempo estaremos juntos, porque elles ahi vem descarregar sobre a minha pessoa toda a crueldade do seu imperio, apesar de não haver em mim cousa que lhes pertença; mas cumpre obedecer ás ordens de meu Pae. Partâmos ao encontro dos meus inimigos, no logar em que eu sei que irão procurar-me. »

Levantaram-se todos tristemente, entoaram o cantico de graças, e encaminharam-se para o jardim das Oliveiras.

IX

Por mais altos e magestosos que hajam sido os acontecimentos de que este chão, onde outr'ora se erguia o Cenaculo, foi theatro, ainda por outros dignos da mais profunda veneração está elle invocando as nossas attenções.

Comquanto nenhum dos Evangelistas indicasse nominalmente o Cenaculo, é elle todavia o logar constantemente apontado pela tradição, como o designado por Christo para depois de resurgido apparecer a seus discipulos. E com effeito bem era que as mesmas paredes que lhe haviam escutado os derradeiros ensinos, fossem as escolhidas para ouvir as palavras proferidas antes da Ascensão.

Ao terceiro dia da crucifixão, e depois que o Redemptor havia já praticado com Cleofas e outro discipulo, caminho de Emaús, estes dois voltaram para o Cenaculo, onde acharam congregados os onze Apostolos e outros discipulos, os quaes estavam dizendo que o Senhor tinha resuscitado e apparecido a Pedro; narraram tambem os dois o que lhes acontecêra; como Elle se lhes ajuntára em fórma de viandante, e como o tinham conhecido á mesa, no acto de lhes partir o pão.

Quando estas cousas estavam referindo, surgiu Jesus de improviso, e disse-lhes:

« Paz seja comvosco! Sou eu, não temaes! »

Elles assombrados, imaginavam ver algum espirito, e Jesus os desenganou, dizendo-lhes:

« Porque vos turbaes? Porque tumultuam em vossos corações sentimentos tão varios? Tocae nas minhas mãos e nos meus pés, e conhecereis se sou eu, ou não; um espirito não tem carne nem osso. »

Mostravam-se ainda perplexos; mas Jesus reclinou-se á mesa, servindo-se de um peixe assado e de um favo de mel, e acrescentou:

« Urge cumprirdes tudo quanto na lei de Moysés, nos Prophetas e nos Psalmos está escripto de mim. »

Ao mesmo tempo abriu-lhes o sentido, e deu-lhes luzes bastantes para entenderem as Escripturas, e ajuntou:

« Estava escripto. Era mister que eu soffresse d'aquella sorte, e resuscitasse ao

terceiro dia, e que em meu nome se prégasse a penitencia e remissão de peccados para todas as gentes. Vós sois testemunhas d'estas cousas, e para que tenhaes valor de as publicar, cedo pairará sobre vossas cabeças aquelle Santo Espirito, que por minha bôcca meu Pae vos ha promettido. No entretanto conservae-vos n'esta cidade, até serdes assim revestidos da virtude do alto. Ora pois, assim como o Pae me enviou para obrar a salvação dos homens, tambem eu vos envio com igual missão, fazendo-vos para isso co-participes da minha autoridade.»

Ditas estas palavras, derramou sobre elles o seu vivificante anhelito, dizendo:

«Recebei o Paracleto; e sabei que a quem perdoardes as culpas, perdoadas serão; e a quem as retiverdes, serão retidas.»

Assim ficava instituido o poder da Ordem, e a espiritual jurisdicção de perdoar ou reter os peccados, communicando aos Apostolos o caracter pontificio ou episcopal.

Succedeu que n'aquella occasião não estivesse presente o Apostolo Thomé, o qual, ao narrar-se-lhe o que se passára, respondeu:

«O que? Depois de lhe terem cravado mãos e pés! Depois de lhe terem posto o corpo inteiro n'uma chaga viva! Depois de lhe terem penetrado as entranhas com uma lança! Vivo? Impossivel! Dizeis que resuscitou; não acreditarei emquanto lhe não vir nas mãos os signaes dos cravos, e lhe não enterrar os dedos em cada chaga, e no lado a mão inteira.»

Eram passados oito dias quando, achando-se os discipulos todos reunidos no Cenaculo a portas fechadas, assomou instantaneamente Jesus, e de pé no meio d'elles, estendendo a mão, disse:

— «Paz comvosco! Thomé, põe o dedo n'estas feridas; examina-me as mãos; introduze a tua dextra na chaga do meu lado.

— «Meu Senhor e meu Deus!...

— «Não, Thomé, tu se creste foi porque viste; bemaventurados os que crerem sem me ver, porque a sua recompensa será proporcionada ao merito da sua fé.»

X

Outras circumstancias occorreram no Cenaculo por esses dias; mas venhamos a uma assás digna de menção.

Haviam os discipulos assistido á Ascensão do Senhor; e voltando do monte Olivete para o Cenaculo, perseveraram unanimemente em oração com Maria, os primos de Jesus e as mulheres, cerca de cento e vinte pessoas. N'isto levantou-se Pedro, e disse:

«Irmãos! É necessario que se cumpra a Escriptura ácerca de Judas, porque está escripto no livro dos Psalmos: «Receba outro o seu bispado». Convem, pois, que d'estes varões que teem estado em nossa companhia todo o tempo que existiu entre nós o Senhor Jesus, seja escolhido um para o logar que tão infaustamente vagou.»

Propuzeram a José Barsabas, o justo, e a Mathias, e oraram assim:

«Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, mostra-nos a qual d'estes escolhes para o Apostolado, de que Judas caiu por sua prevaricação.

Lançadas sortes, saiu eleito Mathias, o qual foi contado com os onze Apostolos.

XI

Quando se completaram os dias do Pentecostes, estavam todos juntos no Cenaculo, e, diz uma tradição que, ao recitar Maria aquelle verseto de David: *Emitte spiritum tuum, et creabuntur, et renovabis faciem terræ*, ouviu-se de repente um estrondo do ceu, como de vento impetuoso, que encheu toda a casa, e logo sobre a cabeça de cada membro do collegio apostolico appareceram umas linguas de fogo: todos ficaram cheios do Espirito Santo, e instantaneamente adquiriram o dom de se exprimirem nas mais diversas linguas.

Já o Eterno Padre nos havia dado seu Filho para ser celeste homem; dirieis que nos deu agora o Espirito Santo para fazer o homem celeste: pareceu-lhe pouco entregar o Filho para remir os captivos; aprouve-lhe dar o Espirito Santo para elevar os captivos á dignidade de filhos de Deus.

E então se cumpriram cincoenta dias depois da Resurreição gloriosa; e como aos cincoenta dias da liberdade do povo hebraico dera Deus a lei escripta no monte Sinai; aos cincoenta da nossa libertação do peccado de origem, no monte Sião deu a lei da graça, alumiando aquelles que deviam ser seus pregoeiros em todos os terminos do orbe.

Com o nome de Pentecostes, que significa o numero quinquagesimo dos dias, celebravam os judeus aquella festividade, a que tambem chamavam das sete semanas; e nós, pela mesma significação, damos a esta o mesmo nome.

Assim como a lei no Sinai foi annunciada com trovões, tambem agora se ouviu no Sião sonido grande do ceu. Era o signal com que Deus fazia annunciar a chegada da sua divina magestade; e só deixou de o fazer quando desceu ao seio da Virgem, porque alli devia baixar suavemente como orvalho sobre vello de lã.

No monte Sinai os trovões trouxeram raios, que atemorisaram; no monte Sião o sonido trouxe linguas de fogo, que diziam amor.

No Sinai a lei foi terrivel; no monte Sião branda, suave; lá escura, aqui clara; lá houve nuvem que cobriu, cá houve fogo que alumiou.

Do Espirito Santo receberam aquelles congregados graças, dons e effeitos ineffaveis. O Cenaculo foi a esplendida aula, em que os mestres da Fé na mesma hora aprenderam, e se graduaram doutores em quantas disciplinas eram necessarias para prégarem, converterem e governarem.

Cheios, pois, do Espirito Santo e de sabedoria, saíram logo pelas ruas de Jerusalem, publicando em todas as linguas os thesouros e as grandezas da eterna salvação. A cidade, visto como se celebrava uma d'essas festas mais solemnes, regorgitava de povo. Diz o texto sagrado que se achavam alli parthos, medos, elamitas, mesopotamios, capadocios, ponticos, phrygios, pamphilios, egypcios, proselytas, cretenses, arabes, romanos, africanos, os quaes todos corriam em multidão innumeravel a escutar as vozes santas dos Apostolos, pasmando de ouvirem fallar cada um d'elles a um tempo os varios idiomas, em que todos se haviam creado, e não sabiam a que o attribuissem.

A voz de S. Pedro sobreleva ás de todos os outros Apostolos. Aquelle que ainda pouco antes havia dito em casa de Caiphás que não conhecia Christo, agora o pro-

clama Deus, Redemptor humano. Um eminente orador sagrado diz que a actividade de Pedro, o seu incansavel zêlo de fé redobrou mais vivo, depois que o discipulo occupou o logar do Mestre, morto no Calvario; depois que o Espirito Santo promettido lhe foi enviado em Jerusalem. Multidão de homens de todas as nações se apinham em torno do Cenaculo; Pedro, impellido pelo espirito de verdade, que acaba de receber, desata da lingua, até então rude, prodigios de força e sabedoria; põe patentes os oraculos dos Prophetas; explica todas as figuras da lei antiga; corre o véu a todos os mysterios profundos da Escriptura; e armado das vinganças e misericordias do Senhor, e representando-lhes a Cruz ainda alagada em sangue, fulmina e confunde algozes, magistrados, pontifices e synagogas: correm lagrimas, rompem suspiros, um trovão de vozes se levanta implorando misericordia e solicitando o baptismo; e tres mil homens primeiro, e depois cinco mil acodem a engrossar o rebanho ainda minguado dos discipulos de Jesus Christo. Mas o que é isto para um Pastor universal? Tantas conversões são apenas as primicias do seu Apostolado. Vôa de provincias em provincias, de reinos em reinos, por cidades e campos, terras e mares, ilhas e solidões; corre a Judéa, a Samaria, a Syria e a Palestina, a Asia e Africa, o Oriente e o Occidente. Por onde passa desabam idolos e templos, desapparecem erros e vicios, surgem novos homens, novos costumes, uma nova Religião. Já teem suas egrejas o Ponto, a Galacia, a Capadocia, a Syria, o Egypto, a Bithynia, a Asia, a Hespanha, as Gallias, a Sicilia, a Italia, a Africa. Já brenhas de feras, solidões e asperezas começam a amaciar-se, e a florescer; já os desertos inhospitos do mundo principiam a trocar-se em terras de promissão, em paraisos de innocencia e ventura.

Voltemos, porém, ao logar que estamos percorrendo.

XII

Tambem n'esta casa foi sagrado S. Thiago Menor primeiro bispo de Jerusa lem, e foram eleitos os primeiros sete diaconos, entre os quaes Santo Estevão.

Aqui foi celebrado por S. Pedro o primeiro Concilio da Egreja; e d'esta mesma paragem saíram os Apostolos pobres e nús, para se elevarem por sobre todos os thronos da terra: *Docete omnes gentes.*

XIII

Comquanto alguns supponham que a casa do Cenaculo pertencesse a Heli, tio do Precursor, e outros a Maria, mãe de João Marcos, muitas circumstancias fazem crer que o dono d'ella era José de Arimathéa, e talvez tambem o seu companheiro e amigo Nicodémus, ambos elles ricos homens, que se haviam associado para construcção de magnificos edificios. O modo como a respeito de ambos se exprime o Evangelho, faz crer que de longo praso eram discipulos occultos de Jesus; e assim mui naturalmente se explica a escolha da sua casa pelo Divino Mestre, para n'ella se realisarem tão sublimes successos.

XIV

Desde o instante em que Jesus celebrou a ceia no Cenaculo, é fóra de duvida que este logar foi considerado pelos Apostolos sagrado, ou santuario privado de suas orações. Segundo a autoridade de Santo Epiphanio, bispo de Jerusalem, não foi o Cenaculo destruido por Tito, nem por Adriano, mas deixado illeso por designio providencial, não obstante haver jazido algum tempo sob as ruinas da devastada cidade.

Sobre este mesmo terreno se levantou o primeiro templo christão, edificado por Santa Helena no seculo IV em honra dos doze Apostolos. Santa Paula Romana em 420 viu a columna de marmore (que para ahi fôra transportada) a que esteve ligado o Salvador, quando o flagellaram em casa de Pilatos, e que, segundo S. Jeronymo, ella disse estar ainda então manchada de sangue. Parte d'ella existe ainda no Calvario, e outra parte foi antigamente transportada para Constantinopla, conservando-se agora, com summa veneração, em Roma na egreja de Santa Praxedes, onde a vi. É de marmore preto com veios brancos, e tem de altura 74 centimetros.

A antiga egreja do Cenaculo era dividida em quatro partes, duas baixas e duas altas. As de baixo eram duas salas: uma de vinte e quatro passos, com dezeseis de largura, que foi aquella em que Jesus lavou os pés a seus discipulos; e d'esta se entrava em outra de pé direito, a qual era um pouco menor, pois tinha vinte passos de comprimento e quatorze de largura. O alto tinha duas camaras sobre as duas salas, que eram iguaes em grandeza. A primeira era aquella em que o Espirito Santo desceu sobre os Apostolos no dia de Pentecostes, e a outra o logar em que Jesus celebrou a ultima ceia, instituiu o Santissimo Sacramento, appareceu aos Apostolos depois de sua gloriosa resurreição, e onde fez Thomé metter os dedos nas chagas de seu divino corpo.

XV

Sem embargo de ter sido o Cenaculo varias vezes destruido e reedificado, sempre tem conservado dois andares, como ainda hoje. No tempo dos cruzados este santuario era dirigido por conegos regulares de Santo Agostinho, os quaes tinham alli uma grande abbadia. Demora perto um hospicio de franciscanos, que em 1244 foram autorisados a permanecer n'esse sitio, sendo mais tarde cedido o santuario á direcção dos franciscanos. Estes construiram a egreja, que alli ainda hoje se vê. É pequena e fabricada com os materiaes das egrejas que a precederam, como se conhece, especialmente pelas columnas. As duas que sustentam a abobada, são de granito uma, de pedra do paiz a outra; as que servem de pilares são de diversas grandezas e qualidades de pedra.

No seculo IX uma florentina de nome Sophia dos Archanjos construiu junto á egreja um grande edificio, que foi entregue aos franciscanos (a mais de duzentos dos quaes custou a vida) para prover ás precisões dos peregrinos e doentes.

Os turcos, porém, não cessaram de procurar meios de expellir os franciscanos d'este logar, até que em 1558 quasi todos os religiosos foram trucidados, sendo

convertida a egreja em mesquita, á qual foi dado o ainda actual nome de Nebbi-Dand. Os poucos religiosos que escaparam, não querendo deixar um solo que tanto amavam, recolheram-se a uma casa proxima denominada do «Forno», exactamente onde hoje está o collegio dos inglezes.

XVI

Tal foi o logar venerando, que eu, com os meus companheiros de peregrinação, visitei cheio de acatamento. N'estes edificios, pertencentes a musulmanos e por elles custodiados, o primeiro movimento dos guardas é sempre repulsa dos estrangeiros; porém, ou seja pela misera pobreza d'aquella gente, ou por seu caracter eminentemente avaro, terra não ha onde o aureo, e até o simples argenteo *in hoc signo vinces*, tenha tão larga applicação.

Quando nos approximámos d'aquelle venerando logar, que ainda conserva o aspecto religioso de um mosteiro em ruinas, encontrámos sentado á porta um formidavel turco, esfumaçando em um cachimbo não menos formidavel. O primeiro acto de cortezia que praticou comnosco, foi prohibir-nos redondamente o ingresso. O janizaro que nos acompanhava, dirigiu-lhe algumas palavras em arabe, que o não commoveram. Fallou-lhe então em linguagem mais *expressiva*, offerecendo-lhe por cada um de nós um franco. Ao brilho das moedas desenrugou-se-lhe o sobrecenho, e começou a tratar-nos com toda a affabilidade. Conduziu-nos a uma especie de terrado, e d'alli subiu comnosco por uma escada de pedra antiga, posta á mão esquerda de quem entra, e fomos dar a uma grande sala, sustentada por alguns grossos pilares, onde se não vê um só altar, uma imagem, um quadro, uma Cruz, um ornato, que indique a magestade dos mysterios que alli se consummaram! Estavamos, pois, no divino Cenaculo.

Então podémos absorver-nos nas meditações das estupendas memorias, que os primordios da lei da graça prendem a este abençoado logar.

CAPITULO XXX

I. Os tabernaculos antigos, e a sua descripção. — II. O tabernaculo de Sião. Transporte da Arca Santa de Cariathiarim para Jerusalem. — III. Casa da Virgem. Legados por ella deixados. Ultimos momentos, transito, funeral e enterro de Maria Santissima. Successos occorridos n'essa occasião.

I

A serem exactas as minuciosas disposições topographicas, legadas por conspicuos investigadores, logo ao oriente da casa do Cenaculo ficava o terreno, onde em eras muito mais remotas existia o tabernaculo.

A palavra latina *taberna* significava uma tenda ou cabana rustica, formada de estacas fincadas na terra, com varas cruzadas, tudo coberto exteriormente e forrado de pelles de animaes, tendo os tectos de duas aguas, feitos de tábuas sobrepostas na extremidade. Do nome *taberna* derivou-se tabernaculo, que significava originariamente as residencias dos Patriarchas, e os modestos templos, onde os israelitas adoravam a Deus. Foi Moysés que alçou o primeiro nas fraldas do Sinai, no dia em que principiava o primeiro mez do segundo anno da saida do Egypto, que era o do mundo 2514. Consideravam, pois, os judeus o tabernaculo como a habitação terrestre de Jehová, que n'esse logar dava signaes sensiveis de sua presença, e não queria que em outro algum lhe offerecessem sacrificios. Como foi construido no deserto o primeiro d'estes templos, entendeu-se que a sua construcção devia ser tal, que podesse fazer-se e desfazer-se, e transportar-se. Com effeito, no proprio campo de Israel houve dois tabernaculos, frequentemente mencionados na Escriptura: um profano, *tabernaculum conventus*, para tratar dos negocios correntes; outro sagrado, *tabernaculum testimonii*, para os actos da religião. Este ultimo tinha trinta covados de comprido sobre dez de largura e outros tantos de altura. Já aquelle tabernaculo era dividido em duas partes por um precioso véu: a primeira de vinte covados, denominava-se o Santo, e a segunda de dez, o Santo dos Santos. O espaço em torno do tabernaculo chamava-se atrio ou vestibulo; n'este, em frente da entrada, estava o altar dos holocaustos, em que se queimavam as carnes das victimas, e um tanque cheio de agua, chamado o mar de bronze, onde os Sacerdotes se purificavam antes de começar suas funcções. Este espaço, que tinha 100 pés de comprimento sobre 50 de largura, era fechado por um circulo de cortinas sustentadas por columnas de madeira, cobertas com laminas de prata, tendo o capitel do mesmo metal e a base de bronze. Todo o tabernaculo era coberto de estofos preciosos, tendo igualmente por cima uma especie de docel de pelle de cabra, para resguarda-los das injurias das estações.

II

Igual era a disposição do tabernaculo de Sião: na primeira parte ficava a mesa com os pães de proposição, e o candelabro de oiro de sete ramos, e o altar dos perfumes; no santuario estava encerrada a arca da Alliança, e alli só ao grão Sacerdote era licito entrar, e isso mesmo apenas uma vez por anno.

O tabernaculo de Sião fôra especialmente mandado fabricar pelo Rei David, com o fim de collocar n'elle a Arca do Senhor. Já a nova cidade se achava expurgada das gentilicas superstições; exterminada a geração dos cegos e coxos jebuseus, completas finalmente todas as cousas; mas David não sabia reinar sem Deus, e sem ver junto ao seu throno a Arca Santa, e com ella a lei do Senhor.

Depois de haver levantado no sitio mais alto de Sião este tabernaculo, congregou todo o povo em Jerusalem, e escolhendo trinta mil soldados, transportou-se aquelle immenso acompanhamento a Cariathiarim. N'um rico e formoso carro puxado a bois foi alli collocada a arca, a qual se achava em casa de Abinadab, morador em Gabaá; ia Oza a um lado e Ahio, seu irmão, adiante. David com todo o Israel acompanhavam, tangendo varias sortes de instrumentos, como harpa, cythara, tambor, adufe, timbale e trombeta. Chegando á eira de Nachon, começaram os bois a recalcitrar, e como a Arca ameaçasse tombar, Oza estendeu a mão e a reteve; no mesmo instante caiu morto, em pena da temeridade de haver tocado na Arca, sem ser Sacerdote, nem Levita; o logar ficou denominado castigo de Oza.

David aterrado renunciou a conduzi-la para a sua cidade, e deixou-a ficar em casa do Levita Obededon; mas, passados tres mezes, julgando David aplacada a ira do Senhor, vistos os beneficios feitos áquelle depositario, convocou o povo outra vez, para conduzir o venerando deposito.

Á frente do prestito ia o proprio David em roupas de linho, symbolo de candidez e alegria; tocava destramente a sua harpa, cantava com voz prophetica os Psalmos VI, IX, XI, XLV; saltava, e dansava alegre na presença de Deus.

Assim entrou a mysteriosa Arca em a nova Sião, ao som de novos instrumentos e musicas novas, e seguida do pontifice, dos sacerdotes, levitas, côrte, magistrados, milicia, e povo. Collocada então a Arca no logar do meio do tabernaculo, que lhe estava destinado, David offereceu sacrificios em acção de graças, e abençoou todo o povo em nome de Deus. Foi n'este tabernaculo que David, após o seu peccado e o assassinato de Urias, fez penitencia, e compoz os sete Psalmos penitenciaes.

É evidente que sendo o destino d'esta edificação dispôr o logar onde os fieis podessem adorar o Senhor, não devia ter longa duração aquelle deficiente e informe santuario. Com effeito, David, vendo que com auxilio de Deus, tudo lhe corria á medida dos desejos, meditou que o Senhor se offenderia de que a Arca da alliança estivesse n'um simples tabernaculo, emquanto elle, pobre mortal, residia n'um magnifico paço, todo de cedro e enriquecido dos mais custosos ornamentos. Quiz pois erguer em honra do Senhor um templo condigno, até porque Moysés predissera que isto succederia. Mas, consultado Nathan, que no primeiro momento applaudiu o pensamento, a este Propheta appareceu na segunda noite o Senhor em sonho, dizendo que declarasse a David que não queria que elle lhe elevasse

o templo, porque as suas mãos se haviam muitas vezes ensopado em sangue; e que isto ficaria a cargo de Salomão, seu filho e successor.

Portanto mais tarde, erguida que foi a maravilhosa fabrica do templo de Jerusalem, para onde foram transportados a Arca da alliança e todos os objectos de suprema devoção, a missão d'este, mais dignamente preenchida, tinha findado. É por isto que no tempo de Jesus Christo já não consta que do tabernaculo de Sião restassem vestigios, visto como havia sido destruido pelos chaldeus.

III

Logo ao sul do tabernaculo fica um logar altamente venerando, pois, segundo a opinião de muitos, ahi se levantava a pequena casa onde residia a Virgem Santissima, depois da descida do Santo Espirito; sendo alli que lhe soou a noticia da prisão de seu Divino Filho; alli que existia uma capella onde S. João celebrava os santos mysterios em presença da Mãe de Deus; alli que ella sobreviveu muitos annos a seu Divino Filho.

Referem escriptores santos, quasi contemporaneos dos Apostolos, como o bispo Melito, que tres dias antes de morrer, instituira a Santa Virgem, por testamento nuncupativo, a egreja fundada por seu filho herdeira de sua benção (mais abundante que a de Jacob): legou duas tunicas a duas virgens, que a haviam servido, (uma d'estas sua parenta), a quem recommendára que por sua morte deixasse tambem aquella tunica ás virgens da sua geração[1]. Fez testamenteiro a S. João Evangelista, a quem deixou a faxa do Menino Jesus, a corôa de espinhos, o sudario do sepulchro, uma cinta da mesma Senhora, o seu véu nupcial, outro de que usava, o annel do casamento, e cabellos seus tão gabados e queridos de seu filho[2].

S. Dionysio, o Areopagita, que viveu em tempo da Senhora, e que alguns suppõem ter assistido ao seu passamento, affirma que todos os Apostolos, excepto S. Thomé, se acharam milagrosamente transportados ao funereo aposento, para lhe prestarem os derradeiros serviços, e receberem sua benção. Tambem estava presente S. Timotheo, primeiro bispo de Epheso, e varios discipulos dos Apostolos.

Foi ante uma tão santa assembléa que Maria Santissima, antes de desatar sua alma do involucro terrestre, se assentou no seu leito, d'onde fez aos circumstantes a mais commovente pratica, pedindo-lhes que seccassem aquelles rios de lagrimas, exhortando Apostolos e discipulos a prégarem o Evangelho com fervor, e promettendo-lhes sua protecção e a sua ternura á Egreja. Dito isto, lançou a todos sua benção, reclinou-se sobre o leito, e dando graças ao Senhor, entregou-lhe o seu espirito, proferindo estas palavras: «Faça-se em mim outra vez, segundo a vossa palavra».

Os santos doutores, explicando o transito da Virgem, dizem que enlevada na contemplação intensissima do Divino Filho, foi tal a força do amoroso desejo de a

[1] Uma d'essas tunicas achava-se ainda em Constantinopla no tempo de Nicephoro, conservada em grande veneração.

[2] D'estes ainda no Vaticano se conservam alguns fios, de côr loura, n'um riquissimo relicario, onde tambem existem muitas outras venerandas reliquias, que eu tive a suprema felicidade de ver e beijar.

elle se unir, que o fogo do coração amante consumiu os espiritos vitaes, e rompendo a alma as ataduras do corpo, foi seguindo seu glorioso objecto, passando do desterro á patria por suavissima transição.

Ao saír a alma do corpo, refere S. Melito, viram os Apostolos tão formosa e radiante luz ir-se elevando ao ceu, que todos ajoelharam ante o deposito sagrado. Acrescenta S. Jeronymo que toda a assembléa ouviu então os canticos da milicia celeste; e S. João Damasceno, que muitos doentes se apresentaram n'aquelle acto, os quaes ficaram instantaneamente curados.

Depois de morta, quizeram as virgens lavar seu santissimo corpo, como era de uso; mas, apenas começaram a tirar suas vestiduras, saíram d'elle raios de luz, acompanhados de rescendente aroma. Sobreestiveram logo em despir o divino corpo, e a luz foi-se pouco e pouco esvaecendo. Essa luz acudiu pelo decoro, que se devia ter para com tão sagrado corpo.

O rosto da Senhora nada perdeu da celestial formosura: conservou-se fresco e lindo como açucena.

Depois de todos os assistentes beijarem a mão da bemaventurada Rainha, que do throno da terra subia ao da gloria, foi seu corpo collocado em esquife novo, orlado de flores, tão mimosas e variadas, quanto mimosas e variadas eram as excellencias divinas do objecto que circumdavam.

Saíu de casa o enterro. Diante ia arvorada a palma, que o Anjo entregára a Maria no monte Olivete, quando lhe annunciou a proximidade da morte. S. Pedro, como cabeça da Egreja, era quem devia levar essa palma; cedeu, porém, a honra a S. João, como virgem, e como aquelle a quem Jesus havia confiado sua Mãe. Todos os fieis empunhavam tochas accesas. S. Pedro, que seguia na dianteira do sahimento, conduzindo com os outros Apostolos o esquife, entoava o cantico: *Exiit Israel de Ægypto, alleluia,* que era alternado por todos os outros.

Depois de alguns passos, appareceu uma corôa, similhante ao circulo que ás vezes se vê ao redor da lua, e ouviu-se d'entre as nuvens um côro de celestes harmonias.

Não obstante a serenidade com que desfilava o prestito, a noticia correu a cidade, e logo saíu muita gente a testemunhar o solemne espectaculo. Um Principe dos Sacerdotes, ferido de espanto e horror, disse aos outros:

« Vêde com que gloria vae o tabernaculo d'aquelle que perturbou para sempre a nação judaica! »

Proferindo estas palavras, arremessou-se com diabolico atrevimento sobre o esquife, para o arrebatar; no mesmo ponto os seus companheiros ficaram todos cegos, e a elle mirraram-se-lhe mãos e braços, ficando pegados no mesmo esquife. O prestito nem interrompeu o passo, nem os canticos ao Senhor; mas o phariseu não podia arrancar do caixão as deseccadas mãos; era arrastado e atormentado de dores, e bradava:

— « Pedro, Apostolo de Deus, acudi-me! Lembrae-vos d'aquella noite em que fostes conhecido em casa de Caiphás; fui eu, fui eu quem vos salvei do mal que vos quizeram fazer! Acudi-me, por quem sois! »

Tornou-lhe Pedro:

— « Eu não te posso soccorrer: se crês de todo o coração no Senhor Jesus Christo (nascido d'esta, a quem calumnias), a sua grande clemencia, que salva indignos, te acudirá. »

O prestito, entretanto, ia indo, e o miseravel, traspassado de dores, respondeu:

— « Nós cremos que o Christo, a quem crucificámos, era Filho de Deus; mas, porque no dia de sua morte nós miseros e cegos pedimos que o seu sangue caisse sobre nós e nossos filhos, envergonhâmos-nos de o confessar ».

— « Essa maldição, respondeu o Apostolo, só damnará aos obstinados; para os arrependidos, misericordia. »

— « Creio quanto dizeis; só peço misericordia e vida ».

Parou o esquife.

— « Se crês de todo o coração no Senhor Jesus, vão soltar-se-te as mãos. »

— « Creio, bradou o phariseu. »

No mesmo instante, desprenderam-se-lhe as mãos, mas os braços ficaram atrophiados.

— « Pois bem, disse-lhe Pedro, chega-te a este sagrado corpo, beija o esquife, e dize comigo:

— « Creio em Deus e no seu Filho, Jesus Christo, que esta Virgem deu á luz. »

Feita esta confissão, ficou de todo são e livre, e começou a entoar louvores ao Senhor.

Disse-lhe Pedro:

— « Toma esta palma, que João te concede por momentos, e entrando na cidade, acharás muitos cegos, a quem annunciarás as grandezas de Deus: po-la-has sobre os olhos dos que crerem no Senhor Jesus Christo, que logo recobrarão a vista; os que não crerem permanecerão cegos. »

Seguiu o phariseu, e topou grão numero de cegos a lastimarem-se.

O Principe dos Sacerdotes approximou-se-lhes, e fazendo tudo quanto lhe fôra ordenado, muitos se converteram, e recuperaram a vista; e os que persistiram na obstinação, continuaram cegos.

Voltou o phariseu a Pedro, e referindo-lhe o que se passára, restituiu a palma a João.

Chegados ao valle de Josaphat, depositaram em sepulchro novo o corpo da Santissima Virgem, a respeito de cujo monumento já fallámos em outra parte.

Quanto ao logar onde, segundo a tradição, os judeus quizeram interromper o andamento do prestito, ainda hoje se acha indicado, á distancia de 37 metros de uma porta de Sião, por uma escada de sete degraus e um fuste de columna sem capitel, cuja base está enterrada.

No mesmo logar onde os judeus tentaram arrebatar o corpo da Virgem, houve outr'ora uma egrejinha, que já não existe.

Diz Frei Pantaleão, fallando d'este logar: « Affirmo ter ouvido dizer algumas vezes ao padre Bonifacio e a outros padres nossos, que haviam morado no monte Sião, que em alguns tempos, e muitas vezes, sentiam n'aquelle aposento ou cella tão suavissimo cheiro, que julgavam ser cousa divina e celestial; e que os christãos da terra, antigos, ainda que de outras nações, procuravam alguns dias particulares ter alli entrada, para receberem espirituaes consolações com a grande suavidade que alli sentiam ».

CAPITULO XXXI

MONTE SIÃO

I. A cidadella. O paço dos Reis de Judá.—II. David e Bethsabé.—III. Antiocho Epiphanes praticando maximas profanações e crueldades. Simão Machabeu purificando a cidadella. Prisão real onde Jeremias esteve encerrado.—IV. Templo dos protestantes. Egreja e mosteiro de S. Thiago.—V. Vida e morte d'este Apostolo. Flavio José e a existencia de Christo.—VI. Escadaria de Sião para o Moria. Discurso de S. Paulo e suas consequencias.—VII. Sepultura de S. Macario. Pedras do Sinai, Thabor e Jordão.—VIII. Palacio dos Valentes. Façanhas d'estes. IX. Columna do esquife da Virgem. Columbario dos corpos de Nicodemus, Santo Estevão e outros. Os cyprestes de Sião. O apparecimento de Jesus ás tres Marias.—X. Casa de Maria, mãe de João Marcos. S. Pedro solto da cadeia por um Anjo.—XI. Bairro dos leprosos. Hospital inglez.—XII. Xystus.—XIII. Valle de Tyropeon, Mello ou dos Queijeiros, e praça da porta das Aguas. Piscina inferior ou de Ezechias.

I

Ora me leva a topographia ao logar onde foi a famosa cidadella de Sião, para a qual se subia da cidade inferior pela arcaria que atravessava o valle de Tyropeon, penetrando na cidade pela denominada porta superior, a media das cinco por que era guarnecida a muralha de Sião do lado septentrional.

N'esses tempos o monte era ainda ahi muito mais elevado, sendo mister subir por uma nova escadaria para o recinto especialmente denominado cidadella, a qual foi primeiro habitada pelos jebuseus, a quem David expelliu, fixando ahi sua residencia, aformoseada e fortificada com os materiaes e pelos operarios que mandou vir do reino de Tyro. O recinto d'esta cidadella, a ser exacto o que vejo n'um quadro de autor fidedigno, era composto de um quadrilatero de muralhas. No que fazia frente para o lado do norte havia uma torre magnifica ao centro com um portão, que dava ingresso para a esplanada, e nos dois cantos d'essa linha duas fortes torres, sendo a occidental a que servia de prisão regia. Havia dos outros tres lados mais tres torres em cada um; e symetricamente com o principal portão de entrada, ficava para o lado do sul a porta denominada dos Jardins do Rei, porque esses soberbos jardins eram situados na encosta do monte que descia para o sul.

Ao centro da platafórma achava-se a vasta mole que tinha o nome de paço de David, ou antes dos Reis de Judá.

Consistia esse edificio n'um extenso parallelogrammo, com pavimento terreo e superior, vastas escadarias, numerosas janellas e um terrado immenso, que cobria toda a casa.

II

É o alto d'esse terrado celebre pelo seguinte facto:

Todos sabem que antigamente, como hoje, os tectos das casas no Oriente eram horisontaes, especie de sotéas que serviam para passeio, para descanço, para respirar mais puro, e até para tomar as refeições.

Um dia, levantando-se David de dormir a sesta, e pondo-se a passeiar no eirado do seu palacio, viu defronte uma linda mulher, que se banhava na casa proxima. Era a esposa de Urias Etheu.

A impressão que a sua vista causou no Rei, foi origem de um grande peccado como de uma grande penitencia.

Não descerei a pormenores de tão deploravel quéda. Limitar-me-hei a dizer que sendo passados nove mezes, sem que David se mostrasse arrependido, apresentou-se-lhe o Propheta Nathan, e propoz-lhe esta parabola:

— «Havia em uma cidade do teu reino dois homens que se diziam amigos; um rico, o outro pobre. Possuia o rico grão numero de bois e ovelhas; não tinha o pobre mais que uma ovelhinha que lhe nascêra em casa, e que elle alimentava com amor summo, creada entre seus filhos, comendo do seu pão, bebendo pela sua taça, dormindo-lhe no regaço, estimada como filha. Veiu um estranho visitar o rico, e este em vez de o banquêtear com as suas ovelhas e bois, deu a comer ao seu hospede a querida ovelhinha do pobre.»

Ouvindo isto, David disse indignado:

— «Viva Deus! que esse perverso é digno de morte; e pois que assim abusou do seu pobre amigo, ha de pagar-lhe o quadruplo do valor da ovelhinha, e depois ha de ser morto.»

E Nathan lhe retorquiu:

— «O tal homem és tu! E por isso te manda dizer o Senhor Deus: Eu te fiz ungir para ser Rei de Israel, eu te livrei das mãos de Saul, eu te dei a casa e as mulheres do teu senhor, eu te apossei de toda a casa de Israel e de Judá; e se ainda achas pouco, farei mais. Logo, para que desprezaste a minha palavra? Tu fizeste perder a vida a Urias Etheu, levaste sua mulher, e a desposaste, mataste o marido d'ella com a espada dos filhos de Amon, meus inimigos. Portanto não sairá jamais a espada da tua descendencia, os mais opprobriosos males nascerão de tua propria casa, e esses castigos serão inflingidos na presença do sol.»

E David, no auge do terror e do arrependimento, exclamou:

— «Pequei contra o Senhor!»

E Nathan respondeu:

— «O Senhor, que vê a sinceridade do teu arrependimento, já adoçou o seu decreto: não morrerás de morte violenta, como merecias: morrerá o filho da tua culpa.»

III

Este logar tambem se tornou famoso por outros lamentaveis successos.

O tyrannissimo Rei da Syria, Antiocho Epiphanes, descendente de um dos suc-

cessores de Alexandre Magno, depois de tomar a Ptolomeu o reino do Egypto, proseguiu em suas conquistas, e entrou em Jerusalem. Ahi penetrou no santuario, d'onde roubou o altar de oiro, o candelabro, todos os vasos, mesas, corôas e ornamentos, e tudo apropriando-se ou despedaçando, e fazendo gran matança de homens. Dois annos depois repetiu o saque e a destruição das casas, gados e haveres, levando captivas as mulheres. Redobrou então a força da cidadella, onde poz uma guarnição terrivel, e ordenou aos vassallos que deixassem a sua lei em todos os pontos, sob pena de morte.

Queimados os livros da lei, collocada a estatua de Jupiter Olympico sobre o altar de Deus, erigidos templos aos idolos, commetteu o perverso mil outras atrocidades, taes como mandar arremessar do alto das muralhas d'esta cidadella, com os filhos pendurados ao pescoço, as mães que, desprezando sua ordenança, os faziam circumcidar.

Mais tarde, Simão Machabeu forçou a indomita guarnição a render-se pela fome; entrou com o seu exercito e povo na cidadella ao som das acclamações, dos cymbalos, das harpas e dos canticos; purificou a cidadella das immundicias dos seus idolos, e n'ella collocou uma guarnição judaica para segurança da cidade e do paiz. De taes construcções apenas insignificantes vestigios se distinguem.

Na parte superior da torre mais alta ficava a prisão real, que dominava o palacio. Por ordem de Sedecias, Rei de Judá, alli esteve encerrado Jeremias, em castigo do seu vaticinio da tomada de Jerusalem, vindo a ser libertado por Naburandan, general de Nabuco.

IV

Para o lado do sul, á esquerda, está hoje a poucos passos o templo dos protestantes. Atrás d'esse templo, a pequena distancia, pompeia a egreja e o mosteiro de S. Thiago. Sua posição é a mais pittoresca, vastissimo o convento, a egreja a mais bella de Jerusalem. Demoram estes dois edificios no ponto mais eminente do monte Sião, d'onde dominam toda a cidade, que aos pés se lhes estende. Uma das mais amplas ruas de Jerusalem (aliás com a grande vantagem de ser pouco frequentada) conduz a estes edificios. Ahi se gosa de todos os commodos da cidade, sem nenhum de seus inconvenientes, o que não succede com as ruas dos bazares, onde sempre ha ondas de povo, especialmente no tempo de affluencia de peregrinos.

A egreja de S. Thiago está situada dentro do recinto do mosteiro, circumdado de muros tão altos que lhe dão visos, senão de uma fortaleza, ao menos de uma clausura de monjas. A construcção é tão solida e elegante, quanto permittiam os tempos e as circumstancias em que foi inaugurada ou melhorada.

Não ha duvida que foi obra europêa, mas de que tempo e de que nação não se sabe; tem tres naves, e é coroada por uma elegantissima cupula.

Li em um antigo escriptor hespanhol, que dizia ter-se hospedado no mosteiro de S. Thiago, have-lo o Rei da Hespanha mandado edificar para hospedagem dos peregrinos.

Presentemente pertence aos monges armenios scismaticos, que recebem não só os seus patricios residentes em Jerusalem, como a immensa multidão de peregrinos da Armenia, Turquia, Cilicia e varios outros paizes do imperio ottomano,

que concorrem annualmente ás funcções paschaes, celebradas pomposamente pelas communhões christãs no templo do Santo Sepulchro. Armenios e grègos fazem se pagar carissimo por esta hospedagem; não se deve, porém, esquecer a benevolencia que os armenios usam com os catholicos, permittindo-lhes visitar livremente a sua egreja, e continuar na antiquissima praxe de n'ella officiarem por um dia natural do anno, a saber, desde as primeiras até ás segundas vesperas da festa de S. Thiago.

A egreja é magestosa, opulenta em quadros e mantida com maximo decoro. Surge no meio uma bellissima cupula, sustentada por quatro pilares: no interior, até á altura de homem, são as paredes de azulejo.

V

Este logar é tambem celebre pelo martyrio de S. Thiago, ordenado por Herodes Agrippa.

Diz S. Jeronymo que Jesus Christo, ao deixar a terra, recommendou a este Apostolo, como a verdadeiro irmão, a Egreja de Jerusalem, tirada da synagoga.

Desde o dia da Ascensão occupou S. Thiago a séde episcopal de Jerusalem, governando a diocese vinte e oito annos.

A sua justiça e santidade o tornaram venerado de judeus e christãos.

Ha um successo da vida de S. Thiago, que prova o grau de endurecimento a que haviam chegado os judeus: é referido pelo proprio Talmud n'estes termos: «Sendo mordido de uma cobra um judeu chamado Eligazer, veiu Thiago cura-lo em nome de Jesus; mas um rabbino o impediu. Immediatamente caiu morto Eligazer; e ao ver isto exclamou o rabbino:

«Filho de Duma, foste feliz em saír d'este mundo em paz, sem violares as regras dos sabios!»

Refere Eusebio de Cesaréa que os phariseus, imaginando possivel fazer S. Thiago renunciar a sua fé, mandaram-no chamar junto do templo; ahi, em presença das turbas, fingiram queixar-se-lhe, dizendo que todo o povo se achava em erro ácerca de Jesus, e que o verdadeiro Christo era elle Apostolo.

Depois, fazendo-o subir a um logar mais elevado, para que fosse por todos ouvido, bradaram debaixo:

— «Dizei-nos, homem justo, o que devemos crer de Jesus, que foi crucificado? Dizei-nos, e todos seguiremos o que disserdes.»

Em voz alta e clara respondeu o santo Apostolo:

— «Jesus, o Filho do Homem, de quem fallaes, está agora sentado á direita da Magestade Soberana, como Filho de Deus, e deve vir um dia sobre as nuvens do ceu.»

Um grande numero de espectadores gritaram:

— «Hosanna!» E deram gloria a Deus.

— «Que!» bradaram os phariseus, «pois o justo tambem se desvaira!»

E para intimidar os que mostraram crer em Jesus Christo, e em cumprimento da ordem do Summo Sacerdote, precipitaram o Apostolo do alto do templo. Não morreu na quéda; levantou-se, ajoelhou, e pediu perdão a Deus para seus inimi-

gos, os quaes, vendo-o vivo, animaram-se uns aos outros para apedreja-lo, e o foram arrastando até este logar, em que o decapitaram.

Flavio José narra estes factos com alguma diversidade, como o mostra o seguinte resumo do principio do capitulo VIII da *Historia dos judeus:*

«Morrendo Festo, Nero deu o governo da Judéa a Albino, e o Rei Agrippa tirou a grande sacrificatura a José, para a dar a Anano, filho de Anano ou Annás (que se suppõe descendente do grande Sacerdote Annás, a cuja presença Jesus foi levado).

«Antes que chegasse Albino, Anano fez convocar um conselho, perante o qual mandou comparecer Thiago, irmão de Jesus chamado Christo, com mais outros, e accusou-os de transgredirem a fé; pelo que os condemnou a serem lapidados. Muito desagradou esta acção aos hyerosolimitanos, que não sómente tinham dó dos innocentes, mas amor á observancia das leis. Requereram ao Rei Agrippa contra Anano; e outros passaram a Alexandria, para representarem a Albino a usurpação do sacrificador, que, sem autorisação d'elle, não podia ter convocado tal conselho. O governador, colerico, escreveu a Anano, ameaçando-o; e Agrippa, vendo-o tão irritado tirou a Anano a sacrificatura.»

Não só escrevi este trecho para apontar uma variante da exposição de Eusebio de Cesaréa, mas tambem para aproveitar a occasião que se me depara, de repellir uma asserção, que mal comprehendo como nascesse; mas que varios incredulos teem reproduzido.

Dizem elles que Jesus Christo nunca existiu; e dão como prova d'isso o não ter d'elle fallado uma só vez o famoso judeu Flavio José, que tão minuciosamente escreveu, não só a historia completa do povo judaico, senão tambem a das suas guerras.

Acrescentam elles que, tendo Flavio sido quasi contemporaneo de Jesus Christo, era impossivel que, se este houvesse existido, o historiador deixasse algures de alludir a elle, embora fosse rapidamente ou com as disposições hostis dos seus conterraneos.

Aponta-se-lhes o seguinte trecho da *Historia dos judeus* (liv. XVIII, cap. 4.º):

«N'esse mesmo tempo (o de Pilatos) vivia Jesus, que era um homem sabio, se é dado considera-lo apenas homem; tão maravilhosas suas obras eram. Ensinava elle a todos que o queriam ouvir e instruir-se da verdade; e foi ouvido e acompanhado, não só de muitos judeus, mas tambem de gentios. Era o Christo. Os principaes da nossa nação o accusaram na presença de Pilatos, que o mandou crucificar. Os que o amaram emquanto viveu, não o desampararam depois da sua morte. Resuscitado ao terceiro dia, appareceu-lhes vivo, como o tinham vaticinado os Prophetas, que predisseram que elle faria muitos milagres. É d'elle que os christãos, que ainda hoje vemos, tiraram o seu nome.»

Respondem, porém, ser esta uma interpolação posthuma; uma pia fabricação devida á ignorancia dos copistas ou a zêlo mal entendido; e dão como nova prova não ter Flavio fallado nunca de Jesus nas suas obras, nem mesmo incidentemente.

Confuta-os o trecho apontado no principio d'este periodo, onde Flavio torna mui naturalmente a fallar de Jesus Christo como irmão (assim denominavam os consanguineos) de Thiago.

O mesmo S. Jeronymo, no seu *Catalogo de escriptores ecclesiasticos* (cap. 3.º), falla de Flavio José a proposito do citado passo, que o mesmo santo doutor considera authentico; declarando ter sido elle que o traduzira do hebraico.

O celebre Huet, na sua *Demonstração evangelica,* refutou todas as objecções contra a authenticidade d'esta referencia de José; argumentando tambem com a menção que faz o historiador hebreu, de Thiago e de S. João Baptista, a cujo barbaro martyrio attribue até o ter perdido o exercito de Herodes Antipas uma batalha. Como é possivel, pois, que fallando Flavio de pessoas tão intimamente ligadas a Jesus Christo, não fallasse d'este, aliás infinitamente superior em dignidade, prodigios e nomeada?

Tornando porém á especialidade de que estou tratando, direi que n'esta egreja dos armenios se mostra uma formosa capellinha, alumiada de muitas lampadas, e cujo altar assenta sobre uma lage de marmore branco, indicadora do logar onde degolaram o Santo Apostolo.

VI

Era pois n'este terreno que existia a velha cidadella de Sião. Para o lado do Moria ficava uma escadaria, pela qual se descia para a cidade inferior.

Esta escadaria, por varios titulos afamada, o é principalmente por haver servido de tribuna ao Apostolo das gentes[1].

Havia Paulo feito varias digressões até Cesaréa, após as quaes partiu para Jerusalem, onde foi perfeitamente recebido dos fieis, e por seu conselho elle no templo se purificou. Todavia, foi muito maltratado pelos judeus da Asia, os quaes o prenderam, arrancando-o do templo, inviolavel asylo, e se dispunham a tirar-lhe a vida, quando, avisado o tribuno, este accorreu com soldados e centuriões, a cuja vista os sediciosos cessaram de o ferir. O tribuno fê-lo agrilhoar, e nada colhendo do interrogatorio a que procedeu, ordenou que o levassem á cidadella. Quando ia subindo por estes degraus, e dispondo-se o povo para exercer sobre elle as maiores violencias, Paulo obteve licença do tribuno para fallar aos seus algozes, e de pé sobre os degraus fallou em lingua hebraica d'esta arte:

«Irmãos e paes meus! Sou judeu, nascido em Tharso e creado em Jerusalem aos pés do doutor Gamaliel, em cuja escola não fui menos zeloso do que vós hoje sois na observancia da lei velha; persegui mortalmente os christãos de todas as idades e sexos; carreguei-os de cadeias, como podem attestar o Principe dos Sacerdotes e os anciãos do senado, sendo por convite d'elles que eu fui a Damasco para trazer presos os da mesma seita, a fim de serem rigorosamente punidos.

«Chegava proximo a Damasco ao meio dia, quando repentinamente me rodeou um enorme clarão, e caindo eu por terra, ouvi uma voz:

— «Saulo! Saulo! Porque me persegues!

«Ao que respondi:

— «Senhor, quem sois vós?

[1] Não occulto que alguns commentadores collocam a scena de que vou occupar-me, como tendo occorrido na escadaria que leva á fortaleza Antonia, um dos quarteis da coborte romana, quartel que em verdade ficava proximo do templo; mas tambem proximo da parte meridional d'elle ficavam estas escadas de Sião, por onde se subia á cidadella.

O latim emprega o termo *castra* em dois logares, e póde portanto ter sido uma ou outra d'estas fortalezas; porém para o facto que tenho de narrar, essa localisação é indifferente.

— «Sou Jesus Nazareno», disse a voz mysteriosa, que os meus companheiros não ouviram distinctamente, não obstante terem visto a luz.

«Então disse eu: «Senhor, que devo fazer?»

— «Levanta-te e vae a Damasco, e lá te será dito.

«Havendo perdido por causa do fulgor da luz o uso da vista, os meus companheiros me levaram pela mão até Damasco, onde o pio Ananias me disse:

— «Saulo, irmão meu, olha; e no mesmo instante vi.

«E Ananias me deu salutares instrucções, conferiu-me o baptismo, e ordenou que eu publicasse a gloria e divindade de Christo.

«Depois estando eu no templo em oração, disse-me o Senhor:

— «Sae de Jerusalem depressa, porquanto estas gentes não receberão os testemunhos que lhes deres de mim.

«Ao que eu respondi: «Senhor, elles bem sabem que eu fazia açoitar nas synagogas os que em vós criam, e que até guardei as capas dos que apedrejaram o martyr Estevão.

«E elle me disse: «Vae, que eu te enviarei bem longe para as nações dos gentios.»

N'este ponto do discurso os judeus entraram a bradar em altas vozes, enfurecidos: o tribuno mandou-o açoitar; mas Paulo perguntou ao centurião, se era licito açoitar um cidadão romano, sem crime nem condemnação?

O tribuno ouvindo isto, mandou-o soltar.

VII

Perto d'este logar mostram os armenios a sepultura de S. Macario, que presidiu á construcção da Basilica Constantiniana do Santo Sepulchro.

Em face, isto é, na nave á direita está uma capella, onde se conservam tres pedras: a primeira sobreposta ás duas é do monte Sinai; a segunda do monte Thabor; e a terceira do leito do Jordão.

VIII

David tinha mandado construir junto ao seu regio paço uma fortaleza magnifica, esplendido palacio, ou como melhor nome haja. O vestibulo e o pateo d'esse palacio serviam para exercicios de athletas e gladiadores; ahi collocára tambem o seu arsenal.

O principal intuito, porém, com que tão grandiosa fabrica havia sido erigida, foi para dar condigno aposento e residencia aos seus queridos valentes, herculeos heroes, cujas façanhas se transmittiram de tão remotos tempos, para se perpetuarem até á eternidade. Eram especialmente trinta e oito guerreiros, que, valendo por trinta exercitos, formavam a guarda de honra do Rei.

Era o primeiro Jesbaam, que por varias vezes destroçou batalhões inimigos, e n'uma só batalha matou 800 homens.

Eleazar, quando os israelitas, apavorados da estupenda mó dos philisteus, haviam fugido na jornada de Azaram, em que elle se achou com David, permaneceu sósinho, suspendeu os inimigos, nos quaes fez tão grande morticinio, que o sangue d'elles lhe collou a mão á espada, restituindo assim a coragem aos seus, que dentro em instantes entoavam gritos de victoria.

O terceiro era Semma que, quando os hebreus aterrados porque os philisteus se haviam posto em batalha no campo da Queixada, começaram a recuar, oppoz-se por si só a tamanho numero de inimigos, e tão extraordinarios feitos praticou, que os poz em desbarato e fuga, perseguindo-os.

O quarto era Abisai, que tinha matado em um combate com a sua lança trezentos inimigos.

Era o quinto Banaias, de raça sacerdotal, que atacado a um tempo por dois irmãos, que passavam pelos mais invenciveis dos moabitas, matou ambos; e que depois, estando sem armas, e sendo acommettido por um egypcio armado e valentissimo, lhe arrancou das mãos a hasta, matando-o; e deu igual sorte a um leão, que topou n'uma cisterna, onde caíra durante uma grande neve.

E todos os outros eram de igual audacia e força; e bem mereciam, portanto, que David os tratasse com o excepcional carinho e respeito, de que lhes deu provas.

IX

Saindo da egreja e depois do convento de que pouco atrás fallei, pela porta principal, que abre para oeste, segue-se para uma rua, e voltando-se para a esquerda pela estrada que leva á porta de Sião, está, á distancia de trinta e sete metros, uma escadinha de sete degraus e um fuste de columna no logar onde se verificou o já mencionado successo do ataque ao esquife que conduzia o corpo da Virgem.

Houve tambem n'esse logar uma especie de columbario, para onde foram transportados, no reinado de Honorio, os corpos de Santo Estevão, Nicodemus, Gamaliel e Abidon, que haviam sido milagrosamente descobertos em Kafr-Gamala, no anno 417: pouco depois a Imperatriz Eudoxia levantou ao norte uma egreja em honra de Santo Estevão, onde foram collocadas aquellas reliquias.

O jardim que os armenios conservam em frente do mosteiro, do qual é separado por uma rua, está disposto, não com o gosto europeu, mas com uma perenne verdura e uma solidão deliciosa. Quem deseja ter uma lembrança dos cyprestes do monte Sião, recorre a estes monges, que no seu jardim possuem uma grande quantidade d'essas arvores. Tal era a sua força e grandeza, que o Ecclesiastico em suas comparações de sabedoria exclama:

«Crescendo me elevei como cedro no Libano, ou cypreste em Sião.»

Uns cincoenta metros adiante vê-se o logar onde Jesus, depois de resurgido, appareceu ás tres Marias, dizendo-lhes:

«Salve-as Deus!»

Ellas se lhe lançaram aos pés, adorando-o, e Jesus continuou:

«Não temaes, ide, avisae meus irmãos que vão á Galiléa; lá me verão.»

Este sitio era antigamente marcado por tres capellinhas.

X

Desçamos agora do mosteiro de S. Thiago pela encosta oriental do monte, na direcção do bairro dos judeus e ao norte do palacio de Annás. Ahi encontraremos n'uma rua estreita e solitaria uma egrejinha, a unica possuida em Jerusalem pelos syrios scismaticos, ou jacobitas, e que diz a tradição ter sido edificada no logar onde era a casa de Maria, mãe de João Marcos; e por isto é occasião de recordarmos o grande acontecimento, que se verificou aqui.

Mandára Herodes Agrippa prender a Pedro, mettendo-o n'um carcere, guardado por quatro esquadras, cada uma de quatro soldados; porém quando Herodes estava para apresenta-lo ao povo, n'essa mesma noite, dormindo Pedro entre dois soldados, liado com duas cadeias, e vigias á porta, o carcere se inundou de luz, um Anjo despertou Pedro, a quem caíram as cadeias das mãos. O Apostolo tomou a cinta, as sandalhas e a capa, e seguiu o Anjo.

Passaram a primeira e a segunda guarda; chegaram á porta Ferrea da cidade, que por si mesma se lhes escancarou; e no meio da rua seguinte o Anjo desappareceu.

Pedro, conhecendo então que o seu guia era um enviado do Senhor para salva-lo das mãos de Herodes, veiu a este logar, onde então morava Maria, mãe de João Marcos, hospicio ordinario dos Apostolos, quando em Jerusalem estavam muitos orando por Pedro. Ao bater á porta, a moça Rhode, conhecendo a voz de Pedro, ficou tão alvoroçada que, antes de abrir, correu dentro a dar a nova, de que todos duvidaram. Continuou a bater, até que entrou e o reconheceram.

Então Pedro lhes recommendou que a Thiago e aos irmãos fizessem saber como o Senhor o tinha livrado da prisão; e d'ahi partiu elle para outra parte.

XI

Proximo d'este logar, e perto da porta de Sião, vê-se uma carreira de miseraveis casebres, onde habitam muitos leprosos, a quem é prohibido ultrapassar certos limites, para não terem contacto com os sãos. Vivem pauperrimamente da esmola dos viandantes. Esses infelizes são quasi todos mudos, o que se considera como effeito da enfermidade, e teem alem d'isto quasi todo o corpo chagado.

Dizem que a lepra não é commum em Jerusalem, mas que se perpetúa sempre em quatro ou cinco familias turcas, que entre si se unem em matrimonio.

Os protestantes prussianos fizeram um hospitalzito para lazaros, mas com pouco proveito.

Seguindo a estrada onde estão os ditos casebres, toma-se a primeira rua á esquerda, e entra-se no bairro dos hebreus, onde, digamos assim, vivem como desterrados.

Tem-se calculado que na Palestina não ha hoje mais que mil judeus, e que d'estes os seis setimos residem em Jerusalem, achando-se amontoados n'este quarteirão, na vertente oriental do monte Sião, perto do monte Moria. Estão elles tão apertados n'esse angustissimo espaço, que Jerusalem teria mais de cem mil habi-

tantes, se toda a população estivesse tão agglomerada como no bairro dos judeus Não descendem de raças antigas do paiz; pois que alli as familias se extinguem rapidamente.

Os judeus de Jerusalem são todos estrangeiros. Grande numero d'elles só se transportam a Jerusalem em edade avançada, com o fim de morrerem na terra de seus avós, e de serem sepultados no valle de Josaphat. Passam quasi todos por pobres, subsistindo apenas das subscripções que os correligionarios lhes enviam da Europa; mas parece que alguns são ricos, porém obrigados a esconder os seus haveres, para não excitarem a avidez de seus oppressores.

Saindo do convento dos syrianos para o lado do norte, acha-se á esquerda o hospital inglez, estabelecimento muito bem ordenado.

XII

No meio do quarteirão, hoje chamado dos judeus, existiu o palacio dos Principes asmoneus, e perto d'elle communicava do monte Sião para o Moria, através do valle de Tyropeon, uma galeria magnifica edificada por Herodes, e a que foi dado o nome que os gregos applicavam para uma fórma peculiar: *xystus*.

Esta especie de construcção foi pelos romanos adoptada; sendo, porém, de invenção hellenica. Verdadeiramente esta classe de porticos tinha um destino particular, e se outros, como o diaulon, o ephebeu, ou o coryceu eram destinados ás palestras ambulatorias, ás discussões, sentados, ou a certa especie de jogos, o xysto grego era geralmente um estadio coberto, onde os athletas se exercitavam na estação invernosa. De uma e outra parte d'estas galerias havia porticos mais ou menos elegantes, e de um e de outro lado corriam parallelamente uns cordões de platanos, sombreando avenidas; sendo todas as arvores entremeadas por assentos. Ao correr do xysto coberto e do duplo portico seguiam por fóra ruas descobertas, denominadas pelos gregos Peridromidas, passeios que são os xystos descobertos dos romanos, sendo ahi que os athletas se exercitavam no inverno, quando o tempo estava bom.

Plinio o moço (II, 17), descrevendo a Gallo a sua aprazivel quinta de Laurentino ou Laurento, a dezesete milhas de Roma, pinta com as mais vivas cores as bellezas d'essa residencia. Diz que alli construiu elle mesmo um xysto no principal jardim, que denomina um crypto-portico; sendo esse o logar que elle qualifica dos seus amores, delicias suas[1].

Suetonio diz que Augusto tinha para as suas casas de campo gostos muito simples, e menos empregava as estatuas e os paineis que bosques e xystos, e objectos veneraveis por sua antiguidade.

Voltando, porém, d'esta digressão ao nosso assumpto, direi que diante do palacio dos asmoneus, no extremo nordeste de Sião, havia uma vasta praça, onde se congregavam assembléas populares, e d'ahi começava o xysto, que prendia o Sião ao Moria. Foi do alto d'essa galeria que Herodes arengou ao povo, evitando muitas vezes com a sua eloquencia o progresso de sedições.

[1] In capite xysti deinceps crypto porticus, horti diæta est, amores mei, re vera amores: ipse posui.

Em cada uma das extremidades da ponte havia um terrado. Foi n'esse logar que se realisou a celebre conferencia de Tito com os chefes dos judeus, que, mesmo depois da destruição do templo, se conservavam acastellados na cidade alta, ou monte Sião. A ponte estava cortada ao meio. Era de uma de suas extremidades que Tito convidava os judeus a renderem-se á discrição. A este convite responderam João de Giscala e Simão de Gioras que, tendo protestado por juramento defenderem-se até á morte, haviam de cumpri-lo. Foi então que Tito proferiu esta sentença, que terrivelmente se executou:

«Pois bem, defendei-vos como poderdes; de ora em diante sereis tratados com todo o rigor do direito da guerra.»

A construcção que existe na parte superior do muro, do lado em que a dita ponte levava ao Moria, servia no tempo dos cruzados de sala de armas para os cavalleiros do templo, e as ruinas que se vêem ao lado do sul da mesquita de Omar, são o que resta do convento d'elles.

XIII

Um pouco alem do Xystus, para o lado do norte, ficava o profundo valle denominado de Tyropeon, ou de Mello, ou dos Queijeiros, entre os montes Sião e Moria, que foi com enormes gastos terraplenado por David e Salomão.

Em parte d'esse espaço foi feita uma praça publica, denominada praça da porta das aguas; ahi se levantaram muralhas do primeiro recinto e edificou Salomão um palacio para sua mulher, filha de Pharaó. Os trabalhos que Salomão ordenou no valle de Mello, foram causa da rebellião de Jeroboão. No mesmo logar havia uma fortaleza e vastos edificios, que foram por Ezechias reconstruidos.

Residia no seu paço de Mello o Rei Joas, cujos vassallos se insurgiram, por elle ter entregue todas as sagradas riquezas ao Rei da Syria, e o mataram n'essa mesma casa de Mello.

Indo da altura do Xystus por um bosque de cactos, chega-se logo á porta dos Africanos, e depois de dar mais alguns passos, chega-se a uma loja ou armazem pertencente a um maltez chamado Nino, que permitte obsequiosamente a entrada. Ahi se vê d'uma janella a piscina de Ezechias, de que fallei no capitulo VI. Muitos suppõem ser esta a piscina inferior que esse Rei mandou construir, juntamente com um aqueducto, o qual ainda permanece, e está servindo para o mesmo fim; pois em seguida ás grandes chuvas traz a agua da piscina superior a esta de Ezechias. Acredita-se que seja esta a que assim se denominava, até porque bem se lhe referem as palavras de Isaias:

«E abristes um lago entre os dois muros junto da piscina velha.»

Com effeito, a piscina de Ezechias achava-se então entre o muro antigo da cidade e o muro com que Manassés a cercou.

E aqui termina a nossa visita ao monte Sião. Tamanhas excellencias são as suas, que a propria grandiosa Jerusalem foi denominada «Filha de Sião», como amparada, defendida, illustrada por este monte santo, a quem coube a inaudita honra de ser considerado como a figura da Egreja Militante e da Egreja Triumphante.

CAPITULO XXXII

I. Norte do Tyropeon. Região oriental da cidade inferior. Monte Moria. Sacrificio de Isaac. — II. Compra da eira de Areúna por David. — III. Porta superior. — IV. Palacio de Salomão. Palacio da Rainha. Palacio do bosque do Libano. Noticia de outros muitos palacios de Salomão. Jardim real. — V. Visita de Nicaulis, Rainha de Sabá. — VI. Templo da Apresentação. — VII. Pranto dos judeus junto ás muralhas.

I

Eis-nos chegados á parte oriental da cidade inferior; e começaremos a nossa peregrinação, segundo o uso, pelo lado meridional, isto é, da parte contigua ao valle dos Queijeiros. N'esta região se eleva o monte Moria, chamado tambem na Escriptura terra da Visão, montanha do Templo e monte da Filha de Sião. Adjacente ao muro oriental da cidade, era pedregoso, elevadissimo e inclinado em todas as direcções. Remontam a altissima e respeitabilissima antiguidade as tradições que a elle se ligam.

Os judeus acreditam que foi no monte Moria que Adão offereceu o primeiro sacrificio, e que alli era tambem o altar de Cain e de Abel.

Havia Deus nos primeiros tempos altamente protegido a Abrahão, dedicado servo seu; e destinando-o, a elle e á sua raça, para a mais egregia das missões, quiz primeiro experimenta-lo, e provar-lhe a fé; e entre ambos se travou este dialogo:

— « Abrahão ! Abrahão ! »

— « Aqui estou, meu Senhor ! »

— « Toma Isaac, o teu filho, o teu unico, o teu querido; leva-o ao monte Moria, e ahi m'o offerecerás em holocausto, no sitio que eu te mostrar. »

Nem uma só palavra balbuciou Abrahão. Ainda é noite; não importa: prepara o seu jumento, chama a dois mancebos, creados seus, e a Isaac (então de vinte e cinco annos); corta lenha para o holocausto, e começam a jornadear. Ao terceiro dia avista o sitio, e diz aos creados:

— « O jumento aqui fica; esperem emquanto eu e meu filho chegâmos alli, e assim que houvermos adorado e feito o nosso sacrificio, voltarei logo. »

Poz a lenha ás costas, e levou nas mãos o fogo e a espada. No caminho fallaram assim os dois:

— « Meu pae. »

— « Que queres, filho ? »

— « Fogo e lenha vejo eu; mas a victima ? »

— « Deus a dará. »

Chegados ao logar por Deus indicado, erigiu Abrahão um altar, no qual compoz a lenha, atou Isaac, e collocou-o sobre ella, sem que o resignado joven fizesse

resistencia alguma. Levantou a espada para a descarregar sobre seu filho, que de sua parte com todo o coração se offerecia a Deus. N'isto um Anjo clamou do ceu:

— « Abrahão! Abrahão!... »

— « Estou aqui, Senhor. »

— « Não faças mal a este mancebo. Está visto que temes a Deus; pois, por me obedecer, nem a teu unico filho perdoaste. »

Abrahão ergueu os olhos ao ceu em agradecimento; e voltando-os para um lado viu um carneiro pendente das pontas entre uns espinhos, e tomando-o como victima por Deus ministrada, offereceu-o em holocausto pelo seu filho. E deu áquelle logar um nome que significa « Deus vê »; pelo que se ficou chamando monte da Visão. Alli vira Deus a obediencia de Abrahão e a submissão de Isaac.

Feito o sacrificio, o Senhor lhe notificou que, pois elle havia procedido de tal fórma, não só lhe lançaria a sua benção pessoal, mas multiplicaria a sua geração tanto como as estrellas do ceu e as areias do mar; que os seus descendentes occupariam as terras de seus inimigos, e que finalmente todas as nações da redondeza haviam de ser abençoadas na pessoa do Christo, que de seu sangue nasceria, como fonte da graça e da salvação.

Existia um quadro admiravel d'esta scena pathetica no tempo de Gregorio de Nyssa, o qual escreveu que similhante rasgo de heroicidade estava tão expressivamente pintado, que nunca o podia ver sem enternecimento.

II

Passando aos tempos do Propheta Rei, eis-aqui de que modo elle adquiriu o monte Moria.

Já lembrei que havia David mandado fazer o recenseamento de todo o seu povo, e por esse motivo foi reprehendido pelo Propheta Gad, que lhe deu a escolher, como castigo, sete annos de fome, tres mezes de fuga perseguido por inimigos, ou tres dias de peste, sendo este ultimo arbitrio o preferido pelo Rei. Como David, cheio de remorsos, implorasse para seus subditos a compaixão de Deus, respondeu-lhe o Senhor pela bôca de Gad:

« Vae-te á eira do jebuseu Areúna, que assiste no monte Moria, e erige ahi um altar ao Senhor. »

Tratando David in continenti de cumprir a ordem, Areúna ou Ornan, jubiloso, lhe offereceu todo o terreno, os bois para o holocausto e um carro com o seu jugo servindo de lenha para o fogo.

Ponderou David que não podia acceitar a offerta, por lhe não convir dar em holocausto aquillo que lhe não pertencesse; comprou, portanto, aquella parte do monte Moria por 600 siclos de oiro, e os bois por 50 siclos de prata; edificou o altar, sobre o qual offereceu holocaustos e hostias pacificas a Deus, que o escutou, mandando baixar do ceu fogo, com que sobre o altar se accendeu a lenha do holocausto.

III

Fallei do monte Moria e dos successos antiquissimos n'elle occorridos; agora me obriga o systema adoptado de proseguir nas descripções, indo sempre do sul

e occidente para o norte e o oriente, a fallar de algumas das magestosas construcções ainda exteriores e meridionaes ao templo.

Quem de Sião descia para a cidade inferior saía pela porta superior, que é aquella em frente do paço de David e da cidadella pela qual o grão sacerdote Joiada, depois de ter sagrado e coroado no templo a Joas Rei de Judá, e já morta Athalia, subiu com o novo infante-Rei seguido dos centuriões, dos mais valentes, dos primeiros do povo e de toda a gente do paiz, para o palacio regio, assentando Joas no throno de David. Atravessava pois o caminho, que d'essa porta saía, uma ponte de quatro grandes arcos, cortando o valle de Tyropeon, até descer á planicie, raiz do monte Moria.

IV

Tomando logo para a direita, quem desce de Sião vê á beira do Tyropeon o terreno onde outr'ora Salomão levou treze annos a completar o seu palacio. Todo este terreno até ás muralhas da porta oriental foi occupado pelas admiraveis construcções do sabio Rei, a saber: o seu proprio palacio, o da Rainha e o denominado das florestas do Libano. Todos esses edificios desde os alicerces até o cume das paredes, e assim mesmo por fóra até o grande atrio, eram fabricados e compostos de bellas pedras, com as faces exterior e interior lavradas por igual medida. Tão bons e enormes cantos eram os dos alicerces, que uns mediam 8, outros 10 covados, sendo sobre esses que se collocavam varias bellas pedras, lavradas todas pela mesma médida e cobertas com tábuas de cedro.

O primeiro d'estes tres palacios, que era propriamente a denominada casa de Salomão, erguia-se sobre uma vasta columnata com salas magnificas; porque o Rei o quizera fazer capaz de receber a grande multidão de povo, nas audiencias para decisões de negocios. Tinha 100 passos de comprido, 50 de largo e 30 de alto; 16 grossas e quadradas columnas corinthias sustentavam o chão das salas; e as portas habilmente talhadas muito contribuiam para a segurança como para a belleza da estructura. Elevava-se no meio d'este soberbo edificio um grande pavilhão quadrado de 30 passos, construido sobre columnas fortes á entrada do templo, e dentro d'este pavilhão estava o throno, onde se assentava o Rei para dar audiencia ao seu povo. Este grande throno era de marfim, marchetado de purissimo oiro, com seis degraus e um estrado do mesmo metal, dois braços, um de cada parte, e dois leões ao pé dos dois braços do regio assento, e mais uns doze leõesinhos postos de cada lado sobre os seis degraus. Nunca na terra se viu obra tão bem acabada!

O outro palacio, dependencia d'este, tambem fabrica sua, foi o da Rainha, sua primeira esposa, filha de Pharaó Rei do Egypto, e tão amada de Salomão que, segundo alguns, em honra d'ella foi que elle compoz o livro dos Cantares. Este palacio estava adornado de pedras preciosas, polidas todas e cortadas por uma só medida. Quando Salomão transportou a filha de Pharaó para esta casa, que lhe edificára, fê-lo dizendo:

«Não habitará mulher na casa de David, Rei de Israel; porquanto, tendo n'ella entrado a Arca do Senhor, ficou santificada.»

Em todos estes palacios estavam as differentes camaras alcatifadas de rica ta-

peçaria, onde se achavam bordadas e abertas em relevo arvores e plantas, cujos ramos e folhas com tal artificio estavam feitos que, enganando a vista, pareciam mover-se; riquissimas pinturas enchiam o espaço restante nos claros das mesmas tapeçarias.

Havia finalmente, ao extremo leste para dentro das muralhas, as derradeiras dependencias d'esta vasta mole, tendo por nome Casa do bosque do Libano.

Era este palacio soalhado com tábuas de cedro na primeira sala, cujo tecto sustentavam 45 grandiosas columnas, repartidas em tres ordens, cada uma de 15, fronteiras umas das outras e todas equidistantes; e sobre estas columnas descançavam umas vigas quadradas todas iguaes.

Fez Salomão tambem ahi outra galeria de columnas com 50 covados de comprimento e 30 de largura, e mais outra galeria defronte da maior com columnas e architraves sobre ellas: todas estas galerias tinham suas janellas em proporcionada distancia, fronteiras umas ás outras.

E pois que tenho aqui estado descrevendo as construcções sumptuosas de Salomão (antes de me applicar á descripção da mais assombrosa de todas), é o logar de dizer que este Principe magnifico mandou construir igualmente para seu divertimento e recreio outros muitos palacios, com grandes salas para banquetes, sendo difficil referir a diversidade, a extensão e magestade de similhantes palacios; porque uns eram grandes, outros menores; uns feitos de proposito para estarem como occultos debaixo do chão, outros quasi elevados sobre os ares; como tambem qual era a belleza dos arvoredos e jardins, que mandou plantar para recreio e frescura. Marmore branco, cedro, prata, oiro, foram os materiaes com que edificou e enriqueceu o seu palacio, onde se via grande quantidade de pedras preciosas engastadas com oiro lavrado, e era de oiro todo o necessario para o serviço das mesas.

Havia proximo um jardim real com bosques odoriferos, amenas ruas, frondosos gabinetes, formosas perspectivas, cascatas sussurrantes, limpidos lagos, paredes de verdura, elegantissimas estatuas.

El-Rei Salomão fez lavrar duzentos escudos de purissimo oiro, que formavam o cómputo de vinte e cinco libras, e alem d'estes mandou fazer do mesmo metal trezentos escudos ou tarjas maiores, cada uma das quaes pesava trezentas minas, que formavam o cómputo de setecentas e cincoenta libras. Todos estes escudos dispoz Salomão á vista do espaçoso jardim sobre os arcos das portas e janellas e pelos cordões da casa do Libano, que tambem denominavam dos prazeres ou do refrigerio.

Quanto aos tres palacios principaes, estavam elles tão proximos ao lado meridional do santuario, que Salomão do seu gabinete podia ver todos os sacrificios que se faziam no atrio, e ao saír do palacio a primeira cousa que encontrava era a Casa do Senhor.

V

Este solo, por tantos titulos famoso, traz igualmente a memoria o curioso incidente da visita da Rainha de Sabá, que me não posso furtar a rememorar aqui.

Era a formosa Nicaulis a mais excellente das Princezas. Com taes encomios ou-

vira exaltar as virtudes, magnificencias e sabedoria de Salomão, que resolvêra desenganar-se com seus proprios olhos da veracidade da fama. Fez varonilmente a longa jornada de Jerusalem, onde entrou com equipagem condigna de tão excelsa Rainha, sendo seguida de cafilas de camelos com cargas de oiro e pedrarias, aromas e variadissimas riquezas.

Salomão a recebeu com as honras devidas á sua jerarchia. Para logo começou a engenhosa Nicaulis a propôr-lhe duvidas e os enigmas mais abstrusos; e a tudo quanto ella perguntava, Salomão respondia instantaneamente, lançando sobre os assumptos torrentes de luz. Confessou-lhe extatica a Rainha, que a sua sabedoria ultrapassava ainda o grão nome que no universo lhe retumbava. Igualmente admirou o seu espirito na magnificencia de seus cortezãos, na economia de sua familia e na administração do seu governo. Nada, porém, tanto a maravilhou como a belleza da estructura do principal salão d'esta casa do Libano, assim como pasmou com os sumptuosos banquetes alli dados repetidamente, sendo o serviço feito com tal ordem e com tão vistosas galas nos trajos de todos os serventes, que era de quebrar olhos a perspectiva dos salões; pelo que, augmentando-se a cada momento sua admiração, a Rainha exclamou:

«É natural que das cousas extraordinarias se duvide, quando só ao longe soam. Duvidei, pois, das assombrosas qualidades que de vós, ó Principe, me narravam! Agora, porém, que tive a fortuna de conhecer-vos, de avaliar a vossa sabedoria e admiravel procedimento, a grandeza d'este Rei e do seu reino, confesso que tudo quanto hei visto, excede infinitamente o que se me relatava. Felizes vossos vassallos, felizes vossos amigos, felizes vossos famulos, a quem cabe a dita de estarem sempre em presença de tal Rei!»

Nicaulis fez-lhe mais um presente de 120 talentos de oiro e numerosas gemmas e aromas, magnificencias a que Salomão correspondeu; após o que voltou satisfeita para o seu reino.

VI

N'este logar onde foi outr'ora a casa da floresta do Libano, isto é, vizinho dos muros meridionaes da cidade e pouco abaixo da porta Esterquilinia, vê-se hoje certa mesquita, que em outro tempo foi egreja christã, denominada da Apresentação, cujas fórmas, a despeito das transformações de culto, ainda conserva. Dizem que o interior corresponde á formosa estructura que de fóra se avista; plumbeo tecto, lindo zimborio, forrado igualmente de chumbo.

Vizinho ao templo da Apresentação ha um palacio assás grandioso, que da parte do sul tem o aspecto de um mosteiro, onde nos dias de esplendor do Christianismo habitavam monjas benedictinas, a cujos cuidados era confiada a educação das filhas de Sião.

O mosteiro, como o templo, passou depois dos cruzados ao poder dos musulmanos, que fizeram d'elle um estabelecimento pio a seu modo. Serve para asylo de viuvas, de repudiadas, ou por qualquer sorte infelizes, as quaes, já não podendo agradar ao mundo, vão servir alli a Mahomet; por esse motivo é aquelle logar impenetravel aos proprios musulmanos, que lhe vedam a entrada, cercando-o de muros altissimos.

VII

Fica este edificio proximo das antigas muralhas orientaes da cidade. A este logar costumam os judeus dirigir-se ás sextas feiras de tarde, para prantearem a perda de sua nacionalidade e a destruição do seu santuario, offerecendo espectaculo de tanta commoção, que enterneceria as proprias pedras do muro... se estas lhes não conhecessem pela experiencia de tantos seculos a dureza do coração.

Imaginam elles que essa muralha, que pertenceu ao templo de Salomão, ha sempre conservado a presença da Divina Magestade: *A qua majestatis divinæ presentia nunquam recessit.*

Nos primeiros seculos do Christianismo contentava-se essa nação com lamentar suas desgraças fóra dos muros de Jerusalem; com o andar dos tempos pôde introduzir-se na cidade, e então chorava e orava no logar onde primeiro surgiu outr'ora o templo de Salomão; mas para cá do seculo VI, depois de fabricada a mesquita de Omar, teve de contentar-se com derramar lagrimas fóra do recinto antigo, n'uma praçasinha calçada, que tem cerca de 30 metros de comprido sobre 4 de largo; e isso mesmo os judeus só obtiveram successivamente a peso de oiro, e não se lhes dava licença, senão para alli irem uma vez por anno.

O muro que elles ahi reverenceiam, é na verdade um fragmento do recinto do templo antigo, e remonta a Salomão ou algum outro Rei de Judá. É construido com pedras de 2 a 3 metros de comprimento, grossas e bem trabalhadas. A porta antiga do muro só se eleva a uns 4 metros de altura; d'ahi para cima é de construcção assás posterior. N'uma casa ao sul da dita praçasinha ainda se vê a architrave de uma das portas do antigo templo, que se abria n'este muro, chamado actualmente Muro do pranto dos hebreus [1].

Comparecem as mulheres envoltas em mantos, com o rosto descoberto; os meninos quasi esfarrapados; os homens com o seu sagal ou tunica aberta de ambos os lados até os joelhos, deixando ver as meias que lhes cobrem as pernas; trazendo cada um o respectivo gorro á maneira de turbante, assim como grandes anneis de cabello por detrás das orelhas. Toda essa multidão revela no trajar a maior miseria e supremo abatimento. Quando chegam junto ao muro, os velhos se assentam; os moços ora ajoelham, ora se levantam, ora se agitam, ora erguem as mãos para o ceu, ora beijam sofregamente o muro, que banham com lagrimas, alternando com voz entrecortada a oração de Jeremias, que todos sabem de cór, e parece haver sido dictada para elles:

«Lembra-te, Senhor, do que nos tem acontecido; considera e olha para o nosso opprobrio.

«A nossa herança passou a forasteiros, as nossas casas a estranhos.

....

«Desappareceu o riso dos nossos labios; converteu-se em lamentações o nosso canto.

«Caiu a corôa da nossa cabeça; ai de nós, porque peccámos!

[1] Ao norte da praça do Pranto está o Mehkemeh (tribunal dos musulmanos), uns banhos, um basar coberto, e um convento de derviches cegos.



Duruy lith. Imp. Lemercier et Cie Paris

LOGAR ONDE PRANTEIAM OS JUDEOS

«Por isso nosso coração se entristeceu; por isso se anuvearam nossos olhos.

«Mas tu, Senhor, eternamente permanecerás; o teu throno subsistirá de geração em geração.

«Ai! Porque rasão te esquecerás tu de nós para sempre?

«Converte-nos, Senhor, a ti, e nós nos converteremos; volvam para nós os dias de innocencia e de paz, como no principio!

«Mas tu de todo o ponto nos rejeitaste, tu te iraste contra nós asperamente.»

Por fim o povo todo, precedido do rabbino, faz varias evoluções, e recita então duas especies de ladainhas, lamentações ou preces, sendo as principaes as seguintes:

PRIMEIRA LADAINHA

RABBINO. — «Por causa do regio paço que está devastado...»
Povo. — «Estamos solitarios e chorâmos.»
RABBINO. — «Por causa do templo que está destruido...»
Povo. — «Estamos solitarios e chorâmos.»
RABBINO. — «Por causa dos muros que estão abatidos.»
Povo. — «Estamos, etc.»
RABBINO. — «Por causa da nossa soberania que desappareceu...»
Povo. — «Estamos, etc.»
RABBINO. — «Por causa dos nossos homens grandes que morreram...»
Povo. — «Estamos, etc.»
RABBINO. — «Por causa das gemmas que estalaram...»
Povo. — «Estamos, etc.»
RABBINO. — «Por causa dos nossos sacerdotes que prevaricaram...»
Povo. — «Estamos, etc.»
RABBINO. — «Por causa dos nossos Reis que menosprezaram...»
Povo. — «Estamos, etc.»

SEGUNDA ORAÇÃO

RABBINO. — «Nós vos deprecâmos, Senhor, tende compaixão da cidade santa!»
Povo. — «Reuni os filhos de Jerusalem!»
RABBINO. — «Eia! apressae-vos, ó Salvador de Sião!»
Povo. — «Fallae a favor de Jerusalem!»
RABBINO. — «Belleza e magestade circumdem Sião!»
Povo. — «Voltae-vos benignamente para Jerusalem!»
RABBINO. — «Ah! que prestes se restabeleça a realeza em Sião!»
Povo. — «Consolae os que choram sobre Jerusalem!»
RABBINO. — «Entrem em Sião a paz e a felicidade!»
Povo. — «E que a vara do poder se exalce em Jerusalem!»

Assim se exprimem os que outr'ora foram senhores d'essa região santa, e amaldiçoada; os que em castigo do deicidio levam de geração em geração a almejar por um torrão que lhes cubra os ossos nó valle de Josaphat; por um dominio que o Verbo Santo declarou impraticavel, salvo no dia extremo da conversão dos reprobos, um dos indicios primeiros da consummação dos seculos.

D'esta arte exprimem os judeus a aspiração de tornarem a ver reerguido o seu

templo, a sua dynastia, a sua gloria e o seu dominio. E todavia muitos ha entre elles que não acreditam ter sido o templo verdadeiramente arrasado.

Segundo os rabbinos, o templo não foi realmente destruido, nem sequer se perdeu uma só pedra d'elle; está enterrado; os Dynns lançaram por sobre elle pó e ruinas, para o subtrahir ás vistas dos impios. A Arca, as tábuas da lei, todos os vasos sagrados lá estão; e é Elias que officia no templo, porquanto a terra não poderia existir sem sacrificio.

Quando Deus consentir que os filhos de Sião voltem do captiveiro, todas as pedras do templo resurgirão no seu logar antigo, e restabelecer-se-ha o Santo dos Santos em todo o seu esplendor. Deus reunirá os montes Thabor, Sinai e Carmello, e ahi collocará o seu terceiro templo, que nunca mais será aniquilado. O Messias transportará para ahi a corôa da casa de David, e restabelecerá o reino de Israel. Todo o oiro e prata, todas as perolas e gemmas existentes no fundo das aguas, ou perdidas desde a creação, será tudo arrojado pelo mar á praia de Joppe. O templo será de oiro, prata e pedras preciosas; os judeus regressarão do seu exilio, para celebrarem o jubileu com o Messias, e se reapossarem dos seus antigos direitos.

Até onde póde ir a supersticiosa obstinação!...

CAPITULO XXXIII

I. O monte Moria. O templo de Salomão. — II. Historia da sua construcção. Descripção d'elle. — III. Dedicação do templo. O fogo sagrado. Successivas destruições e reconstrucções. — IV. Juliano Apostata. Suas tentativas de restaurar o templo; acontecimentos sobrenaturaes. Ulteriores destinos d'esse torrão. — V. Mais miuda descripção do templo. O Santo dos Santos. O oraculo. O santuario. A arca da alliança. Os Cherubins. O propiciatorio. — VI. O Santo. O altar dos perfumes. O candieiro de oiro. A fonte figurativa. A mesa dos pães de proposição. O grão sacerdote. O véu do templo. — VII. Atrio dos judeus. Vestibulo interior. Altar dos holocaustos. Booz e Jachin. Lavatorios de bronze. Casa do conselho. Camara do templo. Mar de bronze. Porta nova. Porta sagrada. Vestibulo do templo. Assento do Rei. Orchestra. Tribuna. Christo no atrio dos judeus. — VIII. Atrio dos gentios. Vestibulo interior. Aguia de oiro. Thesouro sagrado. Relogio de Achaz. Portas. Torres das trombetas. — IX. Tentação do demonio.

I

Eis-nos chegados a uma descripção, para a qual a minha penna, sempre deficiente, o é ainda em grau superior, pois de nada menos se trata que de uma das sete maravilhas do mundo.

No monte Moria, e logo ao norte dos magnificos palacios mencionados no capitulo anterior, erigiu Salomão á gloria do Deus de Israel o mais monumental dos templos. É esse afamado chão um dos mais eloquentes testemunhos da nihilidade das magnificencias humanas. Onde outr'ora se ergueu a mais assombrosa das edificações, foi depois um montão de cinzas. Levantou-se segundo templo, menos grandioso sem duvida; mas honrado com a presença corporal do Redemptor, e esse foi igualmente abrazado e extincto. Mais tarde, e até hoje, o edificio que de sobre essas ruinas se construiu, foi uma desprezivel mesquita, onde a voz dos infieis profana solo outr'ora abençoado.

II

Por agora cumpre-me fallar do primeiro templo, maravilha que os livros sacros e profanos teem minuciosamente descripto.

Já recordei que, tendo David aspirado a dedicar ao Senhor uma casa mais digna do que o simples tabernaculo de Sião, Deus lhe fez saber que as suas mãos, por ensanguentadas, eram impuras para tão alto mister, e que essa gloria só a seu filho viria a caber. Apertou-se-lhe o coração; mas sem soltar uma queixa, obedeceu. A fim de facilitar a seu successor a execução do divino designio, reuniu no erario dez mil talentos de oiro, cem mil talentos de prata, muito ferro, cobre, madeira, pedras, assim como promptificou innumeros operarios.

O primeiro cuidado de Salomão, após sua exaltação ao throno, foi cumprir as

paternaes ordens. Mandou trinta mil operarios, dirigidos por Adoniram, cortar cêdros ao monte Libano, revezando-se aos dez mil em cada mez. Setenta mil homens conduziam pedras e materiaes; oitenta mil canteiros as afeiçoavam na montanha; havia mais trezentos superintendentes, finalmente, que dirigiam toda essa nau de trabalhadores.

Para todo o edificio, dos alicerces até o tecto, empregou Salomão pedras valiosissimas, de enormissimo comprimento e as mais dimensões em proporção. Com tal cuidado prepararam os materiaes, que fôram collocados onde convinha, sem se ouvir uma só martellada, e nem sequer os dentes da serra dividindo os marmores.

O monte Moria, onde David orára com tamanho fervor, e onde vira nos ares o Anjo exterminador com a espada núa na mão, foi o logar escolhido. A montanha era aspera. Começou Salomão por fazer um muro do lado do oriente, a fim de suster as terras; a alargar o espaço d'esse lado, e construir o primeiro portico; mas, comquanto a area assim aterrada fosse já de trinta e oito pés, quiz ainda cercar o templo com duas linhas de galerias sustentadas por duplas fileiras de columnas monolithicas. Nem comprehender se póde o immenso trabalho que foi preciso para aterrar e nivelar com a montanha valle tão fundo, que se não podia olhar para elle sem terror; assim como a audacia com que se ergueu uma especie de outro templo edificado fóra do primeiro recinto, rodeado de galerias com porticos ornados de portas de prata, e voltados para os quatro pontos cardeaes.

Os alicerces do templo eram profundissimos[1]; o seu comprimento de oriente a occidente de 60 cubitos, assim como a altura; mas essa altura e largura eram no frontispicio de 100 cubitos. Com as construcções superpostas subia a altura do templo a 120 cubitos, elevação igual á do portico. Á roda do templo havia trinta camaras em fórma de galerias, e por cima outros dois andares de numero igual de camaras; eram todas cobertas de madeira incorruptivel, cada uma com o seu tecto á parte, em fórma de pavilhão; tectos de cedro enriquecido de folhagens douradas e talhadas na madeira; subia-se até ao alto dos tres andares por escadas de caracol.

Visto da parte de fóra, constituia o todo um objecto de assombro. Parte estava coberto de laminas de ouro tão espessas, que cegavam como raios solares; as pedras eram de alvura tal, que de longe figuravam montanha coberta de neve. Por sobre o templo se erguia infinita multidão de agulhas de oiro agudissimas, destinadas a obstarem a que os passaros se approximassem, conspurcando-o.

Por um concurso de circumstancias foi o templo de Jerusalem o primeiro edificio a que jamais superpozeram pára-raios. Estas agulhas metallicas estavam em

[1] As explorações subterraneas, emprehendidas por uma sociedade ingleza denominada *Palestine exploration fund*, revelaram a existencia de uma serie immensa de tuneis, de galerias, de grutas profundas e de excavações, de que nenhuma suspeita sequer tinham os habitantes de Jerusalem, e se encontram a uma profundidade que varía de 25 a 40 metros abaixo do nivel actual do solo de Jerusalem. Inferior ao templo de Salomão, 26 metros abaixo do nivel da superficie exterior, encontrou-se uma vasta cisterna, aberta pela mão de homens na espessura da rocha, que tem 50 metros de norte a sul, e outros tantos de nascente a poente. A agua d'esta cisterna, que fôra construida para os Levitas e necessidades do templo, é pura e crystallina.

Perfeitamente se vê o fundo do lago e as pedras que se destacaram das abobadas. Este reservatorio é alimentado pelos tanques de Salomão, existentes no valle de Urbes, á distancia de quasi 3 kilometros de Belem. Contém pelo menos 9:000 metros cubicos de agua, e o aqueducto 11 kilometros de comprimento.

communicação com o tecto e com as paredes do templo, forradas de madeira de cedro coberta de oiro; e posto que numerosos tubos de metal conduzissem a agua dos tectos para cisternas subterraneas, vê-se que, sem querer, se haviam realisado as condições exigidas para a construcção dos para-raios. É provavelmente esse o motivo pelo qual o templo de Jerusalem, a despeito de sua desolação e de seu isolamento, nunca foi em tempos antigos fulminado; foi-o sim em 1815, mas o corisco não fez mais estragos na mesquita do que se tivesse caído n'um pára-raio.

A architectura dos porticos era quasi similhante ao resto: enriqueciam-nos ornamentos de diversas cores, com flores de purpura, e columnas de cujas cornijas pendiam ramos de vinha de oiro, com lindissimos cachos.

III

Tão sumptuoso edificio foi concluido, dirieis que milagrosamente, em sete annos, tendo começado no de 1013 antes de Jesus Christo. Quando se dedicou o templo, e depois que os padres trasladaram o tabernaculo de Moysés e a Arca, antes depositada no de David, achando-se o Rei Salomão com toda a sua côrte de gala, e depois de sacrificadas numerosas hostias pacificas (vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas), entre o fumo dos sacrificios e dos incensos e os sons de infinitas vozes e instrumentos, tornaram os Sacerdotes a saír do templo, para deporem sobre o altar o primeiro holocausto. Saíu então da parte mais serena do ceu uma chamma vivissima que, vibrando á vista de todo o povo sobre o preparado holocausto, n'um momento o devorou; deixando sobre o altar aquelle fogo que nunca mais se extinguiu, senão quando foi destruido o templo e dispersada a gente hebrêa.

Emquanto ardia a formosa chamma, e a magestade do Senhor descia a tomar posse da sua casa, ficou esta cheia de uma densa nevoa brilhante, de modo que os Sacerdotes, feridos do immenso resplendor, não se atreveram a entrar no templo.

Salomão, no auge e effusão do jubilo, orou ao Eterno Padre, impetrando-lhe torrentes de beneficios sobre o povo de Israel; e o Senhor, apparecendo-lhe segunda vez, misericordiosamente deferiu aos seus rogos.

Era a entrada do templo ao lado do occidente, mas tambem com o rosto voltado para o occidente oravam os padres e o povo. Adiante mencionarei em particular o que nos respectivos livros nos é narrado sobre a descripção dos pormenores do mesmo templo. O certo é que o culto santo acabou na successão dos tempos por ser substituido pelo dos idolos, por onde permittiu Deus que, 407 annos depois da construcção, Nabuchodonosor tomasse de assalto Jerusalem, e destruisse o templo, roubando todas as suas riquezas.

Passados 70 annos, Zorobabel, voltando do captiveiro de Babylonia, procurou reconstruir o monumental edificio, o qual, no fim de quarenta annos, chegou a tornar-se objecto de veneração até de Reis e Principes estrangeiros.

Trezentos cincoenta e quatro annos depois, o Rei da Syria Antiocho Epiphanes saqueou os seus thesouros, collocou ahi idolos que, após tres annos, foram derrubados por Judas Machabeu, o qual, para evitar novas profanações de gentios, fez do templo uma especie de fortaleza, consolidada por altas muralhas em torno, portas e torres..

Cem annos eram volvidos quando Pompeu tomou o templo; matou 12:000 judeus, entrou no *Santo dos Santos,* viu todos os vasos de oiro e 2:000 talentos de prata, mas em nada tocou.

Tão generoso não foi Crasso que, passando por Jerusalem, ao ir guerrear os parthos, roubou, não só os 2:000 talentos em que Pompeu não quizera tocar, mas tambem 8:000 talentos de oiro e uma barra de oiro massiço de peso de 300 minas (750 libras). Foi o proprio grão sacerdote Eleazar quem tudo isso lhe deu, a ver se assim resgatava as tapeçarias babylonias riquissimas e bellissimas, que se penduravam na barra de oiro, conforme em outro logar já referi.

Tentou depois Herodes Ascalonita reedificar o templo, e levou nove annos e meio a aformosea-lo; sendo esse o que o Messias tornou celebre por suas doutrinas e milagres. Aqui foi que ao velho Simeão apresentou Nossa Senhora o infante Jesus, a quem elle tomou nos braços; aqui foi que o celestial Menino ensinou no meio dos doutores; d'aqui levou Satan a Jesus ao alto do pinaculo, para tenta-lo: aqui prégou muitas vezes; aqui os judeus o quizeram lapidar, etc.

Bem altos eram todos esses successos para perpetuarem a gloria do templo; entretanto, quarenta annos depois, um soldado de Tito lançou fogo ao edificio, e este santo e magnifico templo, este ornamento do universo, esta obra prima, jouve por terra.

Sessenta e cinco annos depois quizeram os judeus reedificar o templo no mesmo logar, e de novo rebellaram-se.

N'um só dia matou o Imperador Elio Adriano 80:500 israelitas; poz em ruinas o que ficava dos edificios de Jerusalem; atirou com todas essas ruinas para o valle de Josaphat e torrente de Cedron; aplanou ainda mais o monte Moria, para tirar á cidade esse logar de defeza na montanha.

IV

Mas, duzentos e vinte e sete annos depois, Juliano Apostata, no intuito de desmentir a predicção de Christo, de que do templo não ficaria pedra sobre pedra, deu dinheiro do thesouro publico aos judeus, com ordem de irem reedificar o templo, e sacrificar n'elle segundo o rito de Moysés. Mal póde descrever-se o jubilo com que homens e mulheres se applicaram á projectada obra; até que a final, quando tudo estava já prompto e cavados os alicerces, e iam no dia seguinte começar a edificação, levantou-se um tão horrivel temporal, que todos os materiaes foram dispersados á direita e á esquerda; um terremoto arremessou com vulcanico impeto as pedras dos antigos alicerces do templo, e derrubou as casas que o cercavam. Apesar de tudo, continuaram os superviventes a tentar trabalhos; mas para logo desceram do ceu e subiram da terra labaredas, que tisnaram a todos os trabalhadores e espectadores, e durante o correr do dia reduziram a cinzas os materiaes e utensilios. Na noite seguinte appareceu aos teimosos judeus uma Cruz nos ares, toda esplendorosa, e as suas vestes ficaram cobertas e marcadas de Cruzes, como ceu scintillante em limpida noite de inverno. Por mais que diligenciassem apagar taes Cruzes, impossivel. Desampararam, portanto, a sacrilega empreza, a qual, longe de desmentir a divinal prophecia, serviu só para confirma-la.

Meiado o VII seculo, levantou o califa Omar em parte do terreno onde era o

templo de Salomão, uma soberba mesquita, vasta *rotunda* com bellas pedras de talha, com laminas de chumbo, e os ornatos da architectura oriental, e por fóra forte muro com torres e portas.

Em 1099 caiu Jerusalem em poder dos cruzados, e aquellas torres e muralhas não bastaram para a defeza dos sectarios de Mahomet; converteu-se a mesquita em egreja, cuja dedicação solemne, no seculo XII, foi feita por um legado do Papa, fundando-se ahi um capitulo, e fazendo-se oitenta e oito annos o serviço divino.

De novo se apoderaram os turcos de terra tão santa; arvoraram n'esse edificio o seu crescente, e plantaram em torno figueiras e oliveiras. De tal modo se tornou desde então essa casa exclusiva dos musulmanos, que, durante largo tempo, christão que era colhido dentro, ou havia de abjurar a sua fé, ou ser, sem mais processo, decapitado.

V

Assim exposto perfunctoriamente o que respeita ao templo em geral, e ás vicissitudes por que tem passado, desde os mais remotos tempos até hoje, não será fóra de proposito dar uma idéa do que fossem e contivessem as quatro partes em que o templo se dividia; sendo a primeira o Santo dos Santos, a segunda o Santo, a terceira o atrio dos judeus, e a quarta o atrio dos gentios.

Primeira parte.—Santo dos Santos. Sendo o templo dividido em dois, era esta a parte mais intima d'elle (o oraculo, o santuario). Tinha 20 cubitos de comprido e outros tanto de largo, e 120 de altura; aureas portas de 50 sobre 16; chão de marmore, tendo por cima um soalho coberto de laminas de oiro; as paredes de soberbas pedras, ornadas de cedro, cobertas tambem de laminas de oiro; havia por todas ellas figuras de Cherubins, gemmas, palmas e mil ornatos magnificos de oiro, entremeados com admiraveis pinturas; alli só entrava o grão sacerdote no dia da festa da expiação geral; figurando assim antecipadamente a Pessoa de Christo, e offerecendo pelos peccados de todos o sangue de um vitello, que se queimava fóra do templo. Esta parte do templo, inaccessivel a todos, representava o ceu, só reservado a Deus.

A Arca da alliança. Foi feita no deserto de pau sitim e madeira incorruptivel, da maneira que Deus ensinára a Moysés. Tinha de largo e de alto cubito e meio e de comprido 2. Estava coberta de laminas de oiro purissimo por dentro e por fóra, tendo dentro uma corôa do mesmo metal. Por quatro aureos anneis dos cantos se passavam varaes de pau sitim. Estava collocada no meio do santuario, e continha as duas tábuas da lei com os Mandamentos, uma urna de oiro com o maná de que se serviram os israelitas no deserto, a vara de Aarão inflorada e o livro do Deuteronomio.

Tito, victorioso dos judeus, trouxe para Roma a Arca da alliança, que figurou com todos os seus contentos no pomposo triumpho que Roma lhe concedeu. Ainda existe na cidade eterna, perto do templo da Paz, na via sacra, um arco de triumpho, acima da egreja de Santa Maria a Nova, dedicado a Tito e Vespasiano: alli se vê, em baixo relevo, Tito n'um carro eburneo, e n'outro, como precedendo-o, a Arca da alliança, o candieiro de sete ramos e os vasos do templo. Estes mandou Vespasiano depositar no templo da Paz; mas no seu palacio conservou as tábuas da lei e as tapeçarias do interior do templo. Ainda se conserva na egreja de S. João

de Latrão a Arca da alliança, já sem o oiro, sem as tábuas da lei, as varas de Moysés e de Aarão, os pães de proposição e as quatro columnas.

Dois Cherubins. Salomão mandou fazer de pau de oliveira, coberto de oiro, duas estatuas de Cherubins, cada uma de 5 cubitos, com azas de igual comprimento; de tal modo estavam collocados, que duas das azas de ambos cobriam toda a Arca da alliança, do mesmo modo que Moysés os vira junto ao throno de Deus; as outras duas azas tocavam nas paredes. As figuras estavam direitas em pé com o rosto voltado uma para outra, e os olhos abaixados para o propiciatorio.

Havia mais dois Cherubins de oiro com as azas estendidas sobre o propiciatorio, e os corpos inclinados, voltados um para o outro.

Propiciatorio (oraculo). Todo de oiro purissimo, ficava entre as azas dos dois Cherubins, e tinha 2 cubitos e meio de comprido sobre 1 e meio de largo. Era como assento, o throno da magestade de Deus. D'alli é que o Senhor escutava as supplicas do seu povo; alli é que o grão Sacerdote consultava o Senhor, que d'alli proferia os seus oraculos.

VI

Segunda parte.—Santo. Casa exterior ou atrio dos Sacerdotes; 40 cubitos sobre 20 e altura 120. Subia-se por dois degraus; portas e gonzos cobertos de laminas de oiro; por cima folhas de vinha da grandeza de um homem e enormes cachos, tudo de oiro; diante da porta um reposteiro babylonio, representando os quatro elementos, a saber: o fogo pelo escarlate, a terra pelo linho que ella produz, o ar pelo azul e o mar pela purpura, que d'elle provém. Toda a restante ornamentação similhante á já descripta. N'este logar só penetravam os Sacerdotes, cujo recenseamento, feito por David, dava o numero de 38:000, divididos em quatro secções. Alli passavam, de sabbado a sabbado, cada um sua semana, preenchendo as funcções do seu ministerio, vestidos com umas calças e uma tunica de linho e mitra na cabeça; havia 40:000 porteiros e outros tantos musicos entoando os louvores do Senhor, e acompanhando-se dos instrumentos que David mandára fabricar para esse fim.

Altar dos perfumes. Diante do véu que separava o Santo dos Santos. Este altar tinha 1 cubito em quadrado e 2 de alto, com quatro cornos nos angulos e uma corôa de oiro á roda, e abaixo d'ella quatro anneis para passar os varaes, tudo de oiro purissimo. Os padres queimavam, pela manhã e á noite, flor de farinha e perfumes. De pé, á direita d'esse altar, estava Gabriel, quando a Zacharias, que ia offerecer incenso, annunciou que elle teria um filho, a quem daria o nome de João, o qual seria cheio do espirito de Deus, e disporia os corações a receber o Messias, ficando elle Zacharias mudo; o que tudo veiu a succeder.

Candieiro de oiro. Pesava um talento; tinha sete ramos, cada um dos quaes adornado com tres nozes, tres romãs e tres lirios, tudo entrelaçado de oiro finissimo. Punham-se lampadas em cada boccal; collocavam-no atravessado defronte da mesa dos pães de proposição; alimentavam-no com o azeite mais puro, ardendo tres boccaes de dia, e todos sete de noite, e derramando viva claridade em todo o santuario. Salomão tinha posto no templo mais dez candelabros de oiro, cinco de cada lado.

Fonte figurativa da palavra, da graça e dos Sacramentos de Jesus Christo. Saiam-lhe debaixo da porta para o lado do oriente as aguas incessantes, as quaes,

passando ao lado direito do templo, enchiam o mar de bronze e o grande lavatorio, por effeito da engenhosa idéa de Salomão, e iam engrossando sempre até que, a quatro estadios da cidade, para onde eram conduzidas por canaes subterraneos, irrompiam com força e estrepito, para se lançarem na torrente Cedron. Allude a egreja a esta fonte figurativa, quando nos domingos do tempo paschal canta, na aspersão que precede a grande missa: *Vide aquam egredientem de templo a latere dextro*, etc.

Mesa dos pães de proposição. Cubito e meio de alto, dois de longo, e um de largo. A ornamentação, como em tudo, de oiro; corôa de quatro dedos de altura; os quatro pés quadrados até o meio, mas d'ahi para baixo á similhança dos leitos do oriente; aureos anneis para tornar a mesa portatil; ficava no Santo, fóra do véu, do lado norte, defronte do candelabro. Expunha-se diante do Senhor com seis pães de cada lado, renovaveis aos sabbados, e sobre os pães dois vasos de oiro cheios de incenso; eram cousa santa, e só os padres os podiam comer alli. Estes doze pães representavam os doze mezes do anno, e serviam para recordar aos judeus que, se o Senhor tinha sempre cuidado das creaturas, ellas deviam igualmente obedecê-lo e servi-lo sempre. Salomão tinha posto mais dez mesas com seus vasos de oiro.

Grão Sacerdote. O todo do seu vestuario era de celeste magnificencia. Quando elle entrava no Santo dos Santos levava uma calça e tunica de linho, que lhe descia aos pés; por cima d'esta outra tunica de mangas, côr de jacinto, na fimbria da qual ficavam setenta e duas pequenas campainhas de oiro e outras tantas romãs, feitas de jacinto, purpura, escarlate retinto e linho fino, representando flores diversas enriquecidas de pedras preciosas. Levava por cima o éphod, especie de manto, que lhe cubria os hombros, e descia um covado; ambas estas vestes eram abertas atraz e adiante. A tunica tinha guarnição rica na abertura e nos punhos; a fazenda do éphod era uma composição mui rica de ouro, purpura, jacinto, grã e linho, formando lindas flores. A parte do éphod, que detrás se juntava á de diante por dois colchetes de pedras preciosas de onyx ou sardonia engastadas em oiro e collocadas sobre cada hombro, tinha gravados em hebraico os nomes dos doze filhos de Jacob; sobre o peito do grão Sacerdote estava o racional do juizo com as palavras: *doutrina e verdade*. O racional era quadrado e dobrado, para se não rasgar facilmente, e n'elle se encravavam doze pedras preciosas da maior belleza. Na primeira ordem ficava uma sardonia, topasio e esmeralda; na segunda, carbunculo, saphira e jaspe; na terceira, ligure, agatha e amethysta; e na quarta, chrysolitha, onyx e beryllo; e em cada uma d'estas pedras preciosas estava gravado o nome de um dos doze filhos de Jacob, chefes das tribus de Israel. Havia mais dois colchetes á beira do racional, perto do pescoço, por onde passavam duas cadeias de oiro, que por um tubo do mesmo metal iam até á extremidade dos hombros. Uma cinta de diversas cores e tecida de oiro estava cosida á borda inferior do racional, e atava-se, pendendo as extremas. A thiara era quasi similhante á mitra dos padres, mas tinha outro ornamento côr de jacinto, e era cercada de tres corôas de oiro com pequenos calices; na testa levava o grão Sacerdote uma lamina de oiro com quatro lettras sagradas, que eram o nome augusto de Deus. Na dextra baloiçava um thuribulo de oiro, derramando o perfume do mais puro incenso. Dizem que quando Deus concedia qualquer favor pedido, a pedra de onyx, que ficava sobre o hombro direito, tal clarão projectava, que se avistava de muito

longe. Quando Christo nasceu, havia já 105 annos que nem a onyx, nem o racional deitavam luz ou esplendor, porque Deus estava irritado contra os Reis e o povo.

Véu do Templo. Do resto do templo estava separado o Santo dos Santos, ou reposteiro babylonio de 50 cubitos sobre 16, com os mais magnificos e primorosos lavores, representando ceu e terra, divinaes Cherubins e formosissimas flores. Foi este véu soberbo, que na morte do Redemptor, por si mesmo se rasgou ao meio de alto a baixo.

VII

Terceira parte.—Atrio dos judeus. Vestibulo interior. Basilica. Santo secular. Portico ou galeria de Salomão. Para entrar subiam-se quatro degraus; o espaço descoberto era calçado com diversas especies de marmore. Sobre um muro da altura de 3 pés, feito de tres ordens de pedras de varias côres, seguia-se uma galeria de 500 passos de comprimento, altura de 70 cubitos, largura de 30; ficava superposta a columnas monolithicas de marmore branco de 25 cubitos de altura. As paredes da galeria eram totalmente forradas de oiro; tinha tres altas portas para o oriente, meio dia e norte, de prata, altura de 30 cubitos, e largura de 15. Chamavam-lhe atrio dos judeus, porque só alli podiam entrar os d'essa nação, que tivessem a pureza legal. Havia mais um oratorio para mulheres. Era n'este atrio que os judeus oravam, e ouviam a explicação da lei; alli ensinou Christo muitas vezes ao povo, e o quizeram apedrejar; foi tambem a este logar que todo o povo correu para ver Pedro e João, que tinham feito a cura na porta Especiosa. Pedro, aproveitando-se da disposição do povo, prégou ahi segunda vez, convertendo cinco mil homens. Diante d'este atrio havia uma pedra de marmore com esta sentença em lettras gregas e romanas: «Estrangeiro que entrar n'este logar santo, morrerá».

Vejamos ora os principaes objectos que n'este atrio existiam: altar dos holocaustos; era de bronze, coberto com uma lamina de oiro e uma grade de bronze em fórma de rêde. Ficava a descoberto no meio do atrio, em face do tabernaculo; tinha 20 cubitos em quadro, e 10 de alto, quatro argolas nos cantos para prender as victimas; os padres tinham o maior cuidado em entreter o fogo perpetuo, por ser o mesmo que fôra enviado de Deus, e que devorára o holocausto, quando Aarão no deserto offereceu sacrificio pela primeira vez. Ahi eram offerecidos de manhã e á noite diversos animaes puros e sem defeitos, bois, cabritos, pombos, rolas, e tambem farinha, pão, etc., como holocausto de agradavel odor. Ezequiel dá a este altar o nome de *Ariel,* que quer dizer leão de Deus, porque devorava as victimas como um leão esfaimado.

Booz e Jachin. Eram duas columnas de bronze da maior belleza; 18 cubitos de altura, e 12 de circumferencia. Tinham sido fundidas com os seus capiteis e ornamentos pelo habil Hiram de Tyro. Cada capitel de 5 cubitos de altura tinha a fórma de um lirio; eram admiraveis de trabalho. Ficavam estas duas columnas á entrada do vestibulo do templo, chamando-se a da direita Jachin, isto é, a sabedoria de Deus; a segunda, Booz, isto é, a sua força.

Lavatorios de bronze. O mesmo Hiram construiu dez vazos de bronze sobre suas bases quadradas do mesmo metal; quatro columnas quadradas, figuras em

baixo relevo de um touro, um leão, uma aguia e um cherubim. Sobre as dez bases fez Salomão pôr os dez lavatorios redondos e fundidos, podendo cada um conter de agua uns 40 pés cubicos romanos. Serviam estes dez lavatorios para limpar as entranhas e pés dos animaes do holocausto, apesar de já virem lavados pelos nathineus, na Piscina Probatica.

Casa do conselho. No meio do templo, onde se reunia o conselho dos anciãos.

Camara do templo. Guarda moveis, e refeitorios ou moradas dos guardas do templo. Trinta casas de tres andares a norte e sul do templo, com 25 cubitos em quadro e 20 de alto cada uma; cobertas de cedro e cada uma com seu tecto á parte. Os padres que entravam nas funcções semanaes, despiam alli seus vestuarios profanos, revestindo os sagrados; alli comiam tambem a porção que para elles sobrava das hostias pacificas.

Mar de bronze. Era um tanque de bronze, chamado mar por causa de sua prodigiosa grandeza. De um bordo a outro iam 10 cubitos, sendo as suas bordas arqueadas para fóra, e tinham 3 pollegadas de espessura; o mar, com 5 cubitos de profundidade, era rodeado de um cordão de 30 cubitos. Ornamentos e figuras em relevo e em duas fileiras cercavam o mar, a rasão de dez figuras por cada cubito. Esta mole era sustentada por uma base feita á maneira de columna torcida em dez voltas, cujo diametro de 1 cubito. Á roda d'esta columna havia doze bois de bronze, voltados tres para cada ponto cardeal. Este mar podia conter 2:000 pés cubicos romanos; ficava ao lado direito do templo, sendo destinado a lavar os pés e as mãos dos padres, que entravam no templo para offerecer os sacrificios.

Porta nova ao sul. N'esta porta é que Baruch leu aos grandes e ao povo o livro das ameaças que Deus comminava a Jerusalem, se continuasse a ser-lhe infiel. E o povo perguntou a Baruch como tinha elle podido recolher todas aquellas palavras da bôcca de Jeremias, o que o secretario explicou. O Rei mandou buscar o livro, e depois de ouvir ler tres ou quatro paginas, tomou o canivete do secretario, cortou parte do livro, atirou-o ao lume, e ordenou que prendessem Baruch e Jeremias. Mas o Senhor os occultou, e ordenou a Jeremias que fizesse outro livro, juntando-lhe muitas outras cousas, e protestando que a posteridade de Joaquim se não assentaria no throno de David, e que o seu corpo insepulto seria lançado na valla. Era esta uma das dez portas do templo, enormes e cobertas de laminas de oiro até os gonzos.

Porta sagrada ou *porta de bronze.* Por ter sido forrada de laminas de bronze de Corintho, mais precioso que prata e oiro. Ficava na parte interior do templo, e foi diante d'esta porta e na praça em frente da das aguas que Esdras, Sacerdote e doutor, leu a lei de Deus em presença de todo o povo reunido, no regresso do captiveiro de Babylonia.

Vestibulo do templo. Tomava toda a largura d'elle, com a sua mesma altura, isto é, 120 cubitos, 20 de norte a sul e 10 de leste a oeste; todo o interior guarnecido de oiro de baixo até acima, comprehendendo o tecto.

A cadeira do Rei. Logar condigno que os Reis occupavam, quando assistiam aos sacrificios.

Orchestra. Tribuna onde se collocavam os musicos. O Rei David compuzera em honra de Deus aquellas peças de sublime poesia a que chamâmos Psalmos, as quaes, postas em musica, eram executadas no tabernaculo de Sião. Á imitação d'elle, Salomão empregou 200:000 levitas, cantores e musicos, e 40:000 instru-

mentos, taes como harpas, psalterios, tympanos, nablos, sistros, guitarras, lyras, etc., compostos de uma liga de oiro e prata, sem contar 200:000 trombetas.

Tribuna. Entre o templo e o altar, sitio onde foi lapidado Zacharias, filho do grão Sacerdote Joiada, ou Barachias, que tinha tornado a pôr o Rei Joas no throno.

Christo no atrio dos judeus. Era n'este logar que ordinariamente se reuniam os seus maiores inimigos, escribas e phariseus. Um dia em que Jesus lhes havia provado que elles morreriam no peccado, do qual só os poderia libertar a fé que tivessem, e que não queriam ter n'elle, observou-lhes que, se eram filhos de Abrahão, como diziam, fizessem as obras d'este e não as do demonio, procurando injustamente mata-lo a elle que lhes dizia a verdade; e que os desafiava a convencerem-no de peccado algum. Responderam-lhe que elle era um samaritano, um possesso do demonio, e que não era maior que o pae d'elles, Abrahão, e que os Prophetas. Provou-lhes claramente que elle era o Filho de Deus, o Messias que muito desejára Abrahão ter visto, e concluiu com estas palavras:

«Em verdade, em verdade vos digo: existo muito antes de Abrahão ter vindo ao mundo.»

Lançaram mão de pedras para lh'as atirar, mas Jesus escondeu-se, e saiu do templo, passando por meio d'elles, porque a sua hora não era chegada.

N'este mesmo atrio é que Jesus, na idade de doze annos, disputou com os doutores, enchendo de assombro a todos os circumstantes.

Foi tambem este sitio memoravel por um dos primeiros factos do portentoso triennio ultimo da vida de Jesus.

Manifestára elle o seu poder em Caná de Galiléa; d'alli passou a Capharnaum com sua Mãe e seus discipulos, e de lá a Jerusalem, por ter proxima a Paschoa judaica. Então, encontrando n'este atrio do templo vendedores de bois, carneiros e pombos para os sacrificios, e bem assim outros mercadores para se utilisarem do lucro no cambio das moedas estrangeiras, enfeixou umas cordas delgadas n'uma especie de azorrague, com o qual a todos expulsou do templo, homens e animaes, lançando por terra o dinheiro dos cambistas e os seus bancos, bradando:

«Fóra d'aqui com essas cousas! A casa de meu Pae não é feira de negocio.»

Lembraram-se então os discipulos do Psalmo em que o Messias diz:

«O zêlo da vossa casa me devorou.»

Mas os judeus exclamaram:

— «Com que direito procedes tu assim?»

E Jesus lhes respondeu:

— «Destrui este templo, e eu vos mostrarei com que poder faço o que vêdes, porque não precisarei mais de tres dias para o restabelecer.»

N'este logar se deram outras já relatadas scenas da vida de Christo; mas não posso aqui passar por alto uma das mais instructivas, de que nos falla o Evangelho, porquanto na doutrina d'ella se fundem a um tempo os respeitos devidos á lei, temperados pela misericordia e brandura, que resumbram sempre do celestial ensino do Divino Mestre.

Já os phariseus perseguiam atrozmente o Messias; já as ciladas e as accusações iam rolando rapidamente pelo declive abaixo, que arrastou esses perversos até o deicidio. Um dia, depois de ter Jesus passado a noite no Olivete, saiu para o templo, dirigindo-se exactamente ao logar que estou descrevendo, sentou-se, e começou a instruir o povo.



Duruy lith. Imp. Lemercier et Cie Paris.

N'isto, em meio de grandes alaridos, apresentou-se uma turba de escribas e phariseus, rodeando a joven esposa do decrepito Manassés. Trazia a mesquinha o rosto e a cabeça descobertos, soltas as madeixas, algemados os pulsos, e da cintura para cima sem a decencia que a modestia prescreve. Collocando-a em frente de Jesus, disseram-lhe:

«Mestre, esta mulher é casada, e acaba de ser colhida em adulterio. Moysés manda que a apedrejemos até morte; porém que pensaes vós que devamos praticar?»

Dilemma terrivel! Se Jesus declara ser licito o mata-la a pedradas, torna-se réu de lesa-magestade, porquanto a jurisdição capital fôra pelos romanos arrebatada aos judeus; se ao contrario decide que se despreze a lei, torna-se réu para com o povo, como desprezador de Deus e violador das crenças do povo.

Jesus, porém, que lhes penetrava nos animos, e queria dar uma lição á sua perfidia, calou-se, baixou a cabeça, e começou com o dedo indicador como que a traçar na terra vagos e illegiveis caracteres. E como elles continuassem a dirigir-lhe a mesma pergunta, ergueu-se de subito, e com voz solemne e imperativa bradou:

«Aquelle de entre vós que estiver sem culpa, atire a essa mulher a primeira pedra.»

E sem lhes prestar mais attenção, inclinou-se de novo, continuando a escrever na terra.

Como os escribas e phariseus ouvissem aquella sentença, todos e cada um prestaram ouvidos á consciencia propria, e então uns após outros se foram retirando, começando pelos mais velhos, como os mais culpados, até os mais moços; de sorte que só ficou Jesus e a mulher, cada um no sitio em que estava. Levantando-se então Jesus, perguntou-lhe:

— «Mulher, onde estão os teus accusadores? Ninguem te condemnou?»

— «Ninguem, meu Senhor.»

— «Pois tambem eu não. Vae-te, e não peques mais.»

Com esta derradeira recommendação ficava o perdão explicado, sem que todavia Jesus autorisasse pela impunidade a repetição da culpa[1].

[1] Do monte e muito de madrugada veiu o Senhor ao templo a prégar, como costumava. E diz o Evangelista que concorreu todo o povo a ouvi-lo: *Et omnis populus venit ad eum* (Joan. VIII-2). Tanto concurso, Prégador Divino? Já temo que vos hão de tentar.

Veiu o povo todo áquella hora, porque os que não são povo não madrugam tanto; põe-se-lhes o sol á meia noite, e amanhece-lhes ao meio dia. Estava o Senhor ensinando (diz o texto) quando chegaram os escribas e phariseus a perguntar um caso.

Traziam uma pobre mulher atada, e disseram assim: *Magister, hæc mulier modò deprehensa est in adulterio* (Ibid. 4). Esta mulher n'esta mesma hora foi achada em adulterio.

Esta mulher? E o cumplice? Foram dois os peccadores e é uma só a culpada? Sempre a justiça é zelosa contra os que podem menos. Moysés (dizem) manda na lei, que os que commetterem o adulterio sejam apedrejados; e vós, Mestre, que dizeis?

Os escribas e phariseus eram os doutores d'aquelle tempo. Bem me parecia a mim que quando os doutos e presumidos perguntam, não é para saber, senão para tentar. Assim o diz o Evangelista nas palavras que propuz: *Hoc autem dicebant tentantes eum.* Em que consistiu a tentação, e onde estava armado o laço, diremos depois.

E que respondeu o Senhor? Levantou-se da cadeira sem fallar palavra, e inclinando-se: *Inclinans se.* Alviçaras, peccadora, enxuga as lagrimas. Christo começa inclinando-se? Tu sairás perdoada, porque a sua inclinação não é de condemnar. Deus nos livre de juizes inclinados, se não são Deus. Aonde vae a inclinação, lá vae a sentença.

VIII

Quarta parte.—Atrio dos gentios. Vestibulo interior. Subiam-se quatorze de graus para entrar n'este, como d'este se subiam outros quatorze para chegar ao dos judeus. Depois de ter ainda subido alguns mais, chegava-se ás portas do templo, que deitavam para os quatro ventos. O espaço interior descoberto era lageado de pedras multicores, e o caminho que conduzia para o segundo templo tinha uma balaustrada tambem de riquissimas pedras. Erguiam-se a trechos columnas, nas quaes estavam gravados preceitos de pureza e continencia. O segundo templo, ou atrio dos gentios, tinha tambem o nome de Santo, e quando se fallava dos dois dizia-se os Santos. Ambos elles eram cercados de uma galeria da largura de 30 cubitos, altura de 70 e de 750 passos de comprimento, inclusive a torre Antonia que se lhe seguia. A construcção era analoga a tudo o que fica descripto. N'este atrio podiam entrar todos os judeus, até mesmo os que não tinham a pureza legal, assim como os estrangeiros.

Aguia de oiro. Entre as obras profanas de Herodes o velho, contava-se a enorme aguia de oiro collocada sobre o portal do templo. Os judeus supportavam esta innovação impacientemente, porque a lei lhes prohibia pôr no templo a figura de animal algum. Herodes estava com setenta annos; cruel molestia lhe

Não quiz o Senhor responder por palavra, quiçá porque lh'as não trocassem; respondeu por escripto: *Digito scribebat in terra* (Ibid. 6). Escrevia com o dedo na terra.

Não vos espanteis que no templo lageado de marmores houvesse terra; litteralmente, porque era muito o concurso e pouco o cuidado; moralmente, porque não ha logar tão santo e tão sagrado, ainda que seja a mesma egreja, em que não haja terra.

O que Christo escrevesse, não se sabe de certo. Entendem commummente os Padres que foram os peccados dos accusadores. Que accuse o homicida ao homicida, o ladrão ao ladrão, o adultero ao adultero? Homem, accusa-te a ti; olha que quando accusas os peccados alheios, te condemnas nos proprios. Assim succedeu. Depois que o Senhor escreveu o processo, não da accusada, senão dos accusadores, levantou-se, e não lhes disse mais que estas palavras: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat* (Ibid. 7). Aquelle de vós que se achar sem peccado, seja o primeiro que atire as pedras.

Aqui me lembram as de S. Jeronymo: as pedras que traziam apparelhadas contra a delinquente, converteu-as cada um contra o seu peito, e os que tinham entrado tão zelosos, começaram a se saír confusos. Saíram-se, porque entraram na propria consciencia.

E nota o Evangelista que os que saíram primeiro foram os mais velhos: *Incipientes a senioribus* (Ibid. 9). Miseravel condição da vida humana! Quantos mais annos, mais culpas. Todos se devem arrepender das suas, mas com mais rasão e mais depressa os que estão mais perto da conta.

Ficou só Christo e a delinquente, isto é, a misericordia e a miseria. Perguntou-lhe: «Onde estão os que te accusavam? Condemnou-te alguem?» «*Nemo, Domine* (Ibid. 11). Ninguem, Senhor.» «Pois se ninguem te condemna, nem eu te condemnarei: vae-te, e não peques mais.»

Este foi o fim da historia, admiravel na justiça, admiravel na misericordia, admiravel na sabedoria, admiravel na omnipotencia. A lei ficou em pé, os accusadores confusos, a delinquente perdoada, e Christo livre dos que o vieram tentar...

....

Mas como havia isto de ser, ou como queriam que fosse? Como tinham urdido a trama? Onde estava armado o laço? Onde vinha escondida a tentação? Descobriu-a maravilhosamente Santo Agostinho: *Ut si diceret, non lapidetur adultera, injustus convinceretur; si diceret lapidetur, mansuetus non videretur.* Ou Christo havia de dizer que fosse apedrejada a adultera ou não; se dizia que não fosse apedrejada, convenciam-no de injusto; se dizia que a apedrejassem, parecia que não era misericordioso. E, ou faltasse á justiça ou á misericordia, concluiam que não era o Messias. (Vieira.)

gastava diariamente as forças, e correu boato que elle se achava na agonia. Judas e Mathias capitaneando outros, á hora do meio dia e em presença de multidão de povo reunido no templo, prenderam grossos cabos á aguia, que arrancaram e fizeram em pedaços; mas, vindo a tropa, aprisionou os amotinadores, e Herodes fez queimar vivos os que tinham arrancado a aguia, e degolar os cumplices.

Thesouro sagrado. Cofre onde se guardava o dinheiro das oblações voluntarias, destinado aos sacrificios e aos pobres. Este cofre foi violado varias vezes por Joas, Seleuco, Heliodoro, que por um visivel milagre foi impedido de levar adiante as ordens que recebêra do Rei da Syria. N'este logar foi que Jesus louvou a viuva pobre que metteu no gazophilacio as duas moedinhas, e disse a seus discipulos:

«Em verdade, mais deu esta pobre viuva que todos esses ricassos que ahi lançaram fortes quantias. Esses offerecem o seu superfluo; esta o seu necessario.»

Relogio de Achaz. Este Rei, que deixou o culto de Deus pelo dos idolos, a quem sacrificára seu filho, fez um quadrante com o bronze do altar dos holocaustos. É celebre este relogio pela circumstancia de que n'elle recuou a sombra do sol 10 graus, como Isaías impetrára.

Portas septentrional, meridional, occidental e oriental. Todas das mesmas dimensões e com igual riqueza de ornatos. Quanto á ultima é tambem chamada Seir, porta do Rei e porta Bella. Era a principal entrada do templo, tão pesada que para a abrir ou fechar eram precisos vinte homens, apesar de que por duas vezes se abriu por si mesma: no dia de Ramos e durante o cerco de Tito.

Torres das trombetas. Duas elevadissimas, situadas nos dois angulos occidentaes. Do alto d'ellas tocavam os padres duas trombetas de prata (ainda se não usavam os sinos), para convocar o povo ao templo.

IX

E pois que tenho tão amplamente fallado do templo em sua parte material, bem é que rememore aqui portentosos successos n'este logar realisados.

Fôra Jesus conduzido pelo espirito de Deus ao deserto, indo ao longo do Jordão, e durante quarenta dias nenhum alimento tomára; mas a final teve fome, e assim permittiu Deus similhante fraqueza humana, o que deu ousio ao demonio. Este se chegou a Elle, e mostrando-lhe uma pedra, disse-lhe:

— «Se és Filho de Deus, manda a esta pedra que se converta em pão, para matares essa fome.

E Jesus lhe respondeu:

— «Está escripto que o homem não vive só de pão, mas de toda a palavra de Deus, e de tudo o mais que elle lhe quer conceder para seu alimento.»

Recorreu então o demonio a outro expediente: transportou-o sobre um alto monte, d'onde em um fechar de olhos lhe fez ver todos os reinos do mundo, dizendo:

— «Vês tu todo esse poder? Vês a gloria de todos esses reinos? Tudo isso é meu, e dou tudo a quem me apraz; de tudo serás senhor, se te prostrares a adorar-me.»

E Jesus lhe respondeu:

— «*Vade retrò Satan!* Está escripto: «Só ao Senhor teu Deus servirás, e não adorarás senão a Elle.»

Então o soberbo espirito travou do Cordeiro, e collocou-o sobre o pinaculo d'este templo de Jerusalem, dizendo:

— «És Filho de Deus? Então precipita-te d'aqui sem receio, porque está escripto que Deus ordenou aos Anjos que te conservem illeso.»

— «Tambem está escripto, respondeu Jesus, não tentarás o Senhor teu Deus.»

Acabando o demonio todas estas tentações, e havendo exhaurido todos os seus artificios, retirou-se de Jesus até o tempo da sua Paixão, em que voltou, para tentar por meio de tormentos aquelle mesmo que subjugar não podéra, nem pela sensualidade, nem pela cubiça, nem pela ambição.

E pois que estas memorias constituem chave de oiro, levantarei mão do assumpto.



Bachelier lith

Imp. Lemercier et Cie Paris

CAPITULO XXXIV

I. O Califa Omar. Construcção de sua mesquita.—II. Egreja que a substituiu, *Templum Domini*. Restituição do edificio á meia lua.—III. Superstições musulmanas.—IV. Difficuldades de visitar a mesquita.—V. Descripção d'esse monumental edificio, tanto exterior como interiormente. A pedra de Jacob. O signal da planta de Enoch. Os dedos do Anjo. A pedra de Mahomet. O seu estandarte e lança. A bandeira de Omar. A pedra milagrosamente suspensa no ar. O turbante de Mahomet. Os nichos de oração de Abrahão, David, Salomão, Jesus e S. Jorge. O poço das almas. A reliquia do Propheta.

I

Não me é licito saír ainda d'este afamado torrão. Se já conhecemos a sua historia desde os tempos de Abrahão até o de Tito, ficaria deficiente a exposição, se o leitor ignorasse o estado da actualidade, a qual aliás se prende a uma sequencia de acontecimentos tambem dignos de memoria.

No logar onde os contemporaneos de Salomão admiraram a maravilhosa fabrica do templo, os peregrinos de hoje encaram com menor assombro, mas ainda com admiração, a mesquita de Omar, o mais grandioso monumento de estylo mourisco, a fabrica alterosa com que tanto se tem desvelado, até onde lhes é possivel, o estudo dos mais competentes. Digo até onde lhes é possivel, porquanto não é licito aos crentes de qualquer outra religião pôr pés n'aquelle solo, tão merecidamente sagrado, mas tão polluido pelo propheta da mentira.

Começarei resumindo o que informam antigos escriptores no concernente á historia d'este edificio.

Apoderou-se de Jerusalem o califa Omar, no anno de 636 da era christã; e apesar de tudo, honra seja ao nome d'elle no que respeita ao seu procedimento para com as egrejas dos christãos, em nenhuma tocou; pelo contrario, decretou que fossem respeitadas como propriedades particulares. Tendo porém inquirido onde estaria a pedra que serviu de travesseiro a Jacob, quando teve a visão da escada mysteriosa, indicaram-lhe um logar do templo, como sendo aquelle onde similhante successo tinha occorrido. Omar, sem lembrar-se, ou talvez sem saber que a visão de Jacob teve logar em Bethel, caminho de Haran, acreditou a falsa tradição, e sem detença resolveu restaurar logar tão santo com inexcedivel grandeza. Ao visita-lo, encheu-se de indignação, encontrando-o atulhado de immundicies. Para dar o exemplo recolheu nas dobras do seu proprio manto algumas d'ellas misturadas com a terra, e transportou-as para longe; sendo immediatamente imitado por todos os musulmanos, que assim, n'um fechar de olhos, limparam, e pozeram a nu a rocha sobre que surgia o *Sancta Sanctorum* dos hebreus. N'este logar fez construir uma soberba mesquita, dotando os ministros d'ella de opulento patrimonio. Não deixou, todavia, de mostrar que era sarraceno; porquanto, para

a construcção da mesquita, tiveram de concorrer os marmores, madeiras, materiaes e esmolas que os christãos haviam colligido para a restauração do templo do Santo Sepulchro; apesar de que mais inexoraveis foram os seus successores, que para erecção de suas mesquitas profanaram os templos de Deus, arrancando-lhes os marmores, as plumbeas laminas, as madeiras do Libano.

Concluida a mesquita, tornaram-se as romagens do islamismo quasi tão frequentes a Jerusalem como a Meca.

Aquella mesquita, que era quadrangular, podia conter 3:000 pessoas; a rocha não estava no meio, como hoje, mas na parte posterior da mesquita, a qual pouco tempo subsistiu no estado primitivo. Posteriores califas reconstruiram a mesquita em grande parte, até depois de derribada por varios terremotos. Trinta e nove annos antes da tomada de Jerusalem pelos cruzados, abateu parte do tecto com 500 lustres, o que fez dizer aos musulmanos que alguma enorme desgraça ameaçava o islamismo.

II

Soou a hora do resgate do Santo Sepulchro, e despraz-me demorar olhos aqui sobre a carnificina de que este edificio foi testemunha; pois não se lêem sem horror os excessos praticados pelos cavalleiros da Cruz, nem posso crer que deixe de haver hyperbole nas asserções de haverem sido trucidados dentro d'esta mesquita 10:000 sarracenos; chegando a asseverar-se que sobre um mar de sangue humano fluctuavam mãos truncadas unidas a estranhos corpos, braços esmigalhados, pernas separadas do tronco, entranhas e corações ondeantes, cabeças cortadas, olhos saídos das orbitas... oh! que horror! oh! que desmentido impio á doutrina do Nazareno!

Quando em 1099 os cruzados se apoderaram da Cidade Santa, acharam na mesquita de Omar grandes riquezas em lampadas e candieiros de prata e oiro, e ornatos de todas as especies. Notou-se principalmente um vaso de oiro suspenso do meio do zimborio; diziam que n'esse vaso havia ou maná ou sangue de Jesus Christo. Levaram doze dias a carregar com todas essas riquezas, que ficaram pertencendo a Tancredo, o qual as repartiu com o duque de Bulhão; 700 marcos de prata foram destinados á egreja do Santo Sepulchro.

Godofredo de Bulhão fez purificar esta mesquita, e consagra-la a Deus. A nova egreja tomou o nome de Templo do Senhor, e foi servida por conegos, que tinham os mesmos privilegios que o capitulo de uma cathedral; eram da ordem de Santo Agostinho e tinham á testa um abbade. Na disposição do edificio só se mudou o necessario para a celebração do culto; a propria rocha ficou a nu bastantes annos; venderam-se a peso de oiro em Constantinopla e na Russia duas lascas d'ella; só depois de quinze annos de occupação foi a rocha coberta de marmore branco, pondo-se-lhe em cima um altar.

O convento de que se trata era ao norte do templo, e ao sul o paço regio, do qual foi cedida parte aos templarios, ordem denominada da milicia de Salomão, aqui nascida, e cujo estatuto era assim intitulado: *Regula pauperum commilitonum templi Salomonis*. A devoção das romarias levava cada anno ao Oriente mó de homens impacientes por trocarem o bordão e a cucurbita pelo gladio dos combates. A piedade inspirava audacia, e perto do tumulo de Christo tudo se tor-

nava bellicoso, até a caridade evangelica. Do seio de um hospital consagrado ao serviço dos pobres e dos peregrinos viram-se saír heroes armados contra os infieis.

O cavalleiro tinha por missão principal defender os Logares Santos contra os musulmanos, e prestava o seguinte juramento.

«Juro passar os mares para defender meus irmãos; dar o meu braço á Egreja e aos Reis contra os Principes infieis; emquanto os meus inimigos forem só tres contra mim, não fugirei; e se forem dos impios, combaterei seja contra que numero fôr».

Mas ai! não foi longo o periodo em que o incenso se elevou n'essas aras ao throno do Senhor! Meio seculo depois Saladino conquistava a cidade de David; e comquanto deixasse intactas as egrejas, revindicou a mesquita dos seus antepassados, a qual foi restituida ao culto de Mahomet. Fê-la primeiro lavar com agua de rosas, mandada vir expressamente de Damasco em uma cafila de camelos, com o fim de a purificar dos sacrificios não acceitos a Mahomet. Lembrados de que os christãos haviam arrancado da cupula da mesquita a meia lua, substituindo-a pelo vexillo da redempção, que era todo de oiro, julgaram os musulmanos, no proprio dia em que a cidade se rendeu, deverem por igual fórma vingar-se da affronta recebida. Subiram ao alto da cupula para abater a Cruz; todos os olhos alli estavam pregados, quando, após grandes esforços, a Cruz tombou, e caíu com tal fragor, que houvereis dito que o mundo ía alluir-se; levantou-se na cidade e nos arredores um grito geral de alegria da parte dos musulmanos, e de raiva e dôr da parte dos christãos. Assim arrastaram a Cruz pelas ruas de Jerusalem, por aquellas mesmas ruas por onde o Redemptor a tinha levado ás costas, para n'ella morrer no Calvario pela salvação do genero humano! Purificada a mesquita, e substituida a Cruz pela meia lua, Saladino poz no templo a cadeira fabricada por Noradino. Na primeira sexta feira, depois de seu ingresso em Jerusalem, tendo feito reunir o povo e o exercito, o chefe dos imams (sacerdotes mahometanos) subiu á cadeira do propheta, e rendeu graças a Deus pela victoria. Foi este o ultimo acontecimento notavel da mesquita de Omar.

III

Já se vê que o nome d'esta mesquita lhe adveiu do seu fundador. Tambem a chamam mesquita da Rocha, por ser fundada sobre aquella rocha de grande veneração para os musulmanos, e tem 20 varas de diametro. Segundo as suas absurdas tradições, não só é famosa pela visão de Jacob, mas foi de sobre ella que subiu Mafoma ao ceu, montado em uma egua. Em confirmação d'isto mostram na rocha depressões, que julgam marcas dos cascos do animal e da cabeça do propheta; esta, se o rombo da pedra foi feito por ella, devia ter sido muito dura e muito grande!

IV

É tempo de descrever o monumento; porém como, se n'elle não penetrei? Na digressão que fiz para observar a celebre mesquita, que tantos viajantes teem tornado objecto principal de suas peregrinações, não me foi possivel approximar-me

assás d'aquellas colossaes paredes; pois quantos christãos a ellas se encaminham são acolhidos com a menos hospitaleira recepção, como aliás me succedeu n'uma tarde em que, tendo visitado a Piscina Probatica, tentei tomar essa direcção. O meu interprete apontava com o dedo para o alteroso crescente, e apenas eu movi o primeiro passo, avistei a pouca distancia um robusto mouro já de olhos chammejantes e braço erguido, empunhando o calhau com que se dispunha a premiar a minha curiosidade, d'onde conclui ser mais prudente retroceder sem detença.

Contaram-me que um europeu, fingindo-se turco, logrou penetrar na mesquita; mas que os guardas, apenas conheceram o embuste, tanta bastonada lhe deram, que o homem lhes teria morrido nas mãos, se os franciscanos não houvessem acudido, asseverando que o sujeito era doido. Devo suppôr que estes guardas não eram d'aquella legião de 70:000 anjos, que os mahometanos imaginam estarem postos por sentinella a esta mesquita: os taes anjos resolveram tomar a apparencia de negros danubianos, dos quaes existe com effeito uma cohorte na mesquita, alojada e sustentada á custa d'ella. Cumpre confessar que depois da guerra da Criméa esta mesquita se tornou accessivel aos christãos, mediante uma autorisação que os respectivos consules podem obter dos pachás; autorisação que não se alcança durante todo o mez do Ramadan [1], assim como todas as sextas feiras. Nos primeiros annos em que se começou a penetrar na mesquita, era preciso pagar uma contribuição fortissima, que está reduzida a 5 francos por cabeça para o santão; sendo igualmente necessario munir-se de chinelas, ou especies de meias grossas; porque os turcos de modo nenhum permittem que se entre alli, senão assim, como tambem succedeu comigo mesmo, quando entrei na grande mesquita do Cairo. Notavel contraste! Entre os catholicos considera-se mór reverencia o descobrir a cabeça, levando os pés calçados; entre os musulmanos prova-se o respeito, descalçando os pés, e cobrindo a cabeça nos templos!

Todavia, como eu não tinha consul brazileiro, a quem me dirigisse, e como tambem, cumpre ainda confessa-lo, não era enorme a minha ambição de visita-la, renunciei a approximar-me.

Tive pois de contentar-me com observar a mesquita de alguma distancia. Adiante fallarei no convento construido no Pretorio pelo meu venerando amigo o sr. de Ratisboña. O meu observatorio foi o terrado meridional d'aquelle convento, d'onde se dominam completamente a mesquita e suas adjacencias, tudo collocado a poucos passos em região inferior.

V

D'aquelle ponto se avista uma vasta esplanada, a qual, com os seus edificios, é limitada ao sul e oriente pelos proprios muros da cidade. Constitue uma espe-

[1] Ramadan é chamada a quaresma dos turcos, a qual é annunciada por sete tiros de canhão, e dura trinta dias. N'esse espaço de tempo são prohibidos de sol nado a sol posto todos os alimentos, todas as bebidas, o fumar, e qualquer prazer da vida; passam quasi todos os dias nas mesquitas em oração. Um tiro de peça indica todas as tardes o pôr do sol; dois minutos depois não ha quem não esteja comendo. Toda a noite levam então em borracheira e vida folgazã, desforrando-se assim da abstinencia do dia; cumpre não obstante confessar quão admiravel não é o rigor com que geralmente os musulmanos de todas as classes e idades se submettem á lei; o que é tanto mais para agradecer, quanto é certo que um ismaelita não póde estar um momento sem comer, fumar, ou chupar café.

cie de cidadella, da qual sobresaem minaretes de graciosa architectura. Grão numero de construcções se observam em torno; são mesquitas, oratorios, collegios de dervis, instituições pias, e um claustro contiguo ao muro occidental. Proximo ao principal edificio a esplanada é toda coberta de marmores brancos: n'este espaço existem algumas arvores rachiticas, especialmente oliveiras e cyprestes, collocadas a consideravel distancia umas das outras. Em frente da porta principal, que deita para o occidente, existe no centro da esplanada um tanque assás elegante de não consideraveis dimensões; fica ao meio d'elle uma bacia d'onde a agua sae em repuxo. Exteriormente ao circulo que forma o tanque, existe uma escadaria com 5 degraus igualmente concentricos, e pelos quaes se desce a um passeio que circumda o tanque. Sobe-se depois por outra escadaria, cujos degraus vão de lado a lado de uma arcada ogival de quatro columnas, pela qual se entra, ao alto d'essas escadas, no adro que circumda o edificio. O que eu vi foi uma enorme mole octogona, com trabalhados arabescos e ornamentos multicores pelas paredes, entre os quaes sobresaía sempre a côr azul; vi mais, destacando-se do corpo da mesquita até enorme altura, uma agigantada cupula, ou zimborio, todo coberto de chumbo; no ultimo do corucheu, no logar onde os christãos costumam pôr a cruz com a grimpa, pompeia o sustentaculo da meia lua quasi com as pontas unidas; sustentaculo, que parecia compor-se de um varão metallico ao centro, atravessando tres globulos superpostos.

Mas, pois que outros tiveram possibilidade de penetrar n'aquelle recinto, completarei estas noções com a descripção feita por quem lá entrou.

A platafórma sobre que a mesquita se eleva, tem de comprimento 1:500 pés e 900 de largura, sendo rodeada de um muro continuo, d'onde se sae por tres portas ao norte e seis a oeste. Aquella platafórma eleva-se 3 metros acima da superficie geral da esplanada; entra-se alli por diversos porticos e arcadas elegantes. Na platafórma vêem-se á roda da mesquita algumas cisternas e uma duzia de edificios pequenos, um dos quaes serve de consultorio dos doutores da lei de Mafamede; cinco d'essas casas são habitadas por santões, asceticos anachoretas, que passam por santos. Entre os seus privilegios é um o de poderem passear totalmente nús, sem que ninguem os censure.

Em face da porta oriental eleva-se um delicado pavilhão, exteriormente sustentado por doze columnas marmoreas e interiormente por seis, sito no logar approximadamente onde era o altar dos holocaustos; chamam-lhe a cupula do juizo, e a tradição musulmana quer que ahi fosse o tribunal de David; emquanto outra versão pretende que alli se suspenderá a balança do juizo final: e ainda por outra se denomina tambem casa da cadeia; porquanto pretendem elles que Deus, para facilitar o officio do seu servo, fez descer do ceu uma cadeia, que as testemunhas, ao prestarem juramento, deviam conservar na mão; se um homem jurava falso, destacava-se um élo da cadeia, e era assim descoberto logo.

Mas a maravilha do logar é a propria mesquita. Poucos edificios ha que em tão alto grau liguem elegancia, graça, opulencia e grandeza. É um octogono regular com 20 metros por lado, do chão até o meio, coberto de tábuas grandissimas, todas inteiras, brunidas, de finissimo marmore; do meio até a primeira moldura de cima é todo de mui rico mosaico, de muitas invenções, de ramos, rosas e boninas; e de redor da primeira moldura vae por todo o seu circuito uma corôa mui ricamente lavrada de preciosos arabescos desenhados em diversas côres so-

bre um fundo azul. Sendo o zimborio todo coberto de cobre, que brilha aos raios do sol, os olhos descansam suavemente n'aquellas apraziveis pinturas.

A parte superior da mesquita offerece grão numero de janellas com vidros de diversas côres; são sete no lado do octogono, que não tem porta, e seis nos outros.

Sobre o octogono eleva-se um tambor circular, com uma serie de janellas rectangulares; tudo com pinturas simillhantes ás das paredes, e com versos do alcorão escriptos em caprichosos espiraes. Corôa o monumento um zimborio coberto de folhas de cobre, que terá uns 30 metros de elevação e 15 de diametro.

Penetra-se no interior por quatro espaçosas portas. A do norte chama-se do Jardim ou do Paraiso; para a do sul é que os musulmanos se voltam quando resam; chama-se do Propheta David a do oriente; a ultima, emfim, é a porta do occidente.

O interior do edificio é digno da magnificencia do exterior; a multidão das columnas, a riqueza dos materiaes, o esplendor dos doirados do tecto, tudo absorve a admiração do observador.

A mesquita apresenta no interior a mesma disposição octogona do exterior; e alem d'isso, com intervallos, ha outros dois octogonos, medio e menor, formados por columnas e pilares. As paredes, cheias, são todas de marmore branco sem outro ornato. A 3 metros do menor elevam-se dezeseis columnas e oito pilares de marmore acinzentado, dispostos de modo que cada pilar corresponde a um angulo do edificio. No espaço entre dois pilares ha sempre duas columnas corinthias de 6 metros de altura, que sustentam um plintho de marmore, sobre que se apoiam arcadas, cujas aberturas se arredondam acima do vasio que separa as columnas. Ha finalmente um derradeiro octogono. Na sua base uma balaustrada de ferro deixa uma unica abertura para penetrar no recinto onde está a famosa pedra, a que a mesquita deve a sua existencia. É um pedaço de rocha de 14 metros de comprido sobre 11 de largo e pouco mais de 1 metro acima do chão; a sua superficie desigual e brutesca contrasta com a riqueza do edificio. Este rochedo, que faz parte integrante do monte Moria, não é recommendavel pela memoria de Jacob, segundo os musulmanos; mas dizem que ainda conserva o signal da planta de Enoch, a quem Deus não permittiu que morresse, e arrebatou-o ao ceu, deixando porém Enoch este vestigio da sua passagem na terra.

Perto d'ahi se vêem cinco buracos feitos com os dedos do Archanjo Gabriel! Quando Mahomet ascendeu ao ceu na egua El-Borak, quiz o rochedo segui-lo; mas o ministro do Eterno suspendeu-o com a mão, e por isso ahi lhe ficaram gravados os dedos! Tambem se nota uma depressão, que passa pelos signaes dos pés do propheta. No angulo sudoeste está a pedra de Mahomet cercada de uma grade, o seu estandarte verde enrolado á roda de sua lança, e a bandeira de Omar.

A pedra celebre que elles denominam Es-Sakrah, uma das mais curiosas antiguidades de Jerusalem, está em parte coberta por um immenso docel de seda vermelha e verde, e cercada de uma balaustrada de madeira de talha revestida de vivas côres. Aquelle toldo, segundo a opinião dos turcos, recorda a barraca dada por Deus a Adão, quando este descobriu Eva sobre um monte vizinho a Meca, depois de have-la cem annos procurado.

Desce-se no angulo sueste por uma portinha e uma escadita de oito degraus a um subterraneo irregular, cujo tecto é o rochedo. Tem 7 a 8 metros de diametro

e paredes caiadas. Ha na abobada um buraco, pelo qual a rocha é atravessada de parte a parte. O scheik incumbido de conduzir os visitantes tem grande cuidado de fazer notar que as paredes que estão debaixo do rochedo sagrado, são desnecessarias, e nem sempre ahi estiveram, devendo cada qual convencer-se de que o Es-Sakrah não assenta no solo, nem é sustentado senão por uma intervenção milagrosa.

Tão santo é para os musulmanos este lógar que, segundo elles, toda a oração que alli se faz, conta como se fosse feita no ceu; que todo aquelle que alli ora, fica innocente como no dia em que nasceu; e que se morrer na mesquita, é como se morresse no paraiso. Todas as noites manda alli o Senhor setenta mil Anjos cantar alleluia; se da Jerusalem celeste caisse uma pedra, viria dar no rochedo Sakrah. Os habitantes de Jerusalem são vizinhos de Deus; Deus, que é a verdade, não ha de castigar os seus vizinhos. Quando um de vós, diz o propheta, houver accendido uma lampada em Jerusalem, os Anjos não cessarão de implorar por esse a misericordia de Deus, emquanto ella deitar alguma claridade. O rochedo Sakrah é um dos montes do paraiso; descansa sobre uma palmeira invisivel, a qual é sustentada pelas mães dos dois grandes prophetas Aisas (Jesus) e Mahomet. Debaixo d'essa palmeira sae a agua que os homens bebem, e ahi nascem os quatro rios do paraiso. Por isso disse Mahomet: «Correm as aguas, sopram os ventos debaixo do rochedo Sakrah em Jerusalem». E um commentador d'aquelle passo do alcorão, «Do Ceu mandâmos a agua», diz que toda a agua da terra irrompe debaixo da rocha Sakrah, a qual não é sustentada senão por aquelle que sustenta o ceu, e que não cairá sobre a terra senão com permissão d'elle. No dia de juizo unir-se-ha a Kaaba á rocha Sakrah, e todos os peregrinos ahi se juntarão; então se transformará esta rocha no mais brilhante coral.

A prudencia musulmana, porém, para não espantar a gente de pouca fé, cercou de um muro as paredes d'aquella crypta, para que ninguem possa mais ser testemunha do milagre, e principalmente para que ninguem possa ver que o dito rochedo faz um só corpo com o restante do monte Moria. O pedaço d'aquella pedra que sobresae á entrada da crypta é chamado «lingua», e dignou-se (o tal pedaço de pedra) responder á exclamação que fez Omar, quando descobriu o travesseiro de Jacob. Omar, fóra de si de alegria, gritou:

— «Saude a ti!»

E a pedra respondeu:

— «A ti saude!»

O turco mostrou igualmente na abobada uma leve depressão arredondada; tocou o rochedo com a mão, que depois beijou respeitosamente, e coflou a barba, contando muito convicto a historia da depressão que ahi se vê. Um dia o famoso rocinante El-Borak transportou de Meca o grão propheta a este logar; o propheta vinha com tamanho fervor de orar, que não calculou bem, e bateu fortemente com a cabeça n'aquella pedra; mas esta teve a amabilidade de tornar-se mole como cêra, e de receber com a mais profunda veneração toda a fórma do seu grande turbante.

Indicou tambem os nichos onde Abrahão, David, Salomão, Jesus, S. Jorge costumavam orar.

O que esta cavidade apresenta mais singular é uma lage que, batendo-se-lhe com uma bengala ou com o pé, dá o som de uma cavidade; cobre com effeito um

poço profundo, que os musulmanos chamam Poço das almas. Dizem elles que ahi se reunem as almas dos musulmanos, do domingo á segunda feira de cada semana e da quinta á sexta feira, para adorarem a Deus.

Proximo á porta sul da mesquita mostram um exemplar manuscripto do alcorão, o qual se diz ter pertencido a Omar.

Desprezando superstições, é certo que esta rocha é o cume do monte Moria, que foi respeitado e deixado em relevo no trabalho de nivelamento emprehendido por Salomão, por causa das tradições sagradas que a esta pedra se ligavam. Era aqui a eira do jebuseu Areúna, onde David offereceu o sacrificio expiatorio, e comprehendida depois no recinto do templo de Salomão. Provavelmente n'esta pedra estaria collocado o altar dos holocaustos, e a caverna inferior seria destinada a receber o sangue das victimas, que pelo tal poço das almas iria descaír na torrente de Cedron, de que os livros rabbinicos fazem menção com o nome de *Amah.* A pouca distancia abria-se o *Sancta Sanctorum;* e a tradição judaica affirma que tambem sobre esta pedra ficava a Arca da alliança.

Subamos outra vez para debaixo do zimborio. Acima da fileira de janellas já citadas, no tambor, vae uma correnteza de nichos elegantes, sobre a qual está a abobada da cupula ornada de mosaicos e arabescos pintados e doirados. Os vidros das janellas não representam figuras, como os da nossas egrejas gothicas, mas são notaveis pela belleza das côres; por muito espessos, só deixam coar uma luz pallida. Em toda a mesquita pendem numerosos lustres.

Uma reliquia do propheta está suspensa a um dos pilares do pequeno octogono: é uma pedra chata, redonda e lisa, que Mahomet trazia comsigo na guerra como escudo; esta pedra fendida ao meio protegia o fundador do islam contra a mão de qualquer infiel.

Antes de saír da mesquita vêem-se varios objectos curiosos; entre elles está uma bella chapa de marmore verde, com os signaes de uns 20 pregos, alguns dos quaes se conservam nos buracos respectivos, postoque o maior numero desapparecesse. O cicerone gravemente explicou terem sido alli postos aquelles pregos por Mafoma, para indicar o numero de annos que o mundo ha de durar; findo cada seculo, some-se um prego por si; e quando não houver mais nenhum, será o fim do mundo.

Tanto é isto assim, que em certo dia entrou o espirito maligno pela porta Bab-el-Ginne, e poz-se a arrancar e a roubar os taes pregos, a fim de chegar cedo o fim do mundo; mas foi apanhado pelo Archanjo Gabriel, e levado a pau para fóra do glorioso santuario, com prohibição de lá voltar. Para consolação dos presentes bom é saber que ainda lá restam tres pregos e meio.

Esta pedra é chamada a pedra negra, e segundo as lendas musulmanas, serve de degrau aos prophetas, quando vão orar á mesquita, sendo alli que Salomão está enterrado.

Vizinho á porta do sul, observa-se no muro da mesquita, na altura de dois metros, uma lage de marmore, que representa a imagem de dois passaros. Segundo os mussulmanos, são duas pêgas petrificadas em castigo de seu orgulho; e eis-aqui como isto aconteceu.

Terminava Salomão a fabrica do templo, e quiz que em signal de vassallagem todos os entes animados fossem prestar-lhe um tributo. Foi o leão e depositou a sua juba, o elephante fez o sacrificio de seus dentes, o pavão da sua mais rica

plumagem, o rhinoceronte da sua arma unica, as abelhas de um favo de exquisito mel, e a republica das formigas mandou-lhe uma côxa de gafanhoto.

Não houve senão os volateis que, por instigação da pêga, recusaram obedecer.

«Por que rasão, dizia a maligna, abdicarmos a nossa dignidade e independencia? Porque obedecermos á ordem tyrannica de um homem? A despeito de toda a sua sabedoria, poderá elle correr atrás de nós, e castigar o nosso amor da liberdade? Fiquemos onde estamos, e mostremos-lhe que nem toda a natureza é sua escrava, e que ainda ha entes a quem elle não póde subjugar.»

Foi approvada a indicação.

Ora, como o Rei fallava todas as linguas, e portanto a dos passaros tambem, teve noticia da cousa, e convocou uma assembléa de volateis, decidido a ficar occulto em algum sitio vizinho, para julgar por si mesmo da perversidade da pêga.

Dias depois reuniram-se em torno do rochedo santo toda a especie de volateis, para estudarem o modo de prestarem homenagem a Deus, e obedecerem a Salomão, sem todavia se aviltarem com o abdicar a propria independencia. D'esta vez, em logar de uma, compareceram duas pêgas, que tinham a lingua bem afiada. Salomão lá estava no seu posto, ouvindo sem ser visto. Teve a palavra a primeira pêga, e disse:

«Para que atormentarmo-nos a vir saudar esses pedregulhos ahi amontoados por mãos de homem? Nós, pela maior parte, somos melhores architectos que elle; podemos livremente adorar Deus em nossos campos, em nossas florestas e sem tamanho incommodo.»

N'isto abriu o bico a segunda pêga delegada, e com um sentimento de opposição democratica applaudiu a companheira, e acrescentou:

«Não, não! Nada poderá curvar-nos a similhante humilhação. Este templo é um nonada aos nossos olhos; raká sobre elle e sobre quem o edificou. Nós, se quizermos, podemos emporcalhar toda essa trebisonda. Mande Salomão na terra; mas nós sejamos livres na região dos ares, aonde o seu dominio não chega.»

Irado Salomão, saiu, e gritou com voz tonitroante:

«Volateis insensatos! A mão que Deus ajuda, póde aprisionar os proprios ares. Para provar-vo-lo, e castigar a vossa insolencia, ordeno eu, eu Salomão, que vós ahi fiqueis até ao dia final immoveis e escravas d'este monumento, que tendes tão ousadamente desprezado.»

Ditas estas palavras, as duas pêgas, feridas de immobilidade, ficaram incrustadas no marmore, e são as duas passarolas que ainda lá se vêem. Em todo o caso, parece que Salomão ficou com seu medo das ameaças, porque mandou cobrir todo o telhado do templo de pontas doiradas, feitas a modo de agulhas, para que nenhuma ave podesse poisar em cima, e suja-lo. Só se o fizessem voando.

Saindo-se da mesquita de Omar, vêem-se os vestigios de um arco, que provavelmente pertenceu á egreja dos templarios; d'alli se passa a uma camara subterranea no angulo sueste da esplanada; desce-se por uma escada de trinta e dois degraus, e ahi se vê o que chamam berço de Jesus Christo: é um nicho de pedra do paiz, cuja superficie está esculpida em fórma de conchas e collocado horisontalmente debaixo de uma lage, sustida por quatro columnasinhas de marmore. Na edade media, esta camara era uma capella denominada berço de Jesus Christo. Ha tradição que ahi designa a residencia de Simeão e da propria Virgem durante alguns dias. É hoje uma mesquita o santuario de Jesus.

A cerca de 60 metros d'ahi, na direcção occidental e precisamante junto do muro sul, no recinto da esplanada, está uma abertura por onde se penetra n'um grande subterraneo, com arcarias sustidas em 96 pilares. Julga-se que isto serviu de estrebaria dos cavallos dos templarios, e ainda se vêem nos angulos dos pilares os furos onde se prendiam as cordas. Ha muito poucos annos que o pachá mandou murar a entrada d'este subterraneo, porque os soldados ahi se escondiam de dia, e desertavam de noite.

Vae-se para o lado do norte costeando o muro leste da esplanada até chegar a uma escada, que leva á ponte Sirath. Ahi se vê um Mihareb, e uma columna deitada horisontalmente sobre o muro da cidade, para alem do qual boja não pouco, de maneira que, vista de longe, poderia parecer uma peça apontada contra o monte Olivete. A imaginaria ponte Sirath parte, segundo a opinião dos turcos, d'aquella columna; atravessa o valle Josaphat, e chega até ao cume do Olivete. Como, porém, a tal ponte é mais fina que o fio de uma navalha, ninguem póde vê-la, senão acaso algum mahometano mais fiel e mais santo. Depois que os meritos e demeritos de cada pessoa tiverem sido pesados na tal balança de que já fallei, deverão as almas passar por aquella ponte; as dos bons nada terão que temer, porque os Anjos as sustentarão; mas as dos maus perderão o equilibrio, cairão no valle de Josaphat, e serão engulidas direitinhas até ao inferno.

E basta de tão profana descripção de chão aliás tão sagrado.

CAPITULO XXXV

I. Norte do Tyropeon. Região occidental da cidade inferior Praça do Mercado. Piscina antiga.— II. Fortaleza dos Pisões. Palacio do Pontifice Ananias.—III. Hippodromo.—IV. Casa de um dos principaes phariseus. Cura do hydropico. Exaltação dos humildes. Instrucção de Jesus.— V. Palacio dos Machabeus.—VI. Theatro Ephebion (Gymnasio e Ephebia).—VII. Berenice e seu palacio.—VIII. Monte Acra.—IX. Cidadella de Antiocho Epiphanes.—X. Palacio de Helena, Rainha de Adiabena. Procedimentos generosos d'esta Rainha e sua familia. Hospital de Santa Helena.—XI. Palacio da Rainha Graptea. Casa do povo. Amphitheatro.—XII. Casa do mau rico. Lazaro o mendigo.—XIII. Archivos ou chancellaria. Synhedrim. Prisão da cidade.

I

Passemos agora á parte septentrional do Tyropeon. Findámos o que havia para dizer do monte Sião, e agora, seguindo o systema anterior, devemos penetrar no coração da cidade, tomando para o lado esquerdo da porta de Jaffa. Já o leitor sabe que o centro de Jerusalem se levanta sobre os montes Moria ao oriente, e Açra, de muito menores dimensões, para o occidente. Dividirei, pois, por uma linha imaginaria, a parte oriental e occidental d'este centro da cidade, e começarei pela segunda, como me convem.

A poucos passos da entrada da porta de Jaffa encontra-se a praça do mercado. Foi esta praça na cidade o primeiro logar que os romanos invadiram por ordem do governador Floro, assassinando indistinctamente quantos ahi se achavam, e depois, violentando todas as casas em torno, ninguem n'ellas escapou á morte, sendo trucidadas 3:600 pessoas. Floro foi o primeiro que teve a audacia de fazer despedaçar a azurrague, e crucificar diante do seu tribunal, homens da ordem dos cavalleiros, não obstante condecorados com o fôro de cidadãos romanos.

No meio d'esta praça existia a piscina antiga, de que falla a escriptura, piscina que misturava as suas aguas com as de um regato, que d'alli correndo por toda a cidade na direcção oriental, e engrossando as aguas com as da piscina interior, atravessava uma das portas, e costeando a fonte do Dragão, ia despenhar-se na torrente de Cedron.

II

Proximo á praça do mercado, e para o lado de noroeste, vê-se o terreno vizinho ás muralhas, onde os Pisões levantaram alterosa fortaleza, diante da qual fi-

cava um vasto terrapleno, que servia de campo ás suas revistas. Em torno do forte havia larguissimos fossos, e elevavam-se a grande altura formosos corucheus perfeitamente lavrados; e no poder d'esses habitantes de Pisa ficou todo esse terreno largo tempo, não só emquanto os christãos estiveram senhores da Terra Santa, mas até algum tempo depois que ella caiu em poder dos sarracenos.

Proximo tambem a esta praça, um pouco para sueste, ficava o palacio do Pontifice Ananias, que era celebre pela seguinte circumstancia. Tendo-se o povo de Jerusalem rebellado contra Floro, que nem a Berenice respeitava, os sediciosos desbarataram a guarnição romana, e o joven Eleazar, filho do sacrificador Ananias, impediu que fossem prohibidos os holocaustos offerecidos por estrangeiros, em cujo numero se comprehendia o Rei Agrippa. Os principaes de Jerusalem pediram tropas a Floro, que lh'as não deu, e a Agrippa, que lhes mandou 3:000 homens. Começou então a peleja com os sediciosos, os quaes, sendo em numero muito maior, os obrigaram a retirar-se, e queimaram os palacios do Tombo dos actos publicos, da Rainha Berenice e do Rei Agrippa, assim como deitaram fogo ao do Pontifice, o qual com o seu irmão Ezechias e alguns outros dos principaes fugiu, indo esconder-se nos canos dos aqueductos.

III

Mui proximo a este palacio de Ananias, e ao oriente d'elle, ficava o circo ou hippodromo. Era um magnifico edificio oblongo, rodeado de muros e destinado ás carreiras de cavallos, com premios para os mais ageis. Tambem os athletas ahi se davam em espectaculo ao povo, combatendo com a lança ou com qualquer outra arma. Não raro os corredores disputavam entre si a cavallo, a pé, governando bigas e quadrigas. Herodes estabelecêra estes jogos, que se faziam de cinco em cinco annos, em honra de Augusto, e com promessas de grandes recompensas para os vencedores; mas este e outros edificios levantados para divertimentos foram novo incentivo de sedições, a tal ponto que, não querendo os hebreus ver em Jerusalem similhantes jogos, que denominavam gentios, dez d'elles concordaram n'uma conspiração, e foram para um d'esses espectaculos com punhaes escondidos debaixo das vestes, e o proposito de os brandirem sobre Herodes, logo que houvesse entrado. Tendo porém o Rei uma denuncia, mandou seus satellites para darem cabo dos conspiradores; justiça que foi pontualmente comprida; no emtanto aquelle que tinha avisado a Herodes, foi victima da furia popular, espedaçado e atirado ao meio da cidade em pasto aos cães.

Então occorreu ao tyranno um expediente só proprio de sua ferocidade: como ninguem lhe revelasse quaes os promotores de similhante crueza, mandou pôr a tratos as mulheres; e todos quantos aprouve a estas accusar (para se livrarem de tão atrozes tormentos) foram, com as respectivas familias, sentenceados á morte.

N'este hippodromo, estando Herodes proximo a morrer, mandou encerrar todos os personagens da Judéa, e disse a sua irmã Salomé e a Alexas, marido d'ella:

«Sei muito bem que os judeus hão de ficar contentissimos com a minha morte; mas se vós executardes o meu desejo, ella os forçará a derramar lagrimas, e eu terei celeberrimos funeraes. Apenas eu fechar olhos, fazei rodeiar pelos meus

soldados e matar logo toda essa gente que encerrei no hippodromo, e assim não haverá casa na Judéa que não tenha motivo para chorar[1].»

IV

Ao norte, e mui proximo dos dois edificios ultimamente indicados, ficava a residencia de um dos principaes phariseus, em cuja casa entrou Jesus um sabbado a tomar a sua refeição. Foi ahi que, vendo Jesus um hydropico, perguntou aos phariseus:

«Será licito curar ao sabbado?»

E depois de lhe restituir a saude, proseguiu assim:

«Qual de entre vós, se ao sabbado cair n'um tremedal o seu jumento ou o seu boi, guardará para outro dia o salva-lo?»

Foi tambem n'este logar que, observando Jesus escolherem os convidados os primeiros assentos, lhes fallou d'est'arte:

«Quando te chamarem a casa alheia, não occupes o primeiro logar; porque talvez o dono da casa tivesse convidado pessoa mais autorisada, e te diga: «Dá o logar a este;» sendo tu constrangido a ir envergonhado buscar o ultimo; mas se por ti mesmo tomares esse ultimo, o dono te dirá: «Amigo, senta-te para cima»; o que te servirá de honra na presença dos circumstantes; porque será humilhado todo o que se exalta, e exaltado todo o que se humilha.»

É tão formosa a moral que n'este festim foi prégada pelo Redemptor, que não será descabido reproduzir aqui alguns outros dos seus ensinamentos; disse pois Jesus ao dono da casa:

«Não convides para jantar ou ceia amigos, irmãos, vizinhos ou parentes ricos, visto como estes te pagarão a attenção com igual convite. Chama para a tua mesa pobres, aleijados, coxos e cegos, e bemaventurado serás tu; porque esses não teem com que te retribuir, e é na resurreição dos justos que terás a paga.»

E então disse um:

«Bemaventurado o que no reino de Deus comer o pão.»

Ao que retorquiu Jesus:

«Certo homem encommendou uma ceia: os muitos convidados escusaram-se, dizendo o primeiro: eu comprei uma quinta, preciso ir vê-la; o segundo: eu merquei cinco juntas de bois, vou examinar como trabalham; o terceiro: eu casei, não contem lá comigo; e assim os mais. O dono da casa, irado, diz ao servo: vae-me por essas ruas, e traze-me quantos pobres, aleijados, cegos e coxos topares. Vieram bastantes; mas havia ainda logar para mais, e elle mandou procurar outros, para que não ficasse um só assento vasio.»

Após outras igualmente santas reflexões, notando Jesus que os phariseus e escribas censuravam que elle convivesse com peccadores, propoz-lhes esta parabola:

«Qual de vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma d'ellas, não deixa as no-

[1] Esta barbara disposição não foi cumprida. Reconhecendo talvez Salomé na horrorosa morte de Herodes um justo castigo de seus grandes crimes, trepidou na execução d'essa atrocidade posthuma.

venta e nove no deserto, e não vae procurar a desgarrada, até acha-la? E depois de a achar, não a põe gostoso aos hombros, e chegando a casa, não diz aos vizinhos e amigos: congratulae-vos comigo, que achei a minha ovelhinha perdida? Assim haverá maior jubilo no ceu por um peccador penitente, que por noventa e nove justos. »

Foi por igual n'este festim espiritualmente lauto que Jesus narrou a pathetica historia do filho prodigo, tão sympathica e tão cheia de ensino.

V

Vizinho d'esta casa, e logo ao occidente do templo, ficava um oiteiro assás elevado, cujo cume dominava, não só a cidade, mas um horisonte extensissimo; sendo n'esse viso que um dos Machabeus fez construir um magnifico palacio, depois consideravelmente acrescentado pelo Rei Agrippa, que ahi teve a sua côrte; e diz-se que de sua sala de jantar se via tudo o que no templo se praticava; e para impedir essa profanação, os magnates d'entre os judeus mandaram levantar grande muralha acima do gabinete occidental do templo interior. Tão indignado ficou o Rei, que Festo, governador da provincia, lhes ordenou que abatessem o muro; mas elles supplicaram permissão de appellar para o Imperador Nero, dizendo ser-lhes impossivel supportar a vida, se qualquer parte dos edificios do templo lhes fosse demolida. Concedeu-lh'o Agrippa, e elles deputaram Ismael, grão sacrificador, Helchias, guarda do thesouro e dez dos principaes. Nero, para satisfazer sua esposa Popéa, que protegia os judeus, outorgou a impetrada mercê.

VI

Para o norte d'este oiteiro ficava o theatro, que Herodes o grande mandára edificar com ostentação espantosa em fórma semicircular. Ahi collocára os tropheus das nações vencidas; era todo cercado de inscripções em louvor de Augusto, e realçado com oiro, prata, pedras preciosas e ricas tapeçarias: como elle intentava tornar os seus jogos famosos, mandou-os publicar, tanto nas provincias vizinhas, como nas regiões mais afastadas. De todas as partes, pois, accorreram musicos, tangedores de todos os instrumentos, actores comicos e tragicos, histriões e mimos. Havia á roda assentos reservados para as pessoas de distincção; as outras ficavam de pé.

Mui proximo ao theatro era o Ephebion, vasto edificio que encerrava o gymnasio e a ephebia, tenebrosos prostibulos de immoralidades, autorisados por Antiocho Epiphanes. Essa depravada escola gentilica fôra construida junto do templo, e sem duvida na perversa intenção de contrastar com a decencia e decoro das ceremonias divinas. Por uma irrisão do destino, chamava-se Jesus o grão Sacerdote que erigiu o Ephebion, e o collocou debaixo da protecção da cidadella. N'elle se ensinavam ao povo as leis e ritos dos gentios: havia para os mancebos cursos de logica e philosophia, onde lhes inculcavam os principios dos philosophos gregos; depois em completa nudez esfregavam o corpo com oleo, e exercitavam-se na luta,

na esgrima e nos jogos scenicos. Na parte do edificio denominada ephebia facilitava-se aos jovens darem-se a todos os excessos da mais execravel devassidão. Este laço armado á mocidade inexperiente fez a grão numero abandonar a lei de Deus, para seguirem os vicios dos gentios, e tornarem-se perdidos de costumes e vendidos para fazerem o mal, a tal ponto que o contagio se propagou até á tribu de Levi, alguns membros da qual desampararam o serviço do templo e o culto de Deus, para aprenderem os exercicios gymnasticos.

VII

Logo ao norte do gymnasio ficava o palacio de Berenice, do qual já tive occasião de fallar. Era ella irmã ou prima (pois segundo o uso dos tempos chamavam irmãos aos primos) do Rei Agrippa, com quem viveu em Cesaréa. Estava ahi quando S. Paulo teve de defender-se perante o tribunal de Festo, a que assistiram Agrippa, o governador, Berenice e os varios magnates membros do conselho. Com tamanha eloquencia se exprimiu S. Paulo, que Agrippa acabou por dizer-lhe:

— «Por pouco me ias persuadindo a fazer-me christão.»

Ao que S. Paulo retorquiu:

— «Oxalá não ficasse n'isso, e que todos os presentes adorassem o meu Deus!»

Ditas estas palavras, retirando-se todos á parte, Berenice, como os outros, declarou que Paulo não tinha crime para ser morto, nem preso sequer.

E Agrippa acrescentou, voltando-se para Festo, que, segundo a sua opinião, se deveria soltá-lo, se não fosse já não pertencer elle á jurisdicção local, por ter appellado para Cesar.

O governador Floro tinha praticado inauditas crueldades, e mandado matar na praça do mercado, como já foi dito, nada menos de tres mil e seiscentas pessoas, inclusivè mulheres e creanças de mama. Por isso lhe deputou Berenice varias vezes officiaes de sua guarda, para lhe supplicarem que cessasse a effusão de sangue. Floro, porém, que não pensava senão em d'aquella maneira infame enriquecer-se, não só desprezou a intercessão de pessoa de tamanha jerarchia, senão que a carnificina continuou ante os proprios olhos da Princeza, que, apresentando-se pessoalmente na praça a implorar misericordia, teria sido trucidada ella propria, se se não houvesse apressado em refugiar-se no seu palacio, que tão perto lhe ficava. Apesar de tudo, Berenice, compadecida de tantos males, ousou ir no dia seguinte de pés descalços ao tribunal de Floro, a fim de implorar-lhe piedade; mas longe de ser acolhida com as honras devidas, ahi tornou a correr imminente perigo.

Na era de 65 depois de Christo, existia Berenice em Jerusalem, onde se conservava ainda durante o cerco da cidade, tendo occasião de prestar valiosos serviços aos seus conterraneos. Depois obteve a particular benevolencia de Vespasiano por suas dadivas, e por sua belleza a paixão de Tito, com quem viveu algum tempo em Roma no paço imperial; e houvera casado com elle, se este Principe, ao subir ao throno, se não visse obrigado a repudia-la, a fim de não ferir os preconceitos nacionaes e religiosos dos romanos.

É este o assumpto que Racine tratou na sua tragedia, que tomou o nome da protagonista.

VIII

É verdadeiramente para oeste d'estes terrenos, onde foram sitos o gymnasio e o palacio de Berenice, que principia a elevar-se o monte Acra, que é de todos os de Jerusalem o menos importante, mas outr'ora dominava do seu viso a cidade toda, formando uma especie de pão de assucar.

Hoje tudo isto se acha quasi nivelado com a mór parte da cidade. Começaram os trabalhos de nivelamento de antiquissima data. Já o Principe da nação judaica, Simão Machabeu, havia livrado os seus da escravidão dos macedonios, a quem se não pagou mais tributo algum; e o paiz no tempo do seu governo gosou de muitas prosperidades, e alcançou muitas victorias contra os vizinhos inimigos. Simão saqueou as cidades de Gazara, Joppe e Jamnia, e tomou de assalto a grande fortaleza que existia no topo d'este monte Acra, a qual demoliu até os alicerces, arrazando não menos o monte, para que não houvesse parte alguma de Jerusalem que ficasse a cavalleiro do templo. Para effectuar tamanhas obras, mandára elle de antemão juntar o povo, ao qual vivamente representou os prejuizos que lhe tinham resultado das guarnições d'aquella fortaleza, e os que ainda lhe podiam sobrevir, se algum Principe estrangeiro a restabelecesse.

Foi, pois, com indefesso trabalho que noite e dia se empregaram tres annos em se aplainar esta elevação; e tendo-se por outro lado aterrado os valles que a circumdavam, facil é de comprehender que o viajante mal póde hoje reconhecer pelo simples aspecto visual, que em tal sitio houvesse outr'ora uma escarpada montanha.

O verdadeiro monte Acra só se distingue tradicionalmente pelos dois monumentos que o coroaram, a saber: a cidadella de Antiocho Epiphanes do lado do sul, e o palacio de Helena do do norte.

Digamos alguma cousa sobre estes monumentos.

IX

A cidadella de Antiocho era alta e forte. Este Rei, após a carnificina de numerosos habitantes, o saque da cidade e do templo, o incendio dos mais sumptuosos edificios, fe-la erigir no alto do monte Acra, munindo-a de um triplice baluarte e de torres. Para guarda-la, e servir-se d'ella em caso urgente, poz alli uma guarnição de macedonios de envolta com uma escoria dos judeus; judeus tão perversos e impios, que não havia maleficio que deixassem de perpetrar contra os proprios concidadãos, e a quem Antiocho tinha feito apostatar; sendo essa relé que tres annos fez interromper os sacrificios tão gratos ao Senhor. Vinte e seis annos perduraram similhantes vexações, até que Simão Machabeu, como fica dito, libertou os judeus de tão odiosos inimigos.

X

Proximo a este logar e no mesmo viso, levantára Helena, Rainha de Adiabena, o seu paço, de que já fallei. Era esta matrona irmã e esposa de El-Rei Monobases,

o qual de outras mulheres tinha alguns filhos, mas d'esta só lhe nasceram Monobases e Isate. Tão excepcional era a ternura do Monarcha para com este ultimo, que inspirava ciumes aos irmãos, a tal ponto que, para evitar perigo a Isate, o mandou com ricos presentes ao Rei de Espazim, recommendando-lh'o extremosamente. Casou Isate com a filha d'este soberano. Monobases, já mui entrado em annos, desejou ver o querido filho, que, apenas se lançou nos seus braços, recebeu de seu pae o dom de uma fertil provincia e as provas da mais terna affeição. Fallecido Monobases, pretendeu a Rainha viuva que lhe reconhecessem por successor o filho Isate, segundo o desejo que seu marido manifestára antes de fallecer; mas emquanto Isate não chegava, nomeou ella o primogenito Monobases para Vice-Rei. Com effeito, ao chegar Isate, o irmão lhe entregou a purpura real e o annel do sêllo regio.

Acontecêra, porém, que durante a estada de Isate no paço de Espazim um mercador judeu, de nome Ananias, instruisse algumas damas da côrte no conhecimento do verdadeiro Deus; e como tivesse accesso junto a Isate, fe-lo entrar nos mesmos sentimentos. Outro judeu instruia ao mesmo tempo de igual fórma a Rainha Helena.

Vendo este virtuoso Principe que sua mãe se affeiçoára, como elle, á religião judaica, desejou observa-la em toda a sua extensão, apesar de lhe representarem que os seus vassallos não soffreriam vê-lo assim repentinamente passar a um culto estranho, nem ter por soberano um judeu. Havia fundamento para estas apprehensões; porquanto o irmão Monobases e os mais proximos parentes, vendo que a elle tudo corria afortunadamente, adoptaram a mesma crença; com o que tanto se irritaram os grandes do reino, que offereceram ao Rei dos parthos immenso dinheiro, para declarar guerra a seu Rei, que tinham por apostata, affirmando que na occasião da batalha todos elles passariam para o seu lado. Tudo succedeu como se combinára, ponto por ponto, e no fim de uma acção teve Isate de voltar para o seu acampamento como fugitivo; mas no dia immediato deu novo combate, matou innumeraveis inimigos, afugentou o resto, perseguiu o Rei Abia até ao castello de Arzause, que tomou de assalto, saqueou-o, e voltou cheio de gloria para Adiabena. Só o que ao seu triumpho faltou, foi apanhar vivo o Rei; mas já se tinha suicidado, para não ficar escravo d'elle.

Por morte de Abia subiu ao throno dos parthos seu irmão Vologeses, a quem os grandes renovaram iguaes promessas. Chega Vologeses á margem do rio que separa a Adiabena da Media. Isate põe em segurança a cidade e seus filhos, e vae acampar com seis mil cavallos junto do Rei dos parthos. Mandou logo Vologeses um arauto dizer a Isate que elle vinha ataca-lo com todas as forças do seu reino (o qual se estendia do Euphrates ás montanhas dos Bactuos) para o punir de lhe não ter obedecido como a seu senhor, e que d'isto o não impediria o Deus de Isate.

Respondeu este, horrorisado de tão grande blasphemia, que admittia a desigualdade d'estas forças humanas; mas que tambem sabia que o poder de Deus era infinitamente maior que o de todos os homens juntos.

Despedido o arauto, cobriu a cabeça de cinza, jejuou, ordenou aos seus que jejuassem tambem, prostrou-se até á terra ante a Magestade de Deus, e debulhando-se em lagrimas fez esta oração:

«Se não é debalde, Senhor, que eu me lancei nos braços da vossa misericordia,

e que vos reconheço pelo unico Senhor do universo, soccorrei-me, Deus meu, não tanto para me defender dos meus inimigos, como para castiga-los da sua audacia, e das hediondas blasphemias que ousaram proferir contra o vosso poder supremo.»

Na mesma noite foi Vologeses informado de que os dacios e outros haviam invadido o seu reino, vendo-se assim obrigado a levantar o campo in continenti.

A boa Rainha Helena, cada vez mais piedosa e grata a Deus, almejou por ir adorar a sua Magestade, e offerecer-lhe sacrificios no celebre templo de Jerusalem. Seguiu acompanhada de seu filho parte do caminho, chegando a Jerusalem com regio esplendor. Prestou os maiores serviços aos habitantes, como em outro logar ponderei.

O seu palacio foi queimado pelos romanos na occasião do cerco de Tito. Os filhos e os irmãos do rei Isate, e varias outras pessoas de qualidade renderam-se a Tito, que os acolheu bem, e mandou-os para Roma como refens.

Ahi existe hoje uma casa vulgarmente chamada hospital de Santa Helena, erecta provavelmente no mesmo logar onde fôra o palacio da Rainha dos adiabenos. Este edificio foi mandado construir pela sultana Rosselana, fallecida em 1557, que era a favorita de Solimão, filho de Selim, um dos mais celebres conquistadores da Palestina. O arco do portão está aformoseado com ornamentos de fórmas estagluttiticas.

Antigamente os ismaelitas tratavam alli doentes, mas agora só dão sustento a pobres. Para continuação d'esta obra pia tinha Solimão destinado os rendimentos dos tributos de Bestgiala, de Belem e Siloé.

Ainda lá se vêem hoje tres grandes caldeirões de Santa Helena. Este edificio vae caindo em ruinas, como tantos outros possuidos pelos musulmanos, os quaes antes querem edificar de novo que restaurar.

XI

Na base do monte Acra, e na direcção de noroeste, ficava da parte de dentro das muralhas uma edificação para uso do publico, especie de sala de armas, onde se exercitavam os fundibularios e bésteiros: alli celebravam festins publicos e jogos de varias especies; alli passeavam, e descançavam. Jeremias diz que os chaldeus lançaram fogo a esta casa do povo.

Tambem pela altura da raiz do monte, na mesma direcção do norte, ficava o amphitheatro, ou circo, especialmente destinado a certos espectaculos. Era inteiramente redondo, e tão espaçoso que dentro cabiam 80:000 homens, não se dando ahi senão representações cruentas; para fornecimentos d'este insaciavel minotauro, feras, leões, pantheras, touros, ursos, javalis, lobos e outros animaes indomitos e crueis. Ora o espectaculo era de lutadores e gladiadores, ora de animaes entre si, ora de feras contra condemnados á morte.

XII

N'esta parte da cidade só nos resta fallar da casa do mau rico, da qual parece serem umas ruinas, que se divisam pouco a nordeste do chão, onde era o amphi-

theatro. Geralmente os Padres da Egreja não consideram simples parabola a narração que por Jesus Christo foi feita, quando a seus discipulos doutrinou sobre os mais formosos principios da moral christã. Affirmam que o facto realmente succedeu, e que os seus protagonistas residiam n'este logar. Foi sim exposto pelo Redemptor, para exemplificar os perigos da riqueza avara e as vantagens da indigencia paciente. Teve não menos o intuito de explicar os designios da Providencia Divina, mostrando as compensações, que por meios invisiveis ao homem são reservadas no tempo e na eternidade.

Ha igualmente quem pretenda que o rico fosse Nabal, marido de Abigail; mas parece haver grande anachronismo n'esta supposição; e antes houve verdadeira misericordia para com o reprobo em deixar o seu nome esquecido á posteridade. Fosse este qual fosse, o certo é que o tal ricaço residia aqui no seu esplendido alcaçar.

Vivia a sabor, como é do uso d'aquelles a quem a fortuna ventou, despendendo rios de oiro em commodidades, grandezas, dissipações e bonachira; assim vestido de purpura e delicado linho, presidia todos os dias a lautos banquetes dados a numerosos e folgasões convivas. Succedia que n'uma espelunca fronteira morava Lazaro, o pobre, o mendigo, o pustuloso, o que por amigo só tinha um sabujo, um lambe-chagas; dolorido e esfaimado, ia collocar-se á porta do rico. Não implorava com labios, não, mas eram-lhe supplica muda a attitude, o gesto, as faces emaciadas, a molestia cruel; esperava que da mesa opipara caissem até elle algumas desprezadas migalhas para banquete seu. Nada d'isto inspirava dó ao epulão, que antes desperdiçaria thesouros em ostentações superfluas, do que se prestaria a acudir a tamanha penuria com os remanescentes dos seus pratos. Compaixão não encontrava Lazaro senão em seu rafeiro: este sim, que parecendo comprehender os soffrimentos do dono, vinha silenciosamente como que aconselhar-lhe paciencia, lambendo-lhe as chagas asquerosas. Essa paciencia, por um prodigio de resignação, e de esperança na compensação que aguardava um dia obter da Providencia, nunca faltou até á morte de Lazaro. Soou em fim essa hora para os outros tão tremenda, e tão almejada por quem n'ella via a aurora de eterno allivio. Implorou fervorosamente o Pae das misericordias, o verdadeiro rico dos ricos, o ainda mais rico dos pobres: fechou os olhos, e eis que no mesmo momento esse que na terra fôra ludibrio dos homens; esse que nenhum goso compartira com elles, foi instantaneamente rodeado de uma legião de Anjos, e os enviados do mais poderoso dos monarchas cumpriram a sua missão, servindo de côrte ao mendigo, erguendo em seus braços celestiaes o leproso, enchendo de luz o desalumiado, e conduzindo a alma bemdita ao seio de Abrahão.

O rico morreu tambem: quão diversa não foi a sua hora derradeira! O poderoso, o engolfado nas delicias, o que não considerava a humanidade senão pelo prisma dos seus interesses, o que nunca, nem na mente, nem no coração sentira influencia do nome do Senhor, daria tudo, daria tudo n'este momento, para lhe ser concedido um prazo em que podesse recuperar o perdido, congraçar-se com os homens, reconciliar-se com Deus! Era tarde! E foi de demonios que n'esse transe viu cercado o seu leito mortuario; em vez das palmas e das mãos celestes, as garras aduncas dos habitantes do inferno; em vez dos canticos divinaes, os gritos, as gargalhadas satanicas: fechou os olhos, e foi sepultado no inferno.

Estava o rico em meio de tormentos excruciantes e indescriptiveis, quando

ergueu os olhos ao alto, penetrando com elles até o empyreo, onde viu a Abrahão, e a Lazaro no seu seio, e exclamou no impeto da mais interna dor:

— «Meu pae Abrahão, compadecei-vos de mim! Mandae-me Lazaro para que com a ponta do dedo toque na agua, que me refrigere a lingua; porque estas labaredas que me abrazam, causam-me uma sêde, que já não posso supportar.»

— «Filho, lembra-te do que na tua vida fizeste, e do que Lazaro soffreu; por isso está elle agora consolado e rico de delicias; e o pobre de ti, o rico, envolvido n'esses tormentos! Não posso satisfazer-te; ha um abysmo entre nós; nem podemos passar para esse lado, nem vós passar para este do tormentoso logar onde penaes.»

E o rico retorquiu:

— «Então peço-vos, Abrahão, que mandeis a casa de meu pae, onde tenho ainda cinco irmãos, e os advirtaes das funestas consequencias do exemplo que lhes dei.»

XIII

Na mesma região e no extremo angulo de noroeste do templo ficava o palacio dos archivos ou da chancellaria, onde se guardavam os registros da cidade, ou tombos das casas dos habitantes e os titulos dos credores. Era uma especie de torre do tombo de Jerusalem. Queimaram os sediciosos este edificio, depois de terem expulsado os guardas d'elle, com o intuito de assim destruirem as obrigações e os contratos comprobativos de debitos, de facilitarem aos devedores o meio de se lhes aggregarem, já sem temor de perseguição por dividas, armando assim os pobres contra os ricos.

Em linha recta para o norte ficava o palacio da justiça, chamado em hebraico *Gazith* e pelos judeus *Synhedrim*, palavra que vem do grego *Synedrion*, que significa ajuntamento de homens sentados. Nenhum tribunal tiveram os hebreus de maior autoridade que este, que interpretava a lei, e dava aos estatutos o sentido que lhe aprazia; sendo considerados os que ás suas determinações se não sujeitavam como rebeldes e excommungados. N'este synhedrim compareceram os Apostolos, e foram interrogados e fustigados; sendo d'este conselho que elles sairam jubilosos, por haverem sido julgados dignos de, pelo nome de Jesus, serem cobertos de affrontas.

Logo ao oriente d'este palacio ficava a prisão da cidade, sendo a esse carcere que o Anjo desceu uma noite, para libertar o Apostolo, o qual continuou a prégar, a despeito das perseguições.

Eis tudo quanto posso dizer ácerca da metade occidental da cidade inferior. Não occulto que a topographia exclusivamente observada ter-me-hia obrigado ainda a fallar de grande parte da rua da Amargura, porquanto a esta secção da cidade pertencem os logares da rua onde Jesus Christo se encontrou com sua Mãe, onde Simão Cyreneu foi chamado para ajudar a carregar a Cruz, onde debaixo d'ella caiu Jesus pela segunda vez, onde se lhe apresentou a Veronica, e onde finalmente ficava a porta judiciaria, pela qual seguiu o prestito até o Calvario; porém como esse drama tremendo começou muito mais longe e na parte oriental da mesma cidade inferior, considero de meu dever não desligar assumptos tão grandiosos e de tão intima connexão; e por isso reservo para um capitulo especial a descripção d'essa infausta rua e da scena que ella rememora.

CAPITULO XXXVI

I. Cidade inferior ao norte do templo entre as muralhas orientaes e a torre Antonia. Piscina Probatica. A cura do paralytico por Jesus Christo.—II. A casa de Santa Anna. Sua vida e morte. Consagração de Maria Santissima.

I

Percorreremos agora toda a parte da cidade inferior, septentrional ao templo, e circumscripta pela muralha ao oriente e ao norte, e pela torre Antonia ou pretorio ao occidente.

A pouca distancia da região do templo, e particularmente do logar d'elle onde eram as habitações dos Sacerdotes, encontra-se um enorme reservatorio, que outr'ora fôra de aguas, e profundissimo, hoje atulhado e até produzindo nopaes, figos de Pharaó e outras hervas e arbustos. Já da parte do oriente o alto muro jaz a meio derrocado, mas não assim dos outros tres lados, cuja veneranda vetustez bem está confirmando a massa de trinta seculos, que sobre essas pedras hão pesado. São esses os restos da afamada piscina Probatica, ou tambem tanque de Salomão, *Stagnum Salomonis,* de que falla Flavio José.

Piscinas se denominavam n'aquelles tempos uns mais ou menos vastos reservatorios de agua, que muitas vezes mais eram simples tanques para abastecimento commum, do que viveiros de peixes, d'onde o nome lhes adveiu.

Quanto ao epitheto Probatica, derivou-se do grego *probaton,* que significa ovelha; e este nome lhe foi dado, porque n'essa piscina se lavavam as ovelhas e outros animaes destinados aos sacrificios no templo.

Corriam as aguas para este reservatorio immenso por meio de canaes subterraneos, que as transportavam do templo e suas dependencias, assim como de uma vizinha fonte. É um quadrilongo de 109 metros de comprido, 40 de largo, e que outr'ora teve 23 de profundeza.

Os hebreus lhe chamavam Bethsaida, que quer dizer *domus frugum,* ou segundo outros Bethesde, que vale o mesmo que lago, na opinião de uns; e na de outros, casa da misericordia.

Para essa piscina se entrava por cinco porticos ou galerias.

N'este logar se realisava annualmente um estupendo milagre. Em certo dia, que não temos fundamento solido para determinar, baixava á piscina um Anjo agitando as aguas; o primeiro enfermo de qualquer molestia que fosse, que n'ellas mergulhasse, ficava de subito curado.

A circumstancia de recobrarem a saude n'esta piscina os que a ella desciam,

depois de agitadas as aguas pelo Anjo, era no tempo da lei antiga a imagem da pia baptismal, onde acham vida e saude espiritual os enfermos do peccado.

É por isso que, especialmente na occasião das festas dos judeus, accorria sempre aos alpendres multidão de coxos, cegos e paralyticos, esperando o movimento das aguas.

É este o logar onde estava aquelle enfermo que havia trinta e oito annos jazia impossibilitado de mover braços, nem pernas. Quiz a Providencia Divina que esse paralytico estivesse em tal momento e em tal sitio, quando Jesus Christo resolveu despertar n'elle o sentimento da propria debilidade e miseria, move-lo a esperar a cura, e a fixar a attenção no milagre e seu autor; e pois que a cura do corpo é imagem da espiritual, quiz ensinar-nos que na justificação do peccador é mister o concurso da sua vontade; é por isso que Santo Agostinho escreveu: «Quem te creou sem ti, sem ti te não salvará».

Vendo Jesus portanto ao misero deitado em terra, perguntou-lhe:

— «Queres saude?»

Reputou o enfermo a interrogação como censura de ser elle um tão antigo enfermo junto de tão saudavel piscina, e justificou-se dizendo:

— «Ah! Senhor! quanto eu não almejaria pela minha pobre saude! Porém não tenho homem que prestes me arremesse depois da agua agitada; quando eu lá chego, já outro se antecipou, e por isso me é defeso aproveitar-me da virtude que o Anjo infunde n'esta piscina.»

— «Levanta-te, diz-lhe Jesus, toma o teu grabato, e marcha.»

Tomou o grabato, e marchou.

Mas aquelle dia era o sabbado, e por isso os judeus exprobraram ao enfermo d'esta fórma:

— «Homem, adverte que hoje é sabbado, não te é licito carregar com o grabato.»

— «Carregarei com elle, porquanto aquelle que teve poder para sarar-me, mais poder tem ainda para me ordenar, e eu obedeço.»

— «Então quem é esse homem, esse violador da lei que te disse: Toma o grabato, e marcha?»

Não soube responder, visto como já o Salvador se havia retirado, para evitar applausos de uns e invejas de outros. Porém depois encontrando-o no templo, Jesus lhe disse:

— «Olha! estás curado; mas não tornes a peccar, para que te não succeda peior.»

E aquelle homem jubiloso por haver encontrado o bemfeitor, no auge da sua gratidão, poz-se a exclamar que já conhecia a quem devia mais que a vida, que era Jesus. Os impios por isso mesmo entraram a perseguir o Redemptor, bradando que quem taes cousas praticava aos sabbados, era réu de morte. E Jesus fallou assim:

«Nunca, desde a origem do mundo, descançou meu eterno Padre. Se levantou a mão um dia depois da creação, sendo esse dia que Elle ordenou se honrasse pela observancia do sabbado, não lhe impediu esse intervallo as manifestações do seu poder na conservação de suas obras, nem as operações de sua graça na santificação das almas. E pois que eu constituo com Elle um e o mesmo principio das operações divinas, tambem com Elle incessantemente opero.»

Redobraram assim as iras dos judeus.

«Pois que? esse homem não só obrará milagres nos sabbados, mas dir-se-ha de natureza sobrehumana e igual ao mesmo Deus?»

Comquanto Jesus Christo, em seus celestiaes ensinos, procurasse esclarecer aquellas almas obcecadas, nem por isso ellas se renderam á evidencia de tão paternaes admoestações.

Arranquemo-nos a uma doutrinação em que se nos vão os olhos, e continuemos em nossas descripções.

Entre a piscina Probatica e o templo existia outr'ora uma correnteza de casas, onde residiam os Nathineus, que eram uns homens obrigados a servir o templo de lenha e agua. Eis-aqui a origem d'este mister. Os israelitas, entrando em fim na terra que desde tão longo tempo lhes fôra promettida, eram uma figura dos christãos que n'este mundo combatem para conquistar o ceu, que lhes é promettido, uma vez que perseverem nos seus combates.

Josué, que por Deus fôra escolhido para continuar, após a morte de Moysés, a conduzir o povo judeu, voltando da servidão do Egypto para a terra promettida, fez passar os israelitas o Jordão a pé enxuto, como outr'ora passaram o mar Vermelho. Chegou finalmente, após quarenta annos de marcha através do vasto deserto da Arabia Petréa, á planicie de Jericó, onde o povo comeu fructos da Terra de Promissão, e o manà cessou de caír. Appareceu um Anjo a Josué, e disse-lhe:

«Tirem as sandalhas dos pés, porque é santo o logar onde estão.»

Avançou Josué; e ao som de suas trombetas, caíram as muralhas de Jericó; e continuando em victorias, ligaram-se contra o povo de Deus todos os habitantes desde o Libano até o monte Seir, e desde o Mediterraneo até o mar Morto e o de Tiberiades. Mas os habitantes de Gabaon, vendo o que estava a succeder, e receando por si, juntaram viveres, deitaram pão duro em saccos rotos, vinho em odres velhos, cobriram-se de vestes esfarrapadas, e apresentaram-se a Josué, dizendo que chegavam de um paiz muito remoto, só pelo desejo de fazerem alliança com elle, por saberem quanto o Senhor tinha feito a favor de Israel no Egypto, e como elle tinha tratado Sehon Rei dos amorrheus, e Og Rei de Basan (este Rei de Basan era o unico supervivente da raça dos gigantes; mostrava-se ainda em Raebath o seu leito de ferro de 14 pés de comprido e 6 de largo). Josué compadeceu-se, e prometteu salvar-lhes a vida, por não acreditar que elles fossem do numero dos que o Senhor lhe havia dito que aniquilasse; mas tendo vindo a saber que habitavam apenas a 11 leguas de Jerusalem, reprehendeu-lhes haverem-no illudido, e se não os matou, visto haver dado palavra, condemnou-os a cortar perpetuamente lenha, e a levar agua para serviço e uso do templo. Ainda lhes prestou outros serviços, sendo porém certo que estes gabaonitas ficaram servos natos do povo de Israel sob o nome de Nathineus.

Entre as casas dos Nathineus e a piscina Probatica ficava a elevadissima torre Ophel, onde se refugiou de balde o tyranno Manahim, sendo ahi colhido e assassinado, e depois queimado pelos romanos.

II

Ao norte da piscina Probatica existe hoje uma egreja erecta sobre as ruinas de outras successivamente levantadas no logar da casa de Santa Anna, mãe da Virgem

Immaculada. Nascêra Anna em Belem, na tribu de Judá; era seu pae Mathan, Sacerdote de Belem, da tribu de Levi e da familia sacerdotal de Aaraud; Maria, sua mãe, era da tribu de Judá, ambos distinctos por nascimento, probidade e vida exemplar. Tiveram tres filhas: a primogenita Maria casou com Cleophas, e deu á luz S. Thiago Menor, S. Judas, S. Simeão (successor de S. Thiago, bispo de Jerusalem) e S. José, cognominado Barrabás, ou o Justo. São estes santos discipulos os que o Evangelho chama irmãos do Salvador, pois os judeus denominavam irmãos aos primos. A segunda irmã de Santa Anna foi Salomé, mãe de Santa Isabel, prima germana da Santissima Virgem, e mãe de S. João Baptista. Finalmente a terceira filha de Maria e Mathan foi Santa Anna, avó do Salvador.

Procurada em casamento pelos mais distinctos da nação, foi concedida a S. Joaquim, filho de Barbanther, que descendia de David por Nathan. Por esta ditosa alliança reuniu-se a raça sacerdotal na mesma familia com o sangue regio; o que era necessario, para que o fructo de tal matrimonio podesse na plenitude dos tempos ser Mãe do Messias. Diz-se que Santa Anna e S. Joaquim, já velhos, impetraram a Deus que os libertasse da macula, então infamante, da esterilidade, protestando consagrar o filho ou filha ao serviço do templo. Ouviu Deus aquelles votos, e nove mezes depois, a 8 de setembro, nasceu Nossa Senhora. Chegada aos tres annos, foi mister operar-se o sacrificio, e cumprir-se a promessa. Santa Anna levou ao templo de Jerusalem a filha, e apresentando-a ao grão Sacerdote, consagrou a Deus a mais pura das victimas. Como porém os Santos Esposos não podessem comsigo arrancar-se totalmente á companhia do adoravel fructo de suas entranhas, deixaram Nazareth, vindo estabelecer-se em Jerusalem em sua casa perto do templo. S. Joaquim pouco sobreviveu á consagração de sua filha; mas a suprema consolação de a ver, durante onze annos, crescer em sabedoria e virtude, coube ainda a Santa Anna até que morreu, e a Egreja chama a sua morte um somno doce.

A referida egreja de Santa Anna foi por varias vezes reedificada, e ahi se celebrava a festa da Santa com extraordinaria pompa. Guardavam este santuario religiosas da ordem de S. Bento. O Rei Balduino encerrou sua mulher Judith n'esse convento, no anno 1014, obrigando-a a professar. Quando os sarracenos se apoderaram de Jerusalem, as religiosas da abbadia de Santa Anna, como as claristas de S. João d'Acre, cortaram o nariz umas ás outras para se tornarem hediondas, e escaparem aos ultrajes dos musulmanos.

N'esse anno de 1187 todas as egrejas de Jerusalem, excepto a do Santo Sepulchro, tinham sido convertidas em mesquitas, como succedeu á de Santa Anna; e o Sultão juntou a esta uma escola de fakirs da seita de Sehafei; mas esta escola não subsistiu muito tempo. Quanto á mesquita, só foi desamparada em 1761, pretextando elles que se fazia muita bulha nos arredores, e que por isso não se podia alli orar com socego. Caiu em ruinas, e em 1842 o pachá atirou com esses restos para a piscina Probatica, sendo então que se descobriram alguns porticos do antigo claustro, suppondo-se muito tempo que uma das arvores, que ahi havia, tinha sido plantada pela Virgem nos seus verdes annos.

Ainda ha tres seculos Frei Pantaleão de Aveiro viu este convento no interior em muita parte inteiro, tendo mui curiosos claustros, com laranjeiras e alegretes, e uma egreja perfeitamente acabada, com seu côro alto e sua gelosia pintada e doirada. Os cacizes lhe permittiram entrar tanto na egreja como no côro, e então viu que dentro moravam alguns santões com as suas familias, e desceu, não por

uma escada, mas pondo uma tábua, a modo de prancha, á tal capella subterranea, a qual estava toda pintada de imagens, aliás mui damnificadas, de Santos e historias sagradas. Disseram-lhe que no tempo em que a Terra Santa era dos christãos tinham as religiosas d'este mosteiro uma espaçosa mina, pela qual sem trabalho algum podiam ir ao sepulchro de Nossa Senhora, no valle de Josaphat.

N'este logar tão venerado pelos catholicos quizeram primeiro os inglezes elevar o seu templo; mas Ibrahim-Pachá, a fim de impedir isso, fez ahi construir um minarêto, que aliás não teve tempo de acabar.

O sitio mais especialmente designado como o em que nasceu Maria Santissima, é uma gruta aberta na rocha, que está debaixo de parte do côro da egreja e do angulo nordeste do convento. Outr'ora descia-se a esse logar solemne por uma portinha da egreja e uma escada de doze degraus; mas a porta foi tapada pelos musulmanos, de sorte que, para lá entrar, eram os peregrinos obrigados a passar por uma janella, e ajudando-se uns aos outros, chegavam ao escuro subterraneo, onde estiveram as sepulturas de Anna e de Joaquim; e depois ha outro maior, onde se suppunha ter nascido a Virgem, e cujas paredes conservavam alguns restos de pintura, do mesmo modo que as da egreja superior.

Comquanto as imagens sejam prohibidas pelo alcorão, parece que duas mulheres musulmanas interpretavam ás vezes estas pinturas a seu modo, applicando-as ao nascimento e á vida de Mafoma.

Duas vezes por anno, nas festas de Santa Anna e da Natividade, iam os franciscanos de madrugada com os catholicos de Jerusalem, e em compensação de certa retribuição, celebravam nas capellas subterraneas.

Taes são as ruinas do convento e da egreja de Santa Anna, que o Sultão cedeu a Napoleão III, em 1856; já hoje se achará restaurado este lindo templo; porquanto estava proximo á conclusão quando n'elle entrei.

Que a Sacra Familia ahi habitou é incontroverso; outro tanto não póde dizer-se quanto á opinião relativa ao nascimento da Virgem, sobre o qual a Escriptura é muda. Querem uns que ella nascesse em Sephoris, cidade da Galiléa, perto de Nazareth, onde ha tambem ruinas de uma bella egreja, outr'ora dedicada a Santa Anna. Em geral as tradições orientaes favorecem a opinião do nascimento em Jerusalem. Terceiro parecer, e que tem por si as bullas de varios Papas, colloca esse berço em Nazareth, na casa que hoje se venera em Loreto, dentro da qual tive a insigne fortuna de celebrar missa, no altar da Annunciação erecto no proprio logar onde se verificou a angelica embaixada. D'esta opinião é o cartuxo Ludolpho de Saxonia, o qual, na sua *Vida de Christo* [1], se exprime assim: «No anno 26.º do Imperador Augusto nasceu a gloriosa Virgem Maria, filha de Joaquim de Nazareth e Anna de Sephoris, villa duas leguas distante de Nazareth». O auctor da *Eva e Ave* dá-a nascida em Sephero.

Mui perto da casa de Santa Anna e para o norte d'ella ficava o palacio de Monobases, vice-rei dos adiabenos, primogenito da Rainha Helena e irmão do Rei Isate.

Nada mais se nos offerece n'esta região digno de ser mencionado.

[1] Existe na bibliotheca nacional de Lisboa, onde o manuseei, um exemplar da rarissima edição da versão d'esta obra, mandada fazer pela Infanta D. Isabel, duqueza de Coimbra, impressa n'aquella cidade em 1495 (seculo da invenção da imprensa), exemplar em magnifico papel, com bem formados caracteres gothicos, cifras, assignaturas, estampas e tarjas em madeira. Tambem n'aquelle archivo existe o original d'aquella versão, que pertenceu ao mosteiro de Alcobaça; assim como a primeira edição do original feita por Egestein, em Strasburgo, no convento da Cartuxa em 1474.

CAPITULO XXXVII

I. Cidadella Antonia. Rochedo Baris. — II. Torre de Straton. Aristobulo e Antigono. — III. A abobada subterranea. — IV. Xystus ou *Ecce Homo*. Palacio ou pretorio de Pilatos. A Escada santa. Lithostrotos. Egreja, hoje quartel de soldados. — V. Egreja da Flagellação. — VI. O Padre Ratisbona. — VII. Collegio de catecumenos. Confraria de Nossa Senhora de Sião. — VIII. A rua da Amargura. O mausoleu do Pontifice Ananias. Calvario.

I

Da cidade inferior só me resta fallar da cidadella Antonia e do pretorio, ou paço dos governadores romanos.

A cidadella Antonia, extremamente forte e cercada de baluartes, adjacente ao templo do lado do norte, foi edificada por Hircano Machabeu sobre um rochedo de 75 pés de alto, inaccessivel de todos os lados e que primeiro foi chamado *Baris*.

N'essa torre habitaram todos os Pontifices desde os Machabeus até o reinado de Herodes. Alli depunham elles, após as grandes solemnidades, o seu vestuario pontifical n'um armario, que se fechava com o séllo dos sacrificadores e dos guardas do thesouro do templo; ante esse armario ardia de continuo uma lampada.

Herodes, achando esta cidadella sita em logar conveniente e proprio para conter os habitantes que se rebellassem, fortificou-a em extremo. Encrustou de marmore a rocha da base ao cume, tanto por amor da belleza, como para torna-la escorregadia, de modo que se não podesse subir nem descer. Fortissima por fóra, era por dentro um palacio magnifico, quasi uma pequena cidade. Deu Herodes a esta cidadella o nome de Antonia em honra do seu amigo e protector o triumviro Marco Antonio. Nos sitios onde as torres communicavam com as galerias do templo, havia á direita e á esquerda degraus por onde a guarnição subia e descia nos dias de festa, para obstarem a qualquer sedição.

II

Denominava-se torre de Straton um corredor escuro entre esta cidadella e o templo; foi n'ella que Aristobulo, que havia associado no reino a seu irmão Antigono, o mandou matar pelos seus guardas, em consequencia de calumnias que até então repellira. Antigono, ao voltar da guerra com soberbo apparato, nos dias em que se celebrava a festa dos tabernaculos, subiu com toda essa magnificencia ao templo, acompanhado de guerreiros, com o unico designio de offertar votos a Deus pela saude do Rei seu irmão. Ao Monarcha, então doente na torre Baris ou Antonia, foram dizer que, não se contentando Antigono de lhe estar associado

no reino, queria possui-lo só; e que era por isso que se apresentava com toda aquella magestade e tenção de o matar. Ordenou Aristobulo aos seus guardas que n'este corredor se escondessem, e o deixassem passar, se desarmado, ou o matassem, se levasse armas. Mandou ao mesmo tempo dizer ao irmão que viesse inerme; porém a Rainha, mãe dos dois irmãos e inimiga de Antigono, fez com que o mensageiro lhe dissesse que, ouvindo o Rei ter elle trazido de Galiléa lindas armas, lhe rogava que se lhe apresentasse armado, para vê-lo em todo o esplendor. Corre Antigono alegre, e ao passar pela torre de Straton é morto pelos guardas. Quando Aristobulo soube de tamanha crueldade encheu-se de remorso, peiorou e fez morrer de fome sua propria mãe em prisão. Apoderou-se d'elle profunda tristeza, ulceraram-se-lhe as entranhas, e vomitou muito sangue, que um creado casualmente foi lançar no mesmo sitio onde appareciam ainda os signaes do sangue de seu irmão. Os que isto viram, imaginaram ser um sacrificio que Aristobulo offerecia aos manes do Principe, e tão estrepitoso alarido fizeram que chegou ao seu conhecimento. Ameaçou o Rei a sua gente, a qual confirmou o que se passára; e então em voz extincta, reanimando os proprios alentos que lhe restavam, e debulhado em lagrimas amargas, exclamou:

«Ai! Como podia eu esperar que o Ente Supremo, aquelle que tem os olhos sempre cravados sobre tudo o que no mundo se passa, ignorasse meus crimes! E como podia elle deixar de punir o fratricidio!»

Proferidas estas palavras, expirou.

III

N'este logar e debaixo da terra, Herodes o velho, depois de ter reedificado o templo, mandou construir esta abobada subterranea, que ia da torre Antonia até a torre oriental do templo, junto da qual ergueu segunda torre, a fim de poderem elle e os seus successores, em caso de sedição, chegar ao templo sem ser vistos. Tão vasta era similhante galeria, que ahi se podiam commodamente alojar 600 cavallos.

IV

Na parte superior da collina havia uma ponte e um portico por onde se passava do Xystus para o templo, e da cidadella Antonia para além do profundo valle de Cedron. Os partidarios de Aristobulo contra Pompeu cortaram-na a primeira vez, sessenta annos antes de Jesus Christo, para impedirem os romanos de tomar o templo de escalada; o que todavia elles fizeram, penetrando Pompeu no santuario, que nenhum profano pé havia jamais calcado. Os sediciosos cortaram esta ponte segunda vez, para impedirem Floro de se apoderar do templo, passando pela cidadella Antonia.

Chamou-se depois pretorio de Pilatos, não porque fosse propriedade sua, mas porque era a residencia dos procuradores romanos, e por terem estes as suas guardas pretorianas n'um grande quartel dentro do edificio. O pretorio propriamente dito era a grande sala das audiencias, dividido do palacio de Pilatos por um passadiço que unia os dois edificios.

Melancolica e sinistra soa aos ouvidos christãos a voz: Pretorio de Pilatos! Este nome encerra todos os passos dolorosos da Paixão do Redemptor!

Do lado septentrional do oiteiro, sobre o qual estava collocada a cidadella, passava-se por outro xysto para o palacio dos governadores romanos. Este xysto era uma grande e vasta galeria elevada acima da praça publica, na fórma de uma ponte saxea, com uma arcaria; ponte por cima da qual se podia passeiar ao ar livre. Por ella é que se transitava do palacio de Pilatos para a cidadella Antonia, e da cidadella para o templo. De tão alto e seguro logar é que os governadores romanos dirigiam a palavra ao povo. Foi d'esta galeria que o Rei Agrippa fallou aos judeus, com eloquencia tal que os impediu de se rebellarem contra o governador Floro, persuadindo-os a que ficassem sujeitos aos romanos. É esta galeria ainda celebre pelo famoso successo do *Ecce Homo,* de que em seu logar tratarei.

Entretanto, desde já direi que ainda hoje subsiste um arco de pedra e cal que transpõe a rua da Amargura, e a que dão o titulo de *Ecce Homo*, por se sûppôr ser esse exactamente o balcão d'onde Pilatos apresentou Jesus Christo ao povo enfurecido, dizendo: *Eis-aqui o homem.* Ao lado direito existe hoje uma formosa egreja, dentro da qual está um pedaço do antigo arco do *Ecce Homo,* descoberto nas excavações feitas a fim de aplainar o terreno para a egreja. Debaixo d'este arco está collocado o altar mór, a que serve de docel, e em cima da curva do arco estão duas estatuas, uma de Christo e outra de Pilatos. Adherente por este xysto á cidadella Antonia ficava o palacio de Pilatos. Era mais vasto, sumptuoso e elevado que todos os outros edificios da cidade. Subia-se áquella por uma escadaria marmorea, por onde Jesus, no dia da sua Paixão, subiu tres vezes: para o interrogatorio, voltando da casa de Herodes, e depois da flagellação. Esta escada de 28 degraus foi transportada para Roma por ordem de Constantino, e alli está collocada n'uma capella proxima á egreja de S. João de Latrão, edificada no monte Celio, e chamam-lhe os romanos *Scala sancta.* Os fieis de ambos os sexos que a visitam com espirito de fé e piedade, sobem por ella, mas sempre sobre os joelhos, como a mim me succedeu; sendo espantoso o concurso que ahi diariamente accorre. Para evitar o gastarem-se os degraus com o attrito de tantos joelhos, foram aquelles revestidos de grossas tábuas de nogueira, que tem sido preciso renovar algumas vezes. N'um dos degraus está um vidro redondo, através do qual parece entrever-se uma certa mancha, n'um logar que dizem ter sido ensopado pelo Redemptor com o seu sangue.

Na parte septentrional do palacio de Pilatos ficava o logar que em grego chamavam *Lithostrotos* (pavimento de pedra, por ser este composto de mosaico de marmore multicôr) e os hebreus *Gabbatha* (voz syriaca significando elevado, eminente).

Já se vê que o termo *Lithostrotos* não tem referencia alguma de per si á idéa de tribunal. Os romanos deram este nome grego a estradas suas, calçadas de cantos de formação vulcanica (silex); tambem o deram até a uma praça, *area, forum,* quando era, como de ordinario, calçada de lages chatas e largas; denominaram assim o chão de um edificio, como o pantheon em Roma, formado de tábuas de porphyro; mas apesar de tudo, a verdadeira traducção da palavra nos textos em que a empregam, é mosaico. Naturalmente o tribunal de Pilatos terá assumido este nome por causa do mosaico do pavimento; e terá sido construido exteriormente, por condescendencia com os judeus, que repugnavam penetrar no pre-

torio, porque reputavam os gentios como immundos, em cujas casas se não podia entrar, pois contaminavam para logo tudo aquillo que tocavam.

Os christãos, para honrarem a memoria dos inauditos soffrimentos a que Jesus Christo se sujeitou n'esse logar, elevaram ahi um templo, que depois serviu de morada á autoridade turca em Jerusalem, e hoje serve de misero quartel de soldados, conservando aliás alguns paredões; assim como se reconhece ainda o vestigio da famosa escadaria, proximo á qual está uma especie de capella redonda, coberta por uma cupula. Ahi se conserva um fragmento da rocha santa sobre que, segundo os mussulmanos, Jacob repousára, quando teve a visão da escada mysteriosa.

O logar onde Jesus foi coroado de espinhos ficava onde hoje é o quartel turco, achando-se ainda indicado por uma capellinha, no meio da qual se vê o tumulo de um dervis.

V

A quarenta e cinco metros para alem do quartel vê-se á esquerda uma portinha de ferro, por onde se penetra no adro da egreja da Flagellação, erecta no logar onde Jesus Christo soffreu aquelle terrivel ultraje. A antiga egreja foi, no anno de 1618, convertida em cavallariça de Mustafá Bey, filho do então pachá de Jerusalem; mas na mesma noite em que a velha egreja se convertia em estabulo (era a de 14 de janeiro de 1619, em que se celebrava a festa do Santissimo Coração de Jesus) inopinada e completamente desabou o novo edificio. Não viu o insano mancebo n'este fracasso indicio algum de vontade superior, e attribuindo o successo á impericia dos architectos, ordenou que sem perda de um momento se reerguesse outro, para que fosse levada ávante a sua incontrastavel vontade; e juntando a profanação á insolencia, determinou que o edificio se restaurasse com todas as exterioridades de egreja, mas no interior substituindo os altares por manjadoiras. Feito isto, larga copia de cavallos, mulas e jumentos foi transportada para o pomposo asylo que Mustafá Bey lhes destinára. No dia seguinte amanheciam mortos todos os pobres animaes! Aturdido agora com tão significativa prova da celeste indignação, recuou o audaz mancebo de seu sacrilego proposito, e declarando altamente ser-lhe manifesto que Mahomet não queria que fosse profanado qualquer logar consagrado ao culto de alguma religião, abriu mão do seu intento durante toda a vida, e no testamento recommendou aos herdeiros respeitassem os santuarios, fosse qual fosse o culto que n'elles se tributasse ao Supremo Creador do universo.

Desde então ficaram interdictas essas paredes, até para os mussulmanos; finalmente desmoronaram-se, e em 1838 os catholicos, aproveitando-se da brandura do governo egypcio, alcançaram d'elle a permissão de reedificarem a egreja da Flagellação, o que foi feito com os recursos ministrados pelo duque de Baviera, Maximiliano. Frei Serafim, religioso napolitano incumbido da obra, levantou um bello templo com cinco altares, um pequeno côro, uma sacristia, e bem assim um jardinzinho, onde se cultivam muitas flores para adorno do santuario. Por traz do templo excavou uma cisterna, e cercou todas as dependencias de um forte quadrilatero, deixando só uma estreita porta de ferro, para impedir o velho abuso de penetrarem os turcos a cavallo até o atrio dos templos christãos.

Mora n'esse edificio um leigo franciscano, o qual a toda a hora do dia ou da noite abre a porta aos romeiros, e não menos aos pobres que ahi vão mendigar. Todos os dias alli celebra missa um religioso do convento de S. Salvador, e na Quinta Feira Santa vae lá toda a confraria entoar o officio correspondente ao mysterio do dia.

A simplicidade do templosinho, a sua fachada elegante, a solidão do sitio, as lampadas que ardem em torno dos altares, as flores que os adornam, a memoria emfim de tão doloroso passo da Paixão do Homem Deus, tudo inspira alli recolhimento e piedade.

No altar mór d'essa egreja tambem eu tive a ventura de dizer missa. Está esse altar collocado exactamente no sitio onde Christo foi flagellado; sendo mui curiosa e original a sua disposição. Exactamente no logar onde esteve a columna infame, foi posta outra de marmore, á qual apparece ligada uma imagem tambem marmorea do Divino Redemptor, com o sangue espadanando das feridas, e destacando-se da alvura da estatua a rubra côr. Representa tão verdadeira a dor do flagellado, que as carnes do espectador se arrepiam ao encarar aquella notavel obra de arte, por se lhe assimilhar a idéa da verdade tremenda, no tocante ao successo e ao logar. A ara fica exactamente sobreposta á cabeça da imagem. Esta costuma estar coberta aos olhos do publico por um veu de côr verde; porém quando eu celebrei o santo sacrificio (e não sei se é de uso proceder-se sempre assim) correu-se aquelle veu para ambos os lados, de modo que durante o tempo todo da missa era dado aos assistentes encararem a imagem, dirieis viva, do horroroso feito outr'ora alli occorrido.

VI

Cheguei a sitio em que me não é possivel continuar, sem referir um incidente, que a final vem a prender do modo mais sympathico e intimo com a historia do chão que o meu leitor comigo está pisando.

Uma das mais gratas recordações que eu trouxe da Terra Santa, no que respeita á convivencia com habitantes d'aquellas terras, é a das relações estreitas e para mim deliciosas, que travei com o venerando padre Affonso Maria de Ratisbona, cuja biographia tem sido cem vezes repetida nos ultimos tempos, com applauso de todos os crentes e maior gloria do Senhor; ei-la em resumo.

Nascido na cidade de Strasburgo, no anno de 1814, de uma opulentissima familia israelita, fôra educado na aversão a todos os mysterios e principios do Christianismo; espirito altamente illustrado, applicava constantemente as argucias do seu talento a contrariar todas as verdades christãs, e a escarnece-las. Era seu cordeal amigo o barão de Bussierre, comquanto as crenças de ambos fossem diametralmente oppostas.

Um irmão, de nome Theodoro de Ratisbona, já por virtude de profundos estudos e de illuminação divina havia abjurado o judaismo em 1827, chegando a ordenar-se presbytero em 1830, tornando-se afamado por piedade e illustração, e ainda mais pela traducção e commentario das obras de S. Bernardo. Toda a familia d'este illuminado se indignou com a que denominavam apostasia de um de seus mais prec'aros membros; essa indignação subiu de ponto no espirito de Affonso; qualificava até o acto de seu irmão como *fructo de inexplicavel loucura.*

Profundos são porém os designios da Providencia! Alguns annos depois, captivo da formosura de uma donzella israelita e opulentissima, ajustou casamento com ella; mas deliberou fazer primeiro uma excursão pela Italia. Achando-se em Roma, e frequentando o seu inseparavel amigo o barão de Bussierre, aconteceu que um dia entre ambos se travasse discussão porfiada sobre assumptos religiosos. Acabou o barão por lhe dirigir uma fervorosa supplica, impetrando-lhe que, a despeito da sua incredulidade, lançasse ao pescoço certa medalha da Virgem Milagrosa; e rogou-lhe que na occasião de recolher-se, repetisse sempre, ainda que fosse machinalmente, aquella brevissima oração de S. Bernardo, que principia: «*Memorare piissima Virgo Maria*».

Desde que assumira o compromisso, era Affonso demasiadamente cavalheiro para despreza-lo. Recolhido a seus aposentos, recitou a prece, e deitou-se. Era a noite de 19 para 20 de janeiro de 1841; no decurso d'ella despertou improvisamente no auge do terror; seus olhos espavoridos haviam visto, e continuavam invariavelmente a ver um objecto de fórma singular, mas que representava uma Cruz; Cruz negra, mas sem a imagem de Christo. Baldou esforços para dissipar a illusão, e a custo recuperou o somno. Na seguinte manhã ergueu-se livre de toda a impressão do pesadelo; perambulou até ao meio dia, quando encontrou na rua Condotte o barão, que o convidou para tomar assento no seu carro; seguiram. Ao passarem em frente da egreja de Santo André delle Frate, apeou-se o barão para ir apalavrar uma tribuna, a fim de assistir a um funeral. Dirigiu-se para a sacristia, e Affonso para a egreja por mera curiosidade. Começou fixando a vista n'um retabulo da Virgem, que se acha á esquerda; e poucos instantes eram volvidos, quando julgou ver a Sagrada Imagem fitar n'elle olhos de ternura; inexplicavel revolução se apoderou de todo o seu ser; as idéas que até aquelle momento lhe haviam redomoinhado no espirito, tomaram como por milagre direcção nova; a co-redemptora redimia aquella nobre alma! E o barão parou estupefacto ante o seu amigo, que o não via, porque extatico, olhos cravados na Virgem, parecia absorto em sentimentos que não eram da terra! Após instantes, viu-o arrancar do peito a milagrosa medalha, e banhado em lagrimas beija-la com delirio.

Basta. Já o leitor se não admirará de que Affonso de Ratisbona, o sabio, o illustre, o rico israelita, obtivesse o baptismo solemne no dia 31 de janeiro de 1842, tomando o nome de Affonso Maria de Ratisbona.

VII

Convertido por tão assombroso milagre, que tanto estrondeou pela Europa inteira, não só desfez o projectado casamento, como tratou logo de se ordenar Sacerdote. Bem era que sua caridade para com todos luzisse ainda mais claramente para com seus irmãos israelitas. De Roma escreveu ao seu irmão Theodoro, em Paris, propondo-lhe uma alliança, para proporcionarem aos filhos de Israel os beneficios da regeneração christã. Theodoro jubiloso erigiu, sem detença, um collegio de catecumenos, lançando em maio de 1843 os alicerces do primeiro edificio destinado áquella catechese. Tão visivel foi a protecção de Maria Santissima, tão numerosa a concorrencia de meninos hebreus a pedirem o pão da doutrina, que,

no começo de 1845, foi mister levantar segundo edificio, ao qual pouco a pouco se começaram a dar a fórma e as tradições da vida religiosa regular, collocando-se a nova confraria sob o padroado de Nossa Senhora de Sião. Informado o Santo Padre Pio IX, expediu em 15 de junho de 1847 um breve, concedendo indulgencias ao nascente instituto, e exhortando os fieis a auxilia-lo.

O noviciado d'esta congregação dura dois annos, e depois d'elles emittem-se votos simples para o subsequente quinquennio; findos dez annos de perseverança, fazem-se votos perpetuos. De 1855 para cá espantoso tem sido o desenvolvimento da congregação, a qual se estendeu por varios logares, especialmente por Jerusalem. Graças á liberalidade dos catholicos, e sobre tudo aos innumeros esforços e sacrificios dos irmãos Ratisbonas, compraram por altissimo preço este chão, onde ainda se divisavam algumas ruinas do pretorio de Pilatos e da galeria do *Ecce Homo;* e erigiram logo no começo da rua da Amargura, ao lado direito, um vasto hospicio, onde começaram recolhendo avultado numero de orphãosinhos, a quem o morticinio de Damasco, em 1860, privou de suas familias. Pouco depois, querendo os irmãos separar as educandas dos orphãos, levantaram com grande dispendio um vasto edificio em S. João em Montana, no sitio onde a Virgem visitou Santa Isabel, e ahi um orphanotrophio para os meninos pobres da Palestina.

Esta congregação tem mais um pensionato em Constantinopla, que lhe foi cedido pelas irmãs de Caridade, e um estabelecimento similhante em Calcedonia. Tambem a autoridade diocesana instituiu canonicamente a communidade dos missionarios de Nossa Senhora de Sião.

O sacerdote Affonso Maria de Ratisbona, o antigo e nobre judeu, foi um dos primeiros padres d'esta communidade em Jerusalem. A evangelisação d'este piedoso Levita tem agremiado innumeras almas para a Religião do Crucificado.

Agora que já as pessoas e o logar são bem conhecidos dos meus leitores, lembrarei que na egreja d'esse convento das filhas de Sião tive a honra de dizer missa, ajudado pelo virtuoso padre Ratisbona, fundador do mosteiro. N'esse dia dei o Sagrado Viatico a toda a communidade. Era um espectaculo enternecedor! Cerca de trezentas pessoas, na maxima parte meninas, recebendo com profunda reverencia o Santissimo Corpo de Jesus Christo, no proprio logar onde elle foi apresentado coberto de chagas e de escarneos aos olhos de um povo reprobo, que em vez de compadecer-se da celeste victima, bradou: «Afastae-o de nossos olhos, crucificae-o!» «No mesmo sitio», me dizia o veneravel Ratisbona, «em que os meus ascendentes, cegos de inveja e furor contra Jesus, gritaram: «Crucificae-o... cáia o seu sangue sobre nós, e sobre nossos filhos», diariamente immolo o seu Divino Corpo, e consagro o seu Purissimo Sangue pela conversão dos descendentes d'aquelles que tão execranda maldição imprecaram!»

Entre as educandas das Filhas de Sião, que quando lá estive, eram trezentas, figuram muitas meninas israelitas, cujos paes confiam tanto na lealdade e sisudeza do padre Ratisbona, que não hesitam em entregar á sua direcção a educação de suas filhas, que em tudo recebem alli ensino, menos em religião, quando ellas não professam a catholica. Entretanto, disse-me elle, que não poucas, impressionadas pelas praticas do Catholicismo, o íam espontaneamente abraçando, e o que mais é, sem impugnação dos paes!

Um pouco para noroeste e em face da egreja do Spasmo vê-se o hospicio dos peregrinos austriacos, erecto no anno de 1856.

VIII

Não nego que o mais proprio logar seria este, para occupar-me da scena augusta e tremenda, começada no pretorio de Pilatos e acabada no monte Calvario, visto como a disposição topographica me traria naturalmente a esta descripção; mas, pois que ainda me resta fallar de alguns logares, aliás de secundaria importancia, reservarei essa tarefa para o termo da minha obra, que se vae approximando. Todavia, é inevitavel dar desde já, independente da narração da scena, uma idéa rapida do que fosse a denominada rua da Amargura, prendendo-a toda com o caminho que leva ao Calvario, porquanto todo esse solo pertence á região d'onde vou saír.

A rua da Amargura, não muito differente hoje do que era no tempo de Christo, começa propriamente no pretorio, e segue na direcção do occidente, mas tortuosa em geral, até chegar á porta judiciaria, de que fallei no seu competente logar, sendo esta no tempo de Christo a ultima extrema da cidade por esse lado; mas o logar, pelos augmentos que adquiriu no tempo de Elio Adriano, acha-se encravado no actual. Dizem que esta rua tem 820 passos, isto é, 570 até á porta judiciaria, e 250 d'ahi ao Calvario. O aspecto d'ella condiz com o seu nome; muros derruidos, casebres despreziveis (antes carceres ou sepulturas que habitações de vivos), solidão raro interrompida por alguns arabes, com visos de phantasmas, envoltos em esbranquiçados mantos; essas ruinas, e até a solemnidade do silencio, tudo infunde profunda melancolia.

Depois de se atravessar a porta judiciaria, divisa-se ao noroeste um valle, que ainda é o dos Raphains, atravessando o logar onde estava o mausoleu do Pontifice Ananias, sendo por esse logar que Tito, antes de começar o cerco, avançou para reconhecer a cidade, escapando a custo a uma arremettida dos judeus.

Era esse valle denominado dos cadaveres, porque ahi se viam sempre corpos inteiros ou mutilados, ou cinzas dos enforcados, decapitados, queimados, ou por qualquer fórma mortos no Calvario, que era o sexto monte em que Jerusalem estava edificada, monte que em hebreu se chama Golgotha ou Goatha. Foi denominado Calvario ou Craneo por causa da figura de uma caveira humana, que tinha aquelle monte antes de ser encorporado á cidade, como querem alguns; ou porque fosse n'elle sepultada a cabeça do nosso primeiro pae, como pretendem outros; ou mais verosimilmente, porque era aquelle o logar onde se justiçavam os reus de pena capital.



Bachelier lith.

Imp. Lemercier et Cie Paris

RUA DA AMARGURA

CAPITULO XXXVIII

I. Jerusalem do lado do Bezeta. O primeiro muro, ou antigo. O segundo, ou medio. Successos notaveis n'esses logares. — II. Descripção da cidade entre os ditos dois muros. Porta de Genath. — III. Jardim de Herodes. — IV. Stratopedon. — V. Palacio de Herodes. Jogos d'agua. — VI. Portico. — VII. Lago da Amendoeira. Hospital. Mausoleu de João Hircano. Praça da porta de Ephraim. — VIII. Mercado da lenha. Mausoleu de Alexandre Janneu. Morte d'este. — IX. Lago das Avestruzes. Reservatorio, ou mãe d'agua. Vaticinios de Isaías. — X. Morada dos Rechabitas. — XI. Zona entre o muro medio e o exterior. Cidade nova. Monte Bezeta.

I

Pouco resta já agora a descrever do interior da Jerusalem do tempo de Jesus Christo. Apenas cumpre fallar da menor e mais insignificante parte d'aquella cidade, a que abrange o parallelogrammo septentrional para o lado do Bezeta. Esse mesmo curto espaço ainda foi subdividido em dois, comprehendendo o terreno que vae do primeiro ou antigo muro, que passava por inexpugnavel á conta de sua espessura, da elevação da escarpada montanha que lhe servia de alicerce, e da profundidade dos valles circumstantes; muro onde havia sessenta fortissimas torres até o outro que lhe era parallelo, denominado muro do meio, notavel por fortes e bellas portas, e por quatorze torres; o qual foi levantado por Ezechias, para resistir a Senacherib. Durante o cerco de Tito, dias inteiros se passaram em batalhas encarniçadas no ataque e na defeza d'este muro; emquanto o ariete batia uma d'essas torres, tamanha quantidade de frechas fez Tito disparar, que os seus defensores o abandonaram, excepto um judeu chamado Castor e dez companheiros. Castor, sentindo que a torre lhe ia ser tomada, estendeu a mão a Tito, supplicando-lhe misericordia. O benevolo Principe ordenou que cessasse o ataque, e Castor lhe exprimiu desejos de tratar-se da paz, ao que Tito annuiu, caso os outros compartilhassem o seu sentimento. Cinco d'elles fingiram ter o mesmo desejo de Castor; mas outros cinco bradaram que antes mortos que vencidos pelos romanos. Assim, figuraram um combate entre si, dando espadeiradas nos escudos, mas sem se fazerem mal, emquanto mandavam prevenir Simão de Gioras do que se passava. Castor recebeu de baixo uma frecha no rosto, e arrancando-a da chaga, mostrou-a a Tito com grandes lamentações. Ficou este desesperado de que os seus tivessem procedido de tal fórma, e disse a Flavio José que fosse apertar a mão do ferido, em penhor da sua palavra, ao que José se evadiu, receioso de artificio. Um judeu dos rendidos aos romanos, de nome Enéas, offereceu-se para ir ter com Castor, o qual lhe gritou que levasse um sacco para lh'o encher de dinheiro, o que fez correr Enéas ainda mais rapidamente; mas apenas chegou perto, Castor lhe atirou uma pedrada, golpe que elle evitou, mas que foi ferir um soldado. Tito, indignado de tama-

nha má fé, ordenou, colerico, a renovação do assalto, e quando Castor e seus companheiros viram a torre prestes a desabar, deitaram-lhe fogo, e lançaram-se através das chammas na abobada que por baixo corria. Os romanos admiraram esta coragem, assenhorearam-se do muro, e entraram na cidade; mas Tito prohibiu que se derrubasse o muro, a fim de poupar as casas habitadas por mercadores.

II

Esta parte da cidade, entre os referidos muros antigos e medios, era denominada a segunda cidade, com ruas numerosas e estreitas; bairro que foi habitado por alguns Prophetas e personagens.

Seguindo o nosso systema de descrever os sitios, indo da parte meridional e occidental para a septentrional e oriental, direi que nos tempos do Salvador o muro que ficava do lado do occidente, era aberto ao meio pela porta Genath, isto é, do jardim (de Herodes); era a porta dos aqueductos que levavam agua para a torre Hippicus. Simão defendeu a passagem que existia entre essa porta e o sepulchro do Pontifice João. Por ella fizeram os judeus muitas vezes sortidas. É n'uma d'estas que, tendo os judeus formado fóra de seus muros um grande batalhão, e voando de todas as partes os tiros dos dois partidos, um cavalleiro romano chamado Longino (que alguns suspeitam ter sido o mesmo que traspassou com a lança o lado de Christo) rompeu o batalhão, e matou dois valentissimos que se lhe oppunham; feriu um no rosto, tirou o dardo da chaga, e com este mesmo dardo feriu o outro que ía fugindo, e voltou incolume para os seus. A gloria que assim conquistou, induziu por nobre ambição outros a imita-lo.

III

Apenas se transpunha essa porta, encontrava-se o jardim de Herodes, deliciosa estancia composta de arvoredos frondosos e das mais variadas flores, de fontes lançando agua por figuras de bronze, de regatos e lagos, de lindas alamedas, de pombaes, viveiros de toda a especie de animaes e casas de bichos ferozes.

IV

Ficava ao oriente d'este parque, do lado do sul, a torre Phasael, e por uma porta fronteira á de Genath se saía para um vasto plano, ou antes uma praça publica denominada Stratopedon, tendo no meio o palacio de Herodes Ascalonita; sendo na mesma praça o quartel dos guardas do Rei, e bem assim a prisão regia, onde eram encerrados os criminosos.

V

O palacio de Herodes foi por elle edificado de marmore de varias especies; a sua estructura e sumptuosidade o tornavam admiravel além de tudo quanto a ima-

ginação póde suppôr. Munido de uma porta de ferro, e occupando o espaço que ia do muro antigo ao medio, era como invencivel, pela força que lhe prestava a vizinhança das torres Hippicus, Marianna e Phasael. Circumdava-o muralha de trinta cubitos com formosissimas torres equidistantes; tão vastos eram os seus compartimentos, que as salas destinadas aos banquetes podiam conter um cento de triclinios. Incrivel era a variedade das raridades ahi encerradas; espantava o comprimento e a grossura dos vigamentos que sustinham os tectos do maravilhoso edificio. Resplandeciam de oiro e prata as paredes e os moveis; e finalmente ahi se congregava tudo quanto póde tornar monumental uma habitação de Principe.

Estava Herodes Antipas, Tetrarcha da Galiléa, n'este palacio, quando Pilatos lhe enviou Jesus Christo. N'este logar ha hoje um casarão, que serve a filhos de turcos.

Um pouco mais para o oriente ficavam uns jogos de agua soberbos, que lançavam o liquido a enorme altura por varias figuras de bronze, correndo depois á roda do palacio, enchendo as cisternas.

VI

Parallelo a este jogo de agua, e do lado do norte, ficava um portico extraordinario. Herodes, voltando a si da gravissima enfermidade que se lhe seguiu á morte de Marianna, de cuja perda se não podia consolar, tornou-se tão mau e tão feroz, que não houve horror que não perpetrasse, e nem aos seus mais intimos poupava. Mandou matar Lysimaco, Gadias, Costobaro, descendente de uma das mais antigas familias da Iduméa, e a quem tinha feito desposar sua irmã Salomé, cujo primeiro marido elle havia matado em castigo das calumnias contra a virtuosa Marianna, sua mulher. Achando-se, pois, com um poder absoluto, aboliu os antigos costumes dos judeus, afastou-se cada vez mais do proceder dos seus antepassados; estabeleceu jogos de luta e de carreira, que de cinco a cinco annos se faziam em honra de Augusto; edificou em Jerusalem o theatro e o amphitheatro de que já fallei, e tambem no seu palacio este vasto portico destinado a exercitarem-se ahi nos jogos e combates, durante o inverno, os athletas, que depois haviam de figurar nos theatros a que acabo de alludir.

VII

Logo um pouco ao oriente ficava o lago denominado da Amendoeira, junto do qual fez Tito, por occasião do cêrco, levantar uma platafórma.

Seguindo na mesma direcção, chega-se depressa ao logar onde o virtuoso Rei e Pontifice, João Hircano, filho de Simão Machabeu, fez erigir um hospital, dotando-o com as riquezas que elle tinha extrahido do sepulchro de David. Alli eram acolhidos os pobres, os estrangeiros sem asylo e os doentes.

Logo ao lado, e para o norte d'este hospicio, ficava o mausoleu d'aquelle João Hircano, que trinta annos governou com tanta sabedoria e virtude; e teve a rara ventura de possuir a um tempo a realeza, a soberana sacrificatura e o dom da prophecia.

Por esta altura ficava a grande praça da porta de Ephraim, a qual se prolongava não só entre estes dois muros, mas tambem até o muro exterior e a porta d'aquelle nome.

VIII

É prolongação d'esta praça, para o lado do oriente, outra que denominavam mercado da lenha.

Tendo entrado na Judéa com um exercito romano Cestio Gallo, governador da Syria, derruiu varias praças, e atacou Jerusalem no tempo da festa dos tabernaculos. Os judeus que isto não esperavam, correram ás armas, lançaram-se desordenadamente sobre o exercito romano, abriram passagem através das hostes, e com tal ardor combateram, que se a cavallaria não tivesse voado em soccorro da infanteria, o exercito romano seria aniquilado.

O Rei Agrippa mandou dois capitães conhecidos dos facciosos, para applaca-los; mataram um e feriram outro. Cestio, querendo-se aproveitar d'aquellas divisões intestinas, tres dias acampou em Scope. No quarto marchou em boa ordem contra a cidade. Espantados os judeus da disciplina dos romanos, retiraram-se para o templo.

Cestio atravessou o Bezeta, veiu a este mercado da lenha, á qual deitou fogo, e aquartelou-se na cidade alta, perto do paço regio.

Segue-se mais para nordeste o mausoleu de Alexandre Janneu, Pontifice e Rei. Morreu na fronteira dos genesaremanos, quando cercava o castello de Ragab no Jordão. Proximo da agonia, sua mulher a Rainha Alexandra, pungida de dor e debulhada em pranto, disse-lhe:

— «Ai! marido meu, em que mãos vamos caír, nossos filhos e eu! Em que afflicção me não deixas! Quando eram precisos os mais promptos soccorros, e quando sabes como o povo te odeia!..

— «Não, respondeu elle, vós conservareis o reino. Esconde ao exercito a minha morte até ser tomada a praça; e quando voltares vencedora a Jerusalem, ganha a affeição dos phariseus, dando-lhes alguma autoridade. Estes homens teem tanto poder no povo, que lhe fazem amar ou aborrecer quem bem lhes parece, apezar de que quando maldizem de alguem, é por inveja, e por isto me hostilisam. Apenas chegares, manda procurar um d'aquella seita, mostra-lhe o meu cadaver, dize-lhe, como do fundo do coração, que queres entregar-me para fazerem de mim o que lhes aprouver, recusando-me a honra da sepultura para se vingarem dos males que eu lhes causei; affirma-lhes então, com apparencias de enthusiasmo, que nada queres fazer no governo do reino senão por conselho d'elles. Eu te asseguro que se assim fizeres, tão contentes ficarão com esta deferencia, que em vez de deshonrarem a minha memoria, hão de fazer-me uns funeraes mais sumptuosos do que tu mesma poderias, e que vós reinareis com plena autoridade, tu e nossos filhos.»

Findas estas palavras, morreu na idade de 49 annos, tendo reinado 27. Quão desprezivel não é o homem, quando procede como os phariseus! Alexandre Janneu, Pontifice e Rei dos judeus, teve funeraes magnificos, elevaram-lhe um mausoleu pela autoridade dos phariseus.

IX

Ficava ao sul d'aquelle mausoleu o lago das Avestruzes, logar onde Tito, durante o cérco de Jerusalem, fez elevar uma platafórma.

Logo na direcçãó do oriente demorava o grande reservatorio ou mãe d'agua, a que Isaías alludiu, quando ao vaticinar a destruição da cidade pelos assyrios, se exprimiu d'est'arte:

«D'onde vem que assim sobes de roldão sobre os tectos, ó cidade cheia de povo, ó cidade cheia de tumulto, ó cidade triumphante! Teus filhos foram mortos, e não foram mortos á espada, não. Teus magnates fugiram todos, e não obstante foram carregados de grilhões, embora muito longe os houvesse achado o inimigo. Retirae-os de mim, porque eu derrame pranto amargo. Ai! não busqueis consolar-me sobre a ruina de meu povo! Dia de mortandade é este! Dia em que tudo é calcado aos pés! Dia de brados lamentaveis enviados pelo Deus dos exercitos ao valle da Visão!

«Eu o vejo, eu o vejo penetrar o muro, e sobre o monte ostentar sua gloria. Lá veste Elam sua aljava, lá prepara os carros para cavalleiros, lá despendura das paredes os seus escudos.

«De carros de guerra estão cobertos teus mais formosos valles. Lá se acampa a cavallaria ás tuas portas, destroe o inimigo as muralhas, e tu lanças os olhos sobre o inutil arsenal do palacio e do bosque.

«Contarás as innumeras brechas da cidade de David; destruirás casas para edificar o muro; construirás um reservatorio, uma mãe d'agua, perto da antiga piscina.

«Sim, tudo isso fareis vós, miseros! mas erguer os olhos para aquelle que fez Jerusalem, olhar de longe para aquelle que é seu Creador, isso é que não.

«Então o Senhor dos exercitos vos convidará a soltar lagrimas e suspiros, a rapar os cabellos, a vestir-vos de dó; e vós em resposta só pensareis em divertir-vos, matar bezerros e degolar carneiros, comer muita carne, e beber muito vinho.

«Toca a beber e comer, já que ámanhã morreremos. Por isso me fez o Senhor esta revelação: «Juro que levareis esta iniquidade até á morte!»

Mal póde descrever-se o pezar com que se levanta a mão, quando se está lendo qualquer estrophe d'este Rhodano da eloquencia!

O reservatorio ou mãe d'agua a que o Propheta se refere é aquelle de que acabámos de fallar.

Logo ao norte d'esse reservatorio era a casa da Prophetisa Holda, a quem Josias, assombrado com a lição do livro da lei, mandou uma commissão composta do Pontifice Helcias, Ahicam, Achobor, Saphan e Asaías, á qual Holda respondeu:

«Foram estas as palavras do Senhor: Dizei a esse homem, que sobre esse logar e seus moradores vão recaír todos os males escriptos no livro da lei, porque elles me renegaram, sacrificaram a deuses estranhos, e provocaram o meu furor com todas as suas obras; mas ao Rei de Judá pessoalmente eu digo: Como tu ouviste as palavras d'esse livro, e teu coração se aterrou, e te humilhaste, e rasgaste

os vestidos, e choraste em minha presença, escutei a tua prece. Teus olhos não verão os males que tenho de derramar; antes d'isso serás sepultado em paz, e descançarás com teus avós.»

X

N'esta parte da cidade só me resta a indicar, no extremo oriente, antes de chegar aos muros, o logar onde era a residencia dos Rechabitas, ou descendentes de Rechab, pae de Jonadab, chefe d'esses santos homens, que habitavam no deserto, viviam em commum, se abstinham de vinho, e uns aos outros se assistiam em suas enfermidades. Refugiaram-se em Jerusalem, quando se approximava o exercito de Nabuchodonosor. Jeremias recebeu ordem de Deus para lhes dar uma das salas do templo, e o Propheta, para experimenta-los, debalde lhes offereceu vinho, e elles lhe responderam:

«Não beberemos vinho, porque nosso pae Jonadab, filho de Rechab, nos impoz este preceito: jamais bebereis vinho, vós, nem vossos filhos; não edificareis casas; não semeareis grãos; não plantareis, nem tereis vinha; habitareis sempre em tendas, porque na terra não sois mais que transeuntes.»

XI

Aqui finda a descripção de toda a zona hierosolimitana comprehendida entre os já descriptos primeiro e segundo muro, ou antigo e medio; só me resta acrescentar algumas palavras sobre a ultima zona, que é a que decorria entre o muro medio e o terceiro, ou exterior. É este ultimo o que a rogos dos habitantes de Jerusalem o rei Agrippa começou; sendo mais tarde continuado pelos judeus, que lhe deram mais 20 cubitos de altura, e n'elle collocaram 90 torres quadradas.

Esta parte era denominada Bezeta, ou cidade nova. Com effeito, ao norte da cidadella Antonia havia uma montanha rodeada de fossos profundissimos, que ainda mais elevada faziam parecer a altura da fortaleza. Chamava-se este monte Bezeta, sendo este o nome que tambem foi dado a todo o arrabalde septentrional, depois denominado cidade nova. Era esta cidade composta de ruas estreitas, correndo todas na direcção dos muros. Só era habitada por mercadores de lã, ferrageiros, caldeireiros e adelos. A montanha de Bezeta era a mais alta das cinco.

N'este logar nada parece chamar particularmente a nossa attenção; e pois, daremos por finda a descripção da Jerusalem de Christo, restando sómente completar a narração com a do tremendo successo que poz o sêllo ao resgate da humanidade.

CAPITULO XXXIX

I. Egreja do Santo Sepulchro. Suas glorias. Perseguições.—II. Constantino e Santa Helena. Incendio e reedificação do templo. Suas vicissitudes até depois das cruzadas. — III. Sua restauração no seculo XVI. Abertura do Santo Sepulchro pelo padre Bonifacio.—IV. Nova restauração do templo por Carlos V e Filippe II. Difficuldades suscitadas pelos gregos scismaticos e pelos turcos. Descripção das riquezas que no templo se encerravam.—V. Novas tropelias dos gregos, e suas consequencias. —VI. Incendio do anno de 1808. Deploraveis reparações feitas pelos gregos. Vergonhosa indifferença da Europa.

I

É tempo de deixar as ruas de Jerusalem para recolher-me com a Esposa dos Cantares á muda solidão, e ahi meditar sobre o monte da myrrha, que os Anjos desceram a venerar; que as piedosas mulheres vigilantes visitaram no dia grande da Resurreição; aonde em seguida accorreram os Apostolos; onde ajoelharam os primeiros discipulos do Nazareno; onde milhares e milhares de peregrinos teem successivamente chorado seus peccados; onde Reis teem depositado diademas, Imperatrizes joias, guerreiros tropheus, virgens suas grinaldas, valentes seus escudos, os crentes seus corações amantes! Logar sacrosanto, a cuja conquista voou, em tempos de ardor e de fé, toda a flòr da Europa; e a cuja guarda teem os filhos do Seraphim de Assís consagrado por seculos vigilias e vidas! Ponto culminante, para onde se dirigem todos os votos e suspiros da humanidade; rochedo inconcusso, que sempre e para sempre constituiu o mais caro thesouro, o mais precioso monumento da militante Egreja de Christo!

Desde os primitivos tempos consagraram os christãos a mais profunda veneração ao Calvario, visitando-o em continuas romarias, indicando com soffreguidão uns aos outros os logares onde se operou tal ou tal facto, onde se consummou tal ou tal mysterio.

E se n'aquelles primeiros dias era já tão frequentado, quanto o não terá sido no volver dos tempos com a progressiva multiplicação dos crentes e facilidade das communicações? Imaginae os immensos romeiros que desfilavam da Judéa, Galiléa, Palestina, Samaria, Phenicia, Syria, Ponto, Cappadocia, Phrygia, Pamphylia, Mesopotamia, Média, Egypto e de todos os quadrantes a renderem no Calvario homenagens ao Christo Deus!

Prevendo aterrados os perigos provaveis d'esse successivo tropel de peregrinos, os gentios, que haviam succedido aos infelizes hebreus na herança de Abrahão, Isaac e Jacob, supplicaram ao Imperador Adriano que vedasse essas adorações á hostia do Calvario. Adriano, talvez, menos por cegueira pagã, que por odio aos judeus, sob cuja denominação se comprehendiam todos os christãos, não

hesitou em annuir ás mencionadas supplicas, no correr do anno da graça 137. Concebeu não só o projecto de reedificar Jerusalem, como o de arrasar os logares principaes da Redempção, que recordavam o nascimento, a morte e a sepultura de Christo Senhor Nosso. Não satisfeito com a destruição dos sacros vestigios, excogitou o meio atroz de afugentar os fieis, mandando erigir no Sepulchro do Redemptor a estatua de Jupiter; no Calvario a de Venus; e na gruta do presepio de Belem a de Adonis. É que os gentios acreditavam que os fieis abandonariam com horror os santos logares, logo que os vissem conspurcados com os torpes simulacros. Illudiram-se em seus calculos; os christãos nem deixaram por tal motivo de venerar aquelles santissimos logares, nem recearam ser infistulados do veneno da idolatria, cujas praticas hediondas, ao contrario, ainda mais os afervoravam nos obsequios prestados a tão augustos monumentos. Assim quiz a Providencia que a tentativa sacrilega redundasse em maior vantagem dos logares santos, cuja authenticidade d'est'arte se perpetuava; o mesmo succedeu mais tarde com Juliano Apostata que, tentando restaurar o templo, pelo satanico empenho de contradizer a prophecia de Christo, só conseguiu com taes esforços tornar mais patente a verificação do oraculo divino.

II

Amainada a procella das grandes perseguições, que por tres seculos haviam açoitado a militante Egreja; raiando emfim a aurora do dia em que ella devia surgir das catacumbas, ostentou-se á face do mundo, purpureada do sangue de seus martyres, adornada do esplendor de suas galas, coroada da gloria dos seus triumphos, como convinha á mystica Esposa do Homem Deus. Realisou-se este fausto successo no anno 326, quando o Imperador Constantino, o Grande, recebido que foi o baptismo christão, proscreveu em todo o mundo romano o culto idolatrico, e ordenou que por todos os seus vastos dominios se adorasse publicamente a Nosso Senhor Jesus Christo. E então por todas as partes pullularam templos e altares ao verdadeiro Deus; sendo que os mais sumptuosos se levantaram na Terra Santa. A propria Imperatriz Santa Helena, mãe de Constantino, na idade de oitenta annos, não hesitou em transpôr mares e affrontar perigos, para presidir á inauguração d'aquelles grandiosos monumentos, que deviam na terra e no ceu perpetuar sua memoria.

Á heroina christã deveu a humanidade a invenção do Lenho Santo e a completa derrocação dos infames simulacros de Jupiter, Venus e Adonis; deveu por igual o achado dos outros preciosos instrumentos da Paixão; fazendo retirar para bem longe todos os materiaes que haviam servido ao culto dos idolos, porque a sua piedade lhe não consentia empregar isso nas egrejas que premeditava erigir.

Comquanto cada santuario fosse condecorado de um magnifico templo, todos deviam ceder a palma ao do Santo Sepulchro, como os astros mais luminosos cedem em esplendor ao astro rei. Escrevendo Constantino a S. Macario, bispo de Jerusalem, para encarrega-lo da construcção do templo do Santo Sepulchro, recommendava-lhe que tal fosse a sua magnificencia, que qualquer das suas partes, de per si só, excedesse na elegancia e sumptuosidade a todos os templos da redondeza.

Assim escrevia o magnanimo Principe ao santo bispo de Solima, o qual, desejando corresponder ás suas pias intenções, tudo envidou para que a fabrica do santuario saisse um primor de arte. Infelizmente, porém, já no seculo x não existia; fôra incendiado pelos sarracenos no anno 969, e reedificado com inferior elegancia e magnificencia pelo Imperador Conrado em 1032, como pretendem alguns; ou, como querem outros com maior fundamento, foi destruido em 1009, a instigações dos hebreus, por Amirato, Sultão de Babylonia (não a Babylonia do Euphrates, como alguns pensaram, mas a Babylonia, capital do Egypto, conhecida hoje por Cairo Velho). Mas para confusão de Amirato, sua propria mãe, que n'esse meio tempo abraçou o Christianismo, reergueu das ruinas o sagrado templo.

O certo porém é haver Deus baldado os intentos dos impios; pois consta que por mais que os operarios da demolição se esforçassem por consumma-la, não conseguiram sequer abrir a menor fenda na pedra do Sepulchro; realisando-se d'esta arte aquelle celebre vaticinio de Jeremias que, depois de ter dito que o Golgotha seria encorporado na cidade, acrescenta que o logar santo do Senhor, isto é, o seu Sepulchro não seria jamais arrancado nem destruido: *Sanctum Domini non evelletur, et non destruetur ultra in perpetuum.*

A este ponto haviam chegado as cousas, quando pelo declinar do seculo xi o Sepulchro de Christo fez surgir um grande certame entre o Occidente e o Oriente. Este batalhar de gigantes, que durou cento e noventa e cinco annos, isto é, desde 1096 em que se moveu a primeira cruzada, até 1291 em que foi completamente destruido o reino latino, provou a verificação d'aquell'outro vaticinio do Propheta Isaias, quando disse que o Sepulchro de Christo seria glorioso: *Et erit Sepulchrum ejus gloriosum.*

Nunca tamanhos sacrificios de dinheiro, de sangue e de affectos foram feitos para conquistar-se parte alguma do mundo, quaes os que se praticaram para arrancar-se ao poder dos infieis o Sepulchro de Christo. Obtido este nobre fim, quem poderá descrever as ornamentações brilhantes de que cercaram o conquistado moimento? Quem, enumerar os milhares de peregrinos que o visitaram, os valiosos presentes que lhe enviaram todos os Reis da terra, os hymnos que em todos os idiomas retumbaram em suas abobadas! Oh! então sim, foi verdadeiramente glorioso! Mas ai! que em breve tempo desmedrou o dominio dos cruzados, e longa serie de seculos, sem todavia cessar de ser glorioso, se tem conservado o Sepulchro em poder dos infieis!

III

Era o anno 1555; cingia a tiára a fronte de Julio II; ameaçava ruina o templo do Calvario; o custodio da Terra Santa, padre Bonifacio de Ragusa, tomou a si o encargo de reparar o grão santuario. O Imperador Carlos V incumbiu-se de todas as despezas da restauração do zimborio, e seu filho Filippe II, Rei de Hespanha e Portugal, tomou a si, emulando a munificencia paterna, a construcção do pequeno e marmoreo templo que encerra o tumulo do Redemptor.

Depois de haver o padre Bonifacio vencido innumeras difficuldades, poz mãos á obra gigantea, começando por fazer desaffrontar o logar santo das ruinas do tempo e da impiedade. Multidão de peregrinos assistiu á inauguração dos traba-

lhos, concorrendo todos para que sem demora se descobrisse o almejado thesouro, a fim de ser visto em sua sublime nudez. Chegou o momento; desentulhado o interior da capellinha, appareceu o divinal jazigo todo encravado na rocha viva, tendo por cima pintados dois Anjos, dos quaes um tinha nos labios as palavras: *Surrexit, non est hic!* e o outro apontando, dizia: *Ecce locus ubi posuerunt eum.* Estas figuras, recebida a impressão do ar, esvaeceram-se.

Afastada a pedra de alabastro que tapava o sacro deposito, e que substituira a lapida revolvida pelo Anjo, irradiou de dentro uma luz deslumbrante, que pareceu especialmente projectada de varias manchas de sangue do Salvador, ainda existentes e misturadas com o balsamo.

Prostrados todos em terra, debulharam-se em lagrimas de ternura e piedade. Após este tributo de veneração, entraram no exame do monumento, encontrando dentro um pedaço do Lenho, em que se distinguiam lettras, mas tão apagadas que não foi possivel combinar uma syllaba; e uma tira de pergaminho ainda bem conservado, contendo estas palavras latinas: *Helena Magn...* occorrendo de prompto que se completaria assim o distico: *Helena Magni Constantini mater.* O referido Lenho que foi logo reconhecido ser o da Santa Cruz, e como tal distribuido em reliquias, achava-se envolto n'um sudario que, exceptuando uns fios de oiro de que fôra tecido, se desfez ao toque das mãos.

IV

Satisfeita a pia curiosidade dos peregrinos, cobrindo-se de novo o Sepulchro com duas tabuas de fino marmore, foi por diante a fabrica do templo, que em verdade saiu digno da munificencia de um Carlos V e de um Filippe II.

Mas este egregio trabalho, que tanta consolação trouxe ao mundo catholico, exacerbou os hebreus a tal ponto que no anno de 1607, depois de infernaes manejos, não podendo já conter nas fauces o veneno, offereceram ao Sultão Ahamet I, filho de Mahomet III, a somma de 500:000 escudos, a titulo de gracioso donativo, com a simples condição de decretar o desmoronamento da egreja do Sepulchro de Christo! Prometteram dar-lhe quantia muito mais avultada, apenas fosse executado o firman, em signal de reconhecimento. Annuiu o Sultão, e decretou que sobre as ruinas do sagrado moimento fosse levantada uma nova mesquita. Não parou n'isso: fulminou rigorosas penas contra todos os que fizessem a menor observação em contrario.

Tripudiavam os hebreus; levantavam por toda a parte os christãos lamentosas queixas por causa da perda imminente do seu querido santuario; já todos os embaixadores das potencias europeas desesperavam de seus esforços, quando, por um movimento de inesperado arrojo de animo, se apresenta o balio de Veneza, Jeronymo Capello, e com varonil eloquencia fallou ao grão vizir; e tanto disse, e tanto ameaçou, que obteve a revogação do impio firman; fazendo-o acompanhar de outro em que era comminada pena de morte contra quem ousasse recordar o primeiro decreto, ou mesmo investigar as rasões da sua revogação.

Necessitando o zimborio de reparo em 1719, foi de novo restaurado com esmolas tambem mandadas pelo reino de Hespanha. Mas não se imagina a opposição

que a isso fizeram os gregos scismaticos, obstando a que se encetasse a obra sem a condição de cooperarem nas despezas, a fim de terem parte no santuario. Mas, após vinte annos de luta, foram superados todos os obstaculos e a grande cupula, custando 400:000 escudos, surgiu mais bella que nunca.

Todos estes esforços, porém, que por espaço de tantos seculos fez a Europa com o sublime intuito de reivindicar e restaurar o Sepulchro de Christo, foram inutilisados pela malignidade dos gregos scismaticos; não contribuindo menos, n'estes ultimos tempos, para a demolição de todos os santuarios da Terra Santa as doutrinas heterodoxas, com que o philosophismo do seculo XVIII conspurcou toda a terra; pois é averiguado que chegou a organisar-se, sob a invocação da philosophia, uma sociedade secreta, destinada a abater todos os vestigios do Christianismo, e a calumniar os pobres frades, os melhores sustentaculos da Religião.

Celebrava-se a vigilia da Dominga de Ramos do anno de 1757, e o templo resplendia ao fulgor de cirios e lampadas. Distinguiam-se vinte entre estas, em tres das quaes o egregio lavor sobrepujava a superioridade da materia aurea e argentea de que eram compostas. Havia uma de oiro toda marchetada de pedras preciosas, offerecida pelo Rei das Duas Sicilias; outra do mesmo metal, dada pelo Rei de Hespanha; e terceira similhante, mandada pelo Rei Carlos VI e circumdada de anjinhos fundidos tambem de oiro. Havia quatro lampadas de prata lavradas em baixo relevo e com flores de muito gosto; foram offerecidas pelo christianissimo Rei de França; outras cinco bastante grossas e tambem de prata offerecidas pelo Rei de Portugal; seis outras do mesmo metal offerecidas pela Christandade das Indias. A republica de Genova e a ordem de Malta offertaram cada uma a sua de primoroso feitio.

Mas todas estas riquezas e louçanias desmedravam em brilho, ao serem confrontadas com tres lampadarios de prata de desmesurada grossura, riquissimamente floreados e pendentes das architraves, que atravessavam o vão da cupula grande do templo, e desciam em face do Sepulchro. Eram tão formosos estes lampadarios que, dizem todos os historiadores ninguem os ter visto que não pasmasse; tão pesados que se não podiam mover senão por guindastes. Basta dizer que tinham em torno cincoenta estatuasinhas de prata de um covado de altura e pela maior parte doiradas. O primeiro d'estes tres portentosos lampadarios fôra offerecido pelo Rei de Napoles; o segundo por Filippe III de Hespanha; o terceiro pelos Duques da Toscana da casa de Medicis. O ultimo era ornado de quatro Anjos de prata, da estatura ordinaria de um menino de doze annos, e tinha em derredor trezentas lampadas do mesmo metal dispostas em varias corôas, que o tornavam admiravel sobre todos os outros, por qualquer dos lados que fosse visto.

A capellinha do Sepulchro estava ordinariamente coberta de preciosas sedas doadas por Luiz XIV; mas na occasião da solemnidade da vigilia, de que ha pouco fallei, estava revestida de finissima tapeçaria de velludo carmesim recamado de oiro, com largos galões e fastosas franjas todas de fio de oiro finissimo. Sobre cada um d'estes preciosos objectos estavam pintadas as armas da respectiva potencia que o havia offerecido. Que magestosa e augusta não seria a perspectiva dos diademas de quasi todos os Reis da terra, formando esplendida auréola em torno do Sepulchro, em signal de vassallagem, de affecto e de religioso amor ao Rei dos Reis!

V

Mas o que para os catholicos era motivo de euges e applausos, era para os gregos scismaticos incentivo para irritação e colera.

Que fizeram, pois, esses desaventurados filhos do scisma?

Apenas os nossos religiosos concluiram a sua procissão vespertina e se recolheram ao convento, uma alluvião de gregos, instigados pelos seus monges, inundou de improviso o templo; e percorrendo-o em todas as direcções no meio de algazarra infernal, converteu a casa do Senhor em theatro da mais horrivel profanação. Passado o primeiro impeto, começaram a ridiculisar as ceremonias do rito latino; depois, fingindo-se morto um d'elles, postaram-se todos em redor, e por mofa lhe fizeram exequias ao uso catholico, ao estrondo de gargalhadas satanicas. Requintando ainda o delirio, levaram o sacrilegio ao ponto de parodiar a ceremonia do descimento da Cruz e do enterro do Senhor; e para que a obra abominavel não ficasse incompleta, tomaram o supposto defunto pela cabeça e pelos pés, como um cadaver, e involvendo-o em lençoes, transportaram-no do templo, em procissão de enterro, urrando como possessos, escarnecendo assim dos nossos canticos lugubres e patheticas ceremonias!

Em seguida, saltando sobre as costas uns dos outros, formaram pyramides ambulantes, que levaram em triumpho ao som de berreiros, como ainda praticam em nossos dias uma vez no anno, na funcção bacchanal do chamado *sôcco santo*, em que transformam o templo de Deus n'um verdadeiro inferno. Mas este alarido, estas abominações mais não eram que o preludio da asquerosa scena premeditada.

Passando do berreiro insultuoso ás offensas physicas, principiaram a sua tourada com um pobre christão que orava junto ao Santo Sepulchro, atirando-se a elle com tal furia que, agarrando-o pelo pescoço, o expulsaram do santuario ás punhadas, e acabariam por mata-lo, se um dos guardas turcos lh'o não houvesse arrancado das garras. O caridoso soldado devia pagar caro a sua commiseração e o cumprimento do seu dever; visto que d'aquella refrega saiu gravemente ferido.

Tudo isso deu motivo a uma queixa dos catholicos ao superior dos monges gregos, um tal Sophronio, que, embora leigo, havia ajuntado tão pingue peculio, que pôde comprar a guardiania do Sepulchro, a qual entre os scismaticos se barganha, como tambem acontece com os seus bispados.

Está entendido que a queixa não foi acolhida; ao contrario ainda exacerbou a sanha dos scelerados: munindo-se de cacetes, estoques e martellos, arremetteram contra o altar em frente do Santo Sepulchro, e destruiram todas as suas preciosidades. Proseguiam na devastação, quando se lhes antepuzeram os soldados; mas estes saíram maltratados, ao passo que voavam pelos ares as aureas e argenteas lampadas, caiam os lampadarios, as estatuas, os candieiros, as cruzes, as imagens, etc.

Aterrados os religiosos fugiram para o convento, trancaram-se, e prostraram-se ante o Santissimo Sacramento. Não podiam pedir soccorro; todas as avenidas estavam tomadas; só gritos de morte retumbavam. Amainou-se emfim a colera das

turbas, e começaram a dispersar-se; e os religiosos, pela calada da noite, desceram por uma janella para o aposento de um santão, a quem rogaram que annunciasse ao governador o estado afflictivo em que se achavam.

Já se dispunha o governador a providenciar, reprimir o motim, e prender os seus autores, quando se lhe apresenta o seu secretario, grego scismatico, vendido aos turbulentos, e procura dissuadi-lo. Assim proporcionou uma demora, que bastou para que os amotinadores roubassem todas as alfaias e pedras preciosissimas do altar do Santo Sepulchro e dos outros.

D'este modo passou aquella amarga noite. Rompeu a manhã, abriram-se as portas do templo, e o cadi, prevenido a favor dos sediciosos, ia proferir sentença contra os latinos; mas ao dar com os olhos em tamanhos estragos, mudou de juizo, e ficou indignado: mas esta disposição de animo teve de ceder ás ameaças dos amotinados, que em praso curto mais de uma vez sujeitaram os religiosos a duras provações, até que por um firman passaram os gregos a ser donos de sete arcadas que se acham dentro da capella da Magdalena, no templo do Santo Sepulchro, assim como da egreja de Santa Maria em Belem e do logar do nascimento de Christo, Senhor Nosso. Tornaram-se, alem d'isso, senhores de uma parte do Santo Sepulchro, da pedra da unção e do sepulchro da Virgem, que até hoje dominam. Deus sabe que difficuldades tive que vencer, para celebrar missa n'estes santuarios.

VI

Era no anno de 1808. Serena corria a noite de 11 para 12 de outubro, quando um incendio, ou posto pelos gregos ou proveniente de descuido de um monge armenio, devorou o templo; mas as chammas, reduzindo a cinzas todas as capellas, habitações e alfaias dos scismaticos gregos e dos turcos, respeitaram com geral assombro santuarios, cellas e paramentos dos religiosos, quasi toda a fachada, tal como a vemos hoje, a pedra da unção, o Santo Sepulchro, escapando até dentro da capellinha um quadro em téla. A capellinha do Anjo quasi ficou intacta, assim como a de Santa Magdalena e a sacristia do convento dos franciscanos. O incendio não se estendeu senão sobre a metade do Calvario; o logar da crucifixão e o oratorio de Nossa Senhora das Dores foram poupados, assim como as duas capellas subterraneas de Santa Helena, da invenção da Santa Cruz, as do improperio e a da divisão dos vestidos.

Mas o prodigio maior foi que, não obstante desabar sobre o Santo Sepulchro toda a cupula do templo, e derreter-se o chumbo, que fervia como em fornalha, não causou o minimo damno ao sagrado deposito. Estalaram as columnas que sustentavam as galerias, assim como todos os marmores do pavimento e das paredes; espedaçaram-se os grossos pilares que sustinham a grande cupula; mas do Santo Sepulchro nem sequer houve estrago na porta, embora de madeira, nem no painel da Resurreição, desenhado em téla; milagre que evidencia cada vez mais que o Sepulchro do Senhor nunca será arrancado nem destruido: *Sanctum domini non evelletur et non destruetur ultra in perpetuum.*

Mais avanias que o fogo fizeram ainda os gregos scismaticos, a quem varios Principes confiaram a restauração do templo. Começaram os perversos por des-

truir toda a propriedade dos latinos. Um pedreiro de Mitylene, industriado pelos monges gregos e obedecido pelos operarios armenios, levou por diante o vandalismo. Escodeou por dentro e por fóra a formosissima capella do Santo Sepulchro, que era revestida de finissimo marmore e ornada de elegantes columnatas, e substituiu tão bella guarnição por um marmore avermelhado, de pessimos veios, extrahido de umas pedreiras nas vizinhanças de Jerusalem. Depois apagou todas as inscripções latinas que encontrou, e substituiu-as por inscripções gregas, cobrindo com ellas todas as paredes por dentro e por fóra. Em seguida tirou a porta de madeira elegantemente entalhada com armas latinas, e poz em seu logar outra mui grosseira. As mesmas alterações que fez na capella do Santo Sepulchro, reproduziu no grande templo, cuja fórma antiga desfigurou completamente, dando-lhe outra da sua phantasia. Penetrou por ultimo no asylo da morte, estendeu a mão sobre os sepulchros dos Reis latinos, que jaziam ao sopé do Calvario, arrancou os marmores que os cobriam, apagou epitaphios, espalhou cinzas, e destruiu tudo o que podesse despertar a memoria de tão venerandos jazigos.

N'elles dormiam os restos de Godofredo, de Fulcone, de Almerico e dos cinco Balduinos. Descansavam ahi tambem os despojos mortaes de Filippe I de Hespanha e o coração de Filippe de Borgonha, o qual depois de haver merecido em vida o titulo de *insignis sanctorum locorum cultor et benefactor*, ordenou que o seu coração fosse depositado junto ao Sepulchro do Redemptor.

Para cumulo de torpeza substituiu o pedreiro aos nomes dos Reis christãos o seu proprio nome, que se acha entalhado em cem logares. Levou mais longe o sacrilegio. Foi-se á cavidade do rochedo do Calvario, onde esteve cravada a Cruz do Redemptor; profundando na pedra concentricamente a esse buraco até a base d'elle, continuou depois o córte horisontalmente, de modo que assim póde arrancar, como formando uma só peça em fórma de vaso, toda a pedra que no dia da Paixão esteve em contacto com o Santo Lenho, d'onde resulta ter hoje ficado esse buraco muito mais amplo do que era na primitiva. Roubou a campa do Sepulchro, onde esteve sentado o Anjo; cortou igualmente grande quantidade da crusta da rocha em que foi aberto o divinal jazigo; e depois embarcou para Constantinopla todas estas preciosidades, não para serem veneradas, mas para receberem ultrajes novos.

No momento em que os piratas gregos se julgavam mais seguros de sua preza, subita e horrorosa tempestade submergiu a mal aventurada nau que a conduzia.

Aquelles preciosos thesouros, respeitados em toda a prolongação dos seculos por gentios, persas, arabes, sarracenos, egypcios, mamelukos, carismines, fatimitas, ommiadas, turcos e tantas barbaras nações, que invadiram, talaram e dominaram os logares santos, não escaparam ao heretico furor dos monges gregos!

Mas o que admira, e até confrange o coração dos fieis, é ver a indifferença com que a Europa inteira tolera que os mais caros penhores do amor e da devoção do Catholicismo continuem a ser assim profanados!

Depois dos enormes sacrificios do inclito capitão,

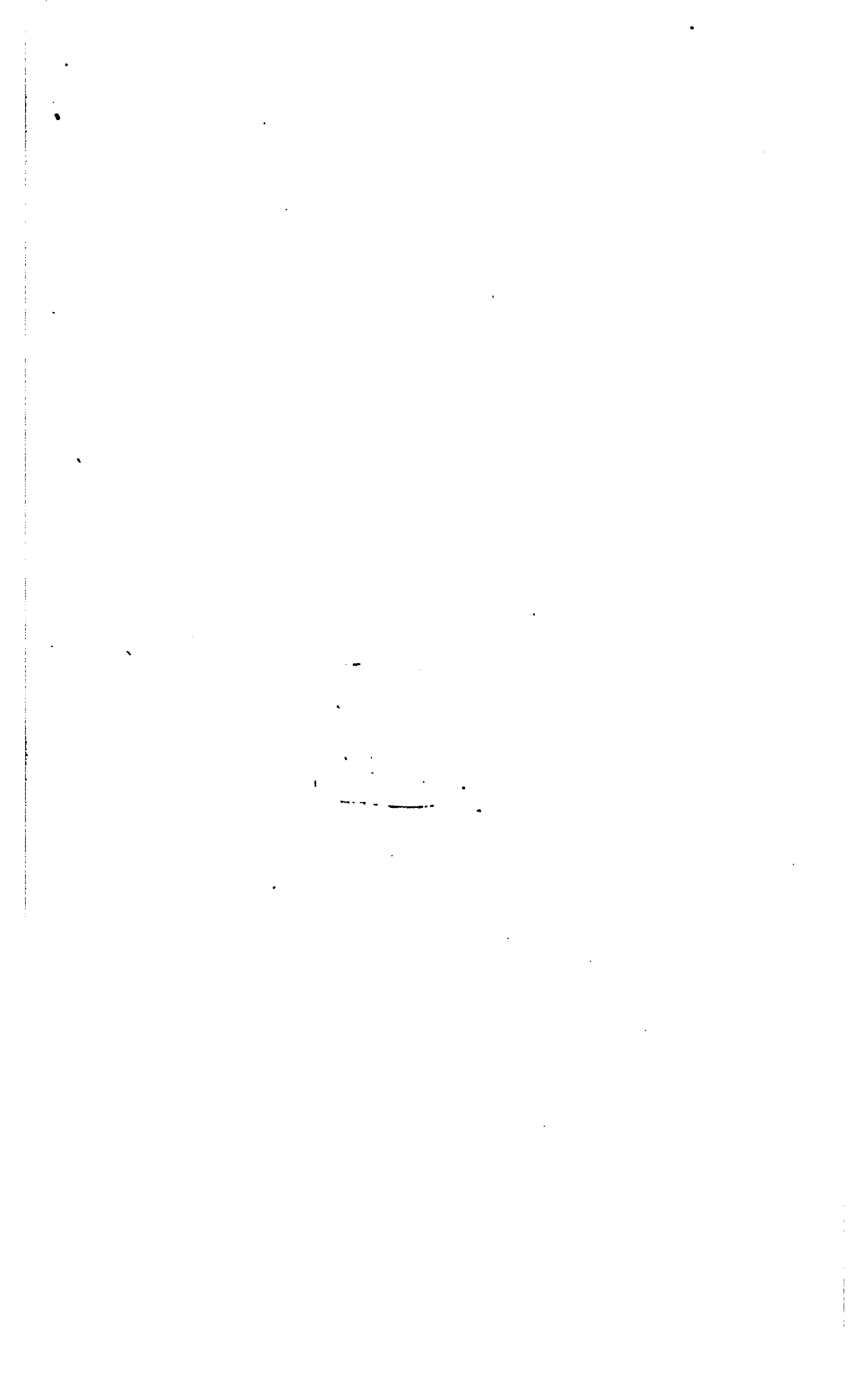
Che il gran sepolcro liberò di Christo,

lá se vão mais de sessenta annos, sem que até hoje houvesse, sequer o menor ensaio de reivindicação! Oh! se a sombra do capitão invicto que fez tremer o Oriente,

podesse erguer-se do pó dos seculos, vê-la-íamos fulgurante, com a espada em punho, servindo de sentinella ao esquecido moimento, e bradando ao mundo por nova libertação!

Debalde procurará hoje o viajante ver no Santo Sepulchro as formosas e giganteas columnas de granito, os altissimos pilares de alvo marmore, as colossaes figuras dos Prophetas e dos outros Santos, trabalhadas em mosaico, a elegantissima cupula com a armadura de cento e trinta e nove traves de cedro do Libano, o tecto doirado, com todas aquell'outras memorias da antiguidade, que merecidamente tornavam maravilhoso o primeiro santuario do mundo!

Tudo isso desappareceu! Só vive a tradição da esplendorosa magnificencia do que foi!





Bachelier lith

Imp. Lemercier et Cie Paris

CAPITULO XL

SANTO SEPULCHRO

I. Descripção do templo do Santo Sepulchro na actualidade. Generalidades. Seu exterior. Communhões que n'elle officiam, e seus privilegios.—II. Entrada do templo.—III. Primeiro santuario. Pedra da unção.—IV. Sepultura dos Reis latinos.—V. Capella de Adão. Gruta de Melchisedech.—VI. Sitio onde estiveram as santas mulheres. O Calvario. As capellinhas da erecção da Cruz e do *Stabat Mater*. A capella da Crucifixão. A capellinha da Senhora das Dores.—VII. Capella e historia de Santa Maria Egypciaca.—VIII. Santuario da erecção da Cruz. A fenda do rochedo resultante do terremoto. Logar onde estavam as Marias na occasião do embalsamamento.—IX. Santuario do Sepulchro do Redemptor. Sua descripção generica. A capellinha do Anjo. A do Sepulchro.—X. Egreja dos gregos scismaticos. Altar dos cophtas. O dos sorianos. Carneiro de José de Arimathéa.—XI. Capella da apparição de Christo a Magdalena. Altar de bronze. Os gregos scismaticos e o orgão dos franciscanos. Capella da apparição de Christo a Maria Santissima. O milagre da Vera Cruz. Nicho da columna da flagellação.—XII. Sacristia dos franciscanos. Espada e esporas de Godofredo de Bulhão. Capella do carcere. A do tronco de Jesus. A de S. Longino. Rotulo da Cruz. Capella da divisão das vestes.—XIII. Capella de Santa Helena. A da invenção da Santa Cruz. Altar da columna dos improperios.—XIV. Serviço do templo.

I

O actual templo do Santo Sepulchro, aliás reedificado sobre o antigo, abrange ainda o espaço que a sua primitiva fundadora, Santa Helena, teve em mente encerrar no seu ambito, isto é, toda a area santificada por Jesus Christo nos dias do seu transito. Cobre, portanto, não só o monte Calvario, mas tambem o antigo horto de José de Arimathéa, que fica a 70 passos ao occidente, e mais outra consideravel porção de terreno para o oriente, onde foi descoberto o Santo Lenho. Todo este espaço era, no tempo do Senhor, summamente desigual; mas Santa Helena quiz que, embora se terraplenasse o circuito do Calvario, ficasse este intacto, como era na primitiva; ora, como tudo isto se inclue n'aquelle monumental edificio, resulta d'ahi a grande desigualdade do piso. Cumpre notar que a palavra monte, applicada ao Calvario, não parece das mais proprias, porquanto é apenas um oiteiro baixo e de tão estreita base que não só está completamente comprehendido no templo, mas ainda n'este sobeja espaço embaixo para se passar de um lado e de outro. Dentro do templo ha innumeraveis capellas, cada uma consagrada a um passo memoravel da Paixão, e constituindo de per si como outras tantas pequenas egrejas. O templo é tão escuro, que só a cupula altissima lhe reflecte escassa luz. A estructura d'elle é forçadamente irregular, por causa da desigualdade dos planos, que tem de acompanhar as grandes disparidades do chão em que assenta. Dá-se-lhe a denominação de templo do Santo Sepulchro, não porque encerre sómente o tumulo do Salvador, mas porque este constitue a sua parte prin-

cipal, e porque tambem, não o Calvario, mas o Sepulchro de Christo foi vaticinado como o objecto maximo da universal veneração. E com rasão; porque o Calvario cobriu de ignominias o Redemptor, o Sepulchro o revestiu de glorias; aquelle foi o leito de sua affrontosa agonia, este o do seu divinal repouso; o primeiro o entregou a morte barbara, o segundo o restituiu á vida, triumphante; sobre o Calvario cobriu-se o sol de trévas, e do Sepulchro resurgiu o sol de justiça. E qual outro santuario poderá jamais confrontar-se com este, se o proprio Calvario onde se operou a redempção do genero humano, deve ceder-lhe a primazia?

Comquanto o Santo Sepulchro seja o monumento mais avidamente procurado pelo peregrino, não offerece exteriormente senão o aspecto de uma agigantada mole de granito, sem ornamento de peristylos ou decorações, e sepultado nas construcções que em torno se teem levantado. Só se entra ahi por uma porta do lado do meio dia.

Convem advertir que n'esta basilica officiam seis nações e communhões diversas: latinos catholicos, franciscanos; gregos, armenios, cophtas, abyssinios ou ethiopes, sorianos. Os ultimos cinco ritos não são catholicos; e os primeiros quatro, alem das proprias capellas, habitam no interior da basilica. Os franciscanos teem um conventinho e a sua capella ao norte do Sepulchro do Redemptor; os gregos, com a maior parte da basilica, ficam situados a leste; os armenios ao sul, sobre parte da galeria; os cophtas tem a propria capella a oeste, adherente ao sacro tumulo, e alguma camara na frente.

Latinos, gregos, armenios e cophtas teem direito de manter lampadas diante da fachada e no interior do templo, assim como diante da pedra da unção e de outros altares ou quadros. Esse direito ao Calvario é exclusivo de latinos e gregos. Já se vê que d'esta mistura resultam frequentes conflictos, e não raro ensanguentados, entre estas seitas, especialmente durante as funcções da Semana Santa.

II

A chave da porta da entrada é guardada por um mussulmano, que no fim da tarde a fecha, deixando dentro outro turco deitado n'um divan ao lado esquerdo, e grande numero de individuos pertencentes ás diversas seitas, que alli dormem habitualmente, e vivem na mais hedionda immundicie, pois tudo praticam sem pudor nem resguardo n'esses logares santissimos; e ainda hoje me horrorisa essa recordação; visto que, cabendo-me celebrar o sacrificio incruento na capellinha do Santo Sepulchro, tive de esperar de madrugada, mais de um quarto de hora, que saísse aquella immunda turba, deixando os ares impregnados das mais mephiticas exhalações.

Os turcos pouco se importam que os peregrinos passem a noite dentro do templo, comtanto que lá fiquem trancados; por isso muitos catholicos, desejosos de assistir aos officios divinos, e de receber a santa communhão, ou de celebrar a missa sobre o Sepulchro do Senhor, dirigem-se á secretaria da custodia da Terra, onde lhes é dado gratuitamente um bilhete de admissão. A mór parte das vezes aquellas missas são ditas quando o templo ainda está fechado. Igual bilhete é tambem necessario para poder levar a véla na procissão que se faz todos os dias ás

quatro horas e um quarto no templo; esta véla, que se dá gratuitamente, costuma ser conservada pelo romeiro, que em memoria a leva para a sua patria.

Cada madrugada, um turco morador n'um casebre proximo, e a quem compete fechar e guardar a chave, apresenta-se á porta da basilica, onde outro o espera; recebe a chave, e abre.

III

O primeiro santuario que se offerece a quem entra, é a pedra da unção, isto é, o logar onde José e Nicodemus puzeram o corpo de Nosso Senhor, para, segundo os usos judaicos, o embalsamarem.

Este logar, que nunca foi perdido de vista desde o tempo dos primeiros christãos, ficou incluido a principio na basilica de Constantino, e Santa Helena mandára cobrir aquella pedra com um bello mosaico. Nas duas primeiras reconstrucções do templo ficou esse santuario da parte de fóra da grande egreja, encerrado n'uma capella sobre si; mas os cruzados o reuniram de novo ao templo. Quando os franciscanos foram admittidos a officiar no Santo Sepulchro, ainda a pedra da unção estava coberta com o mosaico primitivo. Em 1555 quizeram os georgianos comprar aos musulmanos esse logar; mas os franciscanos, para conserva-lo, pagaram 50:000 escudos, ficando aquelles só com o direito de alli accenderem duas lampadas. Já do mosaico faltava n'esse tempo uma parte, que os franciscanos substituiram por mármore preto, sobre o qual gravaram as armas da Terra Santa e as do Padre S. Francisco. Os gregos porém, em 1808, tiraram aquelle marmore, e collocaram a pedra da unção cêrca de um palmo acima da terra, recobrindo-a com um ordinario marmore avermelhado, e entalhando ao redor inscripções gregas.

Jaz esta pedra (de $2^{m},70$ de comprimento e $1^{m},30$ de largura) inteiramente isolada no meio do pavimento, como um feretro, e cercada de um gradil de ferro. Sendo este santuario commum a latinos, gregos, armenios e cophtas, cada um d'elles tem os seus candelabros de bronze, cirios de desmedida grandeza e lampadas de prata. Ninguem que entre ou sáia, deixa de beijar reverentemente esta sacrosanta pedra.

IV

Passando alem da pedra da unção, vê-se á esquerda um banco ou assento de pedra, que occupa o logar onde era a sepultura de Godofredo de Bulhão, primeiro Rei latino de Jerusalem, morto em 1100, após um unico anno de reinado. Frei Pantaleão de Aveiro ainda diz que no seu tempo, tanto esta, como a de Balduino I, existiam collocadas sobre columnas de marmore, arrimadas ao muro exterior da capella mór. Diz mais que n'esse tempo se lia um epitaphio em lettras latinas, cujo sentido é o seguinte:

«Aqui jaz Godofredo de Bulhão, o inclito cabo, que todas estas regiões conquistou para o culto de Christo, com quem a sua alma vive e reina. Amen.»

É de crer que estes modestos dizeres fossem acordes com a recommendação de Godofredo, visto como esse valente fidalgo nunca acceitára o titulo de Rei de

Jerusalem, dizendo não lhe ser licito por sobre a cabeça aureo diadema, no sitio onde o Redemptor fôra de espinhos coroado.

Em face d'aquelle banco está outro no logar onde era a sepultura de Balduino I, fallecido em 1113, e a inscripção d'esta, trasladada tambem a portuguez, dizia assim:

«El-Rei Balduino, segundo Judas Machabeu, esperança da patria, fortaleza da Egreja, sustentaculo de ambas, terror das gentes; aquelle a quem prestavam dons e tributos Cedar e o Egypto, Dan e a homicida Damasco, está encerrado, oh dor! n'este exiguo tumulo. Morreu em 1118, domingo de Ramos.»

D'este letreiro só precisa explicada a locução «homicida Damasco»: provém ella da opinião existente n'aquellas partes, de que foi ahi perto que o desventurado Cain matou o innocente Abel, como o diz S. Jeronymo sobre Ezequiel; e ahi levantaram os turcos uma curiosa capella oitavada.

V

Entre estes dois monumentos fica a chamada capella de Adão, a qual está no interior do monte Calvario, exactamente sotoposta ao logar onde a Cruz foi cravada. Foi esta capella chamada de Adão, provavelmente pela opinião de S. Jeronymo, de Santo Ambrosio e de outros graves doutores, de que n'este logar foi sepultado o nosso primeiro pae, ou quando menos a sua cabeça [1]. Assim se explica a rasão por que aos pés de cada Crucifixo se costuma esculpir ou pintar um craneo humano, pela pia crença de que o sangue do segundo Adão, manando da Cruz, foi lavar as culpas do primeiro Adão e de todos os seus descendentes.

Nenhuma particularidade offerece esta capella, que é inteiramente privada de luz. Quem alli está, é que melhor póde apreciar a lascadura immensa da rocha do Calvario; porque, pondo-se lá em cima uma luz, os seus reverberos reflectem-se embaixo! Isto prova que a fenda não parou na superficie; penetrou até ás raizes da rocha, como está verificado pelas profundas excavações que se fizeram, não só quando foi preciso terraplenar toda a circumferencia em que devia assentar o santuario, como por occasião de proseguirem essas excavações em demanda da

[1] Varia sem duvida nos pormenores esta arrojada tradição; mas é notavel a uniformidade do ponto essencial a que ella se refere, já confirmada pelo testemunho verbal de seculos a seculos, já pela firmeza com que a teem adoptado escriptores ecclesiasticos de primeira plana. Segundo uns, o corpo de Adão fôra sepultado na terra de Judá, não por um simples sentimento de piedade filial, mas em virtude de ordem deixada por Adão á sua posteridade; porquanto esse Propheta sabia que o Filho de Deus, tornado Redemptor, se dignaria morrer no Calvario, e assim lhe convinha que seu corpo fosse sepultado no logar do supplicio, para que o sangue divinal rompesse os grilhões da morte que o tinham captivo. Dizem outros que, quando as aguas do diluvio iam invadir a terra, e aniquilar os ossos dos homens, ou confundi-los com os dos animaes, Noé reconhecêra os de Adão, e religiosamente os puzera na arca; que depois do diluvio os repartíra pelos seus filhos, dando a Sem, por ser o primogenito, a cabeça do pae do genero humano, e com ella a Judéa; que, ou fosse por determinação prophetica de Noé, ou por inspiração pessoal, Sem sepultára no Golgotha a cabeça do primeiro Adão, a fim de que o sangue do segundo Adão franqueasse a vida ao mundo, no proprio logar onde jazia aquelle que lhe havia dado a morte.

Com mais ou menos pormenores acreditam n'esse successo os Santos Epiphanio, Athanasio, Ambrosio, Chrysostomo, Agostinho, Cypriano, Germano, e bem assim Tertuliano, Euthymio, Adricomio, Quaresmio, Mazio, Addison, e outros dos mais sabios autores e padres da Egreja, não sendo licito dar mais importancia aos sorrisos dos negadores, que aos mysteriosos designios da ordem providencial.



Duruy lith. O CALVARIO Imp. Lemercier et Cie Paris

Cruz. Em summa, tão vertical foi o rasgão do véu do templo, como a fenda do rochedo do Calvario.

A fenda fica entre os buracos onde estiveram mettidas as Cruzes do Salvador e do mau ladrão, querendo o Senhor do universo com esta separação significar qual a reprovação em que os malvados devem incorrer.

Autores graves affirmam que esta capella não fôra ao principio senão uma gruta, onde sepultaram Melchisedech; sendo certo que na idade media havia ahi um altar, sobre o qual se offerecia o santo sacrificio pelas almas do purgatorio. Diz Frei Pantaleão, ao affirmar ter sido esta a sepultura do grão Sacerdote, que no tempo em que lá esteve, era ornada de rico mosaico de finissimas pedras de muitas cores e diversas, e que os abyssinios a tinham toda armada de ricos pannos de oiro e seda, os quaes o Preste João muitas vezes mandava sómente para esse effeito.

VI

Na direcção do lado esquerdo da pedra da unção, pompeia uma especie de throno simicircular, que encerra uma lapida, por sobre a qual ardem algumas lampadas. É memoria do logar onde se conservaram, emquanto o Divino Mestre agonisava, os seus conhecidos, e as santas mulheres, que desde a Galiléa o haviam acompanhado.

Á direita da pedra da unção fica o Calvario, para o qual se sobe por uma escada de dezenove degraus, proxima á porta do templo, ou por outra de dezoito, que fica do lado do norte. Comquanto o pavimento do Calvario represente um plano horisontal, claro está que não assenta elle todo verdadeiramente sobre a rocha primitiva. Apenas duas capellinhas subsistem collocadas no proprio rochedo, pois todo o resto d'esse pavimento só foi igualado por meio de um aterro, que nivelou o cume do Calvario. Os dois altares a que me refiro, são o da erecção da Cruz e o do *Stabat Mater*. Estas duas capellinhas ficam separadas, ou antes unidas por dois arcos, de que as voltas centraes repousam n'um pilar. Na capella do *Stabat Mater* vê-se, n'uma especie de nicho, uma devotissima imagem de Nossa Senhora, com o coração traspassado de sete espadas. N'esse altar celebrei missa, e bem se póde avaliar que fundo sentimento de veneração e temor se não apoderaria do Sacerdote, que alli, em presença de tamanha honra, bem podia exclamar o *Domine, non sum dignus*. A ara sobre que eu pousava as minhas mãos, assignala o sitio onde a Mulher Forte, a Mãe Piedosa, a Creatura Divinal *stabat juxta Crucem*, quando seu Filho nos transes da agonia lhe dirigiu do alto da Cruz as derradeiras palavras, recommendando-lhe o discipulo amado, e na pessoa d'elle a humanidade inteira.

«*Ó commutationem!* exclama o melifluo S. Bernardo, *Joannes tibi pro Jesu traditur, servus pro Domino, discipulus pro Magistro, filius Zebedæi pro Filio Dei, homo purus pro Deo vero!*»

N'esta capella conferiu o sr. bispo do Rio Grande as ordens de presbytero a dois religiosos franciscanos, ceremonia a que não só os catholicos assistiram, mas tambem os scismaticos dos diversos ritos; os primeiros com o mais religioso recolhimento, e os segundos com uma especie de estupefacção de espectaculo tão novo. Que felizes não foram aquelles dois Levitas! Receberam a sagrada unção no logar

onde o Summo Sacerdote dos Summos Sacerdotes da lei nova sellou com o sangue preciosissimo a verdade de sua divinal missão.

Da parte do sul, exactamente superposta ao logar onde Christo foi pregado na Cruz, está outra capellinha pertencente aos latinos, e a mesa do altar d'esta é toda de bronze, magnifico lavor do seculo xv. A parede lateral tem uma janella, que deita para o interior da capella da Senhora das Dores. A capella da crucifixão, que devêra ser recamada de oiro, não tem o minimo adorno; apenas se vê no meio da abobada um fragmento de mosaico e sobre o altar um painel.

Traz o primeiro à lembrança ter esta capella sido outr'ora coberta de mosaicos antiquissimos, representando Santos. A historia, depois de narrar-nos as incriveis difficuldades que encontraram os franciscanos na restauração dos santuarios, diz-nos tambem que com o longo volver dos annos aquellas figuras se cobriram de uma especie de crusta de materia apparentemente betuminosa, originada sem duvida da continua evaporação das lampadas que ahi ardiam dia e noite. Ora, aconteceu que no incendio de 1808, havendo as chammas derretido aquella crusta, desnudaram-se com geral admiração as imagens dos doze Apostolos, que formavam o cortejo do Salvador, assim como as de Santo Onofre, de Santo Antonio Abbade, e de outros Santos, em mosaico riquissimo, e tão bem conservadas que se diria have-las o fogo purificado, como no crisol se purifica o oiro. Mas infelizmente aquellas figuras eram assignaladas com inscripções latinas; tanto bastou para que os gregos as destruissem. Só a imagem do Salvador, que se achava no meio, não tinha inscripção, e foi poupada por divina providencia, para memoria dos vindoiros, como testemunha da malignidade grega.

O quadro, pois, que está no altar, crê-se que foi obra de excellente pincel; mas, ainda que o não fosse, o mysterio que representa, e o logar em que está, o tornam precioso.

Representa o Calvario com todas as pessoas que assistiram á divina tragedia. Vêem-se de um lado, a cavallo, alguns pretorianos que fazem fluctuar os romanos estandartes, e junto a elles os dois ladrões inteiramente nús, com as mãos amarradas para trás, esperando tremulos e espantados o fatal momento de serem levados ao supplicio. Mais abaixo estão carrascos tirando de um cesto os instrumentos necessarios para a crucifixão: martellos, pregos, tenazes e verrumas.

Da outra parte do quadro ha soldados e algozes, que estendem na Cruz o Redemptor com os braços abertos, como que anhelando abraçar os seus assassinos, mas que o não póde, porque lhe estão furando as mãos com dois grandes prégos, sobre os quaes batem com toda a força. Terceiro carrasco está inclinado furando o pé da Cruz com uma verruma, tendo já traspassado os pés do Redemptor; e como receioso de que fuja, os conserva atados com uma corda a um tronco, procurando em seguida ageita-los com grande esforço ao buraco.

A medonha catadura dos carrascos; a barbara scena da crucifixão; as dores visiveis que soffre o divino Padecente, coberto de sangue negro, que irrompe de todas as partes do corpo; o pensamento de que aquelle Martyr era o Unigenito de Deus, que sobre aquelle monte, n'aquelle logar, havia tragado todos os opprobrios, que o engenhoso artista com piedade cruel desenhára; constituem o mais solemne e pungente dos espectaculos!

Pena é que pozessem este quadro em logar tão escuro. A luz cae sobre elle coada de uma janella gradeada ao lado direito, e que deita para uma capellinha

de estylo gothico, erecta no proprio logar onde se conservaram a Rainha dos Martyres, S. João e as santas mulheres, durante o tormentoso processo da crucifixão.

Esta capellinha, chamada da Senhora das Dores e pertencente aos catholicos, formava na idade media o atrio exterior do Calvario; e onde agora está a dita janella era então a porta. Hoje não faz ella parte do corpo do templo, sendo apenas uma das suas annexas. Sobe-se para alli por uma escadinha de oito ou nove degraus encravados na parede externa, á direita de quem entra no atrio, e que outr'ora conduzia ao Calvario.

VII

A quem é dedicada est'outra capella que visitâmos agora, sotoposta á de que acabâmos de fallar, e pertencente aos gregos scismaticos? Á mais insigne das peccadoras, á mais insigne das penitentes! E porque é este o proprio logar onde se passou a assombrosa scena, que originou sua conversão, seja licito levantar mão por um momento d'estas descripções, para contemplarmos estes milagres operados por Aquelle que é o permanente refugio dos peccadores.

Era o velho Zozimo ornamento do seu mosteiro na Palestina, e todavia aspirando a novos exercicios de santidade, ouviu uma voz dizendo-lhe que se transportasse a outro mosteiro junto ao rio Jordão. Partiu sem detença, e alegremente recebido, ficou espantado do zêlo, humildade e virtude que em similhante claustro reinava.

Chegado o tempo da quaresma, os religiosos, segundo o costume, receberam a Sagrada Communhão; depois comeram juntos; feito o que, ajoelharam, oraram, abraçaram-se uns aos outros, receberam a benção do abbade, e saíram, levando comsigo pouca ou nenhuma refeição.

Passaram o Jordão todos; mas separaram-se logo, embrenhando-se no deserto; e desde então, se um avistava outro, deixava o caminho e apartava-se, até que, chegado o Domingo de Ramos, voltavam todos ao mosteiro, sem se interrogarem reciprocamente.

Zozimo fez como os outros religiosos, e vinte dias eram passados depois da saida do mosteiro, quando á hora de sexta, estando em oração, viu junto de si uma sombra como de humano corpo. Turvou-se algum tanto, cuidando se era phantasma; benzeu-se, e acabando a oração, fitou mais aquella figura, que lhe pareceu mulher, mas de corpo tostado e denegrido, cabellos alvos como lã, raros e curtos!

Zozimo, que desde a sua entrada no deserto não tinha visto ente humano, animal da terra, nem sequer ave do ceu, quiz fallar a esse vulto, que principiou a fugir para o mais apartado do ermo, e Zozimo a segui-lo acceleradamente, a despeito de sua cansada idade e fracas forças. A final, vendo que já podia ouvir, gritou-lhe:

— «De que foges de mim, servo de Deus? Olha que sou um velho e peccador. Pelo Senhor, por cujo amor e poder vives n'este ermo, te conjuro que me esperes, e te compadeças de mim.»

E o vulto respondeu:

— «Padre Zozimo! Por Deus te peço me perdoes, que sou mulher, e estou em nudez, e por isto te não posso esperar; mas emfim, se queres que eu pare, para que me deites a benção, atira ao chão o teu manto, e afasta-te por um pouco.»

Fez o monge como lhe era pedido, e entrou a meditar como era possivel saber essa mulher o seu nome! Finalmente voltou, e achou-a de pé, esperando-o. Começou entre ambos uma santa porfia, sobre qual dos dois havia primeiro de lançar a benção ao outro, até que ambos, ajoelhados, se abençoaram.

Seguiu-se então uma piedosissima pratica entre os dois, e tendo Zozimo pedido a essa mulher que supplicasse a Deus paz para a sua Egreja, ella, por obediencia, apartou-se a um cabo, e virada com o rosto ao oriente, levantou olhos ao ceu, e tendo erguido suas mãos, fez oração em voz baixa. Affirmou depois Zozimo, com juramento, que a viu, emquanto esteve orando, levantada um covado do chão, causando-lhe isto tanto temor e espanto que caiu por terra, só podendo pronunciar as palavras: «Senhor, misericordia!» hesitando se aquillo seria algum espirito.

E então ella se approximou, e lhe disse:

«Não sou, não, não sou espirito, mas sim pó e cinza. Fui banhada com a agua do baptismo; sou mulher e peccadora.»

Levantou-se o monge, e ella fez o signal da Cruz na fronte, nos labios e no peito; e Zozimo envergonhado pediu-lhe perdão, e rogou-lhe dissesse quem era, qual fôra sua vida, e porque assim fazia tal penitencia. Ao que a mulher respondeu:

«Pejo tenho, padre Zozimo, de te patentear minha vida cheia de torpezas, de te descobrir a minha alma, que foi vaso do demonio.»

Choravam ambos; sentaram-se algum tanto apartados; reinou silencio longo de intima meditação, que ella a final rompeu d'est'arte:

«Nasci no Egypto; tinha doze annos quando, ainda vivos meus paes, eu, desrespeitando-os, saí de sua casa, e me fui a Alexandria, onde, sem protecção e deixando-me arrastar pela mais desordenada indole, gastei dezesete annos nas mais asquerosas devassidões, cuja narração te peço me poupes.

«Vi uma vez, em tempo de verão, multidão de gente vinda do Egypto e Africa para se embarcarem em Alexandria, com destino a Jerusalem, a fim de assistirem á festa da Exaltação da Cruz. Não por devoção, mas por distracção nova, salteoume a curiosidade de emprehender essa viagem; porém como não tivesse dinheiro para pagar a portagem, nem um homem, a quem me dirigi, quizesse acceitar a paga torpe que eu lhe offerecia, arremessei a roca e fuso que tinha nas mãos, como cousa já impertinente, e corri ao mar; vi na praia doze moços robustos que iam embarcar; e tendo-os feito rir muito das minhas propostas e dos meus modos, consentiram em levar-me comsigo. Causa-me horror e vergonha o recordar-me dos incriveis excessos, que pratiquei n'essa viagem, e depois na cidade santa.

«N'isto perseverei até que chegou o dia da festa, e n'ella vi muita gente indo para o templo do Santo Sepulchro; fui com essa turba, e cheguei á porta. Todos entravam, e eu quiz tambem entrar; mas senti como uma força que me impedia dar ávante um passo mais! Porfiava, e quanto maior minha porfia era, mais augmentava a resistencia que me faziam, até me deitarem longe d'alli, sem que eu pudesse ver quem era que assim me empurrava! Tres vezes insisti em introduzirme no templo, e outras tantas me vi d'elle expulsar! Puz-me a uma parte mui triste e pensativa, e a esta minha tristeza seguiu-se uma pouca de claridade celeste, parecendo-me ser a causa de se me negar a mim a entrada mais que aos outros, ser eu peior que todos.

«Considerei então attentamente pela primeira vez a minha vida, e tanta dôr e pena senti, que chorando muitas lagrimas, dando muitos gemidos, e ferindo os peitos, estive prostrada por algum tempo, até que, erguendo os olhos, vi n'um logar alto uma imagem da Mãe de Deus, e a ella dirigi minhas supplicas.

«Indigna sou por certo, Senhora minha, de pôr em vós meus olhos, quanto mais de fallar comvosco, eu deshonesta, immunda, infame! E todavia, considerando que sois Mãe d'Aquelle que ao mundo veiu para trazer a penitencia aos peccadores, fio que me não desprezareis. Ajudae-me, Senhora, alcançae-me de vosso Unigenito Filho que eu possa entrar em sua casa, e ver o precioso madeiro onde operou o nosso resgate. E eu vos dou minha palavra, e prometto de pôr termo aos meus desregramentos, e d'isto quero que me sejaes fiadora com vosso Filho e meu Deus. Deixarei o mundo, e irei onde me mandardes.

«Dito isto, senti em mim confiança grande. Fui-me á porta por onde estava entrando muita gente, e com facilidade entrei, do que senti inexcedivel consolação. Contemplei os divinos mysterios, e ajoelhando ante a Virgem, dei-lhe fervorosas graças, e pedi-lhe suas ordens; pareceu-me ouvir uma voz:

«Se passares o Jordão, lá acharás consolação e descanso.»

«Saí logo; com tres dinheiros que me deram de esmola, comprei tres pães, e marchei para o Jordão. Chegada a um oratorio de S. João Baptista, á margem d'este rio, fiz oração, tive vigilia aquella noite, confessei-me e communguei; lavei o rosto na agua sagrada, comi metade de um pão. Atravessei o Jordão, e penetrei n'este deserto onde, até hoje solitaria, tenho pedido a Deus misericordia.»

— «E quantos annos, perguntou Zozimo, tens estado, Senhora, n'esta penitencia?»

— «Cuido que serão passados quarenta e sete.»

— «E qual tem sido o teu alimento?»

— «Quando passei o Jordão restavam-me dois pães e meio, que vieram com o tempo a converter-se em pedra; alem d'esses, o meu comer tem sido hervas silvestres.»

Depois de terem variado estas piedosas praticas, pediu a penitente ao padre que no anno seguinte não saísse ao deserto, ficasse no mosteiro, e na vespera da Ceia do Senhor tomasse o Sacramento, e lh'o levasse; e ao mesmo tempo lhe fez outras muitas recommendações ácerca da administração do convento.

Chegado o dia aprazado, tomou Zozimo o Santissimo Viatico, e foi esperar na praia a santa mulher. Após assaz largo tempo, viu-a vir da outra parte do rio, e viu mais que, fazendo ella o signal da Cruz sobre as aguas, entrou n'ellas, e como se andára por terra firme, passou o rio até chegar onde estava Zozimo. Fazia luar. Quiz o santo velho lançar-se de joelhos, mas ella lhe deu vozes que não fizesse tal; que olhasse que em suas mãos trazia Deus. Disseram ambos o *Credo* e o *Pater*, e ella commungou com muitas lagrimas, ajoelhada e mãos erguidas ao ceu, e em seguida proferiu as palavras de Simeão: «Agora, Senhor, que meus olhos Te viram, dá que a tua serva descance em paz».

Pediu ao padre que no anno seguinte lhe fosse fallar ao sitio onde primeiro a encontrára; e fazendo o signal da Cruz sobre o Jordão, o tornou a passar.

No tempo fixado, foi Zozimo ao deserto, e andou alguns dias baldadamente procurando-a. Chegava já ao logar onde antes a tinha visto, e notou que d'alli saiam raios resplandecentes como os do sol; approximou-se, e viu o cadaver da Santa es-

tendido na terra, e bem composta para o oriente. Beijou-lhe os pés, fez o officio de defuntos, e descobriu no chão umas lettras que diziam:

«Padre Zozimo, enterra o corpo de Maria, a peccadora; dá á terra o que é da terra; mistura o pó ao pó, e ora a Deus por mim, que morro na noite da Paixão de Christo, depois de ter recebido a Sagrada Communhão.»

Estava Zozimo duvidoso sem saber como havia de cavar a sepultura, quando d'esta duvida o tirou um successo estupendo, qual foi o ver inopinadamente um enorme leão, surgido não sabia d'onde, e que se puzera a lamber os pés da gloriosa Santa; e vendo como a féra procedia, cobrou ousio, e mandou-a cavar na terra. Assim fez o leão a cova, na qual Zozimo poz a defunta, e a fera tornou a deitar a terra sobre o corpo, e desappareceu.

VIII

Continuemos a descripção.

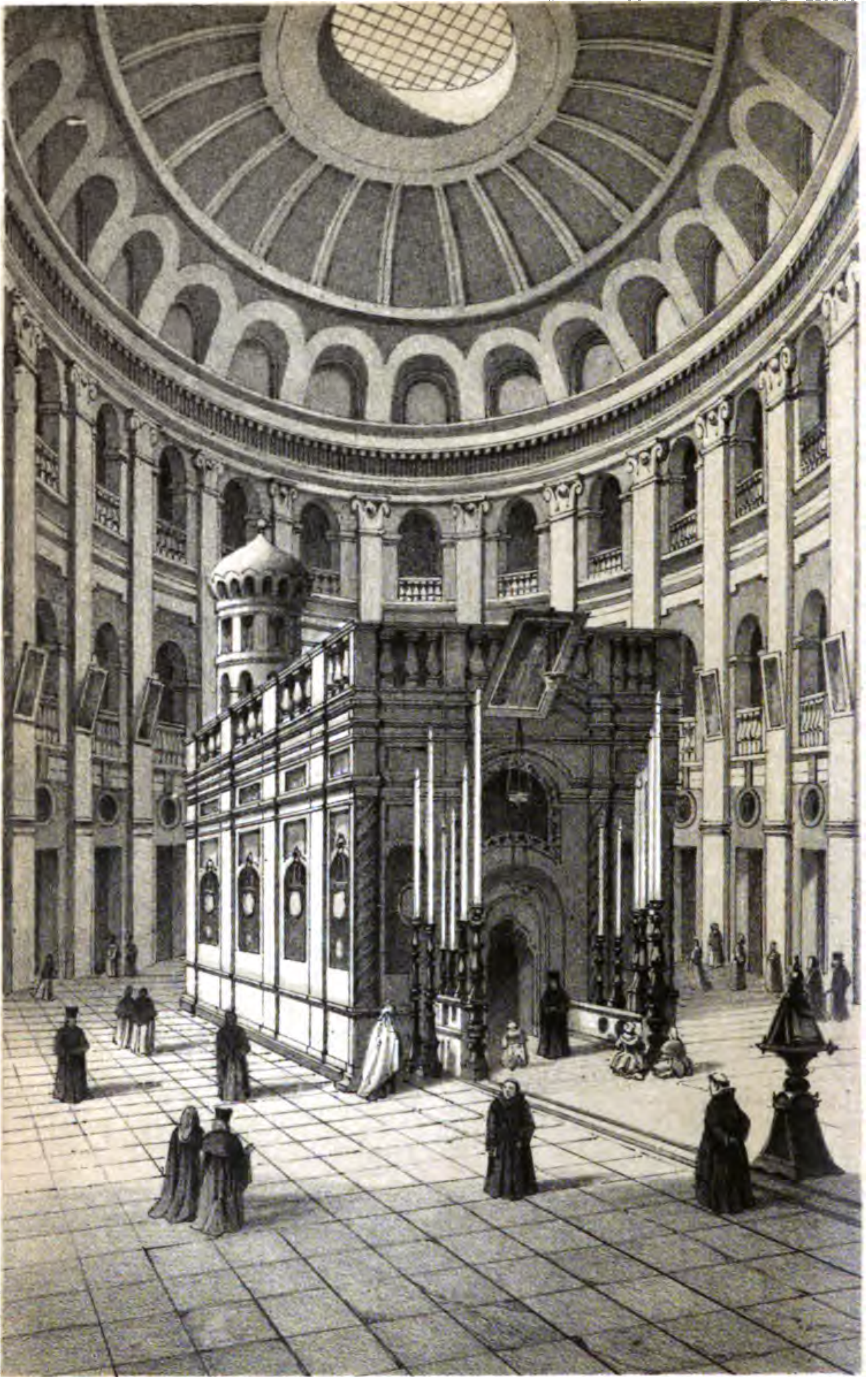
Na parte septentrional do Calvario, isto é, á esquerda de quem entra, acha-se o altar da erecção da Cruz. Ahi beijam os peregrinos o logar onde foi plantada a Cruz, embora pelo motivo já exposto esse buraco esteja hoje mais ampliado que na primitiva.

Pertence esta capella exclusivamente aos gregos scismaticos, e cumpre confessar ser ella tão elegante, quanto é singela a da Crucifixão, que pertence aos latinos. Esta (da erecção da Cruz) é toda pintada a fresco, tendo de marmore o pavimento multicôr. Diz um escriptor asceta, que bem era que a côr vermelha ahi predominasse, como predomina.

A escuridade do logar augmenta-lhe a venerabilidade. A rocha sobre a qual foi arvorada a Cruz, é toda coberta de marmore branco e algum tanto elevada do plano da capella. Ao chegar a este pavoroso sitio, dá-se logo com os olhos n'um grande Crucifixo de madeira, de estylo grego; aos lados do augusto Vexillo estão duas imagens, uma da Virgem, outra de S. João Evangelista. Ha mais duas pedras negras e redondas, ladeando a Cruz Santa, que assignalam os logares onde foram erguidas as cruzes dos dois ladrões. Ahi se collocaram, em memoria d'este acontecimento, duas cruzes toscas, com duas figuras de panno cheias de algodão, e a physionomia do mau ladrão é horrendamente expressiva.

Á direita de quem olha para o altar, isto é, entre a Cruz do Redemptor e a do mau ladrão que lhe ficava á esquerda, ou antes entre o altar da erecção da Cruz e o do *Stabat Mater,* vê-se a grande fenda que abriu no rochedo do Calvario o terremoto occorrido ao expirar Jesus Christo. Esta rachadura forma uma linha, que ondula na direcção de nascente a poente. Tem de comprimento $1^m,60$; de largura $0^m,15$. Os angulos salientes por tal arte correspondem aos reintrantes, que se fosse possivel approximar as duas partes separadas, se ajustariam perfeitamente. A fenda está coberta com uma lamina movediça de bronze doirado, que, afastada, dá logar a ver-se o abysmo ou profundeza d'ella. O penhasco é um calcareo composto, acinzentado, entremeado de alguns veios avermelhados [1].

[1] Esta fenda nunca poderia ter sido obra do homem. Cita Addison, a proposito d'este phenomeno, o seguinte facto: «Um fidalgo inglez, muito estimavel, que viajou pela Palestina, contou-me que um companheiro seu de viagem, talentoso deísta, vivia a ridiculisar as narrações dos santos logares, que os padres catholicos lhe faziam. Um dia resolveu ir visitar a fenda do rochedo



Bachelier lith.

Imp. Lemercier et Cie Paris

CAPELLA INTERIOR DO SANCTO SEPULCHRO

Descendo do Calvario, e tornando a passar diante da pedra da unção, vê-se á esquerda uma escada que leva á capella dos armenios scismaticos. Perto d'essa está no chão uma pequena abobada gradeada de ferro, que indica o logar onde se conservava a Magdalena e as outras Marias, na occasião em que José e Nicodemus embalsamaram e sepultaram Nosso Senhor.

IX

Voltando-se á direita, fica-se debaixo da grande cupula; e a distancia de 12 metros vê-se no meio o templosinho que encerra o Sepulchro do Redemptor.

Cobre a este templo uma rotunda magnifica, algum tanto similhante á do Pantheon de Agrippa, em Roma. É sustentada por dezeseis pilares enormes em grossura e altura. Ao redor d'esse zimborio e pela parte de dentro do tecto estão duas ordens de galerias concentricas, e da altura da abobada pende um globo, que por si mesmo se move. Ha no meio da cupula uma abertura, d'onde a luz côa raios para o templo, que de nenhuma outra parte a poderia receber, visto achar-se todo abafado por habitações de turcos, gregos, armenios e franciscanos. Estas galerias fariam lembrar as platéas se, em vez de tapeçarias, pavilhões e ornamentos, não fossem antes uns corredores humidos, afumados, immundos. É vergonhoso para o orbe catholico achar-se o Santo Sepulchro de Christo em tão miserandas condições.

Perguntará talvez o leitor por que rasão se não fazem rebocar os muros, terraplenar as sotéas, renovar os tectos, aplainar os pavimentos? A resposta é facil: não só os turcos, mas tambem os gregos scismaticos o prohibem: estes, por excesso de maldade, arrancam de noite o chumbo que reveste a grande cupula, accelerando assim a sua destruição, sem permittirem qualquer reparo, que aliás de boa mente fariam, comtanto que ficassem senhores do santuario. Não obstante porém o pessimo estado do templo, não deixa este de ser magestoso, assim como são magnificas as suas galerias, as quaes, quando illuminadas, como se costuma nas grandes solemnidades, conforme presenciei no dia da Invenção da Santa Cruz, formam uma aureola brilhantissima ao tumulo do Redemptor, e apresentam uma perspectiva deslumbrante. A varios usos se prestam estas galerias. Gregos e cophtas as fazem servir de dormitorio; armenios as convertem, parte em habitação, e parte em egreja; catholicos não lhes dão outro destino alem do que lhes é proprio.

Agora estamos exactamente debaixo do zimborio, no logar onde se eleva o formoso santuario, iman da humanidade; á roda d'este, e como formando esplendida corôa de rutilante fulgor, ardem collocadas nas alturas quarenta e tres argenteas

do Calvario, com o intuito de adquirir novos dados para as suas zombarias. Depois de examina-la com toda a attenção de sabio naturalista, disse ao seu amigo: «Começo a ser christão. Eu fiz grande estudo da geologia, e posso assegurar que a rachadura d'esta penha nunca poderia ser produzida por um terremoto natural. Podia este sim separar as camadas diversas de que a massa petrea se compõe; quando, porém, isso acontece, opera-se a separação seguindo os veios da pedra, e rompendo-se as prisões d'ella pelas partes onde tem menor cohesão. Nem a sciencia, nem a rasão admitte o contrario. Ora aqui, a rocha está partida transversalmente; a fenda não segue os veios, antes os atravessa de um modo inexplicavel e sobrenatural. Confesso que este resultado só por um milagre se podia operar. Sim; Jesus Christo era um ente divinal, adoro-o!»

lampadas, das quaes pertencem treze aos franciscanos, treze aos gregos, treze aos armenios e quatro aos cophtas. Vasos de flores sempre frescas embalsamam esses ares. No meio da parede septentrional está um tosco baixo relevo representando Christo ao saír do Sepulchro; pertence aos gregos. Os latinos teem um painel do mesmo objecto, á esquerda d'aquelle baixo relevo; e os armenios outro similhante á direita. Os ornamentos, candelabros, vasos, etc., que estão diante das tres imagens, são da respectiva propriedade dos tres ritos. Nos dias solemnes, os ornamentos são da maior preciosidade; como, porém, o sitio é estreitissimo, cada communhão adorna o Sepulchro exteriormente. Só os franciscanos ahi collocam até cincoenta enormes lampadas de prata e oiro, offertadas por Soberanos e pios personagens.

Contribuiam principalmente para estas larguezas, até alguns tempos ha, a senhoria veneziana, o Egypto, a Sicilia, Hespanha, Portugal, etc. Frei Pantaleão falla de um consideravel legado de El-Rei D. João III de Portugal para o azeite das lampadas que ardiam assim na Casa Santa, como em Belem; e bem assim de outro legado deixado para o mesmo fim por um fidalgo principal d'esse reino, Jorge da Silva, que passou com El-Rei D. Sebastião á Africa, e lá morreu.

O pequeno templo marmoreo que encerra o Santo Sepulchro, tem a fachada para o oriente, isto é, para o Calvario, d'onde dista 70 passos para oeste. No interior é dividido em duas pequenas camaras, que entre si communicam por meio de um postigo estreito e baixo, segundo o velho estylo sepulchral dos hebreus. Já não ha distincção exterior entre a camara do Anjo e a do Santo Sepulchro propriamente dito. A fachada, de um a outro angulo tem 5 metros; a extensão total do edificio 8, e quasi 5 a sua altura.

Orna-o exteriormente um marmore amarellento, e compõe-se de uns dezeseis pilares, que sustentam uma cornija formosissima. Um reposteiro azul com os instrumentos da Paixão bordados em branco guarnece a porta. Esta entrada é ornada de oito enormes candelabros com cirios de grandeza colossal. Penetrando-se no mausoleu, vê-se que é dividido nas citadas duas camaras. A chamada capella do Anjo é completamente moderna; forma um quadrado de 2 metros de lado. Todas as suas paredes são forradas de marmore branco esculpido. Ao meio, sobre uma columna de 1 metro de altura, se eleva uma pedra, que indica o logar onde foi revolvida a que tapava o Sepulchro, e sobre a qual esteve sentado o Anjo.

D'alli entra-se curvo ou quasi ajoelhado para o Santo dos Santos [1]. Apenas nos

[1] Fallando Lamartine do monumento sepulchral de Christo, diz o seguinte:
«É dividido em dois pequenos santuarios; encontra-se no primeiro a pedra em que o Anjo estava sentado, quando respondeu ás santas mulheres: *surrexit, non est hic;* no segundo e ultimo santuario está a sepultura onde foi lançado o Divino Corpo, resguardada por uma especie de involtorio de branco marmore, que inteiramente occulta aos olhos a substancia do rochedo primitivo, em que a sepultura foi aberta. Lampadas de oiro e prata perennemente accesas illuminam a capella, onde noite e dia rescendem os perfumes do incenso; o ar que n'ella se respira é tepido e embalsamado. Ahi entrámos um a um, sem permittirmos a nenhum dos serventes do templo acompanhar-nos, ficando separados de nós por uma cortina de seda carmesim do primeiro santuario. Não quizemos que estranhos olhos turbassem a solemnidade do logar, nem a profundidade das impressões que elle podesse inspirar a cada um, consoante o seu modo de pensar, e o grau da sua fé no grande acontecimento que este Sepulchro rememora. Cada um de nós permaneceu cerca de um quarto de hora, e com olhos enxutos nenhum saíu. Qualquer que seja a fórma que meditações interiores, leitura da historia, annos, vicissitudes do coração e do espirito do homem, lhe tenham infundido ao seu sentimento religioso; quer elle haja observado litteralmente o Christianismo, os dogmas de sua mãe; quer só professe o Christianismo philosophico e espiritual; quer

quatro angulos sobresaem uns pilares em baixo relevo. O tumulo do Salvador, sobre o qual tive a gloria de celebrar o incruento sacrificio, occupa todo o lado direito da camara, e eleva-se $0^m,60$ acima do pavimento, formando um parallelogrammo de 2 metros sobre $0^m,90$. A superstructura é de marmore branco, e encerra o verdadeiro Sepulchro onde repousou o corpo do Redemptor.

Graças a Deus, que por esse meio foi resguardado da piedade indiscreta, que já completamente o houvera espedaçado á força de lhe extrahir reliquias.

Cinco ou seis pessoas podem ahi caber de joelhos. A tábua de marmore que fica a um metro do chão, e cobre o Sepulchro, é toda em torno guarnecida de marmore avermelhado. Tem no meio um baixo relevo assás mediocre esculpido na parede do norte, representando Christo resuscitado, e de cada lado dois paineisinhos em que está desenhada a mesma scena. Pertence um aos latinos e outro aos armenios.

o Christo seja para elle um Deus crucificado; quer não veja n'elle senão o mais santo dos homens, divinisado pela virtude, inspirado pela verdade suprema, e morrendo para dar testemunho a seu Pae; quer a seus olhos seja Jesus o Filho de Deus, ou o filho do homem, a divindade humanada, ou a humanidade divinisada; é sempre certo que o Christianismo é a religião de suas recordações, de seu peito e de sua imaginação; porque elle se não evapora ao vento do seculo e da vida de modo tal, que a alma, em que se transfunde deixe de lhe conservar o primitivo odor, e que o aspecto dos logares e dos monumentos visiveis de seu primeiro culto deixe tambem de rejuvenescer suas impressões, e de o abalar com solemne estremecimento. Para o christão ou para o philosopho, para o moralista ou para o historiador, este tumulo é a raia que separa dois mundos, o antigo e o moderno; é o ponto de partida de uma idéa que renovou o universo, de uma civilisação que transformou tudo, de uma palavra que retumbou por todo o globo: este tumulo é o sepulchro do velho mundo e o berço do mundo actual. Nenhuma pedra na terra serviu de fundamento a tão vasto edificio; nenhuma jazida foi tão fecunda; nenhuma doutrina, sepultada tres dias ou tres seculos, despedaçou de tão victorioso modo o rochedo que o homem sobre ella houvesse sellado, nem desmentiu a morte por tão estrondosa e perpetua resurreição!

«Entrei por minha vez, e em ultimo logar, no Santo Sepulchro, com o espirito alvoroçado d'estas idéas incommensuraveis, com o coração tremulo d'aquellas impressões mais intimas, que permanecem mysterio entre o homem e sua alma, entre o insecto pensante e o Creador: estas impressões não se escrevem; exhalam-se com o fumo das lampadas piedosas, com os perfumes dos incensarios, com o murmurio vago e confuso dos suspiros; deslisam-se com as lagrimas que prorompem dos olhos, ao lembrarmo-nos dos primeiros nomes que em nossa infancia balbuciámos, do pae e da mãe que no-los ensinaram, dos irmãos, das irmãs, dos amigos com quem os murmurámos. Todas as impressões piedosas, que abalaram nossa alma nas varias situações da vida, todas as orações que nos saíram do coração e dos labios em nome d'aquelle que nos ensinou a orar ao Pae d'elle e nosso; todas as alegrias, todas as tristezas do pensamento, cuja linguagem foram estas orações, se despertam nos seios da alma, e produzem no seu tumultuar confuso esse deslumbrar da intelligencia, esse enternecer do coração, que não cata palavras, mas se resolve em olhos humedecidos, em peito oppresso, em fronte curva e em labios silenciosamente collados á pedra de um sepulchro. Permaneci largo tempo assim, orando ao ceu, ao Eterno Pae, alli, alli no mesmo logar onde a mais bella das orações subiu pela primeira vez ao empyreo; orando por meu pae na terra, por minha mãe no ceu; por todos os que vivem, e os que não vivem, mas com os quaes o laço invisivel nunca se rompeu; a communhão do amor existe sempre; o nome de todos os entes que eu conheci, que amei, por quem tenho sido amado passou de meus labios á lapida sacrosanta. Por mim orei em derradeiro; mas a minha oração foi ardente e forte; eu impetrava fervor e verdade, ante o tumulo d'aquelle que maior copia de verdades lançou no mundo, e com maior dedicação morreu por essa verdade de que Deus o havia feito Verbo; recordar-me-hei sempre das palavras que murmurei n'aquella hora de crise para a minha vida moral. Fui ouvido talvez: subito um grande lampejo de rasão e convicção me illuminou a intelligencia, e mais claramente discriminei a luz das trevas, os erros das verdades. Momentos ha na vida em que os pensamentos longo tempo vagos e fluctuantes, como ondas soltas, tocam praia onde se quebram, e refluem sobre si mesmos com fórmas novas e corrente contraria á que até então os impellíra. Tal foi para mim um d'estes instantes; aquelle que sonda os pensamentos e os corações o sabe, e póde ser que eu mesmo venha ainda a comprehende-lo. Foi um mysterio na minha vida, que mais tarde se revelará.»

Na capella do Anjo ardem de continuo quinze lampadas: cinco alimentadas pelos catholicos, cinco pelos gregos, quatro pelos armenios e uma pelos cophtas.

Ahi se vêem dois buracos lateraes, que servem aos gregos para distribuirem o seu fogo santo na vespera da sua Paschoa.

Na porta da capella do Anjo havia antigamente estas palavras: *Surrexit, non est hic;* e na que dá entrada para o sacro deposito, est'outras: *Ecce locus, ubi posuerunt eum;* inscripções devoradas pelo incendio de 1808, segundo me informou um velho franciscano.

X

Defronte do Santo Sepulchro, a leste, ostenta-se uma egreja magnifica em relação com a grande cupula, e parecendo formar-lhe o côro; é ornada de innumeraveis quadros a fresco. Pertence aos gregos scismaticos, e na idade media servia de côro aos conegos do Santo Sepulchro; mas ahi não se venera passo algum que interesse aos fieis; por igual motivo não me occuparei da descripção do altar dos cophtas, praticado na parede exterior do monumento do Sepulchro, a oeste.

Em face d'este altar ha uma porta por onde se entra para uma camara em fórma de capella, pertencente aos sorianos (herejes jacobitas). D'alli se passa a outra estancia, onde é o denominado carneiro da familia de José de Arimathéa, logar que pertence aos abyssinios e ethiopes (herejes eutichianos). Consiste n'uma camara subterranea, á moda dos sepulchros hebraicos, com seis jazigos horisontaes entalhados na rocha, e cada um capaz de conter um corpo; dois estão abertos, dois fechados e dois incompletos.

Quer a tradição que José, depois de depositar o corpo do Divino Mestre no sepulchro que para si havia preparado, fizesse abrir est'outro igual, no mesmo horto, e proximo ao do Senhor, para si e para os seus. Suspeita-se porém não haver elle logrado o seu intento. Diz-se que pouco mais tarde foram presos José, Lazaro e suas irmãs, e confiados a uma barca sem leme nem vélas, que milagrosamente foi aportar a Marselha, acabando José seus dias na Bretanha. Outros finalmente pensam que no anno de 417 foram seus restos achados nas vizinhanças de Jerusalem: teriam elles sido trasladados da Bretanha?[1]

XI

Saíndo da area comprehendida pela abobada, isto é, pelo lado opposto áquelle por onde se entra, passa-se a uma grande capella dedicada á apparição de Christo a Maria Magdalena. O logar está assignalado por um mosaico do pavimento, em

[1] O dr. Schultz, fallando da authenticidade do sepulchro de José de Arimathéa, diz: «Parece fóra de duvida que houve aqui um moimento, muito antes de ser edificada a egreja do Santo Sepulchro, e moimento da fórma dos dos antigos judeus, remontando por consequencia a tempos anteriores á destruição de Jerusalem pelos romanos». Logo, nos dias de Christo, esse tumulo ficava fóra do recinto de Jerusalem; visto como, segundo a lei hebraica, nenhuma sepultura podia ser aberta no interior da cidade. É tambem prova sem replica da certeza da tradição christã sobre o tumulo de Jesus Christo e sobre o Calvario, cuja authenticidade de sitio a impiedade moderna tem ousado contestar, como se os valles e montes podessem ser supprimidos ou mudados de uma parte para outra pelo simples querer do homem!

fórma de estrella, em roda do qual ardem varias lampadas; e o mysterio da apparição acha-se desenhado n'um bellissimo quadro collocado na parede.

O que ha de mais admiravel n'esta capella é um altar de bronze, doado pelo grão duque da Toscana no tempo dos Médicis, obra de um frade dominicano. É a mais primorosa obra, em materia de bellas artes, de que se ufana a Terra Santa. A Paixão do Redemptor ahi está pintada ao vivo e com inexcedivel mestria.

É para sentir que este quadro esteja collocado em logar tão falto de luz; se o houvessem posto em frente da porta do templo por sobre a pedra da unção, conforme fôra destinado pelo doador, muito maior effeito produziria.

Outra curiosidade d'essa capella me foi narrada no proprio logar. É sabido que os latinos são os unicos que usam n'estas egrejas instrumentos musicos quaesquer; tinham pois os franciscanos collocado exactamente n'esta capella um magestoso orgão, de que assás largo tempo se serviram. Em 1817, não podendo a hostilidade feroz dos gregos scismaticos supportar que os catholicos se lhes avantajassem n'esta fórma commovente de acompanhar os canticos ao Senhor, recorreu á imbecilidade turca, persuadindo-a de que os graves tons do orgão repercutindo e vibrando, podiam, não só abater a cupula do santuario, mas até damnificar a mesquita de Omar... sita a mais de meia milha de distancia. O certo é que obtiveram ordem dada aos franciscanos para estes supprimirem parte do teclado e os correspondentes canudos; já se vê que assim seria difficil tocar orgão.

Não pude celebrar missa n'esta capella por causa da horrivel infecção exhalada d'aquella relé ignobil, que por alli estende os seus grabatos.

Da capella da Magdalena sobe-se por quatro degraus á capella da Apparição, pertencente aos franciscanos, a quem serve de côro.

É tradição que o Redemptor, alem das diversas apparições que narra o Evangelho, apresentou-se n'este sitio a sua Mãe; e nem era crivel que o amoroso Jesus, deliciando com sua presença aos Apostolos, á Magdalena e ao povo reunido na Galiléa, não se fizesse ver á sua Divinal Genitriz.

Tambem se affirma ter-se dado n'este logar outro estrondoso successo. Dizem que, quando Santa Helena teve a fortuna de desenterrar as tres cruzes d'onde penderam o Redemptor e os dois ladrões, tanto ella como o bispo S. Macario ficaram perplexos, sem poderem distinguir qual d'esses fosse o Santo Lenho. Succedeu n'essa occasião ser trazida a esse logar uma dama, segundo uns, já morta, segundo outros gravemente enferma, e collocaram-na sobre a pedra que existe no meio da capella. Então o santo bispo, como bafejado de celestial inspiração, ordenou se tocasse no corpo d'essa doente successivamente com os braços das tres cruzes; e impetrando o supremo auxilio, orou para que ao Redemptor aprouvesse patentear estrondosamente a verdade, e annunciar aos homens qual o madeiro que seus divinos membros haviam tocado. Já todos os circumstantes, contendo a respiração, fitos os olhos, seguiam o mysterioso processo: tocou a primeira cruz no corpo da enferma, e elle ficou immovel; trouxeram a segunda, e foi igual o resultado. Parecia evidente que o Redemptor considerava os homens indignos de se lhes manifestar; mas, eis senão quando, ao ser tocada com a terceira Cruz, a dama subito abre os olhos, circumvaga-os, cora, levanta-se, e prostra-se de joelhos em terra, erguendo mãos ao Altissimo pela completa vida e saude, que ao simples toque santo milagrosamente lhe foi restituida: *Cui cum reliquæ nihil profuissent, adhibita tertia Crux statim eam sanavit.*

Notando Macario com espanto que alguem ousava duvidar do milagre, ordenou que para aquelle sitio se encaminhasse o prestito de um hebreu fallecido na vespera. Com o Santo Lenho tocou o cadaver, dizendo:

«Levanta-te!»

E o morto resuscitou. Indica o texto que mais de um defunto foi restituido á vida: *Ad crucis contactum resurgunt mortui.*

Tem esta capella da Apparição tres altares: no maior de todos se conserva permanentemente exposto o Santissimo Sacramento, e corresponde ao grão successo que relatei da apparição de Christo á sua Excelsa Mãe.

Na frente d'este altar ha um quadro em que se acha desenhada esta apparição. Por trás d'elle vê-se uma rica esculptura em baixo relevo toda de prata, representando a resurreição e o assombro dos guardas. É um dos muitos donativos preciosos que o reino de Napoles fez á Terra Santa; só é, porém, offerecido á veneração publica no dia de Paschoa.

O segundo altar é denominado das reliquias, porque n'esse, alem de outras, se venerava um consideravel fragmento da Vera Cruz até 1557, anno em que, tendo sido encarcerados todos os franciscanos por ordem de Solimão, os armenios scismaticos aproveitaram o ensejo para se apossarem da preciosa reliquia, que logo mandaram para a Armenia, e nunca mais a quizeram restituir.

O terceiro altar, isto é, aquelle que primeiro se topa ao entrar na capella, é tambem alvo de adorações; porque sobre esse, e dentro de uma grade de ferro, se conserva um troço, que se suppõe ser da columna da Flagellação. No meio do gradil ha um buraco, e n'elle um bordão, que os peregrinos empregam para tocarem na columna, osculando-o depois.

Em obsequio á verdade, confessarei que em Roma vi, na egreja de Santa Praxedes, dentro de um nicho entalhado, ao lado esquerdo de quem entra, e coberto de crystal, outro pedaço de columna, que tambem affirmam ser a da Flagellação. As columnas de Roma e de Jerusalem diversificam em dimensões, fórma, côr e qualidade da pedra; d'onde se collige que, ou não é exacta a tradição quanto a um dos dois fragmentos, ou Jesus Christo foi duas vezes açoitado em dois pelourinhos diversos. Tantas e tão veneraveis são as autoridades que sustentam a veracidade da tradição de cada um dos dois fragmentos, que antes me inclino a pensar que a columna romana é a que serviu de pelourinho no pretorio de Pilatos; e a hierosolimitana a que se achava no carcere de Caiphás, á qual poderão ter atado o Senhor n'aquella noite nefasta.

XII

Saíndo da capella da Apparição, passa-se á sacristia dos franciscanos, para se verem a espada e as esporas de Godofredo de Bulhão. Essa espada, que outr'ora com tanta gloria do nome christão brilhou ao sol das batalhas, arma que tem um metro de comprimento e fórma de Cruz, e ainda mostra o guarda-mão doirado, ahi jaz enferrujada a um canto escuro. Todavia, até ao dia de hoje, são esses objectos empregados no ceremonial com que se armam os cavalleiros do Santo Sepulchro.

Da sacristia dos franciscanos, voltando á esquerda, passa-se por um corredor adjunto ao templo, e que o põe em communicação com os diversos santuarios, e

acha-se no fim uma capella escura, grega, chamada do carcere. É verdadeiramente um ergastulo soturno e tenebroso, que poderia servir alguns dias de segredo aos condemnados ao patibulo.

Julgam alguns que n'esse antro eram detidos os réus de morte, emquanto os carrascos dispunham as cousas para a crucifixão; e d'ahi concluem que o Divino Padecente tambem ahi fôra detido por alguns instantes.

É muito mais provavel a opinião de outros, que dizem que esta pequena capella foi denominada carcere, em memoria da prisão que soffreu o Redemptor no palacio de Caiphás; visto como, sendo o Calvario o theatro principal da redempção humana, convinha n'elle reunir todos os passos da Paixão, e que, d'este modo, viesse a formar como o emporio das memorias das dores e das ignominias de Jesus

Saíndo d'esta capella, vê-se á esquerda, debaixo de um altar, uma grade de ferro, atrás da qual está uma pedra com dois largos furos parallelos, ante a qual os gregos mantem accesa uma lampada, persuadindo-se que aquella pedra tinha servido de tronco para prender os pés de Jesus, emquanto lhe preparavam o sacrificio.

Passa-se d'ahi, seguindo o giro do templo, á capella grega dedicada a S. Longino[1]. Outr'ora venerava-se n'esta capella o rotulo superposto á Vera Cruz. Esta preciosa reliquia acha-se agora em Roma, na egreja de S. João de Jerusalem, onde a vi, e da qual conservo um *fac-simile*.

Dois metros para diante observa-se a antiga porta por onde entravam outr'ora os conegos do Santo Sepulchro; foi fechada por Saladino depois da expulsão dos cruzados.

Logo em seguida acha-se uma capella dos armenios, erecta no logar onde se suppõe que os soldados romanos dividiram as vestes do Salvador, e lançaram sortes sobre a tunica inconsutil, primor de perfeição, que geralmente se pensa ter sido obra das mãos de Maria Santissima, e que tambem alguns julgam ser a que se conserva em Argenteuil, perto de Paris.

XIII

Pouco adiante fica uma larga escada de vinte e nove degraus, por onde se desce para a capella de Santa Helena, pertencente aos abyssinios, os quaes todavia dei-

[1] Reina grande confusão sobre este assumpto. Existiram realmente um ou dois Santos Longinos (e não Longuinhos como, corrupto vocabulo, costumam proferir)? ou resulta antes esta tradição da certeza que nos dá o Evangelho de que o lado de Christo foi ferido, confundindo-se facilmente o som da palavra, que em grego significa lança, com o som do nome Longino? Chamar-se-hia assim aquelle soldado que lanceou o Redemptor? Será este o proprio e identico centurião que, ao encarar a fórma sublime do passamento e as perturbações da natureza, exclamou: «Filho de Deus é este homem por certo?»

Terá fundamento a crença de que o lanceador era cego de um olho, e que no acto de espadanar o sangue do Messias sobre as suas orbitas, instantaneamente recuperou a vista?

O certo é que com estes ou outros nomes os successos relatados no Evangelho são incontestaveis, e pouco importa se referissem a um ou dois individuos; todavia, os varios ritos admittem que fossem duas pessoas diversas.

Vi em Roma, em um dos grandes nichos da egreja de S. Pedro, a marmorea estatua colossal de S. Longino, atrás da qual se vê uma lança que passa por ser a propria com que o peito de Jesus foi aberto, e achada por Santa Helena juntamente com os outros instrumentos da Paixão.

xam o uso d'ella aos armenios, em paga de um caldeirão de sopa e de alguns pães que todos os dias recebem. A área d'esta capella ficava incluida na primeira basilica de Constantino. No seculo VII, Modesto a converteu n'uma egreja sobre si, a qual foi restaurada no tempo dos cruzados. No angulo sueste, vizinho do altar, vê-se uma janella, á qual dizem que Santa Helena costumava pôr-se, orando, emquanto se excavava o terreno para descobrir-se a Vera Cruz.

Santo Ambrosio attribue á Imperatriz, quando prostrada de joelhos, e com o coração tremulo de anciedade aguardava o exito de suas piedosas pesquisas, estas palavras:

«Sim! o campo da batalha foi este! Mas onde o signal da victoria? Procuro o estandarte da salvação, e não o encontro. Pois que! a Cruz do Salvador enterrada no pó, e eu n'um throno! Eu morando em palacios, e o instrumento da victoria sepultado em ruinas! Posso eu considerar-me resgatada, se não vejo o preço do meu resgate? Demonio, espirito das trévas! cuidas tu que has de ter sempre escondido o gladio que te trespassou? Não; se em tempo de Isaac inimigos lhe obstruiram fontes, Isaac as desobstruiu. Sus! desappareçam estas ruinas, para que surja a fonte da vida; veja a luz a cimitarra que decepou a cabeça do verdadeiro Golias. Pae da mentira! Escondes o Lenho Santo, esperando tornar a vencer-nos; mas Maria te calcou, dando ao mundo o triumphador; e sem cessar de ser Virgem, foi Mãe d'aquelle que do alto da Cruz te subjugou. Uma mulher divina te venceu, outra mulher, embora indigna, te recalcará.»

Esta egrejinha subterranea recebe escassa luz da cupula, luz que a custo é coada da altura do pavimento superior. Esta cupula é sustentada por quatro columnas de pedra, que a humidade traz sempre molhadas, o que deu causa a serem denominadas columnas plangentes.

D'esta capella de Santa Helena desce-se por uma escada de quinze degraus a outra denominada da Invenção da Santa Cruz, pertencente aos latinos, a qual fica em tal profundidade, que do pavimento d'esta ao cume do Calvario é mister subir não menos de cincoenta e nove degraus, e tão altos que, se esse intervallo houvesse de ser disposto na fórma ordinaria de uma escadaria commoda, demandaria o dobro dos degraus; e note-se que, exceptuando dezoito, os mais são todos subterraneos.

Quem ler a citada oração funebre recitada por Santo Ambrosio na presença do Imperador Theodosio, verá enumerados os prodigios de esforço operados por aquella mulher, mas coroados de tão mirifico exito.

Foi n'este mesmo logar onde, após laboriosas excavações, acharam o Santo Lenho e os cravos; pois é certo que, segundo o costume dos hebreus, os instrumentos que serviram ao supplicio, foram enterrados ou antes arremessados a este sitio, que era então uma cisterna abandonada, e apenas sita a quarenta e dois metros do logar da crucifixão. Tendo sido cobertos de terra, accumularam-se em cima, com o andar dos tempos, ruinas de todas as especies. No anno de 326, depois de ter destruido os templos e as estatuas das falsas divindades, erectos por Adriano sobre o Calvario e o Santo Sepulchro, consultou o bispo S. Macario aos anciãos, para saber onde poderia descobrir o signal augusto da nossa redempção. Então lhe indicaram approximadamente este logar; e a Imperatriz, cheia de fé, mandou ahi fazer excavações, até achar os almejados instrumentos: os cravos, a lança e o rotulo da Cruz (separado porém d'ella), e finalmente as tres cruzes de que já fallei.

Hoje este sitio está encerrado n'uma capella especial, na qual ha uma lapida de marmore desornada, e similhante a uma lousa sepulchral, que assignala o exacto logar onde a Cruz foi achada. Esta capella está quasi toda encravada na rocha viva, e não tem mais que a tenue claridade que a escada lhe póde fornecer. Um altar simplicissimo, sobre o qual está collocada uma Cruz gigantea marchetada de perolas, constitue, com algumas lampadas de mortiça luz, toda a ornamentação do santuario; porque a humidade não permitte mais. No dia, porém, da grande festa de 3 de maio, á qual assisti, é esta capella então ornada com summo esplendor.

Para continuar a visita do templo, é preciso tornar a subir as duas escadas; e proseguindo-se o giro da nave, acha-se immediatamente á esquerda a ultima capella, que pertence aos gregos scismaticos, e onde se conserva debaixo do altar a denominada columna dos improperios. É um tronco de columna de granito cinzento que, segundo a tradição, foi para alli trazido do pretorio de Pilatos, e onde fizeram sentar a Jesus quando, depois de o açoitarem, o coroaram de espinhos, e lhe puzeram nos hombros o manto e na mão a canna alpestre, insultando-o e cuspindo-lhe na face, esbofeteando-o. Sobre a authenticidade d'esta columna a tradição é unanime.

XIV

Tal o vasto edificio, de que me cumpria fazer a descripção[1]. N'elle, em outros tempos, funccionaram sete nações, entre as quaes se não davam os conflictos por vezes sanguinolentos, que hoje, no correr da Semana Santa, se deploram entre os scismaticos. N'aquelles tempos as diversas communhões repartiam entre si as horas do dia e da noite. Quão formoso não deve ter sido ver moverem-se constantemente respeitosos, e entoando hymnos em torno da sagrada tumba, crentes vindos de todos os confins do universo, e girando em procissões, levantando hosannas ao Senhor! E ver tamanha variedade de idiomas e de ritos toda applicada ininterruptamente aos louvores do Altissimo! Psalmeava o latino, depois o grego, depois o armenio: seguia-se-lhe o chaldeu, a esse o georgiano, após o cophta e por ultimo o ethiope; e as vozes sonoras de todos esses fieis retumbavam do magnifico zimborio do santuario augusto, cujas galerias espaçosas, arcadas vastissimas, corredores sombrios, cavernas profundas, tudo isso estava já affeito a echoar os louvores do Senhor.

Infelizmente as scenas mudaram. Funccionam no Santo Sepulchro, alem dos latinos catholicos, os gregos, armenios, cophtas, hoje scismaticos. Todavia não ha negar que todos concorrem para tornar glorioso o Sepulchro de Christo, já pela porfia de suas funcções, já pela diversidade de seus ritos e idiomas, já pela pon-

[1] Ao saír do edificio, atravessando o adro, e mesmo em frente do portão, vê-se uma mesquita, a qual ahi foi erguida em commemoração do seguinte successo. Quando Omar em 637 se apossou de Jerusalem, promulgou um firman, decretando que aos christãos fosse concedida toda a franqueza para as pessoas e propriedades, especialmente para suas egrejas. Era então Sophronio Patriarcha da Cidade Santa. Entrando n'ella o califa, assentou-se no meio do templo da Resurreição, e disse ao Patriarcha: «Desejava orar». O Patriarcha lhe respondeu: «Imperador dos crentes, pódes orar ahi onde estás». «Não, redarguiu Omar», e saíndo do templo, orou á porta; e depois assentando-se, disse ao Patriarcha: «Se eu tivesse feito oração no templo. os mussulmanos depois de mim se apoderariam d'elle, dizendo: Omar orou alli».

tualidade de seus officios e immenso concurso de seus peregrinos. Alternam-se dia e noite estas nações no officio divino. Quem passa por diante do templo depois de certa hora, escuta a voz lugubre do monge grego, entoando o *Kyrie-eleison;* passada hora, ouve-se o robusto canto do solitario armenio enchendo as sacras abobadas. Passae mais tarde pela terceira vez, e arrebatar-vos-hão os varonis accentos da lingua do Lacio, uniformando-se com as harmonias do orgão. Se tamanho effeito produz fóra o simples alternar dos canticos, que sensação não despertará lá dentro a pompa das vestes sacerdotaes, a grandeza das ceremonias, os perfumes dos incensos e dos aromas da Arabia, o argentino som dos thuribulos, as harmonias dos instrumentos, as myriadas de lampadas, e as mil circumstancias que em nenhum outro santuario do mundo concorrem.

O numero dos monges que se revezam, velando incessantemente no Sepulchro, é geralmente de uns trinta e cinco, quantidade que muito augmenta por occasião da affluencia dos peregrinos. Ha-os de todas as linguas e de todas as regiões christãs, exceptuando apenas onde o protestantismo domina; comprazendo-se d'est'arte o universo em verificar o vaticinio de Isaias: *Erit sepulchrum ejus gloriosum.* Para isso concorre indirectamente o proprio turco. Que importam suas continuas extorsões, modos villãos, governo barbaro, despotico arbitrio de conservar fechada sempre a porta do templo, ou só franquea-lo por dinheiro? Que importam as constantes discordias que elle fomenta entre as communhões christãs? A sua opposição a que se faça a menor reparação no templo? O seu guante de ferro pesando sobre Jerusalem? Se a despeito de tantas vexações e villanias, de tantas difficuldades e sacrificios, Jerusalem regorgita perennemente de peregrinos e de guardas vigilantes ao thesouro precioso, essas musulmanas avanias só contribuem para augmento do esplendor e gloria do Sepulchro de Christo, o qual oxalá que em dia proximo seja reivindicado exclusivamente pela Egreja catholica, a natural depositaria d'aquelle sacrario terrestre, que durante quarenta horas encerrou em seu ambito estreito o corpo sacrosanto d'Aquelle que não cabe no mundo.

CAPITULO XLI

PRETORIO DE PILATOS

I. Paixão, Morte e Resurreição de Christo.—II. 25 de março do anno 34. Jesus levado á presença de Pilatos. Seu interrogatorio.—III. Jesus de Pilatos para Herodes.—IV. De Herodes para Pilatos. Hesitações d'este. Attitude das turbas.—V. Sentença dos açoites.—VI. Illegalidades e contradicções do processo.—VII. Escarneos e affrontas.—VIII. Varios expedientes de Pilatos. *Ecce Homo*. Furia dos judeus. Dialogos entre Pilatos e Christo. Brados sediciosos e ameaçadores dos hebreus.—IX. Pilatos no Lithostrotos. Lava as mãos, e entrega o Padecente á multidão.—X. O rotulo da Cruz do Redemptor. Grandezas e excellencias da rua da Amargura. As suas quatorze Estações. 1.ª Estação: onde Pilatos condemnou Jesus.—XI. Os judeus tomam conta da sua presa. 2.ª Estação: sáem os tres suppliciados pela rua da Amargura com as Cruzes ás costas.—XII. 3.ª Estação: primeira queda de Jesus.—XIII. 4.ª Estação: encontro da Virgem com Jesus.—XIV. 5.ª Estação: é chamado Simão Cyrenéu.—XV. 6.ª Estação: a Veronica.—XVI. 7.ª Estação: cáe o Redemptor segunda vez.—XVII. 8.ª Estação: as filhas de Jerusalem.—XVIII. 9.ª Estação: ultima quéda do Salvador.—XIX. Prophecias aqui realisadas.—XX. 10.ª Estação: cume do Calvario. Jesus despojado de suas vestes. 11.ª Estação: crucifixão.—XXI. 12.ª Estação; erige-se a Cruz. Improperios das turbas e dos dois ladrões. Christo medianeiro. O bom ladrão no Paraizo. Divisão das vestes. Ultimas palavras á Virgem e a João. *Consummatum est*. Phenomenos occorridos no transito supremo. O divino corpo lanceado.—XXII. 13.ª Estação: descimento da Cruz. Unção do corpo por José e Nicodemus.—XXIII. 14.ª Estação: sepultura de Jesus Christo.—XXIV. Sentinellas do Sepulchro. As santas mulheres. A Resurreição. Missão dada pelos Anjos a Magdalena. Jesus o jardineiro. Jesus o Mestre. Jesus e as tres Marias.—XXV. Boato ácerca do roubo do Sagrado Corpo. Jesus e os dois discipulos no caminho de Emmaús.—XXVI. Apparições diversas de Jesus no Cenaculo. S. Thomé.—XXVII. Nova apparição nas praias do mar de Tiberiades.—XXVIII. Derradeira pratica do Salvador. Ascensão. Falla dos Anjos aos Apostolos.

I

Quem não sente pulsarem-lhe as arterias com mais força, percorrer-lhe todo o ser uma commoção electrica, avaliar a sua propria pequenez, ao encarar grandezas da creação, como o Vesuvio ou o Himalaya; grandezas da arte, como o canal de Suez ou as Pyramides; grandezas da historia, como o chão de Roma ou Waterloo!

E todavia, ante essas grandezas todas, o espectador estupefacto não vê em causa o seu eu. Gigantes de granito ou de fogo, o rasgar das entranhas da terra ou o erguer de Babeis novas, o rememorar supremas elevações ou quédas, tudo isso póde ser assumpto de fundas meditações, porém a que cada um de nós é estranho: *nostra res non agitur*.

Quanto mais forte não será o nosso estremecimento, ao fixarmos os olhos sobre o logar solemnissimo, santificado pela Paixão e morte do homem que foi Deus, do Deus que foi homem, e que para resgate de todos e cada um de nós se sujeitou a improperios, dores, tormentos, martyrios, exhalando n'um patibulo o derradeiro

alento! O sentimento que ahi nos invade é um mixto indescriptivel de assombro, gratidão, respeito, adoração; um como extasi que pelo amor, pela admiração, pela esperança, nos vincula ás regiões celestes.

Liguemos pois a este sitio a tradição que o tornou primeiro do orbe.

II

Era chegada a sexta feira 25 de março do trigesimo quarto anno da era christã e decimo oitavo do reinado de Tiberio, no consulado de Rubellio Gemino e de Fusio Gemino, oitavo dia das kalendas de abril, primeiro dos azymos.

Declarado Jesus, em casa de Caiphás, réu de morte, foi arrastado, ao amanhecer o dia, á presença de Pilatos, porque, segundo as prerogativas romanas, só confirmada pelo procurador podia executar-se a sentença. *Apud Romanos* (diz Tacito) *jus valet gladii; cætera transmittuntur.* Na vespera tinham os judeus comido o cordeiro paschal, mas ainda havia durante sete dias que tomar para alimento as victimas paschaes, e para isso era mister conservar-se puro, sem contacto com gentio; e pois que Pilatos o era, parou a tumultuaria multidão na praça do pretorio[1].

Desenhava-se perfeitamente n'este escrupulo a hypocrisia dos judeus. Não escrupulisavam de pedir com instancia a morte do Justo; não tinham escrupulisado poucas horas antes de, com desprezo da lei, commetterem a enorme infracção de

[1] «Preso Christo, nosso Redemptor, e levado primeiro ao palacio de Annás e depois ao de Caiphás, íam com elle, triumphando com a presa, os ministros e principes da synagoga, e como guardas mais fieis e seguras, entravam em um e outro palacio, porque ambos os pontifices eram hebreus. Presentado porém o Senhor diante de Pilatos, todos os hebreus ficaram fóra do pretorio: e a causa d'este retiro foi, diz o Evangelista: *Ut non contaminarentur* (Joan. XVIII, 28), para se não contaminarem. Como Pilatos era gentio e elles judeus, tinham para si, que só com metterem o pé em casa de um gentio, a santidade da sua lei, a pureza da sua religião e a innocencia immaculada da vida que professavam, ficava manchada e perdida. Tudo isto quer dizer: *Ut non contaminarentur:* e isto é o em que só reparo, e me admira. Que os chamados principes dos sacerdotes procurem tão descoberta e impiamente tirar a vida a quem a dava aos seus enfermos e aos seus defuntos; que multipliquem contra a sua innocencia tantas accusações; que busquem e tragam a juizo tantas testemunhas falsas; que negoceiem a absolvição e liberdade de Barrabás; que peitem os algozes para que os açoites sejam tantos e tão crueis, que n'elles acabe a vida, porque viam inclinado Pilatos ao livrar; que provoquem e subornem os clamores do povo, e que intimidem ao juiz com a inimisade de Cesar; e finalmente que se não satisfaçam com outra morte senão a de cruz, tão cruel, tão infame e tão atroz; não me admira, nem o estranho, quanto por outra via merece; porque tudo isto faz o odio, a inveja, a ira, a vingança, o interesse e ambição desatinada e cega; mas que estes mesmos homens, por tantos modos perfidos e sacrilegos, sem lei, sem religião, sem verdade, sem fé, sem consciencia, no mesmo tempo façam tantos escrupulos, tantos retiros e tantos ascos de entrar em casa de Pilatos, seu governador, e que digam que se não querem contaminar por ser gentio; esta é a minha admiração e a minha raiva. Pilatos é o que havia de fazer asco de vós, e o que não havia de querer que tão maldita e infame gente entrasse das suas portas a dentro, e lhe contaminasse a casa. Mas estes são os escrupulos e estas as consciencias pharisaicas. Grandes escrupulos de entrar em casa de um gentio, e nenhum escrupulo de crucificar ao Filho de Deus entre dois ladrões: *O impia et stulta cæcitas!* (exclama Santo Agostinho) *Habitaculo videlicet contaminarentur alieno, et non contaminarentur scelere proprio* (August. Fract. 114). Basta que vos ha de contaminar a casa alheia, e não vos contaminam tantas maldades proprias! Em uma ceremonia da lei de Moysés tantos escrupulos, e na maior traição, na maior ingratidão, na maior aleivosia, na maior injustiça, na maior tyrannia, na maior abominação, no maior sacrilegio, no maior crime de lesa magestade humana e divina, nenhum escrupulo! Taes são os escrupulos dos que só o fazem das cousas pequenas, e não das grandes, ainda que a sua grandeza seja tão immensa e infinita.» (Vieira.)

se reunirem em conselho nocturnamente, e de deliberarem sobre uma accusação capital! Todo o seu escrupulo se cifrava em fállarem a um pagão, ou da parte de dentro ou de fóra da casa d'elle!

Conheceu Pilatos que essa turba repugnava entrar, e saiu para recebe-los ao atrio exterior. Vendo então um preso coberto de ferros e de insultos, foi-lhes logo perguntando:

— «Esse homem é criminoso?»

— «Se o não fosse, não o traziamos cá.»

Á resposta arrogante, redarguiu Pilatos em tom de desprezo:

— «Se é criminoso, ahi o tendes; julgae-o lá segundo a vossa lei[1].»

— «Não podemos, porque é réu de pena capital, e o jus da espada é romano[2].»

— «Então que enorme delicto é esse?»

— «Não é um, são tres, qual a qual mais digno de punição: Perturba a tranquillidade publica. Prohibe pagar tributo a Cesar. Proclama se Christo Rei.»

A primeira d'estas arguições era falsa, pois nunca a sua indole divina lhe permittiu provocar sublevações. Mais falsa ainda a segunda; declarou sempre que não vinha destruir, mas completar a lei; ordenou que se pagasse o tributo a Cesar *(quod Cæsaris, Cæsari)*; e pagou por si e por Pedro o imposto legal *(Ipse pro se et pro Petro solverat tributum)*. Igualmente falsa era a terceira, porque nunca o Redemptor se apresentou como Rei, e quando no deserto as turbas o quizeram acclamar, in.continenti lhes desappareceu.

É todavia certo que já assim appareciam formuladas contra Jesus accusações altamente politicas. Os malvados, renunciando ante o romano as arguições de natureza religiosa, apresentam-no como perturbador publico, prégador de desobediencia ao Cesar e pretendente ao reino. Homem que aspirava a ser Rei, parecia

[1] «Quando Christo foi levado á presença de Pilatos, perguntou elle aos ministros d'aquella justiça: *Quid vultis faciam Regi judæorum?* (Marc. xv, 12) Que quereis que faça do Rei dos judeus? Responderam os escribas e phariseus: *Tolle, tolle, crucifige eum:* (Joan. xix, 15) Queremos que o crucifiqueis. E que fez Pilatos? *Tradidit eum voluntati eorum:* (Luc. xxiii, 25) Entregou-o á vontade d'elles. Pergunto agora: Quem fez maior injuria a Christo emquanto Rei dos judeus, os escribas e phariseus na sua petição, ou Pilatos na sua permissão? Os escribas em o pedirem para a Cruz, ou Pilatos em o entregar á sua vontade? Todos os doutores commummente condemnam mais a Pilatos, e com muita rasão. Muito maior injuria fez Pilatos a Christo com sua permissão, do que os phariseus em sua petição. Porque os phariseus no que pediam, mostravam que Christo era verdadeiro Rei; e Pilatos no que permittia, mostrava que Christo não era verdadeiro Rei. Os phariseus mostravam que era Rei verdadeiro, porque pediam a Christo para a Cruz; e não ha maior prova de ser verdadeiro Rei, que chegar a dar o sangue e a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permittia, mostrava que não era Rei verdadeiro, porque entregou Christo á vontade dos seus; e não ha melhor prova de não ser verdadeiro Rei, que ser Rei entregue á vontade alheia: *Tradidit eum voluntati eorum.* E senão, vejamos o que se seguiu. Tanto que Pilatos entregou Christo á vontade d'elles, immediatamente o vestiram de uma purpura de farça, deram-lhe um sceptro de canna, puzeram-lhe uma corôa de espinhos, e faziam-lhe grandes adorações zombando: *Illudebant ei dicentes: Ave Rex judæorum.* (Matth. xxvii, 29) De maneira que antes de Christo estar sujeito á vontade alheia, ainda em suas bôcas era verdadeiro Rei: *Quid vultis faciam de Rege judæorum?* Mas tanto que o entregaram á vontade alheia, logo foi Rei de farça e de zombaria: *Illudebant ei dicentes: Ave Rex judæorum.* Rei entregue á vontade de outrem terá purpura, terá sceptro, terá corôa, terá adorações; mas a purpura não é purpura, o sceptro é canna, a corôa espinhos, as adorações zombarias: *Illudebant ei dicentes: Ave Rex judæorum.*» (Vieira.)

[2] Assim se cumpria a palavra de Christo: «Os gentios, a quem serei entregue, me crucificarão». Alem d'isso, os judeus, martyrisando nove mezes depois a Santo Estevão como blasphemo, desmentem-se, e provam que n'este caso só pretendiam armar um laço ao fraco procurador romano.

atacar directamente a soberania dos romanos. Pilatos entendeu portanto que devia proceder ao interrogatorio do accusado, e por isso entrou com elle na sala do tribunal, e dirigindo-se-lhe com benevolencia, disse-lhe:

— «Ouves que elles te arguem o arrogares-te o titulo de Rei? Tu és Rei?»

Admirou-se Christo de uma pergunta tão diversa das que lhe haviam sido feitas em casa de Caiphás, e por isso redarguiu:

— «Porque me perguntas? É por assim o pensares tu mesmo, ou porque outros t'o disseram?»

— «Eu mesmo pensá-lo! Pois eu sou judeu porventura? São compatriotas teus que dizem que tu te proclamas Rei. Então onde é o teu reino?»

— «Não provém d'este mundo; não são acclamações de homens que me constituem Rei; se eu fosse Rei, como elles entendem, os meus ministros me não deixariam caír em poder dos judeus. O meu reino não é d'aqui[1]».

— «Mas se tu tens um reino, és Rei».

— «Bem dizes, sou Rei; mas Rei de mais alto imperio do que dos terrestres potentados. Nasci, vim ao mundo para reinar nas almas, para conduzi-las pelo caminho da verdade; todos os que estão pela verdade, meus subditos são».

— «Verdade! Que cousa é verdade?[2]»

E sem esperar pela resposta, voltou ao atrio do pretorio, e dirigindo-se aos judeus, Principes dos Sacerdotes e turbas, disse:

— «Interroguei este homem, e não lhe acho delicto algum.»

Exasperados os judeus, cruzavam de todos os lados increpações e accusações vehementissimas, em meio de ameaças e gritos descommunaes; tantas eram ellas, que Pilatos, voltando-se para Jesus, lhe disse:

— «Não ouves de quantas cousas ahi te estão accusando?»

Já se vê que o governador instava com Jesus, a fim de que lhe inspirasse rasões para defende-lo; debalde. O Immaculado Cordeiro, olhos baixos, mas tranquillo, nem uma só palavra tentou balbuciar. Este magestoso silencio produziu em Pilatos muito grande admiração[3].

E n'este comenos ouviu Pilatos a um dos mais encarniçados bradar:

— «Esse homem anda a amotinar o povo, ensinando por toda a Judéa, desde a Galiléa até aqui.»

Singular exprobração! Converter ensino pacifico e santo em crime capital!

[1] «*Nunc autem regnum meum non est hinc!*»

«*Non est hinc.*» Não é d'aqui.

Este *hinc* tem uma força extraordinaria. Não se confunda o *de,* preposição genitiva ou de possessão, com o *de,* preposição de proveniencia ou de origem, sendo o primeiro traduzido em inglez por *of* e o segundo por *from.*

Para illustrar mais esta explicação do *de* como proveniencia, citarei os seguintes passos exemplificativos: *Veritas de terra orta est, et justitia de cælo prospexit* (Ps. 84,12). «*Quid de sursum venit, super omnes est*». «*Qui est de terra, de terra est.*» E o proprio Jesus Christo havia dito: «*Quia discipuli non sunt de mundo, sicut ego non sum de mundo* (S. João XVII, 14 e 15).

[2] Ha quem supponha que esta mesma pergunta encerrava uma resposta mysteriosa: porquanto as letras do *Quid est veritas?* conteem um anagramma: *Est vir qui adest.* É o varão que está presente.

[3] «Eu, como se fôra surdo-mudo, não ouvia, nem abria a bôcca, e fiz-me assim similhante ao homem que não ouve, nem tem bôcca para explicar-se.» (Ps. XXXVII.)

Assim se realisou quando, exigindo Pilatos que se justificasse das accusações, *Jesus autem amplius nihil respondit.* (S. Marcos, XV. 5.)

III

Exultou Pilatos, antevendo uma tangente para se escapar de situação tão repugnante, e pois que ouvira fallar na Galiléa, perguntou se o accusado era galileu?

Sendo-lhe respondido affirmativamente, declarou o procurador romano que n'este caso o homem pertencia á jurisdicção de Herodes, e que por isto, estando esse então em Jerusalem, lhe ia remetter o accusado. Seria este expediente cordato, ou revelador de pusillanimidade? O covarde não teve coragem de cumprir o seu dever; temeu as disposições da plebe, e incapaz de refrea-la, suscita uma ridicula excepção de incompetencia. Declara que o juiz natural de Jesus é o seu Soberano, o Tetrarcha da Galiléa. Esta nova declinatoria de Pilatos enleou por instantes os Principes dos Sacerdotes; mas receando estes que as turbas lhes attribuissem desanimo, bradaram:

«Pois seja assim; Herodes condemnará sem duvida o impostor.»

E puxando a Jesus pelas cordas, o arrastaram até ao magnifico palacio de Herodes, que ficava uns cento e sessenta passos ao norte do pretorio.

Havia muito que o Tetrarcha desejava ter occasião de ver aquelle seu vassallo, de quem tanto se fallava. Ouvira que elle era afamado por seus discursos, extraordinario por seus actos, e que para elle era cousa facillima inverter as leis da natureza, e operar milagres. Exultou portanto quando lhe foi dito que alli lhe traziam o celebre Jesus, e desde logo patenteou a mais avida curiosidade, esperando ouvi-lo dissertar largamente, e até praticar algum prodigio; como se o infame que pouco antes por fraqueza e em homenagem a uma torpe dançarina havia mandado decapitar João Baptista, fosse digno de testemunhar maravilhas de Deus.

Aconteceu pois exactamente o contrario do que esperava aquella futil côrte. Jesus, rodeado da mó de phariseus e do povoleu, que durante o trajecto viera bramindo e insultando-o, chegou á presença do Tetrarcha, ante o qual lhe foram renovadas e aggravadas todas as imputações.

Por mais que Herodes reiterasse perguntas, e proporcionasse ao Salvador a mais brilhante occasião de triumphar pela palavra e pelos actos, conservou-se Jesus no mais desprezador silencio. Não dizem os Evangelistas de que natureza eram as increpações, mas é de crer que outras não fossem senão as produzidas ante Pilatos.

Em presença de tão inabalavel mudez, a côrte de Herodes considerou Jesus, não já como um amotinador, mas sim como um louco; e portanto a imputada pretensão á realeza mais lhes parecia digna de mofa que de temor, e aos loucos era uso vestir uma alva tunica; atiraram-lhe por escarneo uma aos hombros, que aliás era o symbolo da mais completa innocencia[1].

[1] Note-se que havia um grande odio entre os dois magnates. Herodes escrevêra a Tiberio, no anno 27, supplicando-lhe que mandasse tirar do templo uns escudos doirados que Pilatos alli mandára collocar, e o Imperador deu ordem de transferi-los para o templo dedicado a Augusto em Cesaréa; o que fez Pilatos declarar-se inimigo de Herodes. A deferencia, porém, com que o romano enviou o Nazareno ao Rei da Galiléa, foi a causa da mais completa reconciliação entre ambos.

Diz Santo Ambrosio, que a circumstancia de Herodes e Pilatos, de inimigos encarniçados se

IV

Vê-se que ninguem queria condemnar Jesus; nem Herodes, que não via n'elle senão um objecto de escarneo, nem Pilatos, que havia abertamente declarado nada lhe achar de criminoso. Mas o odio sacerdotal continuava delirante e implacavel. Vendo pois os judeus que o seu plano parecia frustrado, e que Jesus era devolvido por Herodes a Pilatos, sem condemnação, seguiram-no sempre cada vez mais audazes e resolvidos a forçar o covarde juiz, até pelos meios mais violentos.

Pobre Pilatos! Quando já se julgava livre do duplo risco que tão imminente lhe impendêra sobre a cabeça, quando já talvez até se considerasse em paz com a timorata consciencia, eis que ouve ao longe vozes numerosas e confusas, que vão de momento a momento tomando mais corpo, e já se convertem em alaridos que aturdem as abobadas do pretorio.

É o accusado que volta. Eis-ahi com elle, e em presença do tremulo procurador, Principes dos Sacerdotes, magistrados, plebe.

Tal era o estado de perturbação d'aquella mente attonita, que Pilatos, desvairados os olhos, balbuciando a custo palavras entrecortadas e contradictorias, exclama:

« Que vindes cá fazer? Nem eu nem Herodes achâmos crime algum n'esse homem; portanto vou castiga-lo, e manda-lo embora.»

Não enche de indignação similhante pusillanimidade? Se achaste Christo digno

tornarem amigos por via do Salvador, é a figura do povo de Israel e dos gentios, cuja reconciliação se fará pela Paixão do mesmo Divinal Intermediario; e Vieira accrescenta:

«Levado Christo a casa de Pilatos e remettido por elle a Herodes, diz assim o Evangelista S. Lucas: *Facti sunt amici Herodes et Pilatus in illa die; nam antea inimici erant ad invicem.* (Luc. XXIII, 12.) N'aquelle dia se fizeram amigos Pilatos e Herodes, porque d'antes eram inimigos.

«Pois saibâmos: disse Christo alguma cousa a estes dois ministros? Persuadiu-os, exhortou-os, rogou-os a que se reconciliassem, a que não escandalisassem o povo, a que não violassem a paz e caridade publica? Nada d'isto fez Christo, antes não lhes fallou nem uma só palavra. Pois se Christo não disse cousa alguma a Herodes nem a Pilatos, se mudo foi presentado, e mudo esteve diante d'elles, como os fez ou se fizeram amigos? Aqui vereis a efficacia do corpo de Christo para causar união entre homens desunidos. Bastou que o corpo de Christo, mudo, entrasse em casa d'aquelles dois homens tão grandes, que eram os maiores da côrte de Jerusalem, para que logo sem mais diligencia, estando discordes, se unissem, e sendo inimigos capitaes, se fizessem amigos.

«Oh! que grande confusão para a nossa fé! Oh! que affronta para a nossa desunião! Que entre Christo uma vez em casa de Pilatos e Herodes, e que logo se reconciliem e se façam amigos; e que entre o mesmo Christo (que não é outro) tantas vezes em nossos corações, e que as nossas inimisades e as nossas desuniões fiquem tão inteiras, tão duras e tão obstinadas como d'antes! As inimisades de Pilatos e Herodes eram duvidas de jurisdicções, desconfianças de autoridade, ciumes do favor e graça do Cesar, e todos aquelles achaques de que adoecem tão gravemente os que occupam os postos supremos. E que vencendo Christo todos estes reparos em Pilatos e Herodes, sem nenhum empenho, os não possa vencer nem derribar em nós, empenhado n'isso todo o corpo e todo o sangue? Se cada um quer conhecer n'esta parte aonde chega sua fé e sua religião, considere quem foi Pilatos e quem foi Herodes, e onde estão hoje. Pilatos crucificou a Christo, Herodes zombou de Christo; Pilatos e Herodes foram dois homens precitos, e são hoje dois condemnados que estão ardendo, e hão de arder eternamente no inferno; e obrou Christo só entrando em suas casas o que não obra commungado em nossos corações! Mas que digo o que não obra, sendo os effeitos tão enormemente contrarios? Acabâmos de comer o corpo de Christo no Sacramento, e logo partimos a nos comer uns a outros; acabâmos de commungar o sangue de Christo. e alli mesmo desejâmos beber o sangue aos que alli comnosco o commungaram.»

de castigo, porque o proclamas innocente? Se o achaste innocente, porque o mandas castigar? Indigna condescendencia vilmente destinada a angariar a selvagem approvação da plebe, e a acalmar o furor dos energumenos que o circumdavam.

Nada d'isto abrandava as furias; respirava-se uma atmosphera de morte. Pilatos, que em verdade almejava espontaneamente por *salvar o Salvador,* teve ainda outro grande motivo, que lhe actuou fortemente no espirito. Estando sentado no tribunal, já timido e perplexo, entrou offegante na sala um dos seus famulos, e segredou-lhe aos ouvidos este aviso de Procula, sua mulher:

«Não te envolvas, Pilatos, no processo d'este justo, por cuja causa hoje me acommetteram terriveis visões.»

Revolvia o infeliz no espirito quantos meios havia para poupar aquelle precioso sangue. Então lhe occorreu que era costume no tempo da festa paschal soltar o presidente um preso, por mais criminoso, comtanto que o povo quizesse. Achava-se então no carcere um famigerado ladrão e homicida, chamado Barrabás, e vendo Pilatos que as exigencias sanguinarias recresciam, perguntou ás turbas:

— «A quem quereis vós que eu ponha em liberdade? a Barrabás ou a Jesus, que se chama Christo, Rei dos judeus?»

Assim significava Pilatos indirectamente a convicção que o animava, de que só por inveja lhe havia sido entregue Christo pelos Summos Sacerdotes; assim tambem se realisava a suprema humilhação de equiparar-se o Rei dos Reis, o Supremo Arbitro dos mundo a um vilissimo criminoso, escoria da humanidade!

Os Principes dos Sacerdotes e anciãos tinham já disposto o povo para preferir a morte de Jesus á de qualquer outro; e portanto a multidão unanime vociferou:

— «Tira tu do mundo a esse, e pódes soltar Barrabás.»

— «Mas dizei-me, respondeu Pilatos, que quereis que eu faça a este... ao Rei dos Judeus? ao que se chama Christo?

— «Á cruz! á cruz!» bradaram as turbas.

Terceira vez lhes disse Pilatos:

— «Á cruz? á morte? Como assim? Eu não encontro n'elle delicto algum capital. Bem, bem, repito: eu vou manda-lo castigar, e depois solta-lo.»

A nada attendiam os ebrios! Era um trovão de vozes e urros como de leões esfaimados, e não se ouvia outra palavra senão:

«Crucifica-o! Crucifica-o!»

V

Já o ignavo não sabia como proceder. Dizia-lhe a consciencia que tinha ante si um innocente, um justo; dizia-lhe o medo que tinha ante si multidão delirante, iniqua e disposta a todos os excessos. Julgou então o miseravel, que entre os dois extremos (n'um só dos quaes estava o dever) poderia achar um ignobil meio termo que, insufficiente para acalmar as furias dos phariseus, era bastante para lançar sobre a sua memoria o mais hediondo estigma. Para ver se poupava a morte do Justo, mandou que asperamente o castigassem, a ver se com similhante punição se davam por satisfeitos os inimigos de Christo. E n'este presupposto lavrou, segundo dizem, a seguinte sentença infame:

«Despi, atae e açoitae com varas a Jesus de Nazareth, por sedicioso e despre-

zador da lei de Moysés, e accusado pelos Sacerdotes e Principes da nação. Lictor[1], vae e entrega as varas[2].»

N'este inaudito processo atropellaram-se as monstruosidades de principio ao fim. Eis aqui a disposição da lei para similhantes casos, segundo o Deuteronomio (xxv):

«Se os juizes acharem que o delinquente deva ser açoitado, ordenarão que o lancem por terra, e que os golpes sejam brandidos em sua presença. Bem entendido que se regulará o numero dos açoites pela qualidade da culpa, comtanto que elles não passem de quarenta, para que o vosso irmão não vá miseravelmente dilacerado diante dos vossos.»

VI

Observe-se com que fereza foram no infernal processo calcadas todas as formulas legaes. Começa um procurador romano por dar como fundamento da sua sentença o *desprezo da lei de Moysés,* isto é: o homem, cuja religião repellia Moysés

[1] Lictores eram os ministros executores da justiça romana; íam diante dos principaes magistrados com machadinhas para degollar, e com mólhos de varas para açoitar os delinquentes. Os proconsules e os procuradores romanos em algumas paragens, como Jerusalem, tinham o direito de ser precedidos d'estes terriveis ministros. Chamavam-lhes lictores *a ligando;* porque antes da execução atavam, como aqui se fez com Jesus Christo, os condemnados ao supplicio, ou fosse de simples flagellação ou de morte. A formula mais usual da sentença era esta: «*I, lictor, adde plagas reo, et in eum legem age*». Vae, lictor, açoita o delinquente, e executa n'elle a lei.

Não podia o cidadão romano ser chibatado; mas o Filho de Deus, para salvar o homem escravo, revestiu-se da fórma de escravo, e quiz soffrer a flagellação dos escravos.

[2] Diz uma tradição que no momento de ser lida esta sentença, chegava a Santa Virgem ao pretorio, a qual, nas suas *Revelações*[1] a Santa Brigida, lhe narrou o triste drama n'estes termos:

«Depois que se apartou de mim no Cenaculo, só o tornei a ver quando o levavam para os açoites, e eu pude, sem morrer, presenciar a scena tremenda em que meu Filho era immaculada victima. Alli estava Elle rodeiado de algozes enfurecidos, sem um só rosto amigo em que podesse pôr os olhos de afflicção, ou confortar-se com alheia sympathia.

«Ei-lo attonito dos alaridos com que atroam os ares, e forçado a despir as vestes, começando o seu tormento pela vergonha de se ver desnudado aos olhos dos homens; depois abraçou-se voluntariamente á columna a que os impios o ataram; depois... e eu vivia ainda! depois trouxeram varas e azorragues ponteagudos; descarregaram-lhe os primeiros golpes com esses instrumentos de infamia e de dor; e pois aquelles golpes eram vibrados sobre a querida carne de minha carne, sobre o querido sangue do meu sangue, quasi caí desfallecida. Augmentava o terror dos meus sentidos entorpecidos o entre-ouvir pancadas reiteradas, mas que nenhum gemido acompanhava. Quando voltei a mim, que vi eu! um corpo já quasi informe, retalhado e chagado por tal arte, que as carnes tinham desapparecido pegadas ao ferro dos azorragues, e os ossos estavam a nu. Meu Filho, meu divino Filho escorria em sangue, e já no corpo não tinha logar para novas feridas; era nas chagas que os barbaros abriam chagas[2]. A final, disse um dos algozes: «Cuidado! que a sentença do governador só manda que o açoitemos, e com poucos golpes mais estará morto». Esse mesmo soldado chegou á columna e cortou as ataduras, e tornou meu Filho a vestir-se, e tão pouco tempo lhe deram que se viu obrigado a vestir-se andando. Onde punha as plantas ficava o chão impregnado de sangue, e por elle conheci eu as suas pisadas.»

[1] Se a Egreja não considera o livro das *Revelações* de Santa Brigida como canonico, é certo que o Concilio de Basiléa, e os Papas Gregorio XI e Urbano VI, após detido exame, declararam que estas revelações privadas nada conteem contrario á fé, e podem com proveito ser lidas pelos christãos. Alem d'isso a frequencia com que graves escriptores ecclesiasticos d'ellas se servem no indicado sentido, me auctorisa a invoca-las tambem. Acresce que ahi são narradas as cousas de plena conformidade com o Evangelho e as tradições.

[2] *Plagas plagis, vulnera vulneribus addiderunt, ut totum corpus concisum unum continuum videretur esse vulnus.* Assim se realisavam as prophecias: *Et fui flagellatus tota die* (Ps. LXXII). *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores* (Ps. CXXVIII).

como impostor, é o proprio que pune a outrem; porque? por compartilhar a sua mesma convicção!

O juiz que proclama a innocencia do accusado é o juiz que na mesma sentença o condemna, não pelas provas colhidas, mas só por ter havido uma imputação, que o proprio juiz repellira! E todas estas indignidades, sevicias e barbaridades, provenientes de um trepidante espirito, incapaz de se elevar á altura de seus deveres!

E como não bastasse esta serie de maleficios, vemos que o covarde que escudava na lei judaica a sua sentença, logo em seguida calca aos pés a propria lei, que fingia respeitar. Ordenava ella que o juiz, como dito é, presenciasse a flagellação, para não consentir que a crueldade fosse alem dos limites legaes de quarenta açoites (dos quaes era uso diminuir um, distribuindo-se treze pelas costas, e igual numero por cada hombro); e Pilatos não esteve presente ao supplicio, e o divino Padecente recebeu no seu sacrosanto corpo numero extraordinario de açoites[1].

VII

Concluida a horrenda execução, conduzindo a Jesus ao atrio do pretorio, convocaram para elle toda a turba, e então começou outra ainda mais ignobil scena de escarneos, affrontas e ignominias.

Mandaram sentar Jesus n'uma pedra, dizendo-lhe que, pois era Rei, subisse assim a um condigno throno; disseram-lhe mais que todo o Rei tinha diadema, e que portanto iam cingir-lhe a fronte: então teceram com as vergonteas de um arbusto espinhoso uma corôa, cujos espinhos lhe cravaram na cabeça[2]. Continuando o ignobil motejo, acrescentaram:

— «O nosso Rei já tem um throno, já tem corôa, mas ainda lhe falta o regio manto; vistâmos-lhe a purpura»; e sobre os hombros lhe conchegam um vermelho farrapo, ao som de infernaes gargalhadas.

— «Ainda falta uma cousa», dizia um dos desalmados, «ainda falta o sceptro.»

E no meio de estrepitosa galhofa obrigaram o Redemptor a empunhar uma canna verde, repetindo aquelles cortezãos de Satanaz todas as ceremonias aulicas, com uma inexcedivel ironia comica, dizendo:

— «Eu te saúdo, ó Rei dos Judeus!»

E davam-lhe uma bofetada.

— «Gloria a ti, soberano Senhor!»

E escarravam-lhe nas faces.»

— «Honra ao teu feliz reinado!»

[1] A mór parte do pelourinho a que esteve atado o Redemptor, ainda hoje se conserva em Roma, na egreja de Santa Praxedes, ao lado esquerdo de quem entra, e n'uma especie de nicho envidraçado.

[2] Acredita-se que esta corôa existe. A opinião mais commum para cá do seculo XIII é que ella se conservava em Constantinopla, e que o Imperador Balduino II, tendo-a offerecido a S. Luiz, o Santo Rei a retirou das mãos dos venezianos, a quem ella tinha sido empenhada, por emprestimo feito aos constantinopolitanos. Foi transportada para a França em 1239 e collocada na cathedral de Sens, da qual a levaram depois para uma santa capella especial. Varios dos espinhos d'ella foram distribuidos pela França, Allemanha, etc.

E arrancando-lhe a canna, rudemente lhe fustigavam a cabeça; e acto continuo, curvavam-se, dobravam o joelho, e diziam adora-lo[1].

VIII

Ouvira Pilatos a algazarra que no atrio do pretorio se fazia, e apresentou-se para remover a victima das mãos de seus verdugos; e porquanto a multidão ainda rodeava o palacio, esperou elle que tamanhos tormentos e attentados houvessem já cevado o odio dos judeus. Ordenou a Christo que se levantasse do seu irrisorio throno, e que o acompanhasse assim mesmo coroado de espinhos, com o seu manto de trapos e sceptro de canna. Adiantou-se para a galeria, que já descrevi, e do alto d'ella bradou aos malvados:

«Eu ahi mando vir o réu, para que vós o vejaes; e repito que lhe não acho culpa alguma.»

Logo em seguida chegou o immaculado Cordeiro, e Pilatos, apresentando-o do alto da varanda ás turbas, que anciosas esperavam pela sua resolução, exclamou:

«*Ecce homo!* Eis-aqui o homem!»

Só corações de feras se não compungiriam ante o espectaculo d'aquelle vulto divinal desfigurado, sangrento, alvo das irrisões do povoleu, condecorado com as insignias de um rei de comedia; e apesar de tudo, manso, humilde, sem que nos labios lhe pairasse vislumbre de rancor, nem de malevolencia.

Ah! mas é que esses homens não pertenciam á humanidade; eram realmente feras, e para essas o odôr do sangue não é freio, mas incentivo para seu maior derramamento!

Apenas os possessos viram a victima, e reconheceram que no animo do presidente ressumbrava o desejo de lhe poupar a morte, clamaram todos unisonos e em berros descommunaes:

— «Crucifica-o! Crucifica-o!»

— «Pois então, crucificae-o vós; porque não hei de crucificar a quem considero innocente.»

— «Nós temos lei, retorquiram os perversos; *nos legem habemus*. A lei de Moysés manda matar os blasphemos, e esse homem proclamou-se nada menos que Filho de Deus.»

Este discurso totalmente desnorteou o pobre romano. Via elle que accusavam Jesus de um delicto capital, segundo a lei do paiz; meditou que o poderiam accusar ao Imperador de calcar as leis do estado; temeu que da sua recusa resultasse algum motim popular, que prejudicasse na Judéa a situação romana. E por sobre

[1] «Estava Christo Senhor Nosso adorado de joelhos como Rei no pretorio de Pilatos: as vozes que se ouviam das bôccas dos que o adoravam, eram as de maior respeito e reverencia: *Ave Rex judæorum* (Joan. XIX, 3). O mesmo S. João ao pé da Cruz não pudéra dizer, nem ler no titulo d'ella outra verdade mais de fé. Mas quando isto se ouvia nas vozes, que é o que se via nas mãos dos mesmos adoradores? Umas mãos lhe batiam as faces com bofetadas: *Dabant ei alapas* (Ibid.); outras mãos lhe pisavam o rosto com punhadas: *Colaphis eum cæciderunt* (Math. XXVI, 67). Quem crêra tão horrendo e mais que sacrilego atrevimento, se o não disseram os Evangelistas? Mas a differença era, que as bofetadas affrontavam e offendiam a Christo com as mãos abertas; as punhadas com as mãos fechadas. E nota S. Matheus que os autores d'esta affronta foram os soldados do presidio romano; porque não só se havia de achar similhante excesso de maldade na perfidia judaica, senão tambem na fé romana, que é a nossa.» (Vieira.)

tantos receios impressionou-o a asserção de que esse homem se dizia Filho de Deus. Tinham os gentios por certo que de vez em quando os seus deuses baixavam á terra em figura de homens, e tremeu então de que fosse este um exilado do Olympo, cujo sangue, se elle o fizesse derramar, para sempre lhe mancharia as mãos.

Querendo pois saber-lhe a patria e a familia, perguntou-lhe:

— «D'onde és tu?»

Jesus conservou-se em silencio.

E Pilatos, sempre perplexo sobre o procedimento que devia seguir, acrescentou:

— «Que é isto? pois tu não me respondes! Não sabes que tenho poder para te crucificar, e que tambem o livrar-te está na minha mão?»

Magestosamente lhe responde Jesus:

— «Tu! poder sobre mim? Não o terias, se lá de cima te não fosse concedido. Por isso aquelle que me entregou ás tuas mãos por malicia, é réu de mór peccado que tu, que por fraqueza vaes condemnar-me á morte.»

Ou fosse na continuação de suas hesitações, ou porque aquella ultima reflexão lhe fazia considerar que havia com effeito um poder superior, a que elle tambem estava sujeito, Pilatos proseguiu o seu dialogo com o povo, lançando mão de quantos expedientes lhe suggeria o medo, para evitar a morte do Justo; mas a final, uma setta bem arremessada lhe traspassou o espirito, quando um dos judeus lhe disse:

«É inimigo de Cesar todo aquelle que se faz Rei: se tu soltas a esse homem, não és amigo de Cesar.»

Tremeu Pilatos; esta accusação era gravissima para os seus interesses politicos: se elle poupa a Jesus, não será accusado ante o Imperador Tiberio, Tiberio o suspeitoso, o sanguinario, o que acreditava no relatorio dos espias que por toda a parte derramava? [1] Não será increpado de proteger sediciosos, competidores ao poder imperial? Era um maleavel empregado publico, ávido de conservar o seu alto cargo, intimidado por gritos, que punham em duvida a sua fidelidade ao tyranno de Roma; receiou castigo, ou pelo menos demissão. Balbuciou, pois, ainda algumas fracas evasões, mas formuladas em tão pavidas phrases, que antes serviam para redobrar a furia dos canibaes. E os gritos redobraram:

«Crucifica-o! Crucifica-o!»

E os clamores cada vez se iam tornando mais minazes: *Et invalescebant voces eorum.*

IX

Finalmente Pilatos dirige-se cabisbaixo, meditabundo e a passos tardos para o Lithostrotos; toma assento na sua cadeira, e faz signal que vae fallar. Fallar!

[1] Não desconhecia o misero os usos dos Imperadores d'esse tempo. Se não foi Tiberio o seu juiz, veiu a sê-lo Caio; quatro annos depois, tendo Pilatos devidamente suffocado uma rebellião, foi pelos principaes da Samaria accusado ante Vitellio, presidente da Syria, que lhe ordenou fosse a Roma justificar-se. Partiu; defendeu-se, mas foi desterrado, e pouco sobreviveu ao seu exilio. Com injustiça matou, com injustiça foi morto. Merecida pena de talião, não diversa da que poz termo á vida de Judas! É tradição que Pilatos, ralado, ou de remorsos, ou de indignação pela injustiça de seu desterro, se suicidára em Vienna, lançando-se ao Rhodano.

Que dirá elle agora? Poderá chamar-se sentença o que elle vae proferir? Gosa elle, em tal momento, liberdade de espirito necessaria a um juiz, que vae proferir uma sentença de morte? Que novas testemunhas, que documentos vieram mudar a sua convicção, a sua opinião tão peremptoriamente declarada da innocencia de Jesus?

Com um supremo esforço apresenta de novo o Messias, dizendo ao vulgo ignobil:

— «Ei-lo aqui! ei-lo aqui, o vosso Rei!»

E os reprobos responderam:

— «Fóra! fóra! Morra! morra!»

— «Quem? o vosso Rei? Quereis que eu crucifique o vosso Rei?»

E os Pontifices, aquelles que tantas vezes se haviam jactado de que não tinham por seu Rei senão a Deus, aquelles que diziam fundar todas as esperanças no advento de um grão Rei, tantas vezes promettido pelos seus Prophetas, objecto e fundamento da sua religião, bradaram:

— «Não conhecemos outro Rei senão a Cesar.»

Resposta em todos os sentidos infame, sacrilega, impolitica e anti-patriotica! Aqui temos os Principes judeus mais realistas que o Rei, mais romanos que Pilatos!

Que podia o imbelle contra esta inesperada conversão politica? Como havia de desfeitear estrangeiros até então ferrenhos em seu patriotismo, mas que por odio á victima se retractavam de seus naturaes sentimentos, proclamavam em altas vozes a espontaneidade da sua vassallagem a Tiberio? Reconheceu, pois, que nada mais podia fazer a favor de Jesus; porquanto o tumulto recrescia, e já não era elle, mas sim a plebe desenfreada que dominava a situação.

Deu-se por vencido: mas ainda n'este doloroso transe tentou um ultimo esforço, para ver se angariava a commiseração dos judeus, ou pelo menos se se isentava da reprovação que a sua propria consciencia infligia ao acto nefando. Ordenou a um servo lhe trouxesse uma bacia de agua, e então erguendo-se, lançando solemnemente os olhos em derredor de si, e mergulhando na lympha [1] as polluidas mãos, disse agora com voz firme:

— «Eu sou innocente do sangue d'este justo.»

E todo o povo respondeu:

— «Pouco importa! recaia o seu sangue sobre nós e sobre a nossa descendencia.»

Cabe aqui reproduzir justas e severas palavras.

«Lava as tuas mãos, Pilatos, lava-as! Estão tintas de sangue innocente! A tua outorga nasceu da fraqueza; mas não és menos culpado, que se a perversidade

[1] Assim praticou, para mostrar ser contra a sua vontade que se ía perpetrar o deicidio. Variam as opiniões sobre o impulso que moveu a Pilatos. Pensam uns que n'isto imitou elle o costume dos romanos e gregos, os quaes imaginavam que, lavando as mãos e ás vezes o corpo todo, apagavam as maculas dos crimes, e por isso diz Virgilio, de Enéas, quando quiz expiar suas culpas: *Rite cavis undas de flumine palmis sustulit;* e Horacio de si e de seus companheiros, chegando ao templo de Feronia: *Ora, manusque tua lavimus, Feronia, lympha.* Outros, com Origenes, querem que Pilatos n'esta ceremonia tivesse em mente seguir o costume dos judeus, segundo se vê n'uma disposição do Deuteronomio relativa á expiação do homicidio occulto: «E virão tambem os anciãos d'aquella cidade proximo ao logar em que o homem foi morto, e lavarão as suas mãos sobre a novilha degolada no valle, dizendo: As nossas mãos não derramaram aquelle sangue»; ao que parece ter tambem alludido o Propheta Rei, quando cantou: *Lavabo inter innocentes manus meas.*

te houvesse movido! Todas as gerações até hoje hão repetido: O Justo soffreu sob Poncio Pilatos: *Passus est sub Pontio Pilato!* Indelevel permanece teu nome nos fastos da humanidade, para ensino dos homens publicos, para pharol dos juizes fracos, para revelar-lhes a vergonha de cederem contra os dictames da consciencia! Desordenado povoleu gritava ao pé do teu tribunal; talvez que tu mesmo não estivesses em segurança na tua curul; que importa? o teu dever fallava, e em casos taes mais vale receber a morte, que dá-la[1].»

Quanto a vós, perversos deicidas, bem cara vos tem saido a abominavel imprecação! Poucos annos eram passados, e um milhão de homens da vossa raça, reunidos no recinto de Jerusalem para a celebração da Paschoa, eram pelos romanos sepultados sob as ruinas do templo e da cidade; e a vossa mesma raça, dispersa desde então por toda a terra, sente pesadamente sobre a sua cabeça o sangue do Justo, que vossos avós invocaram!

Pilatos entregou o Divino Réu aos algozes, autorisando-os a crucifica-lo[2]. Tinha a pusillanimidade completado o officio da tyrannia!

X

Antes de passar ávante, e porque d'esse miseravel não desejo tornar a occupar-me, aqui descreverei o mais que se operou n'esse dia abominando, e em que o imbelle teve parte.

[1] Eis-aqui os termos de uma das mais bellas leis romanas: *Vanæ voces populi non sunt audiendæ, quando aut noxium crimine absolvi, aut innocentem condemnari desiderant.*

[2] «A maior cousa que n'este mundo intentou e executou a temeridade humana, foi a morte do Filho de Deus, e nenhuma com maiores e mais conhecidos escrupulos. Quantas vezes affirmou Pilatos que nenhuma cousa achava n'aquelle homem: *Ego nullam invenio in eo causam?* (Joan. XVIII, 38). Quantas vezes respondeu ás instancias dos accusadores, que nenhum mal tinha feito: *Quid enim mali fecit?* (Matth. XXVII, 23). Por isso commetteu aos Principes dos Sacerdotes que elles o julgassem: *Accipite eum vos, et secundum legem vestram judicate* (Joan. XVIII, 31). Por isso sabendo que era galileu o remetteu ao Rei Herodes: *Ut cognovit, quod de Herodis potestate esset, remisit eum ad Herodem* (Luc. XXIII, 7). Tudo isto eram escrupulos de não ser elle o que julgasse a causa de Christo, a que se accrescentou tambem a visão e recado de sua mulher: *Nihil tibi, et Justo illi* (Matth. XXVII, 19), que se guardasse de ter parte alguma nas cousas d'aquelle Justo. Sem embargo, porém, de todos estes escrupulos, podendo mais os clamores do povo que a rasão, e o respeito e dependencia de Cesar que a justiça, e prevalecendo a fraqueza, a covardia e a pusillanimidade do juiz á obrigação do officio, aqui foi o maior escrupulo de Pilatos; porque já não era sobre a duvida de condemnar ou não o innocente, mas sobre a resolução de o ter condemnado. E que remedio tomaria para aquietar a consciencia, que naturalmente estava tremendo de um tão horrendo escrupulo? *Accepta aqua, lavit manus coram populo dicens: Innocens ego sum a sanguine Justi hujus* (Ibid, 24). Tomou agua, e lavou as mãos diante de todo o povo, protestando e dizendo: Eu estou innocente no sangue d'este Justo. E quantas ceremonias d'estas se tomam por remedios de escrupulos, que não são ceremonia! Condemnava a innocencia, e declarava-se por innocente! O escrupulo era o sangue do Justo, e o purificatorio da consciencia do juiz, lavar as mãos com uma pouca de agua! Ó Pilatos, que ha tantos annos estás no inferno! Ó julgadores que caminhaes para lá com as almas envoltas em tantos e tão graves escrupulos de fazendas, de vida, de honras; e cuidaes, cegos e estupidos, que essas mãos com que escreveis as tenções, e com que firmaes as sentenças, se podem lavar com uma pouca de agua! Não ha agua que tenha tal virtude. A agua benta lava dos peccados veniaes, a agua do baptismo lava dos veniaes e mortaes passados; mas nem a agua que corre dos olhos, que é a mais poderosa de todas, póde lavar d'estes escrupulos; porque sem restituição dos damnos que causaes, não póde haver contrição verdadeira.» (Vieira.)

Existia entre os romanos um uso, que os modernos tomaram da jurisprudencia d'elles, e consistia em collocar por sobre as cabeças dos condemnados um rotulo, contendo o nome, a naturalidade e o motivo da punição legal. Pilatos ordenou, pois, que no alto da Cruz de Christo se traçassem estas palavras: «*Jesus Nazarenus, Rex Judæorum*»; significando a primeira d'ellas o nome, a segunda a patria adoptiva, e as duas ultimas a causa da condemnação.

Provavelmente na disposição de animo em que estava o presidente, haveria intenção maligna em similhante redacção, querendo Pilatos com tamanho laconismo indicar, ou que era realmente um Rei dos judeus o que alli ia pender crucificado, ou que a causa do supplicio era uma allegação, que nunca havia sido, nem podia ser provada. Penetraram os Sacerdotes na intenção do romano, que até parecia timbrar em tornar bem publica e notoria a opinião formulada n'aquelles termos; pois elle determinou que se inscrevessem em latim, hebreu e grego, a fim de facilitar a intelligencia d'elles a nacionaes e estrangeiros. Quando, pois, a gente da synagoga viu a redacção do rotulo, exprobrou-a a Pilatos, exigindo que elle substituisse a locução «Rei dos judeus» por est'outra «Que se arrogou o titulo de Rei dos judeus». Pilatos, pela primeira vez revelando firmeza, irado lhe respondeu:

«O que escrevi, escrevi: *Quod scripsi, scripsi*[1].»

Saiamos do pavoroso pretorio. Já Pilatos havia entregado o Messias ás turbas. Rodeado de centuriões, soldados e povo infrene, vae começar o seu derradeiro transito por essa rua tão apropriadamente denominada da Amargura.

Bem que chorem inconsolaveis todas as ruas de Sião, por se acharem solitarias, e por não haver quem fervoroso concorra ás solemnidades do rito; ha todavia esta que a todas as outras supera na grandeza das recordações, e que leva o crente a exclamar com Jeremias:

«Ai! como o Senhor, na sua indignação, cobriu de caliginosas trevas a filha de Sião!»

Aquella rua, mais que todas as outras deserta, chama-se por antonomasia rua dolorosa, rua da Amargura, *via Crucis*. O chão é esse que Nosso Senhor Jesus Christo pisou com o madeiro ás costas, quando ia ser immolado, d'onde se lhe derivaram todos estes epithetos que até hoje conserva, e para sempre conservará.

Oh! quantos nos seculos passados percorreram com o coração contrito e humilhado a rua da Amargura! Quantos ecclesiasticos distinctos, quantos homens insignes em santidade e doutrina, quantas matronas illustres, quantas donzellas piedosas, quantas familias patricias, quantos peregrinos penitentes, diversos em linguas, sexos, idades, jerarchias, ritos e patrias não trilharam a rua da Amargura! Quantos fervidos christãos, vestidos de sacco, cingidos de cilicios, cabeça coberta de cinza, corda ao pescoço, olhos debulhados em pranto, alma penetrada de in-

[1] Tenho para mim que Pilatos não proferiu sentença verbal, senão esta que se lê no rotulo, e que resume todo o pensamento; não nego, porém, que uma tradição se conserva em Jerusalem, de que Pilatos redigiu uma sentença, que por ahi anda transcripta com variantes; e segundo uma d'ellas, resumindo as calumnias amontoadas pelos Principes da synagoga contra o Redemptor do mundo, proferiu a seguinte sentença, eterno padrão de iniquidade:

«A Jesus Nazareno, o amotinador, o desprezador de Cesar, o falso Messias, como foi provado pelo testemunho dos seus nacionaes, conduzi ao logar do supplicio commum, e pregae-o alli em ludibrio da sua regia magestade n'uma cruz, em meio de dois ladrões: vae lictor, prepara as cruzes.»

tensa dor, não seguiram a pé descalço o Divino Padecente pela escabrosa estrada do Calvario até o altar da Cruz, para em espirito serem com elle crucificados! Quantas heroinas, repulsando feminis adornos, desgrenhadas as tranças, sulcado de lagrimas o rosto, pallidas, consumidas, desfiguradas por austera penitencia, não saíam com as filhas de Sião ao encontro do Divino Réu, para chorarem não só por elle, senão, principalmente, por si mesmas!

Antes de passar além, direi que n'esta rua se commemoram quatorze estações, em cada uma das quaes o christão, entregue ás fundas meditações que tão santos logares suggerem, ganha as indulgencias que lhes teem sido annexadas, recordando-se com entranhado fervor dos passos ahi occorridos.

Este sitio, onde Pilatos calcou a justiça, condemnando o innocente, isto é, proferindo uma sentença não mui diversa das que ainda hoje o juiz musulmano dicta ao réu, dizendo-lhe: «Tendes rasão no que allegaes, mas o vosso adversario é poderoso, condemno-vos»; este sitio sellado com tão ignominioso estigma, constitue a primeira estação.

XI

Venhamos á scena tremenda, depois que o romano deixou Christo em poder de seus inimigos.

Desesperado, mal com os outros, e mais mal comsigo mesmo, Pilatos volta as costas, e vae no interior do seu palacio entregar-se ao remorso que o abrasa, talvez mesmo vasar no seio da boa esposa as lagrimas, que até esse momento fôra forçado a reprimir.

Eis os tigres saídos das suas jaulas! Ei-los livres de cevar a sanguisedenta furia no objecto celeste da sua aversão! Os clamores, até ahi de imprecação, convertem-se agora nos de jubilo feroz! Vêem nas garras a presa almejada, ninguem lh'a arrancará! Vae seguir o segundo e terceiro acto da anciada tragedia!

Já vimos quão improficuo fôra o expediente do procurador romano, quando, em vez de offerecer ao povo a liberdade de qualquer dos criminosos menos conhecidos, propuzera a do peior de todos, a do sanhudo Barrabás; e pois que os malvados lhe preferiram Jesus, substituindo assim o justo ao culpado, abrem-se as portas do carcere a Barrabás para soltura, e a dois ladrões para acompanharem a Jesus no seu supplicio. Estão alli tres cruzes. São postas aos hombros de cada um. Jesus vae coberto de uma tunica inconsutil; os ladrões vão nús. Multidão avida, delirante, se condensa na praça do pretorio, e obstrue a rua que os condemnados hão de percorrer. A cohorte romana com mil e duzentos soldados a custo a contém. É dado o signal da partida, por volta das onze horas da manhã, porque a execução verificou-se ao meio dia, e o pretorio dista do Calvario pouco mais de um kilometro.

N'este logar se commemora a segunda estação, que fica a vinte e seis passos do pretorio.

Aqui meditam os peregrinos a ignominia por que passou Jesus, conduzindo ás costas o proprio instrumento do seu supplicio.

Aos réus dos mais enormes delictos, quando são conduzidos á morte, costuma-se, por humanidade, occultar o instrumento affrontoso, para que a sua presença

lhes não antecipe na mente a dor extrema; porém em relação a Jesus Christo não se praticou esta precaução; porque seus implacaveis inimigos desejavam que n'elle corpo e espirito fossem simultaneamente crucificados. Duplo tormento! Dura lei de iniquidade! Mas Deus queria ensinar-nos que as cruzes que n'este mundo carregâmos hão de um dia transformar-se em sceptros, como os espinhos das corôas se hão de um dia enflorar.

Cruz igual á de Jesus carregou durante a vida a Rainha das Virgens, carregaram-na os Apostolos, os martyres, os confessores, os anacoretas, as virgens, as viuvas, e todos os verdadeiros seguidores do Divino Martyr.

XII

Passou o cortejo por baixo da arcada d'onde Nosso Senhor tinha sido mostrado ao povo.

Do pateo do pretorio a rua corre horisontal, até o logar onde á direita rompe a que conduzia ao palacio de Herodes Antipas; depois inclina-se sempre na direcção do poente até cento e cincoenta passos do logar onde Christo tomou a Cruz; ahi dobra abruptamente para a esquerda, sendo n'essa curva que Jesus caiu a primeira vez ao peso da Cruz; e por isso outr'ora se collocou ahi uma columna de granito oriental, que, derrubada, ainda se conserva encravada ao longo de um muro.

É n'este sitio que fica a terceira estação.

XIII

Reergueu-se o Padecente, e progrediu em tão penosa jornada. Sua divina Mãe, que no pretorio assistira aos tratos horrendos, quiz acompanhar seu Filho no transito amargo; porém, já pela inanição de forças, já pela brutalidade dos soldados, e pelas mós de povo, ficou impossibilitada de seguir igual caminho. Tomou, pois, acompanhada do discipulo amado e das santas mulheres um atalho lateral, por onde correu, saindo á rua dolorosa, e então surgiu do lado esquerdo do cortejo, e ficou face a face com seu Filho, como quem lhe intercepta a passagem, e a commoção que lhe revolvia todas as forças vitaes, embargou-lhe a voz, fazendo-a cair em quasi deliquio[1]. Segundo se affirma, Jesus a saudou com as palavras: *Salve Mater.*

É esta a quarta estação, a trinta passos para o sul.

[1] Houve aqui antigamente uma egreja dedicada a Santa Maria do Spasmo; porém, depois da conquista de Saladino, foi convertida pelos turcos em casa de banhos; de modo que no proprio sitio em que a dor mais cruenta dilacerou dois divinos corações, se recreavam á dissoluta moda oriental os discipulos de Mahomet. Ahi foram as thermas de Rochelane, valida de Solimão, o magnifico. Consentiu o ceu que não continuasse por mais tempo totalmente profanado esse chão; reergueu-se a egreja de Santa Maria do Spasmo, e acaba este santuario de passar ao poder de catholicos, os quaes logo se propozeram restaura-lo com o antigo esplendor, elevando um bello hospicio sobre as ruinas das thermas.

Nada mais admiravel que o quadro do *Spasimo,* de Raphael, na galeria de Madrid.

XIV

É a quinta estação a trinta e seis passos d'aquella, no logar onde a rua da Amargura dobra novamente para a direita, na direcção de oeste. Até este sitio ainda a rua era espaçosa e quasi horisontal; mas d'este ponto por diante começa ella a subir estreita, empinada até á porta Judiciaria.

Já n'estas alturas as forças do Divinal Padecente quasi pareciam exhaustas; e não por commiseração, mas por julgarem impossivel que Elle com o peso da Cruz chegasse vivo[1] ao Calvario, resolveram prolongar de outra fórma a funebre agonia.

Vinha do campo um homem chamado Simão, natural de Cyrene, individuo possante e brutal. Foi preso e constrangido a ajudar o Salvador a levar sua Cruz; mas o Redemptor, longe de ser alliviado da carga, sentiu-a aggravar-se-lhe, porque o Cyreneu o ajudava de má vontade[2].

Lemos, com effeito, que Jesus duas vezes mais caiu sob o divino fardo. Lição é esta para nós, que só á força fazemos o bem. Deus quer o sacrificio do coração, sem o que nada aproveitam mortificações e soffrimentos. Grande foi na verdade a dita do Cyreneu; mas porque levou a Cruz por força e não por amor, nem d'isso lhe resultou merito algum, nem tambem o menor allivio a Jesus. Oh! quanto melhor não é abraçar a Cruz muito espontaneamente! Quando adoecem dois, qual padece mais? o que de tudo se lastima, ou o que tudo soffre por amor de Deus?

[1] Por aqui algures era a officina do legendario *Judeu Errante*. Cumpre saber que d'este celebre andejo não se encontra vestigio algum nos Evangelhos, nem ainda nos apocriphos. A lenda acha-se pela primeira vez na *Historia da Inglaterra* de Matheus París, que dá ao Judeu Errante o nome de *Cartophilo*, e diz que fôra porteiro de Poncio Pilatos.

D'este conto imaginario é que Edgard Quinet fez um drama philosophico, Schubart uma balada, Eugenio Sue um romance communista, e Scribe e Saint George uma opera posta em musica pelo maestro Halevy.

Cartophilo, o personagem d'esta lenda, nasceu em Jerusalem, sete ou oito annos antes de Jesus Christo: foi filho de um carpinteiro, e crescendo se tornou um famoso tratante. Aos oito annos de idade, tendo-se encontrado com os Reis Magos, serviu-lhes de guia para Belem; entrou no Presepio, viu o menino Jesus, e reconheceu a José, que era carpinteiro, como o pae d'elle Cartophilo. Regressando a Jerusalem, foi denunciar a Herodes o que testemunhára, dizendo-lhe que o Menino Jesus fôra adorado pelos Magos como Rei dos judeus. Herodes ficou assustado, e ordenou a matança dos Innocentes. Depois Cartophilo seguiu a S. João Baptista, e foi testemunha da sua degollação, por este haver intimado o *Non licet* ao Rei impudico. Finalmente acompanhou Jesus Christo ao logar do supplicio, e o mesmo Cartophilo refere nos termos seguintes o que depois occorreu:

«Vi Jesus Christo, diz elle, montado em um jumento na occasião em que entrou triumphante em Jerusalem; conheci o traidor Judas, e como carpinteiro, que sou trabalhei na feitura da Cruz, na qual foi pregado o Salvador do mundo. Quando os algozes o levavam para o Calvario com a Cruz ás costas, passando diante da minha officina de carpinteiro, pediram-me licença para que elle alli descançasse alguns instantes. E eu, mil vezes mais barbaro do que elles, recusei-me a isso, acompanhando a repulsa com abominaveis injurias.

«Então ouvi uma voz mysteriosa, que me disse: «Anda tu tambem, e caminha sempre, sempre, sempre, sem poderes nunca descançar até que eu volte». N'aquelle momento me senti ferido da ira divina, e no dia seguinte ao da morte de Jesus comecei as minhas forçadas peregrinações aos quarenta e um annos de idade, e eis que sempre corro, e para repousar espero o fim do mundo.»

[2] Depois da resurreição do Senhor, Simão Cyreneu tornou-se christão com seus dois filhos Alexandre e Rufo. Então, e só então, comprehendeu a alta dignidade, a que Deus o chamára, associando-o ao merito, á gloria e á virtude do sacrificio. Então, e só então, penetrado de reconhecimento, rendeu a Deus sinceras acções de graças por aquillo mesmo que se lhe havia antolhado intoleravel ignominia, injusta humilhação.

Certamente o primeiro; porque no constrangimento com que padece, se esvae todo o merito, ao passo que o segundo com a paciencia com que soffre, enthesoura para a eterna vida.

A estação que tenho presente é indicada por uns riscos verticaes entalhados no muro, ao lado esquerdo de quem sobe; riscos que os peregrinos beijam, depois da oração que se reza em todas as estações. Mal soffridos os turcos com esta acção de piedade christã, mandam no correr da noite cobrir de immundicies a sobredita esculptura, a fim de que não possa receber os osculos dos christãos!

XV

Prosegue-se subindo; e cerca de vinte passos á esquerda acha o romeiro a sexta estação. N'esse logar era a residencia de Berenice, nome que dizem ter sido mudado no de *Vera Icon* (verdadeira imagem), e depois, corrupto vocabulo, no de Veronica.

Abria para a rua da Amargura a porta de sua casa, e como quer que ouvisse a gritaria da multidão, que vinha apupando e ultrajando o Redemptor, saíu fóra, para ver passar o prestito affrontoso. Ao encarar o divino rosto transfigurado pelo sangue e pelo suor, encheu-se instantaneamente da mais profunda commiseração e piedade, e rompendo intrepidamente por meio dos guardas e das mós de algozes, approximou-se do Mestre, e collocando cuidadosamente o seu lenço sobre o divino rosto, procurou, debulhada em lagrimas, limpa-lo.

Não lh'o agradeceu, não, com palavras o Deus humano; mas retribuiu o piedosissimo acto, deixando estampado no sudario, com todas as suas feições, o semblante immortal[1].

A tamanha distancia dos tempos e dos logares, será licito desconhecer *prima facie* a importancia d'este acto; mas quem reflecte que aquelle padecente não era conhecido como Deus, antes como malfeitor; que n'esta qualidade fôra condemnado á mais ignominiosa das mortes; que uma multidão de inimigos encarniçados o levava ao patibulo, tripudiando e escarnecendo de suas dores, considera esta acção da Veronica o heroismo da suprema beneficencia.

Já não existe a casa d'esta mulher, mas perdura a tradição do logar. Ao beija-lo, julga o peregrino ouvir uma voz:

«Curva o joelho, transeunte, e aprende a caridade.»

XVI

A oito passos acima está a septima estação, onde se commemora a segunda quéda do Redemptor, quando já o alento o desamparava, ao approximar-se do lo-

[1] Uma opinião, que me não faço cargo de affirmar, nem de infirmar, quer que o dito lenço tivesse tres dobras e que, ficando impresso em cada uma d'ellas o transumpto do Senhor, uma se guardava em Jerusalem, outra em Castella, outra em Roma. Esta ultima tive eu a ineffavel delicia de contemplar na egreja de S. Pedro, na cidade eterna; sendo para aquella basilica trasladada da egreja do Espirito Santo pelo Papa Bonifacio VIII. D'este sudario se fizeram varias copias que se conservam em diversos logares. Escriptores pios consideram este sudario como milagroso para o curativo do mal de lepra, conforme já tive occasião de ponderar, quando tratei do facto do Imperador Tiberio.

gar da sua immolação. Era ahi a porta Judiciaria, e ainda hoje se conservam vestigios d'essa elevadissima abobada, por debaixo da qual transitavam todos os condemnados á pena ultima. .

Ao lado direito existe uma columna resguardada por quatro muros em quadrado, nos quaes nenhuma porta foi praticada. Pensa-se ser este o pelourinho onde affixaram a sentença de morte do Justo. O seu pavoroso aspecto inspira todavia veneração, porque alli se julga ter sido affixado o pregão do humano resgate, pregão repetido em altas vozes ao passar o divino Cordeiro.

XVII

Se é certo que este solo se acha hoje encravado na cidade moderna, não o é menos que n'este logar findava a Jerusalem do tempo de Christo.

D'aqui por diante, sobretudo, é mais com as recordações biblicas, que com o aspecto visual, que podemos seguir os passos do Redemptor. Ao saír da porta Judiciaria, havia no seu tempo até ao cume do Calvario um terreno todo nú; emquanto hoje a parte inferior do morro está coberta de casas, e o vertice d'elle, com suas adjacencias, acha-se comprehendido na egreja do Santo Sepulchro.

Ajudou Cyreneu a levantar o Nazareno, e no meio das imprecações dos circumstantes foi seguindo o prestito na direcção do oiteiro do Golgotha, cujo cume ficava ainda a uns 400 passos.

O peregrino ainda hoje póde ver uma columna estendida horisontalmente no chão, constituindo esse logar a oitava estação, porquanto ahi se verificou outro eloquente successo.

Em contraposição aos urros da plebe desenfreada, aconteceu que exactamente na base do Calvario se apresentou ao Divino Padecente um consideravel grupo de mulheres, entre as quaes iriam certamente a viuva de Naim, a mãe do cego Solidonio, a mulher adultera, a filha do archi-synagogo, e outras mulheres beneficiadas pelo Redemptor. Ellas o lamentavam, derramavam pranto, exprobravam a crueldade dos algozes; e então Jesus, que até esse momento guardára magestoso silencio, voltou-se para ellas, e disse:

«Filhas de Jerusalem! não choreis por mim, chorae por vós e vossos filhos! Tempo virá em que se diga: «Bemaventurados os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram; porque essas não verão filhos seus opprimidos dos mais horrendos males.» E então dirão aos montes: «Caí sobre nós, e cubri-nos», perseverando-nos da vingança celeste, a qual será tremenda; pois se o fogo da ira divina pegou na arvore verde e fructuosa, qual eu sou, que fará em vós outros, a quem os peccados tornaram arvores seccas, dispostas para o fogo; e se o Justo e Santo assim se vê entregue a tormentos, que podem esperar os impios e peccadores?»

Com estas palavras prophetisou dois terriveis acontecimentos: o da destruição de Jerusalem por Tito, e o da catastrophe do juizo universal.

Os dois ladrões, Dimas e Gestas, foram attonitas testemunhas do que se passava. Que pensariam elles, lá de si para si, n'este momento, do seu socio de supplicio, objecto de tão ardente amor? Como não terão pasmado de o verem em taes circumstancias tranquillo e amoroso, prégando á multidão que o seguia, e dizendo-

lhe que não chorasse por elle, mas por si e por seus filhos? Não é mister grande penetração para se reconhecerem n'estes factos predispostos pela Providencia outras tantas operações preparatorias da grande conversão que ia realisar-se.

XVIII

Repito que tambem o caminho que d'esta oitava estação conduzia ao alto do Calvario, já não existe, por estar obstruido por um quarteirão de casas; de modo que é hoje o romeiro obrigado a voltar á porta Judiciaria ao sul, descer (á esquerda de quem vem do pretorio) por uma rua abobadada, tomar depois á direita, e ir ao logar da nona estação, transposto um monte de entulho, d'onde, após longo rodeio, se chega ao convento dos cophtas, que é contiguo ao templo do Santo Sepulchro.

Somos chegados a uma columna, que se vê estendida em um becco estreito parallelo á rua, e que só é frequentado por quem vae ás ruinas da egreja de Santa Helena, ou pelos que fazem particularmente a Via Sacra; é esta a nona estação.

N'este sitio, o Autor da vida, o Consolador dos afflictos, achando-se ao sopé do Calvario, divisando já o logar onde a sua Cruz ia ser arvorada, vendo os algozes prepararem-se para a execução da sentença, desfallecido, exangue, caiu terceira vez por terra. Não symbolisariam estas successivas quédas do Senhor as nossas recaidas no peccado? Caindo e reerguendo-se, não nos ensinou Elle a levantarmo-nos in continenti, mediante o arrependimento de nossas culpas?

Uma impressão que ahi se vê na rocha, imitando uma Cruz, dizem ser uma consagração da natureza a este successo, sendo certo que os romeiros a teem em grande veneração, e a beijam com profundo respeito.

XIX

Alguns passos mais, e eis-nos chegados ao alto da montanha. Aqui, antes de progredir, medite o leitor comigo, ajoelhada sua alma ante o sacrificio tremendo, algumas palavras do mavioso Propheta-Rei e do altiloquo filho de Amós. Dissera David (Ps. 68):

«Trabalhei clamando até enrouquecer. Os que me teem odio gratuito foram mais que os cabellos da minha cabeça. Fortificaram-se os meus inimigos, e eu pagava o mal que não fizera. Por amor de vós, ó Deus de Israel, soffri opprobrios, e cobriu a confusão a minha face. Os juizes, sentados nos tribunaes, fallavam contra mim. Eu procurei quem comigo se contristasse, e não o encontrei, e me offereceram fel para o meu alimento, e para apagar a minha sêde deram-me vinagre.»

E Isaias dissera:

« O varão de dores foi offerecido, porque elle mesmo quiz; foi levado á morte como ovelha a degollar; condemnado pelos juizes foi morto no meio de dores. Foi dada a sepultura ao que não commettêra nunca maldade, e nunca proferiu mentira; foi posto em o numero dos perversos e entregue á morte; carregou com os peccados de muitos, e orou pelos seus algozes.»

XX

Prosigâmos na tremenda narração.

Somos chegados ao cume do Calvario, onde os piedosos romeiros se prostram na decima estação. É ahi que despojaram Christo de suas vestes. Estavam ellas colladas ás carnes todas chagadas, e como brutalmente arrancassem essas roupas, as feridas d'est'arte reabertas lhe fizeram soffrer mais lancinantes dores, que na occasião de lhe serem brandidos os golpes. N'este misero estado o deixaram exposto ao rigor de um vento frio e picante, sentado n'uma pedra, d'onde podia observar todos os aprestos do seu supplicio: os martellos, as tenazes, os cravos, finalmente todos os instrumentos da pavorosa execução.

Perto d'elle estão os dois ladrões. Entre os soldados encarregados da execução uns escavam os buracos em que se deviam fincar os supedaneos das cruzes, outros se afanam em dispor os cravos e as cordas.

Para quem são essas tres cruzes?

Uma para o ladrão predestinado; outra para o ladrão reprovado; e a do meio para aquelle que ia salvar um e condemnar o outro.

Que ha mais similhante que estas cruzes? Que ha mais diverso que estes crucificados?

As forças de Jesus estavam quasi completamente extenuadas. Teve sêde. Era costume dar aos criminosos um liquido, afim de mitigar n'elles a impressão dos tormentos. Deram-lhe vinho misturado com myrrha; não o tomou.

Uma voz bradou que tudo estava prompto, e os tres padecentes foram conduzidos para o pé de suas cruzes, que estavam estendidas horisontalmente sobre a terra. Christo, em completo estado de nudez, foi deitado na que lhe fôra destinada, estendendo-lhe os dois braços sobre os da Cruz e caindo-lhe os pés naturalmente até ao supedaneo. Então serviram-se de quatro enormes pregos[1] quadrados, de cinco pollegadas de comprido, grossura proporcionada e cabeça convexa. Applicados ás palmas das mãos, são pregados á Cruz com pesados martellos. Transpassam-se, e esmigalham-se nas mãos divinas, membranas, veias, arterias, fibras, musculos, ossos do metacarpo, todos os tecidos nervosos, séde da sensibilidade; jorra copioso sangue. Das mãos passam aos pés; estendidos até o supedaneo, contra o qual batem, são estes igualmente traspassados de uma a outra parte, e fixados á Cruz. Geralmente as victimas faziam, durante este martyrio, violentas contorsões, e soltavam gritos horriveis, com que os espectadores, segundo a disposição dos animos, ou se entristeciam, ou se regosijavam. Imagine-se, pois, em meio de que vaias, apupos e injurias não teria sido feita a hedionda operação dos cravos patibulares! Mas o Divino Mestre, cuja dignidade devia até ao ultimo anhelito con-

[1] D'estes pregos verdadeiros estão, um em Monza, outro em Roma e dois em Nossa Senhora de Paris, com a corôa de espinhos e um fragmento da Santa Cruz. Eis-aqui o modo por que muitos catholicos teem multiplicado aquellas reliquias. Limavam os verdadeiros cravos, e faziam outros pregos exactamente da fórma dos verdadeiros, mas tendo fundido n'elles alguma d'aquella limalha. É por isso que o prego de Roma já não tem ponta. Guardo com respeito uma d'essas preciosas imitações.

servar-se, não soltou um gemido, nem se mudou de uma só linha a apparencia da immutavel serenidade[1].

Á crucifixão dos dois ladrões seguiu-se a do Salvador. As tres cruzes eram iguaes, com cerca de quinze pés de comprido na haste vertical, e oito nos braços.

O logar onde estes factos se passaram constitue a undecima estação. Eis-nos chegados á duodecima, de todas a mais tremenda.

XXI

Ou fosse pela pressa que tinham os judeus de satisfazer seu cego furor, ou pelo receio de que algum milagre viesse arrebatar-lhes a Augusta Victima, ou tambem pelo desejo de faze-lo passar pelo mais culpado dos tres condemnados, foi a Cruz de Nosso Senhor a primeira que se transportou ao mais elevado cimo do Calvario, sendo as cruzes dos ladrões plantadas um pouco abaixo, formando um como triangulo.

Levantaram, pois, verticalmente a Cruz do Salvador, e collocaram o pé d'ella na preparada abertura da rocha, para onde foi arremessada de um modo tão selvagem que centuplicaram as dores com tormento tão crú! O arremesso tal choque imprimiu a todo o celestial corpo, que palavras humanas não podem exprimir a intensidade da angustia que deve ter gerado! Assim erecta a arvore patibular, os carrascos conchegaram a terra á base da Cruz, e com pedras, cunhos e prégos, a immobilisaram, podendo avaliar-se quão doloroso abalo causariam todos esses choques. De quantas mortes crueis a barbaridade antiga inventára o segredo, nenhuma era mais atroz que a crucifixão. Pendentes do madeiro, pés e mãos traspassados de ferro, os crucificados morriam lentamente. Pois que todos os orgãos importantes da vida eram poupados, crucificar não era matar; agonisava-se muito tempo. Este genero de supplicio era escolhido, não para prolongar a vida, mas para retardar a morte, a fim de que tão cedo não findasse a dor. O mesquinho que tinha o seu corpo suspenso de quatro pregos, ou em repouso ou agitado, experimentava lancinações e espasmos violentos, e convulsões que lhe contrahiam os musculos e revolviam as entranhas; a perda de sangue ia-os a cada minuto enfraquecendo mais e mais, e tornando-os mais impressionaveis á dor. Juntava-se a tantos tractos uma devoradora sêde, occasionada pelos ardores da febre. Achar-se um homem em tal estado, com a morte em perspectiva, espera-la durante horas longas, em meio dos improperios e sarcasmos de multidões, sem ter um rosto amigo sobre quem fixar olhos, devia ser um tormento infernal para quem não achasse dentro de si um pensamento consolador. Afigure-se qual seria o desespero, quaes as blasfemias do crucificado impenitente!

[1] Torbido mar che freme,
Alle querele, ai voti
Del passeggier che teme,
Sordo così non è.
Fiera così spietata
Non han le selve ircane,
Gerusalemme ingrata,
Che rassomigli a te!
(La passione de Giesu Cristo.)

Não sabendo contra quem haviam de conjurar-se os dois ladrões na sua exacerbação, pozeram-se a dirigir improperios ao celestial suppliciado; viam elles aquelle desconhecido tranquillo e silencioso, e assim contrastando com as suas agitações convulsivas; ouviam dizer que era Filho de Deus; o seu rotulo denominava-o *Rei dos Judeus;* havia muito quem o insultasse, mas tambem havia muitos que d'elle se compadeciam. Então entraram a imputar-lhe a causa da sua propria sorte, e diziam-lhe:

«Se tu és Filho de Deus, acabemos com isto, salva-te a ti mesmo e a nós.»

E em seguida repetiam contra a victima innocente todos os ultrajes dos anciãos do povo.

Tal era por volta do meio dia o aspecto do Calvario: á roda das tres cruzes um espaço protegido pela cohorte romana; ao pé d'ellas os soldados encarregados da guarda dos suppliciados; não longe Maria, João e as santas mulheres, autorisados por um mysterioso privilegio a estar junto da Cruz do Salvador: *juxta Crucem.* Fóra do recinto tumultuosa multidão se movia em ondas, querendo gosar de todo o espectaculo.

Christo lá está no meio dos dois condemnados; é este mais um mysterio; é a manifestação da sua grande qualidade de Mediador, qualidade distinctiva que Elle possue no ceu; que Elle possuiu na terra, tanto na vida como na morte; que possuirá no dia do juizo universal: no ceu está no meio do Padre e do Santo Espirito; na terra nasce n'um estabulo em meio de Anjos e homens; é collocado como pedra angular no meio dos povos; na antiga alliança está no meio da lei e dos Prophetas, cujas homenagens recebe; na alliança nova é visto sobre o Thabor no meio de Moysés e Elias; no Calvario apparece no meio de dois salteadores; Juiz eterno, está collocado em meio da vida presente e da futura, em meio dos vivos e dos mortos, principio da dupla vida do tempo e da eternidade.

Tão reiteradas foram as blasphemias, que Jesus Christo, temendo já que um raio do ceu fulminasse os culpados, ergueu os moribundos olhos, e soltou estas misericordiosas palavras:

«Pae! perdoae-lhes, que não sabem o que estão fazendo.»

Supplica tão sublime, em circumstancias taes, transformou instantaneamente as disposições de Dimas, cujo espirito se illuminou de luz desconhecida; bradou-lhe a consciencia que estas palavras não podiam saír de humanos labios, e desde logo cessaram suas imprecações, e quando o seu companheiro as continuou, reprehendeu-o d'est'arte:

—«Pois que! tu achando-te em igual supplicio e prestes a dar contas, não temes a Deus? Para comnosco, criminosos, obraram os homens com justiça, porém este nunca em sua vida fez mal algum.»

E voltando-se para Jesus exclamou:

—«Senhor! quando chegardes ao vosso reino, não vos esqueçaes de mim.»

E Jesus respondeu:

—«Com certeza te affirmo que hoje mesmo estarás comigo no paraiso.»

Abstulit iste suis cœlorum regna rapinis.

Que poder te illuminou, ó ladrão! Quem te ensinou a adorar o desprezado, o teu companheiro de supplicio, e como tu pendente da Cruz? Ó luz eterna, illuminadora dos seculos! És tu que ouves aquella palavra: *confia!* Não porque as

tuas obras te dêem jus a confiança tal, mas porque está presente o Rei, que liberalisa a graça.

E quem impetrou essa graça? Talvez a prece da Virgem Santa. A Mãe de Deus, que estava alli de pé e olhos pregados na Cruz, terá logo ahi começado o seu officio de advogada dos peccadores, e sobretudo dos peccadores á beira do inferno. Collocada á direita do seu Divino Filho, alli estava a Virgem dolorosa entre Elle e o ladrão, entre o Redemptor e o escravo. Mãe de misericordia, ella impetra graça; como podia ser-lhe recusada!

Fôra plantada a Cruz de maneira que o Senhor tivesse as costas para a cidade, e o rosto voltado para o occidente. Assim devia ser, porquanto Jeremias dissera (XVIII):

«Serei como um vento ardente, que os espalharei diante de seus inimigos; voltar-lhes-hei as costas, e não o rosto, no dia da sua perdição.»

Continuavam as imprecações dos judeus sempre variadas e sempre ferinas. Diziam uns meneando a cabeça:

— «Ó lá tu, que destroes o templo, e o reedificas em tres dias, salva-te a ti mesmo, e desce d'essa Cruz.»

E os Principes dos Sacerdotes com escarneo:

— «Qual! o que aos outros salvou, não póde salvar-se a si mesmo. Estava na sua mão crermos n'elle: bastava que elle descesse da Cruz, e logo o proclamariamos Rei de Israel.»

Outros acrescentavam:

— «Elle dizia que era Filho de Deus; então o Pae que tudo póde, que o livre.»

Succedia que, emquanto estas cousas se passavam no cume do monte, os soldados, usando de seu privilegio, tomaram as vestes do Redemptor, dividindo-as em quatro partes, uma das quaes para cada um; porém a tunica não tinha costura, e era toda tecida de cima para baixo, não só porque os antigos tinham a arte de fazer no tear toda a sorte de vestidos, mas talvez tambem porque n'essa tunica havia seu que de milagroso, se é certo que ella fôra feita pela Virgem Maria, e que com Jesus crescia á proporção da sua estatura, como em todos os hebreus succedêra nos quarenta annos que andaram pelo deserto. Seja como fôr, tiveram pena os soldados de rasgar tão formoso artefacto, e disseram:

«Não a cortemos; vamos antes lançar sorte, e quem ganhar ficará com ella.»

Assim o praticaram, realisando-se as palavras do Propheta:

«Dividiram entre si os meus vestidos, e lançaram sorte sobre a minha tunica.»

Proxima da Cruz estava a Virgem com Maria Cléophas e Maria Magdalena. Vendo Jesus sua Mãe e o discipulo amado, disse a esta:

«Mulher! [1] Ahi tens o teu filho.»

E a elle:

«Ahi tens tua mãe.»

E S. João cumpriu fielmente este preceito, não só emquanto esteve em Jerusalem, como quando a levou para Epheso, tratando-a sempre como a Mãe dilectissima.

Então Jesus exclamou com grande voz:

«Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste! *(Eli Eli lama sabacthani.)*

[1] Não é palavra esta de desprezo, nem de indifferença. N'este nome *mulher* entre os hebreus confunde-se a idéa de amor e senhora; e sobre isto mesmo houve aqui outros mysterios, que os interpretes explicam largamente.

O que ouvindo alguns dos romanos que não entendiam o hebraico, diziam:

«Temos outra! Agora chama Elias!»

No mesmo instante disse Jesus:

«Tenho sêde.»

Um dos soldados, ou fosse por lhe fazer a vontade, ou fosse por ver se o fortificava, dando tempo a ver se Elias vinha, ensopou uma esponja n'um vaso de vinagre, que alli estava, e atando-a a uma canna, chegou-a aos labios do Redemptor. Apenas Jesus tocou o liquido, disse:

«*Consummatum est.*»

E para logo com grande voz:

«Meu Pae! Meu Pae! Nas vossas mãos entrego o meu espirito.»

E inclinando a fronte, expirou.

N'este pavoroso instante o sol, que desde alguns minutos começára a obscurecer-se, desappareceu instantaneamente, e desde a hora sexta até a nona (do meio dia até as tres) as trevas cobriram toda a face da terra; e o véu do templo por si mesmo se rasgou ao meio de alto abaixo[1], e abriram-se as sepulturas, e resurgiram muitos santos mortos que appareceram na cidade, e medonho terremoto abalou todo o chão em torno, e partiram-se as pedras, e toda a natureza pareceu desconjunctar-se nas convulsões de uma revolução tremenda!

Dionysio Areopagita, distincto mathematico, que se achava em Heliopolis, no Egypto, e que de todo ignorava a causa do phenomeno estupendo, que nunca à sciencia foi dado poder sophismar, exclamou, sendo ainda pagão:

«Ou o Deus da natureza padece, ou a machina do mundo se dissolve: *Aut Deus naturæ patitur, aut mundi machina dissolvitur.*» Foi até esta a causa da conversão do sabio Dionysio, quando no areopago ouviu S. Paulo explicar a Paixão e morte de Christo.

A revolução operada no reino da natureza repercutiu no da graça, e com maior impulso no mundo das idéas; porque os homens, se até então olhavam a Cruz como o infamissimo dos patibulos, e o Calvario como o ignominiosissimo dos logares, não tardou que venerassem este como o campo da gran batalha, e aquella como o vexillo da humana redempção.

No volver dos tempos foi a Cruz destinada a coroar a fronte dos Reis, como o Calvario viu à seus pés nações e povos contritos: Cruz e Calvario tornaram-se, pois, o objecto dos mais ardentes anhelos e das mais ternas complacencias. Mas ao

[1] «Tanto que Christo expirou, rasgou-se o véu do templo, em signal de que tambem a synagoga expirava, e se acabava a monarchia hebrêa. Assim o dizem todos os doutores; mas eu replico. O signal sempre ha de ter proporção com o que significa, e muita, se é natural: pois que proporção tinha rasgar-se o véu do templo com se haver de acabar o imperio da synagoga? Grande proporção, diz S. Leão Papa: *Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus summus pontifex jussus fuerat intrare, reservatum est.* Aquelle véu do templo era a cortina que cobria o *Sancta Sanctorum*, onde estavam escondidos os segredos e mysterios d'aquella lei, vedados a todos, e só ao summo Sacerdote permittidos: e por isso tinha grande proporção rasgar-se o véu do templo, para significar que se acabava a synagoga; porque não ha mais proprio signal de se acabar um imperio, uma monarchia, que romperem-se as cortinas dos seus mysterios, e rasgarem-se os véus de seus segredos. Os reinos e as monarchias sustentam-se mais do mysterioso, que do verdadeiro: e se se manifestam seus mysterios, mal os defendem as suas verdades. A opinião é a vida dos imperios; o segredo é a alma da opinião. A prevenção sabida ameaça a uma só parte; secreta, ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendem a attenção do inimigo; manifestos, são a guia mais segura de seus acertos. Reino cujas resoluções primeiro forem publicas que executadas, oh! que perigosa conjectura tem de sua conservação.» (Vieira.)

passo que a Cruz jazeu velada á adoração dos fieis por espaço de trezentos e vinte e seis annos, o Calvario começou, desde a hora do *consummatum*, a ser acatado com todos os respeitos da piedade christã.

De feito, lemos em S. Lucas, que o centurião, ao presencear os prodigios que acompanharam o sobrehumano fim do Redemptor, e o transtorno universal da natureza, exclamou: «Oh! sim! este era verdadeiramente o Filho de Deus!»; e toda a multidão dos presentes ao pavoroso espectaculo sairam a passos tardos, lacrimosos, arrependidos e batendo nos peitos. D'est'arte se verificava a prophecia de Zacharias (XII): «Lançarão os olhos sobre mim, a quem terão penetrado de feridas, e então, mudando as disposições de seus animos, chorarão com lagrimas e suspiros aquelle que elles mesmos houverem ferido: lamenta-lo-hão, como se deplora um filho unico, e serão traspassados de dôr, como o é a mãe na morte de seu primogenito».

No entanto acontecia que, por ser aquelle dia o *Parasceve* (vespera do sabbado paschal), não querendo os judeus enluctar com triste espectaculo o seu dia grande, caso os padecentes, como era frequente, durassem na Cruz quinze ou vinte horas, dirigiram-se a Pilatos, rogando-lhe que mandasse quebrar [1] as pernas áquelles criminosos, a fim de acabar com elles, e poderem abater as cruzes. Os chefes da synagoga, impetrando assim a mais barbara fórma de dar fim aos suppliciados, tinham na mente prolongar e aggravar a dolorosa agonia de Jesus Christo e do bom ladrão, que em tal momento dava o assombroso exemplo da conversão.

Dirigiram-se, pois, os emissarios novamente do pretorio ao Calvario, e procedeu-se á cruel operação de partir os ossos das pernas e das coxas dos dois ladrões, martyrio que Dimas soffreu, sem soltar um gemido, continuando assim o magnifico testemunho que elle havia prestado á innocencia, realeza e divindade de Nosso Senhor. Quando porém se encaminharam para o Lenho sacrosanto, os circumstantes ponderaram que era já inutil o novo maleficio; porquanto o que d'aquelle madeiro pendia, já não era mais que um cadaver.

Então um dos soldados, ou fosse para satisfazer feroz encommenda de judeus, ou para verificar se a morte era real, ou fosse mesmo para seguir o uso de lancear o suppliciado, brandiu o espontão, e com elle abriu o peito do Senhor, jorrando da ferida sangue e agua [2].

E estas cousas se fizeram para serem cumpridas as prophecias do Exodo e de Zacharias:

«Não lhe quebrareis osso algum.»

«Verão aquelle que traspassaram.»

Assim quiz a divina Providencia que a morte do Salvador ficasse materialmente

[1] O supplicio denominado do crurifragio era distincto do da crucifixão, e foi usado por muitos povos da antiguidade. Os romanos dos tempos proximos a Christo o empregaram por varias vezes. Foi esse o castigo dado por Augusto ao seu infiel secretario Thallo. Assim tratou Sylla a Mario Gratidiano. Assim procedeu Tiberio para com dois individuos que lhe exprobravam um crime. Assim procederam os gentios para com muitos martyres. Tambem empregavam outro meio, quando era mister accelerar a morte, que era lancear o padecente na região do coração.

[2] Denominam commummente este soldado o Longuinho, e o martyrologio romano o commemora como convertido, santo e martyr, cujo corpo julgam alguns que se conserva em Roma, na egreja de Santo Agostinho; mas suppõe-se que esta tradição provém de uma confusão do termo grego *lonche* que significa *pique;* e assim fizeram de um pique um soldado. N'outro logar tratei d'este ponto.

demonstrada a todas as luzes, para que depois não houvesse meios de pôrem em duvida a sua resurreição gloriosa.

De longe estavam encarando a scena dolorosissima muitas piedosas mulheres, que desde Galiléa haviam seguido a Jesus, subministrando-lhe o necessario, e entre ellas a Magdalena, a mãe dos filhos de Zebedeu e a de Thiago e José.

XXII

Venhâmos ora ao logar que hoje constitue a decima terceira estação.

Quando foi lá pela tarde, dirigiu-se a Pilatos o discipulo occulto de Jesus, o nobre senador José de Arimathéa. Bem precisa era uma audacia sobrenatural para ousar em circumstancias taes, firme, desacompanhado, requerer ao governador que lhe fosse concedido o corpo de Jesus; o seu rogo foi, porém, promptamente deferido por Pilatos, que aliás se admirou de que Jesus tão depressa houvesse expirado; outorgou-lhe a graça. Voltou então José ao Calvario, onde igualmente compareceu Nicodemus, aquelle outro nobre discipulo que na primeira vez procurára Jesus de noite; e ambos desceram da Cruz o corpo. Haviam levado comsigo cem libras de myrrha e aloes, com que o divino corpo foi piedosamente ungido, e logo em seguida o involveram n'um lençol [1] e em faxas de linho com aromas, como os hebreus costumavam sepultar magnates.

XXIII

Feito isto, os dois amigos transportaram o sagrado corpo para um sepulchro ou monumento novo, cavado na pedra de um horto pouco distante, e no qual até então ninguem fôra sepultado; cautela esta com que Deus quiz precaver que os judeus não viessem depois a dizer que outro fosse o resuscitado. N'este sepulchro, que José de Arimathéa para si mesmo havia mandado abrir, depositaram o divino corpo, e taparam a bôcca do moimento com uma grande pedra, que para alli revolveram; sagrado logar este que hoje constitue a decima quarta estação.

E desde este momento ficou tal sitio excedendo em riqueza e magnificencia a todos os thesoiros orientaes.

Com rasão pondera um escriptor que a Arca do Velho Testamento não tinha dentro mais que a vara de Moysés, a vara florida de Aarão, com as lapideas tábuas da lei e o vaso de oiro cheio de maná; mas n'esta esteve o Divino Corpo do verdadeiro dador da lei, o verdadeiro maná e pão sobresubstancial descendido do ceu, e cada dia administrado na Egreja catholica aos que o temem. Com quanta rasão não dizem Santa Paula e sua filha Eustochia, escrevendo a sua amiga Marcella: «Tinham os judeus em grande veneração o seu *Sancta Sanctorum*, por n'elle se conservar o propiciatorio com os Cherubins, o aureo altar e as reliquias. Não te parece a ti mais digno de acatamento o Sepulchro, onde, sempre que entrâmos, vemos envolvido em um lençol o Salvador do mundo; e detendo-nos pequeno intervallo, tornâmos a ver o Anjo a seus pés, e o sudario posto á cabeça?»

[1] Diz-se que todas estas mortalhas, nas quaes ficou milagrosamente impressa a imagem do Redemptor, se conservam incorruptas e veneradas. É certo que bullas pontificias authenticam muitos prodigios, confirmados por verdadeiros, e verificados por meio dos dois mais famosos sudarios, os quaes existem na França e na Italia, em Besançon e Turim.

XXIV

No outro dia, que era o seguinte ao Parasceve, acudiram juntos os Principes dos Sacerdotes e os phariseus a casa de Pilatos, a quem disseram:

— « Senhor, temo-nos estado a lembrar de que aquelle embusteiro disse que havia de resurgir, depois de tres dias; e portanto é provavel que venham os seus discipulos, e lhe furtem o corpo, e depois se ponham a dizer á plebe que resurgiu dos mortos. Similhante embuste viria a ser de muito peiores consequencias que o primeiro: dae ordem, pois, que se colloquem sentinellas em torno do Sepulchro até o terceiro dia. »

E Pilatos respondeu:

— « Ahi tendes soldados, e guardae-o como entenderdes. »

Retiraram-se os judeus, dirigiram-se ao Sepulchro, seguraram solidamente e sellaram a campa, e pozeram-lhe sentinellas.

Succedêra que, emquanto José e Nicodemus amortalhavam, e sepultavam o corpo do Senhor, as santas mulheres estivessem a distancia, perscrutando todos os movimentos dos dois discipulos; tomaram bem nota do modo como o corpo do Senhor fôra collocado; e voltando para a cidade, pozeram-se a preparar aromas e unguentos, retirando-se para suas casas, segundo o preceito da lei, por ser o sabbado.

No primeiro dia da seguinte semana, ante manhã, Maria Magdalena, Maria mãe de Thiago e outras devotas que se lhe aggregaram, dirigiram-se ao Sepulchro, onde chegaram já sol fóra. Levavam comsigo os aromas que haviam preparado, com o intuito de novamente embalsamarem o corpo de Jesus; mas em caminho, continuando na sua piedosa pratica, exprimiam ellas umas ás outras a difficuldade com que o seu desejo teria de lutar, visto como ellas, tão debeis, não teriam forças para levantar a pedra do monumento.

Chegadas, porém, ao recinto que o rodeiava, qual não foi o seu pasmo ante o espectaculo que se lhes deparava! A pesada lage estava removida de sobre o Sepulchro, e dentro d'elle já não existia o corpo de Jesus. Maria Magdalena, consternada com tão inesperado desapparecimento, correu logo e foi dizer a Pedro e ao outro discipulo a quem Jesus mais amava, que haviam tirado o Senhor do monumento, sem que soubesse onde havia sido posto. Reputaram elles por delirio o que ouviam; mas no entanto foram ver, e chegando ao Sepulchro viram realmente com espanto estar a campa removida; e lançando olhares para dentro do jazigo, não descobriram n'elle mais que os lençoes e as faxas que haviam envolvido o corpo do Senhor, não em montão, mas cada cousa em seu respectivo logar, e o sudario que estivera sobre o seu rosto, não misturado com os lençoes, mas envolto e á parte; d'onde logo se ficava entendendo que o corpo de Christo não fôra d'ahi furtivamente retrahido.

Tornaram então os discipulos para casa; porém Magdalena ficou perto do Sepulchro, e quando outra vez se inclinava para ver de novo o monumento, rolou nos ares um trovão, e tremeu a terra: tal terror se apoderou dos guardas, que tombaram semimortos, e dois mancebos formosissimos, aspecto fulgurante e niveo trajo, appareceram instantaneamente sentados no logar onde estivera o corpo, um do lado dos pés, outro da cabeceira.

E como a Magdalena se mostrasse estupefacta do que estava presenceando, um dos Anjos dirigindo-se a ella, disse-lhe:

— «Mulher, porque choras?»

— «Porque tiraram o corpo de meu Senhor.»

— «Não temas. Embora aqui estivesse depositado, resuscitou, não está aqui. Vae annunciar aos discipulos a sua resurreição, e que lá vae para a Galiléa.»

— «Mas o meu Senhor não o tornarei a ver?»

Dizendo isto, voltou-se para trás, avistou um homem de pé [1], e em um logar onde ninguem estava um momento antes, e esse vulto lhe perguntou:

— «A quem procuras?»

A Magdalena, pensando que fosse o jardineiro d'aquelle horto, e que este houvesse tirado o corpo de Jesus, por não gostar que um cadaver estivesse enlutando o seu jardim, disse-lhe, sem medir as suas forças, e sem ousar erguer os olhos para o semblante do seu interlocutor:

— «Se vós, senhor, o tirastes, dizei-me onde o puzestes, e eu o levarei.»

O vulto disse-lhe:

— «Maria!»

Levantou ella os olhos, deu um grito de assombro e jubilo, arremessou-se a seus pés, para abraçar-lh'os, e exclamou:

— «Mestre!»

— «Não me toques, retorquiu Jesus, nem o poderias. Ainda não subi para meu Pae, e por isto terás tempo de me consagrar todas as demonstrações da tua devoção. Vae pois sem demora procurar os meus discipulos, que eu amo como irmãos, e dize-lhes que eu vou subir a meu e vosso Pae, a meu e vosso Deus.»

Obedeceu Magdalena. Viram-na as companheiras correndo, e seguiram-na na direcção do Cenaculo. Dava-lhes azas o temor, mas o prazer ainda mais. Já se approximavam as tres Marias do seu destino, quando subitamente Jesus lhes saiu ao encontro, dizendo:

«Salve!»

E ellas reconhecendo-o, prostraram-se-lhe aos pés, adorando-o.

E Jesus lhes disse:

«Continuae, continuae vosso caminho.»

Já as mulheres comprehendiam emfim que o Messias havia quebrado a seu favor os grilhões da morte e do Sepulchro, onde era impossivel que elle fosse retido, porquanto David havia dito:

[1] «A primeira pessoa a quem Christo appareceu na manhã da sua resurreição, foi a Magdalena. Assim o dizem os Evangelistas. Mas porque mereceu a Magdalena, não só com excepção de todas as outras devotas mulheres, mas tambem dos mesmos Apostolos, este tão singular privilegio? Lêde a historia sagrada, e o que ella fez, e os outros não fizeram, e acharcis a rasão. As outras Marias, como os Anjos lhe disseram que o Senhor resuscitára, e não estava alli, foram-se: S. Pedro e S. João como acharam no Sepulchro a mortalha e o sudario, e não o Sagrado Corpo, tambem se foram: porém a Magdalena, sómente porque sabia, como os demais, que aquelle era o logar onde o Senhor fôra sepultado, isto só bastou para que perseverasse alli, e não se apartasse do mesmo logar. De maneira que os outros deixaram o Sepulchro, porque Christo não estava n'elle; porém o amor de Magdalena não se soube apartar do mesmo Sepulchro; porque ainda que o Senhor não estava n'elle, tinha estado. E assim como bastou que Christo tivesse estado dentro d'aquellas pedras, para que a Magdalena se não podesse apartar d'ellas, esta foi tambem da sua parte a fineza, e da parte do mesmo Senhor a rasão, por que tanto estimou o seu amor, e o antepoz ao de todos.» (Vieira.)

«O meu corpo descançará na esperança de uma prompta resurreição, porque estou seguro de que não permittireis que o vosso Santo experimente a corrupção do sepulchro; logo após minha morte me fareis entrar no caminho da vida, resuscitando-me, e me enchereis da alegria da vossa face, collocando-me á direita do vosso throno!»

XXV

Assim pois as mulheres, já profundamente convictas, partiram para cumprir a sua missão, e ao mesmo tempo foram á cidade alguns dos guardas, e referiram aos Principes dos Sacerdotes o succedido; e reunindo-se estes com os anciãos em conselho, acordaram em dar secretamente aos soldados grossa quantia com esta recommendação:

«Dizei que, estando vós dormindo, vieram de noite os discipulos, e o roubaram; e se isto chegar á noticia do governador, nós o aplacaremos, e vos livraremos de toda a molestia e perigo.»

Foi observado o acordo e divulgado o boato, que depois se perpetuou. Pouco importava que a mentira fosse manifesta; porque, se os guardas dormiam, não podiam ser testemunhas do que não podiam ter visto. Alem de que, os Principes tinham tido a precaução de sellar a campa com cintas de ferro, consolidando-a assim com a rocha onde a sepultura fôra cavada; e portanto, só se o tal somno fosse encantado, é que os soldados poderiam dormir ao som da grande e inevitavel bulha; e despertando elles, já não podiam desculpar-se com dizer que o corpo de Christo tinha sido levado emquanto elles dormiam.

Depois d'isto, no mesmo dia, caminhando dois discipulos para um castello chamado Emaús, distante de Jerusalem cerca de duas leguas, íam praticando entre si sobre o grande acontecimento; eis senão quando surgiu inopinadamente ao lado d'elles, e com elles caminhando, o Salvador, que não obstante conservar o seu proprio rosto, a sua estatura e o seu portamento, quiz a divina vontade que o não reconhecessem, a fim de que, patenteando elles primeiro a sua incredulidade, abrissem campo ao Messias, para lhes mostrar como aquelles successos eram prova de ser elle quem era, tantas vezes vaticinado pelos Patriarchas e pelos Prophetas.

E assim rompeu Christo o dialogo:

— «Sobre que assumpto ides praticando? Estaes tristes!»

Cléophas, o Justo, respondeu-lhe:

— «É mister que sejas forasteiro em Jerusalem para ignorares o que alli occorreu estes dias.»

— «Que foi?»

— «Jesus Nazareno, um Propheta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e do povo, foi entregue pelos Principes dos Sacerdotes a Pilatos, e crucificado. Esperavamos nós que Elle houvesse de remir a Israel, conforme nos promettêra, e já lá vão tres dias, sem elle apparecer. Verdade seja que algumas mulheres nos assombraram, dizendo-nos que viram no seu Sepulchro uns Anjos, que lhes affirmaram ser elle vivo, e alguns foram ver o Sepulchro, e não o encontraram lá.»

— «Ó insensatos! Quam tardo não é vosso coração em acreditar na realisa-

ção dos vaticinios! Não vos disseram os Prophetas que o Messias soffreria todos esses males antes de entrar em sua gloria?»

Em praticas similhantes se passou o caminho até chegarem a Emaús. Ahi instaram com o desconhecido para que suspendesse os passos, dizendo:

«É tarde; é posto o sol; ficae comnosco.»

Annuiu. Pozeram-se todos á mesa. Elle tomou o pão, lançou-lhe a benção, e tornando-o assim instantaneamente sacramental, partiu-o, e deu-o aos companheiros. N'este acto de partir o pão, abriram-se-lhes os olhos, até ahi obcecados; mas ao reconhecerem o Divino Mestre, este esvaeceu-se, e desappareceu aos olhos d'elles.

E um para o outro disseram:

«Era elle! Era elle! Não é verdade que o nosso coração, quando elle nos vinha explicando as Escripturas, parecia arder dentro do peito?»

XXVI

Ergueram-se á pressa, e correram ao Cenaculo, onde acharam congregados os onze Apostolos e outras pessoas, que diziam: «É certo que o Senhor resuscitou, e appareceu a Simão». E os recemchegados tambem narraram como Jesus se lhes juntára em fórma de viandante, e que só o tinham conhecido pelo modo peculiar como costumava partir o pão.

Palavras não eram ditas, e eis que, estando fechadas as portas, subito appareceu Jesus no meio d'elles, dizendo-lhes:

«A paz seja comvosco!»

Attonitos e assombrados recuavam, fugiam, imaginavam ter ante si algum espirito.

«Sou eu, não temaes.

«Que turbação é essa?

«Porque se elevam tão varios pensamentos em vossos corações?

«Um espirito não tem carne, nem ossos; tocae-me nas mãos e nos pés, e vereis se sou eu, ou não.»

Então lhes mostrou as chagas dos cravos com que na Cruz fôra pregado. Não acabando elles de crer, mas estando transportados de jubilo, disse-lhes:

«Ha ahi de comer?»

Apresentaram-lhe uma posta de peixe assado e um favo de mel. Comeu diante dos discipulos; porque era intuito do Redemptor manifestar então a realidade de sua presença e de seu mesmo corpo; e depois de lhes passar o resto da comida, acrescentou:

«Disse-vos eu que era indispensavel cumprir-se tudo o que de mim foi escripto na lei de Moysés, nos Prophetas e nos Psalmos; tinha eu de padecer d'aquella sorte, e de resuscitar ao terceiro dia; cumpria que em meu nome se prégasse a penitencia e remissão dos peccados para todas as gentes, começando logo por Jerusalem.

«Vós sois testemunhas d'estas cousas; e assim, para que tenhaes valor de as publicar, vou enviar-vos aquelle Divinal Espirito Santo, que meu Pae por minha bôcca vos tem promettido.

«Ide por todo o mundo prégar o Evangelho a toda a creatura, e tende entendido que o que crer e fôr baptisado, será salvo, e o que não crer, condemnado.

«Eu vos envio para trabalhardes na salvação dos homens, para o que vos tornarei participantes da minha autoridade.»

Ditas estas palavras, assoprou sobre elles, e disse-lhes:

«Recebei o Espirito Santo, e sabei que a quem perdoardes as culpas, serão perdoadas; e a quem as retiverdes, serão retidas.»

Dito isto, desappareceu. Instantes depois, entrou Thomé Didymo, a quem os outros discipulos se apressaram a narrar quanto haviam presenciado, e elle de responder:

«Não creio! não creio! Tudo isso é tão estupendo, que eu nunca o acreditarei, senão vendo em suas mãos os signaes dos cravos, mettendo os meus dedos em cada chaga, e a minha mão no seu lado.»

Passados oito dias, achando-se os discipulos todos no mesmo logar, e tambem a portas fechadas, appareceu Jesus de pé, dizendo-lhes:

— «Paz comvosco.»

E voltando-se para Thomé, acrescentou:

— «Tu lá, mette aqui o teu dedo; olha-me para as mãos, mette a tua n'esta chaga do meu lado, e não sejas incredulo, mas fiel.»

Thomé confundido, e prostrando-se ante Jesus, levando a fronte até á terra, exclamou:

— «Meu Senhor e meu Deus!»

É esta a vez primeira que no Evangelho a Christo se dá o nome de Deus; convicção esta que a sua resurreição gloriosa acaba de radicar indelevelmente no animo de todos.

E Jesus lhe disse:

— «Thomé, tu creste, porque me viste; mas bemaventurados os que creram sem me ver; porque a sua recompensa será proporcionada ao merito da sua fé.»

Estes inopinados apparecimentos de Jesus a seus discipulos repetiram-se muitas vezes, durante o espaço de quarenta dias. O Redemptor fazia-lhes ver por muitas provas que era vivo, e tinha por fim com estes colloquios familiares habilita-los mais e mais a serem os promulgadores de seu Evangelho, e a padecerem de boamente pelo estabelecimento do reino de Deus e formação de sua Egreja.

Ponderava-lhes então que João sim baptisára na agua, mas que elles seriam baptisados no Espirito Santo.

Então os circumstantes, cheios ainda da idéa de um reino terrestre, lhe perguntaram:

— «Será n'este tempo que vós restabelecereis o reino de Israel, restituindo-o á sua pristina liberdade e grandeza?»

— «Não vos importe saber os prasos, cujo conhecimento só é reservado a meu Pae; mas ficae certos de que, dentro em poucos dias, recebereis a virtude do Espirito Santo, e sereis testemunhas em Jerusalem, Judéa, Samaria e até aos terminos da terra, onde ireis prégar o meu Evangelho.»

XXVII

Ainda depois tornou Jesus a apparecer aos discipulos nas costas do mar de Tiberiades. Estavam juntos Pedro, Thomé, Nathanael, Thiago e seu irmão João. Como

a esse tempo faltasse aos Apostolos a liberalidade das devotas mulheres, que até então tanto haviam concorrido para o seu quotidiano sustento, tornou Pedro a exercitar o seu antigo officio de pescador, coadjuvado pelos outros.

Estava, pois, dizendo Pedro:

— «Vou pescar.»

— «Pois vamos», responderam os mais.

Entraram todos em uma barca, trabalharam toda a noite, e não pescaram nada.

De madrugada appareceu um desconhecido na praia, o qual de longe lhes perguntou:

— «Filhos! ha por ahi alguma cousa de comer?»

— «Nem nada.»

— «Pois então lancem a rede para a direita da barca.»

Assim fizeram, e tanta foi a multidão de peixe, que não podiam puxar o lanço.

João encarou então mais fixo no vulto que estava na praia, e disse a Pedro:

— «É o Senhor.»

Pedro, ouvindo isto, vestiu a tunica, e lançou-se ao mar para ir a elle, e os discipulos foram arrastando a rede durante os duzentos covados que distavam da praia.

Ao desembarcarem, viram pão e um peixe sobre as brasas. Mandou Jesus que lhe trouxessem mais alguns dos recémpescados, e Pedro trouxe a rede para a terra, a qual se não rompeu, apesar de conter cento e cincoenta e tres peixes grandes. Convidou-os Jesus a jantar, e nenhum se atreveu a perguntar quem elle era, pois bem o sabiam.

Jesus repartiu o pão e o peixe, e concluido o banquete disse a Pedro:

— «Simão, filho de João, tu amas-me ainda mais do que estes?[1]»

— «Vós sabeis quanto vos amo.»

— «Então apascenta os meus cordeiros.»

— «Simão, filho de João, amas-me?»

— «Vós sabeis quanto eu vos amo.»

— «Então apascenta os meus cordeiros.»

— «Simão, filho de João, amas-me?»

Contristou-se Pedro d'esta terceira pergunta, que lhe parecia denunciar alguma cousa de tibieza no amor; e como se calasse, Jesus lhe perguntou mais uma vez:

— «Amas-me?»

— «Vós, Senhor, que tudo conheceis, bem sabeis que vos amo.»

— «Então apascenta as minhas ovelhas.»

— «Em verdade, em verdade te affirmo que quando eras mais moço, a ti mesmo te cingias, e andavas por onde te aprazia; porém, quando envelheceres, terás de estender as mãos, e outrem te cingirá, para levar-te onde não queiras.»

Assim lhe fazia comprehender que, á imitação do Mestre, morreria pregado em uma Cruz.

— «Segue-me», disse Jesus.

[1] Christo, recordando a Pedro o nome do seu proprio pae, quer que elle nunca perca a lembrança da sua baixa origem; mas que sabedoria e bondade! Já Pedro se jactára de exceder a todos no amor a seu Mestre, e passado pouco tempo tres vezes o negára. Agora lhe dá occasião de uma satisfação publica, tanto dada a Elle por ter sido ingratamente negado, como aos seus proprios companheiros, por considera-los menos fortes; por isso respondeu Pedro mais modestamente, porque a sua quéda o havia feito mais humilde.

Seguiu-o, vindo após João, pelo que perguntou Pedro ao Redemptor:

— «E d'este, Senhor, que será?»

Jesus lhe respondeu:

— «Se eu quizer que elle fique assim, até que eu venha julgar o mundo, a ti que te importa? Cuida tu em seguir-me.»

XXVIII

Foram os onze Apostolos acompanhando Jesus para o monte Olivete, e chegaram até perto do seu viso do lado occidental, no torrão que tambem se denominava Galiléa. Ahi pararam, e prostrando-se o adoraram, postoque alguns ainda ficassem duvidosos, se seria elle ou apparente figura. Jesus lhes fez a derradeira pratica, accrescentando ás instrucções que lhes deixava, os signaes que haviam de caracterisar os crentes.

«Expulsarão em meu nome os demonios.»

«Fallarão linguas novas.»

«Manejarão, e destruirão as serpentes.»

«Não lhes damnará veneno mortal.»

«Curarão os enfermos pela imposição de mãos.»

«E eu que fico comvosco por todo o tempo até á consummação dos seculos, mandarei sobre vós a promessa de meu Pae. Conservae-vos, pois, em Jerusalem, até serdes revestidos da virtude do alto.»

Dito isto, levantou as mãos, e deitou-lhes a benção, e acto continuo, apartando-se d'elles, foi-se levantando para o ceu branda e suavemente, até que uma nuvem o roubou aos olhos mortaes e á soffrega curiosidade dos discipulos.

Reinou durante espaço longo o mais profundo silencio entre todos os espectadores do maior successo que jamais homens presencearam. Era um como embevecimento; as almas de todos esses discipulos santos pareciam avidas de acompanhar o Mestre á morada celestial, do mesmo modo que o haviam servido na terrena morada.

Estavam elles ainda olhos fitos no firmamento, quando de improviso se lhe apresentaram á vista dois Anjos em figura humana, vestidos de branco, e lhes disseram:

«Varões da Galiléa, que estaes olhando para o ceu? Jesus que, separando-se de vós, se elevou ás alturas, baixará do mesmo modo que o vistes agora subir, a julgar os homens no fim dos seculos.»

Exultando de jubilo, regressaram os discipulos para Jerusalem, e dirigiram-se ao Cenaculo, onde por aquelles dias assistiram, permanecendo todos em oração com Maria Santissima e as mulheres que haviam acompanhado sempre o Salvador.

E assim findou a esplendida missão terrestre, ordenada por Deus, verificada por Deus, destinada a levantar os homens á celestial morada de Deus.

EPILOGO

Assás é tempo; amarre-se a cançada barca. Se a mercê de Deus me permittiu chegar ao porto que fitára, inspirem-me os oraculos da Egreja os derradeiros hosannas que entoarei ao Senhor.

Eu te visitei, cidade maldita e santa; meu coração se alvoroçou em frente de tuas grandezas; meus labios beijaram ferventes o chão que pisaram os pés do Redemptor; minha ambição é voltar mais de uma vez a respirar tuas auras. Se a meus ossos não for dado jazerem no torrão querido que me foi berço, praza a Deus que mãos piedosas os sepultem junto aos muros de Solima.

E agora adeus! Eu te saudo, tabernaculo que o Altissimo santificou, para em ti e por ti salvar o genero humano! Eu te saudo, cidade do grão Rei, theatro permanente de milagres, quasi desde a origem do mundo ininterruptos! Eu te saudo, senhora das nações, rainha das provincias, dominio dos Patriarchas, mãe dos Prophetas, instituidora da fé, gloria do Christianismo! Eu te saudo, terra promettida, que outr'ora só para os teus habitantes jorravas rios de leite e mel, e que hoje outorgas ao universo os remedios da salvação, a semente da vida! Eu te saudo, boa terra, que recebendo em teu fecundo seio a celestial semente por Deus depositada, tão rica messe de Martyres produziste, para depois por todo o orbe os centuplicares!

Ora que findou minha tarefa, confesso que enamorado do meu sublime assumpto, nunca perdi de vista, ao descrever a Jerusalem terrestre, a Jerusalem que a todos nós é patria, a Jerusalem celestial.

Coroados serão meus esforços, se uma só alma, ao acompanhar-me em minhas peregrinações, se sentir afervorada em seu amor, em sua gratidão para com o Martyr sublime do Golgotha, o grão protagonista de Jerusalem e do universo, cujo advento, vida e morte constituem a mais estupenda pagina da historia de todos os tempos.

Vêdes vós o sol nado no extremo oriente, que em sua marcha até os derradeiros terminos do occaso vae derramando esplendido fulgor, arrancando ás trevas a natureza, vivificando e esmaltando a creação? Tal Christo, o sol da graça, nascido em oriente melhor, progredindo sempre, illuminando sempre o orbe, e triumphando.

Em que estado, ao visitar a terra indigna, achava Elle a humanidade? pervertida, moribunda; invertidas todas as noções do justo e do recto. Assim como antes do matinal clarão se não distingue a apparencia das cousas, e a gemma quasi parece pedra, e a pedra quasi a dirieis gemma; assim, antes do advento de Christo, se confundiam os humanos corações; os perversos eram applaudidos como bons, os virtuosos ultrajados como indignos.

Em cada acto do Divino Mestre ha um mysterioso ensino moral, grandioso, franco. Quem deixará de espantar-se de que houvessem procurado com espadas a quem espontaneo se offerecia? de que houvessem buscado de noite, e ás escondidas, a quem de dia e ás claras doutrinava no templo? Mas assim devia ser; em tal praso e com tal gente o proceder devia ser esse: se o acto era de trévas, obra de trévas só em tempo tenebroso havia de ser perpetrada.

Crucificaram-no, e o véu do templo rasgou-se; porque desde essa consummação do grande sacrificio cruento, patentes ficavam os segredos de reconditos mysterios, os oraculos dos Prophetas, a virtude do Evangelho, a prégação dos Apostolos, a fé da Egreja, e em grande parte a sciencia dos bemaventurados.

Esta vida assombrosa corresponde bem á missão sublime de que Deus humanado se investira.

Nasce o Rei dos judeus; nasce o Rei dos Reis. Mas onde? em que esplendido paço marmoreo? em que regia camara? acclamado por quantos povos? por quantos exercitos rodeado? quantos centos de cavallos ajaezados com regios ornamentos enchem suas cavallariças? onde os seus carros refulgem de purpura e oiro? onde a mãe, coroada de diadema e recostada em eburneo leito? onde o infante envolvido em linho finissimo e seda oriental?

Em vez de tudo isso, uma gruta estreita e humilde, um presepio esqualido e vil, mais proprio para animaes que para homens; uma creança embrulhada em faxas sem preço, e a mãe possuindo apenas uma tunica, não para ornato do corpo, mas para agasalho e decencia.

Depois de nos dar tão esplendida lição do desprezo das cousas mundanas, miseraveis em frente das da patria celeste, continuou o Divino Mestre a multiplicar ensinos, menos ainda pelas palavras que pelos actos.

Tudo o Salvador se fez para com todos: pobre com os pobres, rico com os ricos, plangente com os plangentes, generoso com os generosos, esfaimado com os esfaimados, sedento com os sedentos; chora com Maria, come com os Apostolos, bebe com a samaritana, tem fome no deserto.

Que! fome, Elle! Sim; porque resolvêra sujeitar-se a todas as condições da humanidade, excepto áquellas que envolvem peccado ou imperfeição moral.

Teve fome aquelle que a todos apascenta. Teve sêde aquelle por quem toda a bebida é creada, e que espiritualmente é pão de esfaimados e fonte de sequiosos. Cançava em caminhos terrestres quem de si mesmo fez caminho para o ceu. Foi surdo e mudo ante os seus injuriadores aquelle por quem mudos fallavam e surdos ouviam. Foi ligado aquelle que dos vinculos nos libertou; flagellado aquelle que todos os flagellos das dores expulsou dos corpos de tantos; crucificado quem poz termo aos nossos cruciatos; morto quem resuscitava mortos.

Para resgate da especie humana baixou do ceu ao seio da mulher; do seio da mulher ao presepio; peregrinou do presepio até a Cruz; desceu da Cruz ao Sepulchro; do Sepulchro regressou ao Empyreo.

O Filho de Deus foi arrebatado da humanidade á divindade, na transfiguração; da passibilidade á immortalidade, na resurreição; da minoridade á igualdade do Pae, na ascensão; porque tanto subiu do patibulo da Cruz até a dextra do Pae, quanto havia descido do seio do Pae até o patibulo da Cruz.

Medita, ó alma ingrata, medita quanto deves ao Supremo Arbitro dos mundos!

Encara as feridas do Crucificado, o sangue do moribundo, as cicatrizes do resuscitado, o preço da redempção. Tem a cabeça inclinada para beijar-te, o coração traspassado e aberto para amar-te, os braços estendidos para te abraçar, todo o corpo exposto para te redimir.

Tudo temos em Christo. Se desejas curar-te da ferida, é medico; se ardes em febre, é fonte; se a iniquidade te aggrava, é justiça; se precisas de auxilio, é protecção; se temes a morte, é vida; se foges das trevas, é luz; se queres comida, é alimento; se almejas o ceu, é caminho.

Escuta-o, alma ingrata! É Christo quem falla: «Caminho, verdade e vida, sou eu»; como se dissesse: «Por onde queres ir? sou o caminho. Para onde queres ir? sou a verdade. Onde queres permanecer? sou a vida. Queres andar? sou caminho; não errar? sou a verdade; não morrer? sou vida.»

Pendia da Cruz o autor da piedade, quando fez o mais solemne dos testamentos, distribuindo a cada um obras de piedade: entregou ao Pae o espirito, legou aos Apostolos a perseguição, aos judeus o corpo, á Virgem o paranympho, ao ladrão o paraizo, aos christãos verdadeiramente penitentes a Cruz: a Cruz! a guarda dos humildes, degradação dos soberbos, victoria de Christo, perdição do diabo, destruição dos infernos, confirmação do ceu, morte dos infieis, vida dos justos, esperança dos desesperados, refugio dos cançados, felicidade dos infelizes, resurreição dos mortos, vista dos cegos, via dos convertidos, baculo dos coxos, consolação dos pobres, arvore de abrigo nos desertos da peregrinação, chave do paraiso, lenho da eterna vida!

A verdadeira sabedoria está na doutrina de Christo; a justiça na sua misericordia; a temperança na sua vida; a fortaleza na sua Paixão.

Assim como no paraiso terrestre havia quatro fontes, regando a terra inteira, assim em Christo, paraiso nosso, ha outras quatro: primeira, a fonte da misericordia, lavando as culpas nas aguas de remissão; segunda, a fonte da sabedoria, saciando-nos a sêde com as aguas da discrição; terceira, a fonte da graça, regando as plantas das boas obras com as aguas da devoção; a quarta fonte purifica as nossas affeições terrestres nas aguas do divino amor.

Se a todas as nações do mundo pertence a adoração do Lenho Santo, mais ainda áquella que estava predestinada a tomar d'elle o sacro nome. Fallando d'este imperio o principe dos nossos poetas, bradou:

«De Santa Cruz o nome lhe poreis.»

Sejamos pois os cavalleiros da Cruz; sejamos verdadeiramente christãos.

Verdadeiramente christão é aquelle que adora o Pae Celeste; que para com todos usa misericordia; que se não agasta com a injuria; sente como propria a dôr alheia; cuja mesa a nenhum pobre se nega; e que na sua propria casa se considera peregrino, porque a patria não é esta.

Para subirmos ao cumulo da perfeição, vivamos, morramos com o ineffavel

nome de Jesus nos labios. Seja esse sentimento para nós como a sarça de Moysés, que ardia sem consumir-se.

Nada tanto como o nome de Jesus cohibe os impetos da ira, restringe os raptos da soberba, mitiga as feridas da inveja, modera os envites da ambição, extingue as chammas da incontinencia, tempera a sêde da avareza, defende dos impulsos vergonhosos.

Sigamos fervorosos o labaro santo, a voz do Salvador; guie-nos esta durante a vida fugaz, apontando-nos a estrada do firmamento, até que um dia na mansão celeste possam os olhos immortaes da nossa alma encarar com delicia aquelle que está sentado á direita do Padre, não posterior na eternidade, igual na gloria, consubstancial na essencia, similhante na magestade.

APPENDICE

Trasladando para aqui a importante carta com que me honrou o illustre sr. Julio Firmino Judice Biker, primeiro official, chefe de repartição, servindo de archivista e bibliothecario do ministerio dos estrangeiros, não só cumpro um dever de gratidão para com este benevolo cavalheiro, como tambem se me proporciona occasião de offerecer aos meus leitores um quadro edificante do modo verdadeiramente regio, por que os antigos Monarchas portuguezes velavam na propagação, conservação e brilhantismo do culto catholico nos Logares Santos. Tão explicito, tão minucioso e authentico é este documento, que me julgo dispensado de excitar, por largos commentarios, a admiração e piedade de Reis e povos. O algarismo falla ahi mais eloquentemente que todos os discursos e glosas. Prevejo porém que muitos dos espiritos regeneradores, que subordinam hoje ao culto e desenvolvimento da materia todas as exigencias salutares da vida moral dos povos, ao lerem o quadro d'essas pias liberalidades, hão de enviperar-se com tão insolitos *esbanjamentos,* e como Judas, deplorando a perda dos preciosos perfumes derramados pela Magdalena sobre a sacrosanta cabeça do Mestre Divino, hão de exclamar: *Ut quid perditio hæc?*

É que não reflectem, nem se recordam de que era n'esses tempos de *desperdicios* dos Reis portuguezes que a Portugal nunca jámais faltaram meios e recursos de assombrar o mundo com o arrojo e magnitude de commettimentos e façanhas, cujas gloriosas memorias constituem hoje o thesouro moral do povo portuguez, e de que raras nações da Europa se podem ufanar!

Aproveito o ensejo para annunciar tambem aos meus leitores que a nobilissima ordem de S. João de Jerusalem começa a reassumir o seu pristino e denodado vigor. Da circular dirigida pelo respectivo e venerando loco-tenente da ordem a todos os seus membros se vê que nobres incentivos de vitalidade e piedade resurgem nas fileiras dos heroicos soldados da Cruz, e que dentro em pouco teremos em Jerusalem, antigo theatro de suas glorias, um novo hospicio de religiosa communidade, onde não só residam os cavalleiros de Malta, como se acolham os viajantes á Terra Santa.

Tão nobre, tão digna de louvor é essa resolução do supremo conselho da egregia corporação, que não ha receiar que a sua idéa, eminentemente catholica, eminentemente civilisadora, deixe de ser applaudida e secundada por toda a Christandade. Jerusalem, como no IV seculo, vae chamando hoje as attenções de toda a Europa, e não era possivel que a ordem de Malta se não pozesse na vanguarda d'esse movimento religioso, que se faz visivelmente sentir nas margens do Jordão.

Exmo e Rev.^mo Sr. Joaquim Pinto de Campos.

Em consequencia da conversa que tivemos em minha casa, na noite de terça feira 9 do mez de dezembro do anno proximo passado, em que v. ex.ª me honrou com a sua primeira visita, satisfaço com muito gosto ao pedido que então me fez, communicando-lhe todas as noticias que tenho podido obter a respeito da liberalidade da nação portugueza com os Logares Santos, e começarei pela dos Monarchas.

A protecção aos Logares Santos principiou no reinado do primeiro Rei D. Affonso Henriques, do qual diz Duarte Nunes de Leão, no fim da *Chronica* d'este Soberano:

«Polo que tambem deu muitas dadivas e terras em seu reyno á ordem dos cavalleiros do templo e aos do hospital de S. João de Jerusalem, a quem fez doação de oitenta mil dinheiros de oiro, para se comprar tanta renda com que se podesse dar cada dia a todos os enfermos do hospital da santa cidade mantimento de pam e vinho para sempre.»

D. Sancho I, diz o mesmo chronista, deixou por legado ao templo santo de Jerusalem dez mil maravedis, e outro tanto ao hospital da mesma cidade.

D. Affonso II aprestou uma mui consideravel armada em favor da Terra Santa.

De D. João II, conforme diz Mariz no dialogo 4, capitulo 12, «consta que as esmolas eram tantas qne chegavam a Jerusalem».

Em relação a D. Manuel, diz a *Historia seraphica*, parte IV, que vindo o padre Frei Mauro, guardião do sacro monte Sião, a Lisboa fallar a El-Rei da parte do Soldam de Babylonia, recebêra d'elle grandes offertas e esmolas para a Terra Santa; sem especificar a quantia.

D. João III deixou trezentos cruzados cada anno para o azeite das lampadas que ardem assim na Casa Santa, como em Belem, segundo consta do *Itinerario da Terra Santa* de Frei Pantaleão de Aveiro, capitulo XXXIV.

D. Pedro II confirmou em 25 de janeiro de 1669 um alvará de D. Filippe II, passado no anno de 16Q5, pelo qual se concediam todos os annos na thesouraria da casa da India trezentos cruzados, para se conservar accesa uma lampada no Santo Sepulchro de Jerusalem. Confirmou tambem outro alvará antigo, em que se ordenava a todas as camaras das cidades, villas e logares d'este reino, seus estados e conquistas, que, tendo ellas 400$000 réis de renda, fossem obrigadas a dar de esmola para a Terra Santa 4$000 réis, e não possuindo mais que 100$000 réis dariam de esmola 400 réis. Confirmou mais outro alvará de 26 de maio de 1657, pelo qual mandou a todas as justiças d'este reino que ajudassem a cobrar e cobrassem as esmolas dos Santos Logares, e assistissem com todo o favor e ajuda ao commissario geral d'ellas e seus companheiros. Mandou, por alvará de 13 de novembro de 1686, que se cobrassem executivamente as dividas aos Logares Santos na capitania de Pernambuco. Offereceu aos mesmos Santos Logares, para sua veneração e ornato, varias peças de oiro e prata, e varios paramentos que servem

para o culto divino. No anno de 1674 mandou uma lampada de prata, cujo feitio importára em 378$720 réis. No anno de 1682 enviou um ornamento tão ricamente bordado, que custou mais de 5:000 cruzados. No anno de 1688 remetteu 12 lampadas perfeitissimas de latão, por saber que eram necessarias d'esta sorte nos Logares Santos. No anno de 1691 mandou 1 lampada de prata que pesava 40 marcos e 3 onças. No mesmo anno offertou mais outra, tambem de prata, particularmente para o santo presepio de Belem, que importou em 347$700 réis. E finalmente no mesmo anno enviou outra preciosa lampada de prata sobredoirada, que serve dentro do Santissimo Sepulchro. E para que esta, como mais preciosa, estivesse guardada e reservada para as festas principaes, mandou juntamente outra de prata para estar sempre com luz no mesmo logar todos os dias. Juntando as offertas referidas veiu a mandar este piissimo Monarcha: 23 lampadas, 12 de latão e 11 de prata, e alem d'estas e dos ornamentos, mais 1 bacia grande de prata, que levava tres almudes de agua, para servir no sabbado santo.

D. João V, ainda na sua menoridade, sendo Principe, mandou no anno de 1695 uma estrella de oiro para o logar veneravel, que primeiro tocou, saído do ventre materno, o grande Baptista. Em 21 de janeiro de 1715 confirmou amplamente todos os alvarás e provisões dos seus predecessores; assim como o privilegio de se cobrarem as dividas pertencentes á Terra Santa, da mesma fórma executiva que se cobravam as da sua real fazenda, etc. Mandou no anno de 1719 uma custodia de prata sobredoirada para o santo presepio de Belem, e para adornar a capella do Santissimo Sepulchro mandou em 1728 uma riquissima armação de velludo carmesim lavrado e tecido em fio de oiro com tanta grandeza e preciosidade, que fez a admiração de todos que a viram. A sanefa d'essa regia armação era de uma só peça, e da mesma materia e riqueza, mas de differente lavor, tendo tambem entre os ramos vinte e tres escudos com as armas de Portugal; e para seu complemento foi mais uma porção do mesmo brocado. Mandou El-Rei fazer tudo isto em Genova, e custou 22:000 cruzados. Como fosse muito abastada aquella armação, d'ella se pôde tirar um precioso ornamento de Pontifical inteiro com os mesmos escudos das armas reaes, para o convento de S. Salvador, e não servia senão em Quinta Feira Santa e dia de Paschoa.

D. José I confirmou as provisões anteriores em 26 de abril, 25 de maio e 20 de novembro de 1760, 13 de julho de 1762, 23 de maio de 1766, e 6 de outubro de 1769, mandando as sommas mencionadas na conta junta.

D. Maria I confirmou as provisões anteriores em 3 de setembro de 1777, 11 de maio de 1778, 12 de fevereiro, e 13 de março de 1781, 22 de fevereiro de 1787, 24 de agosto, e 8 de outubro de 1790, e 13 de outubro de 1800; e alem das sommas que mandou, e de outras dadivas que fez, enviou a Jerusalem em 1782 uma lampada de oiro para o Santo Sepluchro, avaliada em 2:600$000 réis, segundo diz Frei João de Christo, na sua *Viagem de um peregrino*, reimpressa em Lisboa em 1831.

A pedido do padre commissario geral se expediu a pastoral do bispo da Guarda, de 8 de abril de 1817, sobre as esmolas para a conservação dos Santos Logares.

De particulares temos: Jorge da Silveira, que passou com El-Rei D. Sebastião a Africa, e lá morreu, deixou 100 cruzados por anno para o azeite das lampadas, que ardem assim na Casa Santa como em Belem.

D. Maria de Oliveira, que deixou 5:000 cruzados para um juro real, cujo rendi-

mento se applicasse e entregasse aos Logares Santos de Jerusalem por sua alma; e muitos legados avulsos de Portugal, e do Brazil, relacionados nos capitulos 3.° e 4.° do *Paraiso seraphico,* part. 1.ª, liv. 7.°

Pelo que respeita a esmolas, convem saber que estas foram mandadas para a Terra Santa, pelos padres commissarios, e por via de Roma, até 1668; depois por via de Castella até 1691; e d'este anno em diante directamente de Portugal. No anno de 1710 fez-se a primeira remessa com carta de El-Rei D. João V para o guardião do sacro monte Sião, datada de 14 de janeiro. A noticia circumstanciada d'estas remessas até 1733 está nos capitulos 6.° a 13.° do *Paraiso seraphico.*

Mandou pois Portugal para a Santa Casa de Jerusalem, em dinheiro de contado, desde 1660 até 1733:

Esmolas		348:406$147
Despeza com o transporte das mesmas esmolas, com paramentos sagrados, etc.		28:402$493
		376:808$640
Esmolas de 1734 a 1756, a 40:000 cruzados por anno	368:000$000	
Despeza com o transporte das mesmas esmolas, a 400$000 réis cada remessa	9:200$000	377:200$000
Esmolas de 1757 a 1796	560:000$000	
Despeza com o transporte das ditas esmolas a réis 480$000 cada remessa	15:320$000	575:320$000
Total réis		1.329:328$640
Ou francos		8.308:304

A importancia da primeira epocha vem mencionada no *Paraiso seraphico,* por Frei João Baptista de Santo Antonio, vice-commissario, e procurador geral da Terra Santa em Portugal, impresso em Lisboa em 1734. No livro 7.° da parte 1.ª, que trata da piedade com que os Monarchas portuguezes respeitaram e favoreceram sempre os Logares Santos, diz que os livros das esmolas e contas da Terra Santa, que pôde haver ás mãos, não começam a sua receita senão do anno de 1664, ficando todos os annos antecedentes sepultados no esquecimento.

Da segunda epocha tambem consta a remessa que se fez com a carta de El-Rei D. João V para o guardião do sacro monte Sião, de 2 de julho de 1739, transcripta por Frei Antonio do Sacramento (que foi guardião do convento de Belem na Terra Santa) na sua *Viagem Santa,* impressa em Lisboa em 1748; assim como o passaporte real, com a declaração dos 400$000 réis que se deram aos religiosos para o seu transporte.

O mesmo Frei Antonio diz no capitulo 20.° da 1.ª parte:

«Grande é a quantia de dinheiro que todos os annos vae da christandade para a Terra Santa de Jerusalem. Só do nosso Portugal vão 40:000 cruzados em dinheiro de contado, alem de outras muitas cousas necessarias para o culto dos Logares Santos, que importam em grosso cabedal. Dos mais reinos tambem são remettidas esmolas mui copiosas, sendo que nenhum, nem todos juntos importam tanto como Portugal e Hespanha.»

Todos os livros de registo e a correspondencia d'esta epocha se perderam por occasião do terremoto e incendio do anno de 1755; mas em Jerusalem deve existir a escripturação da receita separada das esmolas de Portugal, que ha de confirmar o que dizemos.

Da terceira epocha existe tudo em Lisboa.

Diz mais Frei Antonio, no capitulo 3.º da 2.ª parte:

«Para a grande despeza que se fez na egreja da Santa Casa de Nazareth se applicou uma conducta do nosso Portugal, que constava de 40:000 cruzados, e foi feita pelos annos de 1730.»

No capitulo 57.º, tratando do tecto moderno do templo do Santissimo Sepulchro, diz que custou mais de 100:000 cruzados, e lhe disseram os mesmos religiosos e procuradores, que fôra a sua redempção uma conducta de Portugal, que constava de 50:000 cruzados, a qual havia chegado na mesma occasião da obra.

Depois de 1796 ainda se fizeram remessas para Jerusalem, mas não me foi possivel encontrar as contas da commissariaria geral da Terra Santa em Portugal, a qual foi extincta por decreto de 13 de dezembro de 1833, e os seus bens incorporados nos da corôa.

Permitta-me v. ex.ª lhe diga, que desconfio já se não roga nos Logares Santos ao Altissimo pela conservação e prosperidade da Familia Real Portugueza, nem pela paz e concordia do reino de Portugal, não obstante ter contribuido tanto e tão grandiosamente para a conservação e esplendor dos mesmos Santos Logares.

Resta-me acrescentar a esta informação, que a ordem militar e canonica do Santo Sepulchro foi recebida antigamente em Portugal, e foi companheira das do Templo e Hospital na entrada que fizeram na Monarchia Portugueza nos ultimos annos da Rainha D. Thereza. Esta senhora fez doação aos Conegos da ordem do Sepulchro do Senhor das villas de S. Payo de Gouveia (depois S. Payo da Serra), da qual fez couto á mesma ordem El Rei D. Affonso Henriques; da do Lodairo (que lhes coutou El-Rei D. Sancho I), e mui provavelmente da de Paços de Penalva, como consta das inquirições que no anno de 1258 fez tirar El-Rei D. Affonso III nas terras e julgados de Ceia, Gouveia e Vizeu. O exemplo dos Principes foi logo seguido dos vassallos, e assim por doações e compras chegou a ter a ordem do Sepulchro largas fazendas em Gouveia, Satam e Penalva, etc., e mesmo algumas egrejas e outros benesses, que das mesmas inquirições claramente se colligem.

Introduzidos assim n'este reino os Conegos do Sepulchro, estabeleceram-se em Villa Nova de Penalva, que por isto se disse Villa Nova do Sepulchro, d'onde passaram para o mosteiro de Aguas Santas, como melhor se póde ver no *Elucidario de Viterbo*, tomo 2.º, pag. 313.

Acompanham esta carta doze documentos, que não deixam de ter algum interesse para esclarecimento do que fica exposto.

Por ultimo peço a v. ex.ª desculpa de alguma imperfeição que este meu trabalho tenha, e aproveito a occasião para confessar que sou com a maior consideração e respeito

Lisboa, 6 de janeiro de 1874.

De v. ex.ª

muito attento venerador

Julio Firmino Judice Biker

I

Carta de El-Rei D. João V

Guardião do Sacro Monte Sion. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Frei Jacinto de S. Boaventura e Frei Francisco de S. Domingos, religiosos de S. Francisco da provincia de Portugal, que vos entregarão esta minha carta, levam as esmolas d'este reino para a Casa Santa de Jerusalem, que constam de 50:000 cruzados; e estou certo fareis despender as esmolas referidas no culto do Santo Sepulchro, e em tudo o que fôr do serviço de Deus Nosso Senhor e edificação dos fieis, mandando lançar a dita quantia em receita separada, para que a todo o tempo conste ser esta esmola da corôa de Portugal. E vos encommendo, que nas vossas orações e dos religiosos vossos subditos peçaes a Deus Nosso Senhor pelo augmento e conservação d'este reino; porque me não podeis fazer serviço de que mais necessite, e que me seja mais agradavel.

Escripta em Lisboa, a 14 de janeiro de 1710.

Rei.

II

Recibo do Guardião do Sacro Monte Sion

Fray Giacomo de Luca, lector jubilado em lengua araba, Padre de la observante provincia romana, corresponsal de la Sacra Congregacion de Propaganda, Commissario Apostolico em Lebante, prefecto de las missiones del Cayro y Cypro, custodio de la Tierra Santa, guardian del Sacro Monte Sion y Santissimo Sepulchro, juntamente con los reverendos padres discretos infra firmados. Damos fee y verdadero testimonio, de como los hermanos Fray Manoel de Santo Antonio, Fray Marcos Evangelista y Fray Manoel de la Natividad, religiosos de la regular observancia de nuestro Padre San Francisco, y hijos de la provincia de los Algarves, entregaron en esta procura de Tierra Santa, presente el venerable discretorio, y en ella al reverendo Padre Fray Andrès de Montoya, procurador general, y Padre de la observante provincia de San Miguel, tres mil trezientas y trinta y tres monedas y media de oro, reputado su valor en diez y seis cuentos y ocho cientos réis, de moneda portugueza. Assi mismo consignaron cinquenta y una libras de canela y sessenta y quatro libras de pimienta. Todo lo qual les fui entregado en Lisboa por el mucho reverendo Padre Fray Juan de las Llagas, lector jubilado, Padre immediato de su provincia y commissario general de Tierra Santa en el reyno de Portugal y sus conquistas, y por el señor Don Antonio Manescal, syndico general de Tierra Santa, limosnas del Señor Don Juan V, Rey de Portugal, y sus fieles vassallos, a quienes Diós prospere: y para que conste de la verdad, dimos este firmado

de nuestros nombres, y sellado com el sello mayor de Tierra Santa, en veinte dias del mez de Abril de mil sete cientos y veinte cinco años.

Fr. Giacomo de Luca, guardiano de Gierusaleme y custode de Tierra Santa.
Fr. Diniz Michau, vicaire de Terre Sainte.
Fr. Andrès de Montoya, procurador de Tierra Santa.
Fr. Silvano Maria di Bujano, segretario y discreto de Tierra Santa.
Fr. Maxentius de Vienna, Terræ Sanctæ discretus.
Fr. Joseph de Galilèa, vice procurador y discreto de la misma.

III

Peças e paramentos que existem nos logares da Terra Santa, mandados do reino de Portugal [1]

No Santissimo Sepulchro

Quatro lampadas de prata que estão continuamente com luz na pedra do Anjo, junto ao Santo Sepulchro, e teem por titulo *Principe de Portugal.*

Mais uma lampada de El-Rei de Portugal no Santo Sepulchro.

Mais outra lampada dourada, que serve nas funcções de El-Rei de Portugal, dentro do Santo Sepulchro.

Mais duas lampadas de prata dos Reis de Portugal, que servem no Santo Monte Calvario.

Mais outras duas lampadas de prata do mesmo Senhor emquanto Principe, que estão na capella do Santissimo Sepulchro.

Uma bacia de prata que leva tres almudes de agua, em que esta se benze no sabbado santo, dadiva de El-Rei de Portugal.

Um perfumador de prata e de muito custo, que mandou D. Filippe de Noronha.

Uma preciosa armação com que se adorna o Santo Sepulchro, dadiva de El-Rei D. João V.

Um pontifical que serve com a dita armação, e é do mesmo genero e preciosidade.

Um pontifical roxo com ricas alvas, que mandou o Cardeal da Cunha.

Uma armação de damasco carmesim com galões de oiro, que mandou o mesmo Cardeal para a capella do Anjo.

Finalmente mais um relogio de parede, que mandou um bemfeitor de Portugal.

No convento de S. Salvador em Jerusalem

Uma alva riquissima de que se serve o padre guardião nos pontificaes, dadiva do Cardeal da Cunha.

Varias casulas e outros sagrados paramentos, que mandaram particulares bemfeitores.

[1] *Paraiso Seraphico,* part. I, liv. 7, cap. 5.

No convento de Belem

Uma lampada que arde continuamente na gruta do Sacro Presepio, dadiva de El-Rei de Portugal.

Uma custodia de prata doirada que serve na novena da festa da Expectação, dadiva de El-Rei de Portugal.

Quatro lampadas de latão que servem no mesmo templo.

Dois candieiros de prata que servem nas funcções do Natal.

Um ornamento branco bordado de oiro, que serve no pontifical da noite de Natal e na festa da Epiphania, com as armas de Portugal na capa, casula, dalmaticas, frontal, panno de estante e veu de hombros.

Dois livros grandes de côro, que mandou El-Rei de Portugal no anno de 1732.

No convento da Santa Casa de Nazareth

Um thuribulo e uma naveta de prata com as armas de Portugal; o sobredito foi mandado no anno de 1730.

Nove vestimentas de damasco, todas com as armas de Portugal, que foram no anno de 1730, com um psalterio para o côro.

Tres casulas e cinco frontaes de brocado com galões e franjas de oiro, e com tarjas do mesmo, em que se vêem debuxadas as armas de Portugal.

Mais uma capa, dalmaticas, panno de estante e veu de hombros, tudo do mesmo brocado e com os mesmos escudos. Foi obra de esmolas de varias pessoas particulares de Portugal, e levado no anno de 1732.

Tres lampadas de prata para a mesma Santa Casa com as armas de Portugal.

Ha mais alli oitenta covados de damasco para uma armação da Santa Gruta, que mandaram varios devotos de Portugal no anno de 1733.

Tres casulas de damasco com galões de oiro; uma para o convento de Chipre, outra para o hospicio da Safa, e outra para o de Roma.

IV

Carta do Guardião do Sacro Monte Sion

Sacra Reale Fidelissima Maestà.

Spiccano sempre più gli attestati della munifica pietà e della fervida divozione di Vostra Sagra Reale Fidelissima Maestà verso questi SS.^mi Luoghi, bagnati del Sangue del Divino nostro Redentore, e consequentemente si accresce così in me, come in questi miei religiosi, la stretteza del obbligo di correspondere gratamente con tutte le nostre forze, secondo lo stato di vita che professiamo. È giunto, grazie alla Providenza Divina, a salvamento in questa S.ª Città G. Domenico di S. Buonaventura colli altri due Religiosi suoi compagni conduttori delle limosine inviate da V.ª Maestà in sovenimento opportuno alle molte e tutte grandi indigenze, nelle quali ci ha ridotti la scismatica greca perfidia, che qual mantice d'inferno

non cessa di mantenere acceso contra di noi il fuoco della avanie e persecuzioni, e di accrescerle quanto più puo per ogni verso, lusingandosi, cred'io, di stancare così alla fine la pietà de Monarchi cattolici, e de' fedeli loro sudditi, onde cessando questi dal soccorere, siamo noi costretti soccombere alla violenza delli usurpatori. Ma l'arrivo de' suddeti religiosi condutori, e il veneratissimo foglio, di cui per essi la Maestà Vostra si è degnata onorarmi, e che è stato da me ricevuto con profondo rispetto, e letto con somma consolazione, dimostranno a evidenza che l'impietà s'ingana, e che dalla persecuzione, che noi soffriamo, prende la reale pietà della Maestà Vostra eccitamento para provederne con generosità più singolare, lo che speriamo eziamdio dal resto dal mondo cattolico. Intanto non ho mancato participare alla comunità de' religiosi i sentimenti e desideri espressi dalla Maestà Vostra nella veneratissima e benignissima sua carta e non meno pregano, e pregaremo incessantemente per la incolumità della Sagra Reale Fidelissima Maestà Vostra, e di tutta la Reale Famiglia, e per la prosperità di suoi regni e sudditi, ne mancaranno di comprire esattamente colla divuta possibile riconoscenza: sia perciò la Maestà Vostra persuasa, che tutti mei le ne presentano vivissimi ringraziamenti, e che io sopra ogni altro profundissimamente inclinato unitissimamente domini l'onore di soscrivermi.

S. Salvadore, Gerusalemme, li 20 agosto 1758.

Di Vostra Fidelissima Sagra Real Maestà

Umilissimo, divotissimo ed obbedientissimo servidore,

Fr. Domenico di Venezia,
Guardiano del Sacro Monte Sion.

V

Carta do Guardião do Sacro Monte Sion

Sacra Reale Fidelissima Maestà.

Col più profondo rispetto, e col più vivo riconoscimento s'inclina a' piedi della Sagra Reale Fidelissima Vostra Maestà il Guardiano del Sacro Monte Sion, che ha ricevuto e letto la veneratissima Lettera si è degnato inviarle per mezzo di Fr. Francesco di Santa Barbara, e suoi religiosi compagni che portarono la generosa limosina di crociati cinquanta mila, testimonio certo della singolarissima pietà e divozione di Vostra Maestà verso questi Luoghi SS.^{mi} e Religiosi tutti suoi umilissimi servi. Grande perciò di tutti noi è stata la consolazione, nel ricevere qhesto nuovo generoso soccorso, perchè arrivato nelle somme nostre necessità, e intempo appunto, che si trovavamo in stretto debito de' pagare di gravosissimi debiti il cambio, come si fece.

Il benignissimo Foglio della Maestà Vostra è stato letto in piena communità di

questi miei Religiosi, a' quali (abenche non tralascino di farlo quotidiamente) pure ho loro più vivamente ingionto di porgere all'Altissimo Signore fervorose preghiere, per la Reale Persona di Vostra Maestà, per che si degni rimunerare la sua pietà, e con aumento di felicità e pienezza di benedizione conservi la Sacra Reale Persona di Vostra Maestà Fidelissima e tutta la Reale Famiglia.

La preditta limosina è stato segnata in Libbro, affinchè in ogni tempo apparisca la munifica fervida sua divozione, alla quale il Guardiano stesso, se gli fosse permesso dal peso del suo uficio, e dalle circostanze presenti abbandonare questi Santi Luoghi, verrebbe personalmente a' piedi della Maestà Vostra a ressegnarle colli suoi ossequiosissimi ingraziamenti le umilissime sue suppliche, e con esse le angustie nelle quali si trovanno di restituire le somme prese al cambio del 12 e 14 per cento, quali ascendono a Piastre 265:000, e per le quali si vede divorata la terza parte delli annui sussidii, che ricevemo dalla Cristianità per supplire alle pesantissime avanie, e per conservare lontani dalla violenza delli usurpatori scismatici questi Sagri pegni della infinita Divina misericordia.

Si da l'onore perciò lo stesso padre Guardiano con pari profondissimo ossequio esporre per mezzo del suo padre Procuratore Generale di Terra Santa, che apposta si spedisce a' piedi della Maestà Vostra, per implorare umilmente il Reale poderoso soccorso, senza di cui, dopo quello della Divina mano, non si vede più come ritolggere dalle mani di Greci il Santuario della Sacra Grotta de Bettelemme, e il Sacro Tempio della B.ª Vergine, che ci hanno a forza d'imposture, e grosse summe di esborsi usurpati, e liberare la Terra Santa dalle violenze, e dalli gravosissimi debiti, ne' quali l'ha la Greca scismatica nazione ridotta.

Pieno di fiducia che la Maestà Vostra colla solita sua benignità voglia anche in questa nostre estreme necessità farci esperimentare gli effetti del vivo suo zelo e del Reale suo Patrocinio, si umilia nuovamente per tutti, e con tutti li Religiosi, il Guardiano suddetto a' piè della sagra Reale Fidelissima Vostra Maestà, e con profondissimo ossequio si dice

Gerusalemme, S. Salvadore, li 18 d'Aprile 1759.

Di Vostra Reale Fidelissima Maestà

Umilissimo, devotissimo, obbedientissimo servo,

Fr. Domenico di Venezia,
Guardiano.

VI

Carta de El-Rei D. José I

Guardião do Sacro Monte Sion. Eu El-Rei vos envio muito saudar: foi para mim de grande satisfação a carta que me escrevestes em 20 de agosto de 1758, agradecendo-me a lembrança de que usava com esse vosso convento: o meu animo em todo o tempo foi assistir com algum soccorro aos ministros evangelicos, princi-

palmente aos que cultivam a vinha do Senhor em regiões tão distantes; e assim era rasão o praticasse comvosco e mais religiosos d'esse convento, que com tanto zêlo e com tanto fructo vos empregaes na conservação de tão santos logares, e em reconhecimento tambem dos sacrificios e orações que fazeis pela conservação da minha pessoa e estado, ás quaes attribuirei sempre as mercês que a Divina Magestade me fizer, tanto no espiritual como no temporal. Frei Diogo da Conceição, Frei Antonio da Conceição Melgaço e Frei Braz de S. José, religiosos de S. Francisco da provincia chamada de Portugal, que vos entregarão esta minha carta, levam as esmolas d'este reino para a Santa Casa de Jerusalem, que constam de 40:000 cruzados; e estou certo que fareis despender as esmolas referidas no culto do Santo Sepulchro, e em tudo o que for de serviço de Deus Nosso Senhor e edificação dos fieis, mandando lançar a dita quantia em receita separada, para que a todo o tempo conste esta esmola da corôa de Portugal. Torno-vos a recommendar que nas vossas orações e dos religiosos vossos subditos peçaes a Deus Nosso Senhor pelo augmento e conservação d'este reino, porque me não podeis fazer serviço de que mais necessite, e que me seja mais agradavel.

Escripta no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, a 25 de maio de 1759.

REI.

VII

Carta do Guardião do Sacro Monte Sion

Sacra Reale Fidelissima Maestà.

Col più profondo ossequioso respetto e venerazione ricevei il pregiatissimo Foglio, che la Maestà Vostra Fidelissima si è degnata farmi avere col mezzo di Fr. Diego della Concezione capo conduttore, e felicemente arrivato a questa Santa Città colla generosa limosina delli quaranta mila crociati da noi ricevuti, come nuovo e sempre più auttentico attestato di quella munifica pietà, che la Sacra Real Vostra Maestà verso questi Luoghi SS^{mi} bagnati dal sangue del Divino Nostro Redentore costantemente conserva. Dopo di aver sodisfatto al debito di farla registrare, per consolazione di questi miei religiosi feci leggere l'ossequiatissimo Foglio in tempo di refezione, acciò colla riconoscenza delle reali sue beneficenze sempre più speziali e fervorose abbiamo a porgere al clementissimo signore le preci, affinche rimuneri la reale sua pietà, non permettendoci la professata nostra provertà altri modi per corrispondere, che colli incessanti umili voti, perche si degni lungamente conservare, e coll favore del divino suo ajuto incessantemente prosperare colla Sacra Reale Persona della Maestà Vostra Fidelissima la sua Reale Famiglia. Pieni di un non men umile, che rispettoso riconoscimento, meco uniti si protestano questi operaj della Vigna del Signore, perche si è degnata la Maestà Vostra onorarli colle rimostranze benignissime del suo compatimento nelle fatiche che fra la folla degli infedeli, e fra gli errori delle scismatiche e eretiche nazioni vanno per la propagazione del cattolichismo spargendo li suoi sudori, staccati affato dalla terra, poveri, perche nulla hanno, nulla chiedono, e a nulla aspirano, solche ad acquis-

tare anime al cielo, fecondando le vaste campagne colla predicazione delle eterne verità, come veri Figli del Serafico Patriarcha, li quali umilissimi, e obbligatissimi servi della Maestà Vostra Fidelissima, esultanti per un cosi spezialissimo onore, si riconoscono obbligati per esso ad una più esatta osservanza nelli stretti doveri del loro Appostolico ministero, ma a corrisponderle colle più efficaci loro orazioni per le felicità sempre maggiori delli suoi Regni e di suoi fidelissimi sudditi. Pieni noi dunque di fiducia, che la Sagra Vostra Fidelissima Maestà colla solita sua benignissima clemenza sia per continuarci gli ati della sua divozione, e del vivo suo zelo verso questi Luoghi Santissimi, nuovamente si umilia per tutti, e con tutti il Guardiano, e a' piedi della Maestà Vostra Fidelissima profondamente inclinato resta.

Gerusalemme, S. Salvadore, li 2 dicembri 1759.

Di Vostra Sagra Reale Fidelissima Maestà

Umilissimo, divottissimo, obbligadissimo servidore,

Fr. Domenico di Venezia,
Guardiano.

VIII

Attestado do Secretario d'Estado

D. Luiz da Cunha, ministro e secretario d'estado de Sua Magestade Fidelissima, etc. Attesto que Frei Antonio de S. Bernardino, Frei Leandro de S. Joseph, religiosos de S. Francisco, da provincia chamada de Portugal, levam em dinheiro para entregarem ao reverendo guardião do Sacro Monte Sion, 2:187 dobras do valor de 6$400 réis cada uma, e uma meia dobra de 3$200 réis, que com 312 dobras do valor de 6$400 réis, e uma meia dobra de 3$200 réis, que se entregaram n'este reino ao Padre commissario Apostolico Frei Thomaz Morawtiyky, faz a somma de 40:000 cruzados, importancia das esmolas com que Sua Magestade Fidelissima manda assistir annualmente aos Logares Santos; alem do que, se deu mais aos ditos religiosos 100 moedas de oiro de 4$800 réis cada uma, para os gastos dos seus transportes.

E para que assim conste em toda a parte onde convier, mandei fazer este por mim assignado e sellado com o sêllo das minhas armas.

Feito em Belem aos 4 dias do mez de novembro de 1760.

(L. S.)

D. Luiz da Cunha.

IX

Certificado de missas

I. D. N. A.

Quantumvis missæ omnes per Fratres Minores Terram Sanctam incolentes in Sanctuariis celebrari solitæ pro ejusdem Terræ Sanctæ Benefactoribus applicentur, attamen ad humillimas præces Patris Cajetani de Pietate Commissarii Generalis Terræ Sanctæ, ultra consuetas annuales et hebdomadales Missas pro Sacra Persona Regis Portugalliae ejusque Regia Familia et Regno istis in Sanctissimis Locis celebrari solitas, unam Missam pro incolumitate Josephi I Portugalliæ et Algarbiorum Regis Fidelissimi in Sanctissimo Sepulchro Domini Nostri Jesu Christi fecimus celebrari, et ideo pro fide autentica præsentem expediri mandamus, nostra propria manu subscriptam et sigillo nostri officii munitam.

Datum Jerusalem ex Nostro S. Salvatoris Conventu die 6 septembris 1762.

(L. S.)

Fr. Joannes Dom: de Levit.[no]
Terræ Sanctæ Præses.

De mandato Paternitatis Suæ Ac. Revd.

Fr. Stephanus de Macarsa,
Terræ Sanctæ Secretarius.

X

Certificado de missas

Certifico el infra escrito, como en esta S.[ta] Custodia de Jerusalen se han celebrado tres Missas. La una en la Santa Casa y Santuario de Nazareth, la otra en el Santuario de Belen, y la otra en el mismo S.[mo] Sepulchro, à intencion de la Magestad Fidelissima el Rey de Portugal y toda la casa real, à quien eficazmente se desea toda felicidad y buen suceso; cuyas missas mandò celebrar el M. R. P. Fr. Cayetano de la Piedad, comissario general de Tierra Santa del Reyno de Portugal. Y para que conste, hago el presente firmado de mi mano, y sellado con el sello de esta Procura General de Tierra Santa del convento de S. Salvador.

En 6 de octubre 1762.

(L. S.)

Fr. Luis Benavente,
Procurador General de Tierra Santa.

XI

Carta da Rainha D. Maria I

Guardião do Sacro Monte Sion. Eu a Rainha vos envio muito saudar. Como a Divina Providencia do Omnipotente Deus quiz premiar as altas virtudes de El-Rei Fidelissimo D. José o primeiro, meu Senhor e pae, chamando-o á sua santa gloria; e pertencendo-me pelas leis fundamentaes d'estes reinos a successão d'elles; entre as angustias d'aquella fatal e nunca esquecida perda, me vejo na obrigação de gratificar-vos os votos que vós e a vossa serafica familia fazeis ao Altissimo Senhor pela felicidade d'esta monarchia, recommendando-vos a continuação d'elles, na certeza de que é para mim o obsequio mais precioso e mais estimavel. Frei André de Jesus Maria, menor observante da provincia de Portugal, e Frei José de Nossa Senhora do Loreto da provincia reformada de Santo Antonio, vos entregarão 40:000 cruzados, que mandareis lançar em receita separada, para que a todo o tempo conste d'esta esmola da corôa de Portugal; os quaes distribuireis no que fôr maior culto e conservação d'esses pios e sagrados logares, que vós e os religiosos vossos subditos guardaes com a mais constante paciencia e incansavel trabalho em venerando deposito e feliz memoria da nossa redempção. É hereditaria n'esta monarchia a devota propensão a esse sacrosanto archivo de preciosissimas reliquias, e n'esta fé cuidarei sempre em imitar este ardente zêlo dos meus predecessores.

Escripta no Palacio de Queluz, a 5 de setembro de 1777.

Rainha.

XII

Conta das esmolas remettidas para Jerusalem

Por El-Rei D. José I

Em 1757, por Frei Domingos de S. Boaventura	16:000$000
Em 1758, por Frei Francisco de Santa Barbara	20:000$000
Em 1759 maio 25, por Frei Diogo da Conceição	16:000$000
Em 1760 novembro 5, por Frei Antonio de S. Bernardino	16:000$000
Em 1761 junho 5, por Frei Manuel da Conceição Sant'Anna	16:000$000
Em 1762 abril 1, por Frei Leandro de S. José	16:000$000
Em 1763 julho 4, por Frei Simão de Sant'Anna	16:000$000
Em 1765 maio 14, por Frei Antonio da Conceição	16:000$000
Em 1766 maio 7, por Frei Francisco de Santa Barbara	16:000$000
Em 1766 outubro 17, por Frei Antonio de S. Bernardino	16:000$000
Em 1767 junho 17, por Frei Damião de S. Cosme	16:000$000
Em 1768 maio 20, por Frei Manuel de S. Joaquim	16:000$000
Em 1769 outubro 13, por Frei Pascoal de Jesus Maria	16:000$000
Em 1770 novembro 8, por Frei André da Annunciação	16:000$000

Em 1771 setembro 23, por Frei Damião de S. Cosme	16:000$000
Em 1772 novembro 17, por Frei Francisco de S. José:	16:000$000
Em 1773 novembro 6, por Frei Francisco de S. José	16:000$000
Em 1775 fevereiro 10, por Frei Francisco de S. José	16:000$000
	292:000$000
Deu-se aos religiosos para seu transporte:	8:640$000
	300:640$000

Pela Rainha D. Maria I

Em 1777 setembro 5, por Frei André de Jesus Maria	16:000$000
Em 1778 setembro 4, por Frei Francisco de S. José	16:000$000
Em 1779 outubro 22, por Frei Francisco de S. Thomás	16:000$000
Em 1780 agosto 31, por Frei Francisco de S. José	16:000$000
Em 1782 janeiro 3, por Frei Antonio de S. José Belem	16:000$000
Em 1783 outubro 4, por Frei Francisco de S. José	16:000$000
Em 1785 julho 29, por Frei Paulino de Nossa Senhora da Oliveira.	16:000$000
Em 1786 junho 26, por Frei Antonio de S. Carlos	16:000$000
Em 1787 outubro 9, por Frei Francisco de S. José	16:000$000
Em 1788 maio 20, por Frei Antonio de S. Carlos	16:000$000
Em 1789 novembro 19, por Frei Lucas de S. Vicente	16:000$000
Em 1790 dezembro 6, por Frei Manuel de Nossa Senhora da Conceição	16:000$000
Em 1791 julho 22, por Frei Antonio de S. Carlos	16:000$000
Em 1794 março 17, por Frei Antonio de S. Carlos	24:000$000
Em 1795 agosto 20, por Frei Sebastião de Jesus Maria José	20:000$000
Em 1796 agosto 19, por Frei Antonio de S. Carlos	16:000$000
	268:000$000
Deu-se aos religiosos para seu transporte	6:680$000
	274:680$000

Esmolas	560:000$000
Transporte dos religiosos	15:320$000
Total	575:320$000

Mestrado da Ordem Soberana de S. João de Jerusalem

(Traducção)

Roma, 7 de março de 1874.

Monsenhor da minha maior veneração.

Satisfazendo ao seu desejo de saber o que se ha feito por deliberação da Ordem para fundar um hospicio na Terra Santa, tenho a honra, em cumprimento do que me determina s. ex.ª o loco-tenente do grão-mestre, de remetter inclusa na presente carta uma circular que o grão-mestrado da Ordem enviou ás varias ramificações d'ella dependentes, pela qual claramente se patenteiam os constantes esforços que desde longo tempo se teem feito, e que teem sido coadjuvados por cada um dos priorados e associações, como tambem por distinctos personagens e damas pertencentes á Ordem por honra e devoção.

V. s.ª ill.ma que, como membro da nossa Ordem, tanto mostra interessar-se pelo seu incremento e pelos beneficios que ainda póde ser chamada a prestar nos Santos Logares, onde as recordações dos seus primeiros cavalleiros podem servir de incentivo para a imitação das suas obras caridosas, lendo quanto a Ordem se occupa em praticar e promover obras de beneficencia, dignar-se-ha prestar-se, com o zêlo que o caracterisa, a diligenciar que tambem no seu illustre paiz sejam conhecidos os santos fins que ella se propõe, e que para serem bem succedidos contribua igualmente para a sua coadjuvação.

Sirva-se entretanto, monsenhor, acceitar os protestos da minha distincta estima e igual consideração.

Ill.mo e rev.mo monsenhor Joaquim Pinto de Campos, capellão do soberano mestrado da Ordem de S. João de Jerusalem.

Seu devotissimo servo,

Commendador *Decio Bentivoglio*,
Vice-Chanceller do Sagrado Mestrado da Ordem de Jerusalem.

Copia do officio do Grão-Mestrado da Ordem Soberana de Malta, datado de 8 de abril de 1873, dirigido aos Grão Priores e Chefes de associações da Ordem

Apesar das adversidades de seis seculos de exilio, longe da Terra Santa, a Ordem de S. João tem conservado até aos nossos dias os sentimentos proprios da sagrada missão que desde a sua origem lhe incumbe junto do Santissimo Sepulchro de Nosso Senhor.

Fiel ás suas mais antigas e mais sagradas tradições, ella se esforça, hoje em que as condições politicas da Europa e do Oriente cessaram de lhe oppôr invenciveis obstaculos, para crear um novo campo de acção nos Logares Santos, onde fôra outr'ora o seu berço e o theatro primitivo da sua gloria. Para se occupar

d'esta tarefa, dentro dos limites que a nossa actual epocha permitte, a Ordem resolveu, ha alguns annos, proceder á fundação de um estabelecimento, cuja necessidade se fazia vivamente sentir em Jerusalem, isto é, de um hospicio para os romeiros catholicos de todas as nações. Com este intuito, comprou um terreno accommodado para o effeito, e situado perto de Jerusalem, sobre a collina de Tantur, na estrada de Belem.

O Santo Padre Pio IX, abençoando a piedosa empreza, renovou a favor d'este estabelecimento e da egreja que lhe fôr annexada, as amplas indulgencias e privilegios de que gosavam antigamente os nossos hospicios na Terra Santa, acrescentando-lhes favores especiaes para aquelles de entre os cavalleiros de justiça que se votarem ao serviço d'esta obra de religiosa piedade.

Por outra parte, o futuro hospicio é tambem objecto da solicitude de Sua Magestade o Imperador de Austria, que tem sempre manifestado o mais gracioso interesse pelo desenvolvimento d'este projecto, e ainda muito recentemente se dignou acceitar o protectorado d'elle.

A construcção dos edificios, confiada á superior direcção, muito zelosa e intelligente, do nosso confrade conde de Camboga-Cerva, tem feito rapidos progressos, e se acha hoje quasi terminada. As consideraveis despezas d'esta empreza foram supportadas pelo grão-mestrado da Ordem, principalmente pelo generoso concurso do priorado de Bohemia.

D'este modo conseguiu-se ajuntar um capital, que produz o rendimento annual de 16:000 francos. Todavia, estes recursos não podem fazer frente a todas as necessidades da situação. O grão-priorado de Bohemia, vendo serem indispensaveis novos sacrificios, não recuou diante d'este dever, e decidiu ultimamente lançar uma nova contribuição sobre todos os cavalleiros de justiça e de devoção d'elle dependentes.

Pelo que pertence ao supremo conselho, elle approvou esta resolução, e decretou ao mesmo tempo que d'aqui em diante todos os cavalleiros e damas de devoção, novamente admittidos na Ordem, serão obrigados a fazer uma oblação para a obra de que se trata, nas proporções que a cada um forem aconselhadas pela sua piedade e pelas suas posses individuaes.

De sua parte os priorados da lingua italiana deliberaram prestar a sua coadjuvação á obra commum. Com effeito, a honra e o merecimento d'esta obra devem pertencer indistinctamente a todos os membros da Ordem, porque todos são igualmente interessados no bom resultado de uma empreza, em que a bandeira da Ordem toda se acha empenhada.

É portanto obrigação minha dirigir-me a v. ex.ª como ao chefe da associação de... Os nossos confrades do vosso paiz, animados de espirito tão christão, como cavalleiroso, quererão certamente contribuir, quanto lhes fôr possivel, para o que eu chamarei o renascimento da nossa instituição no seu terreno primitivo. As multiplices provas que temos recebido de devoção, abnegação e zêlo religioso da vossa associação, nos dão a segurança de que ella corresponderá calorosamente a este convite a favor de tão grande causa.

A Ordem ha de tornar a tomar posse do logar insigne que lhe está reservado aos pés do Santissimo Sepulchro do Salvador. Já a bandeira da nossa Cruz tremúla nas alturas do monte Sion; bem cedo protegerá, como em seculos já afastados, os milhares de peregrinos que a devoção conduz de todos os paizes do mundo para

os sitios que foram theatro da vida e da paixão de Jesus Christo Nosso Senhor. Para conseguirem tão elevado intento, os nobres cavalleiros de... hão de associar-se com a melhor vontade, d'isso estou bem convencido, aos esforços de seus confrades do mestrado e das outras provincias da Ordem.

As oblações que houverem de fazer-se com este destino poderão ser remettidas regularmente á thesouraria da Ordem.

Agradeço de antemão a v. ex.ª o desvelado zêlo que se servir empregar n'esta causa, e aproveito esta occasião para... etc., etc.

NOTA

Talvez haja quem, por não iniciado nas sciencias theologicas, desapprove a expressão *Deus morto*, que se encontra a pag. 1. Todavia ella é rigorosamente orthodoxa, e tem o seu fundamento na communicação dos idiomas. A *communicação* ou *communhão dos idiomas* (os gregos chamam-lhe *antidosis*) consiste n'isto: em que uma e outra natureza, a divina e a humana, e as propriedades de uma e de outra, enunciam-se a respeito de Christo de tal modo, que as cousas que lhe convem como a homem se lhe attribuem como a Deus, e *vice-versa*. Fundamento d'esta mutua communicação é a *união hypostatica* das duas naturezas em Christo; como se ensina no tratado *de Incarnatione* em qualquer compendio de theologia dogmatica. Por isso á Virgem Mãe de Jesus Christo se póde e se deve dar o nome de *Mãe de Deus*; e ao crime dos judeus que crucificaram o Redemptor do mundo, se dá, sem hesitação alguma, a designação de *deicidio*. Á doutrina catholica sobre este ponto se oppõe a heresia nestoriana condemnada no concilio geral de Epheso, no anno 431 da nossa era.

INDICE

CAPITULO I.—I. A minha partida do Brazil.—II. Lisboa.—III. Trajecto de Lisboa a Roma.... 1

CAPITULO II.—I. Roma.—II. Contraposição entre Roma e Jerusalem.......... 7

CAPITULO III.—I. Resolução de ir ao Oriente.—II. Saída de Roma. S. Germano e o Monte Cassino.—III. Napoles.—IV. Messina. Reggio. Catania.—V. Syracusa.......... 21

CAPITULO IV.—I. Malta.—II. Egypto.—III. Alexandria.......... 31

CAPITULO V.—I. De Alexandria ao Cairo.—II. Cairo Novo.—III. As trezentas mesquitas. A cidadella. O poço de José.—IV. Ruinas de Heliopolis.—V. Cairo Velho.—VI. Curiosidades naturaes.—VII. Do Cairo ás pyramides. As pyramides.—VIII. Outras construcções.—IX. Memphis. Os tumulos dos Apis.—X. Do Cairo á Suez.—XI. Porto Saïd.......... 41

CAPITULO VI.—Joppe ou Jaffa.—I. Desembarque.—II. Hospicio e templo dos franciscanos.—III. Descripção da cidade e seus usos.—IV. Jardins de Jaffa. Grandes melhoramentos introduzidos por Abu-Nabut.—V. Fundação ante-diluviana. Arca de Noé.—VI. Andromeda e Perseu.—VII. Transporte dos cedros do Libano por Salomão e Zorobabel.—VIII. Jonas e a baleia.—IX. Judas Machabeu punindo a traição dos joppeanos.—X. Casa de Simão o pelliqueiro. S. Pedro e a visão da toalha. Cornelio, centurião de Cesaréa.—XI. Tabitha.—XII. Embarque de Maria Santissima para Epheso.—XIII. Devastação da cidade por Cestio e Vespasiano.—XIV. Os cruzados e S. Luiz em Jaffa.—XV. Napoleão Bonaparte.—XVI. Abu-Nabut e suas edificações.—XVII. Partida para Ramlé ou Ramá.......... 59

CAPITULO VII.—I. De Jaffa a Ramlé. Jornada.—II. Planicie de Saron.—III. Tumulo de Gad (?).—IV. Estações policiaes.—V. Sansão e as raposas. As vulpinaes romanas.—VI. Templo de Dagon. Idolo de Azoto. Cabeça de Saul pregada no templo. O idolo de Dagon caído diante da Arca.—VII. Cidade de Acaron e templo de Belzebut. Ochozias e o Propheta Elias.—VIII. Lydda ou Diospolis. Enéas curado por S. Pedro. S. Jorge. Concilio de Lydda. Ricardo de Inglaterra salvo por um cavalleiro francez.—IX. Chegada a Ramlé.......... 73

CAPITULO VIII.—I. Ramá ou Ramlé.—II. Sua descripção. Convento dos franciscanos.—III. Torre dos Quarenta Martyres.—IV. Cisterna de Santa Helena.—V. Capella na casa de Nicodemus. Il Volto Santo. Patria de José de Arimathéa.—VI. Historia geral de Ramá e differença de outras cidades do mesmo nome.—VII. Tomada de Ramlé pelos cruzados.—VIII. Bonaparte em Ramlé.—IX. Partida para Jerusalem.......... 81

CAPITULO IX.—Jornada de Ramlé a Jerusalem.—I. Estrada ao saír de Ramlé. O logarejo de Kubab. A antiga Nobe. David e o Pontifice Achimelech.—II. Latroun ou castello do Bom Ladrão. Lenda da Sacra Familia.—III. Aspecto da estrada.—IV. Emoas, Emaús ou Nicopolis.—V. Porta do Valle.—VI. Jeremias. Abu-Gosci. Kariathiarim. Propheta Urias.—VII. Modin. Berço e sepultura dos Machabeus.—VIII. Castal. Ramathaim Sophim. Anathoth.—IX. Valle de Aialon. Josué detendo o sol. Paiz das uvas. Colonia.—X. Valle de Terebintho. David e Golias.—XI. Sapha, Scops ou Espelho.—XII. Alexandre Magno e o Pontifice Jaddo.—XIII. Chegada a Jerusalem.......... 89

CAPITULO X. — JERUSALEM CONSIDERADA COMO FOCO DO CHRISTIANISMO. — I. A divindade de Jesus Christo contrariada. — II. Provada pelos acontecimentos anteriores, coevos e posteriores a Christo. — III. Os Prophetas e as prophecias. — IV. A divindade do Redemptor comprovada pelos successos contemporaneos. — V. Corroborada pelos acontecimentos ulteriores á sua Resurreição. — VI. Pelos factos occorridos depois do drama do Calvario 107

CAPITULO XI. — RESUMO DA VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO 137

CAPITULO XII. — I. Aspecto geral da natureza inanimada e animada em Jerusalem. — II. A actual cidade. — III. Relancear de olhos sobre todo o terreno que a abraça pela parte exterior.. 155

CAPITULO XIII. — EXTRA-MUROS DE JERUSALEM — PARTE-AUSTRO-OCCIDENTAL. — I. Monte e Valle de Gihon. — II. Bethsabé e David na sua extrema velhice. Designação de Salomão para Rei. — III. Piscina de Gihon. Piscina inferior. — IV. Ezechias. — V. Predicção sobre o Messias nascido de uma Virgem. — VI. Voragem. Cisterna do Rei. Estabelecimento russo 163

CAPITULO XV. — EXTRA-MUROS DE JERUSALEM — PARTE ORIENTAL. — I. Valle de Siloé. — II. Poço de Nehemias. Ruinas da fabrica do templo de Artaxerxes. — III. Fonte da Senhora. Aldeia de Siloé. — IV. Piscina de Siloé. Cura do cego de nascença. — V. Martyrio e tumulo de Isaías. Jardins 175

CAPITULO XVI. — EXTRA-MUROS DE JERUSALEM — PARTE ORIENTAL. — I. Valle de Josaphat. Sua descripção. — II. Se é este o logar marcado para o Juizo Universal. — III. Suas dimensões. — IV. Torrente de Cedron. — V. Sepultura da Virgem. Sepulturas de S. Joaquim, Sant'Anna e S. José. — VI. A lage do joelho do Senhor. — VII. Cemiterio dos hebreus. — VIII. Sepultura de Josaphat. — IX. Mão de Absalão. — X. Gruta de S. Thiago. — XI. Sepulchro de Zacarias 183

CAPITULO XVII. — EXTRA-MUROS DE JERUSALEM — PARTE ORIENTAL. — I. Monte Olivete. Sua historia, posição e perspectiva. — II. Horto de Gethsemani. Gruta da Agonia. As oito oliveiras. Columna do beijo de Judas. — III. Pedra de S. Thomé. — IV. Sepulchro dos Prophetas. — V. Logar onde Jesus descreveu o Juizo Final. Logares da instituição do Credo e da Oração Dominical. — VI. Eremiterio de Santa Pelagia. — VII. Ascensão. — VIII. As pégadas do Senhor. — IX. Viri Galilæi. — X. Apparição do Anjo á Virgem Santissima com a palma. — XI. Monte da Offensa ou do Escandalo. Salomão no zenith e no nadir 195

CAPITULO XVIII. — I. Parte oriental do monte Olivete. Bethania. — II. Martha e Maria. Resurreição de Lazaro. — III. Demonstração d'este milagre. — IV. Definitiva morte de Lazaro. Seu sepulchro. Construcções que se levantaram n'esses logares. Ordem de S. Lazaro. — V. Casa de Simão o leproso. — VI. Pedra do colloquio. — VII. Bethphage. — VIII. Logar em que Judas se enforcou. — IX. A figueira maldita 211

CAPITULO XIX. — EXTRA-MUROS DE JERUSALEM — PARTE SEPTENTRIONAL. — I. Região que vae da torrente do Cedron ao Calvario. — II. Porta de Damasco. — III. Acampamento de todos os expugnadores de Jerusalem. — IV. Gruta e cisterna de Jeremias. — V. Tumulo de Alexandre Janneu. Sepulchro dos Reis. — VI. Sepulchros dos Juizes. — VII. Sepulchros de Herodes e da Rainha Helena. Lago das Serpentes. — VIII. Os arredores de Jerusalem considerados como uma vasta necropole 221

CAPITULO XX. — I. As incursões dos inimigos de Jerusalem, sempre por esta região. Prophecias de Isaías. — II. Os israelitas e Jebus. — III. Assaltos de Nabuchodonosor ou dos chaldeus. Primeiro incendio do templo e destruição da cidade. — IV. Prophecias de Sophonias, Jeremias e Sedecias. — V. Tomada da cidade pelos egypcios e syrios. — VI. Sitio e victoria de Pompeu. — VII. Crasso, e a pilhagem do templo por este general. Sua morte horrivel 233

CAPITULO XXI. — I. Segunda guerra dos romanos. Vespasiano e Tito. — II. O que n'este assumpto ha de sobrenatural. Prophecias de Salomão, de Jeremias e as de Jesus Christo, Senhor nosso, mencionadas pelos Evangelistas. — III. Espantosos prognosticos e perturbações da natureza por occasião da realisação d'aquelles vaticinios. Sol nocturno. Boi dando á luz um cordeiro. Bronzeo e pesado portão escancarado por si mesmo. Fortalezas e legiões representadas nos ares. Vozes mysteriosas saídas do santuario. Cometa em fórma de espada. Vaticinios do filho de Anano 239

CAPITULO XXII. — I. Estado de Jerusalem em tempo de Vespasiano. — II. As tres facções politicas. — III. Tito marchando de Alexandria sobre Jerusalem. — IV. Disposições tomadas por Tito e primeiros trabalhos. — V. Preparativos estrategicos. — VI. Traição de hyerosolimitanos. — VII. Prosegue a guerra e seus tremendos episodios. — VIII. Tomada de Jerusalem.. 245

CAPITULO XXIII. — As cruzadas — Conclusão do extra-muros de Jerusalem. — I. Os Santos Logares depois da conversão de Constantino. — II. As cruzadas. Seu impulso, e rapidas considerações geraes. — III. Narração da primeira cruzada. — IV. Fundação e termo do reino de Jerusalem. — V. Inconvenientes e vantagens das cruzadas.......................... 261

CAPITULO XXIV. — Convento de S. Salvador. — I. O convento de S. Salvador. Descripção do edificio. Sua historia. Beneficios derramados pelos religiosos respectivos. — II. A egreja. — III. Occorrencias varias. A hospitalidade franciscana. — IV. A casa nova.................. 273

CAPITULO XXV. — Muralhas e torres. — I. Muralhas de Jerusalem. Periodos diversos da sua construcção. Estructura das muralhas. — II. Torres de Jerusalem. — III. Torre de David. — IV. Torre alta (Excelsa). — V. Torre de Siloé. — VI. Torre grande (Ophel). — VII. Torre Emath (Meah). — VIII. Torre Hananeel. — IX. Torre Angular. — X. Torre dos fornos. — XI. Torre Psephina (Nebulosa). — XII. Grandes torres de Herodes. — XIII. Hippicus. — XIV. Phasael. — XV. Marianna. — XVI. Retrospecto sobre estas torres. — XVII. Palacio regio entre as torres. 283

CAPITULO XXVI. — Portas de Jerusalem. — I. Antigas portas. — II. Portas de Jerusalem. — III. Porta de Jaffa (de David, dos Mercadores, do Castello, de Belem, dos Peregrinos, dos Peixes, dos Pescadores). — IV. Porta de Sião (porta Velha?). — V. Porta de Santo Estevão, do Rebanho (do Valle, de Maria). — VI. Porta de Damasco (da Columna, dos Peregrinos, de Benjamin, de Ephraim, Villæ Fullonis). — VII. Porta Estercoraria (Esterquilinia, dos Barbarescos, dos Africanos). — VIII. Porta das Aguas (dos Cavallos, da Fonte), Aurea (Oriental). — IX. Porta de Herodes (Angular, das Flores). — X. Porta Especiosa. — XI. Porta Judiciaria (Jebus). — XII. Porta Ferrea.. 291

CAPITULO XXVII. — I. Sião. Vista de olhos sobre o interior da Jerusalem do tempo de Jesus Christo, e suas construcções. — II. Moria, Acra e Bezetha, e suas construcções........... 299

CAPITULO XXVIII. — I. Monte de Sião. Seus epithetos. Pedra angular. Vista que se gosa do alto do monte. — II. Monumentos que ahi foram erguidos. — III. Suas fortificações. — IV. Torre de David. Sepulchro do mesmo Rei. — V. Palacios de Cesareon e Agrippion. — VI. Palacio de Caiphás. — VII. Egreja armenia de S. Salvador. — VIII. Palacio de Annás. Capella dos Anjos. Hospicio de armenias invalidas. — IX. Recordação mais desinvolvida das scenas que se passaram com o Divino Redemptor nas casas de Annás e de Caiphás.................. 303

CAPITULO XXIX. — I. Cenaculo. Resumo dos grandes successos occorridos n'esta casa. — II. Paschoa. — III. Sala da ultima ceia. — IV. Ceia paschal. — V. Lava-pés. — VI. Ceia sacramental. Discurso do Mandato. Judas denunciado como traidor. Disputa entre os Apostolos sobre primazias. Exhortações do Senhor. Prophecias das negações de Pedro. Dispõe-se Jesus para o termo da sua missão. — VII. Instituição da Eucharistia. — VIII. Despedida de Jesus. — IX. Seus diversos apparecimentos no Cenaculo depois da Resurreição. Poder de absolver peccados conferido aos Apostolos. Duvidas e confissões de Thomé. — X. Eleição de Mathias para o logar de Judas. — XI. Descida do Espirito Santo. Missão dos Apostolos, e especialmente de S. Pedro. — XII. Nomeação de S. Thiago para bispo de Jerusalem. Primeiro Concilio da Egreja. — XIII. A quem pertencia o edificio do Cenaculo. — XIV. Primeiro templo christão. — XV. Vicissitudes d'este templo em varios seculos. — XVI. Minha visita ao Cenaculo.. 319

CAPITULO XXX. — I. Os tabernaculos antigos, e a sua descripção. — II. O tabernaculo de Sião. Transporte da Arca Santa de Cariathiarim para Jerusalem. — III. Casa da Virgem. Legados por ella deixados. Ultimos momentos, transito, funeral e enterro de Maria Santissima. Successos occorridos n'essa occasião.. 333

CAPITULO XXXI. — Monte Sião. — I. A cidadella. O paço dos Reis de Judá. — II. David e Bethsabé. — III. Antiocho Epiphanes praticando maximas profanações e crueldades. Simão Machabeu purificando a cidadella. Prisão real onde Jeremias esteve encerrado. — IV. Templo dos protestantes. Egreja e mosteiro de S. Thiago. — V. Vida e morte d'este Apostolo.

Flavio José e a existencia de Christo.—VI. Escadaria de Sião para o Moria. Discurso de S. Paulo e suas consequencias.—VII. Sepultura de S. Macario. Pedras do Sinai, Thabor e Jordão.—VIII. Palacio dos Valentes. Façanhas d'estes.—IX. Columna do esquife da Virgem. Columbario dos corpos de Nicodemus, Santo Estevão e outros. Os cyprestes de Sião. O apparecimento de Jesus ás tres Marias.—X. Casa de Maria, mãe de João Marcos. S. Pedro solto da cadeia por um Anjo.—XI. Bairro dos leprosos. Hospital inglez.—XII. Xystus.—XIII. Valle de Tyropeon, Mello ou dos Queijeiros, e praça da porta das Aguas. Piscina inferior ou de Ezechias 339

CAPITULO XXXII.—I. Norte do Tyropeon. Região oriental da cidade inferior. Monte Moria. Sacrificio de Isaac.—II. Compra da eira de Areúna por David.—III. Porta superior.—IV. Palacio de Salomão. Palacio da Rainha. Palacio do bosque do Libano. Noticia de outros muitos palacios de Salomão. Jardim real.—V. Visita de Nicaulis, Rainha de Sabá.—VI. Templo da Apresentação.—VII. Pranto dos judeus junto ás muralhas 351

CAPITULO XXXIII.—I. O monte Moria. O templo de Salomão.—II. Historia da sua construcção. Descripção d'elle.—III. Dedicação do templo. O fogo sagrado. Successivas destruições e reconstrucções.—IV. Juliano Apostata. Suas tentativas de restaurar o templo; acontecimentos sobrenaturaes. Ulteriores destinos d'esse torrão.—V. Mais miuda descripção do templo. O Santo dos Santos. O oraculo. O santuario. A arca da alliança. Os Cherubins. O propiciatorio.—VI. O Santo. O altar dos perfumes. O candieiro de oiro. A fonte figurativa. A mesa dos pães de proposição. O grão sacerdote. O véu do templo.—VII. Atrio dos judeus. Vestibulo interior. Altar dos holocaustos. Booz e Jachin. Lavatorios de bronze. Casa do conselho. Camara do templo. Mar de bronze. Porta nova. Porta sagrada. Vestibulo do templo. Assento do Rei. Orchestra. Tribuna. Christo no atrio dos judeus.—VIII. Atrio dos gentios. Vestibulo interior. Aguia de oiro. Thesouro sagrado. Relogio de Achaz. Portas. Torres das trombetas.—IX. Tentação do demonio 359

CAPITULO XXXIV.—I. O Califa Omar. Construcção de sua mesquita.—II. Egreja que a substituiu, *Templum Domini*. Restituição do edificio á meia lua.—III. Superstições musulmanas.—IV. Difficuldades de visitar a mesquita.—V. Descripção d'esse monumental edificio, tanto exterior como interiormente. A pedra de Jacob. O signal da planta de Enoch. Os dedos do Anjo. A pedra de Mahomet. O seu estandarte e lança. A bandeira de Omar. A pedra milagrosamente suspensa no ar. O turbante de Mahomet. Os nichos de oração de Abrahão, David, Salomão, Jesus e S. Jorge. O poço das almas. A reliquia do Propheta 373

CAPITULO XXXV.—I. Norte do Tyropeon. Região occidental da cidade inferior. Praça do Mercado. Piscina antiga.—II. Fortaleza dos Pisões. Palacio do Pontifice Ananias.—III. Hippodromo.—IV. Casa de um dos principaes phariseus. Cura do hydropico. Exaltação dos humildes. Instrucção de Jesus.—V. Palacio dos Machabeus.—VI. Theatro Ephebion (Gymnasio e Ephebia).—VII. Berenice e seu palacio.—VIII. Monte Acra.—IX. Cidadella de Antiocho Epiphanes.—X. Palacio de Helena, Rainha de Adiabena. Procedimentos generosos d'esta Rainha e sua familia. Hospital de Santa Helena.—XI. Palacio da Rainha Graptea. Casa do povo. Amphitheatro.—XII. Casa do mau rico. Lazaro o mendigo.—XIII. Archivos ou chancellaria. Synhedrim. Prisão da cidade 383

CAPITULO XXXVI.—I. Cidade inferior ao norte do templo entre as muralhas orientaes e a torre Antonia. Piscina Probatica. A cura do paralytico por Jesus Christo.—II. A casa de Santa Anna. Sua vida e morte. Consagração de Maria Santissima 393

CAPITULO XXXVII.—I. Cidadella Antonia. Rochedo Baris.—II. Torre de Straton. Aristobulo e Antigono.—III. A abobada subterranea.—IV. Xystus ou *Ecce Homo*. Palacio ou pretorio de Pilatos. A Escada santa. Lithostrotos. Egreja, hoje quartel de soldados.—V. Egreja da Flagellação.—VI. O Padre Ratisbona.—VII. Collegio de catecumenos. Confraria de Nossa Senhora de Sião.—VIII. A rua da Amargura. O mausoleu do Pontifice Ananias. Calvario.. 399

CAPITULO XXXVIII.—I. Jerusalem do lado do Bezeta. O primeiro muro, ou antigo. O segundo, ou medio. Successos notaveis n'esses logares.—II. Descripção da cidade entre os ditos dois muros. Porta de Genath.—III. Jardim de Herodes.—IV. Stratopedon.—V. Palacio de Herodes. Jogos d'agua.—VI. Portico.—VII. Lago da Amendoeira. Hospital. Mausoleu de João Hircano. Praça da porta de Ephraim.—VIII. Mercado da lenha. Mausoleu de Alexandre Janneu. Morte d'este.—IX. Lago das Avestruzes. Reservatorio, ou mãe d'agua.

Vaticinios de Isaías. — X. Morada dos Rechabitas. — XI. Zona entre o muro medio e o exterior. Cidade nova. Monte Bezeta 407

CAPITULO XXXIX — I. Egreja do Santo Sepulchro. Suas glorias. Perseguições. — II. Constantino e Santa Helena. Incendio e reedificação do templo. Suas vicissitudes até depois das cruzadas. — III. Sua restauração no seculo XVI. Abertura do Santo Sepulchro pelo padre Bonifacio. — IV. Nova restauração do templo por Carlos V e Filippe II. Difficuldades suscitadas pelos gregos scismaticos e pelos turcos. Descripção das riquezas que no templo se encerravam. — V. Novas tropelias dos gregos, e suas consequencias. — VI. Incendio do anno de 1808. Deploraveis reparações feitas pelos gregos. Vergonhosa indifferença da Europa 413

CAPITULO XL. — SANTO SEPULCHRO. — I. Descripção do templo do Santo Sepulchro na actualidade. Generalidades. Seu exterior. Communhões que n'elle officiam, e seus privilegios. — II. Entrada do templo. — III. Primeiro santuario. Pedra da unção. — IV. Sepultura dos Reis latinos. — V. Capella de Adão. Gruta de Melchisedech. — VI. Sitio onde estiveram as santas mulheres. O Calvario. As capellinhas da erecção da Cruz e do *Stabat Mater*. A capella da Crucifixão. A capellinha da Senhora das Dores. — VII. Capella e historia de Santa Maria Egypciaca. — VIII. Santuario da erecção da Cruz. A fenda do rochedo resultante do terremoto. Logar onde estavam as Marias na occasião do embalsamamento. — IX. Santuario do Sepulchro do Redemptor. Sua descripção generica. A capellinha do Anjo. A do Sepulchro. — X. Egreja dos gregos scismaticos. Altar dos cophtas. O dos sorianos. Carneiro de José de Arimathéa. — XI. Capella da apparição de Christo a Magdalena. Altar de bronze. Os gregos scismaticos e o orgão dos franciscanos. Capella da apparição de Christo a Maria Santissima. O milagre da Vera Cruz. Nicho da columna da flagellação. — XII. Sacristia dos franciscanos. Espada e esporas de Godofredo de Bulhão. Capella do carcere. A do tronco de Jesus. A de S. Longino. Rotulo da Cruz. Capella da divisão das vestes. — XIII. Capella de Santa Helena. A da invenção da Santa Cruz. Altar da columna dos improperios. — XIV. Serviço do templo 423

CAPITULO XLI. — PRETORIO DE PILATOS. — I. Paixão, Morte e Resurreição de Christo. — II. 25 de março do anno 34. Jesus levado á presença de Pilatos. Seu interrogatorio. — III. Jesus de Pilatos para Herodes. — IV. De Herodes para Pilatos. Hesitações d'este. Attitude das turbas. — V. Sentença dos açoites. — VI. Illegalidades e contradicções do processo. — VII. Escarneos e affrontas. — VIII. Varios expedientes de Pilatos. *Ecce Homo*. Furia dos judeus. Dialogos entre Pilatos e Christo. Brados sediciosos e ameaçadores dos hebreus. — IX. Pilatos no Lithostrotos. Lava as mãos, e entrega o Padecente á multidão. — X. O rotulo da Cruz do Redemptor. Grandezas e excellencias da rua da Amargura. As suas quatorze Estações. 1.ª Estação: onde Pilatos condemnou Jesus. — XI. Os judeus tomam conta da sua presa. 2.ª Estação: sáem os tres suppliciados pela rua da Amargura com as Cruzes ás costas. — XII. 3.ª Estação: primeira quéda de Jesus. — XIII. 4.ª Estação: encontro da Virgem com Jesus. — XIV. 5.ª Estação: é chamado Simão Cyrenéu. — XV. 6.ª Estação: a Veronica. — XVI. 7.ª Estação: cáe o Redemptor segunda vez. — XVII. 8.ª Estação: as filhas de Jerusalem. — XVIII. 9.ª Estação: ultima quéda do Salvador. — XIX. Prophecias aqui realisadas. — XX. 10.ª Estação: cume do Calvario. Jesus despojado de suas vestes. 11.ª Estação: crucifixão. — XXI. 12.ª Estação; erige-se a Cruz. Improperios das turbas e dos dois ladrões. Christo medianeiro. O bom ladrão no Paraizo. Divisão das vestes. Ultimas palavras á Virgem e a João. *Consummatum est*. Phenomenos occorridos no transito supremo. O divino corpo lanceado. — XXII. 13.ª Estação: descimento da Cruz. Unção do corpo por José e Nicodemus. — XXIII. 14.ª Estação: sepultura de Jesus Christo. — XXIV. Sentinellas do Sepulchro. As santas mulheres. A Resurreição. Missão dada pelos Anjos a Magdalena. Jesus o jardineiro. Jesus o Mestre. Jesus e as tres Marias. — XXV. Boato ácerca do roubo do Sagrado Corpo. Jesus e os dois discipulos no caminho de Emmaús. — XXVI. Apparições diversas de Jesus no Cenaculo. S. Thomé. — XXVII. Nova apparição nas praias do mar de Tiberiades. — XXVIII. Derradeira pratica do Salvador. Ascensão. Falla dos Anjos aos Apostolos 443

EPILOGO 477

APPENDICE 481

ERRATA

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
34	28	Champlions	Champollions
»	»	Belzoins	Belzonis
42	27	tapados	trepados
89	5	Porto	Porta
146	8	escreve na terra	diz-lhes
»	10	Correm a ler, recuam	*Eliminem-se as palavras* Correm a ler, *começando o § pela palavra* Recuam
167	16	vaporoso	pavoroso



